

ENCICLOPÉDIA **DA VIDA DOS** **PERSONAGENS BÍBLICOS**

De A a Z

**A Vida dos Principais Personagens Bíblicos em Detalhes
Como Você Nunca Viu Antes!**

Matheus Soares



“Não creio que temos outra obra em português que reúne tantas informações sobre os personagens bíblicos quanto esta”

Russell P. Shedd

“Esse é um reservatório para os estudiosos da Bíblia, uma mina para se garimpar tesouros preciosos, uma fonte de informações para todos aqueles que amam as Escrituras e têm o sublime privilégio de ensiná-las.

Recomendo este livro com todo o entusiasmo!”

Hernandes Dias Lopes

Tudo começou com uma ideia, uma necessidade.

Sempre que eu ia estudar sobre a vida de algum personagem bíblico, percebia que tínhamos inúmeras obras disponíveis em nossa língua portuguesa sobre a vida dos personagens bíblicos.

No entanto, havia duas questões que me pareciam muito perceptíveis.

Primeira, dificilmente uma única obra conseguia reunir todas as informações que eu buscava sobre a vida de um determinado personagem.

Parecia-me que ainda era necessária uma obra que reunisse o máximo possível de informações biográficas dentro dessa categoria literária.

Segunda, eu percebi durante meus momentos de estudos (sem ainda ter tido a ideia de escrever esta obra), que a grande maioria dos autores que se lançavam ao desafio de reconstruir as biografias dos personagens da Bíblia, no desejo de conseguir escrever sobre todos, acabavam não enfatizando a vida dos principais personagens. É claro que todos os personagens têm a sua importância histórica e espiritual no texto bíblico, no entanto, é nítido também que existem alguns personagens, como por exemplo, Jesus, Abraão, Paulo, Davi, Moisés, Elias, etc, sobre os quais temos uma necessidade maior de conhecer, devido à importância que suas histórias representam na narrativa sagrada.

É diante da visão dessas lacunas que me propus a escrever essa obra.

Não falo aqui sobre todos os personagens bíblicos, mas me dediquei a enfatizar a vida dos principais personagens, com o desejo de que essa simples parcela de contribuição à literatura cristã brasileira seja relevante a um público de leitores amantes da Palavra de Deus.

Este Livro é uma valiosa ferramenta de estudo e pesquisa que não pode faltar na biblioteca do estudioso das sagradas escrituras.



**Edições
Acadêmicas**

Categoria: Obra de Pesquisa / Enciclopédia / Dicionário

Copyright, 2018 © Matheus Soares.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

Título

Enciclopédia da Vida dos Personagens Bíblicos de A a Z: A Vida dos Principais Personagens Bíblicos em Detalhes Como Você Nunca Viu Antes!

Editor

Matheus Soares

Revisão de Conteúdo

Hernandes Dias Lopes

Diagramação e Projeto Gráfico

Tarik Ferreira

Revisão Ortográfica

Tarik Ferreira, Elói Feitosa, Rose Sena

1ª Edição – Abril / 2017

2ª Edição – Agosto / 2017

3ª Edição – Outubro/ 2018

SOARES, Matheus

Enciclopédia da vida dos personagens bíblicos de A a Z: a vida dos principais personagens bíblicos em detalhes como você nunca viu antes!
Rio de Janeiro: Edições Acadêmicas, 2018.

ISBN:

1. Obra de Pesquisa 2. Enciclopédia 3. Dicionário

Fale com o autor:

Tel.: (22) 2645-4701 | (22) 99955-8919

email: matheuskairos@hotmail.com

ENCICLOPÉDIA DA VIDA DOS PERSONAGENS BÍBLICOS

De A a Z

**A Vida dos Principais Personagens Bíblicos em Detalhes
Como Você Nunca Viu Antes!**

Matheus Soares



Apresentação

É com louvor e gratidão a Deus que coloco nas mãos dos leitores de língua portuguesa a primeira edição da ***Enciclopédia da Vida dos Personagens Bíblicos***. Como fruto de mais de sete anos de estudos, pesquisas e escrita, nasce esta obra, com o intuito de acrescentar à Igreja brasileira um conteúdo conciso sobre a vida dos principais personagens bíblicos.

Sempre que estudava sobre a vida de um determinado personagem bíblico, eu percebia que tínhamos inúmeras obras disponíveis, em nossa língua portuguesa, sobre a vida destes. No entanto, havia duas questões que me pareciam muito perceptíveis.

A primeira: dificilmente uma única obra conseguia reunir uma visão panorâmica “completa” acerca dos principais aspectos da vida dos personagens. Às vezes, uma obra conseguia um bom fundo histórico, mas havia uma certa deficiência no contexto cultural; às vezes, conseguia-se boas interpretações sobre alguns momentos principais da vida de determinado personagem, porém, falhava-se em conseguir construir uma cronologia definida sobre sua vida. Enfim, parecia-me que era necessário uma obra que reunisse o máximo possível de informações biográficas dentro dessa categoria literária. De modo que, para que eu conseguisse ter uma visão completa sobre a vida de personagens como, por exemplo, Abraão, era necessário consultar algumas dezenas de obras a fim de que algumas interrogações fossem respondidas.

Uma segunda questão que eu percebi durante meus momentos de estudo – sem ainda ter tido a ideia de construir essa obra – é que a grande maioria dos autores que se lançaram a reconstruir as biografias dos personagens bíblicos, no desejo de conseguir escrever sobre todos, acabavam não enfatizando a vida dos principais personagens. É claro que todos têm a sua importância histórica e espiritual. No entanto, é nítido também que existem alguns personagens que merecem destaque, como: Jesus, Abraão, Paulo, Davi, Moisés etc., sobre os quais temos uma necessidade maior de conhecer, devido à importância que suas histórias representam na narrativa sagrada. É diante da visão dessas lacunas que me propus a escrever a

obra que vos apresento. Não falo aqui sobre todos os personagens bíblicos. Dediquei-me, porém, a enfatizar a vida dos principais, com o desejo de que esta simples parcela de contribuição à literatura cristã brasileira seja relevante a um público de leitores amante da Palavra de Deus.

Expresso também minha profunda gratidão ao querido Rev. Hernandes Dias Lopes por ter aceitado gentilmente o pedido de que me ajudasse com sua opinião na revisão do conteúdo deste livro. Seu comentário de revisão me honrou grandemente. Poucos homens conseguem transmitir zelo e fervor de uma maneira tão cativante enquanto expõem as escrituras quanto ele! Em minha opinião, é o nosso “David Martyn Lloyd-Jones Brasileiro”! Que Deus desperte em nossos corações a prioridade pela pregação expositiva!

Por fim, gostaria de glorificar a Deus e honrar a memória da vida de um dos homens mais parecidos com Jesus em sua mansidão, ternura e piedade que o Brasil já teve: o Dr. Russell Philip Shedd, conhecido carinhosamente como Dr. Shedd. No dia 15 de maio de 2016 tive o privilégio de jantar com o Dr. Shedd. Na ocasião, pedi a ele que me honrasse com o prefácio desta enciclopédia, entregando a ele os originais desta obra. No dia 30 de junho, tive a alegria de receber por e-mail o prefácio que os leitores podem ler em seguida. Conversamos mais algumas vezes depois daquela data, mas, infelizmente, ainda no mesmo ano, no dia 26 de novembro, o Senhor chamava para a eternidade este homem, um gigante da fé, embaixador de Cristo em terras brasileiras.

Agora, só nos resta dar graças ao Senhor por ter nos permitido oferecer esta obra ao leitor, com o desejo de que o público veja nela, ao fim de tudo, a intenção primordial de glorificar ao Deus que, através da vida de todos esses homens e mulheres, nos permitiu conhecer a Sua própria história e o Seu próprio coração e vontade. Que o Senhor acrescente a sua bênção aos nossos esforços de produzir uma obra que proporcione graça e conhecimento aos que a consultarem. Para Deus seja sempre a glória, a honra e o louvor!

O Autor, Matheus Soares

Prefácio

Esta fonte de informação sobre personagens na Bíblia será muito útil para pregadores e professores da Escola Dominical que querem saber mais sobre aquelas pessoas que são familiares para os leitores da Bíblia. Mas é bom que todos os que amam a Palavra leiam este livro.

A vantagem desta fonte é a sua abrangência e a garantia que os leitores lerão fatos que não conheciam antes. O escritor Matheus Soares nos galardoou com a inclusão de fatos que se pode esperar encontrar apenas em grandes tomos e dicionários bíblicos de muitas páginas e de letra miúda. Matheus se mostrou hábil em suas pesquisas.

Nessa obra, Matheus, teve facilidade de juntar material da Bíblia – fonte primária de suas pesquisas – e outras fontes extra bíblicas. Porém, não se contentou em se limitar à leitura da Bíblia para contar as histórias dos personagens escolhidos, mas acrescentou muito mais conteúdo de outras fontes históricas. Não creio que temos outra obra em português que reúne tantas informações sobre os indivíduos mencionados na Bíblia do que esta que o jovem escritor Matheus escolheu para comentar.

Fica claro que o autor deste extenso tomo sobre os personagens bíblicos, não quis apenas contar as biografias deles, mas também desejava extrair lições que poderiam oferecer orientação para a vida daqueles que desejam servir a Deus. Vemos isso bem claro na vida de todos os personagens aqui abordados, como por exemplo, Judas: “Quando João vai escrever este evangelho, ele denuncia o que no dia do episódio ainda não sabia. Judas não queria dinheiro para os pobres, Judas queria dinheiro para ele. Porém, o que ele não sabia era que a maior de todas as pobrezaas, a espiritual, estava sobre ele”; Moisés: “Moisés ao matar um egípcio, pensava que ninguém o tenha visto. Mesmo que não percebamos, há sempre alguém nos vendo. Isso nos revela um princípio: Se você quer que ninguém saiba, não faça!”; Sobre o bezerro de ouro, Matheus escreveu: “Tenhamos o cuidado de não termos nenhum homem como Deus. Por mais milagres que alguém possa fazer, ele sempre será

homem, e Deus sempre será Deus. Se considerarmos um homem como Deus, levantaremos novamente um bezerro de ouro em nossos dias”.

Recomendo este livro para quem deseja descobrir mais informações tanto bíblicas como de fontes fora da Bíblia sobre estes personagens. Este livro será muito útil para buscar fatos que dificilmente serão encontrados nos livros sobre personagens bíblicos já existentes e que são muito menos abrangentes.

Mozinho Rodrigues!

A Deus toda a glória!
Russell P. Shedd, Ph.D

Comentário do Revisor

Sou grato a Deus pela robusta obra ENCICLOPÉDIA DA VIDA DOS PERSONAGENS BÍBLICOS da lavra do escritor Matheus Soares. Este certamente é um reservatório para os estudiosos da Bíblia, uma mina para se garimpar tesouros preciosos, uma fonte de informações para todos aqueles que amam as Escrituras e têm o sublime privilégio de ensiná-la. Matheus Soares, com esta obra, oferece uma importantíssima contribuição à literatura evangélica brasileira. Sua pesquisa profunda, sua linguagem clara e sua precisão nos relatos ajudarão o leitor a compreender melhor esses personagens distantes de nós no tempo, mas companheiros nossos na gloriosa jornada rumo à glória. Recomendo este livro com todo entusiasmo!

Hernandes Dias Lopes

Sumário

A

Abraão	11
Absalão	19
Acã	24
Adão	28
Ageu	32
Amós	34
Ana	38
Ananias	41
André	43
Apolo	46
Arão	49
Asafe	54

B

Balaão	57
Barnabé	59
Barrabás	63
Bartimeu	65
Bartolomeu	66
Benjamim	67

C

Caifás	71
Caim	74
Calebe	77

D

Daniel	81
Davi	85
Débora	97
Dorcas	100

E

Efraim	101
Eli	103
Elias	106
Eliseu	116
Enoque	123
Esaú	124
Esdras	127
Ester	132
Estevão	136
Eva	140
Ezequias	141
Ezequiel	147

F

Filemon	153
Filipe	156
Filipe	161

G

Gideão	165
--------	-----

H

Habacuque	171
Herodes	172

I

Isabel	183
Isaías	185
Isaque	190
Ismael	194
Issacar	198

J

Jabez	201
Jacó	201
Jairo	209
Jefté	212
Jeremias	215
Jeroboão	224
Jesus Cristo	227
Jezabel	239
Jó	241
João	250
João Batista	244
Joel	256
Jonas	258
Jônatas	264
Josafá	267
José	270
Josias	278

Josué	281
Judá	285
Judas	287

L

Lázaro	295
Ló	297
Lucas	302

M

Malaquias	307
Manassés	309
Marcos	312
Maria	317
Maria Madalena	315
Mateus	323
Matias	329
Mefibosete	330
Melquisedeque	332
Mícal	334
Miqueias	335
Moisés	338

N

Naamã	353
Naum	356
Neemias	357
Nicodemos	361
Noé	363

O

Obadias	369
Oseias	370

P

Paulo	375
Pedro	391

R

Raabe	405
Raquel	407
Rebeca	409
Roboão	410
Rúben	412
Rute	414

S

Salomão	419
Samuel	427
Sansão	431
Sara	438
Saul	440
Sofonias	447

T

Tiago	449
Tiago	450
Tiago	454
Timóteo	458
Tito	463

U

Uzias	467
-------	-----

Z

Zacarias	469
Zaqueu	470
Zorobabel	472

Abraão

Nome hebraico, significa "Pai de multidões".

Abraão foi o progenitor da nação hebreia. É considerado o pai das três maiores religiões monoteístas do mundo: os cristãos (em Cristo, filhos na fé de Abraão – Gl 3.16), os judeus (descendência de Isaque) e os muçulmanos (descendência de Ismael). Poucas pessoas na Bíblia conheceram Deus na mesma proximidade como Abraão conheceu.

Abraão nasceu aproximadamente em 2.100 a.C., em Ur dos Caldeus, cidade rica e sofisticada da antiga região da Mesopotâmia. Por meio de Eber, estava na nona geração depois de Sem, filho de Noé. Seu pai chamava-se Terá e teve dois outros filhos, Naor e Harã. Sara também era filha de Terá, porém não da mesma mãe de Abraão (Gn 20.12). O casamento entre irmãos foi proibido apenas a partir de Moisés (Lv 18.6).

Pouco se sabe sobre Terá. Segundo Flávio Josefo, Terá praticava a idolatria e também fabricava ídolos. Josefo ainda afirma que Terá tinha um quarto em sua casa que era utilizado para guardar esses ídolos por ele fabricados, e certo dia ele precisou fazer uma viagem e pediu a Abraão que cuidasse desses ídolos. Em seguida, Abraão pegou um machado e destruiu muitos daqueles ídolos, menos o maior deles. A seguir, pôs o machado na mão deste ídolo-maior, e disse a Terá que este havia destruído todos os outros. Terá dissera ser impossível tal coisa, pois este não era um ser vivo, não se movia, não tinha sentimentos e era de argila. Abraão então perguntou: "Então por que você adora um ser que não tem vida e não passa de argila?" – esta talvez seja uma das informações mais antigas que temos sobre Abraão.

Harã morreu cedo e deixou seu filho Ló, que se apegou ao seu tio Abraão. Após a morte de Harã, Terá saiu com sua família de Ur em direção a Canaã. Flávio Josefo sugere que Terá mudou-se de Ur devido à tristeza da morte de seu filho. Terá, no entanto, viajou apenas mil quilômetros até chegar a um lugar chamado Harã e ali ficou. Curiosamente Terá parou e ficou em um lugar que tinha o mesmo nome do seu filho que havia morrido. A Bíblia conclui dizendo que Terá não continuou seu trajeto até Canaã, e "havendo Terá vivido duzentos e cinco anos ao todo, morreu em Harã" (Gn 11.32).

A morte de Terá em Harã é curiosa. Alguma coisa distraiu Terá em Harã, tirando-o do seu foco inicial (Canaã). Talvez a semelhança do nome da cidade com a dor da perda do seu filho o fez trocar Canaã, que representava seu destino futuro e inicial, por Harã que tinha a ver com a

lembrança do seu passado. O nome Harã significa “força”. Aprendemos com isso que o nosso passado pode até ter força, porém ele não pode nos impedir de irmos ao encontro do nosso destino final (“Canaã Eterna”).

Quando Abraão (que ainda se chamava Abrão) tinha a idade de setenta e cinco anos Deus falou com ele pela primeira vez. Essa é a primeira das sete vezes que a Bíblia relata que Deus falou com o patriarca. A proposta de Deus para Abraão não era das mais fáceis de ser aceita. Ele já tinha família, e por certo já havia se adaptado ao lugar nos anos que estava em Harã. Deus havia lhe dito: “Sai-te da tua terra e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei... farei de ti uma grande nação, te abençoarei, engrandecerei o seu nome, e tu serás uma bênção” (Gn 12.1-2). Após ter aceitado a direção de Deus, Abraão então saiu de Harã (atualmente Turquia), e não de Ur dos Caldeus (atualmente Iraque) - (Gn 12.4). Embora, haja evidências de que desde Ur, na Mesopotâmia, Deus já havia dito a Abraão acerca de Canaã (At 7.2-4).

Abraão pegou sua esposa Sarai, Ló, seu sobrinho, todas as suas posses e “os seus servos, comprados em Harã” (Gn 12.5), e partiu rumo a um destino desconhecido. A proposta de Deus era “sai da terra” e “depois te mostrarei”, isso exigia uma confiança total. O fato de que tinha servos indica que ele acumulara, pelo menos, uma quantidade razoável de riquezas. A imagem que a maioria das pessoas tem de Abraão é a de um andarilho perambulando com sua família pelas montanhas de Canaã, no entanto, Abraão na verdade era equivalente, na antiguidade a um xeique beduíno muito rico que governava centenas de súditos e servos. Abraão era rico em ovelhas, bois, jumentos, camelos, servos e servas. Quando correu para libertar Ló levou consigo 318 homens da sua casa. Os reis vizinhos reconheceram-no como príncipe poderoso com quem eles se prezavam de ter aliança. Abraão era um homem muito bem sucedido em todas as suas posses, e não um beduíno desprovido de condições necessárias para sua sobrevivência.

Ele viajou seiscentos e cinquenta quilômetros de Harã até chegar a Siquém, em Canaã. Siquém era um santuário pagão dos cananeus, e foi ali que Deus disse que daria aquela terra a ele e seus descendentes. Caminhando por Canaã, Abraão poderia ter se perguntado: como seria possível aquela terra tornar-se propriedade de sua prole, que ainda nem era nascida? A área já estava bastante ocupada, a Bíblia menciona dez povos distintos que ali viviam. Mas, novamente, Deus aparece e declara explicitamente: “É à tua posteridade que eu darei esta terra” (Gn 12.7). Como sinal de fé Abraão erigiu um altar a Deus em Siquém. A expressão

“invocar o nome do Senhor” (Gn 12.8) significa mais do que apenas orar. Na verdade, Abraão fez uma proclamação, declarando a realidade de Deus aos cananeus nos centros da falsa adoração deles.

No entanto, à medida que o tempo passava, Abraão continuava sem filhos e estava cada vez mais cercado, na terra prometida, pelos cananeus pagãos. Parecia que sua fé na promessa de Deus começava a vacilar. Assim, quando uma violenta fome assolou Canaã, ele não esperou pelo Senhor e tomou uma decisão para “proteger” a si e sua família. Levantou imediatamente acampamento e conduziu sua casa para o Egito fértil e próspero, em busca de alimento.

Então Abraão revelou ainda outro aspecto intrigante do seu caráter. Com medo de que alguém o tentasse matar para tomar sua esposa, Sarai, ele mentiu. Por ser belíssima, ele pediu à ela que dissesse ser sua irmã, e não sua esposa. O faraó ouviu comentários sobre sua beleza e pediu que a trouxessem ao palácio (Gn 12.11 em diante). Ele a tratou bem, e a tomou para si, recompensando Abraão com “*ovelhas, bois, jumentos, escravos, servas e camelos*” em troca de sua “irmã”. Porém, Deus puniu faraó com “*graves doenças*”, por ter ele tomado Sarai para si. Quando o faraó descobriu que Abraão havia mentido, ficou furioso. Enviou Sarai de volta para Abraão e expulsou toda sua tribo do Egito – mais tarde, Abraão teve uma experiência semelhante com Abimeleque, rei de Gerar, uma cidade filisteia perto de Gaza (Gn 20).

Após deixarem o Egito, eles retornaram para Neguebe, uma região desértica no sul da palestina, e de lá foram para Betel. Os rebanhos de Abraão e os de Ló cresceram tanto que já não havia pasto suficiente para todos os animais. Houve então uma desavença entre os pastores de Abraão e os de Ló, e os dois decidiram se separar (Gn 13.7). Abraão disse a Ló que escolhesse que região ele gostaria de ficar e Abraão ficaria com a parte que sobrasse. Isso mostra que Abraão vivia pela fé e não pelas aparências. Qualquer que fosse a decisão de Ló, não abalaria Abraão. Ele não estava preocupado com o futuro, pois sabia que tudo estava nas mãos do Senhor. Ló possuía uma tenda, mas não tinha um altar. Ló não invocava a direção de Deus para tomar suas decisões. Para alguém que não tem comunhão com Deus, tudo que lhe resta é seguir pelas aparências. Ló havia levantado os olhos e visto o que o mundo tinha a lhe oferecer, então, Deus convidou Abraão a levantar os olhos e ver o que o céu tinha a lhe oferecer. Ló escolheu um pedaço de terra que acabou perdendo, mas Deus deu a Abraão toda a terra que ainda pertence a ele e seus descendentes até o dia de hoje.

Esse episódio revelou o caráter de Ló. Ele só havia prosperado e conseguido um rebanho porque Abraão havia lhe permitido sair com ele de Harã. Na primeira opção que teve, escolheu o “melhor” para si e o “pior” para o tio, demonstrando que em seu coração não havia nem ao menos o princípio da gratidão.

Ló escolheu a bacia fértil do Jordão, estabelecendo-se próximo a cidade de Sodoma, na costa do Mar Morto. A Bíblia indica que naquela época, tal área era exuberante e fértil, e não o deserto árido que é hoje em dia. No entanto, sobrou para Abraão a terra de Canaã, na planície de Manre, perto de Hebrom. Aquele foi um indício não apenas da generosidade de Abraão e do egoísmo de Ló, mas uma prova de que não é o lugar que faz a pessoa, mas sim a pessoa que faz o lugar. A benção estava sobre Abraão e não sobre Ló, e para onde ele fosse à benção de Deus o acompanharia.

Por causa da fé que Abraão demonstrou, Deus ampliou a aliança. Antes, Deus havia prometido que a semente de Abraão possuiria a terra e seria uma grande nação. Agora, Deus prometia a Abraão que sua descendência seria *“tão numerosa como o pó da terra”* (Gn 13.16-18). Para confirmar essa palavra Deus disse: *“Levanta-te! Percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura, porque Eu a ti darei”*. Pela primeira vez é dito claramente que Canaã será dada diretamente a Abraão durante sua vida terrena, e não apenas aos seus descendentes em um tempo futuro. Abraão mudou sua tenda para os Carvalhais de Manre, em Hebrom, e estabeleceu-se ali, usando Hebrom como uma base mais ou menos permanente, embora fosse basicamente um nômade. Assim, que Abraão armou ali as suas tendas, edificou um altar ao Senhor (Gn 13.18). Algum tempo depois, sem que Abraão esperasse Deus o visitou ali em Hebrom (Gn 18.11). Deus sempre nos visitará onde houver um altar edificado a Ele.

Houve uma guerra em que os reis de várias localidades próximas se uniram e atacaram as cidades ao longo da costa do Mar Morto, incluindo Sodoma e Gomorra. As cidades caíram, e Ló e sua família estavam entre os que foram capturados como escravos. Quando Abraão ouviu que Ló fora capturado, reuniu em meio ao seu povo um exército de 318 soldados para resgatá-los. Ele os perseguiu até Dã, onde dividiu suas tropas e atacou quando o inimigo não esperava qualquer oposição. Ele os enfrentou e afugentou-os, libertando todos os prisioneiros e recapturando todos os bens retirados das cidades. Ele devolveu tudo ao rei de Sodoma, recusando qualquer recompensa, exceto a reposição de tudo quanto o povo comera

enquanto ele os trouxera de volta (Gn 14.22ss). Interessante que Abraão não se envolveu na guerra até ficar sabendo que Ló havia sido capturado. Só então decidiu tomar uma atitude. Abraão sabia estar separado do mundo, sem estar isolado dele. Era independente, porém não indiferente.

A seguir, Melquisedeque, rei de Salém (antigo nome de Jerusalém), veio e abençoou Abraão. Abraão deu-lhe o dízimo de tudo o que possuía, não por ele ser o rei de Salém, mas sim por ele ser “*sacerdote do Deus Altíssimo*” (Gn 14.18).

Mas ainda havia em Abraão uma incerteza acerca de quem herdaria a sua herança. Certa vez ele argumentou com Deus que ainda não tinha filhos e que Eliezer de Damasco, seu mordomo, seria também seu herdeiro. A descoberta dos documentos de Nuzi tem ajudado a esclarecer essa ainda obscura declaração. De acordo com o costume hurriano, um casal sem filhos sem condições de engravidar poderia adotar um herdeiro. Na maioria das vezes um servo, que era um escravo, e ele seria responsável pelo sepultamento e pelo luto dos pais adotivos. Se um filho nascesse depois da adoção de um escravo herdeiro, o filho natural iria, é claro, suplantá-lo. Desse modo, a resposta de Deus à pergunta de Abraão vai diretamente a esse ponto: “Seu herdeiro não será esse. Um filho gerado por você mesmo será o seu herdeiro” (Gn 15.4). Deus então confirmou sua aliança com Abraão, garantindo-lhe um herdeiro, uma nação e uma terra.

Em seguida, Deus reafirmou a promessa da terra e de que Abraão teria um filho. Sarai era estéril, por isso acabou se aproveitando de uma lei que dizia que, se uma mulher fosse estéril, seu esposo poderia ter um filho com uma concubina, e a criança seria considerada filho legítimo de sua esposa. Abraão, erroneamente consentiu e, aos 86 anos, teve um filho com a concubina Hagar, que era serva de Sarai, e o menino chamou-se Ismael.

No entanto, Hagar começou a tratar Sarai de forma insolente, tratando-a com desprezo. A forma indiferente com que Hagar tratava a Sarai tornou-se algo tão evidente que Sarai reclamou com Abraão. Ele disse à esposa que poderia tratar o assunto como ela achasse necessário. Sarai maltratou tanto Hagar que a escrava egípcia pegou o menino e fugiu para o deserto (Gn 16.6). Um anjo encontrou-se com Hagar no deserto. Ele a orientou a retornar e submeter-se à sua senhora, prometendo que os descendentes de Ismael se tornariam uma grande nação: os árabes.

Esse episódio relata um lapso na fé de Abraão. Ele foi impaciente. Sarai era uma boa pessoa, porém seu conselho não era bom. A aliança de Deus com Abraão não precisava da ajuda humana. Até hoje, muçul-

manos e judeus brigam, principalmente por Jerusalém, reivindicam a posse do território que era de seu pai e tudo isso porque Abraão ouviu um conselho que não era para ser ouvido. Sempre haverá consequências negativas na nossa vida quando quisermos colocar a nossa mão naquilo que Deus está construindo com a Dele.

Treze anos depois Deus voltou a falar com Abraão (Gn 17). Deus se revelou a Abraão como o Deus Todo-Poderoso (El-Shaddai). Este era o nome de Deus para Abraão. Décadas depois, para os judeus, Deus se revelou como o “Eu Sou o Que Sou”. Como os Judeus temiam falar o nome de Deus mencionavam o nome Yahweh, que era como se fosse a pronúncia de uma sigla das iniciais do nome que Deus revelou a Moisés (YHWH). Mas a Abraão Deus se revelou não como o *Eu Sou o Que Sou*, mas sim como o *Todo-Poderoso*. E isso foi proposital de Deus para com Abraão, pois só um Deus que tem todo poder pode fazer um casal cujo esposo tem cem anos, e a esposa noventa anos, gerar um filho de modo natural (Gn 17.17). Como sinal físico da aliança de Abraão com o Senhor, este o instruiu a circuncidar-se e a todos os membros de sua casa e, a partir daquela data, todas as crianças do sexo masculino deveriam ser circuncidadas oito dias após o nascimento (o *brith millah* – pacto da circuncisão – religiosamente guardado pelos judeus até os dias de hoje).

Nesse mesmo período Deus mudou o nome de Abrão para Abraão, e de Sarai para Sara. Abrão significa “pai exaltado”, e passou a ser Abraão, que significa “pai de multidões”. Sarai significava “contenciosa”, e passou a ser Sara, que significa “princesa”.

Pouco tempo depois o Senhor apareceu a ele em sua tenda reafirmando a promessa que Sara teria um filho. Tanto Sara quanto Abraão riram. O riso de Abraão (Gn 17.17) parece ter sido uma expressão de alegria, enquanto o de Sara (Gn 18.11-15) uma expressão de incredulidade que ela, vergonhosamente tentou desmentir. Por isso o menino chamou-se Isaque, que significa riso. O nome Isaque se origina da raiz hebraica *sahaq*, que significa “rir”.

Deduz-se que, nesse dia, Deus fez uma parada no caminho para sua ação mais devastadora, devendo julgar Sodoma e Gomorra devido à maldade desse povo. Deus deu a Abraão o privilégio de compartilhar dessa informação. Numa cena comovente, Abraão mostra-se digno de ser o pai das nações ao ousar interceder por esses estrangeiros: “Destruirás o justo com o pecador?”, pergunta ele (Gn 18.23). Abraão consegue que Deus concorde em poupar as cidades se houver cinquenta justos. Depois continua a negociar o número até chegar a apenas dez justos.

Mas os depravados cidadãos de Sodoma e Gomorra mostraram-se indignos da intervenção de Abraão. Os anjos não conseguiram encontrar sequer dez justos. Logo cedo, na manhã seguinte, quando Abraão se levantou e saiu para contemplar o vale do Jordão, onde ficavam as duas cidades “viu a fumaça subir da terra, como a fumaça de uma fornalha” (Gn 19.28). Mas em resposta ao apelo de Abraão na véspera, Deus avisou a Ló e sua família. Embora a esposa de Ló tenha perecido na destruição dessas cidades, Ló e suas filhas sobreviveram fixando-se no planalto oriental daquela região da bacia do Jordão.

Logo após, Sara deu à luz Isaque. Quando Isaque nasceu, Ismael era aproximadamente da idade de quatorze anos (Gn 16.16; 17.17). Isso aparentemente gerou uma grande ameaça a Hagar, que até aquele momento acreditava que Ismael seria o único herdeiro de Abraão. À medida que Isaque crescia, a tensão entre Hagar e Sara também aumentava. E, ao que parece, Ismael maltratava, ou pelo menos, desprezava Isaque (Gn 21.9-10). Sara mais uma vez insistiu que Hagar e o menino deveriam ser expulsos dali. De início, Abraão recusou-se a fazer isso, mas Deus lhe disse para fazer o que Sara queria. Assim, Abraão entregou água e alimento a Hagar e Ismael e os enviou para o deserto. Deus os protegeu e cumpriu a promessa de que Ismael, assim como Isaque, seria pai de uma grande nação.

No entanto, o maior teste de fé que Abraão enfrentou ainda estava para acontecer. Deus ordenou que ele oferecesse Isaque em sacrifício. Segundo Russel Norman Champlin, nessa época Isaque tinha aproximadamente vinte anos. Esse foi um teste de fé não apenas para Abraão, mas também para Isaque, que já era um jovem forte e podia facilmente se livrar de Abraão, que já tinha mais de cento e vinte anos de idade. Porém, Isaque também estava disposto a aceitar a vontade de Deus. Isaque constantemente ofertava e sacrificava a Deus com seu pai, a prova disso é que ele sabia que naquele dia entre os elementos básicos de um holocausto estava faltando o cordeiro. Ao interrogar ao seu pai sobre onde estava o cordeiro para o holocausto, Abraão sabiamente lhe disse: O Senhor Proverá. O escritor aos Hebreus afirma que Abraão confiava que até dos mortos Deus se quisesse podia ressuscitar Isaque (Hb 11.18).

Sem dúvidas essa foi uma das decisões mais difíceis que Abraão tomou em sua vida. Deus havia dito que era através de Isaque que a sua aliança se concretizaria. Aparentemente matar Isaque significava matar a promessa. Naquele tempo Isaque havia se tornado o núcleo principal de todas as esperanças de Abraão. Isso explica a importância do pedido

do oferecimento de Isaque em sacrifício. O dilema que Abraão experimentou era que a promessa de Deus não poderia se cumprir se Isaque morresse. No entanto, Deus estava pedindo Isaque a Abraão para que ele entendesse que o centro da promessa não era Isaque, mas era Deus.

Quando Abraão estava prestes a cravar o cutelo sobre Isaque “o Anjo do Senhor bradou desde os céus e disse: Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negastes o teu filho, o teu único filho”. (Gn 22. 11-12). O escritor aos Hebreus, no entanto, menciona que Abraão “ofereceu a Isaque” (Hb 11.17). De fato, para Deus Isaque foi oferecido, pois Deus valoriza mais a intenção do que a ação. A ação pode não ter sido a morte de Isaque em sacrifício, mas a intenção em obediência a voz de Deus foi de entrega completa. O sacrifício de Isaque foi aceito sem ele ter sido sacrificado.

Algum tempo depois Sara faleceu, na idade de cento e vinte e sete anos em Quiriate-Arba, que é Hebrom, território de Canaã (Gn 23.1). Foi enterrada na caverna do campo de Macpela. O local, na região de Hebrom, tornou-se a partir daquele momento o lugar de sepultamento da família. Era costume das famílias daquele tempo levar seus mortos de volta para casa, a fim de sepultá-los em suas terras. Até alguns patriarcas fizeram isso (Gn 50.4-5-25). Porém, Sara não foi conduzida para Ur ou Harã (Gn 11.31-32), mas foi sepultada em Canaã. O túmulo da família de Abraão em Canaã era uma declaração muda e poderosa: “*Esta terra é nossa, está terra é nosso lar, conforme o Senhor prometeu*”.

Três anos depois da morte de Sara, sendo já Abraão velho e adiantado em dias arranhou um casamento para Isaque, que na época tinha quarenta anos. Ele escolheu seu servo Eliezer para escolher uma mulher em meio a sua parentela, os descendentes de seu irmão Naor (Gn 24). Isso manteria a integridade da linhagem familiar, evitando a possibilidade de Isaque se casar com uma cananeia. Esse arranjo para escolher a esposa de Isaque também fez com que o rapaz permanecesse na terra prometida e não fosse exposto as influências pagãs para encontrar sua noiva. Com isso, até mesmo em sua morte, Abraão tomou medidas para proteger os dois maiores aspectos da sua aliança com Deus: a sua terra e a sua descendência.

Algum tempo depois Abraão casou-se com Quetura, que lhe deu seis filhos: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isaque e Suá (Gn 25.1-6; 1Cr 1.32-33). Os midianitas são descendência de Midiã, o quarto filho de Abraão com Quetura. Mas apenas Isaque teve direito a herança de Abraão, como dizem as escrituras “Abraão deu tudo o que tinha a Isaque” (Gn

25.5). Por fim, os midianitas tornaram-se inimigos dos israelitas, embora tenha sido por intermédio deles que Moisés aprendeu sobre a fé que fora revelada a Abraão.

Os dias de Abraão foram cento e setenta e cinco anos (Gn 25.7). O que significa que ele andou com Deus durante um século (Gn 12.4). Abraão começou a andar com Deus e percorreu o caminho completo. Apesar de seus erros ocasionais, Abraão realizou a vontade de Deus e por Ele foi usado para abençoar todo o mundo. Abraão foi sepultado pelos seus dois primeiros filhos, Ismael e Isaque (Gn 25.9), ao lado de Sara, na caverna de Macpela. Para os judeus, a história de Abraão é de importância nacional, pois marca a transição para o início de sua existência como povo e o seu direito divino à terra de Israel. No sentido religioso, também simboliza a ruptura com a idolatria pagã e o compromisso com o monoteísmo, em servir somente ao Senhor.

Abraão viveu o processo da promessa na íntegra. No começo da peregrinação de Abraão, Deus lhe disse: “Vai para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12.1). Mais tarde, disse: “*Eu te darei*” (Gn 13.15-17). Então, sua palavra a Abraão foi: “*À tua descendência dei esta terra*” (Gn 15.18).

Em 2 Crônicas 20.7 e Tiago 2.23, Abraão é chamado de amigo de Deus. A universalidade desse título para o pai da nação hebraica está refletida no nome da mesquita construída em sua honra em Hebrom, isto é, Al-Khalil (“O Amigo”). Segundo a tradição esta mesquita está construída exatamente sobre o local em que estão enterrados Abraão e sua família no campo de Macpela, em Gênesis 23.19 a Bíblia afirma que eles foram realmente sepultados em Hebrom.



Absalão

Nome hebraico, significa “Pai da paz”.

Absalão era o terceiro dos seis filhos de Davi. Nasceu em Hebrom (durante o primeiro reinado de Davi, em Judá), depois de Amnom e Quileabe (2Sm 3.2-3). Sua mãe chamava-se Maaca, terceira esposa de Davi, filha de Talmai, rei de Gesur, um pequeno reino arameu próximo ao mar da Galileia. Por certo, Davi havia tomado Maaca como esposa a fim de estabelecer um tratado de paz com o pai dela. O fato de Absalão ter sangue real

nas veias tanto por parte de pai como por parte de mãe pode tê-lo impellido em sua busca egoísta por um trono.

Absalão é descrito como um homem formoso (2Sm 14.25), e isso pode ter contribuído para sua arrogância. Seus cabelos eram tosquiados anualmente e pesavam cerca de dois quilos (2Sm 14.26). Seu orgulho por seus cabelos longos e belos, por fim, custou-lhe a vida, quando morreu agarrado a uma árvore devido a eles. Sua vida turbulenta não faz jus a seu nome, que quer dizer o “pai da paz”.

O primeiro evento crítico envolvendo a vida de Absalão foi o estupro de sua irmã Tamar por seu meio irmão Amnom (2Sm 13.1-34). Davi, ao saber sobre o ocorrido, embora tenha ficado indignado com a atitude de Amnom, acabou não tomando nenhuma medida para puni-lo. Esses acontecimentos ocorreram logo após o adultério de Davi com Bate-Seba. Deus havia dito que a espada não mais se apartaria da casa de Davi (2Sm 12.10). O julgamento de Davi contra o homem rico da história de Natã foi: “*pela cordeirinha restituirá quatro vezes*” (12.6), e esse julgamento foi executado contra o próprio Davi. O bebê de Bate-Seba morreu; Absalão matou Amnom por haver violentado Tamar; Joabe matou Absalão durante a batalha no monte em Efraim; e Adonias foi morto ao tentar usurpar o trono de Salomão (1Rs 2.12-25). Sendo assim, quatro filhos de Davi foram mortos pela restituição da “*cordeirinha*”, conforme Davi havia predito em sua ira pela história de Natã.

A omissão de Davi em corrigir Amnom gerou em Absalão um sentimento de vingança pela dor de sua irmã. Absalão não falou nada com Amnom por dois anos, nem para ser gentil, nem para expressar sua raiva (2Sm 13.22). Um dia atraiu Amnom a uma festa de tosquia de ovelhas, um evento alegre em Israel, na antiguidade. Ali, fez com que Amnom se embebedasse e o matou. A seguir, fugiu para Gesur, quase cento e trinta quilômetros ao norte de Jerusalém, onde, por três anos, refugiou-se no palácio de seu avô, o rei Talmi.

Mesmo depois de ter matado Amnom, Absalão continuava sendo muito amado por Davi e desejava poder voltar. Através da mediação de Joabe, Davi o chamou de volta, porém foi inepto ao lidar com o seu filho amado. Deixou que ele voltasse, mas recusou-se a vê-lo.

Na verdade, o próprio retorno de Absalão do exílio foi concretizado pelo trabalho engenhoso de Joabe, o principal chefe militar de Davi. Joabe usou uma mulher inteligente de Tecoa (vila da qual veio o profeta Amós) e juntos inventaram uma história, aparentemente para assegurar a ajuda do rei à mulher em sua vida pessoal doméstica, mas, na verdade,

a intenção era envolver psicologicamente o rei, por causa do paralelismo entre seu próprio filho Absalão e o caso da mulher. A história envolvia dois filhos, um dos quais feriu o outro e agora a mulher estava em risco de perder o outro filho, por causa do costume da vingança de sangue. Com astúcia, ela repetidamente obteve o juramento do rei de que ninguém poderia matar o seu filho, até finalmente introduzir o nome do Senhor nas repetidas declarações que lhe foram feitas por Davi. O rei até mesmo jurou a ela, pelo nome do Senhor, de que não haveria nenhuma matança (2Sm 14.11).

Ao invés de sair satisfeita, a mulher pressionou o rei, substituindo, com audácia e coragem, “o povo de Deus” pela família, e “o desterrado” pelo filho fictício em sua parábola. Ela chamou o rei Davi de “o culpado” (2Sm 14.13). Percebendo que o rei estava compreendendo o plano muito rapidamente, a mulher tentou desconversar e fazer parecer que ela estava ainda descrevendo o seu próprio caso, mas Davi já havia entendido. Conhecendo as ideias de Joabe sobre o assunto, o rei perguntou à mulher: “Não é certo que a mão de Joabe anda contigo em tudo isto?”. Rapidamente a mulher revelou a verdade e louvou a sabedoria do rei com extravagância (2Sm 14.19,20). Foi dada a Joabe a permissão de restaurar Absalão, mas este permaneceu infeliz porque não havia ainda uma reconciliação plena. Quando Joabe recusou-se a fazer qualquer outra coisa mais por Absalão, este se enfureceu e ordenou a seus servos que colocassem fogo no campo de cevada de Joabe. Então Joabe veio até Absalão e os acordos para Absalão encontrar Davi foram completados (2Sm 14.28-33).

Finalmente, então, a reconciliação aconteceu. Absalão curvou-se perante Davi, que o ergueu e o beijou com carinho. Davi, nessa época, tinha aproximadamente sessenta anos de idade. Porém, infelizmente, da parte de Absalão, essa reconciliação foi mais aparente do que real.

Isso porque, dois anos após (quando já havia quatro anos que havia retornado de Gesur para Jerusalém), Absalão estava preparado para dar o golpe contra o reinado de Davi. A frieza de Absalão é algo que nos impressiona na sua história. Ele foi insensível o suficiente para planejar por dois anos a morte de Amnom, e agora para planejar durante quatro anos a revolta contra o pai, sem que isso gerasse nele algum receio.

Ao lermos os “salmos do exílio”, de Davi, temos a impressão de que, nessa época, o rei se encontrava enfermo e não estava podendo cuidar diretamente dos assuntos do reino, dando a Absalão a oportunidade de ouvir as necessidades do povo, “tomar” o lugar de seu pai e de assumir o “controle” do reino. Não porque Davi estava sendo negligente com o

reino, mas porque a sua enfermidade o obrigou se ausentar mais do exercício do poder.

Devido ao fato de que Davi não estava à disposição, Absalão encontrava-se pessoalmente com o povo na estrada que levava à porta da cidade, para onde os israelitas se dirigiam todas as manhãs a fim de que suas queixas fossem examinadas e suas causas fossem julgadas. Na antiguidade, a porta da cidade equivalia à prefeitura e ao fórum (Rt 4.1; Gn 23.10; Dt 22.15; 25.7), e Absalão sabia que encontraria ali muita gente insatisfeita se perguntando porque o sistema judicial não funcionava com eficiência (Veja 2Sm 19.1-8). Absalão cumprimentava esses visitantes como se fossem amigos de longa data e descobria de onde vinham e quais eram seus problemas. Concordava com todos que suas queixas eram válidas e que deveriam ser decididas em favor deles no tribunal do rei. Suas palavras não passavam de bajulação barata, do tipo mais desprezível, mas o povo adorava. Absalão dizia que poderia cuidar melhor dos assuntos do reino se, ao menos, fosse juiz (v.4). Uma forma sutil de criticar o pai. Quando as pessoas começavam a se curvar diante de Absalão por ser o “príncipe herdeiro”, estendia a mão a fim de detê-las, puxava-as para junto de si e as beijava (v.5).

Davi havia conquistado o coração do povo pelo seu serviço e dedicação, mas Absalão o fez do modo mais fácil, como se faz hoje em dia: criando uma imagem irresistível de si mesmo ao povo. Davi foi um herói, enquanto Absalão foi apenas uma celebridade. Infelizmente muitos israelitas haviam se acostumado com seu rei e não lhe davam mais o devido valor.

Por fim, quando sentiu que já possuía bastante apoio, Absalão reuniu suas tropas em Hebrom, que ficava a cerca de 30 quilômetros ao sul de Jerusalém. Hebrom era seu local de nascimento e a capital do primeiro reinado de Davi. Por que Absalão decidiu começar sua rebelião em Hebrom? Um dos motivos foi o fato de a cidade ser a antiga capital de Judá, e talvez alguns deles estivessem se sentindo rejeitados com o fato de Davi ter mudado a capital para Jerusalém. Como Absalão havia nascido em Hebrom podia dizer que possuía maior afinidade com seus habitantes. Além disso, Hebrom era de fácil alcance a Jerusalém, um ponto favorável em uma possível tomada de Jerusalém. Hebrom era uma cidade sagrada para os israelitas, pois havia sido designada para os sacerdotes e era relacionada à Calebe (Js 21. 8-16).

Um passo decisivo para Absalão foi conquistar o apoio de Aitofel, o conselheiro mais astuto de Davi. Aitofel era avô de Bate-Seba, e cer-

tamente não havia aceitado o adultério de Davi com a jovem e a morte de Urias encomendada por Davi. Era a grande oportunidade de Aitofel vingar-se de Davi. Porém, ao apoiar Absalão, Aitofel rejeitou Salomão, filho de Bate-Seba, o qual Deus havia escolhido para ser o próximo rei de Israel.

Diante disso Davi deixou Jerusalém e foi para Maanaim, do outro lado do Jordão (2Sm 15.7-18), para proteger-se e para planejar sua resistência. Davi havia entendido que é melhor a vida do que o trono.

Absalão, ouvindo dizer que Davi abandonara Jerusalém, para ali se dirigiu e apossou-se do poder, sem qualquer oposição. Com a companhia de Aitofel ele estava mais forte ainda. Aconselhado por Aitofel, Absalão marcou a conquista mantendo relações sexuais com as dez concubinas que Davi havia deixado para cuidar do palácio.

Havia também outros a quem Davi, com sangue frio, persuadira a ficar em Jerusalém, para servirem a seus interesses no coração do território de Absalão. Os dois sumos sacerdotes Abiatar e Zadoque (2Sm 15.29), encarregavam-se de manter Davi informado, usando seus próprios filhos como mensageiros.

Havia ainda Husai, a quem Davi enviou para tentar reverter à situação, conquistando a confiança de Absalão e neutralizando a orientação de Aitofel. Aitofel aconselhou Absalão a perseguir imediatamente a Davi, antes que ele tivesse tempo para recuperar-se do golpe recebido (2Sm 17.1-2) ele havia trabalhado muito tempo com Davi e não duvidava de sua capacidade. Mas Husai, procurando ganhar tempo e desempenhando bem o seu papel como “agente duplo” designado por Davi, persuadiu Absalão a não arriscar uma possível derrota, dizendo que Davi e seus veteranos combatentes eram homens desesperados e perigosos “como a urso a que se tiram as crias no campo” (2Sm 17.8). Fatalmente, para Absalão, ele ouviu esse conselho. Aitofel percebeu claramente que o príncipe para o qual tinha transferido sua lealdade havia cometido um erro fatal e que sua própria carreira estava destruída. Foi para sua casa e lá se enforcou.

Enquanto isso, Davi reuniu suas forças e conseguiu organizar três divisões de soldados comandados por Joabe, Abisai e Itai (2Sm 18.2). Joabe era o comandante em guerra. Sua tática foi de atrair o adversário para os bosques na floresta de Efraim para então cercá-lo. Isso foi feito e os homens de Absalão foram destruídos facilmente (20 mil deles) pelos bem treinados homens de Davi, acostumados ao difícil terreno de florestas e elevações, enquanto que os demais fugiram.

Absalão montou em uma mula ligeira, mas, enquanto fugia, os galhos de uma árvore enroscaram-se em seus longos cabelos e ele ficou suspenso no ar, enquanto que a mula passou adiante. Um dos homens de Joabe o viu e não ousou tocá-lo, pois tinha ouvido Davi dar instruções para que não o matassem, mas Joabe apressou-se até o lugar e o transpassou com três dardos. Seu corpo foi arriado e lançado em uma cova, com um montão de pedras por cima (2Sm 18. 7-17). Davi muito se entristeceu quando soube da morte de Absalão. Embora Absalão tivesse feito tantas coisas que entristecera seu pai, ele ainda o amava, e não desejava sua morte.

Absalão teve quatro filhos, sendo três homens e uma mulher. Sua filha se chamou Tamar, em homenagem a sua irmã que ele tanto amava. Parece-nos que seus três filhos morreram ainda na infância, pois, mais a frente, Absalão lamenta dizendo: “Filho nenhum tenho para conservar a memória do meu nome” (2Sm 18.18), é provável que somente sua filha Tamar tenha sobrevivido.

A história de Absalão serve para nos ensinar sobre a soberania de Deus. Independente da maquinação maligna dos homens, Deus continua sendo soberano. Não foi porque Davi fugiu de Jerusalém que deixou de ser rei, e nem foi porque Absalão invadiu Jerusalém e tomou o trono de seu pai que permaneceu sendo rei. Precisamos confiar que nosso Deus é soberano e não perde o controle das nossas vidas. Existem situações em que tudo o que precisamos fazer é nos reservar e esperar a ação divina em nosso favor.



Acã

Nome hebraico, significa “Perturbação”.

Acã é um dos personagens bíblicos que ao falarmos dele sempre haverá uma lembrança negativa de sua pessoa em nossa memória. Era filho de Carmi, e pertencia a tribo de Judá.

Deus disse a Josué e ao povo de Israel que Jericó seria entregue a eles, Raabe e seus familiares seriam preservados, todos os moradores de Jericó seriam destruídos e toda prata, todo ouro e todos os vasos de metal

seriam consagrados ao Senhor, e guardados para o tesouro do Senhor (Js 6. 17-19). Todo o povo obedeceu a essa ordem divina, menos Acã.

Acã tomou para si parte do tesouro de Jericó e Deus se irou tremendamente contra Israel, punindo assim toda a nação com a derrota para Ai e a morte de trinta e seis soldados por causa do pecado de Acã. Por causa de um único ato inconsequente, ele obteve uma lamentável notoriedade.

Interessante que o pecado de Acã aconteceu em Jericó, mas a consequência se manifestou apenas em Ai. O pecado pode não gerar consequências hoje, mas um dia a justiça de Deus se revelará. O Pecado de hoje, pode até não comprometer o hoje, porém não poupará a consequência do amanhã.

Ai era uma pequena cidade de poucos habitantes em uma região montanhosa de Canaã, à quase seiscentos metros acima do nível do mar, localizada a aproximadamente vinte quilômetros a oeste-noroeste de Jericó, e dezesseis quilômetros ao norte de Jerusalém. Josué empolgado com a conquista da grande cidade de Jericó mandou alguns espias a Ai, e enviou apenas uns três mil soldados para a batalha. Após a derrota para Ai, Josué orou ao Senhor, perguntando a Deus porque ele havia permitido a derrota de Israel. É lamentável o fato de Josué ter orado apenas após a derrota. Se tivesse orado antes de subir contra os moradores de Ai, por certo Deus revelaria o pecado de Acã e ele poderia tratar o problema. Assim, a vida de trinta e seis soldados teria sido poupada. A impressionante vitória de Josué em Jericó havia dado a ele autoconfiança, o que afasta o homem da oração e quase sempre o leva a desastres.

Depois disso Josué orou ao Senhor, e Deus lhe orientou que reunisse todo povo, pois Israel havia pecado, e eles não venceriam ninguém até que o anátema (pecador e amaldiçoado) fosse descoberto. Com o povo reunido Deus indicaria quem havia pecado e este junto com seus bens e toda sua família teriam de ser destruídos.

Consideremos algumas lições aqui: Deus havia punido toda uma nação por causa de um único homem. Deus lidou com essa situação dizendo que Israel havia pecado e não apenas Acã. Por que Deus colocou a culpa da desobediência de um só soldado sobre toda a nação? Porque Israel era um só povo no Senhor e não apenas um conjunto de tribos, famílias e indivíduos. Integração e interdependência entre eles eram valores importantes que mantinham o grupo em unidade. Como resultado, o comportamento de um indivíduo não era visto como algo isolado do restante do grupo.

A história de Acã representa uma forte evidência de um poderoso senso de unidade e solidariedade que impregnam a cultura judaica há milênios. Toda a comunidade sente o fardo do pecado e a bênção da justiça de um homem. Na história de Acã, a culpa de um homem ameaçava a segurança de toda uma comunidade, e Deus considerou toda comunidade responsável por sua ação, embora eles nem soubessem nada a respeito desse ato de desobediência. Entretanto, a expiação de Acã, também salvou toda a comunidade da ira de Deus.

Warren Wiersbe classifica esse episódio como “Derrota na Terra da Vitória”. O pecado nos faz perder um tempo que Deus havia reservado apenas para ganharmos. Jamais subestime o estrago que uma só pessoa fora da vontade de Deus pode fazer. A desobediência de Abraão no Egito quase lhe custou à vida de Sara; a desobediência de Davi ao realizar um senso sem a permissão de Deus causou a morte de setenta mil homens; a desobediência de Jonas quase fez afundar um navio cheio de pessoas inocentes. Um homem fora da direção de Deus pode causar estragos a todos que estão por perto.

Acã ouviu seu comandante Josué ordenar que todos os utensílios de Jericó deveriam ser consagrados ao Senhor e ir para o tesouro de Deus. Uma vez que Jericó era a primeira vitória de Israel em Canaã, as primícias dos despojos de toda Canaã pertenciam ao Senhor. No entanto, Acã tomou um caminho perigoso que o conduziu ao pecado e a morte. Os despojos da vitória de Jericó tinham sido proibidos de serem aproveitados pelo povo, mas os despojos da vitória de Ai tinham sido reservados pelo Senhor para o povo de Israel (Js 8.2), se Acã apenas obedecesse e esperasse mais um pouco receberia a recompensa de Deus para Israel.

A consumação do pecado sempre terá três etapas: visualização, cobiça e posse. Isso aconteceu com Acã: “Quando **vi** entre os despojos uma boa capa babilônica, duzentos siclos de prata e uma cunha de ouro do peso de cinquenta ciclos, **cobicei-os** e **tomei-os**” (Js. 7.21). O primeiro erro de Acã foi olhar outra vez para os utensílios. É provável que não tivesse como evitar vê-los pela primeira vez, mas jamais deveria ter voltado o olhar para eles e pensado em tomá-los para si. O primeiro olhar é acidental, o segundo sempre será intencional. O segundo erro foi de dar outro nome aos tesouros de Deus ao chamá-los de “despojos”. Não eram “despojos”, mas sim parte do tesouro de Deus e inteiramente destinados a serem consagrados a ele. Isso já era o processo da cobiça sendo gerado dentro dele. Não pertenciam a Acã, nem mesmo a Israel, mas sim ao Senhor. E o terceiro erro foi após ter cobiçado e tomado, pensar que po-

deria escapar de seu delito guardando o que havia tomado para si. Fez isso achando que nunca seria descoberto. Aquele que encobre as suas transgressões nunca prosperará (Pv 28.13). O pecado sempre deixará marcas, o pecado sempre trará consequências!

O pecado de Acã torna-se mais odioso pelo fato de ser ele consciente de tudo que Deus havia feito em seu favor. Deus cuidara dele e de sua família no deserto; havia feito com que atravessassem o rio Jordão em segurança e concedera vitória ao exército em Jericó. Na aliança em Gilgal, Deus havia aceitado Acã como filho. E, no entanto, apesar de todas essas experiências maravilhosas, Acã desobedeceu à voz de Deus só para se apropriar de uma riqueza que nem sequer pode desfrutar.

Ele tomou para si uma capa babilônica, duzentos siclos de prata e uma barra de ouro do peso de cinquenta siclos, que eram equivalentes a aproximadamente quase dois quilos e meio de prata e seiscentos gramas de ouro. Curiosamente isso representava o salário de uma vida inteira de um trabalhador comum. Acã havia passado grande parte da sua vida peregrinando pelo deserto sem nunca ter financeiramente alcançado nada, de repente ele vê diante de si a “chance da vida” de resolver de uma vez por todas o seu futuro. Mesmo que isso lhe custasse pecar contra Deus, ele optou por pegar aqueles utensílios. Toda riqueza que é fácil demais se torna perigosa. Há situações que o diabo põe diante de alguém a chance de definir a vida, porém por caminhos errados, caminhos que sempre terminarão em morte.

O castigo pela violação da ordem divina de destruição total era ser totalmente destruído. Toda a descendência do infrator tinha de ser eliminada para que seu nome caísse no esquecimento. A lei proibía que os filhos fossem punidos pelos pecados de seus pais (Dt 24.16), mas o objetivo dessa lei era restringir certas práticas bastante específicas. Por exemplo, nas leis de Hamurabi, se um homem provocasse a morte de um filho de outro homem, seu próprio filho teria de ser morto. Outro exemplo era a aplicação de vingança de sangue sobre toda família do assassino. Assim, a lei tinha o objetivo de aplicar restrições ao sistema legal civil. No entanto, o caso de Acã pertence a uma situação totalmente diferente, em que o próprio Deus estava julgando a situação.

O apedrejamento era uma forma de execução comunitária mencionada inúmeras vezes na Bíblia. Era constantemente usada para punir crimes contra a comunidade e exigia que as pessoas que tivessem sido ofendidas participassem da execução, nenhum indivíduo podia ser responsabilizado pela morte do criminoso. Em um primeiro encontro

com a história parece que Deus foi radical ao exigir que Acã, sua família e todos os seus bens fossem apedrejados e queimados, porém, isso que parece ser a “radicalidade de Deus” no exercício do seu juízo é o instrumento do Senhor para gerar o temor no coração de seu povo. A consciência da justiça de Deus não pode ser esquecida na memória de uma geração.

O pecado de Acã trouxe consequências sobre ele, sobre a comunidade de Israel, e sobre toda sua família. Da mesma forma, o pecado de uma pessoa sempre trará consequências sobre ele, sobre a comunidade cristã que ele pertence e sobre toda sua família.

Chamou-se o lugar da destruição de Acã, Vale de Acor, que significa “lugar da perturbação”, uma alusão ao significado do nome de Acã, que também significa “perturbação”.



Adão

Nome hebraico, significa “Homem”.

Adão foi o primeiro ser humano da história. O termo deriva-se do hebraico *adamah* que significa terra. O termo no original bíblico do nome Adão aparece por 560 vezes no Antigo Testamento, para indicar homem ou humanidade, mas no começo do livro do Gênesis indica o primeiro homem, e é um nome próprio.

Foi feito pelo próprio Deus no sexto dia da criação. Ele veio à existência por um ato especial de Deus, e não mediante a algum processo evolutivo. Deus formou o homem do pó da terra (Gn 2.7). O verbo formou aqui no hebraico é *yeiseir*, que é a mesma palavra usada para o trabalho de um oleiro formando um vaso. Deus havia criado tudo apenas com a sua palavra, mas, o homem, Ele fez questão de fazer com as Suas próprias mãos, convocando assim a Trindade para isso: “*Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*” (Gn 1.26). Ser à “imagem de Deus” talvez sugira a imagem da santidade de Deus, devido ao homem ter sido criado sem pecado. E “à nossa semelhança” se refira à semelhança da Trindade (três em um: Pai, Filho e Espírito Santo), enquanto que o homem foi feito na mesma semelhança sendo três em um: corpo, alma e espírito.

Analisar a quantos milênios isso aconteceu é algo polêmico. Isso pelo fato de que a nossa contagem de dias e anos é marcada pelo sol e a lua, e estes só foram criados no quarto dia da criação. A expressão “dia” aqui empregada à contagem de dias na criação pode não se referir a um período de 24 horas, e sim a um período incalculável de tempo. Partindo desse princípio não há como calcularmos a quantos milênios atrás Deus criou a terra e o homem. O que podemos afirmar é que se calculam aproximadamente seis mil anos da queda do homem no Éden até a atualidade. O período antes da queda é incalculável.

Deus plantou na parte oriental do Éden um jardim, e ali colocou Adão. Percebendo que todos os animais tinham uma companheira e Adão não tinha, Deus o fez dormir um profundo sono e tomou uma de suas costelas, para que dessa costela fosse formada a primeira mulher. A história da criação de Eva a partir da costela de Adão sustenta o conceito de que os laços entre marido e esposa são mais estreitos que qualquer outro laço social ou familiar: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gn 2.24).

No jardim do Éden Deus fez brotar uma grande quantidade diferente de árvores, todas elas agradáveis a vista e boa para comida. No entanto, colocou ali também no centro do jardim a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e essas duas árvores Deus proibiu que Adão comesse do seu fruto.

Deus deu a Adão o poder de domínio sobre toda a terra, os peixes, as aves e os animais. A única coisa que Deus não deu a Adão poder para dominar foi sobre o ser humano. Pessoas não são para ser dominadas, a base da vida humana é a liberdade. Pessoas precisam ser orientadas, e não dominadas. Deus disse a Adão que ele poderia comer das aves, dos peixes, dos animais, das ervas, das árvores (Gn 1.29-30), e a única restrição que Deus fez para o mantimento e a alimentação, Adão desconsiderou.

Adão tinha o livre-arbítrio na escolha de qual fruto comeria. Porém, Deus havia dito que, no dia em que ele comesse do fruto daquelas árvores, certamente morreria. Adão não sabia o que era morrer, ele era o primeiro homem e ninguém havia morrido antes dele. Isso nos ensina que podemos até não conhecermos a dimensão da consequência que o pecado pode gerar, mas é melhor não pecar, do que pecar por não saber o tamanho da consequência.

A serpente veio até a mulher (o nome Eva ainda não tinha sido dado) e a persuadiu para que comesse da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. É interessante destacar que a Bíblia não chama de “uma

serpente”, mas sim de “a serpente” fazendo alusão ao próprio Diabo, que no Apocalipse é a antiga serpente (Ap 12.9). A queda de Eva começou quando “*respondeu a serpente*” (Gn 3.2-3). Conversar com a tentação sempre será perigoso. Ela comeu e deu a Adão, e este comeu com ela (Gn 3.6).

Quando Deus proibiu que se comesse daquele fruto, Eva ainda não tinha sido criada. A ordem de Deus havia sido dada para Adão (Gn 2.15-17). Não há como afirmarmos que se apenas Eva tivesse comido do fruto não teria acontecido o que aconteceu, mas penso que se Adão não tivesse cedido a aquela proposta o fim da história teria sido diferente. Infelizmente, Adão não havia entendido que o compromisso de Deus era com ele. Ele era o sacerdote, o líder do lar. Eva errou por estar distante de Adão, e Adão errou por não entender que a santidade devia ser um compromisso pessoal.

Deus não havia feito o homem para o pecado, mas também não poderia privá-lo de sua própria decisão. Deus queria que os seres humanos o amassem e lhe obedecessem livre e espontaneamente e não que fossem programados como robôs sem qualquer outra opção a não ser a obediência. Deus não queria o homem apenas como servo, queria principalmente como amigo, e uma amizade não pode ser imposta. Esse desejo era tão forte em Deus que ele vinha ao jardim para estar com Adão. Deus dialogava com Adão (Gn 1.28-30). O desejo de Deus em ter comunhão com Adão era tão grande que em vez de ser Adão que ia à presença de Deus, era Deus que desejoso em ter o homem como amigo vinha até Adão (Gn 3.8).

Curiosamente, na lei eram dez os mandamentos e o homem possuía a inclinação ao pecado. No Éden Adão não possuía a inclinação para o pecado, e era um só mandamento (não coma da árvore), e mesmo assim Adão decidiu pecar. Há aqui um princípio estabelecido por Deus: o princípio da fidelidade como uma decisão. Adão tinha tudo para ser fiel, porém preferiu não o ser.

Após pecar seus olhos foram abertos, e eles perderam a inocência. Percebendo então que estavam nus, tomaram folhas de figueiras para cobrirem sua nudez. As folhas de figueiras estão entre as maiores folhas encontradas em toda a região da geografia bíblica, e poderiam fornecer certa cobertura ao envergonhado casal. Antes da queda, Adão era revestido de glória, fundamentalmente, vestes passaram a ser lembrança da culpa.

Gênesis 3 descreve o pecado de Adão. A comunhão com Deus e a sujeição ao criador, mostradas com frequência nos dois primeiros capítulos, são repentinamente destruídas. Deus se apresenta no Éden, e eles aos se

esconderem são questionados por Deus sobre onde estavam. Interessante que Adão responde: *“Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me”*. O Diabo havia dito que ao comer do fruto eles seriam semelhantes a Deus. A tentação pelo “poder” de ser semelhante a Deus fez com que se esquecessem de que já eram *“à imagem e semelhança de Deus”*. Agora, além de perder a santidade de Deus, passaram a ter medo até da voz do Criador (Gn 3.8).

Deus puniu a serpente fazendo dela a partir daquele momento um ser rastejante. A serpente é o único animal de esqueleto ósseo que rasteja (Gn 3.14). O que sugere que possivelmente de alguma forma a serpente se movimentava sem se rastejar.

Deus puniu a Eva multiplicando grandemente suas dores de parto (Gn 3.16). É possível que pelo menos Caim já houvesse nascido, pois Deus disse que multiplicaria as dores de parto e só pode ser multiplicado algo que já existe.

A punição de Deus para o pecado de Adão também é declarada em termos bem claros. As duas áreas em que ele era tão claramente distinto dos animais foram afetados pelo castigo: o seu trabalho passou a ser doloroso e ele perdeu grande parte do seu domínio sobre os animais. Além disso, Deus o disse que para o pó do qual ele havia vindo, voltaria novamente (Gn 3.19). O homem agora morreria, pois esse seria o salário do seu pecado (Rm 6.23). No entanto, para Adão, pior do que morrer foi ver Caim matar Abel, sofrendo assim a dor da consequência do seu erro dentro da sua própria casa com a morte do seu amado filho. Talvez nesse momento Adão tenha se lembrado do aviso divino: *“no dia que comeres do fruto, certamente morrerás”*.

Após o castigo de Deus ter sido lançado sobre eles, chamou Adão o nome de sua mulher: Eva. Deus os expulsou do Jardim, e colocou querubins guardando a entrada do Éden, não permitindo mais que o homem tivesse acesso a ele. Afinal, a Árvore da Vida ainda estava lá.

O fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal servia para gerar a consciência e o desejo pelo pecado no homem, enquanto que o fruto da Árvore da Vida servia para o homem viver para sempre, gerando assim a imortalidade. Seria terrível se o homem tivesse comido também do fruto da Árvore da Vida, pois assim viveria para sempre na prática do pecado, por isso Deus fechou o jardim, impedindo o acesso à Árvore da Vida. Em Apocalipse 22.2 João viu a Nova Jerusalém que descia do céu, e *“no meio da praça estava à Árvore da Vida”*. O céu é melhor do que o Éden. Além de no céu existir a Árvore da Vida, não haverá lá a

Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e o diabo e a morte já estarão destruídos (Ap 20.10-14).

A Bíblia nos diz pouca coisa a respeito de Adão e Eva após terem sido expulsos do Éden. Caim foi o seu primeiro filho, depois teve Abel e aos 130 anos nasceu Sete, e depois gerou filhos e filhas, e morreu aos 930 anos (Gn 5.3-5). Certa tradição judaica conta que Adão e Eva tiveram ao todo 60 filhos, 33 filhos e 27 filhas durante os 930 anos que Adão viveu.

Em Lucas 3.38, Adão encabeça a genealogia que leva até Jesus. Enquanto que a genealogia sugerida por Mateus começa por Abraão (Mt 1.1). Isto se dá porque Lucas era gentio, e Mateus era Judeu. Enquanto que Mateus via a salvação para os Judeus desde Abraão, Lucas conseguiu enxergar a salvação para toda a humanidade desde Adão.

Paulo estabeleceu o contraste entre o primeiro e o segundo Adão (Rm 5.12-2; 1Co 15.22-45), vinculando a origem do pecado ao primeiro Adão, e a redenção, ao segundo Adão (Jesus Cristo). O último Adão é uma pessoa histórica indiscutível, ficando claro que isso se dá também com o primeiro.



Ageu

Nome hebraico, significa "Festa".

Ageu é o décimo dos doze “profetas menores”, que eram assim chamados não devido à sua importância, mas ao volume de seus escritos. Quase nada se sabe sobre seu passado, sua genealogia, local de nascimento e acontecimentos envolvendo sua vida. A palavra Ageu parece ter derivado do termo hebraico que significa *festividade*, provavelmente porque seu nascimento coincidiu com a data de uma das festas judaicas.

Em 538 a.C. os judeus começaram a voltar do exílio na Babilônia. Ao chegarem a Jerusalém, começaram a tentar retomar o ritmo normal da vida reconstruindo suas casas. Muitos judeus que tinham conseguido desenvolver carreiras bem-sucedidas ou atividades comerciais na Babilônia estavam relutantes em abandoná-las pela perspectiva de um futuro desolador e não promissor na Palestina. Entretanto, pode-se concluir que a maioria dos que retornaram à Judeia foram motivados mais pelo zelo do que por posses comerciais.

Dois anos depois, em 536 a.C., foram lançados os alicerces para reconstruírem o templo que havia sido destruído por Nabucodonosor. Os mais novos exultavam com a construção do novo templo, pois não conheceram a glória do templo construído por Salomão, enquanto que os mais velhos choravam (Ed 3.8-13).

Porém, o povo desanimou na construção do novo templo e a interrompeu de 536 até 520 a.C. Durante aproximadamente dezesseis anos, o povo não teve ânimo e forças para retomar os serviços. Foi nesse momento que Deus usou Ageu com uma mensagem motivadora aos que estavam desanimados e parados. Calcula-se que Ageu profetizou de agosto a dezembro de 520 a.C., no segundo ano de reinado do rei Dario I, rei da Pérsia. Seu ministério como profeta durou apenas quatro meses. Porém, mais importante do que o tempo de duração, foi a eficiência com a qual exerceu a tarefa que Deus confiou a ele. Seu ministério pode ser considerado como o ministério da esperança, suas palavras foram fontes de ânimo.

Provavelmente Ageu tenha conhecido a glória do templo de Salomão antes do exílio (Ag 2.3). O primeiro livro profético dos tempos pós-exílicos foi o de Ageu, o qual registra quatro discursos dirigidos aos judeus durante os quatro meses do seu ministério. A comunidade judaica dali, com dezoito anos de existência, também estava desencorajada devido ao fracasso das colheitas, a seca e a hostilidade das populações vizinhas, a ponto de alguns já estarem tentando voltar para a Babilônia. Por isso, Ageu repreendeu-os por terem deixado o templo semidestruído.

Para Ageu, os problemas da comunidade estavam ligados ao fato de a casa do Senhor ainda continuar em ruínas. Era por esse motivo que as colheitas eram magras e seus campos assolados pela seca. Se desejassem que fosse restaurada a prosperidade, eles deveriam “subir a montanha, trazer madeira e reconstruir a casa” (Ag 1.8). Esse entendimento de Ageu associando à mentalidade das pessoas com a realidade da cidade de Jerusalém pode nos ensinar um princípio: o nível de espiritualidade das pessoas de um lugar determinará como será esse lugar.

Ageu foi diferente dos outros profetas reformadores que profetizaram antes do exílio. Ele era mais sacerdotal no caráter, enfatizava mais a adoração no templo e o cumprimento da lei na vida, como o caminho para maior prosperidade.

O profeta Zacarias foi contemporâneo de Ageu. Os dois não somente estabeleceram o impulso necessário para a reconstrução do templo (Ed 5.1), como também permaneceram envolvidos no projeto até sua finalização, quatro anos mais tarde (Ed 6. 14-15). Ageu não faz menção a essa fase posterior da

reconstrução. No entanto, os anciãos presentes na dedicação lembraram-se da glória do templo anterior. O atual jamais seria comparado com aquele.

Embora pouco se saiba sobre o chamado “segundo templo”, que foi construído após a exortação de Ageu, ele sobreviveria por aproximadamente 600 anos, dois séculos a mais do que durara o primeiro templo. No entanto, não era esse tempo maior de duração que representava a expressão *“a glória desta última casa, será maior que a da primeira”* (Ag 2.9). Na verdade, essa profecia apontava diretamente para Cristo. Em 19 a.C. Herodes começou a restaurar esse templo. A profecia de Ageu faz referência à “glória”, e o que representava a glória de Deus no meio do seu povo no Antigo Testamento era a Arca da Aliança, que havia desaparecido em 586 a.C., na invasão de Nabucodonosor a Jerusalém. Que glória, então, seria essa que Ageu estava profetizando, já que a Arca da Aliança não existia mais? Essa glória era uma alusão ao próprio Messias, que foi apresentado nesse mesmo templo, após a restauração por Herodes (Lc 2.25-32).

A profecia de Ageu, contudo, encorajou os trabalhadores a anteciparem um dia no futuro, que seria mais glorioso que a dedicação do presente templo. Ageu visualizou aquele que atrairia a riqueza e a adoração das nações (Ag 2.6-9). E, na pessoa de Zorobabel, viu uma figura messiânica que governaria sobre os reinos, como o rei. (Ag 2.20-23).

Amós

Nome hebraico, significa “Carregador de fardos”.

Amós foi o terceiro dos doze profetas menores, embora fosse o primeiro em ordem cronológica e o primeiro dos profetas “escritores”. Profetas anteriores como Elias e Eliseu eram mais conhecidos por seus feitos do que por suas mensagens, e não haviam deixado nada escrito para a posteridade. Amós, no entanto, começou a tradição dos profetas escritores. Ele nasceu em Tecoá, uma aldeia a quinze quilômetros ao sul de Jerusalém, pertencendo assim, a Judá, Reino do Sul. Ele nada cita sobre sua família ou linhagem. Ele era pastor (Am 1.1), trabalhava com bois (Am 7.14-15) e era cultivador de sicômoros. O sicômoro é uma espécie de figo silvestre, e são capazes de produzir até seis vezes ao ano. Sendo que, é inferior ao figo comum, e é consumido principalmente pelos pobres.

No entanto, é possível que essa posição mais modesta tenha sido por escolha pessoal, não por nascimento. Naqueles dias, a maioria dos pastores e fazendeiros era iletrada, mas a linguagem que Amós usa é sofisticada e poética, e sua fraseologia e referências bibliográficas indicam uma excelente educação. Entretanto, muitos estudiosos acreditam que ele era um rico proprietário de ovelhas e de plantações de figos silvestres, e não um pastor comum. Isto devido ao fato de ele se apresentar em Amós 1.1 como “um dos pastores de Tecoa”, e usou a palavra *noqed*, “fazendeiro de ovelhas reais”, e não o termo mais comum *ra’ah*, “pastor”. Só há mais uma referência desse termo na Bíblia, em 2 Reis 3.4, para se referir ao rei de Moabe como proprietário de rebanhos de ovelhas. A importância disso está no fato de que Deus chamou um homem ocupado e próspero, e separou-o de seus interesses seculares, para realizar uma missão entre os israelitas, o rebanho de Deus, errante e pecaminoso.

A vida tranquila de Amós foi perturbada por uma série de visões que o levaram à conclusão de que Israel estava prestes a ser aniquilada como nação, a despeito de afirmar-se sob a perpétua proteção de Deus. A sua familiaridade com a vida rural se encontra refletida na sua escolha de palavras usadas mediante as visões: leão, urso e cobra (5.19), gafanhotos e ervas (7.1), e cestos de frutos de verão (8.1).

Três afirmações em Amós 1.1 indicam a época em que ele viveu: *Primeira*: Uzias era o rei de Judá. *Segunda*: Jeroboão era o rei de Israel. *Terceira*: Dois anos antes do terremoto. As atividades sísmicas são ocorrências comuns na Siro-Palestina. A região fica sobre uma fenda na placa tectônica do Jordão, que se estende desde Damasco até o golfo de Ácaba, portanto, está sujeita a movimentos periódicos da terra. Há evidências de um grande terremoto de grandes proporções no sedimento da escala 6 nas escavações em Hazor, datando aproximadamente de 760 a.C. É possível que esse se trate do terremoto mencionado aqui pela combinação de datas com os reinados de Uzias e Jeroboão. Sendo assim, Amós recebeu o chamado de Deus em aproximadamente 762 a.C.

Esse chamado era para que ele saísse de Judá e fosse até Israel para profetizar contra o paganismo e os excessos morais daquele povo. Ele avisou a todos a respeito do desastre iminente que viria pelas mãos dos assírios, caso não se arrependessem. Ele pregava de forma veemente contra a corrupção religiosa e social de Israel, avisando os israelitas que caso eles não se voltassem para Deus, cairiam nas mãos dos assírios. Ele chamou as mulheres de Samaria de “vacas de Basã que oprimiam os pobres e esmagavam os necessitados” (Am 4.1). Acusando-as de exigir que

seus maridos as cobrissem de luxo e, portanto, forçando-os a explorar os pobres. Essas vacas eram de uma região famosa pela excelência do seu rebanho na Transjordânia, as margens do rio Iarmuque (Dt 32.14). Amós comparou essas vacas com as autoindulgentes esposas dos nobres e mercadores abastados de Samaria. Nem as vacas, nem aquelas mulheres eram capazes de enxergar além das suas próprias necessidades egoístas e desejos (compare com Isaías 3.16). Aquelas mulheres como vacas pastando completamente absortas, não conseguiam sequer imaginar que o povo podia estar morrendo de fome enquanto que elas pediam outro cálice de vinho ou mais uma refeição extravagante. Elas haviam aprendido a amar e praticar a injustiça e a desigualdade social.

Os ricos estavam dispostos a ficarem mais ricos a qualquer custo (2.6-7). O descontrole moral era desenfreado. A embriaguez e a permissividade sexual estavam em um nível abominável (2.7,8). A perversão religiosa era absurda. E infelizmente, para a maior parte da população, a idolatria era considerada algo normal (2.8). Os fiéis, entretanto, eram ridicularizados, punidos e objetos de zombaria (2.12).

Amós negou-se ser chamado de profeta (Am 7.14), provavelmente para não ser confundido com os muitos profetas profissionais que “fazem o meu povo se desviar dizendo lhe ‘Paz’, quando não há paz” (Ez 13.10). Obviamente, ele respeitava a instituição do ministério profético e se via como alguém que preenchia essas responsabilidades, mas ignorava os profetas mercenários que se autoproclamavam como tal, vendendo seus “serviços” para quem pagasse mais, profetizando aquilo que seus patrocinadores queriam ouvir. Israel estava repleto de profetas, tanto os falsos quanto os fiéis, mas os fiéis se calavam com medo. Assim, o leigo Amós de Judá foi chamado para falar em nome de Deus para Israel.

É relevante o fato de Amós sempre se referir ao Senhor como “Deus dos Exércitos” ou “Senhor Jeová”, e jamais “Deus de Israel” (devido ao comportamento dos israelitas para com Deus naquela época), que era a forma usual para se referir a Deus.

Embora tivesse profetizado no Reino do Norte (Israel), suas profecias foram endereçadas a todo o povo israelita, do norte e do sul, de Israel e de Judá (Am 1.1; 2.4), incluindo uma denúncia contra todas as nações que se recusavam a adorar a Deus de maneira certa e corrompiam seus caminhos (Am 1.3,6,9,11; 2.1,4,6).

Ao que parece o ministério de Amós durou apenas algumas semanas, no entanto, foi um ministério bem-sucedido, pois independente do tempo que levou, cumpriu tudo o que Deus o havia chamado para fazer.

O único local citado em suas mensagens é Betel, um dos principais lugares de adoração estabelecidos por Jeroboão I, logo depois da divisão do reino em 931 a.C. (1Rs 12.29-33). Esse ato ímpio de criar locais ilegítimos para adoração, a fim de competir com o único lugar autorizado pelo Senhor (Jerusalém), resultou em uma profecia de que o altar de Betel seria destruído e seus sacerdotes mortos (1Rs 13.1-3). Isso aconteceu como parte das reformas realizadas pelo rei Josias, 300 anos mais tarde (2Rs 23.15-16), e o próprio Amós ajudou a preparar o caminho para que o culto de Betel fosse denunciado (Am 3.14; 5.5).

Por causa da sua firme mensagem, Amós foi expulso de Betel por Jeroboão II e seu sacerdote Amazias, sob as acusações mentirosas de que ele visava apenas o ganho financeiro e estava construindo uma conspiração contra o rei (Am 7.12). Atingido por essa interpretação equivocada de suas motivações, Amós replicou que “não era nem profeta, nem filho de profeta” (Am 7.14), mas sim, um homem de negócios que Deus tinha chamado. Com essa alegação, Amós estava mais uma vez desfazendo qualquer conexão entre eles e os profetas “profissionais”.

Amós, com isso, estava revelando uma verdade com a sua vida. Aqueles que são chamados e comissionados por Deus não precisam de credenciais formais nem qualificações religiosas, para serem bem-sucedidos em cumprir seus propósitos. Deus usa homens, não funções.

Após ter cumprido a sua missão, Amós retornou a Judá, onde pode ter compilado o registro escrito de seus oráculos. No entanto, permanecem desconhecidos o tempo e os motivos da sua morte, assim como qualquer detalhe subsequente de sua vida.

O tempo provou que Amós estava certo. A morte do astuto Jeroboão II em 746 a.C., foi seguida pela ascensão do poderoso Teglat Falasar III na Assíria, em 745 a.C. Israel vivenciou um declínio. O filho de Jeroboão, Zacarias, reinou apenas seis meses antes de ser assassinado. Isso fez com que a autoconfiança e a riqueza de Israel fossem esmagadas pelo exército assírio expansionista. A crítica de Amós a Israel não visava dar apoio a nenhuma potência estrangeira; ao contrário, queria revelar o lado escuro sob a superfície brilhante da nação.

Estevão, em seu discurso diante do Sinédrio (At 7.42-43), citou o trecho de Amós 5.25-27. Tiago, falando diante do Concílio de Jerusalém (At 15.16), citou o trecho de Amós 9.11. Essa circunstância demonstra naturalmente que Amós, um livro do Antigo Testamento, era considerado autorizado, por judeus e cristãos do século I d.C.

Ana

Nome hebraico, significa “Graça”.

A vida de Ana, embora seja mencionada apenas nos dois primeiros capítulos do primeiro livro do profeta Samuel, tornou-se uma das histórias mais conhecidas da Bíblia. Ela era a amada esposa de Elcana, um levita da linhagem de Coate, que vivia nas montanhas de Efraim, na cidade de Ramataim-Zofim. Elcana era levita por descendência e efraimita por residência. Esta Ramataim-Zofim é a famosa cidade de Ramá.

Ao que parece Ana foi sua primeira esposa, e ao ver que ela era estéril, Elcana casou-se também com Penina para que pudesse ter filhos. Uma espécie de “imortalidade” era conseguida através da continuidade da linhagem genealógica. Um israelita temia “morrer” se sua linhagem fosse descontinuada devido à ausência de filhos. A poligamia não era proibida pela lei mosaica (Dt 21.15-17). Os fatores que impediam a poligamia eram mais financeiros do que moral. Um rei que dispunha de muito dinheiro e autoridade tinha grande número de esposas e concubinas. Um homem mais pobre contentava-se com apenas duas mulheres. E um homem realmente pobre podia possuir apenas uma única esposa.

O valor de uma esposa para a maioria dos israelitas estava ligado ao fato dela pode gerar filhos ou não. Porém, mesmo Penina gerando filhos e Ana sendo estéril, Ana ainda era mais amada por Elcana do que Penina. Isso, por certo, gerou em Penina um sentimento de “desvantagem” em relação à Ana. Penina não podia afrontar Elcana, por isso afrontava Ana, irritando-a, provocando-a e a tomando por rival, aquela que nenhum mal lhe fizera.

Anualmente os hebreus tinham de sair de suas casas e irem adorar e sacrificar ao Senhor em Siló. Siló ficava a aproximadamente 24 quilômetros de Ramataim-Zofim, essa distância representava para uma família uma viagem de dois dias. A lei estabelecia três festas anuais que os varões hebreus tinham de ir, essas festas eram Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (Ex 34.23; Dt 16.16). Elcana, pois, fazia pelo menos uma peregrinação anual.

Em Siló estava o centro da adoração nacional a Yahweh. Somente algumas décadas mais tarde que Salomão construiu o templo em Jerusalém. Contudo, mesmo depois da mudança para Jerusalém, Siló continuou sendo um lugar sagrado.

Em Siló as pessoas sacrificavam ao Senhor. Exceto os holocaustos, porções dos sacrifícios eram consumidas pelos sacerdotes e por aqueles

que os ofereciam. Oito porções diferentes dos sacrifícios cabiam aos sacerdotes (Lv 6.26; 7.11-24; Nm 18.8). Essas porções eram compartilhadas em algumas ocasiões por aqueles que traziam animais para serem sacrificados. Por sua parte, as ofertas pacíficas requeriam que a gordura e o sangue fossem entregues ao Senhor (a gordura era queimada e o sangue derramado), mas o peito e o ombro direito do animal eram porções que pertenciam aos sacerdotes. O restante pertencia a quem tivesse trazido o animal para ser sacrificado e à sua família. Dessa parte que restava Elcana dava porções a Penina, seus filhos e dava porção dupla a Ana.

Naqueles dias, Eli era o sumo sacerdote e Hofni e Fineias (filhos de Eli) eram os sacerdotes. Certo ano, a perseguição de Penina contra Ana foi tão intensa que a deixou extremamente angustiada, a ponto dela apenas conseguir chorar, não lhe restando vontade nem ao menos de comer a porção dos sacrifícios que cabia aos adoradores. Dá-nos a entender que sua dor era tão grande que por um instante ela deixou sua família em umas das refeições festivas em Siló e foi ao tabernáculo orar. Ana quase não conseguia falar, apenas chorava. Ela pranteava em voz baixa (aparentemente os votos eram feitos em voz alta) e o sacerdote Eli pensou que ela estivesse embriagada. O texto bíblico diz que “Ana, no seu coração falava, e só se moviam os seus lábios, porém não se ouvia a sua voz” (1Sm 1.13). Como disse John Bunyan: “É melhor orar de coração, mas sem palavras, do que orar com palavras, mas sem coração”. No entanto, Ana se defendeu apropriadamente dizendo a Eli que ela não estava embriagada, mas grande era a dor do seu coração e o sacerdote no mesmo instante mudou seu posicionamento acerca dela e a despediu em paz.

O que provavelmente Ana ainda não sabia era que a necessidade dela estava paralela a “necessidade” da casa de Deus. Ana desejava um filho, mas Deus desejava um profeta. Um filho para Ana daria um fim à humilhação que ela vivia em sua casa; um profeta para Deus daria um fim à apostasia que estava acontecendo na Casa do Senhor em Siló. Hofni e Fineias estavam desviados de Deus, moldados ao pecado e foi através de Samuel que Deus realizou uma revolução espiritual em todo Israel.

O voto de Ana dizia que se Deus a desse um filho ela o devolveria a Deus para que pudesse viver no tabernáculo de Deus por toda sua vida. Não era uma decisão simples. Este voto falava sobre uma renúncia pessoal de criar o próprio filho consigo em casa. Além disso, o filho não era só dela, e pela lei mosaica o marido podia anular o voto da esposa caso não concordasse (Nm 30). No entanto, Elcana concordou por amor a Deus e a Ana que o voto fosse cumprido caso Deus os presenteasse com um filho. É admirável

a atitude de Elcana em concordar com a entrega a Deus de seu filho primogênito com sua amada esposa. Elcana estava entregando o seu filho como um sacrifício vivo ao Senhor.

Interessante notar que todo esse processo que Ana viveu, serviu para consolidar sua fé e sua fidelidade a Deus. Parecia injusto uma mulher de índole tão má quanto Penina, ter uma porção de filhos, enquanto que Ana, com toda sua fé e devoção a Deus, sofria devido a sua esterilidade. Ana havia aprendido a ser fiel a Deus mesmo quando aparentemente o errado estava sendo tido como certo, e o certo como errado. Uma confiança incondicional havia se apoderado dela, e isso a ajudava a permanecer com a mesma fé em Deus, mesmo não estando vivendo aquilo que por certo ela desejaria viver.

Deus ouviu a oração de Ana e lhe deu um filho. Seu nome era Samuel. O termo hebraico *sa-al* quer dizer “pedido” e *sama* significa “ouvido”, enquanto que *El* é um dos nomes de Deus, de modo que Samuel significa “ouvido por Deus” ou “pedido a Deus”. De acordo com 1 Samuel 1.20, o último significado é o mais correto.

Após ter sido desmamado Ana levou Samuel a Siló e o entregou ao sumo sacerdote Eli, lembrando-o o encontro anterior e cumprindo assim o seu voto, para que ele vivesse por todos os dias da sua vida na casa do Senhor. Antigamente, as mulheres israelitas amamentavam até aproximadamente três anos de idade.

Todos os anos Ana ia a Siló e levava uma túnica de presente para Samuel. O Senhor foi gracioso com Ana e posteriormente ela deu a Elcana mais três filhos e duas filhas (1Sm 2.19-21). No cântico de Ana (1Sm 2.1-10), Ana expressa em seu louvor que “a que tinha muitos filhos enfraqueceu”. Há os que interpretam essa frase como Deus abrindo a madre de Ana e fechando para sempre a madre de Penina, fazendo dela então uma mulher estéril. A expressão “a que era estéril teve sete filhos” talvez não seja literal, mas sim figurada, já que a Bíblia diz que após Samuel ela teve apenas cinco filhos. A expressão “sete” aqui provavelmente sugira realização total, já que na Bíblia o número sete é o número da perfeição. Ana foi uma mulher extraordinária em sua integridade, fé e compromisso com Deus. Manteve seu voto a um grande custo pessoal e tornou-se um modelo para todas as futuras gerações.



Ananias

Nome grego, significa “Deus tem sido gracioso”.

Um personagem do Novo Testamento, **esposo de Safira** e membro da igreja em Jerusalém. Ironicamente, o nome Ananias, significa “Deus tem sido gracioso”, mas Ananias descobriu que Deus além de ter a graça, também é santo. Safira quer dizer “bela”, mas o pecado acabou tornando feio o seu coração.

Segundo o livro de Atos, no início da igreja primitiva, a fim de poder cuidar dos necessitados, praticava-se uma cultura na qual *“ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum”* (At 4.32). Não havia nenhum necessitado entre eles. Os que eram possuidores de campos ou de casas – inclusive Barnabé – em concordância com essa cultura cristã primitiva, vendiam suas propriedades e “lançavam o dinheiro aos pés dos apóstolos que distribuía conforme as necessidades de cada um” (At 4.34-35). Isso não era uma lei, e ninguém era obrigado a ser liberal e generoso dessa forma, mas isso foi uma cultura que os primeiros cristãos em Jerusalém adotaram para que a igreja fosse também uma comunidade em que todos vivessem em comum.

Ananias e Safira fizeram o mesmo, mas ao contrário dos outros, em um ato de pura cobiça retiveram parte do dinheiro, afirmando, no entanto, que tinham dado tudo. Pedro revelou que Ananias não havia mentido apenas para a igreja, mas principalmente ao Espírito Santo. Na mesma hora, Ananias foi fulminado e morreu diante do apóstolo. Três horas depois, Safira veio em concordância com a mesma mentira (At 5.2) – sem saber sobre o que havia acontecido com seu esposo – e ao repetir a mentira que eles haviam combinado, acabou recebendo a mesma sentença e sofrendo o mesmo juízo.

Vale a pena lembrarmos que Pedro enfatizou que o que pertencia a eles, era deles (At 5.4). Eles não eram obrigados a dar nada. O pecado não consistia em reter uma parte (o que tinham plena liberdade de fazer e seria aceitável caso fizessem de forma honesta a respeito do assunto), mas em enganar a igreja quanto à motivação que tinham. O problema foi o engano e a hipocrisia e não a quantidade de dinheiro. Além de que, provavelmente havia também uma tentativa deles de serem vangloriados na igreja, assim como a atitude de Barnabé havia trazido reconhecimento. Ananias e Safira cobiçavam a aprovação que a igreja dedicava a aqueles que generosamente praticavam a fé do bem comum.

Como disse George McDonald: “Metade da infelicidade do mundo decorre da tentativa de *aparentar* em lugar da tentativa de *ser*”. Jesus chamava isso de hipocrisia, que significa simplesmente “usar uma máscara” ou “desempenhar o papel de um ator”. A hipocrisia é a dissimulação deliberada, a tentativa de fazer as pessoas acreditarem que somos mais espirituais do que na realidade, é o caso. Ananias e Safira haviam assumido esse papel.

Segundo Frank Stagg, um pecado ainda mais grave podemos encontrar no verso 3, na tradução correta do texto. Uma sugestão de tradução para “mentir” ali é “falsificar”. É possível traduzir assim então: “Ananias, como é que você deixou Satanás entrar no seu coração para falsificar o Espírito Santo?”. A acusação consistia então não só em ter mentido ao Espírito Santo, mas em ter falsificado o Espírito, buscando representar a sua fraudulenta ação como de certa forma inspirada pelo Espírito Santo. Assim procurava ele fazer com que o Espírito Santo participasse de seu abominável crime.

Por certo, há quem fique estarecido ao ler que Deus matou duas pessoas só porque mentiram sobre uma transação comercial e sobre sua oferta à igreja. Mas quando consideramos os elementos relacionados a esse pecado, devemos concordar que Deus os julgou corretamente. Primeiro, porque esta foi a primeira vez que uma transgressão grave acontecia na igreja primitiva, então era necessária uma resposta radical contra o pecado para que a moral fosse restabelecida e houvesse temor. Convém observar que o Senhor sempre julgou o pecado com severidade no começo de um novo período na história da salvação do seu povo. Por exemplo: Logo assim que o tabernáculo foi erguido, Deus matou Nadabe e Abiú por tentarem apresentar “fogo estranho” ao Senhor (Lv 10); Assim que os hebreus conquistaram Canaã, Deus matou Acã por desobedecer às ordens que Deus havia dado para a conquista de Jericó (Js 7); E quando a igreja começou, Deus não poderia fazer diferente; Era preciso ser estabelecido o temor, e por causa da morte de Ananias e Safira “grande temor apoderou-se de toda a igreja e de todos os que ouviram falar desse acontecimento (At 5.11).

Há alguns que supõe que Ananias e Safira não foram enviados à punição eterna, mas antes, foram levados desta vida para que não fossem condenados junto com os infiéis. A base para esta opinião é o ensino de Paulo em 1 Coríntios 11.29-32, que diz que aqueles que forem culpados de profanar o corpo do Senhor, seriam punidos com enfermidades ou até mesmo com a morte, para não serem condenados junto com o mundo (nesse sentido, os descrentes). No entanto, há pouca probabilidade desse texto ser aplicado ao contexto de Ananias e Safira, pois essa história não descreve um caso de “disciplina eclesiástica”, mas sim, um julgamento pessoal do próprio Deus.

André

Nome grego, significa "Valente".

André foi um dos primeiros discípulos a serem chamados por Jesus para comporem o grupo apostólico. Nasceu na discreta aldeia de Betsaida, na Galileia. Era irmão de Simão Pedro. Ambos eram pescadores e moravam em Cafarnaum (Mt 4.18). Seu pai chamava-se Jonas (Mt 16.17). Não sabemos nada sobre Jonas, mas como no texto se usa o patrônimo (nome que identifica o pai) podemos assumir que era um homem com alguma importância na comunidade. Era provavelmente um pescador (era comum um filho seguir a profissão do pai), e devido ao fato de Pedro ter o seu próprio barco, podemos pressupor que a família era muito próspera.

É provável que André e Pedro, por serem de Betsaida e de uma família de classe média, falassem grego e também aramaico, sua língua nativa. Eles podem ter aprendido um pouco de latim com os romanos, embora o grego deles fosse suficiente para conversar com a maioria dos romanos, uma vez que todos os romanos instruídos falavam o grego fluentemente. Os romanos amavam tudo o que era grego, e os romanos de classe alta preferiam usar o grego, e não o latim, uma língua que consideraram inferior. O povo falava latim, mas os romanos de classe média e alta falavam grego. Embora todos conhecessem o latim, eles eram julgados socialmente pelo domínio que tinham do grego (língua dominante da época, assim como o inglês nos nossos dias).

Isso se torna mais evidente pelo fato de André ser judeu, e o seu nome ser grego. Na época, os gregos, e depois os romanos, controlaram toda aquela região por pelo menos três séculos.

André foi discípulo de João Batista (Jo 1.35,40), que estava pregando e batizando perto do Rio Jordão. Quando João Batista estava pregando em Betânia, do outro lado do Jordão (Jo 1.28), André, como muitos dos seus conterrâneos, deixou de lado seu trabalho cotidiano e foi ouvir o famoso pregador. Quando João Batista apontou a Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29,36), André tornou-se convencido de que Jesus era o Messias (Jo 1.41), e foi através desse acontecimento que André apresentou seu irmão Simão Pedro a Jesus (Jo 1.42).

Aparentemente, André e os demais seguidores alcançados em Betânia permaneceram com Jesus durante os eventos registrados em João 1.43

– 4.54. Se assim for, André foi um ávido participante naqueles eventos e participou do batismo registrado em João 3.22; 4.2.

Quando Jesus retornou para Galileia, André reassumiu seu trabalho como pescador. Aproximadamente um ano depois, quando Jesus estabeleceu seu “quartel-general” em Cafarnaum (Mt 4.13), Jesus chamou a André e Pedro para deixarem seu negócio de pesca e tornarem-se seus discípulos a fim de serem “*pescadores de homens*” (Mt 4.18-20; Mc 1.16-18).

Simão Pedro, André, Tiago e João, eram pescadores e trabalhavam juntos (Mt 4.18-22). Foram chamados por Jesus para serem discípulos no mesmo dia. Porém, existem algumas informações relevantes que precisam ser consideradas aqui: A partir do momento que André apresenta Pedro a Jesus, André sai de cena, e seu irmão passou a ter proeminência. Toda vez que o relacionamento dos dois é mencionado, André é sempre descrito como o irmão de Simão Pedro, e nunca o contrário (Mt 4.18; Mc 1.16; Jo 1.40). Se Pedro, André, Tiago e João foram chamados juntos, por que apenas Pedro, Tiago e João iam aos lugares mais importantes com Jesus? Na casa de Jairo, no monte da transfiguração, entre tantos outros lugares Pedro, Tiago e João foram, e André não. Por quê? Será que ele era mais jovem do que Pedro e os dois filhos de Zebedeu? Será que ele era o líder designado para supervisionar os oito discípulos restantes?

Não há como respondermos a isso. Nós, talvez, nos sentiríamos tristes pela limitação do acesso a Jesus em alguns momentos. André, porém, fez diferente. André se tornou o discípulo que mais levou pessoas a Jesus. Ele quem levou Pedro a Jesus. Na multiplicação dos pães e peixes ele quem levou o menino com cinco pães e dois peixes a Jesus (Jo 6.8). Quando alguns gregos queriam conhecer Jesus, foi André que os conduziu até o mestre (Jo 12.20 em diante). André havia entendido que Jesus ama e cuida de todos, tem os seus escolhidos para o ministério de forma mais direta, porém, sempre haverá amplo espaço para alguém que deseja viver a sua vida levando pessoas a Cristo!

Ainda nos dias de hoje há muitas pessoas que se “ferem” e desistem de algo, por não fazer parte de algum “grupo específico”, enquanto que deviam se alegrar pelo simples fato de terem sido escolhidos por Jesus e com isso levar o máximo de pessoas a ele.

No início da igreja primitiva André foi uma pessoa ativa no ministério, sendo sempre incluído entre os apóstolos mencionados, e inclusive entre os que estavam no cenáculo no dia de Pentecostes (At 1.13).

A partir desse momento, tudo o que sabemos sobre André é fruto de tradições e lendas religiosas espalhadas por alguns lugares do mundo. A tra-

dição medieval desenhou a figura de André a partir do testemunho de João 1.40-42, definindo-o como o pai das missões apostólicas, embora o fato de ter sido André que apresentou Jesus a Pedro não faz dele o principal referencial de missionário cristão na igreja primitiva.

Uma das mais fortes tradições acerca do trabalho missionário de André, endossada pelo historiador Eusébio de Cesareia e por Nicéforo, diz respeito ao sudoeste da Rússia, nas regiões próximas ao mar Negro, especialmente nas terras outrora chamada Cítia. Em função de testemunhos como esses, ele foi adotado como patrono do cristianismo russo.

Há relatos antigos da Igreja Ortodoxa Russa, que apresenta a seguinte proposta para as jornadas missionárias de André: *“Após o Pentecostes, André ensinou em Bizâncio, na Trácia, na Rússia, em Épiro e no Peloponeso. Em Amisos no templo, converteu os judeus locais, batizando-os e curando seus enfermos. Edificou ali uma igreja e deixou-os em companhia de um sacerdote. Na Bítinia, pregou a palavra, curou os enfermos e expulsou os demônios que os perturbavam. Suas orações destruíram os templos pagãos, e aqueles que se opunham à sua palavra acabavam oprimidos e atormentados em seus corpos até que fossem por ele libertos e curados...”*.

Essa tradição russa sobre as rotas missionárias de André está embasada na autoridade de vários autores patrísticos. Gregório de Nazianzo afirma, por exemplo, que André esteve em Épiro; Teodoreto ressalta sua passagem pela Grécia, enquanto que Jerônimo diz que ele pregou na Acaia. Nicéforo amplia a lista, incluindo Capadócia, Bítinia, Galácia, Bizâncio, Trácia, Macedônia e Tessália, além da já mencionada Cítia, em suas regiões desérticas. Há até um conto, chamado de “Atos de André” que diz que ele resgatou Matias de um grupo de canibais. Não se pode negar que a maior parte dos relatos sobre as missões de André englobou a Palestina, a Ásia Menor, a Macedônia, a Grécia e as regiões próximas ao Cáucaso.

Entretanto, é para a cidade de Patras, na Grécia que repousam as mais antigas narrativas referentes ao seu apostolado. Ali, após evangelizar e converter Maximila, esposa de um Procônsul romano local chamado Egates, André foi crucificado como mártir a mando do Procônsul em uma cruz em forma de “X”. Em virtude dessa tradição, a cruz em “X” ou cruz *decussata* (como era chamada), passou a ser associada ao apóstolo e chamada de “Cruz de Santo André”.

Por causa dessa tradição ele também se tornou o santo patrono da Grécia. As tradições se multiplicam afirmando que seu corpo foi transferido para Constantinopla (atualmente chamada Istambul, na Turquia), e dali para a Itália durante as cruzadas da Idade Média. Uma tradição posterior diz

que um de seus braços foi trazido para a costa oriental da Escócia, por Régu-lo, tornando-o, ainda, o santo patrono deste país. No entanto, isso não é tão importante, se comparado às muitas lições poderosas que aprendemos com André durante seu tempo de vida.

Boa parte da tradição grega e latina defende que o martírio de André em Patras, na Grécia, teria ocorrido entre os reinados de Nero e Vespasiano em Roma, por volta de década de sessenta do primeiro século da era cristã.



Apolo

Nome grego, provavelmente significa “Força”.

Apolo foi um judeu cristão e eloquente pregador no tempo das viagens missionárias do apóstolo Paulo. Além de eloquente, Apolo era também “*fervoroso de espírito*” (At 18.25). Apolo nasceu e foi educado na “segunda Atenas” de sua época, isto é, a cidade de Alexandria, no Egito, e figurou entre o limitado número de judeus que possuíam cidadania alexandrina. Alexandria era um dos grandes centros do mundo helênico da época.

Acredita-se que Apolo pertencia ao mais elevado quadro social da famosa cidade de Alexandria, devido aos termos citados por Lucas em sua breve, mas altamente informativa descrição em Atos 18.24-28. Como homem “instruído”, recebeu por certo alto nível de instrução em sua formação na valorizada educação grega. Lucas diz que Apolo era “poderoso” no uso das escrituras, o que indica uma alta capacidade de lógica e persuasão. Pelo padrão do primeiro século, é apresentado como um formidável judeu cristão, apologista e debatedor, e sabia combinar seu conhecimento exaustivo do Antigo Testamento com sua alta educação secular na arte da retórica. Apolo se destacou no contexto em que viveu, principalmente porque havia outros pregadores, dos quais, em termos de educação formal, eram descritos como “*sem letras e indoutos*” (At 4.13).

Seu ensino dizia respeito ao batismo de João Batista para o arrependimento. Ele havia sido instruído nos caminhos do Senhor (At 18.25), presumivelmente pelos discípulos de João Batista. A mensagem de João tinha se espalhado além das fronteiras da Judeia, até o Egito e a Ásia Menor.

Em aproximadamente 52 d.C., Apolo foi de Alexandria para Éfeso, na Ásia Menor. Ali ele começou a pregar de forma corajosa e aberta na sinagoga. Quando Paulo chegou a Éfeso encontrou lá uma pequena comunidade cristã de doze pessoas que haviam se convertido através de Apolo. Esses doze irmãos somente conheciam o batismo de João e ainda não tinham ouvido falar do Espírito Santo (At 19.1-7).

Apolo sabia e pregava sobre a vinda messiânica de Jesus, mas a conhecia apenas por meio da mensagem do precursor de Jesus, João Batista. Áquila e Priscila – que eram amigos de Paulo – ouviram Apolo pregar em Éfeso e perceberam que ele não havia ouvido acerca do que acontecera com Jesus após o seu batismo. Eles perceberam que a mensagem de Apolo não era incorreta, mas era incompleta. Então, eles o chamaram de lado, e em particular preencheram as lacunas no conhecimento dele, explicando-lhe a vida do Senhor Jesus mais detalhadamente. Até então, Apolo era convencido apenas do valor do batismo de João e de sua mensagem identificando Jesus como o Messias. Ele evidentemente não estava informado sobre ensinamentos como a justificação pela fé em Cristo ou a obra do Espírito Santo na salvação. Como qualquer discípulo de João Batista na época, Apolo não havia tomado conhecimento da existência do grupo apostólico, assim como também provavelmente não sabia sobre os eventos finais da vida de Jesus, inclusive sua morte, ressurreição, ascensão ao céu e sobre a descida do Espírito Santo no dia de pentecostes. Nesses pontos, Áquila e Priscila, tendo vivido e trabalhado com Paulo, foram capazes de ajudar Apolo em um entendimento completo sobre a vida e o ministério de Cristo.

Logo depois das instruções de Áquila e Priscila, Apolo partiu de Éfeso para a província romana da Acaia, na Grécia, com cartas de recomendação dos cristãos de Éfeso, pedindo aos discípulos daquela província (mais precisamente de Corinto) que recebessem Apolo dando-lhes boas-vindas como um irmão na fé. Nessa época Áquila e Priscila eram o elo entre as duas igrejas (At 18.2). Na chegada, ele refutou os judeus vigorosa e publicamente, usando o seu vasto conhecimento do Antigo Testamento para provar que Jesus era o Messias.

No entanto, com base na primeira carta aos Coríntios, fica claro que havia algumas divisões internas que estavam atrapalhando a unidade da igreja daquela cidade. Uns diziam ser de Paulo, outros diziam ser de Cristo, uns diziam ser de Cefas (Pedro) – embora aparentemente Pedro nunca tivesse ido a Corinto, certamente aquela igreja conhecia a fama dele que foi um dos principais discípulos de Jesus – e ainda uma das facções que dividia a igreja em Corinto era um grupo de cristãos que diziam ser

de Apolo, embora ele mesmo não fosse diretamente responsável por isso (1Co 1.12; 3.1-4). Na verdade, aparentemente alguns cristãos de Corinto diziam que Paulo não possuía nem a presença carismática de Apolo – pois a presença física de Paulo provavelmente era discreta – nem o seu estilo eloquente. A eloquência de Apolo havia impressionado tanto aos coríntios, que Paulo chegou a enfatizar que ele mesmo não agiu dessa forma, ou seja, não pregou e nem falou “*com sublimidade de palavras ou de sabedoria*” (1Co 2.1), para que a fé dos coríntios “*não se apoiasse em sabedoria humana, mas sim no poder de Deus*” (1Co 2.5), como sendo uma justificativa da diferença do estilo dele para o de Apolo.

Paulo, porém, não demonstrou qualquer ressentimento contra Apolo. Em 1 Coríntios 4.6, Paulo condena a competição entre seguidores de Paulo, de Apolo, de Cefas e de Cristo como “*imatura*” e “*mundana*”. Embora, os coríntios se preocupassem muito sobre quem era Paulo e quem era Apolo. Paulo, ao contrário, revelou as funções distintas de cada um, destacando que um plantava e outro regava, cooperando juntamente para o crescimento da Igreja, porque apenas Deus é quem pode dar o crescimento (1Co 3.5,6). Porém, tanto Paulo como Apolo eram de uma nobreza espiritual tão grande, que nenhum dos dois reagiu ao jogo de poder dos coríntios, mas continuaram empenhados em prol do bem-estar da igreja.

Apolo parece ter se tornado consciente do problema referente às tensões na igreja de Corinto, e embora Paulo o encorajasse a visitá-los novamente, ele se recusou a ir daquela vez (1Co 16.12), pois julgou que não seria “*boa ocasião*”, embora considerasse que em outra oportunidade aceitaria.

Em Tito 3.13, Apolo – cuja educação também o qualificava para trabalhar como advogado – estava envolvido com Zenas, “*um doutor da lei*” (talvez melhor entendido como um assistente legal), em Creta. Paulo pediu a Tito que providenciasse tudo que precisassem para a jornada, isto é, as finanças necessárias. Isso indica que Apolo ainda estava engajado no ministério cristão em tempo integral e, por esse motivo necessitava de sustento (1Co 9.14). Isso, no entanto, nos mostra uma outra realidade: Apolo poderia ter assegurado para si, uma vida abastada, devido à sua educação, trabalhando como um eloquente orador ou advogado, entretanto, escolheu usar seus talentos e privilégios em favor do reino de Deus, e ao fazer isso, contribuiu grandemente para o testemunho cristão e a defesa da fé.

Ao que parece, Apolo não se sentia vocacionado para o trabalho pioneiro de plantar novas igrejas. Tudo indica que ele preferia empregar seus esforços no fortalecimento de igrejas já estabelecidas (At 18.27).

É pensamento de alguns eruditos que a epístola aos Hebreus foi escrita por Apolo. Isso é possível, considerando-se a elevada qualidade do grego – o que era sinal da elevada erudição de Alexandria – e ao alto conhecimento do Antigo Testamento que o autor da carta aos Hebreus possuía. O autor dessa carta não foi apenas alguém que conhecia o Antigo Testamento, mas foi alguém que conhecia o Antigo Testamento na visão judaica. Hoje por exemplo conhecemos o Antigo Testamento na visão cristã, enquanto que conhecê-lo na visão judaica é totalmente diferente. Esse conhecimento judaico é bem exposto nas explicações sobre o tabernáculo e a pessoa de Cristo, a expiação, o sacerdócio de Melquisedeque, etc. Martinho Lutero, por exemplo, argumentava que Apolo era o autor desta carta, no entanto, não existem evidências e provas convincentes que comprovem isso, e a autoria da carta aos Hebreus continua sendo desconhecida por todos nós.



Arão

Nome hebraico, significa "iluminado".

Arão foi conhecido como o líder ou pai dos sacerdotes hebreus. Era descendente de Levi, filho de Anrão e de sua esposa Joquebede (Êx 6.20), e foi o primeiro sumo sacerdote de Israel. Arão foi o irmão mais velho de Miriã, ele tinha três anos quando seu irmão Moisés nasceu (Êx 7.7). Arão e sua esposa Eliseba tiveram quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os dois primeiros morreram diante do altar do Senhor (Lv 10.1-2). O sacerdócio foi então transferido aos outros dois irmãos, Eleazar e Itamar, que também por vezes fracassaram em cumprir com precisão as instruções divinas (Lv 10.6-20). Depois da morte de Arão, a sucessão passou para Eleazar (Nm 20.26).

Pouco se sabe sobre sua vida até Moisés receber a incumbência de libertar o povo hebreu. Ele tinha cerca de oitenta e três anos quando foi designado por Deus para poder ajudar Moisés. Deus escolheu Moisés para liderar, mas, ao que tudo indica, Moisés possuía alguma limitação na sua fala. O fato de Moisés ser “pesado de língua” pode indicar tanto uma gagueira, uma dificuldade na pronúncia do idioma devido aos quarenta anos que ele esteve ausente do Egito ou até certa brutalidade no

falar. A primeira opção parece ser a mais indicada. Arão era uma voz para as palavras de Moisés.

Há uma tradição rabínica antiga que diz que Arão foi um líder em meio ao seu povo durante os anos de escravidão no Egito, agindo como pacificador, além de ser o porta-voz deles. Em algum momento, ele escapou do Egito ou foi enviado para fora dessa nação em alguma missão, pois quando Moisés estava falando com Deus no Monte Sinai, na sarça ardente, o Senhor lhe disse que Arão, naquele exato momento, ia ao encontro de Moisés (Êx 4.14). Essa tradição ainda diz que ele foi enviado para contar a Moisés que o faraó que procurava matá-lo já havia morrido, e ele podia voltar ao palácio. Para os egípcios, os escravos fugitivos não representavam grandes problemas. Poucos fugitivos sobreviviam ao deserto, por isso não havia tanta segurança entre os escravos.

Moisés havia saído do Egito há quarenta anos, portanto, quando ele retornou ao Egito, havia poucos hebreus e egípcios que o conheciam. Arão, um eloquente porta-voz, apresentou-o às autoridades israelitas e explicou-lhes sua missão. Moisés realizou os milagres que Deus o mostrou, transformando sua vara em serpente e fazendo com que sua mão ficasse leprosa e, a seguir, limpa de novo. Mesmo alguns apresentando alguma resistência, o povo acreditou (Êx 4.31). Depois, Arão e Moisés foram ao faraó. Eles exigiam que os hebreus tivessem permissão de ir ao deserto por três dias para adorar a Deus. O faraó se recusou a aceitar essa proposta e aumentou a carga de trabalho, dizendo sarcasticamente que o fato do povo ter tempo para fazer proposta era devido a poucas tarefas. Entretanto, após várias recusas e dez pragas, os hebreus foram, por fim, libertados.

Arão estava com Moisés quando Deus relevou como “passaria sobre” as casas dos israelitas marcados apropriadamente, poupando seus filhos na noite em que os filhos dos egípcios morreriam (Êx 12.1-28). Esse evento deu origem à festa da Páscoa, guardada pelos até os dias de hoje (Êx 13.1-16).

Durante os anos de peregrinação no deserto, Arão ficou ao lado de Moisés. Nas poucas ocasiões em que ele se opôs ao irmão, sua virtude enfraqueceu; quando o apoiava, porém, parecia um gigante de retidão, e a batalha contra os amalequitas é um exemplo disso. Moisés ficou no topo de uma montanha e observou a batalha, ao passo que Josué e os israelitas lutavam contra esse inimigo. Enquanto Moisés permanecia com as mãos erguidas Israel vencida a guerra, quando ele cansado abaixava as mãos, os amalequitas prevaleciam. Então Arão e o general Hur segu-

raram as mãos de Moisés para cima até os amalequitas serem completamente derrotados (Êx 17.8-15).

Embora sempre subordinado ao irmão, Arão parece ter sido reconhecido como um importante líder (Êx 18.12). Deus o convidou a estar com Moisés quando transmitiu a lei no monte Sinai (Êx 19.24). Depois, ele, seus dois filhos mais velhos, Nadabe e Abiú, e setenta autoridades de Israel foram ao Sinai onde “viram o Deus de Israel” (Êx 24.9-10).

Algum tempo depois, quando Moisés devia se encontrar sozinho com Deus no Sinai, ele nomeou Arão como líder interino do povo (Êx 24.13-18). Foi durante esse período de maior responsabilidade que Arão traiu sua confiança. Menos de quarenta dias depois de ter estado face a face com o Deus de Israel, Arão cedeu a pressão popular e sancionou a volta dos hebreus a idolatria. Ao construírem o bezerro de ouro o povo quebrou o primeiro, o segundo e o sétimo mandamentos (Os israelitas provavelmente haviam sido influenciados no Egito pelo culto à Ápis, um deus da fertilidade em forma de touro). A princípio Arão parecia pensar que estava fazendo algo agradável a Deus (Êx 32.5), mas as coisas fugiram do seu controle. A palavra “folgar” que se encontra no texto (Êx 32.6) é um termo que sugere atividade de área sexual, levando-nos a entender que houve ali imoralidades e orgias assim como se praticava nos cultos pagãos. Foi um grande pecado devido ao que eles já haviam experimentado do poder e da misericórdia de Deus: os juízos contra o Egito, o livramento no mar Vermelho, a provisão de comida e água e a direção de Deus, por meio da coluna de nuvem e de fogo. Aquele ato constituiu uma rebelião contra a bondade de Deus.

Quando Moisés desceu do monte e viu o que estava acontecendo, ficou furioso. Ele jogou as tábuas da lei no chão, quebrando-as e depois destruiu o ídolo. Arão com isso atraiu contra ele a ira de Deus e só não morreu porque Moisés intercedeu por ele a Deus (Dt 9.20).

Outro erro de Arão foi se juntar a Miriã em uma rebelião contra Moisés. Eles estavam contestando a liderança de Moisés. Exigindo que desempenhassem um papel igual a ele na liderança do povo. Moisés, Arão e Miriã formavam uma equipe enviada por Deus para ajudar a nação de Israel (Mq 6.4). Deus havia usado Miriã para salvar a vida de seu irmão mais novo (Êx 2.1-10), e além de ser uma profetisa, ela dirigira as mulheres de Israel no louvor a Deus (Êx 15.20-21). Arão era o irmão mais velho da família (Êx 7.7), nomeado por Deus não apenas para ajudar Moisés diante de faraó, mas também para servir como sumo sacerdote. Todos em

Israel sabiam que Moisés, Arão e Miriã eram os servos escolhidos de Deus, mas que Moisés era o líder.

Deus ouviu as palavras deles, viu as motivações maldosas em seus corações e agiu rapidamente para que o pecado deles não se espalhasse no meio do povo. Pois quando líderes pecam, as consequências podem ser desastrosas.

Deus deixou claro que Moisés era mais do que um profeta, pois o Senhor se comunicava com ele pessoalmente e até revelou-lhe a sua glória (Êx 19.16-19; 24.17-18; 34. 5-11). Tanto Miriã quanto Arão tinham seus respectivos ministérios, mas Deus havia escolhido Moisés para liderar Israel, e ninguém poderia tomar o seu lugar. Foi o Senhor quem deu a Moisés sua posição de autoridade. E foi um erro Miriã desafiar o seu irmão. Como forma de julgamento, Deus deixou Miriã leprosa.

Arão e Miriã pediram perdão, Moisés intercedeu por eles e Miriã finalmente ficou curada. Porém, apesar de Miriã ter sido curada, teve que ficar fora do acampamento durante sete dias (Lv 13. 1-6; 14. 1-8; 15. 8), pois havia sido contaminada. Isso lhe causou grande vergonha, pois todo o acampamento ficou sabendo do que havia acontecido. Significou, também, um atraso para o povo, pois tiveram que esperar pela restauração de Miriã antes que pudessem seguir viagem. O pecado de rebeldia sempre será motivo de atraso no progresso do povo de Deus.

Deus não deixou Arão leproso como fez com Miriã, porque segundo a lei um leproso não poderia ser sacerdote. No entanto, o maior símbolo da autoridade do seu ministério, que era a vara que havia florescido, foi tirado dele por Deus, quando foi posto dentro da arca da aliança.

Infelizmente Arão era facilmente manipulado. Vemos isso tanto no episódio em que o povo o influenciou na construção do bezerro de ouro, quanto na rebelião de Miriã contra Moisés, onde foi persuadido a assumir uma posição firme no lugar errado. Em toda sua vida Deus falou diretamente com Arão apenas duas vezes (Êx 4.27; 18. 1-20).

Um episódio único aconteceu na vida de Arão envolvendo os seus filhos: Nadabe e Abiú (Lv 10). Nadabe e Abiú ofereceram fogo estranho a Deus e Deus os matou. Tudo o que esses dois homens fizeram naquele dia foi errado. Para começar eram as pessoas erradas para manusear o incenso e apresentá-lo ao Senhor. Essa era uma tarefa do pai deles, o sumo sacerdote (Êx 30. 7-10). Também usaram os instrumentos errados, seus incensários, em vez do incensário do sumo sacerdote, que era santificado com o óleo especial da unção (Êx 40.9). Agiram na hora errada, pois era somente no Dia da Expição que o sumo sacerdote tinha

permissão para levar incenso para dentro do Santo dos Santos e, mesmo assim somente uma pessoa podia entrar no Santo dos Santos, nunca duas pessoas. Além disso, precisava submeter-se a um ritual específico (Lv 16). Como o acesso ao altar principal (de onde o fogo para as ofertas de incenso devia ser tirado) era difícil, por causa do fogo que queimava, eles resolveram (sem autorização) trazer fogo de outro lugar (fogo profano e “estranho” para as narinas de Deus que recebe o sacrifício). A Bíblia ainda diz que eles estavam sobre o efeito do álcool (Lv 10.9-10).

O que mais nos impressiona é que Nadabe e Abiú não eram de fora, eram de dentro do ambiente sacerdotal e conheciam as exigências de Deus para o sacerdócio. Eram sacerdotes que viram Deus no monte Sinai (Êx 24. 1-11). Seu pai era o sumo sacerdote, e eles foram treinados para servir ao Senhor. No entanto, foram mortos por sua desobediência a lei de Deus.

Após um incidente final em Meribá, onde os israelitas quase se revoltaram novamente, Deus falou que Moisés e Arão haviam falhado na obediência a Ele e lhes negou a entrada na terra prometida (Nm 20.1-12). Finalmente, depois de quarenta anos de peregrinação no deserto, Arão acompanhado de seu filho Eleazar e Moisés subiram ao topo do monte Hor, na fronteira com a terra prometida. Ali, Moisés retirou as vestes sacerdotais de Arão e colocou sobre Eleazar (filho de Arão) e ali Arão morreu na idade de cento e vinte e três anos (Nm 33. 38-39). Foi homenageado com um luto que durou trinta dias.

No entanto, a morte de Arão não interrompeu o ministério sacerdotal, pois sua linhagem permaneceu no sacerdócio através de Eleazar. Como John Wesley costumava dizer: “Deus enterra seus obreiros, mas continua a sua obra”. O maior privilégio de Arão foi ver que seu ministério, com todas as falhas que teve, continuou através do seu filho. Na vida de um líder, sucesso só será sucesso, quando o seu sucessor também fizer sucesso. Lembrando é claro que o conceito de sucesso bíblico não é fundamentado em fama, mas sim, em êxito na missão que se desenvolve.

O sacerdócio de Arão durou mais de quatorze séculos através dos seus descendentes. Apenas os descendentes de Levi podiam ser sacerdotes, e os da tribo de Levi e da casa de Arão eram os mais importantes. Os sacerdotes da linhagem de Arão serviram ao judaísmo em vários santuários sagrados e no templo de Jerusalém até os romanos determinarem o fim da adoração sacrificial dos judeus com a destruição do templo pelo general romano Tito Flávio Vespasiano em 70 d.C.

A Bíblia, como um todo fala gentilmente de Arão. Nos Salmos ele é chamado de pastor (Sl 77.20), sacerdote (Sl 99.6), escolhido (Sl 105.26), santo (Sl 106.16), ungido (Sl 133.2) e Arão também é reconhecido como sendo o sumo sacerdote nomeado por Deus que ajudou a preparar o povo para o sumo sacerdócio maior, que foi o de Cristo (Hb 5.4).



Asafe

Nome hebraico, significa “Deus foi benevolente para mim”.

Asafe era um dos três músicos principais no tabernáculo de Davi, ao lado de Hemã e Etã. Ele era um levita, filho de Berequias, portanto, da linhagem dos sacerdotes hereditários, embora não se saiba se ele, de fato era sacerdote. Sua genealogia é derivada do clã levítico de Gerson (1Cr 6.24-28).

Os descendentes de Asafe, por centenas de anos, preservaram o ofício de músicos diante do Senhor, sendo chamado de os “filhos de Asafe”, termo que se tornou quase o equivalente a cantor ou músico (Ed 2.41; 3.10; Ne 7.44; 11. 16,22; 12.35-36). Asafe é mencionado na Bíblia pela autoria do salmo 50 e dos salmos 73 a 83 – 12 salmos ao todo.

De todos os seus salmos, talvez o mais conhecido seja o salmo 73. Nesse salmo Asafe abre o seu coração para Deus sobre a aparente vantagem dos ímpios. Ele é confrontado sobre a dificuldade que o justo enfrenta para alcançar patamares em sua vida, enquanto que para o ímpio aparentemente as coisas se tornam mais fáceis devido ao sistema corrupto do mundo. Nesse salmo ele é tentado a ceder devido à prosperidade dos ímpios e o preço da fidelidade dos justos. Ele confessa que seus pés quase “escorregaram”, pois a “tentação” da facilidade do ímpio estava balançando as colunas do seu coração. Porém, essa inquietação foi resolvida quando ele “entrou no santuário de Deus”. Isso o fez avistar o fim dos ímpios. Embora o ímpio aparentemente conseguisse tudo mais rápido, na mesma velocidade parecia, enquanto que o justo aparentemente esperava um pouco mais, porém tudo em sua vida permanecia por muito tempo. Asafe conclui esse belo salmo dizendo que “bom é estar junto de Deus”.

Quando Davi construiu o tabernáculo e trouxe a arca da aliança para Jerusalém, foi acompanhado pelos músicos de Asafe, Hemã e Etã. Eles cantavam e tocavam címbalos enquanto a arca da aliança entrava na cidade, e desse momento em diante, Asafe tornou-se o chefe dos músicos, cantando e tocando a harpa e os címbalos em cerimônias formais no tabernáculo. Davi nomeou Asafe para servir “fazendo petições, dando graças e louvando ao Senhor, o Deus de Israel” (1Cr 16.4-5).

Ele liderou os louvores, juntamente com outros levitas, quando o templo foi consagrado pelo rei Salomão (2Cr 5.12). Sua influência musical estendeu-se muito além do serviço do templo. Isso nos faz refletir que o verdadeiro ministério não é influente apenas nos “serviços no templo”, que representam o nosso “ser religioso”, mas alcança e influencia os demais segmentos da nossa vida, inclusive o social e o moral, através do nosso “ser espiritual”.

Esses salmos figuraram entre os cânticos durante o avivamento nos tempos do rei Ezequias (2Cr 29.30). A música de Asafe foi considerada uma música para o momento profético (1Cr 25.1-2). A corporação dos “filhos de Asafe” era responsável pela música do templo depois do exílio (Ed 3.10). Jaaziel, um músico do templo e “*levita e descendente de Asafe*” (2Cr 20.14), utilizou a canção profética para inspirar Judá a derrotar os edomitas.

Asafe encabeçou uma escola de música, onde é dito que seus filhos na música eram 148 (Ne 7.44). Os filhos não parecem ter sido muito proeminentes antes do exílio. Cerca de 128 membros de sua família voltaram da Babilônia (Ed 2.41) e serviram no templo de Zorobabel (Ed 3.10). Os filhos de Asafe de tempos posteriores formaram uma associação e foram proeminentes nos reavivamentos da fé da nação. Eles compartilharam o ministério de música com os filhos de Coré no período posterior da história do Antigo Testamento.



Balaão

Nome hebraico, significa "Devorador".

Balaão foi um estranho “profeta” do Antigo Testamento. O termo usado para Balaão é *hakkisim* (adivinho) e não *navi* (profeta). É uma das figuras mais curiosas de toda a Bíblia, e aparentemente era um famoso vidente, haja vista Balaque ter feito sua comitiva viajar aproximadamente 750 quilômetros das terras de Moabe até a região de Petor para chamar Balaão. Ele não era israelita, mas conhecia e se comunicava com o Senhor. Era filho de Beor e residia numa cidade chamada Petor, próximo ao rio Eufrates na Mesopotâmia. Acredita-se que a cidade de Petor é a atual Tell Ahmar, perto de Carquemis, sendo assim, a cidade de Balaão era perto de Harã, que fora uma vez a cidade de Abraão. Isso pode sugerir a possível fonte do conhecimento que Balaão tinha de Deus. Ou ainda, Balaão pode ter aprendido sobre o Senhor Jeová com os midianitas ou queneus (o povo que ensinou a Moisés sobre Jeová).

Quando os israelitas derrotaram os reis amorreus Seom e Ogue e, assim, adquiriram toda terra de Arnom até o monte Hermom, estabeleceram-se nas planícies de Moabe, preparando-se para a invasão e conquista de Canaã. Embora já tivessem passado por Moabe em paz, a visão deste exército vitorioso em suas fronteiras alarmou Balaque, rei de Moabe. Após consultar seus aliados midianitas, Balaque enviou uma embaixada a Petor – cidade de Balaão – para convidar o renomado profeta para ajudá-los. A embaixada de Balaque ofereceu recompensas de riquezas, honra e poder se Balaão viesse para amaldiçoar Israel. Mas Deus falou com Balaão: “*Não irás com eles, nem amaldiçoarás a este povo, porquanto bendito é*” (Nm 22.12).

Balaque então enviou uma outra comitiva oferecendo mais riquezas a Balaão para que este aceitasse a proposta. Balaão revelou uma cobiça interior por riqueza e posição ao retornar ao Senhor e perguntar se deveria ir, e tomado por ganância sucumbiu a esta proposta. Num sonho, Deus liberou Balaão para ir e dizer somente aquilo que lhe fosse ordenado pelo Senhor. Deus, ao permitir a ida de Balaão, estava criando uma situação para sentenciar Balaque e Moabe.

Na manhã seguinte, Balaão montou sua jumenta e partiu. Deus ficou furioso por pela sua atitude. Essa ira de Deus sobre Balaão confunde exegetas há milênios. A interpretação mais correta é que Deus conhecia a motivação de Balaão e, embora ele fosse obediente a Deus, sua intenção era aceitar o considerável pagamento dos moabitas para amaldiçoar Israel. Embora

Balaão tenha feito somente o que o Senhor lhe mandara, ele se tornou um excelente exemplo de alguém que faz a coisa certa pela razão errada.

Na viagem, Deus enviou um anjo empunhando uma espada para bloquear o caminho. A jumenta enxergou o anjo, mas Balaão, cuja mente estava voltada para a riqueza que lhe fora oferecida, não o viu. A jumenta temerosa ao ver o anjo saiu da estrada, entrando em um campo. Balaão bateu na jumenta até ela voltar para a estrada. O anjo ficou em uma passagem estreita entre duas vinhas protegidas por um muro. A jumenta apertou o pé de Balaão contra o muro para evitar o anjo, e Balaão bateu nela novamente. A seguir, o anjo ficou bem no meio do caminho e a jumenta, por fim, deitou-se no chão em baixo de Balaão, e este continuou a bater nela. Por fim milagrosamente, Deus deu voz à jumenta e ela lhe falou: “Que te fiz eu, para que me espancaste três vezes? Porventura não sou a tua jumenta, que foste fiel em cavalgar toda a tua vida contigo até hoje? Tenho o costume de agir assim contigo?” (Nm 22.28-30). Então os olhos de Balaão foram abertos, ele viu o anjo, e tornou-se consciente da oposição do Senhor contra ele. Em temor, ofereceu-se para retornar a sua casa, mas recebeu ordens para continuar até Moabe onde falaria “somente a palavra que o Senhor lhe falasse” (Nm 22.35). A ocorrência da fala da jumenta foi registrada não só para demonstrar que Deus pode fazer um animal falar, mas sim para mostrar que ele pode usar qualquer circunstância para transmitir sua mensagem.

Quando Balaão chegou a Moabe, Balaque o recebeu com grande expectativa e o guiou até um santuário de Baal no alto de uma montanha, de onde podia ver uma parte do acampamento de Israel. Balaão ergueu sete altares, e depois dos sacrifícios apropriados, abriu sua boca para amaldiçoar, mas as palavras que saíram foram palavras de bênção sobre Israel. Balaque desapontando pela tentativa sem êxito levou Balaão a observar outra parte do acampamento israelita de cima do monte Pisga. Mais uma vez Balaão sacrificou, no entanto, novamente o povo israelita foi abençoado. Balaque então o conduziu ao cume do monte Peor, na cordilheira do monte Nebo, mas ali outra vez se repetiram as bênçãos sobre Israel. Balaque se irou com Balaão, e ele despejou uma profecia contra Balaque acerca de uma estrela de Jacó que haveria de nascer, para ferir os capitães de Moabe e destruir todos os filhos de Sete – ou seja, além de Balaão não profetizar a destruição de Israel, terminou profetizando a destruição de Moabe. Então, Balaque totalmente furioso e frustrado, ordenou que o infeliz Balaão fosse embora sem recompensa alguma.

No entanto, ainda determinado a ganhar a recompensa prometida, Balaão elaborou um plano pelo qual o próprio Deus destruiria Israel. Balaão

voltou e disse a Balaque, para que o rei liberasse as mulheres moabitas para se misturar e seduzir os homens israelitas e forçarem relações sexuais com eles, para desviá-los de Deus e levá-los a adoração degradante a Baal. Isso iria atrair a ira de Deus sobre os israelitas e Deus iria destruí-los. Como Balaão não conseguiu amaldiçoar o povo, ele tentou corrompê-los e colocar o próprio Deus contra eles. O plano foi altamente bem-sucedido (Nm 25), mas os resultados não foram os que Balaão havia planejado. O juízo de Deus veio rapidamente sobre o povo, e os que haviam se envolvido em relações com as moabitas foram rapidamente eliminados da congregação. Então Deus ordenou a Moisés que impusesse a derrota a Moabe por seu ataque maldoso (Nm 25.16-18). Nessa batalha, o profeta Balaão foi morto – sem ter recebido recompensa alguma de Balaque – sofrendo a derrota juntamente com aqueles que haviam buscado a sua ajuda (Nm 31.8). Todavia, Israel também recebeu o devido castigo, por ter-se deixado corromper (Nm 31.16).

O Novo Testamento adverte contra “pessoas que buscando lucro, caíram no erro de Balaão” (Jd 11), e sobre pessoas que amando o salário da injustiça seguiram pelo “*caminho de Balaão*” (2Pe 2.15). Essa descrição de Pedro refere-se a pessoas que comercializam o dom profético, e se corrompem por dinheiro ou outras vantagens materiais exageradas, adquiridas em nome da religião; Pessoas que possuem o talento profético, mas usam os dons de Deus a fim de alcançar seus objetivos pessoais. Balaão se tornou um tipo de todos aqueles que conhecendo a Deus, ainda voltam suas costas para Ele para se agarrarem às coisas temporais dessa vida. Apocalipse 2.14 fala da maligna “doutrina de Balaão”, que é o ensino que leva o povo de Deus a se envolver nos pecados da carne como se Deus não estivesse atento a isso. O termo usado no grego nesse texto do Apocalipse é *skandalon* (armadilha), ou qualquer coisa que leva alguém a “tropeçar” e “cair”. E assim, o juízo mais rigoroso está reservado para os que conscientemente induzem outros ao erro.



Barnabé

Nome hebraico, significa “Filho da consolação”.

Barnabé foi um levita de Chipre, e por ser isso talvez tenha servido no templo. Seu nome judeu era José, mas os apóstolos chamaram seu nome de Barnabé, que significa “filho da consolação”, para sugerir

uma virtude do seu caráter (At 4.36). Aparentemente esse nome enfatiza sua habilidade de consolar e animar as pessoas, e não sua proeminência na exortação ou ensino. Barnabé é citado 29 vezes no livro dos Atos dos Apóstolos e 5 vezes nas cartas paulinas. Foi um membro notável da Igreja Primitiva em Jerusalém e um ativo missionário entre os gentios.

Como cipriota (morador de Chipre), ele era judeu helenista (judeu de fala grega), portanto tinha muito em comum com Paulo, um nativo da cidade helenista de Tarso. Isso também o tornou uma pessoa ideal para se comunicar com judeus e gentios, pois ele compreendia as duas culturas. Parece que ele era um dos muitos judeus helenistas que, como Paulo que era de Tarso, voltara para Jerusalém para ali morar. A possibilidade de ter conhecido Saulo em Tarso, como mero estudante, é apenas especulação.

Na primeira aparição de Barnabé na Bíblia ele estava em Jerusalém, e foi citado como um maravilhoso exemplo de generosidade (At 4.32-37). Ele vendeu uma propriedade e trouxe o dinheiro da venda aos apóstolos para que as necessidades dos membros mais pobres da igreja fossem supridas. Os levitas não poderiam possuir terras, de modo que é difícil entender como Barnabé adquiriu a propriedade que vendeu. Talvez essa lei específica (Nm 18.20; Dt 10.9) se aplicasse somente à Palestina e sua propriedade estivesse em Chipre. No entanto, de uma coisa sabemos: a generosidade era um princípio do seu caráter.

Barnabé foi enviado para auxiliar a igreja de Antioquia. Lucas deixa bem claro que Barnabé era o líder da igreja naquela cidade. Após algum tempo, ele sentiu necessidade de ter um colega para ajudá-lo na supervisão daquela obra crescente, e trouxe Paulo de Tarso para Antioquia para ajudá-lo ali. Em Atos 9.27, Barnabé ajuda a Paulo, quando este retornou a Jerusalém, recomendando-o aos apóstolos e afirmando que Paulo era um cristão genuíno. Isso é devido ao fato de que durante um bom tempo (nos primeiros anos de conversão de Paulo), Barnabé era bem mais considerado em Jerusalém do que Paulo. A prova disso é a ordem em que seus nomes são citados em Atos 11.30, intencionalmente refletindo a ordem da hierarquia da liderança naquela altura.

Em um período de grande fome, durante o governo do imperador Cláudio (fome que havia sido profetizada por um profeta chamado Ágabo – At 11.28), a igreja em Antioquia enviou uma oferta para ajudar os irmãos na Judeia (em Jerusalém), cuja tarefa foi confiada a Barnabé e a Paulo (At 11.29-30).

Barnabé e Paulo trabalharam na igreja de Antioquia por um ano. Após isso, deixaram aquela igreja para assumir um ministério ainda



mais extensivo. Barnabé e Paulo haviam sido escolhidos por Deus para realizarem a primeira viagem missionária (At 13.1-3). Conscientes da direção do Espírito, eles pregaram por toda a ilha de Chipre, onde o pro-cônsul Sérgio Paulo creu no evangelho (At 13.7-12). Depois, navegaram adiante e chegaram a Perge, na Panfília (atual Turquia), nesse lugar um dos componentes da viagem chamado João Marcos (primo de Barnabé) os abandonou em plena missão e voltou para Jerusalém (At 13.13).

Daí em diante, parece que Paulo assumiu a liderança, pois Lucas refere-se a *“Paulo e seus companheiros”* (At 13.13). Lucas claramente destaca o recuo de Barnabé para o segundo plano, usando a ordem *“Paulo e Barnabé”* (Lc 13.43,46-50) no restante da viagem, com uma notável exceção: quando um paralítico foi curado em Listra, os habitantes da cidade, empolgados, consideraram os dois como divindades em visita a terra. À Barnabé chamaram Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque este era o principal portador da palavra. Barnabé dentro de uma visão mitológica foi considerado o deus principal, enquanto Paulo, como seu subordinado, falava e trabalhava para ele. Aparentemente, a igreja em Antioquia parece também ter aceitado a liderança de Paulo, de acordo com a ordem usada por Lucas ao mencioná-los novamente naquela cidade (Paulo e Barnabé – At 15.2,35). Em Jerusalém, no entanto, Barnabé claramente era tido em mais alta estima (Barnabé e Paulo – At 15.12).

A dupla seguiu sua viagem missionária adiante e pregou em Antioquia da Psídia, Listra, Icônio e Derbe, diante tanto da oposição como do interesse da multidão (At 13.42-51; 14.1-7,19-21). E indicaram homens aptos a prover futura liderança para cada igreja (At 14.23). Na viagem de volta fizeram o mesmo itinerário e, ao chegar a Antioquia da Síria, prestaram o relatório sobre a missão realizada (At 14.21-28).

Aparentemente, em duas ocasiões Barnabé e Saulo visitaram Jerusalém como representantes da igreja de Antioquia. Na primeira, eles trouxeram uma oferta para a igreja no período da grande escassez (At 11.30), conforme citado acima. Foi provavelmente durante essa visita que tiveram algumas reuniões com os líderes da igreja em Jerusalém, e nesse período o apostolado deles para com os gentios fora reconhecido (Gl 2.1-10). Na segunda, eles participaram do concílio (At 15) para discutirem e decidirem com os líderes de Jerusalém os termos sob os quais os gentios convertidos seriam admitidos à comunhão da igreja. A grande pauta da discussão era se os gentios tinham de ser circuncidados para serem cristãos. Os judeus diziam que sim. Paulo dizia que não, e argumentava pelo seu vasto conhecimento acerca tanto do judaísmo quanto

da cultura greco-romana que a circuncisão não era necessária para professar a fé cristã, ao contrário de como era para professar a fé judaica.

Após o Concílio de Jerusalém, Barnabé e Paulo retornaram para Antioquia, mas logo se apartaram. Essa separação ocorreu por causa da possibilidade da ida de João Marcos na segunda viagem missionária. Na primeira viagem, ele os havia abandonado em Perge. Paulo não era a favor que o levassem novamente, ao contrário de Barnabé.

Paulo e Barnabé concordavam sobre a importância da viagem, mas discordavam sobre a formação da “equipe”. Não causa surpresa Barnabé defender João Marcos, pois os dois eram primos (Cl 4.10), e os laços de família deviam ser fortes. Mas, além disso, Barnabé era o tipo de pessoa que procurava ajudar ao próximo de todas as maneiras. Estava disposto a dar a João Marcos uma nova oportunidade de servir ao Senhor e de encontrar sua importância no ministério. Assim, Barnabé insistiu que levassem João Marcos consigo na viagem.

Paulo, no entanto, mostrou-se irredutível em sua posição. O resultado foi que os dois missionários e amigos dividiram o território e apartaram-se. Barnabé foi para Chipre, sua terra natal, levando consigo João Marcos. Paulo chamou Silas e ambos se dirigiram à Síria e Cílicia (At 15.23), iniciando então a segunda viagem missionária.

A partir desse momento nunca mais foi contada a história de Barnabé no livro dos Atos dos Apóstolos. Quem estava errado? Talvez ambos estavam certos em alguns aspectos e errados em outros. Se Barnabé errou por ser insistente, Paulo errou por sua severidade. No entanto, Barnabé rompeu com algo que Deus havia formado que era a união dele com Paulo para a obra missionária (At 13.2). O compromisso de Deus em Atos 13 não foi com João Marcos, mas sim com Barnabé e Paulo. Barnabé permitiu que preferências e favorecimentos humanos o tirassem da rota de Deus para sua vida. A história de Paulo continuou a ser contada no livro dos Atos, e a de Barnabé passou a ser esquecida.

Paulo, porém, sempre se referia a Barnabé com afeição e estima, como um companheiro missionário para os gentios (1Co 9.6). No entanto, o ministério paciente de Barnabé com João Marcos teve resultado, pois anos depois o próprio Paulo reconheceu a importância que João Marcos possuía no ministério (2Tm 4.11). Podemos concluir que Barnabé fez por João Marcos o mesmo que havia feito, anteriormente, pelo próprio apóstolo Paulo. A diferença é que, talvez, naquele momento, Paulo não foi sensível a isso.

Nada se sabe sobre o fim da vida de Barnabé. Os livros apócrifos *Epístola de Barnabé* e *Atos de Barnabé* não foram escritos por ele. O primeiro foi escrito somente no século 2 e o segundo é datado no século 5 d.C. Tertuliano, teólogo de Cartago, credita a ele a autoria da carta aos Hebreus, embora essa afirmativa não passe de especulação. Há evidências internas contestam isso. É ponto pacífico que ele ainda estava vivo em 56-57 d.C., quando Paulo escreveu sua primeira carta aos coríntios (1Co 9.5-6). Em 61-63, entretanto, quando Paulo estava na prisão em Roma, ele chamou João Marcos para servi-lo, indicando que provavelmente Barnabé já estava morto nessa ocasião. Não há nenhum registro bíblico sobre sua morte, mas a tradição afirma que ele foi apedrejado em 61 d.C., em Salamina, que ficava em Chipre – sua terra natal - na Grécia.



Barrabás

Nome hebraico, significa “Filho do pai”.

Barrabás foi o criminoso de quem Jesus tomou o lugar ao ser condenado à crucificação. Mateus diz que ele era um “prisioneiro muito conhecido”, mas não menciona qual foi o seu crime (Mt 27.16). Marcos e Lucas o identificam como um rebelde que havia cometido um assassinato durante uma revolta (Mc 15.7; Lc 23.19). João diz que ele era um bandido (Jo 18.40). Segundo a história, um pouco antes do julgamento de Jesus houve uma rebelião e um tumulto em que vários soldados romanos foram mortos em um aqueduto em Jerusalém. Barrabás, certamente estava envolvido nessa rebelião, e como o povo da cidade o conhecia muito bem, ele provavelmente deveria ter sido o líder dos rebeldes.

Barrabás era provavelmente um líder sicário, uma facção do grupo revolucionário dos zelotes, que, por sua vez, eram um grupo de revoltosos contra o domínio romano sobre Israel, constantemente conspirando contra o império por meio de atos violentos. Muitos judeus consideravam Barrabás um herói, não um criminoso. Por isso, não foi difícil encontrar vozes para clamar por sua libertação.

Pôncio Pilatos, governador romano em Jerusalém, ofereceu à multidão a opção entre Jesus e Barrabás, na expectativa de Jesus ser liberto, pois seus atos não eram considerados tão graves. Para Pilatos era me-

lhor soltar Jesus e condenar Barrabás, pois Jesus, pelo conteúdo dos seus ensinamentos, não representava grave ameaça política contra o império romano. Jesus já havia deixado claro que o reino Dele não era dessa terra, mas um reino espiritual. Apesar disso, Pilatos também tinha interesse em agradar aos líderes judeus, a fim de proteger sua posição política. Foi diante desse dilema que ele ofereceu à multidão a opção de um dos prisioneiros ser devolvido aos judeus durante a festa da Páscoa (Jo 18.39).

Marcos revela que, na Judeia, era costume soltar um prisioneiro na Páscoa. Não foi, portanto, uma inovação de Pilatos naquele dia. Os outros evangelhos nada relatam sobre esse costume, mas o explicam com certa naturalidade. Não há registro em fontes extra bíblicas sobre a existência desse costume na Judeia, mas essas convenções sociais eram consideradas comuns em outras províncias romanas. Portanto, é aceitável assumir que essa tradição também era respeitada na Judeia.

Alguns estudiosos acreditam que os dois criminosos crucificados com Jesus eram cúmplices de Barrabás, por isso Pilatos preparara três cruzes. É provável que os dois também fossem saqueadores capturados na revolta do aqueduto.

Há uma tradição que sugere que seu nome era Jesus Barrabás (Mt 27.16, na versão NTLH, em português). Essa tradição era conhecida de Orígenes (aproximadamente em 200 d.C.), mas não é encontrada nos melhores e mais antigos textos. Alguns pensam que esta denominação provavelmente tenha se originado do erro de algum escriba, devido à proximidade do nome de Jesus em Mateus 27.17.

Não há registro do que aconteceu com Barrabás após sua libertação. Houve muitas rebeliões em Jerusalém nos anos seguintes, e é provável que ele tenha sido morto em uma delas, ou talvez foi preso e executado pelo poder romano em oportunidade posterior.

O detalhe mais interessante da vida de Barrabás, porém, é o fato de que, na condenação e morte de Cristo, ele se tornou um tipo da humanidade. Jesus foi condenado e crucificado para que Barrabás fosse livre, tornando-o um símbolo de todos os pecadores que são libertos através do sacrifício do Senhor Jesus Cristo por nós.



Bartimeu

Nome hebraico, significa “Filho de Timeu”.

Infelizmente, pouco se sabe sobre Bartimeu. Ele era um cego que mendigava à porta de Jericó. A história de sua cura é relatada por Marcos (Mc 10.46-52) e Lucas (Lc 18.35-43), e as características desses relatos são semelhantes ao de Mateus, em que ele fala sobre a cura de dois cegos (Mt 20.29-34).

Bartimeu percebendo que Jesus passava pelo caminho onde ele esmolava, começou a chamá-lo pedindo ajuda. Algumas pessoas pediam para que ele se calasse e não importunasse o mestre, mas ele persistiu chamando até que Jesus, ao ouvi-lo, parou e ordenou que o trouxessem. Ao informar ao Senhor o desejo por sua cura, Bartimeu foi curado, podendo assim voltar a ver.

Seu nome é o que chamamos de “patrônimo”, um nome que o identifica como filho de alguém. O nome Bartimeu significa “filho de Timeu”. Segundo uma tradição antiga, Timeu foi um general aposentado do exército de Israel, que havia servido em Belém. Na época que os romanos dominaram a Palestina, Timeu teve sua aposentadoria cortada e seus bens confiscados. Isso o deixou revoltado contra o domínio romano na Palestina. Essa era uma das estratégias dos romanos quando dominavam um território, para que, através disso, fosse enfraquecida toda a resistência dos exércitos inimigos. Unindo-se a alguns companheiros militares que também haviam sido prejudicados, começaram a organizar uma revolta contra os romanos. A fim de impedir que isso fosse possível, os romanos mataram a Timeu e sua família.

Timeu foi crucificado (método de execução dos romanos) e pouparam-lhe apenas um filho que ainda era menino, que ficou conhecido como “Bartimeu”. Arrancaram os seus dois olhos, evitando assim que ele crescesse e vingasse a morte do pai, e deram-lhe uma capa romana (Mc 10.50). Essa capa também servia como uma “autorização” romana para pedir esmolas. Bartimeu a usava aberta de dia para que as pessoas lhe dessem esmolas, e a noite a usava como um agasalho para dormir. Aquela capa tinha um significado muito importante para ele, representava “provisão” durante o dia, e “proteção” durante a noite. Quando Jesus o chamou, a primeira coisa que Bartimeu fez foi jogar a capa fora. Com isso, ele estava declarando que a partir daquele momento sua provisão e proteção viriam do Senhor.

A comprovação que um dia ele enxergou perfeitamente está no fato de o texto afirmar que ele “*imediatamente recuperou a visão*” (Mt 20.34; Mc 10.52). Só pode ser recuperado algo que um dia se teve e foi perdido.

Outra coisa que podemos observar em Bartimeu foi a sua sensibilidade em perceber que ele estava diante de uma oportunidade única. Essa foi a última ida de Jesus a Jericó antes da entrada triunfal em Jerusalém. Em seguida aconteceria a prisão, morte e ressurreição de Jesus, e o mestre não voltaria mais a passar por aquele caminho onde Bartimeu mendigava. Sua perseverança em clamar pelo mestre foi válida. Aquela era a única oportunidade que Bartimeu tinha de ter um encontro transformador com Jesus.

O apelo de Bartimeu para que o “filho de Davi” tivesse misericórdia dele é muito significativo. Era um duplo reconhecimento de Jesus, como integrante da linhagem real de Davi e como o Messias sobre Israel.



Bartolomeu

Nome hebraico, significa “Filho de Talmái”.

Bartolomeu foi um dos doze discípulos de Jesus. Seu nome, como o de Bartimeu, é o “patrônimo”, nome que identifica seu portador com o nome de seu pai. Provavelmente, outro nome de Bartolomeu era Natanael. O nome Bartolomeu, embora pertencente a um dos doze, não é mencionado no evangelho escrito por João, enquanto o nome Natanael, aparece no evangelho de João, mas não aparece nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Nas listas apostólicas de Mateus (10.2-4) e Lucas (6.14-16), Bartolomeu é citado ao lado de Filipe e, no evangelho escrito por Marcos (3.16-19), próximo deste. Por sua vez, João, mesmo sem apresentar uma lista completa dos apóstolos, descreve Natanael como um velho amigo de Filipe, discípulo que o apresentara a Cristo (Jo 1.45-46), dando a entender com isso que Bartolomeu e Natanael eram a mesma pessoa. Bartolomeu também aparece na lista dos doze de Atos (At 1.13). E em todas as listas dos discípulos ele sempre aparece no segundo grupo de quatro discípulos.

Nada havia de incomum no fato de um apóstolo possuir dois nomes. Simão era também chamado Pedro, Levi era conhecido como Ma-

teus, e outro discípulo ainda era chamado de três nomes diferentes: Le-beu, Tadeu e Judas (este Judas não é o Iscariotes).

Bartolomeu era natural de Caná da Galileia (Jo 21.2). Ele é citado por alguns escritores primitivos como um judeu descendente da casa de Naftali.

Além de o nome Natanael aparecer apenas no evangelho escrito por João, ocorre apenas por duas vezes: primeira, no primeiro capítulo (Jo 1.45-51), em que se vê sua vocação, e segunda, no último capítulo (Jo 21.2).

Se o primeiro capítulo de João torna provável o discipulado de Natanael, o último faz disso um fato acima de qualquer dúvida. Ali, acompanhando Pedro, Tiago, João e Tomé, Natanael é citado por João como um dos discípulos (Jo 21.2), ao lado dos quais testemunharam as gloriosas aparições do Cristo ressuscitado.

A Bíblia não diz nada sobre Bartolomeu além de enumerá-lo como um dos doze e de identificá-lo como um dos que estavam no cenáculo quando Jesus apareceu a eles depois da ressurreição (At 1.13). Provavelmente também estava no cenáculo na descida do Espírito Santo no dia de pentecostes.

O historiador Eusébio de Cesareia (século IV) tinha conhecimento de uma tradição antiga que dizia que Pantenus, o primeiro líder da escola catequética de Alexandria (180 d.C.), foi à Índia e lá encontrou cristãos que conheciam o evangelho de Mateus em hebraico. De acordo com Eusébio, Bartolomeu havia pregado na Índia e deixou lá uma cópia do evangelho de Mateus com eles. Em outras tradições, Bartolomeu foi companheiro missionário também de Filipe e Tomé. E ainda há uma tradição cristã antiga que diz que ele foi missionário em toda a Ásia Menor e morreu como mártir em Albana, na Armênia.



Benjamim

Nome hebraico, significa "Filho da minha mão direita".

Benjamim foi o filho mais novo de Jacó, e o único entre os treze filhos do patriarca que nasceu na Palestina. Ele nasceu em algum lugar quando estavam indo para Hebrom, entre Betel e Belém, em aproximadamente 1900 a.C. Era filho de Jacó com a esposa que ele amava, Raquel.

Infelizmente, Raquel morreu ao dar à luz a Benjamim. E antes de morrer ela o chamou de *Benoni*, que significa “filho da minha dor”. Jacó, temendo as consequências de tal nome, chamou-o Benjamim, que significa “filho da minha mão direita”, ou até, “filho do sul”, isto é, alguém nascido no sul, embora o primeiro significado seja o mais aceito (Gn 35.16-18). O códice samaritano, aponta o nome Benjamim como “o filho de dias”, ou seja, “*o filho da minha velhice*” (Gn 44.20). No entanto, se o nome realmente significa “filho da minha mão direita”, então a ideia era que Benjamim seria o apoio e amparo de Jacó em sua velhice.

Depois de José ter sido vendido aos ismaelitas, Benjamim se tornou o filho favorito de seu pai, Jacó. José e Benjamim eram os únicos irmãos de pai e mãe – ambos nascidos de Raquel – os outros filhos foram gerados por Lia, pelas servas de Lia ou servas de Raquel.

Quando José era governador no Egito, houve uma grande fome em Canaã e Jacó – que na época morava na cidade de Hebrom – enviou os seus filhos – menos Benjamim – para comprarem comida no Egito. Como José controlava o suprimento de comida no Egito, seus irmãos precisaram implorar a ele para comprarem o alimento, embora sem reconhecê-lo. Depois de lhes vender os grãos, José os acusou de espionagem. Mantendo Simeão como refém, mandou que os seus irmãos voltassem e trouxessem Benjamim. Quando finalmente, Benjamim chegou ao Egito, José liberou Simeão e colocou uma taça de prata na bagagem de Benjamim.

Quando eles já estavam do lado de fora da cidade, José pediu que os seus guardas o prendessem por roubo, acusando-os de roubar a taça. Eles protestaram e alegaram inocência, dizendo que se isso fosse verdade, eles se tornariam seus escravos. Quando foram revistados, a taça foi encontrada na bagagem de Benjamim, e José disse que eles poderiam seguir a diante, mas Benjamim iria ficar como seu escravo. Judá implorou para que ele ficasse como escravo no lugar do irmão, pedindo a José que deixasse Benjamim partir. Nesse momento, José revelou-se aos seus irmãos e os convidou para buscar Jacó e fim de que vivessem com eles nas terras férteis de Gósen, no Egito.

Uma vez que Benjamim é chamado de moço em Gênesis 44.20-22, seus filhos e netos provavelmente nasceram no Egito, depois de José ter levado toda a sua família para o Egito na época da escassez. Benjamim teve ao todo dez filhos (Gn 46.21).

Em sua velhice Jacó abençoou todos os seus filhos, e profetizou que no futuro voltariam para Canaã. A Benjamim, progenitor dos benjamitas,

Jacó pronunciou: “Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã devorará a presa, e a tarde repartirá o despojo” (Gn 49.27).

A tribo de Benjamim – embora fosse uma das menores tribos – tinha reputação de bravura e muita habilidade militar. Eram adeptos do manuseio de armas com a mão esquerda, o que, no caso de Eúde, resultou no livramento de Israel das mãos dos moabitas (Jz 3.15ss; 1Sm 9.1), em cumprimento da profecia de Jacó. Na conquista de Canaã, depois de as tribos de Judá e Efraim terem recebido seu território, o primeiro lote foi dado a Benjamim. Seu território media aproximadamente 56 quilômetros de oeste a leste, e 22 quilômetros de norte a sul e estava entre Judá e Efraim, era uma faixa de terra entre o monte Efraim e as colinas da Judeia. Era uma área montanhosa, localizada estrategicamente para controlar passagens estratégicas, mas com vales férteis. A fronteira leste nos limites de Efraim era o rio Jordão, a fronteira oeste se estendia do Jordão até Betel e Atarote-Adar, na baixa Bete-Herom, ao norte estava o mar Morto, e a fronteira sul, nos limites com Judá, era claramente definida pelo vale de Hinom, na parte sul da cidade de Jerusalém. Talvez por isso, Moisés declarou que Deus abençoaria Benjamim e “descansaria em seus braços” – Jerusalém, “a cidade de Deus”, estava ao lado do território de Benjamim (Dt 33.12).

A descendência de Benjamim possuiu pessoas importantes para Israel: Eúde, que foi o primeiro dos juízes em Canaã (Jz 3.15); Saul, que foi o primeiro rei de Israel (1Sm 9.1-2); E o apóstolo Paulo, que foi o principal missionário da época da igreja primitiva e o responsável pelo perfil da teologia e do cristianismo que temos até hoje (Fp 3.5).

A tribo continuou a produzir grandes homens: líderes políticos (1Cr 27.21), capitães no exército de Israel – nas épocas de Saul e Davi (2Sm 4.2; 23.29), arqueiros habilidosos (1Cr 8.40) e supervisores da força de trabalho de Salomão (1Rs 4.18). Infelizmente, também eram da tribo de Benjamim os homens perversos que atacaram a concubina do levita, incidente que culminou numa guerra civil que quase levou a tribo à extinção (Jz 20.3-48). Mais à frente, na época do cisma entre Roboão e Jeroboão – quando Israel se dividiu no Reino do Sul e no Reino do Norte – os benjamitas recusaram participar da rebelião e se uniram aos descendentes de Judá, constituindo juntos o Reino do Sul, cuja capital foi Jerusalém.



Caifás

Nome grego, significa "Depressão".

Caifás foi sumo sacerdote em Jerusalém. Para assegurar o controle sobre todos os assuntos da Judeia, os romanos se reservaram ao direito de indicar não apenas o legislador civil (governador, que era Pilatos), mas também o líder religioso dos judeus: o sumo sacerdote. Flávio Josefo relata que "José, também chamado Caifás" fora feito sumo sacerdote pelo procurador romano Valérius Gratus em 18 d.C. e foi deposto pelo procurador Vitellius, juntamente com Pilatos em 36 d.C.

Fora, portanto, sumo sacerdote por dezoito anos, o ministério mais extenso do primeiro século da era cristã. Foi sumo sacerdote nos dias de João Batista, nos dias da prisão e crucificação de Jesus e seu sumo sacerdócio ainda existia durante a perseguição a Pedro e João depois da ascensão de Jesus, na época da igreja primitiva (At 4.6).

Caifás era genro de Anás. Anás fora sumo sacerdote antes dele, e havia estabelecido quatro de seus filhos para também serem sumo sacerdotes, mas nenhum deles fora bem-sucedido. Em um período de quatro anos, Caifás foi o quinto a ser designado para ser sumo sacerdote em Jerusalém, pois nenhum filho de Anás teve êxito.

A mais antiga menção feita a Caifás pode ser encontrada em Lucas 3.2: "*Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes...*". Isso denuncia uma irregularidade. Essa estranha expressão reflete, evidentemente, o fato de que enquanto Caifás ocupava o cargo de sumo sacerdote, Anás continuava a exercer o poder referente aquele cargo. A influência de Anás permanecia sobre o cargo, sendo que agora seu genro que oficialmente era o sumo sacerdote. Ou seja, Anás queria alguém que apenas ocupasse a função, obedecendo às ordens dele. Era uma espécie de "poder por trás do trono".

Como sumo sacerdote, Caifás era o terceiro homem mais importante de Israel, abaixo apenas de Pôncio Pilatos e do rei Herodes. O grau de autoridade dele era, de algum modo, semelhante ao de um primeiro-ministro da era moderna.

Uma de suas obrigações era supervisionar todos os rituais e negócios do templo e presidir o Sinédrio (grupo de senadores de Jerusalém), o corpo de julgamento judaico. Ele era também responsável por manter a paz em Jerusalém. Se Caifás e seus guardas permitissem que as coisas saíssem do controle, os romanos assumiriam o controle e imporiam a or-

dem. E isso Caifás não desejava, pois o método padrão dos romanos de controlar as multidões era o massacre, seguido da substituição daqueles que deveriam ter mantido a ordem.

Na páscoa, a cidade se transformava por cerca de três semanas em uma massa palpitante de gente, e havia um enorme risco de tumulto. Isso deixava os romanos muito nervosos e dificultava o trabalho de Caifás. Além disso, a Páscoa era uma época muito lucrativa para a cidade e, em especial para os sacerdotes. Era a época em que os peregrinos judeus vindos de todo o mundo se reuniam em Jerusalém, e apenas um homem cerimonialmente puro podia entrar no templo. Apenas por garantia, todos os que entravam no templo passavam pela cerimônia da purificação. A forma mais fácil de fazer isso era banhar-se em um tanque batismal chamado *miqvah* (ver *João Batista* para entender melhor sobre o custo para se banhar no *miqvah*), e depois era necessário oferecer um sacrifício, que na maioria das vezes era uma pomba. Os sacerdotes cobravam uma taxa para o *miqvah* e outra para o sacrifício, além de terem uma participação no lucro da venda da pomba.

Além disso, exigia-se que os peregrinos fizessem uma oferta em dinheiro no templo, e a Lei proibía o uso de qualquer moeda com imagem gravada para presentear o templo. Como as moedas romanas eram gravadas com a imagem do imperador, as pessoas tinham que trocar as moedas romanas por dracmas judaicas, e nessa troca também havia uma taxa de câmbio a ser paga. Os sacerdotes, mercadores e cambistas, percebendo que podiam ganhar muito dinheiro com isso, instalaram-se na entrada do templo, e ali negociavam o dinheiro e comercializavam as pombas na casa do Senhor.

Por isso, que quando Jesus entrou no templo, no período da páscoa, derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam as pombas (Mt 21.12). Na atmosfera carregada da tensão de Jerusalém naquela época, qualquer indivíduo que tivesse feito tal coisa seria preso imediatamente. No entanto, Caifás não ousou prender Jesus diante do público, pelo alvoroço ainda maior que isso podia gerar, devido à popularidade de Jesus.

Todos os acontecimentos que aumentavam a popularidade de Jesus em Jerusalém, não agradavam a Caifás. Depois da ressurreição de Lázaro, o Sinédrio se reuniu para discutir o que fariam a respeito de Jesus (Jo 11.47-53). As palavras de Caifás nessa reunião – mesmo que ele não soubesse – foram como uma profecia acerca da vida de Jesus: “convém que um só homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação”. Ele intentava matar Jesus para diminuir a aglomeração de pessoas. Embora

tenha dito isso motivado simplesmente pela sua autopreservação, esse era precisamente o curso da ação que Deus planejara para Jesus. Assim, João identificou claramente esse comentário como uma profecia: “Ele não disse isto de si mesmo, mas como sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus morreria. E não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus que andavam dispersos (Jo 11.51-52). Daquele momento em diante, Caifás e os líderes planejaram como matar Jesus.

É possível que Judas não tenha conspirado diretamente com Caifás, mas com os seus subordinados que simpatizavam com o desejo de Caifás de ver Jesus morto, afinal, o emprego deles dependia de Caifás. Os guardas do templo prenderam Jesus no jardim do Getsêmani em algum momento no início na noite de quinta-feira. Eles não podiam prendê-lo na frente do público porque tinham medo que houvesse uma revolta. Levaram Jesus até Anás, e Anás o encaminhou a Caifás, o qual convocou uma reunião imediata do Sinédrio para julgá-lo. Para Caifás isso era um assunto urgente. Além disso, o julgamento à noite aconteceu antes que a multidão (que poderia reagir de forma violenta) se reunisse nas ruas para iniciar as atividades do dia.

Caifás convenceu o Sinédrio a condenar Jesus sob pena capital, por afirmar ser Filho de Deus (Mt 26.63). No entanto, os criminosos só podiam ser executados pelos romanos ou com a autorização deles. A condenação só poderia ser executada se o criminoso houvesse desobedecido alguma lei romana. Os romanos não se importavam com a lei religiosa dos judeus. Por isso, Caifás tinha de encontrar um crime na lei romana, punido com a pena capital, do qual pudesse acusar Jesus. Acusaram a Jesus de se proclamar rei dos judeus (Lc 23.2), acusação que Jesus não negou quando foi interrogado por Pilatos. Essa declaração era considerada traição, crime punido com a crucificação.

De acordo com a Bíblia, Pilatos não queria condená-lo, mas a multidão exigiu a morte de Jesus. Podemos nos perguntar, por que a multidão que aclamara a Jesus quando ele entrou na cidade na entrada triunfal agora pedia a crucificação dele poucos dias depois? Caifás não teria mantido o seu posto por tanto tempo se não fosse um mestre na persuasão de pessoas comuns, ele sabia que era muito fácil transformar uma multidão em um grupo de pessoas cheias de ódio por alguma coisa. Alguns homens postos em lugares estratégicos gritando: “Crucifiquem-no”, no momento certo, poderiam fazer toda a multidão aderir ao

clamor. Isso confirma o poder persuasivo que Caifás possuía através de suas atitudes como sumo sacerdote.

O antagonismo perseguidor de Caifás para com a fé cristã continuou bem depois da morte de Jesus. Nos primeiros anos da igreja Pedro e João foram levados diante dele, mas foram soltos logo depois devido à inexistência de evidências contra eles (At 4.6).

Após ele ter sido deposto do cargo em 36 d.C. pelo procurador romano Vitellius, nada mais se soube sobre ele. Em 1990, apareceram na necrópole de Talpiot, em Jerusalém, doze ossuários numa sepultura familiar de um certo Caifás. Um deles tinha a descrição: “Joseph bar Kaiapha” (José, filho de Caifás), enquanto um outro ossuário tinha apenas o nome “Kaiapha” (Caifás). Tratava-se de um ossuário do século I. Após serem examinados, os ossos foram enterrados novamente no monte das Oliveiras. Num dos ossuários havia uma moeda cunhada pelo rei Herodes Agripa (37-44 d.C.). Este pode ter sido um indício que aqueles ossos se tratavam de fato do sumo sacerdote que entregou nosso Senhor à crucificação pela mão dos romanos.



Caim

Nome hebraico, significa “Adquirido”.

Caim foi o primogênito de Adão e Eva. Foi o primeiro ser humano a nascer por meios naturais do útero de uma mulher. Como tal ele herdou a maldição adquirida por Adão e Eva, que é o que chamamos de “pecado original” (tendência a pecar como parte da natureza do ser humano após a queda no Éden). Caim também se tornou o primeiro assassino, ilustrando o desenvolvimento do pecado dentro da raça humana.

Caim era lavrador, e Abel, seu irmão mais moço, era pastor. O nome Caim significa “adquirido”, e Abel significa “vapor”. O nome de Caim nos lembra que a vida é uma dádiva concedida por Deus, enquanto o de Abel, que a vida é curta e passageira.

Quando Caim e Abel ofereceram um sacrifício a Deus (provavelmente o primeiro sacrifício da colheita anual deles, o que era obrigatório segundo a tradição, embora a Bíblia não o diga), Caim ofereceu os frutos do campo, e Abel, as melhores partes das primeiras crias de seu rebanho (Gn

4.3-4). Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim. Não era uma competição acerca de qual oferta seria aceita ou rejeitada. As duas ofertas tanto podiam ser aceitas ou rejeitadas, dependendo da qualidade da oferta e do ofertante. A Bíblia não nos dá nenhuma explicação exata sobre o porquê Deus rejeitou a oferta de Caim e aceitou a de Abel, porém, nos fornece detalhes que nos fazem entender o porquê da rejeição e aceitação das ofertas dos dois irmãos.

Em primeiro lugar, há uma diferença da qualidade da oferta. Caim ofereceu “*parte do*”, Abel ofereceu “*as primícias de*”. Há uma diferença em dar parte de algo, e dar a primeira e melhor parte de algo. Caim fez por fazer, Abel fez porque amava e priorizava Deus; Caim apenas deu sua oferta, Abel fez o seu melhor. Aqui está revelado um critério de Deus na hora de receber uma oferta: Deus atenta mais para o coração do ofertante do que para a oferta em si. É por isso que a Bíblia não estipula valores para a oferta, mas deixa claro que Deus ama quem dá com alegria, pois o coração do ofertante vale mais para Deus do que a própria oferta (Mt 6.23-24). Oferta é manifestação de voluntariedade e generosidade. Caim ofertou como se estivesse dando algo comum a uma pessoa qualquer; Abel ofertou com a alegria de oferecer o seu melhor. Àquele que merece o nosso melhor. Analisando assim, Deus rejeitou a oferta de Caim e aceitou a de Abel.

Um detalhe relevante é que Deus não apenas aceitou a oferta de Abel ou rejeitou a oferta de Caim, mas “Agradou-se o Senhor de Abel e da sua oferta, ao passo que de Caim e da sua oferta não se agradou” (Gn 4.4,5). Não está em foco apenas a oferta de Caim e Abel, mas a pessoa de cada um. O termômetro da oferta, portanto, é o coração do ofertante.

Não se sabe quanto tempo passou do dia em que Deus rejeitou a oferta de Caim até o dia em que este matou Abel. Porém, sabemos que houve tempo suficiente para Deus avisar a Caim que os sentimentos dele o levariam a destruição. Em Gênesis 4.5 está escrito que o “*semblante de Caim caiu*”, resultado da ira que encheu o seu coração. Nos versículos seis e sete, o próprio Deus pergunta a ele: “*Porque decaiu o seu semblante? O pecado está à porta, e junto com ele o desejo de fazer o mal, cabe a você dominá-lo*”. É provável que, em seu coração, Caim tenha assassinado o irmão várias vezes antes de cometer o ato em si. Ele invejava o seu irmão por conta do seu relacionamento com Deus (1Jo 3.12).

Ainda assim, Caim não se dispôs a considerar o conselho do Senhor. Enganou seu irmão, atraindo-o para o lugar onde planejava matá-lo. Enganou-se ao pensar que poderia cometer um crime tão hediondo e es-

capar impune. Intentou ainda enganar o próprio Deus, encobrendo seus atos perversos.

Caim teve tempo para refletir sobre o aviso divino, e ainda assim decidiu fazer o mal. Dominado pela raiva e enciumado por Deus ter aceitado Abel e o rejeitado, Levou seu irmão ao campo e lá privou-lhe da vida. Embora a Bíblia não detalhe como, a tradição rabínica sugere que ele o fez usando uma pedra.

Ao pedir a Caim explicação pelo primeiro assassinato da história humana, o Senhor perguntou-lhe: *“Onde está teu irmão Abel?”*. Recusando-se a aceitar a responsabilidade pelo ato, Caim disse nada sabia: *“Acaso sou guarda de meu irmão?”* (Gn 4.9). Disse-lhe o Senhor: *“Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar para mim”* (Gn 4.10). Caim, no entanto, não admitiu o que havia feito e, quando julgado, não demonstrou arrependimento.

Como consequência do seu pecado premeditado, Deus disse a Caim que ele seria *“fugitivo e errante sobre a terra”*, e para Caim a *“terra não daria a sua força”*. Antes lavrador, agora suas habilidades se mostravam inúteis. O solo onde corra o sangue de Abel se recusaria a dar qualquer produto a ele. Não lhe restou alternativa a não ser tornar-se fugitivo e errante sobre a terra.

Não podemos nos esquecer de uma característica social dos tempos da antiguidade que acrescenta uma dimensão extraordinária à história de Caim. Não se considerava importante a privacidade e a individualidade, em muitos lugares isso chegava a ser algo indesejável. A existência humana apenas fazia sentido no relacionamento da pessoa com os outros. Num tempo em que a terra ainda estava sendo povoada, estar sozinho era desolador. Uma das piores punições era ser banido do convívio social.

Percebamos o poder distanciador do pecado: primeiro, afastou Adão e Eva do Éden; depois, afastou Caim do convívio de seus pais. Com isso, Caim foi forçado a vagar pela terra pelo resto da sua vida. Seu destino foi a terra de Node (que quer dizer “peregrinação”). Lá ele construiu uma cidade que recebeu o nome do seu filho, Enoque (este não é o Enoque que “andou com Deus”). Seus descendentes foram os patriarcas dos pastores, músicos e pessoas que trabalhavam com metais.

Provavelmente, Caim se casou com uma de suas irmãs. O casamento entre irmãos (incesto) só passou a ser proibido a partir da Lei, com Moisés (Lv. 18.6). Como Caim juntou-se à sua irmã? Naturalmente Caim e Abel cresceram como qualquer outra criança. Nisso, passaram, sem dúvida, muitos anos desde o nascimento deles até que eles desenvolvessem suas profissões. Nesse período, aconteceu a coisa mais natu-

ral que existe entre um casal, “Adão e Eva continuaram tendo filhos e filhas” (Gn 5.4). E uma dessas filhas por certo se tornou esposa de Caim. Há uma tradição judaica que conta que Adão e Eva tiveram ao todos 60 filhos, 33 filhos e 27 filhas, durante os 930 anos em que Adão viveu.

Porém, para protegê-lo e impedir que alguém o matasse, Deus colocou nele um sinal. Quando Caim reclamou que sua punição foi maior do que ele podia suportar e que alguém o encontraria e o mataria, o Senhor colocou sobre ele uma marca e prometeu vingar-se sete vezes sobre qualquer um que ousasse matá-lo. Não se sabe que marca seria essa. Podia ser visível, de modo que, quando o vissem, as pessoas se afastavam. Ou ainda uma marca invisível, como uma proteção espiritual para que ninguém conseguisse chegar até ele para matá-lo. O que podemos afirmar é que Deus, de alguma forma, marcou Caim para que ninguém o matasse, morrendo, assim, provavelmente de modo natural.

Caim é mencionado duas vezes no Novo Testamento. Os cristãos são prevenidos a “*não ser como Caim*” (1Jo 3.12). Dos ímpios se diz que “*trilham o caminho de Caim*” (Jd 11). Demonstrando assim o triste legado que Caim atraiu para a sua vida.



Calebe

Nome hebraico, significa “Escravo”.

Calebe foi filho de Jefoné, o quenezeu, chefe de uma das famílias de Judá. Os quenezeus, descendentes de Quenaz, ao que tudo indica, foram uma das tribos nômades dos desertos do Sinai (Gn 36.15). Foi em uma dessas tribos de edomitas que Moisés se casou (Jz 1.16; 4.11). A migração de Israel em direção ao norte atraiu alguns desses povos a unirem-se ao Senhor e ao seu povo. A família de Calebe foi anexada à tribo de Judá, e Calebe conquistou rapidamente uma posição de liderança na tribo.

Embora o chefe da tribo fosse Naasom, filho de Aminadabe (Nm 2.3), foi Calebe que representou a tribo como espia e, mais tarde, como um daqueles que dividiu a terra em áreas tribais (Js 21.12). Está registrado que foi entregue a Calebe a sua parte “*no meio dos filhos de Judá*” (Js 15.13) sugerindo que realmente ele não era um membro daquela tribo.

O significado do seu nome parece estranho. Não é fácil compreender porque um pai coloca em seu filho um nome que significa escravo. No entanto, analisando o contexto histórico na época do nascimento de Calebe, entendemos esse significado. Quando Calebe nasceu, os hebreus eram escravos no Egito. O Êxodo acontece quando Calebe tinha aproximadamente quarenta anos. Por certo seu pai estava expressando, através do seu nome, a situação que os hebreus viviam: escravos. Dentro de uma lógica humana a vida de Calebe estava confinada a ser um escravo. No entanto, Deus o abençoou, tirando-o do Egito com os hebreus. Dando-lhe credibilidade em sua tribo e fé para não temer os anaquins, além de fazê-lo herdar a promessa dos hebreus sobre possuir Canaã.

Moisés o escolheu para representar a tribo de Judá no grupo dos doze homens enviados para expiar Canaã (Nm 13.6). Os doze espias viajaram cerca de oitocentos quilômetros durante os quarenta dias de sua inspeção da terra prometida. A terra que viram era muito fértil. Trouxeram grandes cachos de uvas e relataram sobre a prosperidade da região. Entretanto, descobriram que a área era também ocupada por povos temíveis, principalmente os descendentes de Anaque, os anaquins, que viviam próximo a Hebrom. Os anaquins eram gigantes que mediam até aproximadamente 2,70 cm de altura. A Bíblia refere-se duas vezes à “*Cidade de Arba, pai de Anaque*” (Js 15.13; 21.11). A “*Cidade de Arba*” era um dos nomes de Hebrom (Gn 23.2), o que sugere que Arba foi o patriarca daquela geração de gigantes e, nesse caso, a cidade foi à pátria ancestral dos anaquins. Eram descendentes de Anaque os Refains e os Nefilins, outros grupos de gigantes.

Dez dos doze espias voltaram desapontados e convencidos de que jamais conseguiriam vencer uma batalha contra aqueles povos. Porém, Josué e Calebe mesmo sabendo da altura daqueles gigantes, não os temeram, pois a confiança deles em Deus era maior. Calebe nos ensina uma definição prática do que é confiar em Deus. Confiar em Deus não é ignorar ou desconhecer a existência de um problema, mas é saber que maior do que qualquer problema sempre será o Senhor.

Interessante como os dez espias identificaram Canaã como “*a terra que nos enviaste*” (Nm 13.27) e a “*terra pelo meio da qual passamos*” (v. 32), mas não como “*a terra que o Senhor nosso Deus nos deu*”. A expressão mais desanimadora desses dez espias é quando dizem: “*éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos perante eles*” (Nm 13.33). Alguém desmotivado sempre verá seus problemas maiores do que são, e sempre se julgará menor do que de fato é. Os únicos que enxergavam eles como gafanhotos eram eles mesmos. A falta de visão em uma pessoa pode des-

motivar toda uma equipe. A expressão “aos nossos próprios olhos” já define que uma das grandes causas do fracasso daquela geração era que eles ouviam pessoas desmotivadoras, como por exemplo, aqueles dez espias. Moisés, em primeiro lugar, errou por enviar espias quando Deus não havia mandando que ele fizesse isso. E, em segundo lugar, errou por delegar responsabilidades a pessoas que não tinha uma mentalidade saudável para a conquista. Eles eram pessoas pessimistas e sofriam de uma síndrome de inferioridade muito grave. Espiritualmente falando, alguém que é deficiente em sua visão, nunca poderá gerar pessoas com uma visão saudável de futuro. Diante disso, a visão desesperançosa do povo acabou se tornando a consequência da visão desesperançosa daqueles dez espias. Certamente, esses dez espias não conheciam a Deus, pois se o conhecessem, perceberiam que o Senhor vê todas as nações da terra como gafanhotos (Is 40.22).

A incredulidade desses dez espias não apenas contaminou todo o povo, como também os incitou a organizarem uma revolta. Perdendo a fé na proteção divina, os israelitas “murmuraram contra Moisés e Arão”, dizendo uns aos outros: “Escolhamos um chefe, e voltemos para o Egito” (Nm 14.2-4).

Como castigo pela incredulidade do povo, todos os “homens” daquela geração foram impedidos de entrar em Canaã e gastaram o resto de suas vidas “vagando” pelo deserto (Nm 14. 22-23). Daquela geração, somente Josué e Calebe viveram para conquistar Canaã. Vale a pena lembrarmos que a expressão “homens” na Bíblia, refere-se a pessoas do sexo masculino maiores de vinte anos de idade. E, dos “homens” que saíram do Egito, apenas Josué e Calebe chegaram a Canaã. O restante da geração que conquistou Canaã era dos homens menores de vinte anos na época do êxodo, e dos hebreus que nasceram durante os quarenta anos na peregrinação no deserto.

Calebe voltou a ser mencionado na Bíblia apenas quarenta e cinco anos mais tarde. Naquela época, a terra já conquistada estava sendo dividida entre as tribos e ele reivindicou uma herança especial, prometida por Moisés. Isso foi cumprido por Josué. Com a idade de oitenta e cinco anos, Calebe continuava vigoroso, tendo participado de diversas batalhas (Js 14. 6-15; 15.4). Calebe pediu a Josué a cidade de Hebrom por Herança. Esta mesma Hebrom, era a cidade onde moravam os gigantes que haviam amedrontado os dez espias quarenta e cinco anos atrás. E esta era a herança que Calebe estava reivindicando. Contudo, existiam algumas dificuldades para conquistar a cidade de Debir (Quiriate-Sefer), então Calebe ofereceu uma de suas filhas como esposa ao homem que

a conquistasse. A cidade foi conquistada por Otniel, filho de Quenaz, irmão mais jovem de Calebe, e assim Acsa, filha de Calebe, tornou-se a esposa de Otniel (Js 15.13-19). Nos anos seguintes Otniel tornou-se o primeiro dos juízes de Israel (Jz 3.9).

Nada mais ouvimos sobre Calebe, e nem sabemos como a sua vida terminou. Séculos mais tarde, nos dias de Saul e Davi, os descendentes de Calebe ainda formavam uma família distinta em Judá (1Sm 25.3; 30.14).



Daniel

Nome hebraico, significa "Deus é meu juiz".

Daniel foi um célebre profeta judeu do período babilônico e persa. Exerceu seu ministério em um período de mais de setenta anos, durante o reinado de quatro reis: Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro. Daniel parece ter nascido em Jerusalém, de uma família nobre de Judá não mencionada no livro (Dn 1.2-3), algum tempo antes da reforma de Josias em 621 a.C.

Com aproximadamente dezesseis anos de idade, Daniel já se encontrava na Babilônia. Foi levado por Nabucodonosor na primeira deportação da nação de Judá, no quarto ano do rei Joaquim, em 605 a.C. A filosofia babilônica era levar em cativeiro todos os líderes políticos, religiosos e intelectuais das nações conquistadas.

A reconstrução da sequência dos fatos da vida de Daniel, partindo do livro que leva o seu nome, é um grande desafio. O texto desenvolve-se em tópicos não ordenados cronologicamente em seus movimentos mais amplos. Por exemplo: os episódios citados em Daniel 7 são bem anteriores aos citados nos capítulos 5 e 6. O fato mais notável, entretanto, é a escassez de informações sobre o próprio Daniel, quando tinha entre 20 e 25 anos (antes de 600 a.C.), até os incidentes datados em Daniel 5 a 10 (por volta de 553-536 a.C.), quando ele já estava com aproximadamente setenta anos.

O único evento registrado em que Daniel é visto durante este período de cinquenta anos, é sua interpretação do segundo sonho do rei Nabucodonosor, no capítulo 4. Não é possível, no entanto, estabelecer a data dos eventos deste registro de forma precisa, sabe-se apenas que foi em alguma época antes do final do reinado de Nabucodonosor, em 562 a.C. Assim, tudo o que se sabe, de um período de quase meio século de vida de Daniel, é a informação contida nesse capítulo, o que faz da biografia de Daniel uma tarefa desafiadora e minuciosa.

Cativos junto com ele na Babilônia estavam outros jovens hebreus chamados Ananias, Misael e Azarias. Ele e seus companheiros foram forçados a entrar no serviço da corte real babilônica. Na Babilônia, Daniel aprendeu falar e a escrever em caldeu (Dn 1.4). Quando Daniel iniciou o estudo de três anos, pelo qual passavam os que entravam para o serviço do rei Nabucodonosor (Dn 1.5), recebeu o nome caldeu de Beltessazar, que significa "Bel (deus caldeu) te proteja". Ele e seus companheiros fo-

ram treinados entre os melhores e mais brilhantes jovens do império (Dn 1.4). Capacitados por Deus (Dn 1.17), provaram ser muito superiores, não somente aos outros estudantes (Dn 1.19), mas também a “*todos os magos e encantadores que havia em todo o reino*” (Dn 1.20).

A posição privilegiada de Daniel e seus amigos lhes dava direito a se alimentar da comida preparada para o próprio rei, para que crescessem “saudáveis e fortes” a fim de desempenharem seus papéis no império. Daniel, porém, mostrou-se extremamente leal às tradições de seu povo. Embora sem rejeitar o chamado para servir ao rei na corte, decidiu “*não se contaminar com as iguarias do rei nem com o vinho da sua mesa*” (Dn 1.8). O texto bíblico não indica com precisão porque a comida contaminaria Daniel – talvez por derivar de animais impuros, conter sangue, ou incluir carnes de sacrifícios pagãos – mas deixa claro o seu que o seu simbolismo está relacionado aos compromissos atraentes e corruptores com a vida pagã, tentadores para muitos judeus fiéis em uma terra estrangeira.

Ao fim dos três anos de estudos Daniel se tornou um dos cortesãos do palácio de Nabucodonosor. Neste período, em 602 a.C. Nabucodonosor teve um estranho sonho (Dn 2.1-45) e exigiu que seus sábios o interpretassem. No entanto, decidiu não contar a eles como fora o sonho, dizendo que, se eles tivessem realmente um contato com os deuses, saberiam o sonho sem que ele precisasse contá-lo. Nabucodonosor ameaçou cortá-los em pedaços se não dissessem o conteúdo e o significado do sonho.

Daniel orou intensamente a Deus, então o Senhor revelou-lhe o sonho e sua respectiva interpretação. Nabucodonosor sonhou com uma estátua enorme com cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze, pernas de ferro e pés parte de ferro e parte de barro (Dn 2.32-33). Uma pedra não talhada por mãos humanas atingiu a estátua, transformando-a em pó, enquanto a pedra transformou-se em uma montanha. O estátua representava os quatro impérios mundiais: Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, que precederiam a introdução do reino messiânico.

Daniel revelou que a cabeça de ouro representava Nabucodonosor, mas que seus sucessores seriam inferiores a ele e causariam a perda da dinastia. A prata representava os medos e os persas, os quais conquistariam o reino babilônico. O ventre de bronze representava um reino que destruiria os medos e os persas (os gregos sob o comando de Alexandre, o Grande), as pernas de ferro representavam os romanos e os pés de ferro e barro indicavam que o reino de ferro se dividiria e se ramificaria em outros domínios governamentais, porém, não com a mesma força dos

primeiros. Isso ocorreu na divisão do império romano pelos bárbaros em 476 d.C., quando Roma foi dividida em dez estados separados e distintos, a exata quantia de dedos dos pés da estátua. A pedra representava o Reino de Deus, o qual destruiria todos os reinos e governaria o universo. Nabucodonosor ficou tão impressionado com Daniel que o tornou chefe de todos os outros sábios do reino e governador da província da Babilônia, uma posição que Daniel transferiu para os seus três amigos (Dn 2.48-49).

Algum tempo depois Nabucodonosor teve um segundo sonho (Dn 4.4-37), no qual uma árvore imensa foi cortada por um anjo. O toco da árvore permaneceu no deserto por sete tempos (a interpretação desses “tempos” é incerta, não se sabe se o termo refere-se a semanas, meses ou anos, embora muito considerem a última opção), depois, a árvore floresceu de novo. Foi necessária coragem para que Daniel fosse fiel a interpretação do sonho de Nabucodonosor. Ele interpretou que a árvore representava o rei e, o fato deste não se submeter ao poder do Deus de Israel, por sua arrogância, faria com que ele fosse derrubado por Deus, passando a viver como os animais no deserto, até que aceitasse e reconhecesse o poder do Senhor.

Um ano depois, Nabucodonosor ficou louco e passou a viver como um animal, comendo grama e andando como um quadrúpede. Depois dos “sete tempos”, Nabucodonosor recuperou a sanidade, reconheceu a soberania de Deus e retornou ao trono (Dn 4.28-34).

Após isso, a história de Daniel só volta a ser contada anos depois, durante o governo de Belsazar. Nesse tempo, Daniel já não exercia na Babilônia a mesma influência dos dias de Nabucodonosor, falecido desde 562 a.C. Belsazar era um rei que não temia a Deus. Certa noite, promoveu uma orgia desmedida, na qual mandou trazer as taças que Nabucodonosor tirara do templo em Jerusalém. Três taças, tratadas com respeito por Nabucodonosor, foram usadas por Belsazar para propósitos profanos e obscenos “*enquanto eles entoavam louvores aos deuses de ouro e de prata, de bronze e de ferro, de madeira e de pedra*” (Dn 5.4). Repentinamente, apareceu uma misteriosa mão sem corpo e escreveu na parede em uma língua desconhecida. Daniel foi chamado para interpretar essas palavras, explicando a Belsazar que fora o próprio Deus quem escrevera na parede, e o significado das palavras era: “*mene, mene, tekel, parsin*”, cujo sentido era: *Mene*, Deus mediu o seu reino; *Tekel*, pesado fostes na balança e achado em falta; *Parsin*, o teu reino foi dividido e será tirado de ti. Esses são três termos aramaicos que denotam medidas, pesos e divisões. Naquela mesma noite, Belsazar foi morto por Dario, o medo, que tomou o seu reino.

Durante o governo de Dario, foram instituídos cento e vinte príncipes que estivessem sobre todo o reino, bem como, para os liderar, três presidentes, dentre os quais estava Daniel.

Para evitar que Daniel fosse nomeado para o mais importante cargo administrativo por Dario, oficiais do governo medo-persa conspiraram contra ele para tirá-lo do poder a qualquer custo (Dn 6.4-5). Observando a conduta ética e o costume religioso de oração de Daniel, os conspiradores arquitetaram um plano para persuadir o rei a decretar que, por um período de trinta dias, toda oração que não fosse feita ao rei seria considerada ilegal e, o culpado, sentenciado à morte em uma cova de leões (Dn 6.6-9). Dario não atentou à malícia deles e, inadvertidamente, aprovou o decreto. Uma vez que um documento fosse assinado, de acordo com a lei dos medos e dos persas, não poderia mais sofrer alterações, nem mesmo da parte do rei.

Daniel não abandonou o seu hábito e, por causa de sua disposição de orar três vezes ao dia, foi imediatamente preso e jogado na cova dos leões (Dn 6.10-17). Nessa época, Daniel tinha aproximadamente oitenta anos. Naquela noite o rei Dario não dormiu e jejuou toda a noite, preocupado com Daniel. Deus enviou o seu anjo, protegendo-o e não deixando que nenhum dos leões o fizesse mal. Ao amanhecer, o rei chegou angustiado à cova dos leões, mas encontrou Daniel são e salvo (Dn 6.18-23). Deus interveio para salvar seu servo, mas a sentença foi transferida para os acusadores de Daniel. Dario prendeu a todos, lançando-os aos leões, que imediatamente os despedaçaram. A seguir, Dario anunciou: *“Estou editando um decreto para que em todos os domínios do império os homens temam e reverenciem o Deus de Daniel, pois Ele é o Deus Vivo e permanece para sempre”* (Dn 6.26).

Quando o exílio dos judeus na Babilônia chegou ao fim em 538 a.C., o anjo Gabriel respondeu às preces de Daniel, revelando-lhe um período de tempo de “setenta semanas proféticas”, as quais representavam 490 anos, e foram decretadas por Deus para o futuro da nação de Israel (Dn 9.24-27). Este intervalo de tempo compreendia-se do decreto da reconstrução do templo até o início da obra do Messias.

Daniel teve ainda a satisfação de ver um remanescente de Israel voltar à Palestina (Dn 10.12). Sua carreira profética, no entanto, não havia terminado. No terceiro ano do reinado de Ciro, Daniel recebeu outra série de visões, informando acerca dos futuros sofrimentos de Israel, do período de sua redenção através do Messias, da ressurreição dos mortos e do fim da atual dispensação (Dn 11 e 12). Este parece ter sido o último

registro da sua vida. Nessa série de visões ele viu o conflito entre Miguel e os poderes demoníacos da sociedade. Esta revelação tratava, com algum detalhe, sobre a perseguição de Antíoco Epifanes (175 a.C.) e a ascensão do anticristo escatológico.

A partir desse momento, o que resta relatado da vida de Daniel são apenas tradições. Há uma tradição rabínica posterior que afirma que Daniel teria retornado à Palestina entre os exilados. Mas, um viajante judeu, Benjamim de Tudela (Século XII d.C.), supostamente teria encontrado o túmulo de Daniel em Susã, na Babilônia. Nesse caso, se o primeiro informe é verídico, então Daniel pode ter retornado mais tarde à Babilônia.

Daniel nunca traiu suas convicções, nem hesitou em sua lealdade a Deus. Viveu aproximadamente noventa anos, e ainda bastante ativo. Deixou atrás de si uma reputação impressionante ao inspirar fé por intermédio do exercício da coragem quando confrontado por perigos mortais. Ele também manifestou completa dedicação aos ideais de Deus, mesmo em uma sociedade pagã, e deu exemplo de perseverança na oração.

O profeta Ezequiel fez menção à grande sabedoria de Daniel (Ez 28.3) e o colocou, segundo a revelação de Deus, no mesmo patamar de Noé e Jó (Ez 14.14-20). No Novo Testamento, há menção de Daniel em Mateus 24.15, passagem na qual Jesus, durante o discurso do Monte das Oliveiras (Mt 24 e 25) faz referência à “*abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel*” (Mt 24.15). A maneira como Cristo fala do profeta durante o seu discurso autentica a exatidão histórica dos eventos e das visões concedidas a Daniel e registradas em seu livro.



Davi

Nome hebraico, significa “O Amado”.

Davi é o nome do maior rei de Israel e o terceiro na ordem cronológica. O primeiro foi Saul (1Sm 10.1), o segundo Is-Bosete, filho de Saul, enquanto Davi reinava em Hebrom (2Sm 2.10). Nasceu em Belém de Judá, aproximadamente em 1040 a.C. e governou em Israel entre 1.010 e 970 a.C. Davi é o personagem mais citado na Bíblia, com 1.105 ocorrências. Além de ser um dos personagens cuja história a Bíblia dedica mais páginas, de 1 Samuel 16 a 2 Reis 1 e de 1 Crônicas 2 a 29, a importância de Davi pode ser

percebida pela posição que ele e sua família ocuparam na história de Israel. Em um dos extremos, Boaz e Rute eram seus antepassados (Rt 4.18-22), no outro, Jesus Cristo foi seu descendente (Mt 1.6; Lc 3.31).

Davi era filho de Jessé e bisneto de Rute e Boaz. Era o mais novo de um total de dez filhos (1Sm 16.10-11). 1 Crônicas 2.13-16 relaciona apenas nove (talvez um filho tivesse morrido na infância). Os nomes dos seus irmãos registrados na Bíblia eram Eliabe, Abinadabe, Samá, Natanael, Radai e Ozém. Os nomes de suas irmãs eram Abigail e Zeruaia (1Cr 2.13-16). O filho não registrado de Jessé por certo ainda era vivo quando Davi foi ungido por Samuel, pois o texto registra que passaram sete irmãos para depois então passar Davi (1Sm 16.10).

Jessé era um ancião rico e muito respeitado em Belém, e que reivindicava ser da linhagem de Boaz. Não era um israelita de linhagem pura, pois Rute era moabita. Os israelitas odiavam e desprezavam os moabitas. Isso fazia do jovem pastor Davi um candidato ainda menos provável ao trono.

Davi era filho da velhice de Jessé (1Sm 17.12). Sua responsabilidade dentro da divisão de tarefas da família era a de um pastor de ovelhas, ocupação que lhe deu a chance de desenvolver a coragem utilizada em seus anos como guerreiro, os quais consolidaram o seu reinado (1Sm 17.34-35). Essa experiência o ensinou a confiar e depender do Senhor, conforme afirmou para Saul: *“O Senhor que me livrou das garras do leão, e das garras do urso, me livrará das mãos deste filisteu”* (1Sm 17.37). É possível que, durante o tempo em que cuidava dos rebanhos, o jovem Davi tenha desenvolvido suas habilidades poéticas, e a vida no campo também lhe forneceu muitas metáforas utilizadas em seus salmos, dentre eles o clássico Salmo 23. Além de, em seus dias como pastor, ter desenvolvido sua habilidade com o uso da funda, a qual lhe foi muito útil na sua vitória contra Golias. Isso nos ensina que todos os desafios enfrentados hoje servem para nos ensinar a lidar com situações que enfrentaremos em processo do nosso amadurecimento.

Depois que Saul foi rejeitado por seus atos de desobediência (1Sm 15.26), o Senhor incumbiu Samuel da tarefa de ungir um dos filhos de Jessé. Quando o profeta nacionalmente conhecido visitou a casa de Jessé, todos os filhos mais velhos estavam disponíveis para encontrá-lo. Os mancebos passaram um por vez diante do profeta, mas nenhum deles foi aprovado por Deus. Depois que os sete mais velhos foram apresentados, Samuel não entendeu porque o Senhor o enviara a ungir um rei naquela casa. O profeta procurava um candidato que se qualificasse por

sua estatura física. Afinal, anteriormente tinha dito ao povo que Saul preenchia os requisitos, devido à sua bela aparência: *“Vedes o homem que o Senhor escolheu? Não há entre o povo nenhum semelhante a ele”* (1Sm 10.24).

Samuel, não tendo encontrado entre eles aquele que Deus havia escolhido, perguntou se Jessé tinha mais algum filho. Jessé disse que tinha ainda Davi, mas que este era apenas um menino e estava cuidando das ovelhas no campo. Davi foi chamado e, assim que ele entrou na casa, Samuel reconheceu de imediato que se tratava do escolhido de Deus. O Senhor disse a Samuel: *“É este! Levante-se e unja-o”* (1Sm 16.12).

Davi era ruivo (*admoni*, “vermelho” expressão também usada para Esaú, sugerindo que Davi tivesse cabelos vermelhos), tinha belos olhos e sua beleza era encantadora. No entanto, o mais importante é que *“desde aquele dia em diante o Espírito do Senhor se apoderou de Davi”* (1Sm 16.12).

Embora tivesse sido ungido rei durante sua juventude, Davi se dispôs a servir a outros. Foi a sua disposição de levar suprimentos aos seus irmãos mais velhos no exército que deu a ele a oportunidade de alcançar a fama nacional. Davi ficou conhecido em Israel por causa de dois importantes acontecimentos: um relacionado com a música e o outro relacionado com a sua coragem em desafiar Golias. Saul cometeu muitos erros e sua situação chegara a um ponto sem retorno. O Espírito de Deus havia se afastado dele, e um espírito maligno foi enviado para perturbá-lo. Na busca de um habilidoso músico que pudesse aliviar a perturbação de Saul, Davi foi recomendado por um membro da corte para ocupar tal posição. Era um homem de diferentes habilidades e o testemunho sobre ele é de que era alguém que *“sabe tocar, é valente, é animoso, homem de guerra, sisudo em palavras, de gentil presença e o Senhor é com ele”* (1Sm 16.18). O êxito de Davi não estava pautado apenas em suas habilidades humanas, mas sim em ter a presença de Deus.

A versatilidade de Davi chamou a atenção de Saul, de forma que ele rapidamente ganhou um duplo papel na corte: portador da armadura do rei e seu músico particular. Como Belém estava a apenas treze quilômetros de Gibeá, o domicílio do rei Saul, acredita-se que Davi retornava sempre à sua casa para continuar a cuidar dos rebanhos de seu pai (1Sm 17.15). Seu prestígio cresceu, com grande velocidade, tanto em Benjamim (tribo de Saul) como em Judá.

Outro acontecimento que chamou a atenção nacional foi sua vitória sobre Golias, um gigante que media aproximadamente 2,93 m de altura (1Sm 17.4). Davi deixou sua casa em Belém para levar alimento aos seus

irmãos guerreiros e trazer notícias a Jessé sobre como a batalha estava evoluindo. Naquela época os soldados tinham de providenciar o próprio alimento, equipamento e armas.

Ao chegar ao campo de batalha, Davi ficou sabendo que Golias estava desafiando o exército hebreu havia quarenta dias, para apresentar um homem que pudesse lutar contra ele e, assim, determinar o resultado da guerra. Como o povo filisteu dominava a fabricação do metal e era formado por guerreiros treinados desde a juventude, o exército hebreu estava em grande desvantagem. Seus equipamentos e táticas militares eram inferiores aos do gigante filisteu habilmente treinado. Apresentar-se como voluntário para lutar contra ele era quase um suicídio.

Saul conhecia as poucas chances de uma vitória e ofereceu elevadas recompensas a qualquer um que pudesse se apresentar: isenção de impostos para a casa de seu pai e a mão de sua filha em casamento. Davi ofereceu-se para aceitar o desafio de Golias, e Saul lhe deu o melhor equipamento militar que o exército hebreu conseguiu reunir. Davi recusou as armaduras por dificultarem sua movimentação, escolhendo, então, suas próprias armas, armas de um pastor: cinco pedrinhas e uma funda. Com esses instrumentos ele havia protegido o rebanho de seu pai terreno, e com eles protegeria o povo do rebanho de seu Pai Celestial. O vencedor do confronto foi Davi. Golias foi derrotado por um menino pastor. Sua cabeça foi levada para Jerusalém como troféu de guerra, e sua armadura colocada na “Tenda de Davi”, também interpretada como a tenda em Nobe.

A fama de Davi, entretanto, gerou ciúmes em Saul. Embora Saul tivesse prometido Merabe, sua filha mais velha (primogênita) a Davi, ele não manteve o acordo, Merabe se casou com outro (1Sm 18.19). Então Mical, sua segunda filha foi oferecida como esposa a Davi, contanto que este trouxesse cem prepúcios de filisteus. Saul esperava que o jovem fosse morto nessa tentativa, mas Davi conseguiu duzentos prepúcios. Logicamente, Davi e seus homens tiveram que matar duzentos filisteus (1Sm 18.27).

Nesse período de popularidade de Davi, nasceu entre ele e Jônatas – filho de Saul – uma das amizades mais leais e puras da Bíblia, a tal ponto de o texto afirmar que “a alma de Jônatas se apegou à de Davi, e ele começou a amá-lo” (1Sm 18.1). Jônatas, porém, ficou refém do dilema entre a amizade com Davi e a lealdade a seu pai, que desejava matar Davi. A verdade é que Jônatas conseguiu ser leal a seu pai e ao seu amigo até o fim de sua vida, embora soubesse que o sucessor escolhido por Deus para o trono de Israel seria o jovem Davi, ao invés dele, o filho do atual rei (1Sm 23.16-18).

Era apenas natural que a reputação de Davi crescesse, e que a de Saul diminuísse, pois não foi o jovem Davi que arriscou a vida enquanto Saul apenas olhava? A vida não promove os que olham, mas os que fazem. A simpatia transmutou-se em ódio, e o ódio inspirou a tentativa de homicídio.

Finalmente, Davi foi obrigado a fugir. O ódio de Saul aumentava à proporção que a popularidade de Davi crescia. Davi fugiu para a companhia de Samuel em Ramá, e juntos foram para Naiote. Saul enviou homens para prender Davi, no entanto, estes estranhamente se distraíram e começaram a profetizar (1Sm 19.18-24).

Enquanto fugia do rei Saul, Davi foi formando um exército fascinante na caverna de Adulão. Seus irmãos e toda a sua família foram fazer companhia a ele. Além destes, os miseráveis, os que estavam em débito e os descontentes se juntaram a ele. Dessa estranha mistura, Davi formou um sólido núcleo de companheiros leais. Eram com ele uns quatrocentos homens (1Sm 22.2), e desse grupo saíram aqueles chamados de *“os valentes de Davi”* (2Sm 23.8-39).

Durante este período Davi tomou a cidade de Queila dos filisteus e Saul, ao saber disso, deslocou-se para lá, para tentar capturá-lo. Porém, o Senhor informou a Davi que o povo de Queila o trairia e ele fugiu dali, levando consigo seiscentos homens.

Davi se refugiou nas montanhas no deserto de Zife, escondendo-se numa floresta. Foi neste local que ele e Jônatas se viram pela última vez. Quando os zifeus ofereceram ajuda a Saul para capturar Davi, este se foi para Maon, no Arabá, parte sul do deserto. Saul o perseguiu e quase conseguiu capturá-lo em uma montanha. Justamente quando Saul estava para conseguir, recebeu uma mensagem para que retornasse e se defendesse de um ataque filisteu. Com razão Davi deu nome ao lugar de Sela-Hamalecote (Pedra de Escape) (1Sm 23.1-29).

Em seguida, Davi fugiu para En-Gedi. Saul levou consigo três mil homens para tentar capturá-lo. Davi e seus homens estavam escondidos no fundo de uma caverna. Sem saber que sua presa estava lá, Saul entrou na caverna para fazer suas necessidades. Davi se recusou a matá-lo. No entanto, andando com cuidado, aproximou-se do rei e cortou um pedaço de seu manto sem ele perceber. Em seguida, Davi mostrou o pedaço do manto a Saul para provar que ainda era leal ao rei. Saul ficou comovido e permitiu que Davi retornasse em segurança para sua fortaleza no deserto (1Sm 24). Em outra ocasião, Davi e seus soldados entraram com cuidado no acampamento de Saul enquanto ele dormia, pegando a lança e o jarro de água que estava ao

lado dele para provar, uma vez mais, que Davi poderia tê-lo matado, mas não o fez (1Sm 26.7-21).

Por muitas vezes Saul tentou matar Davi, mas não o achou. Por mais de uma vez, Davi poderia ter matado Saul, mas sempre lhe poupou a vida. Davi sabia que fora ungido para suceder Saul no trono, mas não para tomar seu lugar. Aquilo não era obra para a mão de Davi, mas para a mão de Deus. Por isso, o jovem ungido aguardou a intervenção do Senhor. Sua paciência e seu respeito para com Saul eram admiráveis. Ele nada fez para derrubá-lo do trono, mantinha-se simplesmente um passo à frente daquele que o perseguia. Desse modo, quando a dinastia de Saul acabou, Davi foi visto pelo povo não como um usurpador, mas como um sucessor natural.

Apesar de toda a lealdade que Davi demonstrava a Saul, muitas atitudes que ele tomou para sobreviver não foram dignas de honra. Ele foi ao santuário sagrado de Nobe e disse ao sumo sacerdote Aimeleque que estava em missão secreta em nome de Saul (1Sm 21.1-10), e que seus homens estavam famintos. Por isso, os sacerdotes deram a ele o pão sagrado do altar. Davi disse que precisava de uma espada. A espada de Golias, que há muitos anos fora usada para cortar a cabeça do gigante, estava guardada no santuário, e Aimeleque entregou-lhe a arma. Doegue, o edomita, espião de Saul, testemunhou tudo isso e contou ao rei, que mandou liquidar todos os sacerdotes e o povo de Nobe (1Sm 22.9-19). Um filho de Aimeleque, Abiatar, conseguiu escapar, levando consigo a estola sacerdotal, e juntou-se a Davi (1Sm 22.6-23).

Por fim, Davi percebeu que o ódio e o medo que Saul sentia por ele não cederiam e que precisaria sair de Judá. Davi, então, procurou refúgio entre os filisteus, os piores inimigos de Saul. Ele convenceu Aquis, rei de Gate, que fazia ataques noturnos contra o povo de Saul, e Aquis deu a ele a cidade de Ziclague, na fronteira com a Judeia, para que ele e seus guerreiros vivessem lá. Estando Davi afastado da cidade, os amalequitas aproveitaram-se da situação, incendiaram Ziclague e levaram todas as mulheres. Davi os perseguiu e, alcançando-os, tomou de volta tudo quanto pode (1Sm 30).

Na verdade, Davi não atacava o povo de Israel, mas eliminava as vilas filisteias. Ele dividia parte dos despojos com Aquis, depois de tirar o necessário para as necessidades dele e de seus homens, e dava o que sobrava para as vilas israelitas a fim de conquistar o apoio popular. Ele continuou a fazer esse jogo perigoso por mais de um ano até que, por fim, em uma importante batalha dos filisteus contra Saul, teve de escolher entre

abandonar os filisteus ou ficar ao lado deles. No entanto, ele foi poupado de tomar essa decisão. Aquis queria Davi e seus homens ao seu lado, mas nenhum comandante filisteu confiava nele por ser israelita. Davi foi forçado a afastar-se da batalha e retornar a Ziclague e, enquanto estava lá, Saul e Jônatas foram mortos na batalha contra os filisteus.

As notícias foram enviadas a Davi em Ziclague. O mensageiro, pensando que seria recebido como um herói, exagerou, declarando que ele próprio havia matado Saul, a quem havia encontrado sofrendo dores. Davi sentiu-se consternado diante do relato e mandou executar o mensageiro. Davi não desejava amigos que desprezavam um ungido do Senhor (2Sm 1.1-16).

Com a morte de Saul, Abner, comandante (e tio) do rei pôs no trono Is-Bosete, filho de Saul e bastante incompetente para ocupar tal posição. Mesmo sabendo que ele não tinha capacidade para governar e era manipulado por Abner, as tribos do norte se juntaram a ele. As tribos de Judá e de Benjamim, por sua vez, permaneceram leais a Davi e o ungiram rei sobre Judá.

Abner atravessou o rio Jordão e atacou Judá. A guerra se arrastava, mas a liderança de Is-Bosete era tão fraca que, por fim, Abner, desgostoso com isso, desertou para o lado de Davi. Joabe, então, o matou. Davi ficou furioso com Joabe, mas o próprio povo de Is-Bosete resolveu o problema. Assassinararam Is-Bosete e levaram sua cabeça para mostrar a Davi. Todavia, Davi mandou executá-los imediatamente por assassinato e convenceu o povo que não havia ordenado a Joabe que matasse Abner. Seu ato de lealdade à dinastia de Saul agradou tanto as tribos do norte que os anciãos das tribos ungiram-no rei de Israel. Pela primeira vez, as doze tribos de Israel foram unidas sob um único rei. A união de Judá e Israel foi chamada de Reino Unido. Esse Reino Unido existiu por aproximadamente oitenta anos, até pouco depois da morte de Salomão, nos dias do rei Roboão.

Portanto, Davi foi o primeiro monarca de um império unificado e o fundador de uma dinastia que permaneceu no poder durante quatrocentos e vinte e cinco anos. Mesmo depois da divisão das doze tribos a dinastia de Davi continuou reinando no reino do Sul. O último rei de Judá, Zedequias, como todos os seus predecessores, era descendente direto de Davi. Poucas dinastias no mundo conseguiram igualar os recordes de permanência da família de Davi.

O primeiro ato de Davi como rei de Israel foi escolher um determinado lugar como capital, o qual pudesse ser aceito tanto pelas tribos do

norte como do sul: Jerusalém tornou-se esse lugar. Durante este tempo, o rei de Tiro, Hirão, viu a grande vantagem de se tornar amigo de Davi e lhe enviou cedros para construir sua casa em Jerusalém (2Sm 5.11-25). Davi estabeleceu o seu palácio no Monte Sião, uma colina situada a sudoeste de Jerusalém, que havia sido capturada dos jebuseus (2Sm 5.6-9).

Pensando que Davi ainda era aliado deles e que seria seu vassalo (pagador de tributos), os filisteus vibraram por vê-lo ocupando o trono de Israel. Eles tiveram uma péssima surpresa logo depois, quando ficou evidente que Davi não seria vassalo de ninguém. Então, resolveram atacar o novo rei no vale de Refaim, mas foram derrotados. Davi os levou de volta à região costeira e, ao contrário do que planejavam os filisteus, estes é que acabaram como vassalos do rei de Israel.

Davi fortaleceu Jerusalém e conseguiu trazer de volta a Arca da Aliança. Desenvolveu uma administração de governo centralizada, expulsou as forças invasoras e foi decisivo no estabelecimento da paz em Israel. Subjugou, além dos filisteus, os moabitas, edomitas e amonitas (2Sm 12.29-31). Cobrou impostos dos arameus e das nações que decidiu não subjugar (2Sm 8.10). Depositou a maior parte dos tributos e espólios no fundo econômico para a construção do Templo (2Sm 8.11-12). Embora fosse severo na sua justiça para com as nações, Davi foi generoso no trato para com Mefibosete, filho de Jônatas. Providenciou-lhe um lugar e garantiu-lhe um sustento vitalício (2Sm 9).

Sua própria experiência e o período dos juízes provaram que a nação não podia depender de um exército formado apenas pelo povo. Por esta razão, Davi criou um exército de soldados profissionais. Este era composto por muitos quereteus e peleteus sob a liderança de Benaia, de Cabzeel, e de seiscentos homens sob Itai de Gate, um velho amigo do período em que Davi era um fugitivo.

A própria Bíblia registra o crescimento dos homens que seguiam Davi. Na casa de seu pai ninguém o imaginava com rei. Três anos mais tarde ele já contava com 400 seguidores (1Sm 22.2); quatro anos adiante ele contava com 600 seguidores (1Sm 27.2); em 1 Crônicas 12.22, Davi possuía um grande exército; um ano mais tarde possuía “os homens de Judá” (2Sm 2.4) e depois os homens de Israel (2Sm 5.1-3). Havia uma atmosfera de liderança envolvendo a vida e a trajetória de Davi.

Quando o governo de Davi estava bastante seguro e os filisteus totalmente sob controle, o rei começou a expandir seu império. Nos anos seguintes, Davi empreendeu constantes guerras de expansão, tomando muitos dos reinos vizinhos dos territórios dos assírios na região nordes-

te da Transjordânia. Essa expansão aborreceu aos sírios, e o rei Hadadezer, da Síria, por fim, atacou pelo lado norte. O principal método sírio de guerra envolvia o uso de carros puxados por cavalos, mas Davi provou que sua infantaria era superior. Eles cortaram o tendão da maior parte dos cavalos sírios, tornando os carros inúteis, e a Síria caiu sob o controle israelita. Essa expansão para todos os lados abriu grandes oportunidades de comércio e proporcionou imensa riqueza a Israel.

Foi durante essas campanhas de guerra que Davi cometeu seu pecado mais famoso. Em uma das guerras de Israel, Davi enviou todo o seu exército para guerrear contra os amonitas. Permaneceu, porém, em Jerusalém. Certa tarde o rei estava passeando pelo terraço do seu palácio, o qual dava vista para toda cidade. Ele viu uma bela mulher tomando banho no telhado da casa e a cobiçou. Era Bate-Seba, filha de Eliã e esposa de Urias, o hitita. Os dois homens eram membros da guarda de elite do exército de Israel, e estavam na batalha. Calcula-se que o período das campanhas de guerra de Davi durou 5 anos e, no décimo ano do seu reinado em Jerusalém, o monarca adulterou com Bate-Seba.

Davi convidou Bate-Seba para se apresentar no palácio e iniciou um desastroso caso de amor com ela. Era uma das piores violações da lei de Moisés, passível de punição com a morte da mulher. Quando Bate-Seba engravidou, o caso não podia mais ser mantido em segredo. Davi mandou que Urias voltasse do campo de batalha para ir à sua casa, a fim de manter relações sexuais com sua esposa, e assim parecer que a criança fora concebida por ele. Contudo Urias, temente à lei de Israel, não desobedeceria à regra que proibia o homem de se deitar com a sua esposa enquanto estivesse servindo ao exército em período de guerra. Ele dormiu do lado de fora de sua casa e todos souberam disso. Por isso, Davi arranjou um meio para enviar Urias a uma batalha na qual tinha certeza que ele sairia morto. A maior ironia dessa história foi que Davi fez com que Urias levasse para Joabe, comandante de Davi, uma carta lacrada com as ordens que eram, de fato, a sentença de morte do próprio soldado. Agora, Davi não era culpado apenas de adultério, mas também de homicídio.

Logo depois da morte de Urias, Bate-Seba casou-se com Davi. Parecia que seus pecados iriam passar despercebidos, mas o profeta Natã contou-lhe uma parábola: *“Havia em uma cidade dois homens. Um rico e outro pobre. O rico tinha ovelhas e gado em grande número. Mas, o pobre não tinha coisa alguma, senão uma pequena cordeirinha que comprara e criara, e que em sua casa crescera, junto com seus filhos. Do seu bocado*

comia, do seu copo bebia, e dormia em sua casa, e ele a tinha como sua filha. Chegando um viajante ao homem rico, não quis este tomar das suas ovelhas e do seu gado para dar de comer ao viajante que viera a ele. Em vez disso, tomou a cordeira do pobre, e a preparou para o homem que lhe havia chegado” (2Sm 12.1-4). Quando Davi ouviu isso sua ira se acendeu de tal modo que disse a Natã: “Tão certo como vive o Senhor, digno de morte é esse homem. Pela cordeira restituirá o quádruplo, porque fez tal coisa e não se compadeceu”. E Natã disse a Davi: “Tu és esse homem”.

O julgamento de Davi contra o homem rico da história de Natã foi: “pela cordeirinha restituirás quatro vezes”. E esse julgamento foi executado contra o próprio Davi. O bebê de Bate-Seba morreu; Absalão matou Amnom por ter violentado Tamar; Joabe matou Absalão durante a batalha no monte em Efraim e Adonias foi morto ao tentar usurpar o trono de Salomão. Natã disse que a casa de Davi seria amaldiçoada com a discórdia e a violência, e que a criança morreria. A criança morreu, mas logo depois disso, Bate-Seba deu outro filho a Davi, Jedidias, que veio a ser conhecido como Salomão.

Algumas lições podemos aprender com o pecado de Davi:

- Primeiro, **a fidelidade ou a infidelidade a Deus é uma decisão**. Do momento que viu Bate-Seba pela primeira vez até a consumação física do adultério, Davi teve tempo de sobra para optar entre pecar ou fugir da tentação e vencê-la naquele momento;
- Segundo, **o pecado sempre deixará aquele que pecou “escravo” de alguém**. Por mais que Davi não confessasse seu pecado e Natã não o confrontasse, Joabe com o tempo saberia a maldade do coração de Davi, devido à carta que ele lhe enviou pedindo a morte de Urias;
- Terceiro, **o pecado tem o poder de parar o crescimento da história de uma pessoa**. De 1 Samuel 16 até 2 Samuel 11, a história de Davi encanta a qualquer leitor, pois nos mostra a trajetória de um menino simples nos caminhos desconhecidos da vida que, no entanto, Deus escolheu para ser rei. Um pastor que vencera gigantes e conquistara reinos. Porém, por causa da sua escolha em pecar, interrompeu uma história que estava sendo escrita pelo próprio Deus. Até o momento do adultério com Bate-Seba, Davi vencera todas as batalhas disputadas. A partir desse episódio o rei vê sua honra, sua família e sua reputação desmoronando em uma sequência ininterrupta de desventuras. Que Deus nos guarde do pecado!

Nos anos seguintes cumpriu-se muitas vezes a profecia de Natã. Davi teve ao todo dezessete filhos (é provável que esse número tenha chegado a dezenove), quase todos de diferentes esposas (Salomão foi o décimo filho), e teve também muitos filhos de concubinas (embora esses não tivessem direito ao trono). Havia constante intriga e jogo pelo poder entre as esposas de Davi, cada uma delas tentando pôr o filho na dianteira da corrida pela sucessão do trono. O tumulto era constante à medida que as esposas surgiam e caíam no favor de Davi, apesar de Abigail e Bate-Seba serem, visível e continuamente as favoritas do rei.

Os anos pós-adultério de Davi foram sem dúvidas os mais amargos de sua vida. Amnom, o filho mais velho de Davi, estuprou a meia-irmã Tamar e, como Davi não tomou nenhuma atitude contra ele, Absalão, irmão da jovem por parte de pai e de mãe, matou Amnom. Absalão foi exilado, mas, no fim, voltou e promoveu uma revolta contra Davi da qual quase saiu vitorioso. Davi foi forçado a sair de Jerusalém, e Absalão proclamou-se rei. Para provar sua vitória, ele e seus partidários violentaram sexualmente todo o harém de Davi.

No entanto, as forças de Davi por fim prevaleceram em uma batalha. Absalão foi derrotado e, enquanto fugia, foi capturado pelo general Joabe, que o matou a despeito da ordem do rei para que Absalão não fosse ferido. Davi ficou muito sentido com o que aconteceu [para mais detalhes veja: *Absalão*].

Antes de poder retornar à Jerusalém, Davi teve de enfrentar outra rebelião comandada pelo benjamita Seba, filho de Bicri. Seba tentava separar as dez tribos do norte do governo de Davi. O rei o perseguiu até o norte, onde, por fim, Seba foi morto (2Sm 20).

Esse período foi marcado por uma severa crise de fome (2Sm 21.1). A dificuldade era tão grande que Davi pediu uma explicação ao Senhor. Foi revelado ao rei que a escassez de alimento era resultado do juízo de Deus pelo equivocado zelo de Saul, ao tentar aniquilar os gibeonitas (2Sm 21.2), povo que buscara e recebera proteção de Israel, nos dias de Josué (Js 9.15,18-26). Deus graciosamente removeu a maldição e renovou a terra com chuva abundante.

No término da sua vida, Davi tinha alcançado o objetivo de solidificar Israel contra as seguintes ameaças: os filisteus, ao sudoeste; os edomitas, ao sudeste; os moabitas e amonitas, ao leste; e os arameus, ao norte. Havia estendido o seu reino por todas as áreas da terra que fora prometida a Abraão (Gn 15.18-19), façanha que nenhum outro líder havia conseguido. Desenvolveu uma administração eficiente, pela qual era capaz de governar

este vasto império. Um excelente exército era mantido constantemente em prontidão, para assegurar a paz e a estabilidade dentro do reino.

Por causa do seu sucesso, Davi confiou em si mesmo e decidiu fazer um censo. Isso desagradou ao Senhor, pois a lei ensinava que a contagem do povo era assunto exclusivo para Deus. A única contagem legal do povo era a que visava determinar o número de presentes para o santuário sagrado. Como castigo Deus deu três opções a Davi: três anos de fome, três meses de derrotas militares ou três dias de praga (2Sm 24.13-25; 1Cr 21.12). Davi escolheu a última opção. Israel foi atingido por uma praga que os profetas tomaram como um sinal inconfundível da ira de Deus. Desde Dã até Berseba morreram setenta mil homens do povo. Para aplacar a ira de Deus Davi comprou a eira de Araúna, no topo do monte Sião (chamado anteriormente de monte Moriá, onde hoje está localizada a Mesquita de Omar, em Jerusalém) e ali levantou um altar a Deus. Segundo a tradição, aquele era o local no qual Abraão esteve prestes a sacrificar Isaque a Deus.

Por Davi ser considerado um homem de guerra, Deus não permitiu que ele construísse o Templo. No entanto, sobre o lugar onde foi levantado um altar, o rei colocou uma imensa tenda erguida. Anos mais tarde, naquele lugar, foi edificado o magnífico Templo construído por Salomão.

Antes da sua morte, Davi tomou providências para a construção do Templo. Ele deu instruções específicas a Salomão, insistindo que esse seguisse à risca a lei de Moisés (1Cr 22.1-19). Ele anunciou publicamente que Salomão seria o seu sucessor e deu a ele, bem como aos oficiais, instruções específicas de como construir o Templo. No dia de encerramento das cerimônias Davi fez orações de ações de graça e ofereceu muitos sacrifícios (1Cr 23.1-29.22).

Davi não ficou livre de problemas em sua velhice. Já idoso e debilitado, uma moça virgem foi chamada para aquecer seu corpo, mas suas forças haviam chegado ao fim. Nestes dias, Adonias, filho de Davi, tentou tomar o poder. No sopé da colina de Jerusalém, perto da fonte chamada En-Rogel, ele tentou usurpar o trono para si. Conseguiu convencer Joabe e Abiatar, o sacerdote, a segui-lo, mas Zadoque e Natã não quiseram abandonar Salomão.

Natã e Bate-Seba foram imediatamente contar a Davi sobre o golpe de Adonias. Davi imediatamente ordenou que Salomão fosse trazido à fonte de Giom, perto de En-Rogel e lá o proclamou rei, estando ainda em vida. O plano funcionou e todos aqueles que seguiam a Adonias fugiram com medo da ira de Davi.

Davi, antes de morrer, exortou a Salomão para ser forte e guardar a lei de Deus. Após quarenta anos de reinado – sete em Hebrom e trinta e três em Jerusalém – Davi morreu, aos setenta anos, e foi sepultado em Jerusalém, chamada “a cidade de Davi” (1Re 2.10-11). Quando começou a reinar em Hebrom tinha trinta anos (2Sm 5.4) e provavelmente tinha entre quatorze e dezesseis anos quando foi ungido pelo profeta Samuel em Belém.

Davi era humano e falho, mas permaneceu fiel ao Senhor durante toda sua vida. Embora tenha pecado tragicamente contra Deus e contra o próximo, era um homem humilde e quebrantado, pronto ao arrependimento. A sua força estava no Senhor, desde o princípio até o fim de seus dias. Os salmos atribuídos a ele falam desta verdade. Davi era mais acessível à direção dos profetas do que Saul. Foi um homem amado por Deus, pois o seu coração estava inclinado a Ele, e sabia como se humilhar e implorar a graça divina.



Débora

Nome hebraico, significa “Abelha”.

Débora foi profetisa e a única juíza de Israel. A posição de Débora como profetisa, indicando que a sua mensagem era de Deus não é exclusiva na Bíblia, porém foi incomum. Entre outras profetisas, incluem-se Miriã (Êx 15.20), Hulda (2Rs 22.14) e Ana (Lc 2.36). Débora, no entanto, foi a única no sentido de ter sido juíza em Israel. Era esposa de Lapidote, que segundo a tradição rabínica era quem cuidava das lâmpadas do tabernáculo. Débora era uma profetisa que aconselhava e julgava o povo que vinha consultá-la e pedir que ela julgasse processos legais. Ela residia à sombra de uma palmeira que era chamada a “Palmeira de Débora”, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim. (Jz 4.4-5). Débora, por certo, foi uma mulher extraordinária para ser aceita como juíza sobre todo Israel em uma época muito patriarcal, em que as mulheres não possuíam muito direito de expressão. Em todo o antigo testamento, Débora é a única mulher que com sua força de caráter e inteligência, alcançou posição de liderança nessa proporção.

Durante oitenta anos, os israelitas haviam desfrutado o descanso sob a liderança de Eúde, no período mais longo de paz registrado no

livro dos Juízes. Mas assim que esse juiz piedoso deixou o cargo, o povo recaiu na idolatria, levando Deus a castigá-los (Jz 2.10-19).

Por isso, Deus entregou os israelitas por um espaço de vinte anos nas mãos de Jabim, rei de Canaã, que morava em Hazor. Josué havia incendiado Hazor (Js 11.13), mas os cananeus reconstruíram a cidade e voltaram a ocupá-la. Com seu grande exército e seus novecentos carros de ferro, o controle de Jabim sobre a terra era invulnerável (esses carros de ferro tinham lanças de ferro nos eixos, o que aumentava mais ainda o perigo para os inimigos). No entanto, ao ler-se à narrativa tem-se a impressão de que Sísera, capitão do exército de Jabim, era quem, de fato, controlava a terra. Jabim sequer é mencionado no cântico de Débora em Juízes 5.

Débora enviou um mensageiro a Baraque, dizendo que o Senhor estava pronto para livrar Israel das mãos de Jabim. Baraque foi instruído a reunir um exército de dez mil homens de Naftali e de Zebulom, estacionando-o ao pé do monte Tabor. O relato em prosa menciona que apenas essas duas tribos se envolveram na batalha. Porém, o cântico de Débora diz que ela enviou um pedido geral de ajuda e que também vieram forças da tribo de Issacar, de Efraim, de Benjamim, da região montanhosa central e de uma parte da tribo de Manassés, do lado oriental do Jordão. Além disso, Débora extravasou sua ira sobre as tribos que não responderam ao seu apelo: Gade, que permaneceu em Gileade; Dã, que continuou a trabalhar nos navios de estrangeiros; Aser, que ficou na orla do mar; e Rúben, que ficou no planalto moabita da Transjordânia, a quem ela clamou: *“Por que ficastes nos currais, a escutar o assobio, junto aos rebanhos?”* (Jz 5.16). De alguma maneira, a história nos sugere que Débora entendia que um dos fatores importantes para a vitória de Israel seria a unidade do povo.

O Senhor então atrairia Sísera para guerrear contra eles às margens do rio Quisom, e assim Israel obteria a vitória. Quando levamos em consideração que as armas eram escassas em Israel (Jz 5.8; 1Sm 13.19-22) e que não havia um exército efetivo, o que Débora e Baraque realizaram foi, sem dúvidas, um ato de fé. No entanto, Deus havia prometido dar-lhes a vitória e eles se firmaram em suas promessas (Rm 10.17).

Baraque aprovou o plano com a condição de que Débora fosse com ele. Ela concordou, no entanto, o Senhor disse que daria a vitória a Israel, mas isso seria através da mão de uma mulher, reprovando assim a covardia dos homens de Israel.

Quando Sísera soube que os israelitas estavam se preparando para a guerra no monte Tabor, ele sentiu-se favorecido e saiu para o campo de batalha chegando à região do rio Quisom, que deságua na baía de Haifa. De lá,

avançaram em formação de batalha ao longo da planície aberta. Sem dúvidas, Sísera imaginava que diante dessa demonstração de poderio militar, os homens de Israel desapareceriam no meio das montanhas, porém não percebeu que o Senhor e o clima estavam ao lado dos seus oponentes. A batalha foi do Senhor do início ao fim. Uma tempestuosa enchente repentina e violenta do rio Quisom transformou a planície num charco no qual as equipadas carruagens dos cananeus se tornaram um obstáculo e não uma vantagem (Jz 5.20-22). O resultado foi à destruição total de Sísera e de seu exército. Sísera abandonou sua carruagem atolada e fugiu a pé. Na fuga, ele se escondeu na tenda de Jael, mulher de Héber, o queneu. Os queneus eram nômades que vagueavam pelas regiões desérticas ao sul da Judeia.

Quando Jael viu Sísera passar por ali, disse: “Seja bem-vindo a minha tenda Senhor meu, não temas”. Assim ele parou e entrou na tenda, onde ele cobriu-o com uma cobertura. Quando Sísera pediu água, ela abriu um odre de leite e deixou que ele bebesse. Encorajado pela hospitalidade aparentemente amigável e pelo fato de que os nômades viviam em paz com os moradores de Canaã, Sísera orientou sua anfitriã para que se colocasse à porta da tenda e se alguém perguntasse se houvesse um homem ali, respondesse que não. Então, confiante e seguro ele adormeceu. Foi, porém, o sono da morte. Ao perceber que seu convidado estava em um sono profundo, Jael tomou uma estaca da tenda e um martelo e cravou-lhe em sua testa, atravessando a cabeça e fincando ao chão. Foi dessa forma que Sísera morreu pelas mãos de Jael, cumprindo a profecia de Débora que a vitória viria pela mão de uma mulher.

Essa batalha foi o ponto decisivo entre israelitas e cananeus, e, no fim, eles subjugaram os cananeus. A vitória de Débora garantiu quarenta anos de paz em Israel (Jz 5.31). Em toda a situação, ela invocou ao Senhor e deu a ele a glória devida. Seu canto em ações de graça a Deus pela vitória dos israelitas foi registrado e ficou conhecido como “*A Canção de Débora*” (Jz 5). Seus próprios contemporâneos a respeitavam como “*uma mãe em Israel*” (Jz 5.7). Débora conseguiu combinar a autoridade de uma juíza com o dom profético (Jz 4.6 e 6.7).

Provavelmente, Débora pertencia à tribo de Efraim, embora alguns opinem que ela era da tribo de Issacar, por causa do que se lê em Juízes 5.15. Seu nome só é mencionado em Juízes 4 e 5 e viveu em cerca de 1120 a.C.



Dorcas

Nome grego, significa "Gazela".

Dorcas era uma cristã que morava em Jope. Foi chamada de discípula em Atos 9.36, e essa é a única vez em que essa palavra é usada na forma feminina no Novo Testamento. Suas origens étnicas são desconhecidas. Dorcas era seu nome grego – era muito comum esse nome entre judeus e gregos – e Tabita era o equivalente em aramaico. O seu nome duplo provavelmente indica que ela era uma judia helenista, que se convertera ao cristianismo. Os gregos chamavam-na Dorcas, e os judeus, Tabita.

Dorcas era praticante de atos caridosos, inclusive a confecção de túnicas e outras vestimentas para pessoas pobres. Quando adoeceu e morreu, sua perda foi lamentada por muitos. Na ocasião, Pedro estava em Lida – apenas 15 quilômetros de distância de Jope – e os cristãos de Jope enviaram dois homens para pedir-lhe que viesse até eles. Quando ele chegou à cidade, o corpo havia sido preparado para o sepultamento e colocado em um quarto superior. Pedro mandou que todos saíssem daquele aposento, ajoelhou-se e orou diante do corpo de Dorcas e disse: “Tabita, levanta-te!”. Quando ela abriu os olhos e estendeu a mão, Pedro “apresentou-a viva” (At 9.40-41).

Vale à pena lembrarmos que a vontade de Deus está envolvida em tudo isso, bem como a questão da missão dada a cada indivíduo. Nem todos os que morrem já cumpriram sua finalidade na vida. Diante disso, entendemos que a oração de Pedro foi atendida porque estava de acordo com o propósito que Deus tinha para a vida de Dorcas. Se tivesse chegado o seu tempo, de acordo com a vontade de Deus, para ir para a pátria celeste, certamente Pedro não teria podido chamá-la de volta à vida.

Esse milagre ficou muito conhecido, pois foi o primeiro caso de ressurreição por meio de um apóstolo na igreja primitiva, e muitos habitantes da cidade converteram-se a Cristo por causa desse milagre.



Efraim

Nome hebraico, significa "Frutífero".

Efraim

Embora seja progenitor de uma das tribos de Israel, Efraim não era filho de Jacó, mas seu neto. Após sua ascensão no Egito, José casou-se com a egípcia Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om (Gn 41.50-52). Dessa união, nasceram-lhes dois filhos: Manassés e Efraim. O fato de Efraim e Manassés serem filhos de Azenate nos remonta a um detalhe interessante, porque injeta em Israel, em sua herança genética, o sangue egípcio, isto é, camita. Aliás, esse não foi um caso isolado, pois as duas concubinas de Jacó, Bila e Zilpa, eram egípcias e elas foram mães de quatro filhos de Jacó: Dã e Naftali, de Bila, e Gade e Aser, de Zilpa. Se adicionarmos isso a Manassés e Efraim, temos um total de seis entre os doze que encabeçaram as tribos de Israel, com sangue camita.

Efraim nasceu no fim dos sete anos de plenitude e fartura que antecederam os sete anos de fome no Egito. Sua vida cobriu o fim desse período e o período da escassez. Nessa época o patriarca Jacó e sua família estabeleceram residência no Egito, através da bondade de José. Foi assim que Efraim ficou sujeito às influências do modo de viver patriarcal de Israel, bem como as promessas e bênçãos que provinham de sua família desde Abraão. A infância de Efraim coincidiu com os últimos dezessete anos do seu avô, o patriarca Jacó.

Há um detalhe interessante no propósito dos dois nomes dos filhos de José em relação à trajetória de sua vida. José *"chamou ao seu primogênito Manassés, e disse: Deus me fez esquecer-se de toda a minha humilhação (em algumas versões "trabalho"), e de toda casa de meu pai (se referindo ao quanto sofreu pelos seus irmãos). E ao segundo filho chamou Efraim, e disse: Deus me fez prosperar na terra da minha aflição"*. José estabeleceu no nome dos seus filhos um memorial acerca da trajetória por ele vivida desde que fora vendido pelos seus irmãos em Canaã, até o momento que fora reconhecido como governador no Egito por Faraó. Posteriormente, isso resultou na subdivisão de José em duas linhagens que compuseram as doze tribos de Israel (Gn 49.22-26; Dt 33.13-17).

Mais tarde, quando apresentou seus filhos a Jacó, para a bênção, José esperava que Manassés por ser o mais velho recebesse a bênção da primogenitura, colocando assim a mão direita sobre a cabeça de Manassés e a mão esquerda sobre a cabeça de Efraim, mas irônica e inesperadamente, Jacó inverteu os braços, colocou a mão direita na cabeça de Efraim e, des-

sa maneira, assegurou-lhe os direitos da primogenitura (Gn 48.13-20). Pela terceira vez, o filho mais novo na linhagem patriarcal tomou o lugar do filho mais velho (Gn 17.19-20 Isaque / Gn 27.27-29 Jacó). A bênção de Deus repousa sobre aqueles a quem Deus escolhe, e não sobre aqueles que são “marcados” pelas mãos dos homens. Essa bênção foi um ato de “adoção”, mediante o qual Efraim e Manassés passaram a ser contados como filhos de Jacó para encabeçarem as tribos, em lugar de seu pai, José. O objetivo do ato foi dar a José, através de seus filhos, uma dupla porção das bênçãos divinas que acompanhariam o reino de Israel, através das doze tribos.

Essas bênçãos proféticas se cumpriram tanto no tamanho como no poderio da tribo de Efraim e também em sua localização privilegiada na região montanhosa, no centro de Canaã, ao leste do que hoje é a moderna Tel Aviv. Seu território ia de Gilgal a Betel. Além da geografia montanhosa, o território de Efraim possuía vales férteis e um período de chuvas maior do que era desfrutado nas outras partes do país. Sua liderança tornou-se evidente no arranjo do acampamento de Israel na marcha do Egito para a Terra Prometida: ela liderava as três tribos que ficavam do lado oeste (Nm 2.18-24). Josué era da tribo de Efraim (Nm 13.8) e sob o seu comando ela recebeu e ocupou uma das maiores porções da terra, depois da conquista de Canaã (Js 16.5-10). O tabernáculo foi erguido no centro religioso de Siló, cidade localizada em Efraim, onde a Arca da Aliança foi colocada no tempo de Josué (Js 18.1; 22.12). Ana e Samuel também eram de Efraim (1Sm 1.1-28). Na época dos juízes, Efraim foi derrotado, e morreram quarenta e dois mil efraimitas nas mãos de Jefté e os homens de Gileade (Jz 12).

Estranhamente dois filhos de Efraim, Ézer e Eleade, foram roubados nas terras dos filisteus e por eles foram assassinados. Isso fez Efraim sentir profunda tristeza e chorar. Depois Efraim teve outro filho, e chamou-o de Berias, *porque as coisas iam de mal a pior em sua casa* (1Cr 7.20-23). O que nos consola na história é que da descendência de Berias, nasceu Josué. O homem que liderou Israel na conquista da terra de Canaã mais tarde. As nossas tristezas do presente podem nos ajudar a gerar o caminho das nossas conquistas do amanhã.

Embora Efraim não seja mencionado especificamente na bênção de Gênesis 49, fica claro que Jacó o tinha em mente quando abençoou seu filho amado: *“José é um ramo frutífero”* (Gn 49.22). “Frutífero” é um jogo de palavras com o próprio nome de Efraim.

Depois da divisão do reino, Jeroboão colocou um dos seus santuários idólatras na cidade de Betel (1Rs 12.29), em Efraim, e estabeleceu sua capital em Siquém, que, naquela época, estava no distrito adminis-

trativo dessa tribo, conforme foi definido por Salomão (1Rs 12.25). O próprio Jeroboão, na verdade, era Efraimita (1Rs 11.26), e a partir dessa época o centro da vida política e religiosa do reino do Norte foi Efraim. Isso se tornou tão forte que Israel geralmente era chamado de Efraim, até o tempo da sua queda e deportação pelos assírios em 722 a.C. (Is 7.2-17; Jr 7.15; 31.9; Os 4.17; 5.3-5).



Eli

Nome hebraico, significa "Meu Deus" ou "Meu Deus é exaltado".

Eli era sumo sacerdote em Siló. Descendia de Arão por meio de Itamar (Lv 10.1-12). A linhagem sumo sacerdotal passava através de Eleazar, irmão de Itamar, mas, durante certo tempo, por razões desconhecidas, essa linhagem havia sido transferida para os descendentes de Itamar. Porém, a tragédia que envolveu Eli e seus filhos fez a linhagem sumo sacerdotal voltar aos descendentes de Eleazar.

A dramática história de Eli está registrada nos quatro primeiros capítulos de 1 Samuel, um livro que tem o nome do seu sucessor. Eli foi o responsável pela criação de Samuel no tabernáculo em Siló, desde sua infância até a sua juventude. E em todo o texto de 1 Samuel 1-4, a Bíblia estabelece um contraste entre a maldade dos filhos naturais de Eli com a espiritualidade crescente e o discernimento de Samuel, que era como que um "filho adotivo" dele.

Supostamente, Eli teria sido o primeiro sumo sacerdote da linhagem de Itamar, o filho mais novo de Arão. Isso é deduzido com base em 1 Crônicas 24.3-6. Esse fato também se evidencia diante da omissão dos nomes de Eli e de seus descendentes, na enumeração dos sumos sacerdotes da linhagem de Eleazar (1Cr 6.4-6).

Após a morte de Sansão, Eli atuou como juiz civil e religioso em Israel. Eli foi um dos juizes de Israel pelo espaço de quarenta anos (1Sm 4.18). No entanto, a Septuaginta só lhe atribui vinte anos como juiz. Se o registro da Septuaginta está correto, então, provavelmente, o número quarenta se refere ao total combinado de seu ofício como sumo sacerdote e como juiz. Nesse caso, vinte anos como sumo sacerdote teriam sido paralelos aos vinte anos em que Sansão foi juiz em Israel (Jz 16.31). Eli tor-

nou-se sumo sacerdote com aproximadamente cinquenta e oito anos de idade, pois faleceu com a idade de noventa e oito anos, no quadragésimo ano do ofício sacerdotal (1Sm 4.15).

O maior erro da vida de Eli foi o consentimento em relação ao pecado de seus dois filhos, Hofni e Fineias (que eram nomes egípcios – Fineias significa *negro*, e Hofni significa *girino*), eles eram devassos e corruptos. Eles não temiam a Deus e nem respeitavam os homens, abusaram seriamente da posição que ocupavam, usando o ministério sagrado para satisfazer seus caprichos pessoais e imorais. A despeito da confiança e da fé que Eli tinha no Senhor, ele não foi bem-sucedido na formação de sua família. Hofni e Fineias praticavam imoralidades sexuais com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação no tabernáculo em Siló, e não respeitavam os princípios divinos em relação aos sacrifícios que eram feitos no santuário, desprezando assim a oferta do Senhor (1Sm 2.12-22). Eles não prestavam atenção ao ritual dos sacrifícios e nem muito menos ao significado deles. Eles usavam o ofício sacerdotal apenas para o próprio sustento. O maior agravante dessa história era a negligência da autoridade de Eli em relação aos seus filhos. Por causa deles, o sacerdócio estava caindo em descrédito em Israel, e Eli não os corrigia, omitindo-se em conferir a disciplina que lhes era necessária.

A triste realidade da situação de Eli requer uma reflexão. Eli não possuía pecados morais em sua conduta. A sua fé e devoção a Deus não estavam em declínio. Seu sacerdócio era confirmado pelo Senhor. Seu único pecado era se omitir na correção dos erros cometidos pela sua família, honrando assim mais os seus filhos do que a Deus (1Sm 2.29). Eli era praticante da ideologia de “um peso e duas medidas”. Para os fiéis ele era radical na correção, pois já estava recriminando Ana por causa da sua entrega de espírito, a chamando de embriagada (1Sm 1.12-14), mas com os de sua casa ele era liberal, pois mesmo tendo provas concretas das orgias deles, nem ao menos os confrontava com seriedade e disciplina. O estilo de liderança de Eli era um estilo injusto, pois colocava um jugo sobre os membros da congregação para punição de seus erros, e não utilizava o mesmo critério quando os erros partiam da sua família.

Eli não era caracterizado por uma personalidade firme. Ele sem dúvidas era sincero e dedicado, porém também aparentava ser fraco e tolerante. O grande erro de Eli não se concentrava apenas na deformidade da educação e do caráter espiritual de seus filhos, mas sim, no consentimento em deixá-los no exercício do ministério sacerdotal, como

se nada estivesse acontecendo. O próprio Deus havia dito que se algum descendente sacerdotal profanasse o santuário deveria ser afastado do ofício sacerdotal (Lv 22.1-3). Eli não tinha culpa deles serem sacerdotes, pois era um cargo hereditário. Mas, era culpado por eles permanecerem no sacerdócio em pecado, e por não conhecerem ao Senhor (1Sm 2.12).

Por causa disso Deus sentenciou Eli e seus filhos. *“Veio um homem de Deus a Eli, e lhe disse: Assim diz o Senhor... Por que honras seus filhos mais do que a mim?... Vêm dias que cortarei o seu braço (descendência) e o braço da casa de seu pai, para que não haja mais velho nenhum na sua casa... Todos os descendentes da sua casa morrerão na flor da idade. O que sobreviverá aos seus dois filhos Hofni e Fineias te serão por sinal: ambos morrerão no mesmo dia. Eu suscitarei para mim um sacerdote fiel (Davi), que fará segundo o que está no meu coração e na minha mente. Eu lhe edificarei uma casa duradoura, e ele andarà sempre diante do meu Ungido (Jesus Cristo). Então todo aquele que restar da sua casa virà a inclinar-se diante dele por uma moeda de prata e por um bocado de pão, e implorará: Nomeia-me a algum cargo sacerdotal, para que eu possa ter alguma coisa para comer”* (1Sm 2. 27-36).

Esse prenúncio de castigo cumpriu-se parcialmente com a morte de Hofni e Fineias na batalha contra os filisteus em Afeca (1Sm 4.11), e o cruel assassinato dos sacerdotes em Nobe pelo rei Saul (1Sm 22.9-20). Porém, Abiatar escapou e dividiu o sacerdócio com Zadoque, sob o comando do rei Davi (2Sm 15.24-29; 19-11). Entretanto, seu afastamento ordenado pelo rei Salomão, restaurou a linhagem de Eleazar na pessoa de Zadoque, e essa foi a concretização final do antigo oráculo profético (1Rs 2.26-27).

No final da vida de Eli, houve uma guerra entre os israelitas e os filisteus. Em certo momento da guerra, Israel estava sendo derrotado e os filhos de Eli tiveram a ideia de mandar que a Arca da Aliança fosse trazida para servir como uma espécie de talismã, para assegurar a vitória de Israel. No entanto, o que eles não sabiam é que a Arca estava presente, mas Deus estava ausente. O Senhor não guerreou pelos soldados de Israel, e os filisteus os derrotaram. Mataram trinta mil israelitas, entre eles Hofni e Fineias e capturaram a Arca da Aliança. Quando Eli soube que seus filhos haviam sido mortos e a Arca da Aliança havia sido roubada, caiu da cadeira onde estava sentado, quebrou o pescoço e morreu. O texto deixa claro que a maior dor de Eli foi pela perda da Arca da Aliança, e foi devido a isso que ele sofreu a queda que ocasionou a sua morte (1Sm 4.12-18).

Uma de suas noras estava grávida, e quando se soube a notícia da morte de Fineias, seu esposo, teve a criança prematuramente, logo em seguida a mulher morreu e chamou-se o menino Icabode, que significa “Foi-se a Glória de Israel”. Em algum momento logo depois desse evento, o tabernáculo em Siló foi destruído, investigações arqueológicas indicam que Siló fora destruída aproximadamente em 1050 a.C. A função de juiz que Eli ocupava foi substituída pelo profeta Samuel, e aparentemente a função sacerdotal de Eli foi substituída por Aitube (1Sm 14.3).



Elias

Nome hebraico, significa “O Senhor é meu Deus”.

Elias foi um dos mais conhecidos profetas do Antigo Testamento. É famoso pela sua ousadia em enfrentar o sistema de governo corrompido pela apostasia nos dias dos reis Acabe e Acazias em Israel (aproximadamente entre 875 a 850 a.C.). O relato bíblico da missão de Elias abrange cerca de quinze anos – de cerca de 865 a.C. a 850 a.C. De todos os profetas, sacerdotes e sábios do Antigo Testamento, poucos tiveram uma influência tão vívida sobre a mente popular de seu tempo como Elias.

Pouco sabemos sobre sua história antes dele comparecer diante de Acabe em 1 Reis 17. A Bíblia o chama de Tisbita, de Tisbe, nas terras de Gileade, a leste do rio Jordão, atual Transjordânia. Nada se sabe sobre sua genealogia. Elias ganhou fama em Israel como quem aparecia e desaparecia como o vento, como se o Espírito de Deus o tivesse trazido e arrebatado. Sem dúvidas essa é uma das características de um profeta: saber a hora certa de aparecer. Isso não deixava a imagem do profeta ficar desgastada entre o povo e isso assegurava ao povo que quando o profeta estivesse nas ruas era sinal que Deus iria falar com eles.

Elias serviu como porta-voz de Deus na ocasião em que o reino do norte havia alcançado sua mais forte posição econômica e política desde os dias da separação do reino do sul. Eram dias politicamente bem-sucedidos, porém, espiritualmente fracassados. O rei Onri, pai de Acabe, introduziu uma política de boas relações de amizade com as nações vizinhas, e selou essa aliança com a Fenícia casando seu filho Acabe com Jezabel, filha de Etbaal, o rei dos sidônios. Corremos sérios riscos

quando fazemos alianças com pessoas que não temem a Deus, tanto em relações pessoais, como em relações políticas para com o povo de Deus.

Os sidônios não adoravam a Jeová, mas sim a Baal. E Jezabel influenciou e persuadiu a Acabe, para que em Israel a adoração passasse a ser oferecida a Baal, assim como na Fenícia. Aqueles que antes eram profetas de Deus não se posicionaram a favor do Senhor, mas preferiram estar ao lado de Acabe, em troca do “conforto” que isso lhes proporcionaria ao comer na mesa de Jezabel. No entanto, cem profetas permaneceram fiéis ao Senhor e foram escondidos por Obadias, sendo alimentados a pão e água, para não morrerem (2Rs 18.4). Quatrocentos e cinquenta passaram a serem profetas de Baal e outros quatrocentos passaram a serem profetas de Asera, ambos deuses fenícios. É interessante destacar que a mesa não era de Acabe, era de Jezabel. Isso sugere que ela tinha seus próprios recursos e aposentos de refeições e que era também a protetora e benfeitora desses profetas. O propósito de Jezabel era fazer com que todo Israel, nunca mais adorasse a Jeová, mas sim a Baal. Por isso que Elias tornou-se uma ameaça para ela.

Acabe até construiu um templo para Baal na cidade de Samaria, que era a capital do Reino do Norte (1Rs 16.32). Enquanto a liderança real estava envolvida na adoração a Baal, Elias tinha a responsabilidade de lembrar aos israelitas que era a Jeová que eles deveriam adorar.

Elias foi até Acabe e o disse: “Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nesses dias em Israel, senão, segundo a minha palavra”. Isso era uma afronta não apenas a Acabe, mas principalmente a Baal, pois havia a crença que Baal era o deus das tempestades, responsável pela chuva e pela fertilidade da terra. Com isso Elias estava confrontando o sistema corrupto daquela época e mostrando que a palavra de um só homem enviado por Deus tinha mais poder que a palavra do próprio Baal. Elias não era um pregador refinado como Isaías e Jeremias, e sim um reformador rude, que desafiou o povo a abandonar seus ídolos e voltar-se para Deus.

O povo de Israel dependia das chuvas sazonais para que suas plantações produzissem. Se o Senhor não enviasse as primeiras chuvas (temporã) em outubro e novembro e a chuva serôdia em março e abril, logo haveria grande fome na terra. Porém, a benção das chuvas dependia da obediência do povo à aliança do Senhor (Dt 11. 13-14). Deus advertiu o povo que sua desobediência transformaria o céu em bronze e a terra em ferro (Dt 28.23).

É bem provável que Elias tenha se apresentado diante de Acabe em outubro, na época em que as primeiras chuvas deveriam ter começado. Não chovia a seis meses, de abril a outubro (período do verão, onde o clima é quente e seco), e o profeta anunciou que não choveria os três anos seguintes, dando assim a soma de três anos e meio que Tiago menciona (Tg 5.17). Essa seca era uma forma de Deus cumprir a sua palavra, e ao mesmo tempo manter sua aliança. Deus é sempre fiel a sua aliança, seja para abençoar o povo por sua obediência, seja para discipliná-los por seus pecados. Uma seca prolongada, anunciada e controlada por um profeta de Jeová, deixaria claro a todos que Baal, “deus das tempestades e das chuvas”, não era de maneira nenhuma, o Deus verdadeiro.

Nos próximos três anos, as condições meteorológicas em Israel seriam controladas pela palavra de Elias. Esses anos de seca preparariam o povo para o confronto dramático entre os sacerdotes de Baal e o profeta do Senhor no monte Carmelo.

Após isso Deus ordenou a Elias que se retirasse dali, e se escondesse junto ao ribeiro de Querite, próximo ao rio Jordão. É provável que esse ribeiro seja o profundo vale do rio Jarmuque, ao norte de Gileade, terra natal de Elias. Sendo assim, o ribeiro de Querite ficava aproximadamente a cinquenta quilômetros de Samaria. Ali ele bebia das águas do ribeiro e era alimentando diariamente por corvos que o trazia pão e carne, pela manhã e ao anoitecer (1Rs 17.6).

No entanto, com a intensificação da seca, a torrente secou, deixando Elias sem água. Elias permaneceu onde estava mesmo depois que o ribeiro se secou, e não tomou atitude alguma enquanto a palavra de Deus não lhe veio para dizer o que ele deveria fazer. A vontade de Deus nunca nos conduzirá a um lugar onde Deus não poderá cuidar de nós. Elias havia passado cerca de um ano em Querite, até que o ribeiro se secasse. E agora a palavra de Deus lhe diria para que fosse à Serepta, pois ali já havia uma mulher viúva escolhida por Deus para cuidar dele.

A instrução de Deus pode ter espantado o profeta, mas o Senhor ordenou que ele viajasse cerca de cinquenta quilômetros ao norte, onde ficava Serepta, uma cidade fenícia, conhecida atualmente como Sarafande, entre Tiro e Sidom. Deus estava enviando Elias, para um território gentio, Sidom era a cidade natal de Jezabel. Ironicamente Acabe e Jezabel estavam procurando Elias, e ele estava próximo à terra natal de Jezabel.

Deus havia tirado ele de um ribeiro seco, para colocá-lo ao lado de uma viúva pobre. Essa viúva estava apanhado lenha para fazer a última

refeição com o alimento que ainda lhe restava. Ali Deus estava provando o cuidado dele para com Elias.

Watchman Nee disse: *“Dada a nossa tendência de olhar para o balde e de esquecermos a fonte, Deus com frequência muda seu meio de suprir as necessidades, a fim de manter nossos olhos fixos na fonte”*. Quando Elias estava começando a se sentir confortável pela comodidade da providência do Querite, Deus para corrigir seu foco, muda-o para Serepta, para ele não ter dúvidas da dependência da fonte.

Provavelmente, Elias ficou cerca de dois anos em Serepta. Milagrosamente, Deus não deixou nem que o azeite, nem que a farinha acabassem naqueles dois anos até que a estação das chuvas fosse restaurada à terra. Era como que uma ajuda mútua, a viúva de Serepta ajudava a Elias dando a ele alimento, e a presença do profeta ajudava a viúva garantindo para ela o devido suprimento alimentar naquele período de seca. Um dos alimentos que faziam parte de uma refeição básica naqueles dias era um pequeno bolo achatado feito da farinha do trigo e cozido no azeite. Cardápio que foi multiplicado por Deus naquele período de seca.

Dessa forma Elias estava vivendo naqueles anos o peso da própria palavra que havia anunciado a Acabe. A seca que ele havia profetizado havia secado o ribeiro, e o deixado sem água. E, agora por dois anos ele comeria apenas um tipo de refeição, feita com os mesmos ingredientes: farinha e azeite. No cumprimento do ministério existe momentos que Deus nos deixará viver a consequência causada pela própria palavra que anunciamos. Essa é uma forma de Deus nos mostrar que quem leva a sua palavra, deve estar preparado para vivê-la primeiramente.

Mais tarde, porém, o filho da viúva contraiu uma doença e veio a falecer. Tanto o profeta como a viúva entenderam isso como uma ação de Deus. Mas quando Elias estendeu-se por três vezes sobre o menino e invocou o Senhor, a onipotência de Deus novamente se manifestou e a alma do menino voltou a ele e ele reviveu (1Rs 17.17-22).

Outro detalhe interessante é como Deus fez Elias dar um passo de cada vez nesse momento da sua vida. O Senhor não deu a Elias um cronograma completo sobre o que ele iria fazer nos próximos três anos. Mas, primeiro Ele o direcionou ao Querite, depois a Serepta, e depois então a voltar a Acabe. Deus é mestre em nos dirigir em cada momento de nossas vidas. Para isso precisamos estar sempre sintonizados nele. Podemos até ainda não saber hoje onde vamos chegar, mas sabemos que no momento certo ele nos direcionará, e no final dará tudo certo, pois Deus não perde o controle das nossas vidas. Deus ordenou a Elias,

“Vá se esconder”, e, três anos depois Deus disse: “Apresenta-te”. Mostrando que nas mãos dele está o caminho que devemos seguir. Deus havia ensinado a Elias a viver um dia de cada vez!

Warren Wiersbe escreveu que ao se esconder publicamente naqueles três anos, Elias criou outra “seca” em Israel: a ausência da palavra de Deus. Quando Elias apareceu de novo a Acabe, depois daqueles anos de seca, ele encontrou um cenário desastroso em Israel. Aqueles anos sem chuva haviam prejudicado Israel na agricultura, na pecuária e em todas as atividades que necessitava de água para serem realizadas.

Foi então que Elias desafiou Acabe mais uma vez. Convidando-o para subirem ao monte Carmelo, juntamente com todos os profetas de Baal e Asera. Um grande grupo de pessoas se reuniram no Carmelo para ver 850 profetas idólatras com o rei e um imponente altar de Baal contra um profeta do Senhor sozinho e um altar em ruínas do lado.

O monte Carmelo ficava próximo a Samaria, entre as fronteiras de Israel com a Fenícia, de modo que era um bom lugar para o deus fenício Baal encontrar-se com Jeová, o Deus de Israel. Ali eles iriam clamar cada um ao seu Deus. Acabe juntamente com os profetas de Baal clamariam por Baal, porém se até o meio-dia Baal não respondesse, era a vez de Elias clamar por Jeová. O Deus que respondesse com fogo seria o verdadeiro Deus.

Os profetas de Baal clamaram, gritaram, fizeram todos os rituais sagrados durante todo o período da manhã, porém não tiveram respostas. Ao meio-dia Elias zombou deles, dizendo que talvez Baal estivesse dormindo, meditando, ocupado ou viajando. Aproximadamente às três da tarde, que era o horário do sacrifício da tarde em Jerusalém, Elias tomou a frente no confronto, reparou o altar do Senhor que estava em ruínas, tomou doze pedras, jogou doze cântaros de água sobre o altar e orou ao Senhor para que ele respondesse com fogo.

Há alguns detalhes importantes aqui. Porque o altar do Senhor teve que ser reparado? Porque estava em ruínas devido ao abandono e a apostasia do povo. Os sacrifícios não eram mais a Jeová, e sim a Baal. Com frequência, durante uma reforma religiosa, altares “rivais” ou inaceitáveis eram destruídos. Elias reparou o altar do Senhor que estava abandonado e destruído, e há muito tempo não recebia sacrifício.

O Reino do Norte havia se dividido do Reino do Sul e agora tinha apenas dez tribos. Não seria o certo pegar dez pedras? Por que Elias pegou doze pedras? Porque Elias sabia que Deus não aceitaria um sacrifício de um altar dividido, Deus só receberia aquele sacrifício se as

doze pedras estivessem no altar. Assim o altar se tornou um símbolo da verdadeira identidade de Israel.

Por que doze cântaros de água? Porque aquela era a melhor oferta naqueles dias. Todo altar deve ter um sacrifício, e o melhor sacrifício naqueles dias era a oferta de água, porque há três anos não chovia em Israel. Elias estava ofertando a Deus uma oferta de valor.

Elias orou ao Senhor, Deus respondeu com fogo, consumiu o holocausto, a lenha, as pedras e a água, o que vendo todo povo caíram prostrados, gritando: “Só o Senhor é Deus, Só o Senhor é Deus!”. A resposta com fogo era um sinal que Deus havia aceitado o sacrifício. Imediatamente, Elias mandou o povo pegar os profetas de Baal e matar a todos no ribeiro de Quisom. Foram todos condenados à morte em cumprimento de uma antiga lei israelita contra a apostasia: “Quem sacrificar a outros deuses, exceto ao único Senhor, será destruído” (Êx 22.20).

O lugar de adoração em montanhas sagradas normalmente ficava na base e não no cume, que era considerado terreno santo, inacessível às pessoas comuns. Apenas no fim do episódio, após matar os profetas de Baal, Elias subiu ao cume do Carmelo para oferecer sua oração, pedindo chuva (1Rs 18.42). O topo do monte era restrito a poucos. Vemos isso, por exemplo, em Moisés. Moisés foi ao topo do Sinai, enquanto o povo ficou na base do monte. Em Cristo, no entanto, foi diferente, Jesus e o povo subiram juntos no sermão da montanha ao cume do monte para aprenderem juntos sobre as boas-novas do Evangelho.

Na oração pedindo chuva aconteceu o contrário da oração pedindo fogo. Na oração pedindo fogo, o pedido foi atendido na hora, ao contrário da oração pedindo chuva, que não foi atendida imediatamente. Foi preciso clamar sete vezes, para que Deus respondesse dando a eles um sinal que viria chuva. Deus lhe deu esse sinal através de uma nuvem que visivelmente era pequena como a mão de um homem, mas seria um agente divino para uma grande chuva em Israel. Existem orações que Deus responde na hora, existem orações que precisamos ter paciência e perseverarmos em orar até que Deus venha responder.

Elias disse a Acabe que se apressasse e voltasse correndo para Jezreel para não ser interceptado pela chuva (1Rs 18.41). Do Carmelo até Jezreel são aproximadamente trinta quilômetros. Em Jezreel Acabe construiu uma capital onde passava o inverno. Estava situada na entrada sudeste do vale de Jezreel, entre a colina de Moré e o monte Gilboa. Escavações trouxeram à tona um grande recinto real murado que data desse período, ocupando uma ampla porção da colina. No entanto, a

Bíblia nos diz que Acabe foi primeiro com seu carro para Jezreel, e Elias foi depois andando, porém a *“mão do Senhor veio sobre Elias, o qual cingiu os seus lombos e ele correu a frente de Acabe, e chegou primeiro a Jezreel”* (v.46).

Isso é fantástico e enriquecedor. Elias pela “mão do Senhor” correu mais do que Acabe com seu carro. Só há uma maneira de se explicar isso: A mão de Deus pode nos fazer ir além do que os recursos e mecanismos humanos podem nos levar. A mão de Deus nos leva até aonde somente Deus pode nos levar. Elias havia entendendo que existem coisas na vida que se Deus não fizer, ninguém mais faz.

Quando Jezabel soube que Elias havia matado os profetas de Baal, e que o povo havia voltado a adorar ao Deus Jeová, seu coração encheu-se de fúria e Elias teve que fugir para não ser morto por Jezabel. Elias fugiu para Judá, e ali se deitou e dormiu debaixo de um zimbro, que é um arbusto que cresce de um metro e meio a três metros no deserto. O zimbro é o único arbusto que oferece sombra nessa região seca e árida. Ali Elias pediu a Deus a morte.

Você consegue enxergar um profeta no meio de um deserto, que havia matado centenas de profetas de Baal, deitado debaixo de um zimbro, fugindo de uma mulher e pedindo a Deus a morte? – Charles Spurgeon disse: “Elias bateu em retirada diante de um inimigo que já estava vencido”.

Um anjo lhe visitou e disse: Levante-te! Ele olhou e viu ao seu lado um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Elias comeu, bebeu e voltou a dormir. O anjo lhe despertou novamente e disse: Levante-te e come, porque longo será seu caminho.

Elias assim o fez e com a força daquela comida caminhou quarenta dias até chegar a Horebe. Horebe é um dos nomes do monte Sinai. Foi como se Elias tivesse feito os quarenta anos de Israel no deserto e tivesse voltado ao lugar da revelação original de Deus, na montanha onde a aliança sagrada havia sido revelada. De onde Elias estava até Horebe são 320 quilômetros. Uma caravana normalmente conseguiria percorrer trinta quilômetros por dia, mas Elias não estava acostumado com uma viagem dessa distância e estava sozinho. Nessas condições e considerando o clima da região, oito quilômetros por dia era uma distância considerável para ser percorrida por Elias, por isso ele precisou de quarenta dias para esse trajeto.

Chegando a Horebe, Elias entrou em uma caverna, e ali passou a noite. O Senhor lhe perguntou: “O que fazes aqui Elias?”. É sugestiva

essa pergunta. Deus estava dizendo a ele: Com tanta coisa que ainda tenho para você fazer, o que você faz dentro de uma caverna?

Elias tentou argumentar com Deus que estava cansado, deprimido, desanimado, havia sido zeloso, e não havia sido correspondido. Deus o chamou para fora da caverna, e apenas quando Elias saiu da caverna que Deus lhe falou o que ele tinha a dizer. Existem experiências que teremos com Deus apenas depois de nos posicionarmos fora das “cavernas” que nos escondemos na vida. A caverna limita o propósito de Deus de ser cumprido em sua totalidade. A caverna limita a visão em relação ao horizonte, que representa o futuro. Elias precisava sair da caverna para entender o propósito de Deus.

Quando Elias saiu da caverna Deus manifestou a ele alguns sinais tais como um forte vento, um terremoto e um fogo, porém, em nenhum desses sinais Deus falou. O último sinal seria imperceptível a Elias se ele não estivesse atento, uma simples brisa, delicada, suave, mas foi ali que Deus decidiu falar com ele. O uso dessas quatro figuras (vento, terremoto, fogo e brisa) era como uma proposta de Deus para Elias, a respeito da próxima etapa do seu ministério. Até aquele momento da sua vida, Elias estava acostumado a desenvolver o seu ministério por meio de magníficos milagres de “efeitos especiais”, com secas, altar encharcado de água pegando fogo, fogo descendo do céu à vista de todos, etc. Mas, dali em diante o ministério de Elias enfatizaria mais a palavra e o relacionamento com as pessoas do que a ação “aterrorizante” de um profeta. Deus lhe orientou a ungir Hazael, como rei sobre a Síria, a Jeú, como rei em Israel, e a Eliseu, como profeta em seu lugar. Dá-nos a sensação de que Elias viveria agora um pouco mais o “ministério da brisa”. Além disso, seu trabalho não seria mais solitário, mas ele criaria a escola dos profetas, e continuaria seu ministério na companhia de Eliseu.

Passaram-se seis anos, e acerca desses seis anos nada sabemos. Então, Elias foi novamente enviado a Acabe, a fim de pronunciar contra ele o juízo divino. Jezabel havia acabado de tramar a morte do inocente Nabote, a fim de tomar a vinha dele. Elias encontrou Acabe no caminho e proferiu contra ele uma terrível maldição (1Rs 21.19-25). Era cerca de 869 a.C. Acabe ao ouvir o juízo pronunciado contra ele, aparentemente se arrependeu, e isso ainda o deu mais algum tempo de oportunidade, porém já era tarde demais, e seu fim já estava próximo.

Israel e Judá se alinharam em uma batalha contra a Síria, Acabe entrou na guerra disfarçado de soldado. Um arqueiro sírio lançou uma flecha ao acaso, e atingiu a Acabe na junta de sua armadura. Acabe re-

sistiu apenas por algumas horas, e morreu. O juízo de Deus havia começado contra eles!

Agora Acabe estava morto, e seu filho Acazias reinava em seu lugar. Era um novo rei, porém com o mesmo coração perverso do seu pai. Em certa ocasião, Acazias sofreu uma queda e ficou aleijado, e enviou seus servos a Baal-Zebude (Baal das Moscas), o deus de Ecrom, para saber se ele ficaria recuperado. Elias direcionado por Deus interceptou os servos de Acazias, e ordenou que eles voltassem a Acazias levando a repreensão por ele ter ignorado o Deus de Israel, dizendo-o que ele rapidamente morreria. Após algumas tentativas fracassadas de prender Elias, o profeta acompanhou o terceiro capitão que se comportou humildemente e foi até o rei. Elias disse a Acazias que ele não se recuperaria e morreria. Acazias não se recuperou e morreu como Elias havia predito.

Algum tempo depois, ao aproximar-se o final do ministério de Elias, Eliseu e alguns dos profetas associados a ele, perceberam que seu mestre estava prestes a deixá-los. Mas Eliseu prometeu que permaneceria com Elias, e seguiu com ele o seu caminho. Eliseu já estava a aproximadamente dez anos vivendo ao lado de Elias, aprendendo com ele sobre como era cumprir um ministério com seriedade.

Nesse tempo, Elias fez a Eliseu a mesma proposta que fez ao seu primeiro moço (1Rs 19.3). O primeiro moço de Elias aceitou ficar em Berseba quando ele assim o propôs. E nunca mais ele o viu. Dezesesseis versículos depois Eliseu preencheu a vaga do primeiro moço. E, Elias vai fazer-lhe a mesma proposta (2Rs 2.2). Eliseu, no entanto, não era como o primeiro moço de Elias. Eliseu disse: *“Tão certo como vive o Senhor, e vive a tua alma não te deixarei”*. A vaga da sucessão ministerial a princípio não era de Eliseu, a vaga era do primeiro moço. Mas, como ele aceitou abandonar o seu líder, ele mesmo foi abandonado na história. Por causa da perseverança de Eliseu, Elias lhe disse: *“Pede-me o que queres antes que eu seja tomado de ti”*. Então Eliseu pediu porção dobrada do espírito de Elias. Isso nos ensina que existem dimensões na vida que só iremos alcançar se estivermos decididos a não desistir por nada. A perseverança nos levará a lugares que nem todos chegarão!

Elias fez com Eliseu o caminho inverso pelo qual os filhos de Israel fizeram ao entrarem na Terra Prometida: da região montanhosa de Betel e Ai para a região de Jericó e finalmente para o Jordão. Assim como aquelas águas se dividiram para o povo ocupar a banda ocidental de Canaã, o mesmo aconteceu a fim de que Elias passasse para o lado oriental do rio.

Talvez um dos assuntos mais curiosos da Bíblia seja o significado do que a porção dobrada do espírito de Elias representava. Em primeiro lugar precisamos entender que essa porção dobrada não era do Espírito Santo, mas sim do espírito de Elias. A palavra *espírito* aqui não começa com a letra maiúscula, por isso, este não é o Espírito Santo. O espírito de Elias que ele se referia é a ousadia, a coragem, o caráter, a unção, entre tantos outros valores morais, pessoais e espirituais que Elias possuía. Vale a pena lembrar que a porção dobrada em Israel era referente à porção do primogênito em uma família. O que Eliseu estava dizendo era que independente se alguns dos outros “filhos dos profetas” recebessem alguma “porção” de seu mestre, ele queria a porção dobrada do que o próprio Elias possuía.

A condição de Elias para que a porção dobrada do espírito dele repousasse sobre Eliseu era ele ver o seu mestre no momento que ele fosse tomado dele. Caso não o visse, não receberia. *“Estando eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro, e Elias subiu ao céu em um redemoinho”* (2Rs 2.11).

É bom destacar que Elias não subiu ao céu no carro de fogo. O carro de fogo foi apenas para separá-lo de Eliseu. Elias subiu ao céu no redemoinho. Não há uma definição clara sobre porquê o carro de fogo foi apenas para separá-los em vez de também levar Elias ao céu. O que sabemos é que a partir daquele dia Eliseu nunca mais o viu.

Malaquias, o último profeta do Antigo Testamento, prometeu o retorno de “Elias”, que ofereceria uma esperança para o arrependimento antes do juízo (Ml 4.5,6). No Novo Testamento essa profecia é lembrada e incorporada em parte com a vinda de João Batista (Lc 1.17). Este, um também solitário profeta assim como Elias, chamou o povo ao arrependimento, junto às margens do rio Jordão. João recusou essa identificação (Jo 1.21-25), mas Jesus alegou que ele era o “Elias” que haveria de vir (Mt 11.14; 17.10-13; Mc 9.11-13).



Eliseu

Nome hebraico, significa “Deus é Salvação”.

Eliseu foi um profeta de Deus para Israel. Foi sucessor do profeta Elias e filho de Safate. Morava em Abel-Meolá, que alguns estudiosos identificam como a moderna Tell Abu Sifri, a oeste do rio Jordão, entre o mar da Galileia e o mar Morto.

A chamada de Eliseu acontece em 1 Reis 19. Elias havia recebido ordem de Deus para ungir dois reis e ungir Eliseu para ser profeta em seu lugar. Quando Elias o encontrou, Eliseu estava arando a terra, talvez na esperança da primeira boa colheita após os longos anos de seca profetizados por Elias. Eliseu nunca pensara em ser profeta. Elias o encontrou trabalhando com a 12ª junta de bois que arava a terra, bois esses que eram de seu pai, o que sugere que Eliseu era de uma família próspera. A frente dele havia 22 bois nas 11 juntas e 11 homens conduzindo cada junta, mas Elias foi até ele, como sinal de que Deus sabe aonde nos encontrar. Elias vendo a Eliseu lançou a sua capa sobre ele, e sem dizer nenhuma palavra saiu. Eliseu foi ao seu encontro e pediu que ele apenas esperasse ele despedir-se dos seus pais para que pudesse segui-lo.

Elias respondeu: “Vai, o que te fiz eu?”. Essa resposta de Elias é difícil de ser interpretada, pois Elias não havia dito nada a Eliseu, apenas havia passado sobre ele a sua capa. Isso era um sinal do chamado de Deus envolvendo Eliseu para o ministério. A capa de Elias possui uma importância muito grande sobre a vida e o ministério de Eliseu. Com ela Elias o chamou, ela foi o sinal da porção dobrada sobre Eliseu (pois foi à única coisa que ficou de Elias para Eliseu), e com ela Eliseu abriu o Jordão depois que Elias foi tomado. Essa capa era como que um memorial do chamado de Eliseu desde os primórdios, e trazia boas lembranças para Eliseu do início do seu chamado.

A escolha de Eliseu foi uma expressão da soberania de Deus, mas exigia uma resposta pessoal, envolvia sacrifício. Ele fazia parte de uma família bem-sucedida e amorosa, mas a convicção do chamado era mais forte. Eliseu pegou a junta de bois que era dele, matou os bois e fez dos aparelhos (peças de madeira) que eram os jugos dos bois, lenha para acender o fogo. Eliseu rompeu definitivamente com aquilo que lhe impedia de atender ao chamado, ele matou os bois e queimou os aparelhos, com isso ele estava dizendo que ainda que ele quisesse não teria como voltar atrás no seu chamado. Isso nos ensina que no relacionamento com Deus a re-

núncia e o sacrifício devem ser completos e o fato de Eliseu ter matado apenas os dois bois que faziam parte da sua junta de bois indica que o desapego as coisas dessa vida e o compromisso com o ministério devem ser uma decisão pessoal e individual. A carne dos bois ele não comeu, deu ao povo. Uma das marcas de um ministério confirmado por Deus é o serviço ao povo. Não há como um ministro servir a Deus sem servir ao povo!

Eliseu seguiu a Elias, e a Bíblia diz que ele o servia (1Rs 19.21). Após esse momento do chamado de Eliseu a sua história só volta a ser contada no segundo capítulo do segundo livro dos Reis. Aproximadamente 10 anos é o período que separa a chamada de Eliseu do dia que Elias foi tomado dele. Nesses 10 anos a história de Eliseu não foi contada, pois dificilmente acompanham a trajetória de alguém como servo de um líder. No entanto, a porção dobrada só é consequência de quem primeiro foi fiel no dever de servir.

O ministério de Eliseu durou aproximadamente 50 anos, de 850 a 800 A.C. Há algumas características diferentes entre os ministérios de Elias e Eliseu. Elias aparentemente não vem de uma família muito conhecida, não há nenhuma referência sobre seus antepassados. Eliseu, no entanto, vem de uma família provavelmente mais influente na área rural de Israel. Elias foi um profeta “solitário” de poucos amigos. Eliseu, no entanto, foi um profeta “comunitário” e teve mais amigos, a tal ponto de uma mulher com o consentimento de seu esposo construir um quarto para ele em sua casa, só para tê-lo por mais tempo com eles.

Além disso, Eliseu foi o profeta da porção dobrada. Isso ficou bem perceptível na quantidade de milagres operados por eles. Elias realizou 7 milagres, Eliseu realizou 13 milagres em vida e para cumprir a porção dobrada, ao jogarem um defunto sobre o túmulo dele o defunto ressuscitou, realizando assim o 14º milagre de seu ministério e completando também a porção dobrada de milagres que Elias realizou (2Rs 13.21).

Quando estava prestes de Elias ser tomado, ele perguntou a Eliseu: “O que queres antes que eu seja tomado de ti?”. Eliseu disse que queria porção dobrada do espírito de Elias. É bom entendermos que essa porção dobrada era a porção dobrada do espírito de Elias, e não porção dobrada do Espírito Santo como alguns pensam [para mais detalhes, ver Elias]. Elias disse que Eliseu só receberia essa porção dobrada do espírito de Elias se o visse no momento que Deus o tomasse, no entanto, se não visse, não receberia - sugerindo tanto que Eliseu deveria ser fiel até o fim como também que Deus o concederia tal visão. Em um daqueles dias indo eles andando e falando, de repente veio um carro de fogo, com

cavalos de fogo, e os separou um do outro, e então Elias subiu em um redemoinho. Um detalhe interessante é que Elias não subiu no carro de fogo, este veio apenas para separá-lo de Eliseu, Elias subiu foi em um redemoinho. Eliseu viu o carro de fogo que o separou do seu mestre, e daquele dia em diante nunca mais o viu. Deus havia tomado Elias para si.

Os milagres do ministério de Eliseu começaram nesse momento, pois o Jordão estava cheio, e Eliseu precisava atravessá-lo, então ele pegou a capa de Elias que havia caído próximo a ele e bateu com ela no Jordão dizendo: “*Onde está o Deus de Elias?*”. O Jordão abriu e ele atravessou até o outro lado. A partir desse momento ele passou a ser o professor da escola de profetas, que foi um projeto do ministério de Elias para ensinar e formar jovens vocacionados para o ministério.

Sua autoridade, entretanto, não era baseada no autoritarismo, nem sua liderança simplesmente baseada na tomada de decisões. Em sua imaturidade, o grupo de profetas queria procurar por Elias e, embora Eliseu soubesse que seria perda de tempo procurá-lo, não reprimiu aquilo que, afinal, era o produto de uma preocupação amorosa dos filhos dos profetas pelo seu mestre Elias (2Rs 2.17). Eliseu é o tipo do líder que quando assume um grupo de pessoas ao seu comando não se inveja do carinho que os liderados possuem pelo líder que acabou de ser substituído. Quando os moços voltaram, sem terem encontrado Elias, o profeta Eliseu não transformou aquilo num problema, mas se calou, para não ferir o coração daqueles que agora ele haveria de sarar. Esse espírito amável, gentil e ameno sempre foi uma característica de Eliseu.

Desse dia em diante uma sequência de milagres começaram a acontecer. As águas amargas de Jericó foram transformadas em águas potáveis; o aparecimento das duas ursos para matar os meninos zombadores; a multiplicação do azeite da viúva; a gravidez da mulher rica que não tinha filhos e a ressurreição desse menino quando morreu; o fim do veneno que havia na panela; a alimentação de cem homens com apenas vinte pães; a cura da lepra de Naamã; o machado que flutuou, entre outros.

Os milagres de Eliseu revelam um pouco sobre sua personalidade e o seu caráter. Principalmente em 2 Reis 4. Nesse capítulo Eliseu alcança duas mulheres. Uma tinha filhos, a outra não os tinha. Uma era tão pobre que estava perdendo os filhos por causa das dívidas, a outra era tão rica que construiu um quarto para ele. Uma era viúva, a outra era casada. Havia uma diferença gigantesca entre as duas, mas a mesma atenção que Eliseu deu à pobre, também deu à rica. O mesmo sentimento em abençoar a rica, Eliseu teve pela pobre. Isso nos revela um

princípio inegociável que todo líder deve possuir: a alegria de abençoar pessoas, independente de quem elas sejam, ou do que elas possam fazer ou representar. Eliseu havia entendido que o ministério é uma oportunidade que Deus dá ao homem para servir pessoas.

Outra grande qualidade de Eliseu era que ele sabia ser ousado quando preciso e manso quando necessário. Eliseu representava bem uma mistura balanceada da *“bondade e severidade de Deus”* (Rm 11.22). Por um lado, ao sustentar os indignos (2Rs 3.17), suprir as necessidades do pobre (4.1-7), alimentar o faminto (4.38), preocupar-se com uma ferramenta perdida (6.1) chorar diante de um sofrimento (8.11) e restaurar uma criança (4.8-37). Por outro lado, severo em suas denúncias (3.13; 2.23-25), resoluto na execução dos juízos de Deus (9.1,2) e na destruição dos inimigos de seu povo (13.14).

Na luta contra os sírios, Eliseu fez uso de seus poderes sobrenaturais para a inusitada finalidade de espionagem militar. Predizia com exatidão a hora e o local dos ataques dos sírios, fazendo com que fossem constantemente repelidos pelos defensores israelitas (2Rs 6.8-12). O rei da Síria disse aos seus oficiais que havia um traidor entre eles, e ouviu como resposta que os vazamentos de informações eram devidos ao profeta israelita Eliseu, então residindo na cidade de Dotã, a cerca de quinze quilômetros ao norte de Samaria. Sob a proteção da noite, uma força-tarefa dos sírios, composta de carros e cavalaria, avançou até Dotã e cercou a cidade, com instruções para capturar o homem de Deus que havia se transformado em uma ameaça para os planos militares dos sírios.

Ao acordar pela manhã e ver-se sitiado, Eliseu invocou ao Senhor e os soldados sírios foram acometidos de uma cegueira temporária. Eliseu então lhes disse que haviam tomado o caminho errado e se ofereceu para guiá-los até o homem que procuravam, levando-os diretamente para Samaria (capital do reino norte - Israel) e entregando-os às forças do rei, antes que recobrassem a visão. O rei israelita pensou em mandar matá-los, mas Eliseu o dissuadiu, observando que eles na verdade não haviam sido capturados em batalha. Assim, a conselho do profeta, os soldados sírios foram alimentados e mandados de volta aos seus pais, sem serem molestados. Esse ato de clemência proporcionou uma trégua temporária nos rumores de guerra entre os dois reinos.

Algum tempo depois, quando os sírios sob o comando do rei de Damasco invadiram Israel em grande número, Eliseu foi envolvido no cerco de Samaria. A cidade ficou totalmente isolada e a fome se instalou. O pouco alimento que restara alcançara preços exorbitantes no merca-

do, a ponto de uma mãe ter comido o seu próprio filho (2Rs 6.28-29). O desesperado rei Jorão culpou Eliseu de ter causado todo esse sofrimento por sua fé erroneamente depositada na proteção do Senhor. O profeta prometeu que no dia seguinte, haveria uma abundância de alimentos.

Durante a noite, o exército sírio fugiu em pânico, pois o Senhor fez com que ouvissem o som de carros de guerra e um grande exército, e eles imaginaram que a força dos heteus e dos egípcios haviam chegado para se juntarem aos israelitas. O cerco terminou e grandes quantidades de provisões abandonadas pelos sírios foram levadas para a cidade.

Desde o começo de seu ministério, Eliseu esteve envolvido em assuntos de estado. Ele sempre foi um conselheiro de guerra e um fazedor de reis. Uma das histórias que comprovam isso é a participação de Eliseu em uma situação durante o reinado do rei Jorão, rei de Israel. O reino de Moabe, no planalto leste do mar Morto, havia rompido seu compromisso de fidelidade ao reino de Israel. O rei Jorão propôs a Josafá, rei de Judá uma campanha conjunta contra Moabe. O rei de Edom, vassalo de Judá, também foi chamado a participar. Fizeram uma longa volta passando pelo deserto de Edom, além da extremidade sul do mar Morto, de modo a atacarem Moabe pelo lado sul. Porém, acabou-se a água (o principal em todas as campanhas militares no deserto) e as tropas e os animais dos três reinos estavam ameaçados a morrerem de sede. Depois que Josafá sugeriu que fossem consultar um profeta do Senhor, os aliados foram visitar Eliseu. Primeiro o profeta se recusou a ter qualquer encontro com Jorão, por causa do apoio que seus pais, Acabe e Jezabel, tinham dado aos profetas de Baal. Mas por causa de Josafá, rei de Judá, que era fiel ao culto ao Senhor, Eliseu concordou em ajudar. O profeta mandou chamar um músico e “enquanto o músico tocava veio à mão do Senhor sobre Eliseu” (2Rs 3.15). Eliseu anunciou a eles que cavassem poços no deserto, pois Deus mandaria água e eles venceriam os moabitas. Na manhã seguinte milagrosamente esses poços amanheceram encharcados de água.

De longe, as sentinelas moabitas viram a água refletindo à luz da manhã, vermelha como sangue, ilusão acentuada pelas rochas de arenito avermelhado da região. Concluíram que os aliados haviam lutado entre si, matando-se uns aos outros, e se adiantaram para o acampamento israelita para os despojarem. Ali chegados foram ali surpreendidos e derrotados, cumprindo assim a palavra que havia sido profetizada por Eliseu.

Pouco depois, cumprindo uma tarefa que originalmente Deus dera a Elias no monte Horebe, Eliseu ungiu dois reis. É dito, na verdade, que Eliseu instigou duas revoluções políticas, uma na Síria e outra em Israel. A revolu-

ção síria começou quando Eliseu disse a Hazael, ministro do rei Ben-Hadade, que o seu senhor morreria e ele seria rei em seu lugar (2Rs 8.13). Hazael fez a profecia se cumprir matando Ben-Hadade e assumindo o trono.

A segunda revolução ocorreu após Hazael ter começado os seus ataques no reino do norte após uma batalha na qual o rei Jorão foi ferido e teve de retirar-se. Eliseu enviou um dos filhos dos profetas secretamente a Jeú, comandante israelita, para derramar um frasco de óleo na cabeça dele com as palavras: “Assim diz o Senhor: Eu te unjo como rei de Israel” (2Rs 9.3). Quando este ato do representante de Eliseu tornou-se conhecido, os outros generais aclamaram unanimemente Jeú como rei. Logo em seguida, Jorão foi assassinado, sua mãe Jezabel foi atirada de uma alta janela e seu corpo comido por cães, e 70 outros filhos e netos de Acabe foram mortos (2Rs 9.30-37/10.1-14). Com isso cumpriu-se o juízo profetizado por Elias contra Jezabel (1Rs 21.23).

No entanto, Eliseu não foi feliz na escolha de um substituto. Seu moço chamava-se Geazi, era um bom assistente, mas com alguns defeitos no caráter que são inadmissíveis no ministério. Geazi aparece pelo menos em três episódios com Eliseu.

O primeiro ocorre quando eles estão hospedados no quarto que a sunamita havia construído para Eliseu, e ele descobre o que faltava para aquela mulher: um filho. Eliseu profetizou que a mulher teria um filho. Quando o menino já estava grande, veio a falecer, a sunamita procurou o profeta para ressuscitar seu filho. Geazi, porém tentou impedir a mulher ir até o profeta. Mas Eliseu demonstrou carinho e gratidão por ela, enviando Geazi a sua casa com a instrução de colocar o bordão sobre o rosto do menino, porém, a criança não voltou à vida, pois o bordão era de Eliseu, mas a mão era de Geazi, e Deus não opera por mãos de quem há engano. Quando Eliseu foi até a criança, Deus operou o milagre ressuscitando o menino.

O segundo encontra-se em 2 Reis 8.1-6. Eliseu dissera a mulher sunamita que deixasse o país, pois haveria sete anos de fome na região. Ela foi com a família para a terra dos filisteus. Quando voltaram, a rica mulher procurou o rei Jeorão, para recuperar suas propriedades. Na chegada descobriu que Geazi contava ao rei sobre as proezas de Eliseu e ouviu justamente o episódio da ressurreição do filho dela. Isso comoveu o rei ao ver o menino vivo, e este deu a sunamita de volta todas as suas propriedades. Aqui está um princípio espiritual: se nas suas propriedades houver um espaço dedicado a Deus (quarto do profeta) mesmo quando a crise vier, Deus guardará e preservará tudo o que é seu.

O terceiro ocorre na cura de Naamã, o comandante do exército sírio. Este general ofereceu uma recompensa a Eliseu por sua cura. O profeta recusou, entretanto, depois que Naamã partiu, Geazi foi atrás dele, com a intenção de tirar algum proveito da situação, pois era ganancioso. Geazi mentiu para Naamã, dizendo a ele que Eliseu precisava de algum dinheiro para ajudar dois profetas. Mas tarde, mentiu novamente para Eliseu, quando este lhe perguntou onde tinha ido. Dificilmente, o que começa errado terminará certo. O castigo de Geazi foi que a lepra de Naamã passou para ele, como recompensa de seus erros.

Um detalhe interessante sobre Geazi é que ele só aparece em histórias de pessoas ricas, a mulher rica e o general do exército sírio. Em nenhum momento ele aparece se compadecendo de alguém necessitado. Ainda em nossos dias existem essas duas classes de pessoas no ministério: Eliseu é o tipo de pessoa que desenvolve seu ministério para abençoar pessoas, independente de quem elas sejam ou do que elas tenham. Geazi é o tipo de pessoa que apenas desenvolve seu “pseudo-ministério” em um cenário que haja pessoas que tenham alguma coisa para lhe oferecer. Um cristão do quilate de Geazi nunca viverá o que de fato é o Evangelho, pois suas motivações são erradas, e seu coração é enganoso.

Quando Eliseu estava no final de sua vida, ocupava o trono de Israel, Joás, neto de Jeú. O rei veio visitá-lo e chorou por ele. Eliseu lhe disse para abrir a janela oriental e atirar uma flecha na direção de seu antigo inimigo, a Síria. Eliseu profetizou que os sírios seriam derrotados e repelidos em Afeque, a leste do mar da Galileia. A seguir pediu que o rei golpeasse o chão com suas flechas e Joás o fez por três vezes. Eliseu reclamou que ele deveria ter feito isso cinco ou seis vezes, para assegurar uma vitória total. Devido a isso, ele derrotaria os sírios apenas três vezes (2Rs 13. 14-19).

Eliseu morreu com idade avançada, com pelo menos oitenta anos. Porém, mesmo depois de morto seu ministério ainda continuava vivo. O último milagre relatado de Eliseu talvez seja o mais assombroso de todos, pois aconteceu depois que estava morto. Um cortejo funeral que passava perto da sua sepultura foi atacado por saqueadores moabitas. Em pânico, os homens que iam sepultar o morto jogaram o corpo que carregavam num túmulo próximo, que por acaso era o de Eliseu. Ao tocar os ossos de Eliseu, foi como se a vida brotasse a partir dos restos do profeta. O homem reviveu e pôs-se de pé (2Rs 13. 20-21).



Enoque

Nome hebraico, significa “Dedicado”.

Enoque era descendente de Adão por meio de seu terceiro filho, Sete. Era Filho de Jared, avô de Noé e pai de Matusalém – o homem que detém o recorde da mais longa vida registrada na Bíblia. É bom lembrar que este Enoque não é o mesmo Enoque que fora filho de Caim (Gn 4.17).

Enoque fez parte das chamadas “gerações de Adão”, dez gerações que tiveram uma vida extremamente longa. Enoque era um homem justo que “andou com Deus” até a idade de 365 anos, depois dessa idade “já não foi encontrado, pois Deus o tomou para si” (Gn 5.24). Naturalmente, isso significa que ele foi a primeira pessoa a ser arrebatada, sem passar pela morte.

O nascimento de Matusalém tratou-se de um ponto decisivo na vida de Enoque, pois foi a partir de então que ele começou a andar com Deus (Gn 5.22). Será que a responsabilidade de criar um filho num mundo tão perverso desafiou Enoque a ponto de ele entender que precisava mais do que nunca da companhia indispensável do Senhor? Ou será que, quando o bebê nasceu, Deus deu a Enoque discernimento sobre o futuro para que ele soubesse que o dilúvio estava por vir? Não se pode dizer ao certo. No entanto, podemos dizer que a chegada dessa criança mudou a vida de Enoque.

Alguns estudiosos veem nesse “arrebatamento” de Enoque em um tempo anterior ao juízo de Deus no dilúvio uma figura da igreja. Entendendo que assim como Enoque foi arrebatado antes do dilúvio, a igreja também será arrebatada antes do juízo (tribulação) que Deus enviará sobre a terra (1Ts 4.13; 5.11).

Não há dúvidas de que Enoque foi “trasladado”, ou simplesmente removido da terra para a presença de Deus. Enoque foi uma pessoa incomum, homem de poder e de notável influência. Como membro da linhagem dos descendentes de Adão que permaneceram fiéis ao Senhor, Enoque também aparece como ancestral de Jesus, em Lucas 3.37.

Além disso, Enoque é posto em evidência na crônica judaica. Ele teria sido o inventor das letras, da matemática e da astronomia. De fato, é reputado como o primeiro autor de livros e supõe-se que vários livros emanaram dele.

Judas 1.14-15 apresenta trechos do livro de Enoque. Nesse registro há uma referência a uma profecia de Enoque em que declara o juízo de Deus contra toda a impiedade. Aparentemente essa profecia se cumpriu na che-

gada do dilúvio. Embora muitos possam discutir sobre a fonte de que Judas estava realmente utilizando (tradição escrita ou oral) podemos realçar que a inclusão dessa citação em um livro do Novo Testamento é suficiente para confirmar a importância dessa mensagem e fazer dela um decreto sagrado.

Depois de ter sido citado em Judas e conhecido por alguns patriarcas da igreja, esse livro desapareceu. Nenhuma parte do original hebraico chegou até nós, embora existam fragmentos em grego e etíope que os estudiosos associam a esse livro. Nas cavernas próximas ao mosteiro eseno, junto ao mar Morto, foram encontradas parte de oito manuscritos de registro que se acredita ser de Enoque escritos em aramaico.

O escritor da carta aos Hebreus insere Enoque como um dos que faziam parte da galeria dos heróis da fé: *“Pela fé Enoque foi arrebatado, de modo que não experimentou a morte, pois antes de ser arrebatado recebeu testemunho de que tinha agradado a Deus”* (Hb 11.5).

Enoque demonstrou com a sua vida que é possível ao homem, mesmo vivendo em um mundo corrompido conseguir desenvolver uma elevadíssima espiritualidade. A oportunidade de *Andar com Deus* é dada a todos os homens, nosso dever e nos dedicarmos para que a caminhada diária com Deus faça parte da nossa existência.



Esaú

Nome hebraico, significa “Cabeludo”.

Esaú era filho de Isaque e Rebeca e irmão gêmeo de Jacó. Também era conhecido como *Edom*, que significa “vermelho”. Esaú é o ancestral tradicional dos edomitas (Gn 36; Ml 1.2-3).

Estes gêmeos lutaram um contra o outro no ventre antes do nascimento (Gn 25.22). Este foi um prenúncio pré-natal do relacionamento de Esaú e Jacó na vida, como também entre os seus descendentes (Gn 25.23). O primeiro a nascer foi Esaú, coberto de pelos ruivos. Em seguida veio Jacó, agarrado ao calcanhar do seu irmão. Deus, no entanto, já havia dito a Rebeca que *“o maior serviria ao menor”*. O “maior” na cultura antiga era uma referência ao primogênito.

Jacó era do tipo introvertido e pensativo, no entanto, era astuto e inteligente. Esaú era extrovertido e um homem do campo que se tornou um

hábil caçador. Esaú era o favorito de seu pai, Isaque. Enquanto que Jacó tornou-se o favorito de sua mãe, Rebeca. Esaú fornecia a seu pai as carnes favoritas de suas expedições de caça, mas o seu amor pela caça acabou se tornando uma das razões de sua ruína.

Um dia, quando Esaú retornou da caça, cansado e faminto. Jacó estava esperando por ele com um prato bem preparado de lentilhas avermelhadas com guisado (carne). Quando o cheiro dessa comida foi percebido por Esaú, ele disse, “Deixa-me, peço-te, comer deste guisado vermelho” (Gn 25.30). Jacó propôs a ele a troca do prato pelo direito à primogenitura, e Esaú prontamente aceitou. As escrituras, dizem que Esaú “desprezou” o seu direito de primogenitura (Gn 25.34). Podemos supor com segurança que Esaú demonstrou pouco caso quanto à questão da primogenitura, não tendo sido provavelmente a fome a causa principal de seu desprezo por sua descendência. No entanto, a importância desse episódio do guisado é demonstrada por sua associação com o segundo nome de Esaú, “Edom”, que significa “vermelho” (cor do guisado). Ou seja, “aquilo pela qual você se vende, é o que você se torna”.

O termo primogenitura denota as vantagens e direitos normalmente desfrutados pelo filho mais velho. Estes incluíam o vigor natural do corpo e do caráter (Gn 49.3; Dt 21.17), uma posição de honra na direção da família (Gn 27.29), e uma porção dobrada na herança (Dt 21.15-17). Quando aplicado a tribos e nações, a benção da primogenitura transmite a ideia de superioridade política e material. Este ato impulsivo tirou de Esaú a liderança do povo através do qual o propósito redentor de Deus iria fluir. Como castigo, também lhe foi confiscada a vantajosa porção do filho primogênito nos bens temporais do pai. Fazendo com que a partir daquele momento a descendência de Abraão e Isaque, passasse por Jacó, e não mais por ele, Esaú.

Estando Isaque já velho e quase cego, pediu a Esaú seu filho preferido, que fosse caçar e lhe preparasse um prato de caça como ele gostava, após isso ele o concederia sua benção. Rebeca ouviu tudo e decidiu conseguir a benção para Jacó, a quem ela preferia. Preparou então um saboroso prato de carne de cabrito e fez com que fosse levado ao seu marido por Jacó, antes o vestindo com uma das roupas de Esaú e cobrindo suas mãos e pescoço com a pele de cabrito, para simular o corpo peludo do seu irmão. Assim o velho pai foi enganado e concedeu a benção a Jacó, declarando que ele seria o cabeça da família após sua morte e que seus irmãos o serviriam.

Quando Esaú voltou e soube do que havia acontecido, chorou amargamente e pediu ao pai para abençoá-lo também. Isaque respondeu que Esaú teria de servir a seu irmão Jacó, mas prometeu que ele também havia de prosperar e, com o tempo, tornar-se independente. E acrescentou que Esaú viveria da sua espada.

Esaú passou a odiar Jacó por causa dessa traição e ameaçou matá-lo. Jacó fugiu para a família de sua mãe em Padã-Arã, para se esconder da vingança de Esaú e também para encontrar uma esposa entre os parentes.

Com quarenta anos de idade, Esaú casou-se com duas mulheres, com pequeno intervalo de tempo entre o primeiro e o segundo casamento. Ambas as mulheres eram cananeias e isso causou dificuldades consideráveis para a família de Esaú, gerando em Isaque e Rebeca uma amargura de espírito (Gn 26.34-35). O trecho de Gênesis 27.46 registra o descontentamento de Rebeca acerca dessa questão. Uma terceira esposa foi escolhida entre a sua própria parentela, chamada Basemate, também conhecida como Maalate (Gn 28.9), irmã de Naiabote e filha de Ismael, filho de Abraão e Hagar (Gn 36.3).

Os intérpretes acreditam que o fato de Esaú casar-se com mulheres estrangeiras, não relacionadas ao povo compactuado com Deus, serviu de sinal da pouca importância que ele dava às coisas espirituais.

Esaú se estabeleceu na terra de Seir, ao sul do mar Morto. Passados muitos anos (pelo menos, 21 anos que Jacó e Esaú não se viam), chegaram mensageiros de Jacó para dizer que ele havia retornado a Canaã com suas esposas e filhos. Esaú saiu ao encontro de Jacó, à frente de quatrocentos homens. Jacó temeu que o irmão gêmeo, com quem ele havia procedido mal, pudesse estar vindo para matá-lo e mandou adiante dele muitos carneiros, cabras, vacas e camelos escolhidos como presente para Esaú. A princípio, Esaú recusou os animais, dizendo que já os possuía em número suficiente, mas no final foi persuadido por Jacó a aceitar o presente.

O encontro se deu perto do vau do rio Jaboque. Jacó se adiantou com suas duas esposas, duas concubinas e filhos e se prostrou no chão diante de Esaú. Viu então que seus temores eram desnecessários. Esaú correu até ele e o abraçou, eles se beijaram e choraram (Gn 33.4). Esaú queria que Jacó voltasse com ele para a terra de Seir, mas Jacó argumentou que só poderia viajar devagar, pois seus filhos ainda eram de pouca idade e seus animais estavam com filhotes, convenceu Esaú e seus homens a seguirem na frente e ele iria devagar atrás até chegar a Seir. Jacó,

no entanto, não seguiu a Esaú, mas mudou de direção e continuou em Canaã. Ironicamente Jacó ainda possuía muita esperteza dentro de si.

O caráter de Esaú parece franco e direto sem sinal de astúcia de seu irmão Jacó. Suas emoções são fortes e espontâneas, esteja ele implorando diante do pai quando lesado no caso da bênção – ou ameaçando matar Jacó como vingança – ou correndo para abraçar o irmão quando os dois se encontraram e reconciliaram tempos depois. No entanto, Esaú e Jacó aparentemente só se encontraram novamente no enterro de seu pai, Isaque (Gn 35.29).

Os profetas usaram o nome de Esaú para simbolizar Edom. “Como Esaú foi revolido”, exclama Obadias “*não haverá sobreviventes da casa de Esaú*” (Ob 1.6,18). Malaquias descreve como a herança de Esaú se transformou em “*pastagens de chacais do deserto*” (Ml 1.3).

A relação subserviente dos edomitas para os israelitas existia no tempo de Davi (2Sm 8.11-15; 1Cr 18.13) e continuou até o tempo de Jeorão (2Rs 8.20-22; 2Cr 21.8-10). Após uma rebelião em 845 a.C., os edomitas ganharam sua independência por um tempo, mas foram reconquistados por Amazias (796-797 a.C.). Até que em 735 a.C., tiveram de volta sua liberdade e permaneceram independentes de Judá.

O nome de Esaú aparece também no Novo Testamento. Paulo cita Esaú em Romanos 9 como um exemplo dos não escolhidos por Deus, e o autor anônimo de Hebreus manda que seus leitores não sejam impuros ou profanos “como foi Esaú, o qual, por uma só refeição, vendeu o seu direito de primogenitura (Hb 12.16).



Esdras

Nome hebraico, significa “O Senhor ajuda”.

Esdras é conhecido de diversas maneiras: como sacerdote (Ed 10.10,16; Ne 8.2), como escriba (Ed 7.6; Ne 12.36) e como um sacerdote e escriba (Ed 7.11,12,21; Ne 8.9; 12.26). O escriba no Antigo Testamento não era um mero copista, como nos tempos de Jesus, mas um profundo estudante das leis e mandamentos de Deus. Esdras era descendente de Arão, o primeiro sumo sacerdote de Israel (Ed 7.2-7). Era filho de Seraías, que era neto de Hilquias, sumo sacerdote durante o reinado

de Josias. Aparentemente foi o autor do livro bíblico de Esdras, pois nos últimos quatro capítulos desse livro, ele fala na primeira pessoa do singular. Nada se sabe sobre o começo da sua vida.

Esdras ocupou uma posição de liderança no exílio, provavelmente, devido a sua linhagem sacerdotal. O seu título de “escriva” pode significar que ele era secretário oficial na corte persa, tendo servido como uma espécie de conselheiro do rei, em questões pertinentes aos judeus cativos. Seu bom conceito perante a corte real é comprovado pelo fato de Artaxerxes, o imperador persa, dar-lhe sua recomendação pessoal (Ed 7.11-12).

Esdras liderou uma caravana de exilados da Babilônia para Israel, após o decreto do rei Artaxerxes (Ed 7.1-12). Esse não era o primeiro grupo de exilados que voltavam a Jerusalém. O primeiro foi liderado pelo príncipe Sesbazar (Ed 5. 14-16), um segundo retorno, por seu sobrinho, Zorobabel em 537 a.C. O retorno de Esdras foi um dos últimos. A caravana de Esdras era composta de mil setecentos e cinquenta e quatro homens judeus (Ed 8.1-14), contados com mulheres e crianças acreditava-se que tenham chegado ao cálculo de cinco mil pessoas. Esdras também levou consigo uma grande oferta voluntária em ouro, prata e vasos de prata, para tal quantia haviam contribuído outros judeus, o rei da Pérsia e seus conselheiros. Esdras também tinha a permissão de valer-se do tesouro real na Palestina, sempre que para isso houvesse necessidade (na época pós-exílio a Palestina foi por um tempo uma província persa). Também tinha autoridade para nomear magistrados e juizes na Judeia, bem como para impor a sua própria liderança (Ed 7.11-28). Suas credenciais foram endossadas pelos sete principais membros da corte real da Pérsia (Ed 7.14). A Bíblia hebraica reproduz em aramaico o documento real autorizando a missão de Esdras (Ed 7.11-26).

O grupo reuniu-se às margens do rio Aava, onde habitaram em tendas pelo espaço de três dias, e dali partiram para Jerusalém (Ed 8.15). A viagem até Jerusalém durou cerca de quatro meses. Foi uma jornada longa (1600 km) e perigosa, atravessando um deserto cheio de perigos, como por exemplo, os salteadores. Chegando a Jerusalém celebraram ao Senhor e Esdras transmitiu as incumbências do rei persa para os governadores locais. Certamente a comunidade de Jerusalém era pobre e atrasada, quando comparada com o grupo de judeus que regressaram da Babilônia. A chegada de Esdras significou muito para a comunidade de Jerusalém, que enfrentava grandes dificuldades.

No entanto, há um problema de datas quando se refere ao ano exato em que Esdras voltou com esse grupo de exilados a Jerusalém. Essa

jornada aconteceu “no sétimo ano do rei Artaxerxes” (Ed 7.7), mas Esdras não especificou se esse retorno foi no sétimo ano do rei *Artaxerxes Longimanus*, conhecido como Artaxerxes I (458 a.C.), ou no sétimo ano do rei *Artaxerxes Mnemon*, conhecido como Artaxerxes II (397 a.C.). Embora, a primeira opção pareça ser a mais coerente, devido ao fato de Neemias ter chegado a Jerusalém em 444 a.C., e provavelmente Esdras ter chegado primeiro que Neemias em Jerusalém. Sendo assim, o retorno de Esdras foi aproximadamente 80 anos após o edito de Ciro ter iniciado o movimento de retorno à Terra Santa.

Em Jerusalém, Esdras ficou horrorizado, ao saber que muitos sacerdotes, levitas e líderes civis tinham-se casado com mulheres pagãs (Ed 9). Essas uniões mistas haviam corrompido a vida moral e religiosa da nação. Em seu desgosto, Esdras chorou humildemente diante do Senhor e conduziu toda a comunidade ao arrependimento (Ed 9 a 10). Muitos judeus divorciaram-se de suas esposas pagãs e foram reintegrados no serviço do Senhor. Alguns judeus, no entanto, recusaram-se a acompanhar essa reforma, mas o livro de Esdras termina com uma longa lista dos israelitas, entre eles sacerdotes e levitas, que concordaram em divorciar-se de suas esposas idólatras e fizeram sacrifícios de expiação por sua transgressão de casar-se com elas.

É importante notar que a exigência de Esdras quanto ao divórcio não era motivada por questões raciais. Os exemplos de Zípora (Êx 2.21,22), Raabe (Js 6.25) e Rute (Rt 1.4) deixam claro que a união mista com estrangeiros não era terminantemente proibida no Antigo Testamento. A questão em pauta nos dias de Esdras era o casamento inter-religioso, e não inter-racial. A mesma proibição aparece também no Novo Testamento (2Co 6.14 a 7.1).

Depois disso, a história de Esdras volta a ser contada apenas alguns anos depois em Neemias 8 e 9. Nessa época, a corte persa havia enviado Neemias a Jerusalém para ser governador judeu, ele administraria a então província palestina da Judeia. Neemias restaurou as muralhas de Jerusalém e aumentou sua população trazendo gente das cidades menores e das aldeias da Judeia.

Era chegado o tempo de Esdras estabelecer com mais firmeza a lei religiosa, como base na vida diária. Ele havia trazido da Babilônia as escrituras codificadas em um rolo da lei. No primeiro dia do sétimo mês – um dia tradicional de convocação que os judeus ainda celebram como *Rosh Hashanah*, o Ano Novo Judaico – Esdras e toda a comunidade reuniram-se na praça junto à porta das águas, e Esdras, sobre um estrado de madeira, e

na presença do governador Neemias, leu alto para todos os judeus o livro sagrado, e todos choraram de emoção. Ele lhes disse que não deviam chorar, mas sim ir comer, beber e alegrar seus corações “pois hoje é um dia consagrado ao nosso Senhor. Não vos aflijais, a alegria do Senhor é a vossa fortaleza” (Ne 8.10).

No dia seguinte Esdras continuou o estudo da lei junto com os levitas e os chefes das famílias. Quando se leu que “os filhos de Israel deveriam morar em tendas durante a festa do sétimo mês” (Ne 8.14), foi decidido imediatamente reviver a festa dos tabernáculos, para comemorarem o tempo em que seus antepassados foram tirados do Egito por Moisés e vagaram durante 40 anos no deserto (no ciclo do ano agrícola, essa época era a ocasião do festival da colheita do outono). De todas as cidades da Judeia, os homens saíram para recolher ramos de oliveira, pinheiro, murta e palmeira para montar as tendas nos terraços, nos pátios e nas praças públicas. A festa durou sete dias e no oitavo dia foi realizada outra assembleia solene. Duas semanas mais tarde, em outra assembleia em Jerusalém, os israelitas vestiram pano de saco e, com a cabeça coberta de pó em sinal de luto, “*confessaram seus pecados*” (Ne 9.2).

Esdras consolidou o código religioso e legal da ainda pequena comunidade judaica de Jerusalém e, dessa forma, lançou as bases para o posterior desenvolvimento do judaísmo como credo e como forma de vida.

Ao contrário do que muitos pensam, a forte ligação entre a prática judaica e a obediência à lei depois do exílio, não existia antes da época de Esdras. O conceito da grande alegria dos judeus de estudarem a Torá, no período que se dá após o exílio até a época de Cristo, é fruto do trabalho de Esdras.

As cerimônias de Esdras foram, de fato, a instituição da religião judaica como seria até a destruição do templo em 70 d.C. Depois de Esdras terminar o seu trabalho, Israel não mais seria apenas um grupo de pessoas unidas por uma residência comum ou devoção comum ao Senhor. Agora significava que os judeus eram um povo marcado principalmente pela adesão à Torá – os cinco primeiros livros da Bíblia – que continham a história da formação do povo judeu e a lei de Moisés. Os exilados tinham feito um longo caminho rumo à redefinição de Israel, pois mesmo sem seus ritos no templo os israelitas ainda tinham os mandamentos da lei. Mas, foi apenas no tempo de Esdras que a religião do judaísmo ficou firmemente vinculada à obediência a lei.

Há muitas características em Esdras que se assemelham as características de Neemias. Ambos demonstraram notáveis qualidades de liderança, energia ilimitada, fé intensa e anseios espirituais semelhantes.

Há razões para crer, segundo o que alguns historiadores sugerem, que originalmente Esdras e Neemias formavam um único livro, em continuação cronológica aos livros das Crônicas. É assim que ele aparece nas Bíblias gregas e latinas. Os dois últimos versículos de 2 Crônicas são idênticos aos dois primeiros de Esdras, o que leva alguns a pensar que Esdras também tivesse escrito as Crônicas. No entanto, Esdras e Neemias foram posteriormente divididos em dois livros na Bíblia hebraica e, por conseguinte, nas versões protestantes. Essa divisão acaba não sendo satisfatória, pois a parte mais importante do trabalho de Esdras – a leitura do livro da lei e as reformas religiosas que se seguiram – encontram-se nos capítulos 8, 9 e 10 do livro de Neemias.

A história de Esdras também é recontada nos livros apócrifos de 1 e 2 Esdras. O primeiro é em essência, a tradução grega do livro de Esdras com alguns acréscimos da tradição oral. O segundo parece ter sido tirado da primeira versão do (agora perdido) único volume hebraico de Esdras-Neemias.

Há uma forte tradição de que Baruque, que foi escrevente e copista de Jeremias em Jerusalém, tenha sido professor de Esdras durante o exílio na Babilônia. O estilo dos livros de Jeremias, Lamentações, Esdras e Neemias e os livros apócrifos de Esdras são semelhantes o bastante em suas características de linguagem para sustentar esse argumento.

Infelizmente, as circunstâncias da morte de Esdras não são conhecidas. Não há um consenso sobre o lugar onde ele morreu. Flávio Josefo informa-nos que ele faleceu pouco depois da celebração da festa dos tabernáculos. Sua missão estava terminada, e não havia razão para queixas ou lamentos. Josefo ainda afirma que ele foi sepultado em Jerusalém. Alguns cronistas têm dito que Esdras morreu no ano em que Alexandre, o Grande, chegou diante de Jerusalém. Presumivelmente, naquele mesmo ano morreram os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias, disso resultando que a profecia escrita havia se encerrado. No entanto, outra tradição assevera que Esdras retornou a Babilônia, onde faleceu, com a idade de cento e vinte anos. Há uma declaração do Talmude que afirma que Esdras morreu em Zamzumu, uma cidade à beira do rio Tigre, quando estava de caminho de Jerusalém para Susã, a fim de consultar o rei Artaxerxes sobre certos acontecimentos em Jerusalém. Portanto, as informações tradicionais parecem não se harmonizarem-se umas com as outras. Por muito

tempo, um certo túmulo, cerca de trinta e dois quilômetros da junção dos rios Tigre e Eufrates, era exibido como o sepulcro de Esdras. Não há como julgar o valor histórico dessas diversas tradições. O que podemos afirmar é que em vida, Esdras foi um homem fiel a Deus e aos seus mandamentos, tornando-se assim, sem dúvidas, um dos personagens mais importantes dentro da tradição judaica.



Ester

Nome persa, significa "Estrela".

Ester era seu nome persa, que significa estrela, e Hadassa era o seu verdadeiro nome de origem hebraica, que significa murta. A murta era uma planta que crescia nas montanhas perto de Jerusalém e da Palestina. Essa planta possuía um cheiro muito agradável, dava frutos e quando esmagada exalava uma fragrância ainda mais intensa, pois saía dela um óleo composto por diversas pontuações ao longo do limbo. Interpretando simbolicamente o significado do nome Hadassa, temos algumas ideias interessantes: fragrância agradável (testemunho cristão), frutos (obras), e quando esmagada (provação) emana da planta um "óleo" ainda muito mais agradável do que a própria planta.

Ester foi uma linda jovem hebreia, filha de Abiail, da tribo de Benjamim (Et 2.15). Viveu em um tempo pós-exílio. Passados setenta anos de exílio, muitos judeus haviam se adaptado e se estruturado financeiramente na Babilônia e em todo o território persa, e devido a isso acabaram não retornando a Jerusalém. Entre esses judeus estava a família de Ester. Infelizmente, nesse período os pais de Ester vieram a falecer deixando-a órfã. Ester tinha um primo chamado Mardoqueu, que morava em Susã, capital persa. Quando Ester ficou órfã, ele a recebeu e a criou como se fosse sua filha.

Mardoqueu era um judeu fiel ao Senhor. Por algumas vezes, a Bíblia informa que Mardoqueu ficava à porta do palácio do rei. Possivelmente, ele desenvolvia alguma função em Susã, talvez ligada ao palácio ou ao reino, mas nada muito ligado ao rei.

O rei dos persas naquela época era Assuero, este Assuero é o rei Xerxes da história que reinou entre 486 a 466 a.C. Sua esposa era a ra-

inha Vasti. Naqueles dias, Assuero decidiu fazer uma festa que durou 180 dias em Susã, porém dividiu homens e mulheres em dois compartimentos, um feminino e outro masculino. Ao fim dos 180 dias de festas, embriagado pelo vinho, Assuero mandou que chamassem a rainha Vasti, para que ela dançasse para ele na frente de todos os outros homens. A rainha não aceitou o convite, e recusou-se a se expor dançando para o rei diante de tal situação. Assuero recebeu isso como um desacato, e de forma tola e impensável rompeu sua aliança com Vasti, destituindo-a assim de ser sua esposa e da posição de rainha.

Segundo a Bíblia, Assuero realizou essa grande festa no terceiro ano de seu reinado (Et 1.3). Assuero separou-se de Vasti, sem ter a consciência das consequências do que estava fazendo. Para não voltar atrás em sua palavra real, manteve a decisão. No entanto, passado certo tempo Assuero sentiu a falta de uma esposa, e iniciou-se um concurso para a escolha de uma nova rainha, para assumir o lugar de Vasti.

O Império Persa abrangia cento e vinte e sete províncias desde a Índia até a Etiópia. Assuero reinava sobre todo esse território, e em todas essas cento e vinte e sete províncias foram selecionadas virgens formosas para serem analisadas pelo rei a fim de concorrerem a “vaga” de rainha.

Ester 2.8 diz que Mardoqueu ao ser informado da procura do rei por uma donzela formosa para ser sua nova rainha, apresentou sua “prima-filha” Ester para Hegai, que era o eunuco do rei e guarda das mulheres. Quando Hegai viu a Ester percebeu que esta era formosa e agradável aos olhos. Ester lhe agradou tanto que este lhe destinou sete servas para atendê-la, deu-lhe o melhor aposento do harém e a selecionou para o processo de purificação de um ano que era necessário a virgem passar antes de se encontrar com o rei.

Alguns intérpretes enxergam essa história como um tipo do arrebatamento da igreja. Assuero tipifica Cristo e Ester tipifica a igreja. No entanto, Ester precisou se purificar para encontrar-se com o rei. Este processo de purificação durava um ano. Seis meses para o tratamento com óleo de mirra e seis meses com especiarias, perfumes e unguentos. Representando assim a santificação que a igreja deve viver para encontrar-se com Cristo.

Após o período da preparação, quando Assuero conheceu Ester, ele se encantou por ela e decidiu que ela seria a sua rainha. No terceiro ano do seu reinado, Assuero separou-se de Vasti. Apenas no sétimo ano do seu reinado que ele conheceu Ester (Et 2.16), o que significa que ele passou pelo menos quatro anos à procura da nova rainha, mas quando

ele conheceu a Ester, não teve dúvidas sobre sua escolha. Ester segundo a Bíblia era uma jovem “de corpo bonito e aspecto agradável (Et 2.7). Impressiona-nos o favor de Deus na vida de Ester. De uma jovem pobre, órfã e exilada Deus a abençoou a tal ponto que se tornou a rainha de um reino de cento e vinte e sete províncias, e que ia da Índia (Ásia) até a Etiópia (África).

Após Ester tornar-se rainha, dois oficiais do rei, chamados Bigtã e Teres planejaram, não sabemos o porquê, a morte de Assuero. Mardoqueu descobriu esse plano dos dois oficiais contra o rei e avisou a Ester para que ela pudesse informá-lo sobre essa conspiração. Assuero investigou o caso e descobriu que realmente havia um plano para sua morte. Após a certeza desse plano, Bigtã e Teres foram mortos e o rei foi livre da execução.

Mais tarde, o rei concedeu honra mais elevada que a todos os outros do reino a um de seus conselheiros chamado Hamã. Hamã e Mardoqueu nunca tiveram comunhão entre si. Mardoqueu temia a Deus, e Hamã não. Hamã lançou um decreto como segunda pessoa do rei, que todos que passassem perante ele deveriam se prostrar em sinal de reverência, e todos assim faziam, menos Mardoqueu. Há evidências de que havia uma rixa antiga entre as famílias de Hamã e Mardoqueu desde a época do rei Saul. Hamã é identificado como filho de Hamedata, o agagita (8.5), indicação de que era da tribo de Agague, o amalequita inimigo do rei Saul (1Sm 15.7 em diante). E Mardoqueu era filho (descendente) de Jair, filho de Simei, filho de Quis (Et 2.5). E quem era Quis? Quis era pai de Saul. Essa talvez seja uma das razões que alimentava a diferença entre Mardoqueu e Hamã.

Cinco anos depois de Ester ter se tornado rainha, Hamã projetou a morte de todos os judeus no império persa. Essa era uma forma dele se vingar de Mardoqueu, não sabendo ele, que Ester também era judia. Ele convenceu o rei que os judeus eram inimigos da Pérsia e pediu permissão para matar todos os judeus. Assuero sem saber quais eram as motivações internas de Hamã, deu-lhe permissão para isso. Hamã jogou a sorte a fim de encontrar uma data para o massacre, e a data no calendário hebraico, caiu no dia 13 do mês de adar (março). Nessa data todos os judeus seriam enforcados por uma forca de 22 metros e 50 centímetros de altura construída pelo próprio Hamã (Et 7.9).

Quando Mardoqueu soube do plano de extermínio dos judeus procurou a Ester, e solicitou a ajuda dela para que os judeus fossem socorridos. A princípio, Ester não queria comparecer perante o rei. Há os que pensam que ela não queria, pelo fato de aparentemente mesmo

sendo de origem judaica não estar correndo risco de vida por ser rainha. No entanto, a verdade era que comparecer na presença do rei sem ter sido chamada por ele era um grande risco. Era uma ofensa passível de pena capital alguém abordar o rei sem sua solicitação. Ester poderia ser executada por ir ao rei sem ser convocada, caso o rei naquele dia não estivesse com humor agradável. Através da insistência de Mardoqueu Ester aceitou procurar o rei, porém, pediu a Mardoqueu que todo o povo judeu estivesse durante três dias orando e jejuando para que Deus fosse com ela e sua visita ao rei fosse do agrado dele.

Quando Ester procurou Assuero, ele a recebeu de forma calorosa e disse que daria a ela o que quisesse, mesmo que fosse metade do reino. Primeiro, ela pediu ao rei para convidar Hamã para um banquete que ela daria naquela noite. Hamã aceitou, compareceu ao banquete, divertiu-se e foi convidado para outro banquete na noite seguinte.

Nessa ocasião, a Bíblia nos conta que Assuero perdeu o sono. A madrugada passava e o rei não conseguia dormir, foi quando ele teve a ideia de que o trouxessem o livro dos relatos históricos de seu reinado. Quando foi aberto o livro estava exatamente na página que contava o livramento que o rei tinha recebido através de Mardoqueu.

Pela manhã, enquanto o rei estava no palácio, Hamã foi até ele para pedi-lo que o desse autorização para enforcar a Mardoqueu (Et 6.4). Hamã ao chegar foi interrogado por Assuero acerca do que ele poderia fazer a um homem da qual ele se agradara. Dominado pela soberba do seu coração Hamã entendeu que ele era esse homem, e sugeriu uma procissão real (a maior honra possível a um cidadão) com o cavalo, a coroa e as vestes do rei. O rei então disse: “Levanta-te e faze assim para o judeu Mardoqueu, e não retire nada do que dissestes” (Et 6.1-10).

O declínio de Hamã estava apenas começando. Quando ele chegou naquela noite ao segundo banquete dado pela rainha, viu Ester contar ao rei que era judia, e com isso por causa do decreto seria morta junto com os judeus. Além disso, Hamã viu Ester convencer Assuero que a decisão que ele estava fazendo era uma injustiça e uma traição com os judeus. Na mesma hora, o rei deixou o banquete furioso, Hamã ao perceber o perigo que estava correndo atirou-se aos pés de Ester, implorando que ela convencesse o rei de não lhe fazer mal algum. Neste momento, o rei retornou ao banquete, e pensando que Hamã estava atacando Ester, mandou que o tirassem dali e o levassem para pendurá-lo na forca que ele havia preparado para os judeus.

A pedido de Ester, Assuero cessou o massacre programado, deu a Ester as propriedades e bens que eram de Hamã (Et 8.1) e colocou Mardoqueu para ocupar o lugar que era de Hamã. A força que era de Mardoqueu Deus transferiu para Hamã, e a posição que era de Hamã Deus transferiu para Mardoqueu.

Assuero também autorizou os judeus se defenderem de qualquer outro que quisesse prejudicá-los. No dia escolhido para exterminar os judeus, foram exterminados todos os que tramavam matá-los (Et 9.1). O dia seguinte foi declarado o dia da celebração em honra da libertação dos judeus. Esse dia, 14 do mês adar, é celebrado como o Purim (nome originário de *pur*, jogar a sorte, método por meio do qual Hamã escolheu o dia do massacre). O Purim se tornou uma festa judaica imensamente comemorada e totalmente identificada com o livro de Ester. Trata-se de uma espécie de alegre “carneval”, o único do calendário judaico. É bom que se entenda que esse “carneval” não é, por exemplo, como o típico carnaval que conhecemos no ocidente, que é uma festa secular, marcada por orgias e carnalidade. Mas sim, uma festa em que as famílias saem com seus filhos fantasiados nas ruas, reúnem-se nas sinagogas para lerem o livro de Ester e comem um doce de formato triangular, recheado com sementes de papoulas ou uvas, popularmente chamado de “Orelha de Hamã”, tudo isso em comemoração ao livramento dado por Deus aos judeus nos dias de Ester. O livro de Ester tem sido uma fonte de encorajamento aos judeus perseguidos no mundo, pois é a própria palavra de Deus contando o cuidado que Deus tem pelo seu povo. Não se sabe quando ou como Ester morreu.



Estevão

Nome grego, significa “Coroa”.

Estevão foi um membro da igreja primitiva de Jerusalém e o primeiro mártir do cristianismo. Seu nome significa “coroa”, e é bem significativo ter sido ele o primeiro a receber a coroa do martírio. Sua história está registrada em Atos 6.5 – 8.12. Não dispomos de qualquer relato sobre sua conversão, embora haja uma tradição antiga que dizia que ele havia sido um dos setenta discípulos de Jesus. No entanto, há mais probabilidade dele ter sido ganho para a causa cristã através da pregação dos apóstolos.

los, em Jerusalém. E essa possibilidade é grande devido ao fato de que seu martírio ocorreu apenas no quinto ano após o início da igreja primitiva no dia de pentecostes.

A história de Estevão, situa-se em um ponto crucial do desenvolvimento dos primórdios da igreja. Os conflitos que a cercaram ajudaram a por a nova fé fora da esfera do judaísmo palestino e dentro da órbita muito mais ampla do império romano e ajudaram a inseri-la no mundo grego. E curiosamente não demorou muito para que a igreja se transformasse de um movimento tipicamente judaico para uma comunhão composta quase exclusivamente de gentios.

Jerusalém no primeiro século da era cristã era uma cidade cosmopolita povoada por judeus que haviam imigrado de diversas regiões do império romano. E em Atos 6, Lucas registra a primeira divisão na igreja primitiva em Jerusalém. A igreja, até então, era constituída por dois grupos de judeus descritos como “judeus hebreus” e “judeus helenistas”. Os hebreus falavam o aramaico e os helenistas falavam grego – embora eles também conhecessem o aramaico – o hebraico não era usado na Palestina durante séculos, exceto em casos de rituais. Esse conflito se espalhou pela igreja primitiva. Um dos ministérios dos cristãos era a distribuição de alimentos para as viúvas. Muitas delas, naquele tempo, não tinham ninguém que lhes oferecesse cuidado e viviam na mais absoluta pobreza. As viúvas helenistas estavam sendo negligenciadas pelos hebreus cristãos, e os cristãos helenistas reclamaram (At 6).

Os apóstolos então decidiram indicar sete varões que fossem “cheios do Espírito e de sabedoria” para atender essa missão. Nisso que Estevão aparece pela primeira vez como um destes sete varões, indicados para ocuparem a função de diáconos e supervisionarem a distribuição diária de alimentação às viúvas e aos outros membros necessitados na igreja. Parecem que todos esses varões eram gregos (At 6.1-16). No entanto, embora eles sejam popularmente chamados como os primeiros diáconos, apenas o trabalho de dois deles – Estevão e Filipe – é descrito no livro de Atos, revelando que sua principal atividade era pregar e ensinar. Curiosamente, desse grupo de diáconos, Estevão é o único que é descrito como “cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6.5). E após a sua comissão, Estevão é mencionado novamente como “cheio de graça e do poder” e depois de sua eleição como diácono, tornou-se um importante pregador e “realizava grandes maravilhas e sinais no meio do povo (At 6.8).

No entanto, não foi como diácono que Estevão deixou sua marca na história da igreja primitiva, mas como um resoluto apologista da fé cristã. O seu discurso é o mais longo do livro de Atos (At 7.2-53).

Naqueles dias, a nova fé introduzida pelo Senhor Jesus contrariava a tradição judaica e o culto no templo. Estevão transmitiu essas convicções publicamente a ponto de levantar uma grande oposição entre os judeus em Jerusalém. Foi realizado um debate na sinagoga, ao qual compareceram muitos judeus das províncias ocidentais (inclusive, provavelmente, Saulo de Tarso). Os argumentos de Estevão sobre o caráter temporário da adoração no templo, e a substituição dos antigos costumes judaicos por um novo estilo de vida no Senhor Jesus (o segundo Moisés – Dt 18.15 em diante), mostraram-se difíceis de refutar – sem dúvidas por sua facilidade de argumentar que os registros do Antigo Testamento confirmavam essa doutrina.

Portanto, as autoridades da sinagoga levaram informações contra ele perante o Sinédrio e fizeram duas acusações. Primeira, disseram que Estevão havia cometido uma blasfêmia contra Deus ao dizer que Jesus de Nazaré iria destruir o templo (observe a grande semelhança entre essa acusação e a acusação que foi feita contra Jesus em Marcos 14.58). E, segunda, disseram que Estevão havia cometido uma blasfêmia contra Moisés ao dizer que Jesus iria mudar os costumes que o próprio Moisés havia lhes entregado. No entanto, apesar da oposição, seus inimigos “não podiam resistir à sabedoria e ao espírito com que ele falava” (At 6.10), e “fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo” (At 6.15).

Conduzido ao Sinédrio para responder essas acusações, Estevão foi convidado a se explicar. Lucas diz que apresentaram falsas testemunhas contra ele (At 7.12-14), assim como tinham feito contra Cristo. As acusações feitas contra Estevão eram destituídas de fundamentos, e só prevaleceram porque suas palavras haviam sido distorcidas por essas falsas testemunhas e por causa dos preconceitos judaicos contra o cristianismo. Sua resposta, no entanto, não foi declaradamente uma defesa jurídica destinada a inocentá-lo, mas sim uma fundamentada apologia de seus ensinamentos e sua fé, que adquiriu a forma de um retrospecto histórico no relacionamento de Deus com o seu povo (At 7.2-53).

Seu discurso concentrou-se em três fases da história israelita: a era patriarcal, Moisés e a peregrinação pelo deserto e o tabernáculo e o templo. E Estevão usou a própria Torá – livro sagrado dos judeus – para narrar a desobediência constante do povo de Israel. Estevão argumen-

tou que Israel havia se acostumado devido à lei a um padrão de vida religiosa, porém, agora o Senhor estava pedindo que eles deixassem a suposta segurança desse culto tradicional e caminhassem para onde Ele quisesse levá-los (At 7.44-50). Estevão ainda argumentou que essas mesmas escrituras anunciaram a vinda do “justo”, a quem Israel crucificara. Com isso Estevão acusou àqueles judeus de assassinos do Messias e traidores de Deus.

Ao ouvirem essas palavras, enraivecaram em seus corações e ranciam com os dentes contra ele (At 7.51-54). Nesse ponto, Estevão olhando para o céu, viu o Filho do homem em pé, à direita de Deus, pronto para recebê-lo. Ao declarar essa visão, lançaram-se contra ele furiosamente, arrastaram-no para fora da cidade e o apedrejaram até a morte. Não era lícito matar alguém sem permissão do governador romano. Por isso, o martírio de Estevão foi o resultado de uma explosão irreprimível, e não de uma condenação. Enquanto faziam isso, os acusadores deixavam seus mantos aos pés do ainda jovem Saulo, que aprovava o apedrejamento (At 7.58; 8.1). Curiosamente, alguns anos mais tarde, Deus chamou este mesmo Saulo para se tornar um apóstolo da nova fé e para continuar o trabalho que havia sido iniciado por Estevão.

Há um detalhe interessante na visão que Estevão teve de Cristo em pé à direita do Pai: No Evangelho escrito por Lucas, estão registradas as seguintes palavras de Jesus: “Digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus” (Lc 12.8). Estevão diante do seu martírio, reivindicou ousadamente essa promessa e pediu a Jesus, o Filho do homem, que o reconhecesse no céu, na presença de Deus, como verdadeiro discípulo. Seu pedido foi concedido e ele exclamou: “Olhai! Eu vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à direita de Deus (At 7.56). Como o primeiro mártir do cristianismo, Estevão imitou Jesus até a morte. Falou a verdade em seu julgamento (At 7.51-53), pediu perdão por seus acusadores (At 7.59-60) e entregou o seu espírito a Jesus (At 7.59 – como Cristo fez ao pai – Lc 23.46). Estevão viveu, sofreu e morreu por amor a Cristo!

O martírio de Estevão ocorreu por volta do ano 35 d.C. e trouxe maiores consequências para os cristãos primitivos dando início a uma grande perseguição em Jerusalém: “Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém, e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria” (At 8.1). Deus, entretanto, serve-se até mesmo da ira humana, encaminhando-a para seus propósitos. Foi desta maneira, pois, que teve começo a segunda fase da missão

evangelizadora da igreja primitiva, pois “os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra” (At 8.5) Através de sua morte, foi rapidamente exercitada a missão da evangelização aos gentios, liderada por cristãos gregos que possuíam o mesmo pensamento de Estevão. Seus ensinamentos continuaram a produzir frutos, e ecoaram através da epístola aos Hebreus, que embora não se saiba quem foi o autor, acabou reproduzindo a mesma visão doutrinária que Estevão manifestou em seu discurso.



Eva

Nome hebraico, significa “Vida ou Geradora de Vida”.

Eva foi a primeira mulher da raça humana. Foi esposa de Adão, e mãe de Caim, Abel, Sete e outros filhos (uma antiga tradição judaica diz que Adão e Eva tiveram ao todo 60 filhos). Depois que Deus criou o homem, decidiu também criar alguém “que o auxiliasse” para que ele não estivesse só (Gn 2.18). Fazendo com que Adão caísse em um sono profundo, Deus tomou uma de suas costelas e a usou para formar Eva (Gn 2.21-25). A mulher é chamada ezer (em hebraico, “ajuda”).

Eva recebeu dois nomes na narrativa do Gênesis. O primeiro foi mulher: “Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem” (Gn 2.23). O segundo, Eva, foi dado por Adão após a queda e parece se referir à missão que ela teria na procriação da raça humana (Gn 3.20). No mesmo contexto, a palavra Adam começou a ser usada como nome próprio para o primeiro homem.

O mal e o pecado entraram no mundo, quando Eva foi tentada pela serpente para desobedecer ao mandamento divino que proibia que comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17; 3.3). Enganada pela persuasão sutil da serpente, Eva transgrediu a vontade de Deus comendo o fruto. Adão fez o mesmo quando ela lhe trouxe o fruto, embora não tenha sido enganado como ela foi. Isso sugere que Adão também queria comer do fruto e só esperava uma oportunidade? Não sabemos. O que sabemos é que ambos então reconheceram sua nudez e fizeram vestes de folhas de figueira para se cobrirem. Os seus olhos realmente se abriram, mas não para que eles se vissem como deuses. Ao contrário, viram que eram fracos, nus e a partir daquele momento merecedores da ira de Deus.

Deus disse a Eva que, como consequência do pecado, o parto seria uma experiência dolorosa a partir daquele momento, e o homem – Adão – a governaria (Gn 3.16). Isso não quer dizer que não havia hierarquia conjugal antes desse momento, mas sim, que ela seria de algum modo reconfigurada a partir daquela ocasião. Em meio à maldição, porém, podemos ver a benção de Deus, pois a capacidade da mulher conceber foi preservada. Eva continuaria a ser uma geradora de vida, mesmo a morte sendo o castigo da rebelião da raça humana para com o Senhor [para mais detalhes sobre Eva, ler *Adão*].

Ezequias

Nome hebraico, significa “O Senhor fortalece”.

Ezequias foi o décimo terceiro rei de Judá após a divisão do reino unificado (os que não consideram o reinado de Atalia – 2Rs 11.3 – consideram Ezequias como o 12º rei de Judá), e reinou por 29 anos em Judá – aproximadamente de 715 a 686 a.C.

Ezequias nasceu por volta de 740 a.C., e era filho do rei Acaz e de Abi. Acaz foi um rei perverso e não somente roubou o tesouro do templo para subornar os assírios e mantê-los afastados como trouxe também para Judá o culto idólatra aos deuses cananeus (2Cr 28 19.22). Acaz não foi colocado no sepulcro dos reis, e por isso, acredita-se que ele havia sido vítima de alguma enfermidade, que representava um juízo de Deus sobre seus pecados. Ezequias reinou conjuntamente com seu pai de 729 a 715 a.C. e, com a idade de 25 anos tornou-se rei absoluto em Judá. É dito que a queda de Samaria – 722 a.C. – ocorreu no sexto ano de seu reinado (2Rs 18.10), esse “sexto ano” não era do reinado absoluto, mas sim do período ainda de coregente junto com seu pai.

Ezequias era um rei piedoso como todos os relatos bíblicos demonstram (2Rs 18 a 20; 2Cr 29 a 33; Is 33 a 39). De acordo com o autor dos livros dos Reis, “não houve outro como ele, nem antes, nem depois, porque Ezequias confiava no Senhor” (2Rs 18.5). Um testemunho da fidelidade dele também é citado em Jeremias 26.18-19.

Os dias de anteriores a Ezequias haviam sido dias de mudanças no cenário político e militar do mundo da época. Damasco havia sido conquistada por Tiglate-Pileser III em 732 a.C., e Samaria (capital do Reino do Norte) por Salmaneser V em 723/22 a.C. Sargão II – o rei sucessor de

Salmaneser da Assíria (722-706 a.C.) – havia avançado em direção a Filístia para conquistar Asdode em 711 a.C. Ou seja, Judá era um dos próximos alvos a serem alcançados naqueles dias. O pai de Ezequias, o rei Acáz, havia aceitado se tornar vassalo da Assíria, e sobre os ombros de Ezequias que repousava a responsabilidade de se posicionar em relação a essa política de conquistas.

No primeiro ano do seu reinado, Ezequias se viu diante de uma decisão crítica. Várias cidades filisteias e o Egito se recusaram a pagar tributos a Assíria e convidaram Ezequias para que participasse de uma rebelião, fazendo uma coligação. Atendendo a orientação do profeta Isaías, Ezequias sabiamente se recusou a fazer essa aliança política. Isaías havia caminhado nu (aparentemente só com uma tanga) durante três anos em Jerusalém, avisando que sua nudez representava como ficaria Judá caso se aliásse com aqueles que estavam propondo a rebelião. Ezequias tomou a decisão certa, pois Sargão II devastou todas aquelas cidades rebeldes, mas deixou Judá relativamente ileso.

Assim que Ezequias iniciou o seu reinado, iniciou também uma reforma religiosa em toda Judá. Ele estava profundamente consciente que o cativo do Reino do Norte havia sido causado pela quebra da aliança com Deus e pela desobediência aos seus mandamentos (2Rs 18.9-12). Ezequias eliminou a idolatria – inclusive a serpente de bronze que Moisés erigira no deserto, para que o povo não morresse atacado por cobras venenosas, mas que havia se tornado um símbolo de idolatria nos dias de Ezequias, pois as pessoas estavam a identificando com uma deusa em forma de serpente, chamada Neustã (2Rs 18.4; Nm 21.6-9) – Ezequias restaurou e purificou o templo, restabeleceu a adoração ao Senhor e celebrou novamente a Páscoa, a qual superou todas as celebrações desde o tempo de Salomão. Ezequias até mesmo incentivou os moradores do Reino do Norte para que viessem a Jerusalém e celebrassem ao Senhor. Nessa época, eles não mais possuíam seu centro político, pois Samaria havia sido destruída pelos assírios em 722 a.C., e os israelitas que sobreviveram coexistiam com outros povos, que o rei assírio Salmaneser havia mandando instalar na região. Em suma, a reforma de Ezequias teve como objetivo principal centralizar a adoração ao Senhor novamente em Jerusalém e sob o ponto de vista religioso esta reforma foi um grande sucesso.

Ezequias também foi um importante líder militar e “consertou todas as brechas da muralha, sobre ela construiu torres, ergueu uma segunda muralha na parte externa, restaurou o terraço de apoio na cidade de Davi e mandou fazer grandes quantidades de armas e escudos” (2Cr 32.5).

Ezequias também previu um ataque assírio contra Judá e concentrou sua atenção em um programa de defesa, fortificando Jerusalém. Construiu um túnel com aproximadamente 550 metros de extensão através de duras rochas para ligar a fonte de Gion com o tanque de Silóe (2Rs 20.20; 2Cr 22.30).

A única nascente natural de Jerusalém era a fonte de Gion, que brotava de uma gruta fora das muralhas da cidade. Esse túnel que Ezequias construiu passava sob a parte sudeste das muralhas até chegar ao tanque de Silóe, que era um reservatório de 9 metros e 15 centímetros de comprimento por 6 metros e 10 centímetros de largura dentro das muralhas cidade.

Nesse mesmo tempo, a gruta da nascente do lado de fora da cidade foi fechada, de modo a impedir que um exército inimigo que sitiase a cidade, usasse ou poluísse a água. Dessa forma ele assegurou a Jerusalém um suplemento de água adequado caso a cidade fosse sitiada. Os trabalhadores começaram a cavar a partir dos dois pontos opostos – tanque de Silóe e fonte de Gion. Esse túnel foi descoberto em 1880 e encontraram na parte interna do túnel um texto escrito em hebraico clássico que data a época de Ezequias. No texto estavam as seguintes palavras: *“A escavação terminou. Quando os trabalhadores ainda estavam levantando suas picaretas, cada qual na direção de seu vizinho e quando um metro e meio ainda precisava ser cavado, cada qual ouvia a voz do outro, do outro lado da escavação, pois havia uma fenda na rocha que ligava as duas partes do lado direito. E no dia que a escavação terminou, os escavadores se encontraram, picareta com picareta. E então fluíram as águas para o poço (tanque de Silóe), e a altura da rocha acima da nossa cabeça era de cinquenta metros”*. Essa foi uma das maiores obras de engenharia da antiguidade e a descoberta desse túnel foi uma das maiores descobertas da arqueologia de todos os tempos. Esse túnel encontra-se intacto até os dias de hoje, sendo uma atração turística em Israel.

Com o crescimento religioso e os preparativos militares, Ezequias reuniu o povo na praça da cidade e corajosamente manifestou sua confiança em Deus e na sua proteção (2Cr 32.1-8).

Judá era obrigado a pagar um imenso tributo todos os anos à Assíria, e à medida que o tempo passava, mais e mais Ezequias sonhava com a independência. Em 705 a.C., Sargão II, rei da Assíria, morreu, e Senaqueribe assumiu o seu lugar. Assim que Sargão II morreu, grande parte dos vassallos da Assíria decidiram novamente se rebelar contra o domínio dela, e desta vez Ezequias aceitou fazer parte. Judá havia se tornado

vassalo da Assíria nos dias de Acaz, pai de Ezequias, e ele achava essa a oportunidade ideal para romper com esse jugo. Ezequias enviou embaixadores ao Egito para negociar um tratado de apoio contra a Assíria e fez aliança também com as cidades Fenícia e Filisteia, que também haviam se rebelado contra a Assíria.

No entanto, em 701 a.C., Senaqueribe – atual rei da Assíria – iniciou uma campanha para reconquistar e subjugar novamente essas cidades. Ele avançou pelas planícies marítimas a oeste de Jerusalém, conquistando diversas cidades. Registros assírios afirmam que Senaqueribe capturou nessa empreitada 46 cidades muradas e inúmeras vilas – incluindo Laquis e Debir – chegando a um total de mais de 200 mil pessoas, casas, gado e rebanhos capturados. Senaqueribe fez um exército marchar para o oeste e sul ao longo da costa do Mediterrâneo, onde depôs o rei de Tiro, um líder da coalizão contra a Assíria. Desbaratou ainda os filisteus e os egípcios e então voltou sua atenção contra Judá.

Consciente de que sua “rebelião” havia chegado ao fim, Ezequias enviou uma mensagem de submissão a Senaqueribe em Laquis, dizendo: “Cometi um erro! (Se referindo a sua rebelião contra a Assíria). Retira-te de mim e aceitarei as condições que me impuseres” (2Rs 18.4). Senaqueribe exigiu um tributo de 300 talentos de prata e 30 talentos de ouro. Pelos padrões de hoje, isso representaria centenas de milhões de reais. Para pagar esse tributo foi preciso Ezequias pegar todo o tesouro do palácio e do templo e ainda arrancar o ouro que havia nas portas do santuário para chegar à quantia que Senaqueribe havia exigido. Os registros assírios alegam que Senaqueribe recebeu 800 talentos de prata, acrescentados de uma fortuna de joias e das filhas de Ezequias, mas claramente isso parece ter sido um exagero dos assírios.

Mas Senaqueribe não se contentou apenas com o tributo. Enviou uma comitiva contra Ezequias, incluindo Tartã (comandante-chefe), Rab-saris (eunuco-chefe) e Rabsaqué (copeiro de Senaqueribe) para conversarem com os oficiais de Ezequias fora dos muros da cidade de Jerusalém, instando-os a se renderem. Eles avisaram aos comandantes de Ezequias que caso não se rendessem seriam destruídos. Muitos moradores de Jerusalém estavam em cima da muralha para assistirem ao encontro e ver o que acontecia. Para preservarem a sua moral e impedirem que o povo entendessem as negociações, os oficiais de Ezequias pediram aos assírios que falassem aramaico, a língua diplomática da época. Mas Rabsaqué gritou “em alta voz em língua judaica (hebraico)... Não vos deixareis enganar por Ezequias, pois ninguém vos poderá livrar da minha mão” (2Rs

18.28-29). Ele insistiu para que o povo de Jerusalém fizessem um acordo separado com ele e seriam levados para uma terra de riquezas onde viveriam, e não morreriam. Mas eles ficaram em silêncio como Ezequias ordenara. Talvez os assírios quisessem evitar repetir o cerco de Samaria, a capital do Reino do Norte, que havia durado três anos.

Senaqueribe ainda escreveu uma carta – e enviou através de seus oficiais – blasfemando do Senhor, Deus de Israel, e dizendo contra ele que da mesma maneira que os deuses das outras terras não livraram o seu povo das mãos dele, assim também o Deus de Ezequias não livraria Israel das mãos de Senaqueribe (2Cr 32.17).

Ezequias foi ao templo orar e colocou a carta diante do Senhor (2Rs 19.14). Em sua oração reconheceu que somente o Todo-Poderoso é Deus sobre os reinos da terra. E encerrou sua oração implorando que o Senhor os livrasse de Senaqueribe e, dessa forma, mostrasse que era o único Deus verdadeiro.

O profeta Isaías, no entanto, garantiu a Ezequias que o rei dos assírios “não haveria de entrar na cidade, nela não lançaria flecha, nem empunharia escudo contra ela e nem acumularia território contra ela” (2Rs 19.32).

Por volta desta época (bem provável que neste mesmo ano, 701 a.C.), Ezequias adoeceu gravemente. Ezequias tinha 29 anos de idade neste período e esta doença não era para vida, e sim para a morte (2Rs 20.1). Ezequias então orou ao Senhor e apresentou a Deus a sua fidelidade durante aqueles 14 anos que havia reinado sobre Judá. Providencialmente, Deus ouviu a sua oração, e por meio do profeta Isaías o Senhor restaurou a sua saúde e lhe garantiu mais 15 anos de vida (2Rs 20.6). O texto de 2 Reis 20, aparentemente está fora da cronologia exata do livro dos Reis. Deus havia prometido enquanto restaurava a saúde de Ezequias, livrá-lo também das mãos do rei assírio (2Rs 20.6), mas isso já havia acontecido no texto do capítulo anterior (2Rs 19.35-36). De modo que, aparentemente o escritor deste livro preferiu primeiro concluir a história da derrota de Senaqueribe, para depois registrar a cura do rei Ezequias, mesmo esta tendo acontecido antes de Senaqueribe ser derrotado. Por certo, foi grande a dor de Ezequias em ter que lidar com a aproximação de duas tragédias em sua vida: internamente uma doença que estava o levando à destruição, e externamente o perverso Senaqueribe, que estava ameaçando trazer uma destruição sobre toda Judá. Mas Deus foi bondoso e livrou Ezequias tanto de sua doença, quando deste audacioso rei assírio.

Deus falou por meio do profeta Isaías que colocaria Senaqueribe em seu devido lugar e por causa da arrogância de Senaqueribe, Deus colocaria anzóis em seu nariz e freio em sua boca (2Rs 19.25-28). Isaías declarou também que Senaqueribe jamais voltaria a Jerusalém e teria uma morte cruel. Providencialmente, Deus enviou o seu anjo naquela mesma noite sobre o acampamento assírio que estava se preparando para invadir Jerusalém e matou em uma só noite 185 mil soldados do exército de Senaqueribe. Quando o restante dos soldados se levantaram pela manhã e viram os cadáveres, desesperaram-se, levantaram acampamento, e juntos com Senaqueribe voltaram desapontados para Nínive (2Rs 19.35-36). Heródoto registra uma narrativa surpreendente sobre este evento. Diz que além da morte de todos esses soldados, pequenos ratos vieram sobre o acampamento e roeram as aljavas, as cordas dos arcos e as correias dos escudos, e deixaram os assírios praticamente desarmados (Livro 1, página 141). Os vizinhos em redor de Judá celebraram sua libertação trazendo presentes de gratidão a Ezequias (2Cr 32.23), e Jerusalém foi poupada da ira dos assírios e sobreviveu por mais um século antes de cair nas mãos dos babilônios.

Cumprindo-se a palavra de Isaías, em 681 a.C., Senaqueribe foi assassinado pelos seus dois filhos, Adrameleque e Sarezer, dentro do templo pagão de seu deus Nisroque, em Nínive (2Rs 19.37).

No entanto, Ezequias após ser curado e receber vitória contra o rei assírio veio a cometer um grande erro em sua vida. Nesse tempo, Merodaque-Baladã, rei da Babilônia, enviou uma carta e presentes a Ezequias, porque tinha sabido que Ezequias havia estado doente. Porém, o propósito principal da visita dessa embaixada babilônica era persuadir Ezequias a fazer parte de uma grande confederação que se formava secretamente contra o poder dos assírios. Ezequias se alegrou muito com as cortesias do rei da Babilônia e imprudentemente levou-os a uma turnê dentro do palácio e do templo, mostrando-lhes todos os seus tesouros, incluindo o ouro, a prata e todos os outros bens do palácio. O profeta Isaías declarou a ele que por causa daquela atitude todos aqueles tesouros seriam levados para a Babilônia, e até mesmo alguns dos filhos de Ezequias, porque ele havia aguçado o desejo dos babilônios revelando-lhes a sua riqueza. Deus usou os caldeus para testar o que Ezequias tinha em seu coração (2Cr 32.31), e aparentemente, o rei não foi aprovado no teste devido a forte repreensão do profeta Isaías.

Uma pista deste fracasso do rei Ezequias é encontrada em 2 Crônicas 32.25. O cronista registra que, após seu tempo de vida ter sido ampliado,

Ezequias não foi grato, e seu coração se exaltou. Por causa disso, o Senhor declarou que sua ira viria sobre o rei e todo o povo judeu. No entanto, Ezequias e os moradores de Jerusalém, aparentemente reconheceram seu erro, e se humilharam e evitaram a ira de Deus sobre aquela geração (2Cr 32.26). É interessante essa capacidade de quebrantamento e arrependimento que havia em Ezequias, mesmo que as vezes o seu coração caminhava para se desviar de Deus.

Ezequias morreu em 686 a.C., com aproximadamente 54 anos de idade e foi sucedido por seu filho, Manassés – o pior rei de Judá – que havia sido provavelmente nomeado como corregente de Ezequias em 696 a.C. Apesar de alguns erros, Ezequias é lembrado como uma pessoa honrada, e foi enterrado em Jerusalém, junto com os descendentes de Davi. A última menção ao rei Ezequias é encontrada de maneira muito apropriada, na genealogia de Jesus Cristo (Mt 1.9).



Ezequiel

Nome hebraico, significa "Deus fortalece".

Ezequiel foi um dos grandes profetas de Israel – viveu durante um dos períodos mais difíceis da história judaica, o exílio babilônico. Foi um dos três profetas escritores no período do exílio, juntamente com Jeremias e Daniel. Enquanto Jeremias ministrava em Judá para os que não haviam sido levados no exílio e Daniel (deportado em 605 a.C. – aproximadamente 8 anos antes de Ezequiel) ministrava à corte real de Nabucodonosor (Dn 1.1-7), Ezequiel pregava aos judeus cativos na Babilônia. Ele tinha sido levado à Babilônia com o segundo grupo de exilados e com o rei Joaquim (Ez 1.2; 33.21), depois do cerco de Jerusalém, no oitavo ano do reinado de Nabucodonosor (2Rs 24.10-16). Ezequiel soube da queda de Jerusalém já quando estava na Babilônia (Ez 33.21-22). O único período semelhante a este em abundância de profetas, foi na época de Isaías, Oseias, Amós e Miqueias, na metade do século 8º a.C. Raramente existiam vários profetas em uma mesma geração. Os profetas normalmente eram pessoas solitárias.

Ezequiel antes de profeta, primeiro era sacerdote. Embora, provavelmente, ele nunca tenha desenvolvido esse ofício. Ele era filho de

Buzi, da família de Zadoque (Ez 1.3). Possivelmente, Ezequiel foi criado e passou sua mocidade próximo a Jerusalém e estava ritualmente familiarizado com a liturgia do templo. Entende-se pela afinidade de ideias e de linguagem que Ezequiel se familiarizou com os ensinamentos de Jeremias – que era aproximadamente 28 anos mais velho que ele. Possivelmente, mesmo no exílio, Ezequiel tinha uma cópia dos discursos de Jeremias (Ez 29.1; 36.22). Aparecem no seu livro, doutrinas, alegorias e pequenos pensamentos de Jeremias, que ele amplia, dando-lhes um colorido literário, como no caso da panela ao fogo (Jr 1.13-15; Ez 11.2-11; 24.3-14); das duas irmãs (Jr 3.6-11; Ez 23.1-49); o perdão para os condenados que se arrependem, seja em um coletivo nacional ou individual (Jr 18.5-12; Ez 18.21-32); os maus pastores (Jr 23.1-6; Ez 34.1-24); o provérbio das uvas verdes (Jr 31.29-30; Ez 18.2-31); a nova natureza espiritual (Jr 31.33-34; Ez 11.19-20; 36.25-29) e os desterrados e não judeus de Jerusalém que são as esperanças do futuro da nação de Israel (Jr 24.1-10; Ez 11.15-21).

Ezequiel foi levado para a Babilônia na idade de 25 anos. E cinco anos depois, aos trinta anos de idade, Deus chamou Ezequiel para ser profeta (Ez 1.1). Provavelmente, ele deve ter nascido em 622 a.C. Sua última profecia datada é do ano 570 a.C., no ano 27 do cativeiro de Joaquim e indica que Ezequiel desenvolveu seu ofício profético por aproximadamente 22 anos, tendo sua primeira profecia anunciada em 592 a.C.

Era com a idade de 30 anos que os sacerdotes davam início ao seu ofício sacerdotal, de modo que esse seria um ano importante para Ezequiel, caso estivesse em Jerusalém, pois era com essa idade que os levitas entravam em serviço (Nm 4.3). Faltavam cinco anos apenas para ele começar seu ofício sacerdotal quando ele foi levado cativo. Na Babilônia não havia um templo judaico, então não havia necessidades de um sacerdote. No entanto, ao completar 30 anos – que seria a data que ele serviria no templo caso o exílio não tivesse acontecido – Deus se revelou a Ezequiel, e ele “*teve visões de Deus*” (Ez 1.1). Ele ficou tão chocado com esses acontecimentos que permaneceu lá “por sete dias, consternado, no meio deles” (Ez 3.15). Em vez de sacerdote, Ezequiel serviu como profeta ao povo judeu na Babilônia.

Deus se dirigiu a Ezequiel como “filho do homem” por 87 vezes ao longo do livro. Essa expressão não é encontrada mais em nenhum outro lugar do Antigo Testamento, exceto em duas passagens no livro de Daniel (Dn 7.13; 8.17).

Ezequiel era casado (Ez 24.18) e, provavelmente, viveu na Babilônia na aldeia de Tel-Abibe, perto de Nipur (Ez 3.15), em sua própria casa

(Ez 3.24). Jeremias havia escrito aos exilados naquela época para que comprassem casas, cassassem e tivessem filhos, pois o exílio não seria rápido, mas duraria 70 anos (Jr 29.1-7). Os anciãos vinham consultar Ezequiel em sua casa (Ez 8.1; 14.1; 20.1), o que indica que ele era respeitado entre os judeus na Babilônia.

A esposa de Ezequiel morreu repentinamente na Babilônia no dia exato que Nabucodonosor se aproximou de Jerusalém para tomar a cidade (Ez 24.1-2 – Ezequiel já havia sido levado exilado com os primeiros grupos nessa época), porém, ele não teve permissão de prantear o seu luto em público. Deus lhe disse para continuar fazendo o que sempre fazia, como se nada tivesse acontecido, sem nenhum sinal de luto (Ez 24.16-18). Sua morte serviu para comunicar uma advertência forte e solene do que ocorreria em Jerusalém, na terra dos cativos (Ez 24.15-27). Do que ela morreu, não sabemos, mas podemos estar certos de que isso fazia parte dos planos divinos para Ezequiel e para os judeus.

A maioria dos judeus havia se estabelecido ao longo do rio Quebar, que era um braço do rio Eufrates, que fluía desde a Babilônia, por Nipur até Ereque. Nessa região, tábuas de argila de Nipur, do século 5º a.C., mencionam os “Filhos de Murashu”, que eram mercadores que faziam negócios com os judeus durante a era persa. Esta evidência confirma também pela arqueologia a residência dos judeus nessa região.

No início, as mensagens de Ezequiel não eram bem recebidas (Ez 3.25; 14.1-3; 18.19,25), mas com o passar do tempo as suas profecias começaram a dar frutos, e o povo criou estima pelo profeta (Ez 8.1; 14.1; 20.1). O profeta viu claramente que as condições que estavam o povo trariam uma nova etapa no julgamento por parte do Senhor, o que ocorreu com a terceira deportação de Judá em 586 a.C. Assim que o julgamento havia atingido o seu objetivo, então a missão do momento era a necessidade de consolo para a nação ferida.

O livro de Ezequiel contém 48 capítulos, agrupados em torno de quatro temas principais. Após uma introdução descrevendo como ele recebeu o seu chamado em uma visão, a primeira parte apresenta as advertências e ameaças de Deus contra a população de Judá, por sua apostasia. Em seguida, estão os oráculos contra as nações circunvizinhas – principalmente Tiro e o Egito e, em menor escala, Sidom, Filístia, Amon, Moabe e Edom. Após a queda de Jerusalém, seus discursos aos exilados traziam uma mensagem de consolo e uma promessa de retorno à pátria. E a parte final estabelecia disposições detalhadas para o futuro estado de Israel

restaurado, incluindo a reconstrução do templo e o restabelecimento das normas do culto.

Além desses quatro temas, o ministério de Ezequiel cobriu dois períodos principais. Durante o primeiro período (592-587 a.C.), suas mensagens eram advertências repetidas – em prosa e em atos simbólicos – com o objetivo de levar os exilados ao arrependimento e a fé em Deus. Vale a pena destacar que não bastava apenas os judeus estarem exilados, eles precisavam também entender porque eles estavam ali e se arrependessem de seus caminhos errados antes de voltarem a Jerusalém. Era a materialização do famoso ditado popular: “Apanhar e saber por que está apanhando!”. Durante o segundo período (586-570 a.C.), depois da destruição de Jerusalém e do templo por Nabucodonosor, o profeta confortou os exilados e os encorajou a olhar para o futuro com esperança (Ez 33 ao 48). Talvez o exemplo mais substancial dessa mensagem de esperança de Ezequiel esteja em sua visão do vale de ossos secos. Aqueles ossos representavam Israel, e assim como eles haviam sido restaurados e formaram um grande exército, Israel também se restauraria e voltaria a ser uma nação (Ez 37). No entanto, houve 13 anos da vida de Ezequiel durante os quais nenhuma mensagem profética foi comunicada, a saber, de 585 a.C. (Ez 32.1,17; 33.21) a 572 a.C. (Ez 40.1).

De acordo com a tradição rabínica, Ezequiel morreu às mãos de um príncipe israelita cuja idolatria ele repreendeu por volta de 570 a.C., na Babilônia. Sendo assim, Ezequiel viveu aproximadamente 52 anos. Por volta de quarenta anos após sua morte, suas profecias finais começaram a se cumprir com a volta de um grupo de judeus que retornaram a Judá sob a liderança de Zorobabel.

Teólogos modernos chegam a questionar a sanidade do profeta Ezequiel, por causa dos extremos a que chegava para ilustrar as suas mensagens. Por exemplo: fez uma réplica de barro do cerco de Jerusalém (Ez 4.1-3); ficou deitado sobre o seu lado esquerdo durante 390 dias e virou-se sobre o lado direito por mais 40 dias (Ez 4.4-17); raspou o cabelo, queimou um terço dele, cortou um terço com uma espada e espalhou o outro terço ao vento (Ez 5.1-4); a dieta dele era pão de cevada assado com esterco de vaca, entre tantas outras anormalidades que faziam parte da vida e das experiências de Ezequiel. No entanto, esses atos não dão em si uma visão da personalidade de Ezequiel porque eram atos simbólicos, realizados às vezes como “teatro de rua” para transmitir sua mensagem profética para aquela geração. No final de tudo isso,

Ezequiel declarou: “Saberão que um profeta esteve no meio deles” (Ez 33.27 em diante).

Ezequiel tem sido considerado por alguns como “o pai do judaísmo” por causa da sua suposta influência sobre a adoração posterior de Israel. Sua maior contribuição à adoração judaica pós-exílica foi o estabelecimento da base da sinagoga. Curiosamente, nem Ezequiel e nem seu livro são citados em nenhum outro lugar das escrituras.

Pode ser feita uma comparação entre o apóstolo João, na ilha de Patmos, e Ezequiel, no rio Quebar. Ambos foram levados a um lugar de isolamento e opressão pelas forças iníquas do mundo daquela época e geraram uma mensagem que abençoou a posteridade.



Filemon

Nome grego, significa "Amoroso ou Amável".

Filemon era um cristão aparentemente rico e senhor de escravos da cidade de Colossos. É provável que Arquipo fosse seu filho e Ápia, sua mulher (Fm 2). Ele é conhecido e citado apenas na carta que Paulo escreveu a ele. Não é citado em nenhum outro lugar do Novo Testamento. É muito provável também que a igreja em Colossos era na casa dele (Fm 2). No começo do cristianismo, as pessoas geralmente cultuavam em casas particulares, devido à ausência de templos. E normalmente essas casas eram as casas dos irmãos mais ricos, simplesmente porque eram grandes o suficiente para comportar a todos. Em geral, o culto acontecia bem cedo aos domingos. Embora o domingo fosse um dia sagrado para os cristãos, para o mundo greco-romano era apenas mais um dia de trabalho, assim como era para os judeus. Os cristãos faziam o seu culto antes do amanhecer, porque o dia de trabalho começava assim que clareava. Além disso, em tempos de perseguição, era bem mais seguro sair no escuro para os bairros mais nobres, um ou dois por vez, do que se reunir em áreas cheias de gente nas partes periféricas da cidade. O amor de Filemon "*pelos santos*" (outros irmãos e irmãs) era bem conhecido, pois tinha reanimado o coração dos cristãos (Fm 5,7).

Filemon tinha um escravo chamado Onésimo, que roubou dele uma quantia financeira e fugiu. Isoladamente, qualquer dos dois crimes podia ser punido com açoites – chicotadas que quase matavam – mas a punição dos dois crimes podia ser punida até com crucificação.

Paulo afirma estar na prisão quando escreveu esta carta (Fm 1,9,10,13,23). Muito provavelmente, Paulo estava em preso em Roma nesse período. A menção de Marcos e Lucas parecem favorecer isso (Fm 24). Embora existam intérpretes que sugeriram que essa prisão possa ter sido em Cesareia ou em Éfeso, é muito pouco provável que possa ter sido nessas cidades. É sabido que Paulo foi preso em Cesareia antes de ser enviado a Roma. Entretanto, não existem provas documentais concretas de seu encarceramento em Éfeso. No entanto, embora uma prisão em Éfeso não seja explicitamente mencionada no livro de Atos, o relato das ações missionárias naquela cidade evidencia que Paulo encontrou considerável perseguição (At 20.19), descrita pelo apóstolo em termos que poderiam implicar uma prisão temporária (1Co 15.32; 2Co 1.8-10). Mas, mesmo assim, Roma ainda parece ser o local mais aceito para essa

carta ter sido escrita, onde Paulo encontrava-se acessível aos visitantes (At 28.30-31). Onésimo não era cristão quando roubou o dinheiro de Filemon e provavelmente fugiu para Roma esperando perder-se em meio à grande multidão de escravos da cidade.

Por uma feliz e divina coincidência, Onésimo conheceu Paulo após ter fugido de Filemon. Aparentemente, Onésimo conheceu o apóstolo na prisão e durante o tempo que passou com Paulo ele se converteu ao cristianismo. Onésimo se tornou um filho na fé para Paulo, enquanto este estava preso por causa do evangelho. Paulo se refere a Onésimo como “meu filho” e “meu próprio coração”, dizendo que só está relutante em devolver o escravo para seu senhor porque Onésimo foi muito “útil” (Fm 10,12,11). Sendo que ele estava fazendo um jogo de palavras em homenagem à nova vida em Cristo de Onésimo, cujo nome significa “útil”. Basicamente era como se Paulo estivesse falando “Útil (Onésimo) antes era inútil, mas agora é útil” (Fm 11). Onésimo havia sido transformado radicalmente pela graça de Deus.

Paulo o enviou de volta a Filemon com uma carta que está entre os livros mais breves da Bíblia – A carta de Paulo a Filemon. Esta é a menor das cartas escritas por Paulo, consistindo apenas de 335 palavras no texto original. No entanto, é um apelo poderoso de Paulo pedindo que Filemon perdoasse e recebesse o seu servo Onésimo e prometendo que ele (Paulo) pagaria por aquilo que Onésimo tivesse furtado. A dica, como fica evidente, era para que Filemon cancelasse a dívida.

Paulo insistiu com Filemon para que aceitasse Onésimo “não mais como um escravo, mas como amado irmão (em Cristo)” (Fm 16). Contudo, Paulo decidiu usar aquela situação ambígua que havia se formado como uma oportunidade de levar Filemon a considerar as implicações de sua fé sobre a questão da escravidão, levando Filemon a considerar Onésimo como irmão não apenas no sentido espiritual (no Senhor), mas também com respeito a sua condição civil (na carne – Fm 16). Em seguida, Paulo pede a Filemon para preparar acomodações, pois planejava visitar Colossos. Isso revelava a esperança do apóstolo de ser solto logo da prisão. Se Filemon fez tudo o que Paulo pediu, ele deve ter deixado sua raiva de lado, perdoado Onésimo (inclusive liberando-o de qualquer dívida financeira), resolvido qualquer obstáculo em sua casa e preparado um quarto de visita para Paulo.

Embora, aparentemente Paulo jamais tenha estado em Colossos (Cl 2.1), obviamente, conhecia Filemon muito bem, pois o apóstolo o cita como “*nosso amado cooperador*” (Fm 1). Provavelmente, foi através de

Paulo que Filemon se converteu a Cristo (Fm 1,5,19), talvez no período que Paulo esteve três anos em Éfeso (At 19.8-10; 20.31), que ficava a 193 quilômetros a oeste de Colossos. E o apóstolo sabia que podia apelar a ele em favor de seu escravo fugitivo.

Embora seja um dos menores livros do Novo Testamento, a carta nos apresenta um valioso panorama sobre como os primeiros cristãos encaravam a escravidão. A escravidão havia se espalhado pelo Império Romano. Acredita-se que um terço da população do império era constituída de escravos. Nos dias de Paulo, os escravos podiam ser médicos, músicos, professores, artistas e ter muitas outras profissões. Alguns usufruíam de situações favoráveis e tinham uma vida melhor do que muitos trabalhadores livres, embora muitos também eram tratados com crueldade.

Como era perigoso para Onésimo viajar sozinho, por causa dos caçadores de escravos, Paulo enviou Tíquico com ele. Tíquico também estava retornando a Colossos com uma carta para a igreja daquela cidade (Cl 4.7-9), e com a epístola aos Efésios (Ef 6.21-22). Talvez, para evitar uma indiferença dos irmãos de Colossos para com Onésimo após o seu retorno, Paulo faz questão de mencioná-lo na carta aos Colossenses como “*um de vós*” (Cl 4.9). Essas epístolas foram escritas ao mesmo tempo em Roma, em 61 ou 62 d.C.

Um intrigante adendo foi adicionado a essa história com a descoberta de repetidas referências a um antigo bispo chamado Onésimo, que liderou a igreja em Éfeso no início do século 2, conforme citado na carta de Inácio aos efésios. A identificação do bispo Onésimo como o escravo de Filemon é confiável porque foi usado por Inácio em sua carta o mesmo jogo de palavras que Paulo usou com o nome de Onésimo nos versículos 11 e 20. Sendo assim, é concebível supor que o outrora escravo Onésimo, tenha se tornado bispo de uma das igrejas mais importantes do segundo século da era cristã, comprovando com isso a firmeza da fé de Onésimo nos anos posteriores.



Filipe

Nome grego, significa “Apreciador de cavalos”.

O Apóstolo

Filipe foi um dos doze discípulos de Jesus e futuramente um dos apóstolos na igreja primitiva. A tradição aponta que Filipe era da tribo de Zebulom. As únicas referências a Filipe nos três evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – e no livro de Atos aparecem nas listas dos doze discípulos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.14; At 1.13). E no evangelho de João que ele é mais citado e desempenha um papel mais importante entre os discípulos (de acordo com o método de apresentação de João). O próprio João era galileu, e vivia na aldeia vizinha de Cafarnaum, à beira do mar da Galileia, e há os que acreditem que os dois se conheciam antes de serem discípulos (falaremos mais sobre isso a seguir). Ao juntar as peças do que o apóstolo João relata sobre Filipe, temos a impressão de que ele dentro dos doze era a típica “pessoa de processos”, ligado a fatos e números. O tipo de pessoa que fazia as coisas como deveria ser, de modo prático, tradicional e metódico.

Filipe era de Betsaida, na Galileia, a mesma cidade de André e Simão (Jo 1.44). Uma vez que todos eles eram judeus tementes a Deus, é bem provável que Filipe tenha crescido frequentando a mesma sinagoga que Pedro e André. Betsaida era uma localidade dedicada principalmente à pesca, situada a nordeste do ponto onde o rio Jordão deságua no mar da Galileia. Filipe, o tetrarca (filho de Herodes, O Grande), aproximadamente 30 anos antes do chamado de Filipe para ser discípulo, havia reconstruído essa cidade e a chamado de “Júlia”, em homenagem a filha do imperador romano Augusto. A associação que a localidade tinha com o tetrarca talvez explique a razão do nome do apóstolo.

Os pais certamente colocaram o nome de Filipe em homenagem ao governante, e não porque “eram apreciadores de cavalo”. Outro detalhe interessante sobre o nome de Filipe é que sendo judeu, possuía um nome grego. Isso era comum na Galileia na época de Jesus, principalmente porque poucos séculos antes, Alexandre, o Grande havia conquistado toda aquela região e disseminado ali a cultura grega, que nos tempos bíblicos era conhecido como a cultura helenística.

Nas quatro listas dos doze apóstolos, o quinto nome de cada uma delas é o de Filipe. Talvez indicando que Filipe era o líder do segundo grupo de quatro discípulos, assim como André aparentemente era o líder dos “oito últimos discípulos”. Não se sabe qual era a sua profissão antes de

ser chamado por Jesus. Embora, existam fortes evidências bíblicas de que Filipe, Natanael e Tomé eram todos pescadores na Galileia, pois em João 21, depois da ressurreição, quando os apóstolos voltaram para a Galileia e Pedro disse: “vou pescar”, outros que também estavam lá responderam: “também nós vamos contigo”. De acordo com João 21.2, faziam parte desse grupo “Simão Pedro, Tomé, também chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu (Tiago e João) e mais dois dos seus discípulos”. O mais provável é que esses outros “dois dos seus discípulos” eram Filipe e André, pois em outras ocasiões são sempre vistos na companhia dos homens que são mencionados nessa passagem. Se esses sete homens eram todos pescadores profissionais, é bem possível que fossem todos amigos chegados e companheiros de trabalho muito antes de seguirem a Cristo. Isso mostra quão unido era o grupo dos apóstolos, tendo pelo menos a metade do grupo – incluindo todos os membros mais íntimos – vindo de uma pequena região, trabalhando bem provavelmente na mesma ocupação e sendo conhecidos e amigos uns dos outros, bem antes de se tornarem discípulos de Jesus.

Certo dia, Jesus o encontrou na Galileia e disse-lhe: “Siga-me”. O impacto espiritual causado pelo encontro com Jesus foi tal, que Filipe por sua vez, lançou-se a procura de seu amigo Natanael e quando o encontrou lhe disse: “Achamos aquele sobre quem Moisés escreveu na lei, e a respeito de quem os profetas também escreveram”, e convidou Natanael, que era cético quando a “alguém bom” sair de Nazaré, para vir e ver por si mesmo (Jo 1.35-51). Seria bom se todos, assim como Filipe levassem pelo menos um amigo a conhecer Jesus. Na narrativa de João conclui-se que Filipe foi o primeiro dos discípulos a ser chamado pelo mestre e seguir Jesus e não perdeu tempo a persuadir outros também a seguir o Senhor. Aproximadamente um ano depois, Jesus o incorporou ao apostolado, quando ele chamou 12 dos seus discípulos para caminharem mais junto dele, a fim de futuramente se tornarem apóstolos.

No entanto, como os demais discípulos, ele ainda tinha muito a aprender sobre a pessoa e o poder de Jesus. Mais tarde, depois de pregar para uma multidão de cinco mil pessoas que havia se reunido para ouvi-lo perto de Betsaida, Jesus pôs Filipe a prova, para ver até aonde ele compreendia o seu poder, perguntando-lhe como e onde comprariam pão para alimentar aquela multidão. Não sabemos se Jesus queria somente testar Filipe ou se ele era a pessoa mais indicada para responder a tal pergunta, por está próximo a Betsaida e conhecer tão bem aquela região do mar da Galileia. O certo é que Filipe respondeu de forma per-

plexa que nem duzentos denários (salário de aproximadamente 7/8 meses de trabalho comum) seriam suficientes para dar um pedaço de pão a cada um dos que estavam ali (Jo 6.5-7). Parece que ele tinha uma mente objetiva que calculava antes de falar – ao contrário de Pedro, por exemplo. Sua resposta o revelou como uma pessoa prática e realista, mas que ainda não conhecia a plenitude do poder de Jesus.

Na semana anterior à morte de Jesus, “alguns gregos” – e não judeus de fala grega – vieram a Jerusalém para falar com Jesus. Era época da páscoa e na verdade, seria aquela a última páscoa do sistema do Antigo Testamento, pois durante ela o próprio Jesus seria crucificado como o verdadeiro cordeiro de Deus. Esses homens gregos procuraram primeiramente a Filipe, talvez porque eles conhecessem o seu nome grego (*Philippos*), ou pelo fato de que provavelmente Filipe também falava o grego, ou até mesmo pelo fato de que aparentemente Filipe era – como já dissemos no início – encarregado das “questões operacionais” no grupo dos discípulos de Jesus. Sua reação foi relatar o fato a André, e juntos levarem aqueles homens até Jesus (Jo 12.20-22).

Na última ceia, Filipe mais uma vez serviu de exemplo daqueles que ainda não compreendiam totalmente a missão de Jesus. Após a saída de Judas Iscariotes do cenáculo e da afirmação de Pedro de que nunca negaria Jesus, Filipe pediu por uma revelação especial de Jesus para fundamentar sua fé: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso basta!” (Jo 14.8-9). Talvez Filipe esperasse, em toda sua devoção, pelo privilégio de alguma revelação especial (similar ao pedido de Moisés – Êx 33.18). A resposta de Jesus teve um tom profundamente triste. Filipe e os outros discípulos já estavam com Jesus há tanto tempo, mas ainda não haviam percebido que ao contemplar Jesus, viam o próprio Pai. Em outras palavras, a substância da encarnação do Pai já lhes havia sido dada. Enfaticamente Cristo lhe perguntou como faziam tal pergunta depois de tanto tempo em sua presença. A resposta era que Filipe e seus companheiros ainda não tinham seus olhos espirituais abertos adequadamente para entender essas coisas. Essa seria a tarefa do Espírito Santo mais tarde – abrir totalmente seu entendimento (Jo 14.25-26).

A última menção a Filipe é em Atos 1.13, entre os onze discípulos que estavam reunidos no cenáculo na descida do Espírito Santo, no dia de pentecostes.

Não se deve confundi-lo com “Filipe, o evangelista”, que foi um dos diáconos e futuramente evangelistas da igreja em Jerusalém.

Há algumas coisas a conhecermos e outras a considerarmos sobre a tradição antiga envolvendo Filipe. Clemente de Alexandria, por

exemplo, curiosamente afirmava que Filipe foi àquele jovem que pediu permissão para enterrar seu pai antes de seguir Jesus (Mt 8.21; Lc 9.59). Outro detalhe da vida de Filipe ligado à tradição antiga é que ao que parece parte dos pais da igreja confundiram Filipe, o apóstolo com Filipe, o evangelista. As advertências surgiram no século 2 da era cristã, quando Papias, ao escrever as *Exposições dos oráculos do Senhor*, afirma ter conhecido certas pessoas que conheceram pessoalmente as filhas do apóstolo Filipe, as quais teriam vivido em Hierápolis - na região da Frígia (província romana na Ásia). A controvérsia se estabeleceu quando, mais tarde, o montanista Proclus declarou que o referido Filipe não se tratava do apóstolo, mas sim do evangelista Filipe que, conforme a narrativa de Atos 21.8-9, possuía quatro filhas profetisas. No entanto, no final do século 2, Polícrates - bispo de Éfeso - confirmou a descrição de Papias acrescentando que além de viverem em Hierápolis, Filipe, o apóstolo e uma de suas filhas haviam sido martirizados naquela cidade. De modo, que não se sabe ao certo até aonde confundiam “os dois Filipes” entre os pais da igreja.

A autora Anna Jamerson, chega a registrar em sua obra *Sacred and Legendary Arts* (Artes Sacras e legendárias) que: “Após a ascensão de Jesus, Filipe viajou até a Cítia, onde permaneceu pregando o evangelho por 20 anos e depois se deslocou para Hierápolis, na Frígia, onde se deparou com os adeptos da adoração de um monstro em forma de serpente. E Filipe, ordenando que a serpente desaparecesse, imediatamente o réptil rastejou desde o interior do altar, emitindo um odor tão repugnante que muitos não o suportaram, e vieram a morrer. Entre os tais, encontrava-se o filho do rei, que expirou nos braços dos seus servos. Filipe, no entanto, por intermédio do poder divino, restaurou-lhe a vida. E por causa disso, os sacerdotes que serviam a serpente, enfureceram-se contra ele e tomando-o, o crucificaram e o apedrejaram até a morte”.

Um livro apócrifo também do segundo século chamado *Atos de Filipe* chega a dizer que Filipe evangelizou Hierápolis, na companhia de Mariane - uma irmã de sangue de Filipe - e de Natanael (também chamado Bartolomeu), que era o antigo amigo do apóstolo e também fora discípulo de Jesus.

Assim como vemos, são muitas as informações da tradição sobre o fim da vida de Filipe. Mas podemos considerar algumas coisas aqui. Primeiro, o fato de que a cidade de Hierápolis era vizinha de Laodiceia e Colossos. E embora existisse em Hierápolis uma numerosa igreja, eles nunca foram alvos das epístolas de Paulo - ao contrário de Laodiceia e

Colossos (Cl 4.16). Isso pode ser uma evidência de que um outro apóstolo experiente já se incumbira da administração pastoral de Hierápolis, e o próprio Paulo havia escrito que durante o período que esteve na Ásia “se esforçou para não anunciar o evangelho onde Cristo já havia sido anunciado, para não edificar fundamento desnecessário” (Rm 15.20). Se Filipe, de fato, estava em Hierápolis, pode ter sido essa a razão de Paulo não ter investido tempo naquela cidade como fizera nas cidades daquela região.

E segundo, Polícrates (130-196 d.C.), que além de respeitado Bispo de Éfeso fora também líder da igreja na Ásia Menor, confirmou através de uma carta escrita a Vitor – líder da igreja em Roma – o martírio e sepultamento de Filipe em Hierápolis. Sendo assim, não devemos duvidar que Hierápolis – atualmente chamada Pamukalle, na Turquia – seja o lugar do martírio e descanso do apóstolo Filipe. Hierápolis era, nos tempos bíblicos, um conhecido SPA, visitado por pessoas enfermas devido as suas terapêuticas águas termais que até hoje brotam das belas rochas de calcário. Sem dúvida, isso tornava a cidade potencialmente importante na estratégia missionária, onde o evangelho poderia ser divulgado aos muitos visitantes e também por meio deles, alcançando assim muitos lugares no mundo.

Por outro lado, temos ainda a tradição que relata a aquisição do corpo do apóstolo Filipe pelo papa João III – que “governou” a Igreja Romana aproximadamente de 560 a 572 d.C. O pontífice teria na época, ordenado seu traslado para Roma, para sepultá-lo originalmente em uma igreja chamada “Igreja dos Santos Apóstolos Filipe e Tiago”. Esse santuário cuja construção remonta do século 6, é atualmente conhecido como a Igreja dos Santos Apóstolos.

Na igreja romana, seu dia é comemorado em 1 de maio; na igreja grega, em 14 de novembro. E seu símbolo universal é uma cruz com um pedaço de pão de cada lado, fazendo alusão ao diálogo entre ele e Jesus na multiplicação dos pães.



Filipe

Nome grego, significa “Apreciador de cavalos”.

O Evangelista

Filipe, conhecido como “o evangelista” foi primeiramente um importante diácono na igreja em Jerusalém (At 6.5).

Os apóstolos haviam percebido que o trabalho de administração da igreja em Jerusalém era muito pesado e, portanto, precisavam de ajuda. Muitas pessoas convertiam-se ao evangelho. Os cristãos de origem grega reclamavam que suas viúvas eram desprezadas na distribuição diária de alimentos. Os apóstolos observaram que perdiam muito tempo na solução desse tipo de problema (At 6.2) e acabavam com isso, negligenciando o ministério da palavra. Portanto, sete homens foram indicados e escolhidos entre os que eram “cheios do Espírito Santo e de sabedoria”. Os apóstolos oraram e impuseram as mãos sobre eles e os nomearam para o serviço social da igreja como diáconos.

Após a morte de Estevão – o primeiro mártir do cristianismo – uma grande perseguição foi realizada sobre a igreja em Jerusalém por Herodes com a ajuda de Saulo de Tarso. E devido a isso muitos cristãos acabaram fugindo de Jerusalém para lugares mais seguros, inclusive Felipe, que foi forçado a fugir de Jerusalém para Samaria. Ali, Filipe proclamou Cristo (o Messias) aos samaritanos com tal poder que grande quantidade de pessoas alegremente se converteram a Cristo (At 8.1-8), inclusive um certo “Simão, o mágico”, que se converteu e se batizou durante a estadia de Filipe em Samaria (At 8.9-13), embora futuramente a conversão desse Simão seja questionada pela forma que ele se comporta perante o apóstolo Pedro (At 8.20-24). No entanto, esses episódios mostram como a perseguição resultou não no enfraquecimento do evangelho, mas sim em sua expansão. Atos 8 concede-nos uma ideia de como foi o trabalho de Filipe em Samaria. Ele proclamou o evangelho, operou milagres e desenvolveu um ministério que mais parecia com o de um apóstolo do que de um diácono ou cooperador. Seu trabalho naquela localidade foi especialmente importante para a mensagem do livro de Atos. Lucas mostra como a grande comissão foi cumprida, sob a direção do Espírito Santo. Atos 1.8 registra o mandamento de Jesus para os discípulos, a fim de que fossem testemunhas em Jerusalém, Judeia, Samaria e até aos confins da terra. Por meio de Filipe, essa mensagem chegou a Samaria. Posteriormente os apóstolos Pedro e João foram até lá e confirmaram que o evangelho era aceito de bom grado pelos gentios e samaritanos (At 8.14).

No entanto, em meio a essa obra extraordinária, Filipe foi divinamente instruído a deixar Samaria e descer ao deserto, na região sul do país. Humanamente falando, deixar as multidões que tão positivamente respondiam a sua mensagem em Samaria e partir para um território inabitado em pleno deserto podia parecer-lhe uma insensatez. No entanto, Filipe mostrou-se não apenas sensível, mas também obediente à vontade de Deus, seguindo sua orientação sem questionar. No deserto, ele não encontrou uma multidão, porém apenas um único só homem, um importante oficial da corte etíope que, após visitar Jerusalém, estava retornando à África. Filipe na verdade estava seguindo os passos do mestre Jesus, que certa feita também havia deixado uma multidão (Mc 4.35-36), para ir atender e pregar para um único só homem, o endemoninhado de Gadara (Mc 5.1-2).

A sabedoria de Deus em dirigir Filipe àquele local foi plenamente justificada, pois o etíope estava lendo Isaías 53, o grande capítulo do evangelho no Antigo Testamento – Filipe conseguiu ouvi-lo porque naqueles dias a maioria das pessoas lia em voz alta, e considerava-se um talento muito incomum a capacidade de ler e absorver a informação em silêncio. Felipe perguntou a ele se ele entendia o que estava lendo. O etíope respondeu-lhe que não lhe perguntou sobre uma passagem em que Isaías fala sobre uma pessoa que estava sofrendo humilhação e sendo injustiçada. Filipe então lhe explicou a passagem e informou que a profecia apontava para Cristo, e após contar para ele a vida de Jesus anunciou-lhe o evangelho. Enquanto iam pela estrada na carruagem do eunuco etíope, eles chegaram perto de um riacho e este pediu para que Filipe o batizasse. Após esse batismo o etíope seguiu o seu caminho em renovado júbilo (At 8.25.40).

A conversão desse etíope significou muito para a história da salvação. Ele foi o primeiro gentio (e também africano) a ser batizado por um cristão. E, há fortes evidências que o evangelho se espalhou por toda a Etiópia através desse homem. O cristianismo até hoje existe na Etiópia, e as igrejas etíopes são igrejas coptas que carregam uma tradição histórica em comum com as igrejas coptas do Egito.

Na verdade esse é um método de Jesus: ganhar pessoas chaves. Em seu ministério Jesus desenvolveu esse método. Jesus não se preocupava em ganhar a cidade; Jesus ganhava uma “pessoa chave” e essa pessoa ganhava a cidade. Jesus ganhou a Samaritana, e ela ganhou a cidade (Jo 4.28-30). Jesus ganhou o “gadareno”, e ele ganhou a Decápolis, que eram as dez principais cidades de sua região (Mc 5.20). Filipe ganhou o eunuco

etíope, e ele era a pessoa chave para ganhar também toda a sua região! Você é uma pessoa chave para sua região!

O predominante orgulho nacionalista dos judeus era tanto que eles desprezavam os samaritanos e consideravam os samaritanos como cerimonialmente impuros. Porém, Filipe por seu saudável entendimento do evangelho levou Cristo aos samaritanos, e depois ao etíope. Isso reflete a maneira como o evangelho penetrou as barreiras sociais, dissolveu preconceitos raciais e demonstrou que a graça de Deus em Cristo Jesus está disponível a todos.

Assim que o eunuco etíope saiu da água, “o Espírito Santo veio sobre o eunuco e Filipe foi arrebatado, e o eunuco seguiu jubiloso o seu caminho” (At 8.39). Filipe foi milagrosamente transladado e apareceu em Azoto (ou Asdode, uma antiga cidade filisteia). Inexplicavelmente, Filipe foi arrebatado e transportado para Azoto, que ficava a aproximadamente 30 quilômetros de distância do deserto onde Filipe estava próximo a Gaza. E “passando adiante anunciava o evangelho em todas as cidades que atravessava, até que chegou a Cesareia” (At 8.40).

Filipe, então, estabeleceu-se em Cesareia, e ali era conhecido como “evangelista” (At 21.8). Em Cesareia, ele hospitaleiramente recebeu Paulo e Lucas, no final da terceira viagem missionária do apóstolo. Lucas nos informa que Filipe tinha quatro filhas virgens que profetizavam (At 21.8-9). Na casa de Filipe, o profeta Ágabo previu que Paulo seria preso quando chegasse a Jerusalém. Sem se deixar intimidar, o apóstolo partiu para Jerusalém. Ao que parece havia uma igreja em Cesareia, e provavelmente os irmãos se reuniam na casa de Filipe. Poucos meses depois disso, Paulo foi preso em Jerusalém e levado para Cesareia, onde ficou dois anos detido ali. Por certo a bondade e a amizade de Filipe devem ter significado muito para o apóstolo naquele período (At 23.31-35; 24.23,27).

A tradição sugere Filipe foi um dos setenta discípulos de Jesus e que em algum momento, ele tenha se tornado bispo da igreja em Trales, na Lídia – região sudoeste da Turquia.



Gideão

Nome hebraico, significa "Lenhador".

Gideão

Gideão foi o quinto juiz em Israel. Era filho de Joás, do clã de Abiezer e da tribo de Manassés. Dos 12 juízes de Israel, mais versículos são dedicados a história dele do que a história de qualquer outro juiz (Jz 6 a 8). Ele viveu em Ofra, a leste da colina de Moré, entre Bete-Seã e o monte Tabor, uma cidade de Issacar (Js 17.11). De maneira geral, os juízes não eram magistrados do judiciário no sentido moderno do termo. Eram, na verdade, líderes políticos, heróis locais, e muitas vezes poderosos guerreiros.

Como muitos israelitas durante os ciclos de apostasia no período dos juízes, o pai de Gideão também tinha se voltado para a idolatria na adoração a Baal. Poucos israelitas se importavam em comparecer nas solenidades do Senhor em Siló, que era o único fator unificador que Deus havia designado para manter um sentido nacional de interdependência em Israel.

Por causa disso, nessa época – em aproximadamente 1200 a.C. – os hebreus haviam se tornado presa fácil para os beduínos midianitas saqueadores. Os midianitas invadiam a terra de Israel para roubar o gado e saquear as colheitas quando elas já estavam maduras. Enquanto isso, os israelitas empobrecidos, escondiam-se em montanhas e em cavernas, temendo esses povos inimigos. Eles vinham “como enxames de gafanhotos, e era impossível contá-los” (Jz 6.5). Eles entravam nas propriedades, saqueavam as plantações e os rebanhos e destruíam os campos e os agricultores e donos das terras só voltavam dos esconderijos depois que eles iam embora. Eles – os midianitas – eram uma federação de tribos do deserto que vivia a leste do Jordão e ao sul dos assentamentos nas montanhas de Canaã. Deslocando-se desde a Mesopotâmia até o sul da Arábia, essas tribos viviam da negociação de especiarias e incenso. E esse jugo opressor dos midianitas sobre os israelitas se repetiu por sete anos. Até que depois desse período de opressão cruel dos midianitas, o povo de Israel clamou pela libertação do Senhor (Jz 6.6).

Durante essa opressão, o anjo do Senhor apareceu a Gideão, que tinha aproximadamente 30 anos na época. Gideão estava escondidamente trabalhando com um pouco da colheita de trigo que ele havia conseguido salvar daquela estação. O desespero da situação fica evidente na cena de Gideão malhando o trigo no lagar, em vez de fazê-lo com os bois treinados para trabalhar com o trigo no cume de um monte, ou

na eira, como de costume (Jz 6.11). No entanto, o mensageiro divino lhe informou que um novo tempo havia chegado para Israel e ele havia sido escolhido para livrar os israelitas do jugo dos midianitas.

Naquela mesma noite o Senhor pôs à prova a obediência de Gideão. A primeira tarefa de Gideão foi destruir o altar que seu pai havia dedicado a Baal e o altar adjacente, dedicado a Aserá, parceira feminina de Baal. E em seguida levantasse um altar ao Senhor (Jz 6.11-27). Sabendo que as pessoas seriam contra a este ato, Gideão e seus servos destruíram essas imagens cananeias à noite. No dia seguinte, os homens de Ofra tentaram matar Gideão em retaliação pelo ato. Joás, no entanto, implorou pela causa do seu filho, dizendo que caso Baal fosse deus e tivesse se ofendido com aquilo, que ele revidasse. O raciocínio rápido de Joás salvou a vida do seu filho. Por causa disso, a partir desse confronto, Gideão passou a ser chamado Jerubaal, que significa “Que Baal contenda contra ele, pois destruiu o seu altar” (Jz 6.32), ou em outras palavras, “Baal que se vingue”. Vale a pena sabermos, que aparentemente, esses nomes dados as pessoas depois de um acontecimento representavam mais um “sobrenome” do que o primeiro nome da pessoa a partir daquele momento.

Os midianitas haviam se unido e acampado no vale de Jezreel, provavelmente com a intenção de tomar as terras israelitas. Deus, no entanto, havia dito a Gideão que aquele tempo era de vitória para Israel. Sendo Gideão um novato em guerras, antes de ir para a batalha, buscou a orientação divina para o fortalecimento de sua fé. Deus respondeu por meio de um sinal milagroso na natureza. Primeiramente, pediu como sinal que o orvalho da noite caísse sobre um novelo de lã, sem que a terra ficasse molhada. Na noite seguinte, pediu o sinal ao contrário, que o orvalho molhasse apenas o solo, e a lã permanecesse seca, e assim foi feito (Jz 6.35-40).

Gideão tinha agora a missão de reunir soldados em Israel para vencerem uma guerra contra os midianitas, que eram 135 mil homens montados em camelos (Jz 8.10). Interessantemente antes mesmo do exército israelita se formar, o lado vitorioso da guerra já havia sido definido. O povo de Deus já havia entrado vitorioso na guerra! Gideão convocou os homens, e vieram 32 mil voluntários das tribos de Manassés, Aser, Zebulom, Naftali e provavelmente Issacar, para serem guerreiros. No entanto, de 32 mil soldados das tropas de Gideão, o Senhor interveio e foram reduzidos os homens até restaram apenas 300 soldados. O motivo era que o Senhor queria fazer os israelitas compreenderem que a

vitória seria conquistada pelo poder divino e não pela força do número de combatentes.

Uma missão secreta de reconhecimento às cercanias do acampamento midianita fez Gideão receber mais força enquanto ele e seu servo Pura ouviram um soldado midianita contar que tivera um sonho, e nesse sonho a vitória tinha sido de Israel (Jz 7.13-14). Em resposta a esse encorajamento adicional, Gideão se levantou e se animou para a guerra (Jz 7.15).

Como os midianitas, estavam amplamente mobilizados com seus camelos, permaneceram acampados no vale de Jezreel, e Gideão e seus homens posicionaram-se na montanha de Gilboa, nas proximidades da fonte de Harode (fonte onde os soldados beberam água no teste proposto por Deus – Jz 7.4-7). Dividido em três partes, o exército de Gideão se colocou à noite próximo do acampamento midianita. Tirando proveito do medo que os beduínos têm do escuro, Gideão começou o ataque perto da meia-noite, justamente após a troca de sentinelas, no momento de maior fragilidade da guarda do acampamento. Ao sinal de Gideão todos os homens tocaram as suas trombetas, quebraram o seu cântaro de barro e levantaram suas tochas – que provavelmente foram usadas para atear fogo às tendas dos midianitas – e os israelitas gritaram “*à espada pelo Senhor e por Gideão*” (Jz 7.20). O efeito desse clamor foi avassalador. Pensando estarem em número inferior, os midianitas, confusos e abatidos, começaram a se golpear uns aos outros na escuridão e providencialmente morreram 120 mil midianitas. Provavelmente os midianitas acharam mais “honroso” caírem na própria espada, do que caírem na espada do exército inimigo.

Gideão enviou mensageiros para convocar os homens de Efraim para interromper a fuga dos sobreviventes inimigos na travessia do Jordão (Jz 7.9-24). Eles capturaram dois príncipes midianitas – Orebe e Zeebe – e trouxeram suas cabeças a Gideão. Humilde e diplomaticamente, Gideão aplacou a amargura dos homens de Efraim, que o recriminaram por não terem sido chamados inicialmente para participarem da guerra (Jz 7.25 – 8.3). Os 15 mil soldados midianitas que conseguiram fugir do acampamento, aparentemente foram “*desbaratados*” (derrotados) próximo a Sucote (Jz 8.10-12).

No caminho de volta para casa, Gideão se vingou do povo de duas cidades que se recusaram a dar alimento a eles anteriormente – Sucote e Penuel (cidades não-israelitas) – e destruiu os dois lugares. E executou também Zeba e Zalmuna pessoalmente para cumprir uma vingança de

sangue – em cumprimento a Números 35.19 – porque eles haviam matado no passado os irmãos de sangue de Gideão que viviam perto do monte Tabor (Jz 8.18-21).

Esta vitória contra os midianitas foi tão completa e divina que o “*dia dos midianitas*” (ou o “*dia de Midiã*”) parece ter se tornado um provérbio que significava a libertação divina (Is 9.4; 10.26; Sl 83.11).

Em resposta à vitória conquistada por Gideão, os israelitas lhe ofereceram a oportunidade de iniciar uma monarquia hereditária, a qual ele recusou quando disse: “Não dominarei sobre vós; o Senhor sobre vós dominará” (Jz 8.23). Gideão, aceitou, contudo, alguns brincos de ouro como despojo da batalha. Com este ouro Gideão fez uma estola sacerdotal e a colocou em sua própria cidade. O infeliz final da história de Gideão está ligado à confecção dessa vestimenta. Isto provou ser uma armadilha para ele e para sua família, porque Gideão conseqüentemente invadiu a prerrogativa do sacerdócio de Arão, mesmo que talvez desejasse usar a roupa apenas em seu ofício de magistrado civil. Talvez para Gideão aquela estola fosse apenas um memorial, mas os israelitas a transformaram em um ídolo. Infelizmente, esta estola sacerdotal serviu como motivo de idolatria para Gideão e sua casa (Jz 8.27). O texto bíblico chamou isso de “*prostituição*” (Jz 8.27), visto que toda idolatria desvia os homens para longe da adoração ao Senhor, sendo uma infidelidade espiritual. Por causa disso, um novo nome foi dado a Gideão, Jerubese-te. O termo “Baal” foi substituído por “besete”, palavra hebraica para “vergonha” (*besheth*), assim o novo nome de Gideão passou a significar “Deixe o vergonhoso lutar”. Mostrando assim a mancha que essa atitude trouxe para o legado de Gideão.

John Davis sugere, que essa atitude de Gideão em mandar confeccionar uma estola sacerdotal e colocá-la em sua cidade, onde um anjo lhe havia aparecido e ele oferecera um sacrifício ao Senhor (Jz 6.21-28), o fez pensar que o ofício do sacerdote lhe era destinado, e por isso mandou fazer essa estola sacerdotal – provavelmente com o Urim e Tumim – pensando ele que isso serviria em suas “consultas” ao Senhor. Mediante isso então, o erro de Gideão foi fazer o que parecia bom, no entanto, sem ter a direção de Deus para aquilo. Infelizmente tudo isso serviu para sua ruína.

Gideão em desobediência ao mandamento do Senhor também teve muitas esposas e 70 filhos (Jz 8.30; Dt 17.17). Além disso, Gideão teve mais um filho com uma concubina, chamado Abimeleque. Este descendente de Gideão tentou se fazer rei, e após a morte de Gideão, Abimeleque matou

seus setenta irmãos (exceto Jotão, o mais novo que fugiu) e se declarou rei, tendo reinado estranhamente por um período de 3 anos em Israel (Jz 9.22-23). Curiosamente, de acordo com este texto, Abimeleque foi então rei em Israel, algumas décadas antes de Saul – que classicamente chamamos de “o primeiro rei de Israel”.

No entanto, apesar de tudo isso, ainda assim Gideão é lembrado como uma pessoa direcionada por Deus no Antigo Testamento e o serviço prestado por ele, livrando Israel dos seus adversários, foi um dos pontos altos na história de Israel antes da monarquia. Gideão parecia ser uma pessoa com certa tendência ao medo (Jz 6.11,22,23,27; 7.10), mas mesmo assim se tornou impressionante alguém que “pela fé, venceu reinos” (Hb 11.32-33).



Habacuque

Nome hebraico, significa "Abraço".

Habacuque foi um profeta hebreu no reino de Judá. Ele é o oitavo dos doze profetas menores, viveu provavelmente em Jerusalém, no fim do século 7 a.C., durante os últimos dias de Josias e no reinado de Jeoiaquim. Naquela época, Judá foi invadida por Nabucodonosor e começou o exílio na Babilônia. Sabemos disso porque ele faz referência aos *"babilônios, nação cruel e impetuosa"* (Hc 1.6). As datas de 612-589 a.C. delineiam o período provável de sua atividade profética.

As informações sobre Habacuque estão limitadas ao livro que traz seu nome. O templo nessa época ainda existia (Hc 2.20), e nele o exercício do coro musical (Hc 3.19). O povo caldeu já era conhecido, desde muito, dos hebreus. Chamaram sobre si a atenção do mundo pela revolta contra o poder dos assírios em 625 a.C. prosseguindo, daí em diante a sua carreira de conquistas, que lhes deu lugar destacado entre os povos antigos, com a tomada de Nínive em 607 a.C., e pelas vitórias alcançadas sobre os egípcios em 605 a.C. na batalha de Carquemis. Nessa batalha, os caldeus após derrotarem os egípcios, dirigidos pelo Faraó Neco, nos vãos do rio Eufrates, marcharam para o Ocidente, a fim de dominar Jeoiaquim, rei de Judá. A maioria dos historiadores sugere que o livro de Habacuque tenha sido escrito nesse período.

O trecho de Habacuque 3.19 indica que ele estava oficialmente qualificado para participar do cântico litúrgico do templo de Jerusalém, e isso parece apontar que Habacuque era da tribo de Levi, ocupando assim a função de um levita, visto que estava encarregado da música sacra. É curioso que não nos seja dado o nome de seu pai, nem a sua genealogia, algo contrário dos costumes judaicos.

Habacuque viveu em tempos difíceis. À semelhança de Jó, Jeremias e Asafe, ele enfrentou o problema do sofrimento dos justos e da aparente vantagem dos ímpios. Ele expressou: "Por que razão um Deus justo silencia e nada faz, quando os ímpios devoram aqueles que são mais justos do que eles?" (Hc 1.13). A resposta certa é que devemos a questão aos cuidados da vontade soberana de Deus, crendo que ele continua sendo soberano, e que, a seu próprio modo e no tempo certo, usará de estrita justiça com todos os seres humanos, incluindo os ímpios.

Há apenas 56 versículos no livro de Habacuque, mas um deles – "o justo viverá por sua fé" (Hc 2.4) – se destaca em relação a todos outros. Ci-

tado por Paulo em Romanos 1.17 e em Gálatas 3.11, é um versículo que teve um enorme efeito na teologia cristã. Desse versículo se fundamentou o ensinamento de que a justificação é pela fé somente, e não por obras, e foi amplamente enfatizado na reforma protestante.

O livro é dividido facilmente em três seções, cada uma correspondendo aproximadamente a um dos três capítulos. A primeira seção é um diálogo entre Habacuque e Deus no qual o profeta se lamenta pelo fato de os justos sofrerem e os maus prosperarem. A segunda seção é a concepção de Habacuque sobre a punição que finalmente virá sobre os malfeitores. Nessa parte em cinco grupos de versículos, Habacuque proclama cinco “ais” acerca de tais transgressões: os saqueadores serão saqueados; aqueles que exploram o fraco em benefício próprio perderão a vida; criminosos violentos serão esmagados pelo poder de Deus; os violentos sofrerão violência e os adoradores de ídolos ficaram mudos diante do Senhor em seu templo.

A terceira seção do livro é uma oração que tem muita semelhança com os salmos que eram cantados durante as celebrações do templo. Tem até uma instrução final para que seja acompanhada com instrumentos de corda. Nessa seção Habacuque apresenta o Senhor como um guerreiro que vai contra seus inimigos num carro e armado com arco e flechas e com uma lança cujo brilho supera o sol e a lua.

Um dos manuscritos do mar Morto descobertos por pastores beduínos em 1947, é um comentário em hebraico do livro de Habacuque escrito por volta do século 1 a.C. O autor faz uma analogia entre os caldeus dos dias de Habacuque e os romanos, que eram os dominadores do seu próprio tempo no primeiro século da era cristã.



Herodes

Nome hebraico, significa “Dragão em fogo”.

Cinco gerações diferentes de pessoas, todos com o título de “Herodes” (devido à dinastia herodiana), aparecem nos Evangelhos e em Atos. O termo “Herodes” aparenta não ser um nome próprio, mas um título, da mesma forma como “Faraó” era o nome dado aos governantes egípcios e “César” era o nome dado a todos os imperadores romanos.

A família herodiana governou a Judeia e grande parte de Israel durante muito mais de um século, de 47 a.C. até quase 100 d.C.

É fundamental entendermos quem eles foram e onde são citados para que possamos entender o contexto histórico e político do Novo Testamento. Vamos então conhecê-los um por um:

Herodes, o Grande

Este Herodes foi o primeiro rei-vassalo de Israel, depois do domínio romano. Foi de 47 a.C. até 37 a.C. governador da Judeia, e de 37 a.C. até 4 a.C. rei em Israel.

Herodes, o Grande nasceu por volta de 73 a.C. Era da Idumeia – região de Edom, no sul da Palestina, conhecido hoje como Neguebe. Seu pai – Antípater – também era um idumeu (povo predominantemente árabe) e sua mãe era uma mulher nobre da Nabateia. Por isso, embora ele alegasse ser um judeu praticante, a sua verdadeira origem era árabe dos dois lados. Josefo relata que era um excelente atleta, sobretudo no uso de dardo e arco.

Quando Pompeu, o Grande, esteve na Palestina, em 63 a.C., o pai de Herodes, Antípater, aliou-se a Roma e enviou Herodes, então um menino de dez anos, para viver com seu tio em Petra (a capital da Nabateia – atualmente Jordânia). Ali ele passou alguns anos. Quando Herodes tinha dezesseis anos ele conheceu o general romano Marco Antônio, que reconheceu e admirou o grande talento do rapaz. Os dois se tornaram amigos inseparáveis. Por intermédio de Marco Antônio ele conheceu o líder militar romano Júlio César, que também se tornou apreciador da família de Antípater.

Em 47 a.C., Antípater conseguiu que César nomeasse Herodes como governador da Galileia com aproximadamente 25 anos de idade. Antípater era um bajulador de César, assim como também Herodes o era. Antípater tentou convencer César a destituir o rei corrente, Antígono, e faz dele rei da Judeia. César, no entanto, recusou-se deixando-o como procurador e Herodes como governador da Galileia.

A princípio, Herodes era admirado pelos judeus da Galileia e pelos oficiais romanos locais. E essa admiração aumentou depois que ele capturou um perigoso rebelde judeu e mandou que ele fosse executado, e trabalhou junto com seu pai para conter várias revoltas naquele período. Isso chamou a atenção dos altos oficiais romanos, e César o nomeou governador da Síria em 46 a.C. (a Síria na época era província romana que incluía o norte da Palestina).

Após o assassinato de César em 44 a.C., Antípater e Herodes imediatamente transferiram sua lealdade a Cássio, um dos assassinos de César, porque ele havia conquistado o controle sobre as províncias orientais. Assim que Marco Antônio derrotou Cássio, Antípater e Herodes mais uma vez deslocaram sua lealdade, dessa vez de volta a Marco Antônio, que os perdoou e fez uma nova aliança com eles. Marco Antônio então nomeou Herodes rei da Judeia, e Herodes ascendeu ao trono após a morte de Antígono, em 37 a.C., com aproximadamente 35 anos e passou a ser conhecido como Herodes, o Grande, pois passou a governar sobre todo o Israel (que abrangia Galileia, Samaria, Pereia e Judeia).

O reinado de Herodes, o Grande é dividido pela maioria dos historiadores em três períodos: consolidação (de 37 a.C. até 25 a.C.), prosperidade (de 25 a.C. até 13 a.C.) e problemas familiares (13 a.C. até 4 a.C.).

O período de consolidação se estendeu de sua ascensão como rei em 37 a.C. até a morte dos filhos de Babas, que eram os últimos representantes masculinos das famílias dos hasmoneus. Durante este período ele teve que lutar com muitos adversários, entre eles: Antígono, Alexandra (sogra de Herodes, o Grande), Aristóbulo e principalmente a rainha Cleópatra do Egito. Cleópatra além de amiga de Alexandra – a sogra que odiava Herodes – era também altamente interessada em se apossar do seu território.

O segundo período do reinado de Herodes, o Grande foi o da prosperidade. Foi um período de esplendor e de alegrias, marcado por grandes projetos de construções. Dois desses muitos projetos de construções foram considerados verdadeiramente magníficos. No primeiro, ele aterrou um porto marítimo chamado Estrato, que estava em decadência, e o reconstruiu totalmente como uma cidade resplandecente em estilo romano. Em honra ao imperador Augusto, ele a chamou Cesareia Palestina (conhecida também como Cesareia Marítima – não a confunda com Cesareia de Filipe). Foi uma bela cidade, com um excelente porto, um imponente areópago e uma estrutura de fortaleza herodiana. Esta cidade logo se tornaria a capital romana na Palestina.

Sua outra grande façanha da engenharia foi a reconstrução do templo de Jerusalém. De acordo com Flávio Josefo – historiador da época – esta foi a mais nobre de todas as conquistas de Herodes. Essa reconstrução do templo em Jerusalém se iniciou por volta de 20/19 a.C. A literatura rabínica chega a dizer que “quem não viu o templo de Herodes, nunca viu um belo edifício”. Na reconstrução deste templo, Herodes teve o cuidado de satisfazer seus súditos judeus e confiou a supervisão

dos trabalhos a sacerdotes dessa religião. Nenhuma imagem foi exibida dentro dele e Herodes nunca entrou na área do santuário. No entanto, o trabalho completo da reconstrução do templo de Jerusalém continuou durante todo o seu reinado e muito após a sua morte, sendo concluído apenas durante o período do procurador romano Albino (62-64 d.C.), pouco antes da destruição pelos romanos no ano 70 d.C.

Nesse período – no fim de 24 a.C., ele se casou com Mariane, filha de Simão – um sacerdote famoso em Jerusalém (essa ficou conhecida como Mariane II). Durante esse período o governo de Herodes, o Grande teve uma grande aprovação popular. Ele exercia um grande controle sobre o povo e por duas vezes, favoreceu o povo abaixando os impostos – chegando a reduzir 75% dos impostos em 14 a.C.

O terceiro período do governo de Herodes, o Grande foi claramente o período marcado por problemas na família real. Nesse período ele já havia se casado com dez esposas. Sua primeira, Doris, teve apenas um filho, Antípater. No entanto, ele repudiou Doris e Antípater, quando se casou com Mariane I, permitindo a eles que visitassem Jerusalém somente durante as festividades. Herodes, o Grande se casou com Mariane I em 37 a.C. Ela era neta de Hircano e teve cinco filhos, duas meninas e três meninos. O mais novo morreu ainda em Roma, e os outros dois iriam desempenhar um importante papel nesse período do reinado dele.

No fim de 24 a.C., ele se casou com sua terceira esposa, Mariane II, com quem teve um filho (Herodes Filipe). Sua quarta esposa foi Malta-ce, ela era samaritana e foi mãe de dois filhos, Arquelau e Antipas. Sua quinta esposa, Cleópatra de Jerusalém, foi mãe de Filipe, o Tetrarca. Das cinco esposas restantes, somente Palas, Fedra e Elpsis são conhecidas pelo nome, e nenhuma desempenhou um papel significativo nos eventos desse período.

Alexandre e Aristóbulo, os filhos de Mariane I, eram os filhos favoritos de Herodes, o grande. No entanto, imediatamente, após seus casamentos, iniciaram-se os problemas dentro da casa herodiana. Salomé, irmã de Herodes, o Grande e mãe de Berenice (esposa de Aristóbulo), odiava esses dois filhos, principalmente porque queria para seu filho a posição e o favor de que desfrutavam. Herodes então decidiu repatriar o seu filho exilado Antípater, para mostrar a Alexandre e Aristóbulo que havia outro herdeiro para o trono. Antípater tirou plena vantagem da situação e usou todos os meios concebíveis para adquirir o trono cobiçado. Finalmente, um homem de mau caráter – Euricles, de Lacedemom – o tomou a fim de incitar o pai contra seus filhos e vice-versa. Logo outros causadores de

dano se uniram a Euricles, e a paciência de Herodes se esgotou. Ele colocou Alexandre e Aristóbulo na prisão e nomeou Antípater seu herdeiro.

Em sua impaciência para obter o trono, Antípater tentou envenenar Herodes, o Grande. O plano, no entanto, fracassou quando Feroras, irmão de Herodes, o Grande bebeu o veneno por engano. Toda a trama foi descoberta e Herodes colocou Antípater na prisão e relatou o fato ao imperador. Nesse tempo (5 a.C.), Herodes adoeceu gravemente de uma doença incurável. Ele então redigiu um novo testamento que ignorava seus filhos mais velhos – Arquelau e Filipe – porque Antípater também havia envenenado sua mente contra eles. Ele escolheu seu filho mais moço, Antipas, como seu único sucessor.

Foi durante este tempo que os magos chegaram à Judeia, buscando pelo rei dos judeus que havia acabado de nascer. Herodes, o Grande ao saber disso, os instruiu para que o informassem do paradeiro dessa criança tão logo que a encontrassem. No entanto, sendo advertidos em sonho, os magos não fizeram isso, mas retornaram aos seus lares por outro caminho. Deus advertiu José (marido da mãe de Jesus) para que fugisse para o Egito, porque a intenção de Herodes era matar Jesus. José tomou sua família e deixou Belém. Logo depois, Herodes matou todas as crianças do sexo masculino em Belém que tivessem 2 anos ou menos. Essa atitude de Herodes em matar crianças inocentes por causa do medo de perder o seu trono revela quão decrescente foi o reinado de um Herodes que ficou conhecido como “o Grande”.

A doença de Herodes, o Grande piorou rapidamente. Nesse período chegou de Roma uma permissão para executar Antípater, e ele prontamente atendeu. E novamente alterou seu testamento, e os seus domínios foram divididos entre três filhos, fazendo Arquelau ser rei da Judeia, Idumeia e Samaria; Antipas, tetrarca da Galileia e da Pereia; e Filipe, tetrarca dos territórios a leste da Galileia.

No quinto dia após a execução de Antípater, Herodes, o Grande morreu em Jericó, na primavera de 4 a.C., sem ser pranteado por sua família nem pelo povo judeu, e foi enterrado em Herodeion. Ele governou a Judeia por aproximadamente 33 anos. Arquelau, seu filho foi proclamado como rei em seu lugar.

Pelos padrões modernos, este Herodes foi um monstro, mas para sermos justos, ele deve ser analisado de acordo com as normas do seu tempo. Na verdade, ele nada mais foi do que um exemplo típico dos governantes orientais daquela época, que eram altamente cruéis, bárbaros e tirânicos déspotas.

Herodes, o Grande jamais levou o judaísmo a sério. Seu interesse era somente político, e como judeu ele foi um apóstata. Mesmo que ele tenha sido rei dos judeus, não se pode dizer, entretanto, que ele tenha sido um rei verdadeiramente judeu.

Curiosamente nenhuma das moedas preservadas da época de Herodes, o Grande exibe uma efígie (imagem de como ele era) e não existe nenhuma estátua dele, de modo que não sabemos como era sua fisionomia.

Herodes, Arquelau

Arquelau foi o filho de Herodes, o Grande e Maltace (uma samaritana). Arquelau governou de 4 a.C. até 6 d.C. Ele tratou com brutalidade tanto a judeus como a samaritanos. Quando José retornou de sua fuga ao Egito e ouviu que Arquelau governava a Judeia, ficou com medo de ir até lá e foi direcionado por Deus a levar o menino Jesus para a Galileia (Mt 2.22).

A tirania de Arquelau finalmente fez com que judeus e samaritanos enviassem uma delegação a Roma, a fim de reclamar formalmente ao imperador Augusto. O fato de inimigos tão ferrenhos como judeus e samaritanos se unirem para cooperar nesse assunto indica a seriedade da reclamação. Antipas e Filipe também foram a Roma nesse período para reclamar dele.

Desse modo, em 6 d.C., Arquelau foi deposto e exilado em Viena, na Gália (ao sul de Lyon). Antipas e Filipe tiveram permissão para continuar seus respectivos governos, e os territórios de Arquelau foram reduzidos a uma província governada por prefeitos e procuradores.

Herodes Antipas

Antipas foi filho de Herodes, o Grande e Maltace, e governou de 4 a.C. até 39 d.C. Ele e seu irmão, Herodes Arquelau, de acordo com Flávio Josefo, foram criados em Roma por um patrício cujo nome é desconhecido. De todos os herodianos, ele é o mais mencionado no Novo Testamento porque governou a Galileia e a Pereia, e os ministérios de João Batista e Jesus ocorreram durante a gestão deste Herodes (Lc 3.1). Politicamente, ele foi um tetrarca, e não um rei. O tetrarca era um governante com poderes mais ou menos monárquicos, mas que governava sem autonomia completa, tendo que estar sob o controle de Roma. Originalmente, Antipas – assim como seu pai – patrocinou uma grande campanha de construção e fez da cidade de Seforis (entre Nazaré e Caná), a sua capital. Mais tarde, Antipas construiu para ser a nova capital a cidade de Tiberíades, junto ao

mar da Galileia, que também ficou conhecido como lago de Tiberíades, dando-lhe esse nome em homenagem ao imperador Tibério, que havia sucedido Augusto. Contudo, isso foi altamente ofensivo para os judeus porque ele não só abandonou a cidade santa de Jerusalém, como também construiu uma nova cidade capital (Tiberíades) em cima de um local que era um famoso cemitério da época, território altamente impuro na lei dos judeus. Assim, todo judeu fiel que precisava ir a Tiberíades tinha de passar por um complexo ritual de purificação.

Em uma visita a Roma, Antipas apaixonou-se pela esposa do seu meio irmão Herodes Filipe (Herodias), e em pouco tempo casou-se com ela (Mc 6.17). Ela insistiu para que ele se divorciasse de sua primeira esposa, Fasaleia (que era filha do rei de Petra). Mas quando esta – que era a esposa oficial de Antipas – soube desta armação, decidiu por conta própria abandonar Antipas e voltar para à casa de seu pai.

Isso revoltou ainda mais não apenas aos judeus, mas também a João Batista, que teve a coragem de acusá-lo de estar em adultério com sua cunhada (Mt 14; Mc 6; Lv 20.21). Herodias odiava João Batista e acabou convencendo Antipas a prendê-lo. Poucos dias depois, Salomé, filha de Herodias, pediu a cabeça de João Batista em um prato, e então o profeta veio a morrer (Mc 6.26).

Jesus também não tinha medo de Antipas, e por isso quando ele espalhou a notícia de que queria matar Jesus, o Senhor o chamou de “raposa” (Lc 13.31-32), e lhe disse que não iria nem se amedrontar e nem para a sua obra. Depois de ter lidado duramente com João Batista, Herodes Antipas não teve coragem de lidar da mesma forma com Jesus, e esperava amedrontá-lo com ameaças. Joana, a esposa de um dos oficiais de Antipas, tornou-se seguidora de Jesus (Lc 8.30).

Politicamente, Antipas não tinha boas relações com Pilatos. Dentre outras coisas, Pilatos tinha assassinado alguns dos súditos herodianos enquanto eles ofereciam sacrifícios no templo (Lc 13.1). Mas a permissão de Pilatos, em enviar-lhe Jesus em um intervalo no julgamento, deixou-o tão satisfeito que a sua disputa com Pilatos acabou (Lc 23.12). Pilatos certamente sabia que um dos desejos de Antipas era ter Jesus morto, e aproveitando que naqueles dias Antipas estava em Jerusalém, não hesitou e enviar-lhe o mestre a fim de que pudesse também ser julgado por ele devido ao fato de Jesus residir na Galileia. Claramente Pilatos se aproveitou disso para resolver um problema pessoal com Herodes Antipas. Lamentavelmente, Pilatos se tornou aqui um símbolo de pessoas que “usam” Jesus para o benefício próprio.

Mas a arrogância de Herodes Antipas acabou levando-o à sua própria ruína. Incentivado por sua esposa Herodias, ele solicitou ao imperador Gaio (Calígula) o título de rei, que havia sido conferido a Herodes Agripa I, que governava ao norte e ao leste de seus domínios. No entanto, Antipas foi mal visto devido àquela atitude presunçosa e foi banido para a Gália por volta de 40 d.C., onde ficou até sua morte. Agripa I acabou assumindo o seu território.

Herodes Agripa I

Este Herodes foi neto de Herodes, o Grande e filho de Aristóbulo. Ele nasceu em Jerusalém, em 10 a.C., e recebeu esse nome em homenagem a Agripa, o competente ministro do imperador Augusto. Seu pai e seu tio Alexandre foram executados em 7 a.C., sob suspeita de terem conspirado contra o trono de Herodes, o Grande (o próprio pai).

Após a morte de Tibério e a ascensão de Gaio, Agripa I recebeu a tetrarquia de Filipe, que morreu em 34 d.C., e obteve a permissão de ostentar o título de rei. Quando Herodes Antipas foi deposto, Agripa I assumiu também seu território. Em 41 d.C., Gaio (Calígula) foi assassinado e sucedido por Cláudio. O novo imperador – que era amigo deste Herodes – adicionou a Judeia e Samaria ao domínio de Agripa I, de modo que agora ele era o rei dos judeus assim como havia sido anteriormente Herodes, o Grande.

Agripa I foi bem educado no judaísmo. Ele era um judeu fiel e praticante (o único de todos os Herodes). Pouco se sabe sobre sua mãe, mas ela foi provavelmente quem providenciou para que ele fosse treinado no judaísmo e na prática da lei judaica. A grande população judaica de Roma tinha muitos rabinos famosos e sinagogas, de modo que isso ainda não era um problema para o império romano naquela época. Isso fez ele conquistar um alto respeito entre os judeus e se tornar um forte defensor de sua fé e de sua nacionalidade judaica por ter nascido em Jerusalém.

Devido a isso, bíblicamente Herodes Agripa I é conhecido pela sua perseguição aos cristãos da igreja primitiva. Foi ele quem mandou executar Tiago, filho de Zebedeu, e determinou a prisão de Pedro em 44 d.C. (At 12). A Bíblia conta que Agripa I reuniu um grande ajuntamento de pessoas em Cesareia (que havia substituído Jerusalém, como a capital da Judeia). Em meio a uma cerimônia luxuosa no anfiteatro de Cesareia, de repente, o anjo do Senhor o feriu mortalmente, e ele morreu comido por

vermes porque “não deu glórias a Deus”. Os cristãos interpretaram sua morte como sendo um castigo de Deus por sua arrogância (At 12.19-23).

Essa morte de Herodes Agripa I é altamente curiosa. Sem sabermos ao certo a razão de seu falecimento. Flávio Josefo, historiador confiável da época faz uma descrição paralela ao texto de Lucas em Atos, que vale a pena analisarmos abaixo:

“Então, quando Agripa tinha reinado durante três anos sobre toda a Judeia, ele veio à cidade de Cesareia, e ali ele apresentou espetáculos em honra a César. No segundo dia dos quais espetáculos ele vestiu um traje feito totalmente de prata, e de uma textura verdadeiramente maravilhosa, e veio para o teatro de manhã cedo; ao tempo em que a prata de seu traje sendo iluminada pelo fresco reflexo dos raios do sol sobre ela, brilhou de uma maneira surpreendente, e ficou tão resplendente que espalhou espanto entre aqueles que olhavam firmemente para ele; e no momento seus bajuladores gritaram um de um lugar, outro de outro lugar, que ele era um deus, e imploravam suas clemência com estas palavras: ‘Temos temido a ti como se fosses um homem, mas temos visto que daqui para frente confessaremos que tu és superior à natureza dos mortais’. Quanto a isto o rei não os repreendeu, nem rejeitou sua ímpia bajulação (a razão de não ter dado “glórias” a Deus). Mas, depois de um breve momento, olhou para cima, viu um anjo sentado acima de sua cabeça, e imediatamente entendeu que este era a causa de seus males, assim como antes fora a causa dos seus sucessos; e caiu na mais profunda tristeza. Uma dor severa também atravessou o seu coração e tomou suas entranhas de maneira muito violenta. Ele, portanto olhou para seus amigos e disse: ‘Eu, a quem chamais deus, estou presentemente chamado a partir desta vida; e eu, que por vós fui chamado imortal, tenho que ser imediatamente afastado depressa para a morte...’ Quando ele acabou de dizer isto, sua dor se tornou ainda mais violenta. Desse modo, ele foi carregado com grande pressa para dentro do palácio; e o rumor espalhou-se por toda parte, que ele certamente morreria dentro de pouco tempo... Por fim, tomado de dor nas entranhas por cinco dias seguidos, ele terminou esta vida aos cinquenta e quatro anos de idade” (Antiguidades, XIX, 7.2 ou História dos Hebreus pág. 453).

Embora Josefo seja mais detalhista que Lucas, a concordância entre os dois é existente, e conseguimos ter através desse texto uma visão ampliada sobre como terminou a vida deste homem que perseguiu e matou o povo de Deus. Ele deixou três filhas e um filho, Marco Júlio Agripa, que se tornaria Herodes Agripa II.

Herodes Agripa II

Herodes Agripa II nasceu em Roma em 27 d.C. Na ocasião da morte de seu pai (Herodes Agripa I), este seu filho era jovem demais, na opinião do imperador Cláudio, para assumir o reinado sobre os judeus – aproximadamente 17 anos de idade – de modo que foi imposto aos judeus mais uma vez um governador romano, e Agripa II não reinou sobre eles. Em 50 d.C., quando Herodes Agripa II tinha 23 anos, foi lhe dado o trono do reino de Cálcis, no Líbano. No entanto, aproximadamente nessa época, estranhamente o imperador Cláudio lhe concedeu o direito de indicar o sumo sacerdote e também uma pessoa para ser responsável da supervisão do templo em Jerusalém, de modo que devido a isso ele acabou se envolvendo nos assuntos judaicos. Posteriormente, o imperador Nero lhe adicionou uma parte do território próximo ao mar da Galileia, e uma parte do sul da Pereia. Agripa II, assim como seu pai, também foi chamado de rei.

Foi na presença de Herodes Agripa II que o apóstolo Paulo fez a sua defesa quando estava preso em Cesareia antes de ir para Roma, entre 57 e 59 d.C. (At 25.13 a 26.1-32).

Ele era também o Herodes da época da destruição do templo de Jerusalém e da conquista de Massada. Quando a primeira grande revolta judaica aconteceu, em 66 d.C., os seus exércitos lutaram ao lado dos romanos contra os judeus. Flávio Josefo afirma que Agripa II lhe enviou mais de 60 cartas com informações sobre a sua participação no conflito.

Agripa II se envolveu em um caso incestuoso, com a própria irmã, Berenice. Depois da destruição do templo e da tomada de Jerusalém, Agripa II – embora ainda governasse a Palestina – mudou-se para Roma junto com Berenice por volta de 75 d.C. E a partir de então governou à distância, retornando só muito raramente para visitas breves. Enquanto ele estava em Roma, Berenice o deixou para se tornar amante do general romano Tito Flávio Vespasiano, filho do imperador Vespasiano. Este mesmo Tito foi o que invadiu Jerusalém em 70 d.C., e teve o apoio de Agripa II para isso. Ou seja, Agripa II estava vivendo na própria pele as consequências de uma aliança ímpia que ele havia feito com Tito para estar à favor dos romanos e contra os judeus.

Pouco se sabe sobre os últimos anos da vida de Agripa II, mas ele provavelmente viveu até o final do primeiro século da era cristã. Ele não teve filhos e com sua morte, a dinastia dos Herodes chegou ao fim.



Isabel

Nome hebraico, significa "Deus é meu juramento".

Isabel foi esposa do sacerdote Zacarias e mãe de João Batista (Lc 1.5-56). Sua história é registrada apenas por Lucas e se limita ao capítulo 1 do evangelho escrito por ele. Isabel também era de linhagem sacerdotal, sendo descendente de Arão. Sendo assim, seu casamento com o sacerdote Zacarias – dentro da visão judaica – seria considerado a união perfeita. Provavelmente Isabel foi assim chamada em homenagem a Eliseba (no hebraico, *elisheba* – que vem da mesma raiz hebraica que Isabel), que era esposa de Arão (Êx 6.23).

Isabel e Zacarias eram justos e irrepreensíveis em sua dedicação à lei (Lc 1.6), e podem ser incluídos entre os piedosos judeus que estavam ansiosamente esperando a vinda do Messias. No entanto, eles não haviam tido filhos, e além de idosos, Isabel era estéril.

Certo dia, enquanto Zacarias estava queimando incenso no templo, o anjo Gabriel apareceu a ele e o anunciou que Isabel daria à luz a um filho que seria *“grande diante do Senhor”* (Lc 1.15). Essa palavra se cumpriu a tal ponto de Jesus declarar que *“dos nascidos de mulher, não existiu um maior que João Batista”* (Mt 11.11). Sendo Zacarias idoso, e Isabel idosa e estéril, Zacarias questionou a possibilidade de tal nascimento acontecer, e sua incredulidade custou-lhe a capacidade de falar, Zacarias ficou mudo (Lc 1.18). Só voltando a falar depois que a criança nascesse (Lc 1.19-20).

Após Isabel descobrir que estava grávida, não saiu de casa por cinco meses. O texto não revela o motivo, mas pode ser considerado ou um cuidado especial por ser uma *“gravidez de risco”* ou ainda a fim de consagrar-se ao Senhor em sinal de gratidão. No sexto mês da gravidez de Isabel, o anjo Gabriel apareceu a Maria e anunciou que ela seria mãe de Jesus. O anjo também disse a ela que Isabel estava grávida. Maria foi imediatamente visitar Isabel. Assim que Maria viu a Isabel, a saudou dizendo: *“Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz* (Lc 1.42). Logo que Isabel ouviu essa saudação de Maria – que estava grávida de Jesus – João Batista saltou dentro do seu ventre, ela foi cheia do Espírito Santo (Lc 1.41), e fez uma previsão em alta voz de que Maria seria a mãe do seu Senhor (Lc 1.43-44). Maria e Isabel aparentemente eram de tribos diferentes – Isabel da tribo de Levi e Maria da tribo de Judá – provavelmente elas eram primas.

Maria ficou com Isabel por cerca de três meses e, em seguida, voltou para sua casa em Nazaré. A Bíblia não deixa claro se ela permaneceu até o nascimento de João, mas é muito provável que tenha permanecido. Naquela época, os partos eram muito perigosos, e é pouco provável que Maria deixasse Isabel antes de saber que o parto havia ocorrido bem e ela estava segura.

João Batista recebeu esse nome no oitavo dia de vida, na cerimônia da circuncisão. Não se sabe por que esperaram tanto tempo para dar-lhe o nome, especialmente porque o nome já havia sido anunciado pelo anjo desde a gestação do menino ser comunicada (Lc 1.13). Talvez tenham seguido o costume helenista de esperar uma semana antes de oficializar o nome do recém-nascido.

No entanto, queriam que a criança fosse chamada Zacarias, nome do pai. Mas Isabel fez objeção a isto e insistiu que o nome seria João. Ao desprezarem seu pedido (provavelmente porque era mulher), voltaram-se para Zacarias – que estava mudo – e perguntaram-lhe como o menino seria chamado. Ele escreveu numa tábua que o menino se chamaria João e naquele momento sua mudez passou e ele voltou a falar. Zacarias, então, cheio do Espírito Santo, profetizou sobre o futuro do seu filho, dizendo que ele seria um profeta do Senhor (Lc 1.64-79).

Esses acontecimentos causaram alvoroço entre os judeus e todos ficaram assombrados. Sentiam que Deus estava com aquela nova família e perguntavam-se o que aconteceria a seguir (Lc 1.65-66). Já há aproximadamente 400 anos a voz de Deus havia se silenciado, e não havia sido levantado profeta em Israel. O nascimento de João Batista representava o início de um novo tempo. O Senhor havia começado a trazer o seu povo de volta para si.

Após isso, nem Isabel, nem Zacarias são mencionados mais no Novo Testamento. A menção enigmática de que a criança “habitava nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel” (Lc 1.80), leva alguns a pensar que Isabel e Zacarias morreram ainda na infância de João, e este foi entregue a uma seita religiosa rigorosa para ser criado – provavelmente os essênios.



Isaías foi um dos profetas maiores, talvez o principal deles. Profetizou para o reino do sul, em Judá. Isaías era filho de Amoz (não se deve confundir esse Amoz com o profeta Amós, pastor de Tecoa). No entanto, o fato de Isaías ser chamado de “filho de Amoz” 13 vezes no Antigo Testamento pode significar que seu pai era um homem proeminente.

Isaías aparentemente morava em Jerusalém, visto que seu filho pequeno, chamado “Sear-Jasube”, caminhou com ele para encontrar o rei Acaz fora da cidade (Is 7.3). Sua esposa era conhecida como “profetisa”, no entanto, não se sabe se ela também desenvolvia esse ministério ou se ela era assim chamada por ser esposa de um profeta. Juntos tiveram dois filhos: “ ” e “Sear-Jasube” (Is 8.1-4). Estes nomes eram significativos, eram lembretes constantes ao povo e ao rei acerca da mensagem do profeta. O nome do filho mais velho significava “um remanescente voltará”, uma promessa referente aos que seriam tementes e obedientes ao Senhor em Judá. O nome do filho mais novo significava “rápido é o despojo, veloz é a presa” (Is 8.3), e apontava para o juízo próximo que viria por intermédio do rei da Assíria.

A roupa costumeira de Isaías era uma roupa de profeta, ou seja, sandálias e um manto de pele de cabra ou pano de saco (que aparentemente era a veste que Isaías mais usava). Em determinado ponto do seu ministério, Deus disse a Isaías para que andasse descalço e tirasse o pano de saco – que era a sua veste – de sobre os seus ombros (Is 20.2-6). Obedecendo, Isaías andou descalço e nu – aparentemente vestindo só uma tanga – durante três anos como sinal do destino do Egito. Isso serviria de alerta contra a confiança dos judeus na ajuda dos egípcios, em vez de confiarem em Deus. Isso deve ter sido chocante para aquela geração, em uma sociedade que media o *status* de uma pessoa por meio de códigos meticulosos de vestimenta.

A vida de Isaías pode ser dividida em quatro partes: O reinado de Uzias, o reinado de Jotão, o reinado de Acaz e o reinado de Ezequias.

O reinado de Uzias (2Rs 15.1-7; Is 1-6.1). Isaías começou seu ministério durante o próspero reinado de Uzias, também conhecido como Azarias. No entanto, a condição espiritual do povo começou a declinar, e a queda de Uzias resultou da sua tentativa de exercer o papel de sacerdote e queimar incenso no altar – tarefa que Deus não havia designado

ele para fazer. Por causa disso, Deus o feriu com lepra, da qual ele nunca se recuperou.

No ano da morte do rei Uzias, por volta de 740 a.C., Isaías recebeu a visão majestosa da santidade do Todo-Poderoso (Is 6.1-7). Isaías teve sua primeira experiência direta com Deus no templo. O profeta teve uma visão repentina e extraordinária de Deus sentado em um trono. Tão grande era a visão que só a cauda do manto de Deus já enchia o enorme santuário. Percebendo que assistia uma assembleia em que Deus dialogava com aparentemente com o exército celeste e ciente da incapacidade da humanidade profana de sobreviver diante de tal grandeza, Isaías gritou: “Ai de mim!... meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Is 6.8). Imediatamente, um serafim de seis asas voou a seu encontro para tocar-lhe os lábios com uma brasa tirada do altar de Deus, purificando assim o profeta de toda culpa e pecado. Isaías então, pode permanecer no conclave divino. Quando o Senhor perguntou que iria ser seu mensageiro, Isaías, sem duvidar, ofereceu a si mesmo: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6.8). Deus aceita a oferta, mas adverte que a mensagem não seria ouvida. Isaías então, pergunta por quanto tempo, e recebe a resposta de que “até que as cidades fiquem desertas por falta de habitantes... até que o solo se reduza ao ermo, a desolação” (Is 6.110 – ou seja, até a época, no futuro, em que o reino de Judá fosse dominado pela Babilônia. Nascido aproximadamente no ano 760 a.C., Isaías tinha por volta de vinte anos quando teve esta experiência transformadora com o próprio Deus.

No entanto, embora os ouvintes pudessem não aceitar sua mensagem, Isaías não estava só, pois tinha o total apoio de sua família. Alguns anos após receber sua missão, Isaías citava a sua esposa como “profetisa”, além de seus filhos que viviam a mensagem junto com ele através de seus nomes. Provavelmente, isso falta para Jeremias, que não tinha família, pois não havia casado (Jr 16.1-4). E embora recebendo a mesma mensagem de juízo sobre Judá, aparentemente sofreu mais do que Isaías, talvez por não ter uma reserva emocional através de uma família dentro de casa.

A tradição judaica sugere que Amoz foi o irmão do rei Amazias de Judá, sendo assim Isaías seria primo do rei Uzias. É evidente que Isaías veio de uma família de boa posição social, visto que ele tinha acesso fácil ao rei (Is 7.3) e proximidade com um sacerdote (Is 8.2). Isso também pode ter cooperado para que o profeta houvesse tido uma educação nobre, o que se percebe devido à eloquência de sua linguagem. Além disso,

Isaías também parece ter sido um historiógrafo na corte de Judá por vários anos (2Cr 26.22; 32.32).

O reinado de Jotão (Is 1-5). Após a morte de Uzias, seu filho Jotão reinou por 16 anos. Isaías recebeu as profecias que estão nos primeiros cinco capítulos de seu livro durante o governo de Uzias, porém a condição espiritual do povo não progrediu no reinado de Jotão. Uma grande quantidade de corrupção espiritual ainda existia pelo reino.

O reinado de Acaz (2Cr 28; Is 7-27). Do capítulo 7 ao 27, Isaías registrou muito do material profético que recebeu nos 16 anos do reinado de Acaz (2Rs 16.2), rei idólatra e perverso que Deus entregou nas mãos da Síria. Pouco depois de Acaz ter assumido o trono de Judá, o rei Peca, de Israel e o rei Rezim, da Síria, formaram uma aliança para tentar deter o avanço do rei Tiglate-Pileser, da Assíria. Queriam que Acaz também se juntasse a eles e, diante de sua recusa, invadiram Judá para depô-lo. Quando alcançaram Jerusalém, instalou-se o pânico na cidade. Acaz consultou a Isaías, que respondeu com firmeza: “não tenhas medo e não vaciles o seu coração diante desses dois pedaços de tições fumegantes” (Is 7.4). O Senhor não permitiria o sucesso dessa investida contra Judá.

Contra o conselho do profeta, Acaz mandou mensageiros com presentes para o rei da Assíria, pedindo sua ajuda. Os assírios avançaram, tomaram Damasco – capital da Síria – e ocuparam parte de Israel. A pressão sobre Judá foi aliviada momentaneamente, mas o reino ficou sendo um vassalo subserviente da Assíria, o que não era a vontade de Deus.

Mesmo Isaías tendo alertado contra os envolvimento políticos com nações vizinhas, Acaz, infelizmente, não o ouviu. Essa aliança teve como consequência a colocação de um altar pagão no templo de Salomão (2Rs 16.10-16).

O reinado de Ezequias (Is 36-39). Ezequias reinou por 29 anos e foi um dos poucos reis do sul de quem se disse: “E fez o que era reto aos olhos do Senhor, conforme tudo o que fizera Davi, seu pai” (2Rs 18.3). Os relatos do reinado de Ezequias vão do capítulo 36 ao 39 do livro de Isaías. Ezequias liderou Judá numa série de reformas (2Rs 18.4,22), que chegaram ao ápice com a celebração da festa da páscoa (2Cr 30). Surpreendentemente, Ezequias, pensava diferente de seu pai (o desobediente rei Acaz) e foi o único rei que acatou os conselhos de Isaías.

Já haviam se passado 30 anos, desde que Acaz, pai de Ezequias, havia se subordinado aos assírios. O rei Ezequias então decidiu romper esse jugo, e aliou-se a uma revolta contra os assírios, que se puseram em

marcha para sufocá-los. Em 701 a.C. o monarca assírio Senaqueribe passou arrasador sobre Judá e exigiu a rendição de Jerusalém. Isaías então persuadiu Ezequias a manter-se firme: “Eis, pois, o que diz o Senhor sobre o rei da Assíria: Ele não há de entrar nessa cidade, nela não lançará flecha... Por onde veio, voltará... Protegerei esta cidade e a salvarei” (2Rs 19.32-34).

O Senhor foi fiel à sua promessa de livrar seu povo e enviou o seu anjo, para destruir os assírios em seu acampamento e “de manhã, ao despertar, só havia cadáveres” (Is 37.36). O anjo do Senhor matou em uma única noite 185 mil soldados do exército assírio e Senaqueribe bateu em retirada voltando para Nínive derrotado. Enquanto isso, os judeus celebravam o livramento miraculoso contra esse tirano cruel (2Rs 19.35-36; Is 1.5-9).

Na mesma época, Ezequias adoeceu e Isaías lhe avisou que ele não viveria. Ezequias, então, orou ao Senhor, procurando lembrá-lo de que ele – o rei – havia tentado cumprir a vontade do Senhor durante toda a sua vida. Isaías então recebeu uma nova palavra de Deus informando ao rei que Deus estava o curando e lhe acrescentando mais quinze anos de vida (Is 38.1-8; 2Rs 20.1-21).

A última história envolvendo Isaías trata-se da hospitalidade de Ezequias com a comitiva de um rei estrangeiro chamado Merodac-Badlã, da Babilônia, que na época ainda era uma pequena potência localizada ao sul da poderosa Assíria na Mesopotâmia. A visita foi totalmente amistosa, em decorrência da boa notícia da recuperação de Ezequias da grave doença. Após a partida dos visitantes, Isaías soube que o rei havia lhes mostrado seu palácio magnífico e tudo de valor que guardavam os depósitos. Isaías então, confrontou o rei e anunciou que por causa daquela atitude inconsequente de Ezequias, no futuro a Babilônia iria invadir Judá, e que alguns descendentes do próprio Ezequias veriam parte desse patrimônio como despojos nas mãos desses mesmos babilônicos, que viriam conquistar Judá e destruir Jerusalém (Is 39). Em 597 a.C., quase noventa anos após a morte de Ezequias, essa profecia se cumpriu.

No entanto, a visão profética de Isaías, ia além desses tempos conturbados. Suas palavras de esperança confortaram uma geração futura, posterior à tomada de Jerusalém e ao exílio de seus habitantes, quase dois séculos mais tarde, prometendo-lhe a libertação do cativo e a reconstrução de sua cidade sagrada.

Embora no primeiro versículo do livro, Isaías declara que recebeu revelações de Deus durante os reinados dos reis Uzias, Jotão, Acáz

e Ezequias, é bem certo que ele deve ter vivido mais tempo para ser capaz de registrar a morte de Senaqueribe em 681 a.C., e saber o nome do monarca assírio sucessor, Esar-Hadom (Is 37.38). Consequentemente, Isaías também estava vivo no reinado de Manassés. Considerando que ele havia estado ativamente envolvido na vida da corte durante os reinados anteriores (Is 7.8,20,22; 28-31; 36-39; 2Rs 19.2-7,20; 20.1-19), neste momento ele havia sem dúvidas alguma se retirado da vida pública e não mais se sentia no dever de registrar o nome do governante cuja maldade recebeu do profeta uma forte oposição em seus últimos escritos. O texto de 2 Reis 21 é um relato histórico sucinto da adoração apóstata dominante e da injustiça civil que evocou do profeta a advertência da vingança divina (Is 56.9-12; 44.9-20; 57.1-21; 58.1-4; 59.1-15; 65.2-7,11-15). O texto em 2 Crônicas 33 indica que a violência idólatra de Manassés foi pior durante os seus anos iniciais antes de Esar-Hadom, exibindo-o como um escravo acorrentado na Babilônia em 679 a.C. (2Cr 33.11). Portanto, cronologicamente é possível crer na tradição de que Isaías foi serrado ao meio por ordem de Manassés. Talvez Hebreus 11.37 (*“foram apedrejados, foram tentados, foram serrados pelo meio”*), seja uma alusão a este fato.

Os profetas Oseias e Miqueias foram contemporâneos de Isaías. O texto de Miqueias 4.1-3 é praticamente idêntico a Isaías 2.2-4. Qual desses profetas citou o outro não podemos dizer. Talvez eles estivessem familiarizados com a pregação um do outro.

Isaías ficou conhecido como o “profeta messiânico” devido à grande quantidade de profecias acerca da vinda do Messias. A profecia messiânica mais conhecida, de que a virgem daria à luz um filho (Is 9. 6-7 – e o menino se chamaria Emanuel – Is 7.14), foi entregue na época de Acáz como sinal de que, independente da corrupção de Acáz, Deus salvaria o povo judeu.

Além disso, as vitórias de Ciro e o livramento de um remanescente do cativo foram profetizados por Isaías. Ciro foi induzido a libertar os judeus pelas profecias de Isaías ao seu respeito que haviam sido registradas pelo menos 150 anos antes de Ciro tornar-se rei. Isaías havia profetizado sobre Ciro, rei da Pérsia: “Que digo de Ciro: É meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz, dizendo também a Jerusalém: Tu serás edificada; e ao templo: Tu serás fundado.” (Is 44.28) – “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações diante de sua face, e descingir os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão.” (Is 45.1).

Este era um exemplo claro para Ciro da soberania de Deus sobre o tempo e sobre as circunstâncias.

Quando a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada, para a humanidade abatida pela guerra, foi gravado na pedra diante da entrada de seu edifício, em Nova York, a visão escrita de Isaías sobre um mundo melhor: "... e eles quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas de arado, e as suas lanças, a fim de fazerem podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra a outra, e nem se aprenderá mais a fazer guerra" (Is 2.4).



Isaque

Nome hebraico, significa "Riso".

Isaque nasceu de Abraão e Sara quando estes tinham 100 e 90 anos, respectivamente (Gn 17.17; 21.5). Ele foi o filho mais esperado de todo o Antigo Testamento. Foi o segundo filho do patriarca, que já havia se precipitado em sua caminhada e tido um filho com Agar, chamado Ismael. Ele foi o primeiro a ser circuncidado no período normal, quando tinha oito dias de idade (Gn 21.4), em reconhecimento a promessa da aliança (Gn 17.2-17). A presença de Agar e Ismael foi motivo de perturbação na família de Abraão, e por ordem divina eles foram mandados embora. Ismael tinha aproximadamente 14 anos quando Isaque nasceu, e tinha em torno de 16 e 17 anos quando ele e Agar tiveram que sair da tenda de Abraão. Provavelmente, Ismael ainda era um jovem dependente que não sabia se proteger (Gn 21.15,18). Mas já tinha idade suficiente para ser um zombador (Gn 21.9).

Nada é conhecido sobre a infância de Isaque, sabe-se, no entanto, que durante os anos de adolescência de Isaque, Abraão vivia em território filisteu (Gn 21.34). Na próxima história o envolvendo ele já está grande e forte o suficiente para carregar a madeira para o fogo do altar subindo o monte Moriá, não sabendo que ele mesmo seria colocado no altar como sacrifício. Isaque é a única pessoa em toda a Bíblia que foi amarrada e colocada sobre um altar. A experiência de ter sido amarrado como uma vítima de sacrifício e então libertado pela intervenção divina deve ter afetado profundamente toda a sua vida.

Não se sabe se Isaque era um adolescente ou um rapaz na época do sacrifício do Moriá. Há muito controvérsia sobre essa questão. Russell Norman Champlin sugere que ele tinha 8 anos, Flávio Josefo propõe a idade de 25 anos e ainda há alguns eruditos que falam entre 13 e 15 anos como a idade aproximada de Isaque quando foi levado para ser sacrificado. O grande detalhe da história, no entanto, é a submissão e a mansidão do filho do patriarca em ser levado para ser sacrificado em obediência ao pedido de Deus.

Isaque tinha 37 anos quando sua mãe morreu em Hebrom. Após a morte de Sara (Gn 23), três anos mais tarde, Abraão dedicou-se a conseguir uma esposa para Isaque, assim como era de costume que os pais arranjassem casamentos para os filhos. Em vez de casar Isaque com uma mulher pagã da região, Abraão enviou o seu servo Eliezer até Naor, na Mesopotâmia, para buscar uma esposa para seu filho entre seus parentes. Acima de tudo, Abraão não queria que Isaque tomasse por esposa *“uma mulher entre as filhas dos cananeus”* (Gn 24.3). O relato da missão de Eliezer demonstra que Deus interveio na escolha de Rebeca, a filha de um dos sobrinhos de Abraão (sendo assim, Rebeca era prima de segundo grau de Isaque). Eliezer pedira como sinal que a jovem escolhida por Deus fosse a primeira mulher a lhe dar água de um poço e a se oferecer para dar de beber também aos camelos. E isso foi exatamente o que Rebeca fez. Eliezer se apresentou e revelou porque estava ali. A família da jovem, reconhecendo a direção de Deus, permitiu que Rebeca partisse com o criado.

O relato do primeiro encontro de Isaque com Rebeca encanta pela singeleza e sensibilidade. Tendo saído uma noite para meditar, quem sabe ansioso pela chegada da noiva, Isaque avistou uma caravana de camelos. Rebeca, vendo se aproximar um homem, perguntou quem era. Ao tomar conhecimento que era Isaque, imediatamente cobriu o rosto com o véu, como se exigia de uma mulher solteira diante do seu prometido. Assim que foram apresentados, “Isaque introduziu Rebeca na tenda de sua mãe Sara; ele a tomou e ela se tornou sua mulher e ele a amou” (Gn 24.67). O casamento ocorreu em Laai-Roi.

Com a idade de 40 anos Isaque se casou, mas esperaria mais 20 anos para ter filhos. Rebeca – assim como aconteceu com Sara – também era estéril. No entanto, ao contrário do pai, Isaque se mostrou paciente, sem protestar ou agir precipitadamente. Confiante em Deus, Isaque orou por sua esposa, e suas orações foram ouvidas, e Isaque foi pai aos 60 anos de filhos gêmeos – Esau e Jacó.

Para proteger a herança, Abraão despediu todos os seus filhos para longe, assim como havia feito com Ismael, fazendo de Isaque o único herdeiro (Gn 25.1-6). Isso evitaria qualquer disputa sobre o direito da primogenitura. A morte de Abraão com a idade avançada de 175 anos reuniu Ismael e Isaque, provavelmente pela última vez.

Naqueles dias houve uma grande fome, e Deus instruiu Isaque a não descer para o Egito (Gn 26.2), e sim permanecer na Palestina, onde desfrutaria de grande prosperidade. Ele então seguiu para uma cidade chamada Gerar, cerca de 92 km ao norte. No entanto, em Gerar Isaque acabou repetindo o mesmo erro do pai, quando mentiu acerca da identidade da sua esposa (Gn 26.6-11). Quando os homens perguntaram sobre Rebeca, Isaque fez sua esposa se passar por sua irmã – imaginando que um irmão não correria o mesmo risco de um marido caso outro homem a desejasse. Um suposto pretendente daria um dote a um irmão na ausência do pai, mas poderia matar um marido para ganhar o “prêmio”. Vale a pena também destacar que naquela época, os chefes das tribos antigas podiam fazer qualquer coisa que quisessem com as mulheres do lugar, incluindo aquelas que passavam pelo seu território. Muitos homens modernos, encontrando-se em tais circunstâncias, também fariam algo similar. Quando o engano foi descoberto, Abimeleque, o rei, repreendeu Isaque e proibiu que qualquer um lhe tocasse. A partir daquele momento, o Senhor abençoou tão abundantemente a Isaque que ele “colheu o cêntuplo” e “enriqueceu-se cada vez mais, até tornar-se extremamente rico” (Gn 26.12-13). Infelizmente, essa prosperidade gerou inveja entre os moradores de Gerar, e o rei Abimeleque pediu a ele para que se mudasse. Primeiro ele foi para Esequ e depois para Sitna, onde Isaque se estabeleceu perto de um antigo poço aberto por Abraão, mas desde então coberto de terra pelos filisteus. Quando os criados de Isaque abriram o poço, os vizinhos pagãos reclamaram o poço pra si. Isso aconteceu por duas vezes, Isaque então levantou acampamento e se mudou. Depois que encontrou e reabriu um terceiro poço, não houve mais objeções. Reconhecendo ser este um sinal de Deus para que se estabelecesse ali, batizou o local de “Reobote” ou “lugar amplo”.

No entanto, passado algum tempo, Isaque retornou a Berseba e teve ali a benção do Senhor e uma renovação da promessa divina (Gn 26.23-24). Assim como o seu pai havia feito, Isaque construiu um altar ao Senhor em Berseba. Mas ali, Isaque também viveu as suas dores.

A primeira grande dor foi o casamento de Esaú com mulheres hititas, que não serviam ao mesmo Deus de seu pai. A segunda grande dor

foi a “contenda” entre Esaú e Jacó acerca de quem receberia a benção da primogenitura. Isaque e Rebeca haviam cometido um erro gravíssimo ao criarem um favoritismo entre seus filhos.

Talvez tenha sido a evidente parcialidade de Rebeca por Jacó que induziu Isaque a preferir Esaú. Mas ao mesmo tempo ele admirava a coragem e esportismo de Esaú – Além de incidentalmente também apreciar a sua culinária. Sem dúvidas, isso criou um sentimento de inferioridade em Jacó, e impeliu-o a compensar essa preferência do pai pelo irmão por meio da astúcia.

Isaque e Rebeca compartilhavam uma profunda espiritualidade (Gn 24.1-3,67), mas acabaram falhando como pais. O favoritismo individual deles promoveu nos filhos a luta pela herança geracional da primogenitura, culminando com a trapaça de Jacó pela qual ele assegurou a benção patriarcal.

Um outro erro deles, talvez também tenha sido o fato de não levarem seus filhos ao conhecimento da palavra que Deus havia falado no nascimento deles. Seria bem mais fácil se tivessem compartilhado com eles, quando ainda eram adolescentes: que, embora Esaú fosse fisicamente o “primogênito”, Deus já tinha determinado de outra maneira. Os filhos iriam absorver essa informação, e ela ficaria gravada em suas consciências, evitando assim efeitos negativos no futuro. No entanto, a palavra que Deus havia falado não foi comunicada e posteriormente gerou todos os lamentáveis eventos que abalaram a família (Gn 27.41).

Ainda mais lamentável, foi que, quando deixaram de compartilhar a palavra do Senhor com os filhos, Isaque e Rebeca esqueceram-se dela também, de maneira que o patriarca, quando chegou o momento de passar a benção de Deus, seguiu a lógica e voltou-se para Esaú, embora o Senhor já houvesse dito que escolhera Jacó; e Rebeca, após aparentemente não confiar no que Deus já havia dito que aconteceria, sentiu que tinha a obrigação de usurpar a benção de Esaú.

Um outro ponto a ser pensado também é até aonde o direito à primogenitura interferiria na descendência que Deus já havia proposto. Esaú – mesmo sendo o primeiro – poderia continuar sendo o primogênito e a descendência patriarcal estabelecida por Deus passar por Jacó. Já havia acontecido isso com Abraão, Isaque não era o primogênito, e nem por isso precisou “roubar” a “benção de Ismael”. Deus já havia estabelecido Isaque como a sequência genealógica, sem precisar existir uma trapaça entre eles como houve entre Jacó e Esaú. Isaque já tinha mais de

100 anos quando esta história entre Esaú e Jacó aconteceu (compare Gn 25.26; 26.34, 27.1).

Vinte e um anos depois, um Jacó rico retornou para seu pai. Isaque ainda estava vivo, mas habitando em Hebron, onde havia sepultado Rebeca. Ali ele morreu, com a idade de 180 anos (dos três patriarcas, foi o que viveu mais tempo), e ali seus filhos – Jacó e Esaú – aparentemente reconciliados, o sepultaram na caverna de Macpela (Gn 35.27-29; 49.30-31) – onde também haviam sido sepultados, Abraão, Sara e Rebeca.

Isaque não foi tão grande quanto Abraão, nem tão vívido quanto Jacó. Contudo ele teve sua grandeza, e preencheu um lugar importante entre o “pai da nação” e o “pai das tribos”.

Isaque era um homem que vivia comunhão com Deus. E embora não houvesse tido as constantes visitas divinas que foram concedidas a seu pai, Isaque teve comunhão com os céus e obedeceu aos mandamentos de Deus. O altar, a tenda e o poço simbolizavam os principais interesses em sua vida.

Dois simples versículos em Gênesis elucidam de um modo fascinante os princípios religiosos de Isaque. Por duas vezes, Jacó se refere a Deus como o “Temor” de Isaque (Gn 31.42,53). Tanto, Abraão quanto Jacó obviamente entenderam que, embora fosse uma divindade temível, Deus era, principalmente um Deus de amor e compaixão, mas é evidente que Isaque via Deus como um Deus a ser temido. Jacó havia entendido que o Deus de seu pai era pra ser tratado com Temor.

O Novo Testamento apresenta Isaque como filho da promessa (Gl 4.22-23), e cita o exemplo de sua habitação em cabanas e o caso sobre Esaú e Jacó como evidência de sua fé (Hb 11.9,20).



Ismael

Nome hebraico, significa “Deus ouviu”.

Ismael foi o filho primogênito de Abraão com Agar, a serva egípcia de sua esposa Sara. Deus havia prometido fazer de Abraão uma grande nação (Gn 12.2), assegurando-lhe que seu filho seria seu herdeiro (Gn 15.4). No Oriente Médio, era muito importante para as mulheres casadas que elas tivessem filhos, no entanto, quando Sara passou dos 75 anos sen-

do ainda estéril, decidiu invocar o costume de que uma esposa sem filhos dava sua serva ao seu marido como concubina e reivindicava a prole de sua união (Gn 16.1-2), e os filhos nascidos da concubina eram criados pela esposa legítima, ficando sob seu controle. A criança era cuidada pela esposa, e não pela escrava. Culturalmente se entendia nessa história, que “Sara havia tido um filho por meio de Agar”. Visto então que Agar era serva de Sara, Ismael era naturalmente considerado filho legal de Sara. Esse costume é visto tanto no código de Hamurabi como nas tábuas de Nuzu. No entanto, de acordo com os códigos de lei da época, a mãe escrava não podia fazer prevalecer os seus direitos sobre a mãe livre. Não se permitiam que as escravas fossem arrogantes ou exigentes. Quando Agar engravidou, começou a olhar com desprezo para sua senhora. Agar mostrou-se orgulhosa e altiva. Ela, e não Sara, é quem pudera dar um filho a Abraão. Devido a isso, com o consentimento de Abraão, Sara passou a maltratá-la, e ela então fugiu. Um anjo encontrou-se com Agar e a enviou de volta a fim de submeter-se à sua senhora, porquanto havia um propósito divino em andamento, que requereria que Agar e Ismael ficassem por mais algum tempo em companhia de Abraão. O anjo do Senhor disse que o menino se chamaria Ismael – “Deus ouviu” – devido ao fato de que Deus ouvira Agar quando ela clamou em grande necessidade. Foi esse o primeiro conflito “árabe-judaico”.

Nesse episódio, vemos alguns aspectos do caráter de Ismael serem revelados antes mesmo do seu nascimento. O anjo do Senhor disse a Agar: “Ele será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos e a mão de todos contra ele, e habitará diante de todos os seus irmãos” (Gn 16.12). O cognome “como um jumento selvagem”, não deve ser considerado um opróbrio, mas sim um elogio. O jumento selvagem era o animal mais importante na lista de caça do rei assírio, e uma iguaria nos cardápios dos banquetes reais. Essa expressão se refere à liberdade beduína dos ismaelitas no deserto do sul (Gn 25.16-18). Na verdade, o próprio Deus estava explicando nessa declaração como seria o futuro dos árabes: povo forte, unidos contra todos e todos contra eles e habitando de forma duradoura e permanente diante dos seus irmãos. Até hoje os árabes habitam no Oriente Médio diante dos judeus, que são descendência de Isaque, que foi irmão de Ismael. E literalmente, “são contra todos, e todos contra eles”.

Quando Ismael nasceu Abraão tinha 86 anos de idade, e tinha vivido em Canaã aproximadamente por 10 anos (compare Gn 16.3,15 com Gn 12.4). Provavelmente, Ismael nasceu em Hebrom, que era a região

em que Abraão vivia nessa época. Ao que parece, Abraão era muito apegado a Ismael, pois quando Deus disse a ele que Sara teria um filho, e este seria o filho prometido, Abraão revelou a Deus o desejo de que Ismael fosse o filho oficial de sua descendência (Gn 17.18). Para Abraão, Ismael era o filho prometido por Deus. Sua precipitação em ouvir Sara e deitar-se com Agar, havia desconfigurado em parte, o conceito dele acerca da promessa que Deus havia lhe feito no início de sua caminhada. Foi preciso Deus mostrar ao patriarca que o projeto inicial dele não havia sido mudado, e era ele – Abraão – que havia criado um problema e teria de conviver com as suas consequências. O plano de Deus ainda era o original. De Ismael procedería uma grande nação, mas era de Isaque, o filho da promessa, que descendería a nação de Israel, que seria o meio da vinda do Messias a este mundo!

Quando Abraão estava com 99 anos de idade, Deus renovou sua aliança com ele e ordenou a circuncisão de sua descendência, como um sinal exterior que os identificava como membros da comunidade da aliança (Gn 17.1-14). Nessa ocasião Ismael também foi circuncidado, juntamente com o próprio Abraão e todos os servos que trabalhavam em sua casa. Ismael tinha nessa ocasião 13 anos. Devido a isso, criou-se a tradição que existe até hoje em muitas famílias árabes de circuncidar os meninos aos 13 anos de idade.

Quatorze anos após o nascimento de Ismael, nasceu Isaque, o filho legítimo de Sara e Abraão. Na cerimônia de desmame de Isaque, Sara teve um ataque de fúria quando viu Ismael “rindo” de seu filho Isaque, e determinou que o filho da escrava não deveria ser herdeiro com o seu filho da promessa. Talvez tudo quanto temos aqui, seja aquele ciúme comum de um irmão mais velho diante de um irmão mais novo que lhe ameaça a posição. Usualmente, com o tempo, tais coisas tendem a serem ajustadas, mas Sara não tinha paciência para tentar conciliação, e exigiu que Abraão expulsasse Agar e Ismael de seu clã. Abraão a princípio hesitou, mas Deus lhe disse para fazer a vontade de Sara, pois Isaque daria continuidade a sua linhagem, enquanto Ismael estava destinado a ser pai de outra nação. O que mais se pode deduzir do texto sagrado é que Sara foi assaltada por um violento ataque de ciúmes. Isso reforçaria a preocupação de Sara de que Ismael pudesse competir com Isaque pelo direito à condição de herdeiro. E, quer creiamos quer não, ela parece que exercia bastante domínio sobre Abraão, que desejando manter bons relacionamentos com ela, dispôs-se a praticar um ato contrário a sua

natureza – expulsar de casa uma mulher e seu filho em pleno deserto e sem terem para onde ir.

O trecho de Gênesis 21.14 em diante, registra uma história comovente. Abraão, triste no coração, levantou-se cedo pela manhã e preparou pão e água para Agar, para que ela seguisse em sua jornada em direção ao deserto. Então, ela pôs as provisões sobre o ombro e partiu, levando consigo Ismael. Quando o alimento e a água acabaram, no pior calor do dia, ela pôs Ismael debaixo de uma árvore, para deixá-lo morrer sozinho. E se assentou longe dele para não testemunhar aquele momento. Então Ismael chorou, e Deus fez uma segunda intervenção a favor dele. O anjo do Senhor apareceu novamente, e foi lembrada a promessa de que uma grande nação procederia dele. Milagrosamente, Deus mostrou a eles um poço de água perto dali e eles foram salvos daquela situação. Isso nos ensina que é Deus quem controla o nosso futuro, e não as circunstâncias da vida humana. É importante observarmos que apesar de Ismael não ter sido um filho prometido, ainda assim, um destino que era importante aos olhos de Deus havia sido designado para ele.

A Bíblia diz que embora Isaque fosse seu único herdeiro, Abraão não desamparou os filhos de suas concubinas – Agar e Quetura – enquanto estava vivo (Gn 25.6). Isso nos leva a pensar que Ismael também recebeu alguns dos bens materiais de Abraão no decorrer de sua vida. Por fim, os filhos de Quetura foram mandados para o Oriente, e Ismael foi para o sudeste.

Agar tomou para Ismael uma esposa egípcia e ele se tornou o pai de doze filhos e uma filha. Esta filha de Ismael chamou-se Maalate (Gn 28.9), ou Basemate (Gn 36.3), e se casou com Esaú (Gn 25.13 em diante). Os nomes dos filhos de Ismael eram: Nebaiote, Quedar, Abdeel, Mibsão, Misma, Dumá, Massá, Hadade, Tema, Jetur, Nafis e Quedemá (Gn 25.13-15). Assim como Jacó teve doze filhos e formou os israelitas; Ismael também teve doze filhos que se tornaram cabeças de tribo e formaram os ismaelitas. A mesma coisa também é dito acerca de Naor (Gn 21.21-24). No entanto, alguns estudiosos consideram este lista genealógica de Ismael como uma lista étnica, e não pessoal.

Os ismaelitas habitaram desde o território do Egito até o rio Eufrates. Seus descendentes habitavam em doze colônias, em acampamentos móveis no deserto do norte da Arábia. Os nabateus – descendentes de Nebaiote, um dos filhos de Ismael – nos tempos greco-romanos estabeleceram-se permanentemente em Petra (Jordânia) e em Palmira (Síria), e desenvolveram uma civilização próspera. Os ismaelitas viviam como

comerciantes de caravanas itinerantes, moradores de tenda, e andavam em camelos (1Cr 27.30). Eram caracterizados pelo seu espírito de independência e de aventura. Eles transportavam incensos aromáticos de Gileade para os mercados egípcios. Uma dessas caravanas comprou José e o vendeu como escravo no Egito (Gn 37.25).

Quando Abraão morreu, seus dois filhos – Isaque e Ismael – o sepultaram (Gn 25.9). Provavelmente, esta foi a última ocasião em que os dois irmãos se viram. Entretanto, há um detalhe para observarmos aqui. No Oriente, os funerais ocorriam pouco depois da ocorrência da morte do indivíduo. O forte calor e as escassas opções de conservação do corpo impediam que fosse prolongado o enterro. Podemos então concluir, que mesmo vivendo uma vida nômade, Ismael ainda vivia em algum lugar próximo ao seu pai.

Ismael morreu com 137 anos de idade (Gn 25.17). O local do seu sepultamento é desconhecido, mas os muçulmanos insistem em afirmar que ele e sua mãe – Agar – foram sepultados na Caaba, em Meca, na Arábia Saudita. Os árabes veneram Ismael como o seu ancestral.



Issacar

Nome hebraico, que significa “Há uma recompensa”.

Issacar foi o nono filho de Jacó, e o quinto com Lia (Gn 30.17,18; 35.23). Após o nascimento de Judá (quarto filho de Lia), Lia não gerou nenhum outro filho por vários anos e pensou ter ficado estéril. Seu primogênito, Rúben, encontrou algumas raízes de mandrágoras no campo durante a colheita e as levou a ela. Acreditava-se que a mandrágora era um remédio que curava a esterilidade. No entanto, Raquel, irmã mais nova de Lia, que era estéril, pediu-lhe algumas mandrágoras, e elas brigaram. Por fim, Raquel concordou em pedir a Jacó que se deitasse com Lia naquela noite em troca de algumas mandrágoras. Naquela noite, Lia engravidou de Issacar. Logo depois do seu nascimento por volta de 1750 a.C., Lia também engravidou de seu sexto filho, Zebulom, e de uma filha, Diná. E Raquel engravidou de José.

A origem do nome de Issacar se dá devido ao fato de que como Lia pensava que estava estéril, ela havia liberado sua serva Zilpa como con-

cubina para dar filhos a Jacó. Assim, quando Issacar nasceu, ela disse: “Deus me deu meu salário (minha recompensa), por ter dado minha serva a meu marido” (Gn 30.18). Estranhamente, parece que Lia pensava que a atitude dela em ceder sua serva para gerar filhos a Jacó havia feito Deus se mostrar favorável de alguma maneira a ela. Outros estudiosos derivam seu nome de *ish*, que significa “homem”, e *sakar*, que significa “salário”, ou seja, “trabalhador contratado”, mas parece que o primeiro significado é o mais correto.

Posteriormente Issacar foi um dos dez filhos enviados por Jacó para comprar alimento no Egito, onde José havia se tornado figura proeminente na corte de Faraó.

Issacar teve ao todo quatro filhos – Tola, Puva, Jó (este não é o conhecido “Jó” da Bíblia) e Sinrom (Gn 46.13), e mudaram-se juntos com Issacar para o Egito, quando o patriarca Jacó mudou-se com toda sua família a convite de José.

Antes de morrer, Jacó chamou seus filhos à sua presença para pronunciar uma bênção e uma declaração profética sobre cada um deles. Jacó disse: “Issacar é um jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos” (Gn 49.14). A imagem sugerida nessas palavras é a de um jumento carregado por dois fardos, que se recusa a remover seu fardo, ou seja, um homem preguiçoso que não estaria disposto a fazer sua parte no trabalho. Não sabemos, no entanto, se essa era uma visão que Jacó já conhecia da vida de Issacar naquela época, ou se foi uma visão futurística de como se comportaria sua tribo em relação às outras tribos vizinhas. Moisés, no entanto, (ao contrário de Jacó) predisse uma vida alegre e tranquila para Issacar (Dt 33.18). Aparentemente, Issacar morreu no Egito e ali foi enterrado.

Os descendentes de Issacar desenvolveram-se inicialmente em famílias tribais, crescendo de 54.400 na primeira contagem (Nm 1.29), para 64.300 no segundo censo (Nm 26.25) e para 87.000 durante o reinado de Davi (1Cr 7.1-5).

Os descendentes dessa tribo eram “destros na ciência dos tempos, para saber o que Israel devia fazer” e, por isso, mudaram sua aliança política de Saul para Davi no tempo oportuno (1Cr 12.32,38). São também da tribo de Issacar o juiz Tola (Jz 10.10) e os reis de Israel, Baasa e Elá (1Rs 15.27). Débora e Baraque também eram da tribo de Issacar (Jz 5.15).

Na divisão da terra de Canaã, o quarto lote foi conferido à tribo de Issacar depois que a arca foi levada para Siló. Isso incluía as cidades de Jezreel, Súnem e Em-Ganim, que ficavam entre as montanhas de Gilboa

e Tabor. Seu lote fazia fronteira ao sul e a oeste com a tribo de Manassés, ao norte com Zebulom e Naftali e a leste com o rio Jordão. Este território possuía uma planície fértil e rios como o de Quisom, e tinha algumas vantagens e desvantagens. Sua localização, por exemplo, era desvantajosa porque os cananeus por muito tempo dominaram aquela área (Jz 1.27 em diante), e invasores estrangeiros frequentemente vinham para saquear a plantação (Jz 6.3-6,33). Além disso, carros de guerra de inimigos, por algumas vezes, envolveram-se em batalhas nesse território, cumprindo-se assim a profecia de Jacó expressa em Gênesis 49.15. No lado positivo, o “caminho do mar” passava por meio da terra de Issacar e tornou-se uma fonte de renda lucrativa para seus ocupantes (Dt 33.19). Lá na frente, quando Salomão reorganizou Israel em distritos administrativos (em vez de doze tribos), o território de Issacar tornou-se uma província independente (1Cr 4.17).



Jabez

Nome hebraico, significa “dor”.

Jabez foi um descendente da tribo de Judá que, no entanto, não foi relacionado com nenhuma família ou época. Pouco se sabe sobre ele e sua única referência bíblica encontra-se em 1 Crônicas 4.9-10. Seu nome significa dor, como uma lembrança de uma declaração de sua mãe que disse que *“com dores o dei à luz”*.

Jabez foi o “mais ilustre do que seus irmãos”. A Septuaginta diz que ele foi “mais glorioso”, a versão siríaca diz “mais querido”, o Talmude diz que ele foi “mais sábio” e a versão caldaica diz “mais honroso e habilidoso”.

Suas marcas principais foram a resiliência, a sabedoria e a oração. Ele orou pedindo a Deus uma benção e o Senhor a concedeu. Interessantemente, o pedido de sua oração foi espiritual, e não apenas material, e Deus lhe concedeu prosperidade espiritual e física.



Jacó

Nome hebraico, significa “Aquele que agarra o calcanhar”.

Jacó foi o filho gêmeo mais novo de Isaque e Rebeca. O nascimento de Esaú e Jacó está registrado em Gênesis 25.21-28. Isaque casou-se com Rebeca quando tinha quarenta anos de idade (Gn 24), e Rebeca, assim como Sara, era estéril. As orações de Isaque por sua esposa foram ouvidas e atendidas, e ela ficou grávida de gêmeos. Embora a idade de Rebeca não seja mencionada, eles estavam casados havia 20 anos quando os gêmeos nasceram (Gn 25.26). Ao que parece, Rebeca teve uma gravidez muito difícil, pois os meninos lutavam dentro do seu ventre. Quando Rebeca perguntou ao Senhor sobre isso, ele lhe disse que ela estava carregando em seu ventre duas nações, e que o filho mais velho serviria ao filho mais moço (Gn 25.23).

Esaú, o primeiro a nascer, foi assim chamado porque era peludo. O segundo saiu do útero agarrado no calcanhar do seu irmão, e devido a isso foi chamado de Jacó “aquele que agarra (o calcanhar)”. O nome Jacó em hebraico é *Ya’acov*, e é derivado de *ekev*, que significa “calca-

nhar”. Por muito tempo tenta se lançar a ideia de “enganador” para Jacó devido a esse ocorrido, supondo-se que Jacó nasceu agarrado ao calcanhar de Esaú porque tinha a intenção de nascer primeiro. Lamentável algumas pessoas pensarem assim, pois uma criança recém-nascida não possuía esse pensamento.

Esaú tornou-se um hábil caçador, um homem do campo, a quem Isaque tinha uma inclinação maior. Em contraste a isso, Jacó era mais calado, introspectivo, acomodado, vivendo em tendas e mais amado por Rebeca, sua mãe.

Deus prometeu a Abraão que através de sua descendência, Isaque, faria dele uma grande nação. Esta promessa foi renovada em Isaque. A questão era, através de qual filho, Jacó ou Esaú? Gênesis 25.23 declara que pela escolha divina, Jacó seria o herdeiro da promessa, mas dois eventos interessantes ocorreram para implementar o propósito divino dessa história.

O primeiro é a compra do direito de primogenitura de Esaú (Gn 25.29-34). Quando Esaú, o caçador, veio do campo de mãos vazias e faminto, desejou um pouco do guisado vermelho que Jacó havia preparado (Gn 25.30). Esaú era um indivíduo rude e despreocupado, que não levava nada muito a sério e que dava um valor exagerado aos prazeres passageiros. Jacó percebeu então que essa era a sua chance e argumentou que só cederia aquele guisado se em troca dele recebesse o direito à primogenitura. Em sua condição faminta, Esaú aceitou essa proposta e fez em um juramento, considerado irrevogável (Gn 25.33). Então, através de sua sagacidade Jacó “comprou” o direito à primogenitura, que a sua ordem de nascimento não lhe garantia.

As tábuas de Nuzu descobertas a sudeste de Nínive em 1926, revelam que na cultura mesopotâmica, prevalecente no mundo antigo desde o segundo milênio a.C., o direito de primogenitura podia ser comprado e vendido, assim como ocorreu entre Esaú e Jacó. A importância desse episódio do guisado é demonstrada por sua associação com o segundo nome de Esaú, “Edom”, que significa “vermelho” (cor do guisado). Ou seja, “aquilo pela qual você se vende, é o que você se torna”.

O segundo evento é o roubo da benção da aliança (Gn 27.1-46). O já idoso Isaque, temendo a morte iminente (137 anos de idade na época – porém 43 anos antes de sua morte), instruiu Esaú para que preparasse para ele o seu prato favorito, para que pudesse transmitir ao seu primogênito a benção patriarcal contida em sua alma (Gn 27.4). Rebeca ouviu isso, chamou Jacó e lhe disse que fosse até o rebanho e selecionasse dois

cabritos. Ela prepararia um prato que se passaria pela caça, enquanto Esaú estivesse fora caçando. À medida que o inocente Esaú estava cumprindo a sua tarefa, Jacó cooperou com o plano de Rebeca para tomar a bênção para si mesmo. Com audácia e mentiras grosseiras – a ponto de dizer “Porque o Senhor, teu Deus, mandou a caça ao meu encontro” – Jacó executou a fraude conforme havia sido orientado por sua mãe (Gn 27.19-24). Para que Isaque não desconfiasse dele, Jacó vestiu-se com as melhores roupas de Esaú, que tinham o cheiro do campo nelas, e colocou as peles dos dois cabritos sobre as suas mãos e pescoço para dar a impressão de que era peludo (Gn 27.16). Mesmo depois de comer e beber, Isaque continuou a ter dúvidas, mas quando pediu ao filho um beijo antes da bênção, foi convencido pelo cheiro das roupas de Esaú, impregnadas da fragrância natural do campo. Embora Isaque reconhecesse a voz de Jacó, seus outros sentidos o traíram. Além de Isaque perceber o cheiro e a “textura” de Esaú, Jacó contava também com o segredo do prato de caça para a transferência da bênção – algo que Isaque pensava que somente Esaú sabia. Então Isaque colocou a mão sobre Jacó e transferiu para ele a bênção da aliança em lugar do seu irmão (Gn 27.27-29).

Assim que Esaú retornou, Isaque tomou conhecimento do engano, mas a bênção não podia ser mais alterada, nem retirada (Gn 27.37-38). Então, nada mais restava do que uma triste sorte para Esaú (Gn 27.39-40).

Esaú decidiu que iria matar Jacó, e para poupá-lo, Rebeca o enviou para a terra de sua família – Padã-Arã – onde vivia seu irmão Labão. Rebeca havia revelado através de sua atitude precipitada que ela pensava que era sua a obrigação de providenciar o cumprimento da promessa de Deus feita na gestação dos gêmeos sobre “o maior que serviria ao menor”. Isaque aparentemente esquecer-se também totalmente disso. No entanto, como toda atitude gera sua consequência, não foi diferente também para Rebeca. Sua amarga consequência foi a inimizade entre os dois irmãos (Gn 27.41), e a separação entre ela – Rebeca – e seu querido filho Jacó (Gn 25.28), o qual de fato nunca mais se viram. Para Jacó, a consequência seria a troca da segurança do lar por um futuro incerto e desconhecido (Gn 28.1,2,10). Uma atitude errada sempre trará as suas consequências!

Em sua viagem, Jacó passou sua primeira noite em lugar chamado Luz. Em uma visão noturna, Deus se revelou a este patriarca peregrino como o Deus de seu pai. Ali o Senhor renovou a bênção da aliança (Gn 12.7; 13.14-17; 28.11-15), prometeu-lhe a terra, deu-lhe uma missão universal e assegurou-lhe que teria a orientação divina e uma vida próspera. Jacó respondeu com um voto pessoal e chamou o local de Betel.

Alguns dias depois, Jacó chegou a Padã-Arã, na Mesopotâmia, e ali a misericórdia do Senhor veio sobre ele novamente. Ele conheceu Raquel, em um poço, e este encontrou-se tornou um caso de amor à primeira vista. Ela por sua vez, levou-o até a casa de seu pai, Labão – que era tio de Jacó (Gn 29.10-20). O amor de Jacó por Raquel o fez trabalhar sete anos como o pagamento de um dote pela liberação para casar-se com Raquel. No entanto, na manhã seguinte a cerimônia do casamento, Jacó descobriu que em vez de ter recebido Raquel, que tinha uma voz suave, havia recebido Lia, que tinha uma enfermidade nos olhos. Naquela época, as noivas ficavam totalmente cobertas com um véu, por isso, assim que a festa do casamento se acabou, eles foram para a sua tenda. Estava tudo escuro e como Jacó havia se embriagado e a noiva tinha que continuar com o véu até a consumação do casamento, Jacó não percebeu que a noiva que lhe fora oferecida, havia sido propositalmente a filha errada. Interessantemente, aquele que alcançou a condição de primogênito por meio do engano, foi enganado da mesma forma na noite do seu casamento. Pela primeira vez, era Jacó quem estava sendo enganado, em vez de enganar. A semente do engano havia produzido o seu fruto – “Deus não se deixa escarnecer, tudo que o homem semear, isto ceifará” (Gl 6.7).

Labão se justificou dizendo que a cultura daquela região ensinava que a filha mais nova não podia se casar primeiro que a filha mais velha. Labão então propôs a Jacó que cumprisse os sete dias de núpcias com Lia, e após esses sete dias com Lia, receberia Raquel como esposa, e em troca disso, trabalharia outros sete anos por Raquel. Infelizmente, essa era a única alternativa que havia restado para o velho patriarca. Em contrapartida, Jacó estava revelando o tamanho do seu amor por Raquel e o quanto ela valia para ele: quatorze anos de trabalho ininterruptos.

Através desses anos de trabalho Jacó trouxe grande prosperidade para seu sogro (Gn 30.30). No entanto, assim como cresceu a prosperidade de Labão, cresceu também a família de Jacó. Doze filhos nasceram a Jacó na Mesopotâmia. Lia havia gerado Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom e a única filha de Jacó, Diná (Gn 29.31-35; 30.17-21). Da criada de Lia, Zilpa, nasceram Gade e Aser (Gn 30.9-13). Da criada de Raquel, Bila, nasceram Dã e Naftali (Gn 29.31; 30.1-8). Até que por fim, Deus abriu a madre de Raquel e ela teve José, e mais tarde em Canaã, nasceu Benjamim (Gn 30.22-24; 35.16-18).

Depois de 14 anos em Padã-Arã, Jacó decidiu voltar para Canaã. Labão, percebendo que sua prosperidade havia sido alcançada por causa de Jacó, o exortou a ficar (Gn 30.27), e Jacó concordou com a condição

que pudesse trabalhar sete anos a fim de construir um patrimônio pessoal para cuidar de sua família. Eles discutiram salários e Jacó propôs que todas as ovelhas e cabras salpicadas e manchadas e todos os cordeiros pretos seriam seus. Labão concordou, mas rapidamente separou todos os animais com essas características e os colocou sob o cuidado de seus filhos, a três dias de viagem do restante do rebanho (Gn 30.35-36).

Por outro lado, Jacó também tramou obter uma vantagem, influenciando a genética dos animais colocando galhos descascados junto aos bebedouros de água enquanto os animais mais fortes e melhores se acasalavam. Tanto Labão tentava levar vantagem sobre Jacó, como Jacó tentava levar vantagem sobre Labão. Na verdade, os dois se mereciam. O Senhor, no entanto, abençoou Jacó, e ele ficou rico de rebanhos e de manadas (Gn 30.37-43).

Os filhos de Labão ficaram amargurados com Jacó, e a atitude de Labão para com ele também mudou. Jacó notou isso, e então o Senhor falou com ele, dizendo-lhe para retornar para Canaã (Gn 31.3-16). Jacó fez uma reunião em família com suas duas esposas e lhes disse como o Senhor o abençoara, embora o pai delas lhe tivesse enganado e mudado seu salário dez vezes (sempre para pior, naturalmente). Não se sabe ao certo como foi essa “mudança de dez vezes” no salário de Jacó. Muitos eruditos supõem que apesar da barganha que fora feita, Labão conseguira enganar Jacó, não lhe dando todos os animais das cores que tinham sido combinadas. Alguns até dizem que devemos entender aqui “dez números”, e não “dez vezes”, o que envolvia (de alguma maneira desconhecida), o número de animais que lhe haviam sido entregues. Sustenta essa ideia o fato de a Septuaginta dizer “dez cordeiros” em vez de “dez vezes”. Agostinho interpretou isso como o salário de cinco anos, como se Labão lhe tivesse negado os animais combinados por cinco anos, devido ao fato de que as ovelhas produziam ninhadas duas vezes por ano, ou seja, dez ninhadas em cinco anos. Há ainda os que pensam que Labão não fizera nenhuma modificação no trato durante o primeiro ano. Mas depois, vendo que as coisas lhe eram desfavoráveis, nos próximos anos não observou o acordo, resultando disso a mudança nas dez vezes em que cordeiros deveriam nascer. Em fim, não se pode precisar como foi essas dez mudanças no salário, o fato é que Jacó prosperou tão notavelmente em Padã-Arã que independente das tentativas de Labão, ele continuava saindo perdendo diante de Jacó.

Jacó então organizou a sua caravana de volta para Canaã em segredo. Raquel estranhamente roubou os ídolos (imagens de escultura)

da casa de seu pai, e os levou consigo na viagem. É no mínimo intrigante, a atitude de Raquel de possuir comportamentos idólatras na viagem. No entanto, vale a pena lembrarmos que estamos tratando aqui com antigas formas religiosas que dificilmente podem satisfazer os padrões cristãos modernos. Antigos intérpretes judeus sugerem que Raquel furtou as imagens porque ela pode ter crido que a adivinhação (mediante consulta a esses ídolos) poderia ajudar Labão a segui-los na viagem. Outra opção considerável para a interpretação do furto dessas imagens está na tradição pagã que associa esses ídolos do lar aos direitos de herança através de adivinhações. Os pagãos mesopotâmios acreditavam que os ídolos podiam sugerir quem iria receber a herança de uma família. Essa podia ser então, uma forma estranha de Raquel tentar “garantir” a herança de sua família futuramente estando em posse daquelas imagens.

Enquanto Labão estava pastoreando o seu rebanho, Jacó com suas esposas, filhos, servos e rebanhos partiram rumo à terra de Canaã (Gn 31.17-20). Eles cruzaram uma parte do rio Eufrates e seguiram em direção a Gileade. Depois de três dias, Labão, ouvindo sobre a fuga, os perseguiu durante sete dias, encontrando-os na montanha de Gileade. Nesses dez dias de caminhada, Jacó já havia caminhado aproximadamente 410 quilômetros (distância de Gileade até Padã-Arã). Isso significava que Jacó já havia conseguido cobrir quase dois terços da viagem em dez dias. Caminhar cerca de cinquenta quilômetros por dia, significava que ele havia estabelecido uma “marcha forçada”, por temer a aproximação de Labão. Estava a talvez duzentos e cinquenta quilômetros de casa ainda quando Labão o alcançou, pois a distância entre Padã-Arã e a casa de seu pai era de aproximadamente 750 quilômetros.

Irado, Labão, levantou três acusações contra Jacó (Gn 31.26-30): que ele fugiu em segredo, que sequestrou suas filhas e que roubara seus ídolos do lar. Jacó não sabia o que Raquel havia feito, de modo que disse que quem fosse encontrado com os ídolos deveria ser morto (Gn 31.32). Raquel os havia escondido na sela de um camelo e estava sentada sobre ela quando seu pai procurou pelos ídolos da tenda. Labão não encontrou os ídolos. Raquel permaneceu sentada em cima da sela, e quando a pediram para se mexer, ela disse que não podia porque estava em seu período menstrual (Gn 31.35). Depois disso, Jacó ficou irado e reclamou que havia servido Labão com 21 anos de serviço árduo, e Labão havia o prejudicado reajustando seu salário por dez vezes. Depois de alguns discursos argumentativos, nos quais, cada um tentava sobrepujar o outro exagerando nos erros cometidos pela outra parte, Labão sugeriu uma trégua, que foi

marcado pelo estabelecimento de uma coluna e um monte de pedras, e isso culminou em um banquete de aliança que durou toda a noite (Gn 31.31-54). Chamaram aquele lugar de Mispá, e uma bênção foi liberada: “Que o Senhor nos vigie, a mim e a você, quando estivermos separados um do outro”. Esta foi, de fato, uma advertência. Na realidade, significava: “Não posso ficar de olho em você, mas Deus sabe o que você está fazendo”. Na manhã seguinte, Labão retornou para Padã-Arã e Jacó viajou em direção ao sul com os ídolos roubados que continuaram escondidos.

Quando Jacó e sua família seguiram viagem, anjos de Deus vieram ao seu encontro (“exército de Deus” – Gn 32.1-2), assegurando-lhe que mais uma vez a proteção de Deus estaria sobre ele, e ele chamou aquele lugar de Maanaim, que significa “os dois campos”. Passando pelo ribeiro do Jaboque para proteger sua família de Esaú, Jacó encontrou-se com um “varão” – que era uma manifestação do próprio Deus – “Jacó, porém ficou só, e esse varão lutou com ele até o romper do dia” (Gn 32.24). Embora estivesse com seu quadril ferido, Jacó foi vitorioso sobre o varão com quem lutou. Curiosamente, Jacó de fato tinha “prevalecido contra Deus”, pois essa é a maneira de Deus manifestar em nós a sua misericórdia: ele não pode ser derrotado pela nossa força, mas se permite ser “vencido” pelo nosso clamor (“não te deixarei ir, se não me abençoares” – Gn 32.26). Com isso, Jacó se tornou um exemplo típico da graça redentora de Deus, pois apesar dele ser oportunista, e às vezes egoísta e trapaceiro em seus negócios, a graça venceu e por isso Jacó tornou-se Israel, “aquele que luta com Deus”. Jacó chamou aquele lugar de Peniel (“face de Deus”), porque ele havia visto a “face de Deus” e sobrevivido. Tradicionalmente, dizemos que Jacó havia prevalecido contra Deus, mas na verdade, foi a graça que havia prevalecido sobre Jacó.

O próximo desafio de Jacó era enfrentar o seu temido irmão Esaú. Esse encontro está registrado em Gênesis 33.1-16. Mais de duas décadas haviam se passado desde que Jacó havia enganado o seu velho pai e roubado a bênção de Esaú. Temeroso de que o ódio de Esaú ainda existisse, Jacó enviou mensageiros para espionar os planos de Esaú, e estes relataram que Esaú estava marchando com 400 homens armados. Jacó então orou ao Senhor (Gn 32.9-12), e não ganhou apenas a ajuda de Deus, mas também o coração de Esaú, apesar dos 400 homens armados. Em uma cena de grande ternura, Jacó encontrou-se com Esaú, e a discórdia foi resolvida entre os dois irmãos.

Depois deste encontro, Esaú seguiu para Seir e lá formou uma nação (Gn 33.16 – cumprindo a promessa de Gn 25.23; 27.39-40; 36.1-43).

Jacó, entretanto, permaneceu a leste do rio Jordão e acampou próximo a Sucote, indo depois para Siquém, onde comprou terras e reconstruiu um altar (Gn 33.17-20). Deus direcionou Jacó a ir para Luz (Betel) e ali novamente o Senhor o encontrou e reconfirmou seu novo nome, renovando sua promessa da terra e dos descendentes (Gn 35.9-15). Jacó e sua caravana seguiram em direção ao sul, e infelizmente durante esta jornada, enquanto dava à luz a Benjamim, Raquel morreu (Gn 35.16-20). Na sequência, morreu também Isaque – com a idade de 180 anos – e Esaú e Jacó o sepultaram na caverna de Macpela, que era o sepulcro da família (Gn 35.27-29; 49.30-31).

Os anos posteriores da vida de Jacó foram anos de conflitos dentro de sua família. Parece que da mesma forma que ele havia levado conflitos a família de seu pai, também havia recebido conflitos em sua família por causa dos seus filhos. Primeiro, houve sérios conflitos entre seus filhos tempestuosos, Simeão e Levi, com os filhos de Hamor, em Siquém, devido ao problema de Diná (Gn 34.1-31); depois, Rúben deitou-se com Bila, concubina do seu pai (Gn 35.22) e ainda teve o caso de José, o filho predileto de Jacó, que foi afastado cruelmente dele, fazendo com que o velho Jacó, já de cabelos grisalhos fosse tomado de sofrimento (Gn 37).

Depois de toda esta sequência de dores, a notícia de que José não estava morto foi uma surpresa e consolo para Jacó. José fez os preparativos para que Jacó e toda família fossem morar perto dele na terra de Gósen, no Egito, onde permaneceu até sua morte – 17 anos depois. Provavelmente, no ano em que chegou ao Egito – com 130 anos de idade – Jacó teve uma audiência com o Faraó e o abençoou (Gn 47.7-10).

Antes de morrer com a idade avançada de 147 anos (Gn 47.28), Jacó concedeu a benção patriarcal aos filhos de José: Efraim e Manassés (Gn 48.8-20), e subsequentemente a seus próprios filhos (Gn 49.1-33). Após sua morte, os egípcios lhes prestaram uma grande homenagem. Seus filhos, liderados por José (o governador do Egito – que hoje seria semelhante a um primeiro-ministro), levaram seu corpo de volta a Canaã, e o sepultaram em Macpela, junto com Abraão e Isaque (Gn 49.29-50; 25.9-10; 35.28-29), realizando um desejo comum dos antigos, de serem enterrados junto dos seus antepassados. A comitiva pranteou por sete dias na eira de Atade. Após isso, o grupo todo retornou ao Egito, e José assegurou a seus irmãos que não tinha nenhuma intenção de vingar o mal que lhe haviam feito. Deus tornara todo o episódio em bem (Gn 50.15.21).

Jacó, além de ser um grande personagem histórico, foi também um importante símbolo da disposição de Deus em usar pessoas – apesar de

suas falhas humanas – para realizar sua obra. Israel, o nome que Deus concedeu a Jacó, tornou-se o nome da nação da qual Abraão, Isaque e Jacó foram os patriarcas. Em 1948, foi enfatizada a importância desse simbolismo, quando a nação judaica recém-formada na Palestina escolheu como seu nome o novo nome de seu antigo patriarca, Jacó (Israel).



Jairo

Nome grego, significa “Ele levanta”.

Jairo é chamado pela Bíblia de “*um dos principais da sinagoga*” (Mc 5.21). Era o chefe de uma sinagoga e o ancião encarregado das reuniões públicas e da manutenção do local das reuniões. Era ele quem presidia os outros anciãos da sinagoga, e costumava ser um homem rico e de excelente reputação. Não se menciona o local da ressurreição da filha de Jairo, mas provavelmente Jairo morava em Cafarnaum.

Jairo é citado na Bíblia, devido ao fato de que em um momento de imensa angústia e preocupação de sua vida, ele procurou Jesus. Sua única filha estava doente, e quase à morte. Os recursos materiais e religiosos não haviam resolvido o problema de Jairo, foi quando ele em uma atitude de coragem procurou o Mestre. Não foi fácil para Jairo pedir publicamente que Jesus o ajudasse. Os líderes religiosos não gostavam de Jesus, e principalmente os das sinagogas o odiavam. Certamente esses mesmo não aprovavam a atitude de Jairo. Os ensinamentos e os milagres que Jesus havia feito nas sinagogas haviam provocado à ira dos escribas e dos fariseus, alguns dos quais certamente eram amigos de Jairo.

No entanto, Jairo não somente foi até Jesus, mas se humilhou, prostrando-se aos seus pés. Uma pessoa só se prostrava aos pés diante de alguém de muito maior *status* (como por exemplo, um rei). Um homem tão ilustre quanto Jairo se humilhar desta forma perante Jesus, indicava que ele, solenemente, reconhecia o poder do Mestre. Entretanto, Jairo se tornou um modelo de identificação de socorro, pois assim como ele, há muitos em nossos dias que desfrutam de altas posições na sociedade, mas que sentem profundamente a sua insuficiência em si mesmo e anseiam por conhecer a Cristo de uma maneira mais pessoal.

Outro detalhe interessante sobre Jairo, é que ele não permitiu que as opiniões – nem o julgamento futuro – das pessoas o impedissem de salvar uma das coisas que ele mais amava: sua única filha. O comportamento de Jairo é diferente de qualquer outro personagem dos evangelhos. O centurião de Cafarnaum disse que “não era digno” de ter Jesus em casa; Zaqueu só teve Jesus em sua casa porque Jesus foi quem teve a iniciativa; a mulher do fluxo de sangue, caso Jesus não perguntasse quem havia tocado nele, nem identificada seria; os leprosos nem para agradecer voltaram. Mas Jairo teve um comportamento diferente: decidiu levar Jesus para sua casa, reconhecendo a grandeza do ministério de Jesus e a necessidade de inseri-lo em sua vida.

No entanto, no meio do caminho para a casa de Jairo, apareceu uma mulher que a Bíblia apenas a chama de “*a mulher do fluxo de sangue*” (Mc 5.25). Esta estava a doze anos sofrendo de uma intensa hemorragia. Era como se seu período menstrual durasse todo o mês. Isso a tornava continuamente impura de acordo com a lei, e mesmo após o fluxo cessar, ela ainda era considerada impura por sete dias (Lv 15.25-28). Após a cura desta mulher, Jesus continuou indo em direção à casa de Jairo, mas chegaram alguns funcionários de Jairo dizendo: “Sua filha acaba de morrer, não incomodes mais o mestre”. Há uma curiosidade na semelhança de datas nessas duas histórias: o mesmo tempo de vida que a filha de Jairo tinha, era o tempo de dor e sofrimento que esta mulher havia vivido sobre as garras dessa enfermidade. Quando uma fase de alegria iniciou-se na vida de Jairo, com o nascimento de sua filha, iniciou-se também uma fase de sofrimento na vida da mulher do fluxo de sangue, com o surgimento dessa doença. Quando Jesus terminou os doze anos de adversidades dessa mulher com a sua cura, iniciou-se a agonia de Jairo com a morte da sua filha. Isso lembra-nos que a nossa vida terrena é marcada por intempéries. Neste mundo dificilmente teremos uma fase sem nenhuma adversidade, quando se finda um desafio, sempre existirá outro a ser vencido.

A filha de Jairo era menor de idade até aquele ano. Naquela cultura, com doze anos de idade uma menina já era considerada maior de idade e na maioria dos casos era nessa idade que uma moça se casaria (as mulheres não poderiam continuar sua educação ou ter um emprego fora de casa, como o fazem hoje). As jovencinhas esperavam ansiosamente por seu dia de casamento como o evento mais feliz de suas vidas, e morrer solteira, especialmente quando já tão próximo de casar-se, era para ser lamentado como uma tragédia imensa.

Assim que Jairo foi informado da morte de sua filha, Jesus lhe disse: “Não temas, crê somente”. Jesus estava dizendo a Jairo que não poderia existir dois sentimentos no coração dele, ou ele aceitava a fé e cria, ou aceitava o medo e temia. Esses dois sentimentos sempre nos rondarão em nossa vida, e eles podem ser determinantes acerca de como será o final da história. A orientação de Jesus, entretanto, sempre será: “Não temas, crê somente”!

Quando Jesus chegou à casa de Jairo, todos estavam em pranto, inclusive as carpideiras. As carpideiras eram mulheres, que geralmente eram pagas para chorar em um velório, eram “pranteadoras profissionais”. Devido ao fato de os corpos entrarem em decomposição muito rápido na Palestina (devido à temperatura do lugar e as condições da época), as carpideiras eram reunidas o mais rápido possível, e já estavam juntas antes mesmo de Jairo saber da morte da filha. Quando morria alguém elas eram contratadas para prantearem, jogavam cinzas sobre a cabeça e lamentavam com um choro uivante e agudo que podia ser ouvido à distância. Isso continuava até o corpo ser sepultado. Depois do sepultamento a família as pagava pelo seu “serviço”. Era uma forma de mostrar o quanto a pessoa que havia morrido era querida. Essa era também uma das poucas formas pela qual as mulheres viúvas e solteiras ganhavam dinheiro. Através de um choro artificial que transmitia falsidade e desamor.

Ao chegar à casa de Jairo, Jesus disse que a menina não estava morta, mas “dormia”. Essa expressão não é literal, mas sim figurada. Para Jesus, a morte foi e sempre será apenas um sono. Essa figura literária é frequentemente usada para definir a morte no Novo Testamento (Jo 11.11-14; At 7.59-60; 1Co 15.51; 1Ts 4.13-18). O que a Bíblia ensina com isso é que para Jesus, o ato de ressuscitar alguém, está no mesmo nível de facilidade de se acordar alguém que está dormindo. Jesus sempre lidou com a morte como um simples sono.

As carpideiras zombaram de Jesus quando o ouviram dizer que a menina estava dormindo, pois todos sabiam que a menina havia morrido. Pessoas que não convivem com Jesus nunca entenderão a sua linguagem. Diante disso, Jesus expulsou todas as carpideiras da casa. É impossível aceitar a ideia de que aquelas pessoas queriam o bem de Jairo e de sua família. Quando Jesus cogitou a possibilidade da menina voltar a viver, eles riram desacreditando das expectativas de Jairo, com isso Jesus estava mostrando a Jairo que quem zombava de sua esperança, não podiam estar juntos com ele na concretização do seu milagre.

Tendo todas elas saído, a casa ficou vazia. Jesus convidou o pai e a mãe da menina e Pedro, Tiago e João para dentro da casa. Tomando a menina pela mão Jesus disse: Talita Cumi. “Talita Cumi” é uma expressão aramaica, que era a língua usada na Palestina naqueles tempos. Essa expressão significa: Menina Levanta-te. Na mesma hora a menina levantou. Feito isto, ordenou Jesus que a ninguém dissessem o acontecido. Porém, um milagre dessa natureza não poderia ficar oculto (Mt 9.26).

Infelizmente, nada se sabe sobre a vida de Jairo após esse acontecimento, no entanto, a sua humildade em procurar Jesus e sua fé em confiar em sua palavra nos revelam valores importantes que ele carregava consigo ao longo da sua vida.



Jefté

Nome hebraico, significa “Libertado”.

Jefté foi o nono juiz de Israel. Pertencia a tribo de Manassés. Provavelmente, nasceu em Gileade e era filho de Gileade — nome idêntico ao da cidade — com uma prostituta. Seus meios-irmãos e a esposa legítima de seu pai o expulsaram de casa para que não tivessem de dividir a herança com ele.

Jefté fugiu para a terra de Tobe, um distrito da Síria, não muito longe de Gileade. Lá ele reuniu em torno de si um grupo de homens violentos, que sobreviviam à custa de roubos e crimes, porém, eram homens de grande coragem (Jz 11.3). Apesar de ter começado mal, no fim ele atingiu tanta proeminência em Israel, que se tornou um juiz, ou “governante” para seu povo.

Quando o povo de Gileade foi ameaçado pelos hostis amonitas, as mesmas pessoas que antes haviam rejeitado Jefté, pediram a ele que liderasse seus exércitos. Jefté, contudo reagiu mal ao pedido de ajuda: “Não fostes vós que me odiastes e me expulsastes da casa de meu pai? Por que vindes a mim agora que vos achais em aflição?” (Jz 11.7). Apesar disso, Jefté concordou em liderar a luta com uma condição: que os anciãos promettessem constituí-lo líder sobre o seu povo quando o Senhor lhes entregasse os amonitas. Os anciãos então propuseram constituí-lo seu “chefe” temporário (*qasin* em hebraico) na batalha contra os amonitas e, em se-

guida, caso fosse bem sucedido em derrotar o inimigo, Jefté tornar-se-ia seu “comandante permanente” (*rosh* em hebraico). O acordo foi solenemente fechado em Mispa, acompanhado de troca de juramentos (Jz 11.9-11). O termo “juiz” (*shofet* em hebraico) não foi empregado por nenhum dos dois grupos. Esse título foi empregado a Jefté em retrospecto pelo autor-editor de Juízes, o qual viu em Jefté características semelhantes às características dos homens que faziam parte de um grupo maior de líderes chamados de juízes, cujas histórias são contadas nesse livro.

Tendo assumido o comando, Jefté tentou a princípio chegar a um acordo por meios mais pacíficos. Mandou uma delegação ao rei dos amonitas propondo a ele a retirada das suas forças. Em resposta, o rei reivindicou todo o território israelita na Transjordânia, ao sul de Gileade, entre os rios Arnom e Jaboque, ocupado pelas tribos de Gade e Rúben. Jefté enviou mais uma vez seus mensageiros para provar que não havia base histórica para tal reivindicação, pois os filhos de Israel no tempo de Moisés haviam tomado a área dos amorreus governados pelo rei Seon, que havia barrado a sua passagem. E a partir de então, já por 300 anos, os israelitas vinham vivendo nessas terras (Jz 11.26-27).

O rei de Amon rejeitou as propostas de Jefté e as hostilidades se irromperam. Jefté marchou para o sul, fazendo um amplo movimento para atacar os amonitas na retaguarda. No entanto, antes de se lançar à batalha, fez um voto: se tivesse êxito, sacrificaria ao Senhor “aquele que sair primeiro da porta da minha casa para vir ao meu encontro quando eu voltar vencedor” (Jz 11.31).

Quando Jefté voltou, após ter vencido a batalha, sua única filha saiu correndo de casa para recebê-lo, dançando ao som de tamborins. Ele rasgou suas vestes e gritou em sofrimento, mas ela própria concordou que seu voto sagrado não deveria ser quebrado. Ela pediu, entretanto, que a deixasse ir por dois meses com suas amigas para os montes, e chorou a sua virgindade (Jz 11.38). Ao retornar, o sacrifício foi realizado. Desse trágico episódio surgiu o costume de as jovens de Israel saírem quatro dias a cada ano, para lamentar a “morte da filha de Jefté”. A Bíblia não cita seu nome, mas a tradição a chama de Ada.

Um voto significava um sinal de submissão a Deus pela fé. Esta, porém, não era a natureza do que Jefté fez. Para ele, aparentemente constituía-se uma barganha com o Senhor. Não era um voto de submissão, mas uma posição de sofrer inutilmente, o que foi provado pelo fato de Deus lhe conceder a vitória. Não há razão para supormos que Deus tenha dado a Jefté a sua notável vitória porque ele fizera aquele voto; ou que, se Jefté

não tivesse feito o voto não teria vencido; ou, até mesmo, que depois da vitória, haveria qualquer juízo de Deus caso ele não o cumprisse. Jefté é que havia criado toda a questão. Deus não estava envolvido em tão trágico ato. A tristeza que Jefté experimentou ao ver a filha saindo de sua casa é uma indicação clara disso. As ofertas e os votos sempre eram oferecidos ao Senhor com alegria, ao contrário do que de fato aconteceu nessa história. Provavelmente, Jefté ainda possuía um entendimento errado sobre Deus, adquirido na sociedade pagã na qual ele vivera. Por seu amor e graça, o Senhor livrou os israelitas dos inimigos pelas mãos de Jefté, não por causa do voto. Não se pode “comprar” a misericórdia de Deus.

Os intérpretes têm transformado em campo de batalha essa questão do voto de Jefté. Jefté realmente cumpriu o seu horrendo voto? Alguns respondem na afirmativa, e outros, na negativa. Alguns acreditam que esse foi um voto precipitado, feito em um momento de empolgação e desespero, e que ele não imaginava o que poderia acontecer. É pouco provável a ideia de que Jefté esperava que pudesse sair um animal de sua casa no momento de sua chegada. Não há razão para acreditar que um líder como Jefté mantivesse em sua casa animais que ele considerasse válidos para serem sacrificados como cumprimento de um voto. Todo o contexto sugere que ele intencionava o sacrifício humano desde o começo. Provavelmente, Jefté pensava que poderia sair de sua casa um escravo, que era o costume da época. Neste caso, aqueles que assim pensam, consideram que para Jefté a vitória lhe era suficientemente importante para justificar uma retribuição desse alto preço, mesmo se tratando de uma vida humana.

Há até os que pensam que ela não foi executada. Mas pode ter sido redimida com dinheiro (Lv 27.1-8), ou até mesmo ter sido entregue por Jefté no tabernáculo, onde ela poderia ter passado o resto de sua vida trabalhando na assistência ao sacerdócio, nunca vindo a se casar (por isso poderiam ter “chorado a sua virgindade”), e assim seria dedicada aos serviços religiosos. De qualquer forma, não existe um exemplo específico de celibato feminino no Antigo Testamento para o serviço do templo. Historicamente, esta interpretação surgiu de explicações alegóricas dos rabinos Kimchi nos séculos XI e XII. Esta interpretação foi subsequentemente adotada por muitos cristãos expositores, mas tem pouca base bíblica. Na verdade, o grito de Jefté quando vê a menina parece ser uma prova conclusiva de que a vida de sua filha havia de fato sido perdida, e a linguagem e o tom do texto em hebraico confirmam isso. Que o voto de Jefté foi cumprido, tenhamos a certeza. Isso é apenas uma evidência da natureza primitiva da fé de um homem violento.

Depois desse incidente Jefté guerreou contra os efraimitas, e Deus novamente lhe deu vitória. Os efraimitas eram uma tribo judaica violenta e rebelde que detestava os amonitas. Gideão, antepassado de Jefté, conseguira com diplomacia manter a paz com os efraimitas, mas, a diplomacia praticamente não era um dos pontos fortes de Jefté. Os efraimitas, esperando acumular preciosos despojos de guerra, ofereceram-se para lutar ao lado de Jefté contra os amonitas. No entanto, Jefté não confiava neles e se recusou. Furiosamente, os efraimitas atacaram Gileade (Jz 12), mas Jefté os derrotou.

Ao tentar atravessar o Jordão para voltar para sua terra, os efraimitas tinham de passar por vários caminhos estreitos. Jefté colocou guardas ali e exigiu que todos os que passassem dissessem “Chibolete” – que significa “espiga de milho” – Os efraimitas falavam um dialeto que não tinham o som de “ch” e, conseqüentemente, diziam “Sibolete”, identificando-se como os inimigos efraimitas e colocando sobre si a marca da morte. Quarenta e dois mil efraimitas falharam no teste e foram mortos. Isso quase acabou com a capacidade que Efraim tinha de representar uma ameaça e fortaleceu imensamente à posição de Jefté como líder em Israel.

Jefté julgou Israel durante seis anos — provavelmente entre 1105 a 1099 a.C. — e ao morrer foi sepultado nas terras de Gileade, sua terra natal (Jz 12.7). Ele foi longamente lembrado em Israel. No final de sua vida, Samuel lembrou como Deus usara Jefté em favor de seu povo (1Sm 12.11). No Novo Testamento, o escritor da Carta aos Hebreus menciona Jefté entre os heróis da fé (Hb 11.32).

Jeremias

Nome hebraico, significa “O Senhor estabelece”.

Jeremias foi um dos maiores profetas do Antigo Testamento e o principal profeta durante o período de declínio e queda de Judá nos séculos 7 e 6 a.C. Profetizou em Judá por aproximadamente 40 anos — entre 627 a 587 a.C., sob o reinado do rei Josias e seus quatro sucessores até a queda de Jerusalém nas mãos dos babilônios. Jeremias era filho de Hilquias (Jr 1.1) — Não confunda este Hilquias com o sacerdote Hilquias que serviu no tempo do rei Josias e achou o livro da lei – O nome Hilquias, é um nome hebraico que significa: “O Senhor é a minha porção”. Ambos os nomes — Jeremias e Hilquias — sugerem que a

família era fiel e dedicada ao Deus de Israel durante o reinado tirânico do rei pagão Manassés.

Jeremias nasceu em aproximadamente 650 a.C., em Anatote, um pequeno vilarejo a três quilômetros a noroeste de Jerusalém. Desde a época de Davi, Anatote, era o local de residência dos sacerdotes (Jr 1.1; 29.27; 32.7). Esse lugar é conhecido hoje como Ras El-Kharrubeh, uma colina de onde se avista o vale do Jordão. Sua ampla extensão e a paisagem que se via de lá eram um bom berço para a formação de um profeta. Anatote estava localizada no território de Benjamim, no entanto, seu solo era duro e espinhoso, o que requeria que fosse arado de uma forma mais profunda. O surgimento homens fortes parece combinar com a origem nesse tipo de solo. “O que vocês podem cultivar aqui?”, perguntou um cavaleiro inglês em visita à Nova Inglaterra (hoje, Estados Unidos), observando pela primeira vez o seu solo pedregoso. A resposta orgulhosa foi: “Aqui... nós criamos homens!”. Lugares difíceis formam pessoas fortes!

É provável que a família de Jeremias tenha descendido de Eli, porque Abiatar, o último descendente a exercer um ofício sacerdotal, possuía uma propriedade recebida por herança em Anatote, onde ele passou a viver como um aposentado depois de ser destituído por Salomão (1Rs 2.26).

Como Jerusalém ficava a menos de uma hora a pé de Anatote, Jeremias estava perto do coração da nação e do pulsar do mundo religioso judaico. Todas as notícias políticas e sociais chegavam em pouco tempo ao vilarejo do profeta, e também a repercussão das campanhas incitadas pelos assírios, citas e babilônios.

Jeremias não era recluso. Ele era um homem tanto do campo como da cidade. Ele estava atento aos acontecimentos do seu tempo e a sua alma de forma sensível e conectada também sentia a impressão do Deus eterno sobre a história que acontecia.

Aproximadamente setenta anos antes da data de nascimento de Jeremias, Samaria, a capital do Reino do Norte, havia caído. E aproximadamente 65 anos depois do nascimento do profeta cairia à capital do Reino do Sul, Jerusalém. Jeremias provavelmente nasceu no fim do reinado do perverso Manassés, que morreu em 642 a.C. Amon, filho de Manassés governou por dois anos (642-640 a.C.) e então o jovem rei Josias (640-609 a.C.) assumiu o trono de Judá.

No décimo terceiro ano do reinado do rei Josias, aproximadamente em 627 a.C. (Jr 1.2), Jeremias foi designado pelo Senhor para ser profeta para as nações da época. Calcula-se que Jeremias tinha aproximadamente 23 anos de idade no período do seu chamado. Jeremias em seu

chamado se referiu a si mesmo “*como uma criança*” (Jr 1.6), mas a palavra hebraica usada aqui não é a mesma usada em Jeremias 30.6 e 31.8 e não se referia à fase da pré-adolescência. Jeremias estava se referindo à sua inexperiência, e não a sua idade.

O ano 627/626 a.C., foi um ano memorável na história mundial. Assurbanipal, o último grande rei assírio, morreu, e Nabopolassar, o primeiro grande rei neobabilônio, assumiu o trono da Babilônia. Dez anos depois, os babilônios e os medos, junto com os citas, deram início a um ataque unificado contra Nínive. O ruído de derrota já podia ser ouvido na garganta da soberana do mundo. Nínive nunca mais seria a mesma. Durante esta instabilidade das nações, a mão de Deus permaneceu sobre Jeremias no sereno caminho da vida, e o habilitou conforme está registrado no capítulo 1.

Em 622/621 a.C., ocorreu uma grande reforma religiosa em Judá. Josias havia tomado as rédeas do governo e decidido restaurar a fé do povo no Deus de Israel. No 18º ano do seu reinado, ele emitiu um decreto para que o templo fosse reparado. No processo de limpeza do entulho do templo, o livro da lei foi encontrado pelo sacerdote Hilquias. Ele imediatamente o enviou a Josias, que o leu e rasgou as suas vestes em sinal de humilhação e arrependimento perante o Senhor. O jovem rei decidiu fazer com que a vida religiosa da nação passasse a estar em conformidade com as leis do livro recém-encontrado. Então, ele deu início ao seu grande movimento de reforma, com a intenção de trazer um avivamento nacional da verdadeira religião. Toda a adoração religiosa deveria ser centrada no templo e todos os altares idólatras deveriam ser destruídos. Jeremias provavelmente se envolveu nesse movimento de renovação. Porém, mais tarde o movimento diminuiu e não chegou a mudar a vida inteira da nação.

Após isso, há um estranho período de silêncio de aproximadamente 13 anos em relação à vida de Jeremias (621-609 a.C.). Evidentemente, durante este período, ele mudou a sua base de operação de Anatote para Jerusalém, tornando-se assim o profeta respeitado do estado daquela geração.

Após a morte de Josias em 609 a.C., na batalha do Megido, não houve mais um rei bom em Judá. Os primeiros 18 anos do ministério de Jeremias foram sob o governo do rei Josias. Certamente, esses anos foram os mais felizes de seu ministério. Na sequência, o povo da Judeia ignorou Jeoaquim, o filho mais velho de Josias, e colocou Jeoacaz, que reinou apenas três meses no trono de Judá. Este foi deposto pelo faraó Neco do Egito, e Jeoaquim (609-598 a.C.), foi posto no trono de Judá como uma marionete do Egito. Jeremias imediatamente se opôs a este tirano, egoísta, mimado, e ambicioso, filho do harém de seu pai, que cobriu o

seu palácio com painéis de cedro (Jr 22.13-14). O famoso sermão do templo (Jr 7.1 – 8.3), foi pregado durante o início do reinado de Jeoaquim. Jeremias plantou-se no pátio do templo e se dirigiu à multidão de fiéis que ali estavam vindas de toda parte do país. Ele os chocou com um discurso no qual prometia que, caso eles não corrigissem os seus caminhos, Deus haveria de destruir o santuário. Jeremias gritou: “Vocês roubam, matam, cometem adultério, juram falsamente, queimam incenso a Baal, correm atrás de seus deuses estrangeiros que não conhecem, e depois vocês chegam e se apresentam diante de mim neste templo, onde o meu nome é invocado, e dizem: ‘Estamos salvos!’ – mas depois vocês continuam cometendo todas essas abominações!” (Jr 7.9-10). Como resultado desse sermão, Jeremias foi proibido de entrar no templo e quase perdeu a vida (compare Jeremias 7 com o capítulo 26).

Em outra ocasião, Jeremias diante de uma multidão de sacerdotes, denunciou suas práticas pagãs e num gesto inesperado estilhaçou uma bilha, bradando: “Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eu vou quebrar este povo e essa cidade como se quebra o vaso do oleiro, que não pode mais ser concertado” (Jr 19.11).

Em 612 a.C. Nínive enfim caía diante dos babilônios e, em 605 a.C., na batalha de Carquemis (Jr 46.2), os babilônios derrotaram a coalizão unificada do restante do exército da Assíria e do Egito. Agora, os babilônios se tornariam no cenário mundial, aqueles que possuíam uma incontestável superioridade.

Com o crescimento do poder da Babilônia, a pregação de Jeremias adquiriu um novo tom de urgência. Agora ele sentia que mais do que nunca o perigo era eminente. Jeremias tinha um discípulo e escriba devoto chamado Baruque. Ele mandou chamá-lo e ditou um rolo contendo os discursos e oráculos de juízo desde o início do seu ministério. Como Jeremias havia sido proibido de entrar na área do templo, ele ordenou a Baruque que lesse o rolo para todas as pessoas em um grande dia de festa. A acusação contra o rei e contra todos os que o apoiavam foi tão grave que, ao ouvir sobre ela, o rei se enfureceu. Os nobres esconderam Jeremias e Baruque, mas atendendo a ordem do rei, Jeudi, levou o livro para que fosse lido para o rei Jeoaquim. Enquanto Jeudi lia cada passagem, o rei em um gesto de desprezo, cortava cada pedaço e queimava-o num braseiro.

Deus ordenou a Jeremias que reescrevesse o rolo, e foi o que ele fez reescrevendo os oráculos e acrescentando ainda outros editos de juízo (Jr 36.32). Entre o que foi acrescentado, estava uma profecia de

castigo sobre Jeoaquim. Jeremias então, violou a ordem que lhe proibia de entrar no templo, e entrou na corte dos fiéis – onde somente homens judeus ritualmente puros eram permitidos entrar – e ali Jeremias pronunciou outra condenação contra os pecados de Judá e uma profecia acerca da destruição de Jerusalém.

O sacerdote Passur o espancou e deixou-o a noite toda preso num tronco junto à porta do templo. Enquanto estava no tronco, Jeremias repetiu o que dissera anteriormente e pronunciou outra condenação, dessa vez contra Passur.

A agonia de Jeremias foi muito bem representada nas palavras de Shakespeare, mais de dois mil anos após: *“Os tempos andam fora dos eixos — ó terrível contrariedade, ter eu nascido para os por no lugar!”*.

Naquele período, Jeoaquim se tornou vassalo de Nabucodonosor (605-562 a.C.), e Judá foi reduzida a um vassalo pagador de tributos da Babilônia. Jeoaquim permaneceu leal a Babilônia por alguns anos, até que o faraó Neco do Egito o encorajou a ser unir aos países do oeste em uma revolta. Então, em 598 a.C. o rei de Judá se rebelou e se recusou a pagar o tributo anual a Nabucodonosor. O exército babilônio marchou rapidamente em direção a Jerusalém para abolir a revolta. Provavelmente, nessa empreitada de guerra, Jeoaquim tenha sido morto fora dos muros de Jerusalém, recebendo um sepultamento indigno de uma pessoa desprezível, exatamente como Jeremias havia previsto (Jr 22.18-19; 36.30). Joaquim, seu filho de 17 anos, assumiu o seu lugar no trono de Judá. Três meses após Joaquim começar a reinar, ele se entregou incondicionalmente a Nabucodonosor. Naquele momento, os babilônios não destruíram Jerusalém, mas levaram consigo 8 mil cativos. Inclusive, o rei Joaquim e sua mãe, alguns artesãos, oficiais e executivos (Ezequiel entre eles) e toda a corte real foram levados como reféns para a Babilônia (2Rs 24.16).

Jeremias lamentou profundamente esse acontecimento (Jr 13.15-19), e previu a sorte de Joaquim (Jr 22.24-30). Trinta e seis anos mais tarde Joaquim foi libertado, pelo filho e sucessor de Nabucodonosor (2Rs 25.27-30), cumprindo assim a previsão de Jeremias.

Depois da prisão de Joaquim, Zedequias foi designado como novo rei de Judá, e manteve alianças com o Egito. Jeremias continuou a profetizar sobre o mesmo tema: os babilônios eram instrumentos do juízo de Deus sobre Judá, pelos pecados que o povo havia praticado. Durante o primeiro ano do reinado de Zedequias, Jeremias teve a visão de dois cestos de figos. Os judeus carregados para a Babilônia eram os figos do cesto de figos bons, enquanto que, Zedequias e os que confiavam no Egito eram os figos podres

(Jr 24.1-8). Para Jeremias seria inútil Zedequias resistir! Submeter-se a Babilônia era a atitude mais sábia, e o único meio de sobreviver. Aos olhos de Jeremias, o Senhor já havia ordenado que a Babilônia invadisse Judá.

Jeremias foi capaz de prever que o cativeiro duraria 70 anos (Jr 25.11-12). Dado ao uso dos símbolos dramáticos em suas “pregações”, Jeremias passou a usar um jugo de madeira em seu pescoço representando o período do cativeiro babilônico. Havia naquela época em Jerusalém, um outro profeta chamado Hananias. Hananias era um profeta querido do povo, pois só profetizava coisas boas, enquanto que Jeremias só profetizava juízo. Hananias começou a proclamar que em dois anos o Senhor esmagaria a Babilônia e traria de volta os cativos com todos os objetos sagrados do templo que haviam sido saqueados por Nabucodonosor. Em um ato simbólico para ilustrar isso, Hananias quebrou o jugo usado por Jeremias e proclamou em nome de Deus: “Dessa maneira eu quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, de sobre o pescoço das nações” (Jr 28.11). Jeremias profetizou que esse falso profeta estaria morto naquele mesmo ano, o que aconteceu dois meses depois.

Por esse tempo, Zedequias enviou uma delegação oficial à Babilônia. Dois membros dessa delegação eram amigos de Jeremias e por intermédio deles o profeta enviou uma carta para a pequena comunidade de israelitas, que haviam sido levados para lá como cativos juntamente com o rei Joaquim. Nela, ele lhes pedia para serem pacientes e não se iludirem com os falsos profetas entre eles, que lhes prometiam um breve retorno à pátria. Jeremias repetiu que o seu exílio seria de 70 anos e que no final Deus os traria de volta em paz. Devido a isso, eles deveriam se acomodar, construir ali suas vidas normalmente e tentar manter-se bons com as autoridades babilônicas. O profeta escreveu nessa carta: “Construa casas e instalai-vos; plantai pomares e comei seus frutos; casai-vos e gerai filhos e filhas e daí as vossas filhas em casamento; que eles gerem filhos e filhas; multiplicai-vos ai e não diminuais! Procurai a paz da cidade, para onde eu vos deportei. Rogai por ela ao Senhor, porque a sua paz será a vossa paz” (Jr 29.5-7).

Mediante a isso, Jeremias se opôs diante do rei, dos sacerdotes, dos outros profetas “covardes” da época e do povo. Se opôs também a qualquer aliança com o Egito, e profetizou o aumento da supremacia babilônica e a destruição do estado judeu. Além disso, já naquela época, Jeremias havia percebido que a esperança futura da nação de Israel estava exclusivamente relacionada aos judeus cativos na Babilônia (Jr 31), e não aos judeus que ainda estavam em Jerusalém. Aqueles que foram deixados em Jerusalém não representavam o verdadeiro grupo de

remanescentes. Por causa de suas predições de destruição que obviamente estavam tendo cumprimento, Jeremias foi detido. O acusaram de querer favorecer o inimigo e, por causa disso, ele foi lançado em uma masmorra (Jr 27.11-16).

Posteriormente, foi removido para um cárcere no pátio da guarda, perto do palácio real (Jr 27.17-21). Em seguida, o profeta foi acusado de traição, e lançado em uma cisterna sem água, mas cheia de lama. Teria morrido ali, se Obede-Meleque não intervisse, tirando o profeta da cisterna com uma corda. Por causa desse ato, o Senhor prometeu que Obede-Meleque seria salvo dos babilônios. Então, Jeremias foi transferido para o pátio da guarda novamente (Jr 38.13), onde o rei o procurou para conversar secretamente (Jr 38.14-28).

Em 588 a.C., Zedequias, que há muito tempo vinha conspirando contra a Babilônia, rebelou-se diretamente contra Nabucodonosor. A vingança babilônica foi rápida e final. Eles marcharam até Jerusalém em 588 a.C., e em julho de 586 a.C., após um longo cerco de 18 meses, a cidade foi tomada. A paciência de Nabucodonosor havia se esgotado, e então ele ordenou a destruição completa da cidade. O templo construído por Salomão foi saqueado e demolido. O rei foi levado para Ribla acorrentado. Seus filhos e seus ministros foram assassinados, seus olhos foram furados, e muitos judeus foram levados para o cativeiro. Somente as pessoas mais pobres foram deixadas para trás para serem vinhateiros ou agricultores.

Jeremias que havia sido preso por Zedequias (Jr 37.15), foi solto da prisão por Nabucodonosor (Jr 39.11-14). O rei babilônico ordenou que Jeremias fosse poupado e bem tratado. Além disso, Nabucodonosor lhe deu permissão de ir a Babilônia, se assim o desejasse, ou ficar em qualquer lugar do país que ele quisesse. Jeremias preferiu ir para Mispá, ao norte de Jerusalém, onde estava seu amigo Gedalias – que havia sido designado para ser governador, da agora, província babilônica da Judeia – Jeremias o influenciou e ele começou a trabalhar para a “reedificação” e “replantação” da nação (Jr 40.6-16 – Compare com Jeremias 1.10, os termos “reedificar” e “replantar”).

Após esse momento, Jeremias retornou a Jerusalém, onde, de acordo com a tradição, passou a morar em uma caverna próxima ao que hoje é conhecido como o “Calvário de Gordon”, do lado de fora da Porta de Damasco, em Jerusalém. Ali, ele escreveu o livro de Lamentações.

No entanto, em 581 a.C., cerca de dois meses depois de ter sido colocado como governador da Judeia, Gedalias foi assassinado por um judeu fanático chamado Ismael, que também massacrou os partidários de Gedalias.

Isto trouxe o exército babilônico de volta à Palestina. No decorrer deste retorno, o povo ficou em pânico temendo a represália da Babilônia, e fugiram para o Egito. Eles então levaram Jeremias consigo para uma cidade egípcia chamada Tafnes. Jeremias, no entanto, não parou o seu ministério do Egito. Sua pregação em Tafnes assegurou uma conquista vitoriosa da terra do Egito para Nabucodonosor (Jr 43.1-7), e isso aconteceu em 567 a.C. Como sinal de confirmação, Jeremias predisse que o faraó Hofra, seria assassinado (Jr 44.30), o que aconteceu em 466 a.C. Nas margens do rio Nilo Jeremias também pregou contra a adoração fanática praticada pelas mulheres judias à “rainha dos céus” (Jr 44.15-30). Segundo uma tradição antiga, Jeremias morreu sob uma avalanche de pedras lançadas pelos maridos dessas mulheres idólatras e assim concluiu seu ministério no Egito.

Os pais da igreja confirmam a crença de que ele foi apedrejado pelos judeus até a morte na cidade de Tafnes, no Egito. Pelo fato de Jeremias ter amado tanto a cidade de Jerusalém – e se alinhado ao propósito de Deus para sua nação – surgiu à tradição de que Jeremias ressuscitaria dos mortos. Alguns esperavam que ele aparecesse e restaurasse o templo, a arca da aliança e o altar do incenso que ele supostamente teria escondido em uma caverna (2Mac 2.1-8). Por isso, quando Jesus perguntou aos seus discípulos que lhe respondessem, “*quem dizem os homens, que eu sou?*”, eles responderam: “*uns dizem... Jeremias*” (Mt 16.13-14).

Historicamente falando, o que Lutero foi na Dieta de Worms, Jeremias foi para Jerusalém em seu famoso sermão do templo de 609/608 a.C. (o capítulo 7 traz o conteúdo do sermão e o capítulo 26 traz a narrativa). A palavra do Senhor vinha a Jeremias, e ele tinha que dar o golpe final para a destruição da superstição no templo em Jerusalém, e o esvaziamento do formalismo religioso. Esses erros estavam substituindo a verdadeira religião, que deve ser praticada de todo o coração.

Jeremias nunca se casou (Jr 12.1-2) e dedicou toda sua vida adulta ao ministério profético. Certamente, isso também cooperou para que emocionalmente Jeremias fosse uma pessoa frágil, devido à sua vida solitária. A final de contas, “*não é bom que o homem esteja só*” (Gn 2.18).

Sua pregação não foi popular. As pessoas não gostavam de ouvi-lo, mas independente disso, ele continuou a anunciar ousadamente que os pecados de Judá tinham condenado Jerusalém à destruição e sua população iria para o exílio. Jeremias era um homem com profundas lutas interiores e muitos complexos de inferioridade, depressão, dúvida e falta de esperança. Numerosas passagens, frequentemente chamadas de “*confissões de Jeremias*”, revelam graves conflitos inte-

riores. O profeta lamentava a traição de seus amigos e familiares (Jr 11.18 a 12.6); Ficava impaciente, no aguardo do cumprimento da palavra de Deus (Jr 17.12-18); Perguntava-se sobre o propósito do seu ministério (Jr 15.10-21); e em sua última lamentação registrada, disse ao Senhor: *“Iludiste-me, ó Senhor; iludido fiquei”* (Jr 20.7), e amaldiçoou o dia do seu nascimento (Jr 20.14-18).

Muitas foram às feridas da sua alma. Sua comunhão com Deus era a única fonte de alegria espiritual (Jr 15.16). Em meio as suas profundas crises, Jeremias pensava que até havia sido abandonado pelo Senhor (Jr 15.17-18). Jeremias só conseguia vencer esses momentos difíceis em seu ministério porque era um homem de oração. Ele buscava forças em Deus. Jeremias falava pouco sobre oração, ele simplesmente orava! Ele derramava as aflições de sua alma na presença daquele que ouve e vê em segredo, mas que recompensa publicamente. Ele orava pela cura espiritual de seu coração ferido (Jr 17.9,14), e pela remoção de complexos que o bloqueavam e consumiam a sua energia física e mental. Ele orava para que fosse livre de seus opositores, pela causa à qual estava dedicando a sua vida, e pela vingança contra os seus perseguidores (Jr 18.18-23). A oração era o exercício de sua alma, através da qual, ele se aliviava das pesadas cargas da vida (Jr 15.15-18).

Essas declarações demonstram importantes dimensões da pessoa de Jeremias. Ele lutava frequentemente contra o desânimo por causa de um ministério que não tinha boa aceitação por parte do povo. Várias vezes ele sofreu por causa da mensagem e poucas vezes recebeu incentivo. No entanto, nenhum outro profeta – nem mesmo Oseias – teve o conflito interior por trás da mensagem, tão exposto como ele.

O livro conhecido como “Lamentações de Jeremias” é um trabalho dramático, constituído por cinco cantos sobre a queda de Jerusalém e o exílio. Todos eles compostos em padrão de acrósticos. O tom é determinado pelos versículos iniciais: “Que solitária está a cidade populosa! Tornou-se viúva a [que era] primeira entre as nações. Judá foi desterrada, humilhada, submetida a uma dura servidão; hoje habita entre as nações, sem encontrar repouso” (Lm 1.1,3). Essa obra externa os sentimentos do coração de Jeremias e foi incluída no Cânon imediatamente após o livro de Jeremias.



Jeroboão

Nome hebraico, significa “Que o povo cresça”.

Jeroboão é o nome de dois reis que reinaram no Reino do Norte, Israel. Jeroboão I, que deu origem a primeira monarquia das dez tribos de Israel, e Jeroboão II, que foi o décimo quarto rei do Reino do Norte.

Jeroboão I – reinou de 931 a 910 a.C. – era da tribo de Efraim e era filho de Nebate e Zerua. Seu trabalho e habilidade foram reconhecidos por Salomão, e seus esforços foram recompensados com sua nomeação como supervisor de uma força de trabalho efraimita (1Rs 11.28). No entanto, o profeta Aías disse a Jeroboão que ele se tornaria rei das dez tribos do norte, ao invés de Roboão, o filho de Salomão. Esta profecia foi encenada com uma roupa que Aías rasgou em doze pedaços, e deu dez pedaços a Jeroboão (1Rs 11.29-30). Aías tinha mostrado simbolicamente a Jeroboão que Deus lhe daria dez tribos, mantendo, no entanto, a linhagem de Davi preservada como outro reino, o Reino do Sul. Isso aconteceu porque as esposas estrangeiras de Salomão o levaram a adorar falsos deuses, e foi devido a idolatria de Salomão, que esse juízo veio sobre a linhagem de Davi (1Rs 11.33).

Na verdade, o que Deus estava propondo a Jeroboão era fazer dele um “novo Davi”. Tudo que Jeroboão tinha que fazer era “ouvir o que Deus o ordenar, andar nos seus caminhos, fazer o que é reto aos seus olhos e guardar os seus estatutos e mandamentos” (1Rs 11.37-38). Quando Salomão soube disso, quis matar Jeroboão, e este teve que fugir para o Egito, por segurança, para salvar sua própria vida até que Salomão morresse (1Rs 11.40).

Após a morte de Salomão, Jeroboão retornou à Palestina e se aproximou de Roboão, filho de Salomão, com um pedido para que seu programa de impostos diminuísse (1Rs 12.1-4). Roboão, pediu três dias para consultar seus conselheiros antes de responder. Os conselheiros mais velhos disseram que o pedido fosse atendido e os impostos fossem reduzidos, mas as cabeças mais jovens e nervosas aconselharam que os impostos fossem aumentados e o jugo aumentasse sobre o povo. Roboão ouviu os jovens, e como fruto disso, o reino se dividiu e as tribos do norte se afastaram da casa de Davi e estabeleceram Jeroboão como seu rei (1Rs 12.2-15, 19-20).

No entanto, sendo ambicioso e sagaz, construiu duas cidades capitais, uma em Siquém, no território oeste do Jordão, e fez dela a residência real, e a

outra em Peniel, a leste do Jordão, que serviu como uma residência de inverno ou uma capital alternativa por causa da campanha do Faraó Sisaque em 926 a.C. (1Rs 12.25). Depois ele mudou sua residência real para Tirza, uma cidade a noroeste de Siquém (1Rs 14.17).

Jeroboão, porém, não deu crédito às instruções de Deus, e reinstalou o culto aos bezerros de ouro, trocando a adoração ao Senhor Jeová por uma prática idólatra antiga. Ele mudou os centros de adoração, o alvo da adoração, o sacerdócio e o tempo da adoração. Os novos centros de adoração se tornaram Betel e Dã (1Rs 12.29). Betel havia sido um lugar de adoração patriarcal (Gn 28.10-22; 31.13; 35.1-7). Dã havia sido uma área de adoração levítica nos dias dos juízes (Jz 18).

Infelizmente, o objeto da adoração havia se tornado um ídolo bezerro (1Rs 12.28). Sem dúvidas, a residência de Jeroboão no Egito contribuiu para o rumo de Israel nessa direção. A adoração dos egípcios à *Hator e Ápis* (deus-touro e deusa-vaca), fazia parte da cultura pagã dos egípcios. O touro na adoração egípcia tinha o objetivo de representar de modo visível uma divindade invisível. Esse conceito pode ter sido facilmente introduzido nos israelitas como a adoração ao “Jeová invisível”. Essa mesma mentalidade foi praticada nos dias de Arão, quando este, sendo sacerdote, aceitou a construção de um bezerro de ouro para representar a idolatria como se fosse um culto ao Senhor Jeová (Êx 32.4-5). Tragicamente Jeroboão estava repetindo esta mesma mentalidade.

O propósito de Jeroboão era político, para manter o povo do Reino do Norte afastado do templo de Jerusalém – no Reino do Sul – onde seus corações poderiam ser atraídos de volta para a casa de Davi. No entanto, essa atitude não foi simplesmente contra Roboão, mas sim, contra o Senhor, que havia estabelecido o templo em Jerusalém como o lugar de sua presença especial e o único lugar aceito de adoração (1Rs 8.27-30). Propositalmente, os sacerdotes e levitas cujas casas estavam no território de Jeroboão não receberam nenhuma função na “nova adoração”. Jeroboão escolheu e nomeou os seus próprios sacerdotes. Jeroboão também construiu altares em vários lugares altos de seu reino, criou suas próprias festas de adoração e determinou que a festa das colheitas, celebrada em Judá no dia 15 do sétimo mês, se efetuasse ali no Reino do Norte no dia 15 do oitavo mês (1Rs 12.31-33). Ao erigir os bezerros de ouro, Jeroboão pronunciou: “*Vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito*” (1Rs 12.28). Por causa disso, ele ficou conhecido como “Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel”.

Embora seu reinado tenha sido próspero, seu pecado lhe trouxe o severo juízo de Deus. O plano de Jeroboão, de enganar o profeta Aías, fracassou e se tornou o meio pela qual foi pronunciado o juízo sobre a casa de Jeroboão e o Reino do Norte (1Rs 14.7-16). Uma consequência imediata foi a morte do seu jovem filho Abias (1Rs 14.1,17).

A idolatria de Jeroboão I se tornou uma marca tão terrível, que o escritor do livro dos Reis comparou todos os demais governantes perversos do Reino do Norte, como aqueles que andavam “*nos caminhos de Jeroboão*” (1Rs 16.26; 2Rs 14.24). Ou seja, assim como Davi havia se tornado o modelo do rei íntegro, Jeroboão se tornou o modelo do rei ímpio.

Jeroboão I morreu depois de reinar 22 anos sobre Israel (1Rs 14.19-20). Seu filho sobrevivente, Nadabe, governou em seu lugar por apenas dois anos antes de ser assassinado por Baasa, da tribo de Issacar (1Rs 14.20; 15.25-31). Então, toda a casa de Jeroboão I foi assassinada por Baasa, cumprindo assim a profecia de Aías, referente ao fim da dinastia de Jeroboão. Baasa, no entanto, trilhou as mesmas pegadas de apostasia que havia trilhado Jeroboão (1Rs 15.34).

Jeroboão II – reinou de 794 a 753 a.C. – era filho de Joás, e terceiro na sucessão de Jeú. Jeroboão II reinou sobre Israel por mais tempo que qualquer outro rei do Reino do Norte. No entanto, a duração de seu reinado apresentada em 2 Reis 14.23 (41 anos), incluiu uma coregência de aproximadamente 12 anos com seu pai. Ou seja, de 794 a 782 a.C., Jeroboão segundo reinou junto com seu pai, e de 782 a 753 a.C., Jeroboão II reinou como o único soberano na monarquia do Reino do Norte. Seu palácio estava em Samaria (2Rs 14.23). Infelizmente Jeroboão II também seguiu o mau exemplo do seu ancestral de mesmo nome, Jeroboão I (2Rs 14.23-24).

No entanto, seu reinado foi de grande prosperidade financeira e militar. A Assíria havia enfraquecido a Síria, que dessa maneira não representava mais uma ameaça contra Israel. Jeroboão, então, continuou com as conquistas que seu pai Jeoás havia começado, restaurando as fronteiras de Israel que haviam sido invadidas pelos sírios e subjugando Damasco. Curiosamente, assim como seu pai (Joás) havia recebido encorajamento do profeta Eliseu neste assunto, Jeroboão também foi encorajado pelo profeta Jonas (2Rs 14.25). Jonas profetizou que Jeroboão restauraria as fronteiras dos dias de Salomão e realmente Jeroboão alcançou esse objetivo (2Rs 14.25). Nesse período, o Reino do Norte alcançou sua maior extensão desde o tempo de Salomão. As fronteiras se

estenderam desde Hamate, no rio Orontes ao norte, até o golfo de Ácaba, com suas cidades de Eilat e Eziom-Geber, no sul.

Porém, essa prosperidade não foi o suficiente para libertar Israel de problemas internos e externos. Seu governo excedeu em extravagâncias e luxos. Os pobres eram oprimidos e os padrões éticos e morais se degeneravam rapidamente. O livro de Amós – contemporâneo dessa época – apresenta um retrato da inclinação às paixões e prazeres ímpios dos dias de Jeroboão II. Embora este governo fosse exteriormente próspero, seu reino estava na iminência de ser desintegrado. O longo reinado de Jeroboão levou a nação de Israel à beira do juízo, o qual, 31 anos depois, foi confirmado quando os assírios tomaram Samaria em 722 a.C., e o Reino do Norte deixou de existir.

O reinado de Jeroboão II é uma advertência sobre quão facilmente a prosperidade pode levar a corrupção. Embora Deus tivesse abençoado a nação de Israel de muitas maneiras, a benção do Senhor acabou se tornando ocasião para a desobediência e a destruição decorrente do mau uso dela. Ou seja, uma benção mal administrada pode se tornar a causa de grandes problemas.



Jesus Cristo

*Forma grega do nome hebraico “Josué”,
que significa “O Senhor é salvação”.*

Qualquer tentativa de expor de modo breve e completo a vida e o ministério de Jesus, deve ser vista como algo semelhante à tentativa de pôr um oceano dentro de uma xícara. Diz João, que se todas as coisas que Jesus fez e tudo que ele ensinou fossem registradas, nem todos os livros do mundo seriam suficientes (Jo 21.25). Naturalmente, isso aparenta ser uma hipérbole, no entanto, indica que existiram muitas coisas que ele fez, milagres que ele realizou e palavras que ele proferiu que jamais foram registrados por qualquer autor. Entretanto, não devemos nos preocupar com isso, pois tudo que precisamos saber sobre Jesus e tudo que precisamos entender sobre ele para não perdermos a direção do céu ficaram registrado nas escrituras sagradas.

Jesus é chamado de “Cristo”, o equivalente em grego da palavra “Messias”, que significa “O Ungido”. Quase tudo o que sabemos sobre Je-

sus vem dos evangelhos escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João. As cartas de Paulo concentram-se mais em sua teologia, do que em sua vida propriamente dita. Há também inúmeras tradições não bíblicas sobre Jesus, sendo que a maioria delas não são confiáveis e algumas são tão fantasiosas que chegam a ser ridículas. Por exemplo: um livro apócrifo chamado *“Evangelho da Infância de São Tomás”*, fala que o menino Jesus, tendo sido ridicularizado por um de seus amiguinhos, usou seus poderes para fazê-lo cair de um telhado e morrer. Quando os vizinhos, indignados, procuraram José para se queixar, Jesus ressuscitou o menino. Em outra história, o pequeno Jesus, do barro, fez alguns pássaros e lhes deu vida. Quando José o repreendeu por causa disso, ele os matou, e depois os ressuscitou e deixou que fossem embora voando. Essas histórias não possuem nenhuma credibilidade, e faziam parte dos inúmeros livros apócrifos que foram escritos nos primeiros séculos depois de Cristo.

Jesus nasceu em Belém, sua mãe se chamava Maria. Ele foi gerado pelo Espírito Santo e criado por José, esposo de Maria. Tinha um certo número de irmãos e irmãs (Tiago, José, Judas e Simão – Mc 6.3). Jesus nasceu provavelmente entre 6 a 4 a.C. Existe uma contagem de anos errada envolvendo o nascimento de Jesus em relação ao termo “antes” e “depois de Cristo”. O rei Herodes, o Grande, que tentou matar Jesus, morreu em 4 a.C., e o nascimento de Jesus teria acontecido, pelo menos, um ou dois anos antes da morte de Herodes para que a cronologia se encaixasse perfeitamente. Essa discrepância em relação ao ano do nascimento de Jesus é resultado de um erro de cálculo que foi feito no século 6 d.C., por um erudito chamado Dionisius Exiguus.

Os reis magos, ou “sábios”, vieram do oriente para encontrar *“aquele que é nascido rei dos judeus”* (Mt 2.2). Isso é muito interessante, porque todos aqueles que um dia se tornaram rei, não nasceram rei. No máximo, nasceram sendo príncipe. Jesus é o único que já nasceu rei. Embora os evangelhos não especifiquem quantos reis magos foram visitar Jesus, a tradição sustenta que eram três. O portador de ouro foi Melquior, um persa; O que levou incenso era Gaspar, um indiano; E o último era um árabe, chamado Baltasar, que levou mirra e a amarga resina de goma, ambas valiosas por suas propriedades medicinais.

Um detalhe interessante sobre o tempo do nascimento de Jesus está no fato de que os evangelhos registram que na época em que Jesus nasceu, *“as ovelhas saíam para os pastos”* (Lc 2.8). Isso ocorria apenas nos meses de primavera e outono, o que indica que, dificilmente, Jesus nasceu no verão ou no inverno palestino. Isso é interessante porque des-

constrói a ideia do nascimento de Jesus em 25 de dezembro. Na verdade, está data natalina foi denominada como o dia do nascimento de Jesus para substituir as práticas pagãs do solstício de inverno (culto ao sol) por uma celebração cristã igualmente festiva. Não tendo nada haver com o dia de fato em que nosso Senhor nasceu.

Somente Mateus e Lucas falam sobre o nascimento de Jesus. Marcos e João apresentam Jesus pela primeira vez quando ele foi batizado. O relato de Mateus sobre o nascimento nada diz sobre Jesus ter nascido em uma estrebaria; ele conta a história da visita dos magos, da fuga para o Egito e do massacre dos bebês ordenado por Herodes. Lucas conta histórias mais íntimas de Maria, incluindo o anúncio da concepção de Jesus por parte do anjo Gabriel; sua visita a Isabel, mãe de João Batista; a viagem para Belém, o nascimento na estrebaria e a visita dos pastores.

No entanto, muito pouco se sabe sobre a vida de Jesus antes do início do seu ministério, exceto acerca do seu nascimento e sobre um incidente ocorrido em Jerusalém quando Jesus tinha 12 anos de idade (Lc 2.41). Este incidente ocorreu devido ao costume das famílias judaicas de irem a Jerusalém todos os anos para a celebração das festas. Era mais seguro para as famílias irem em grupo por duas razões: primeiro, porque eram vizinhos e se conheciam bem, e isso ajudaria a perceberem menos a caminhada de alguns dias até chegarem a Jerusalém; e segundo, porque as viagens eram perigosas naquela época por causa dos bandidos e salteadores que atacam pessoas em viagem, por isso era mais seguro permanecer em grupos.

Como todos se conheciam, normalmente as crianças iam juntos na viagem (quase sempre no meio da caravana), e uns iam cuidando dos filhos dos outros no caminho. Nessa ocasião, quando eles estavam voltando para Nazaré – já a um dia de distância de caminhada de Jerusalém – perceberam que Jesus havia sido esquecido para trás. Maria e José então voltaram as pressas para Jerusalém e o encontraram ainda no templo discutindo questões religiosas com os rabinos, que estavam impressionados com seu entendimento (Lc 2.47). Quando seus pais o repreenderam por ficar para trás e deixá-los tão preocupados, a resposta de Jesus foi: “Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu estava na casa de meu Pai?” (Lc 2.49).

Certamente, Jesus cresceu em Nazaré e aprendeu a trabalhar como carpinteiro com José (esposo de Maria) quando tinha talvez a idade de dez a doze anos. Há muita dúvida quanto a se José e Jesus eram carpinteiros no sentido moderno da palavra. Na nossa época, ser carpinteiro significa trabalhar com madeiras, mas, aparentemente, não era o que representava

essa função na Palestina antiga. A palavra “carpinteiro” é usada somente duas vezes como referência a eles. Em referência a Jesus, Marcos relata que a multidão perguntava: “Não é este o carpinteiro?” (Mc 6.3), e em Mateus perguntavam: “Não é este o filho do carpinteiro?” (Mt 13.55). A palavra usada em ambos os casos é *tehton*, que significa “aquele que trabalha com materiais sólidos”. Ou seja, poderia até ser carpinteiro no sentido comum, mas é bem mais provável que se referia a “construtor” ou “escultor de pedras”.

Muito provavelmente, eles eram construtores. Até porque seria muito difícil para um carpinteiro – que trabalha com madeiras – ganhar a vida em Nazaré, onde não havia muitos negócios e onde a madeira era rara e cara. Madeiras boas para construção eram normalmente importadas do Norte (principalmente do Líbano) e usadas para construções apenas dos ricos (que não eram muito numerosos na Galileia – se é que havia algum em Nazaré). Madeiras e árvores locais eram usadas para fazer jugos para bois e arados, e isso, quando muito, dava apenas para proporcionar uma vida mísera financeiramente. Um construtor, no entanto, teria uma vida mais confortável, uma vez que pedra e adobe eram os materiais de construção mais preferidos daquela época.

Vale a pena sabermos que a cerca de uma hora de caminhada de Nazaré estava a cidade romana de Séforis. Esta cidade havia sido destruída alguns anos antes do nascimento de Jesus. Quando Jesus era menino, os romanos e os judeus ricos a estavam reconstruindo como uma cidade romana. Embora não haja menção a Séforis na Bíblia, Jesus certamente a conheceu, principalmente, porque era a cidade mais importante em toda região que cercava Nazaré. Séforis ficava em uma colina e a noite as luzes e fogueiras usadas para aquecer e cozinhar podiam ser vistas a quilômetros de distância. Provavelmente, tenha sido Séforis que Jesus tinha em mente quando disse: “Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte” (Mt 5.14).

Nada se sabe mais sobre a vida de Jesus durante os dezoito anos que se passaram desde o incidente no templo em Jerusalém até o início do seu ministério. Sua história só volta a ser contada quando ele está indo em direção a ser batizado por João Batista, quando tinha aproximadamente 30 anos. Certamente, durante sua juventude e início da fase adulta ele permaneceu em Nazaré, e ali tinha exercido sua função como carpinteiro. Provavelmente, nesses anos Jesus também tenha participado e falado na sinagoga em Nazaré, como se esperava que qualquer homem adulto fizesse.

É muito provável que José tenha morrido durante este período, uma vez que não há nenhuma menção a ele após o incidente do templo.

Sem dúvida, ele já estava morto na época da crucificação de Jesus, pois, se estivesse vivo, certamente teria sido mencionado, e Jesus não teria precisado entregar Maria, sua mãe, aos cuidados do apóstolo João (Jo 19.26-27).

O ministério de Jesus se iniciou após o seu batismo (Mt 3.1; Mc 1.4; Lc 3.23; Jo 1.6). Os quatro evangelhos falam que no batismo de Jesus, o Espírito Santo desceu sobre ele na forma de uma pomba. Nos evangelhos sinóticos, ouve-se a voz de Deus dizendo: “Este é o meu filho amado, e nele eu tenho prazer” (Mt 3.17). Após o seu batismo, Jesus foi para o deserto a fim de jejuar, orar e meditar. Ele permaneceu no deserto por 40 dias, e enquanto estava lá foi tentado pelo Diabo. Após um longo período de jejum, Jesus teve fome e foi tentado a usar o seu poder espiritual para obter comida, em vez de confiar que Deus supriria a sua necessidade. Usar seus dons para servir a si mesmo, e não à humanidade, seria contrário ao seu propósito na vida como Messias. Isso era o que o Diabo queria: corromper o propósito central da vida e ministério de Jesus. Mas Jesus sabia muito bem que o seu poder não era para benefício próprio, mas sim para abençoar as pessoas. Ao resistir às tentações, Jesus encerrou seu jejum e partiu para cumprir seu ministério (Lc 4.14), e a partir daquele momento, ele deixou a vida de isolamento em Nazaré pela assunção de seu papel como Messias, mudando-se geograficamente para Cafarnaum, na Galileia (Mt 4.13).

Não há como precisar uma crônica diária das atividades ministeriais de Jesus. O que existem são informações ocasionais sobre tempo e lugares, porém são insuficientes para proporcionar uma exposição minuciosa daqueles dias. A partir dos evangelhos sinóticos, está claro que grande parte do ministério de Jesus aconteceu na Galileia, através de um considerado itinerário de viagens entre cidades e vilas. Cafarnaum mostrou ser um local ideal para Jesus viver durante o período do seu ministério por causa da localização central às margens do mar da Galileia. Além disso, Jesus fez uma viagem fora dos limites da Palestina para Tiro e Sidom (Mc 7.24). Outra viagem, levou Jesus e seus discípulos a um setor da região da Decápolis, que consistia de um grupo de algumas comunidades gregas localizadas a leste do mar da Galileia (Mc 7.31). Além disso, houve uma retirada para Cesareia de Filipe (Mc 8.27) – que ficava ao Norte, na divisa com a Síria – e algumas atividades na Pereia, um território a leste do rio Jordão (Mc 10.1).

Por outro lado – através dos escritos de João – ficamos sabendo bem pouco sobre a obra de Jesus na Galileia, pois a maior parte da sua narrativa está centrada em visitas a Jerusalém, especialmente em con-

xão com as várias festas anuais dos judeus, como por exemplo, a Páscoa (Jo 2.23; 6.4; 13.1), Tabernáculos (Jo 7.2), Dedicção (Jo 10.22) e uma festa que João não especificou qual era (Jo 5.1). Enquanto que os evangelhos sinóticos mencionam apenas uma Páscoa.

Jesus, ao contrário do costume da época, não teve um treinamento rabínico formal – assim como Paulo teve, por exemplo, com Gamaliel – no entanto, ele foi capaz de determinar as necessidades espirituais de sua nação de maneira independente, e indicar o caminho pelos quais os líderes judaicos haviam desviado o seu povo. Ao contrário da maioria dos doutores da lei de sua época, Jesus não se envolvia em um emaranhado de detalhes desnecessários e nem se envolvia em minúcias exaustivas, mas concentrava o seu discurso em verdades essenciais. Uma grande simplicidade caracterizava os seus ensinamentos, e estes eram auxiliados por sua aversão a termos técnicos e pelo uso frequente de ilustrações cotidianas especialmente relacionadas com as parábolas. Seus ensinamentos eram desenvolvidos em vários cenários – sobre o declive de uma montanha; à beira de um lago; nas casas; nas sinagogas e no templo em Jerusalém. E tudo isso estava aberto ao público (Jo 18.20). A maior prova que além de divino ele também era humano, está na realidade de que tudo isso levava ele a um severo esgotamento das suas energias em seu corpo, a ponto dele precisar dormir durante uma viagem (Mc 4.36-38).

Essa habilidade de pertencer ao judaísmo, e ao mesmo tempo se limitar a mentalidade dele, era evidente em sua vida. De certa forma, Jesus, o judeu, era ao mesmo tempo o menos judeu dos homens. Ele era, na verdade, um homem universal, e isso está evidenciado na maneira em que ele gostava de se chamar: Filho do homem.

O primeiro milagre de Jesus foi à transformação da água em vinho (Jo 2). Havia acabado o vinho em um casamento, e Maria, mãe de Jesus, havia pedido a ele para que solucionasse aquele problema. Jesus, em seu tempo, mandou que trouxessem uma grande quantidade de água, e no mesmo instante, elas foram transformadas em vinho e dada aos servos para que fosse servido. Curiosamente, ninguém, fora os servos, soube o que aconteceu (Jo 2.9). Isso ensina como Jesus é mestre em resolver problemas sem expor as pessoas (Os noivos pela falta do vinho). Curiosamente, houve um lugar onde Jesus não pode realizar muitos milagres: em sua própria cidade, Nazaré. A incredulidade dos nazarenos e ausência de valorização da pessoa de Jesus em sua própria terra fez com que os milagres ali não se tornassem evidentes (Mt 13.53-58; Mc 6.1-6). Esse incidente é im-

portante porque mostra que a fé era especialmente necessária para que o povo recebesse seus milagres de cura.

Curiosamente, tudo isso acontecia simultaneamente em meio a diferentes motivações que existiam no coração de todos aqueles que seguiam a Jesus. Talvez a característica mais frustrante para ele era a motivação egoísta de muitos que o seguiam. Isso ficou evidente em uma ocasião em que ele acusou a multidão de o estar seguindo meramente por causa daquilo que ele poderia lhes proporcionar em forma de bens materiais (Jo 6.26). Em contrapartida, havia também aqueles que, de bom grado, esqueceram-se de suas posses, objetivos de lucro, casas e entes queridos a fim de se tornar seus íntimos seguidores (Mt 19.27). Entre esses muitos exemplos de fidelidade e entrega, estavam os apóstolos, e Jesus lhes dedicava uma atenção especial na preparação deles para serem os futuros líderes da igreja. Ali existia um ministério dentro de outro ministério. E para esses homens foi um verdadeiro choque ouvir dos lábios de Jesus que ele deveria ir a Jerusalém para ali ser rejeitado e condenado a morte (Mt 16.21-22).

Na verdade, ao longo de todo o seu ministério, Jesus mostrou que seu destino era ser crucificado (Mt 16.21; Jo 3.14). Mas esse sentimento se tornou ainda mais forte depois que eles estiveram em Cesareia de Filipe (Mt 16.13-20). Os discípulos não aceitavam a ideia de que Jesus iria ser crucificado. Eles não conseguiam entender esse lado do propósito messiânico. Jesus estava se aproximando da cruz sem nenhum apoio daqueles que estavam mais próximos dele. Por isso, não é de se surpreender que, quando a hora chegou, todos o tivessem abandonado.

Dois assuntos parecem dominar os ensinamentos de Jesus à medida que o momento do calvário se aproximava (Jo 12.23-27). Um deles é a rejeição pelo seu próprio povo, e o outro era o seu futuro retorno coberto de glória. Sobre sua rejeição, ele mencionou vários ensinamentos e parábolas que evidenciavam isso: Ele é o nobre que visita o seu campo para se apossar de seu reino. Os cidadãos o odeiam e insistem que não querem que ele os governe, e ele então retorna (Lc 19.14); Ele é o filho e herdeiro cujos súditos o desejam matar para se apossar de sua herança, mas com isso só conseguiram destruir a si próprios (Mt 21.33-41); Ele é a pedra que foi rejeitada pelos edificadores (Mt 21.42) e ele é o filho do rei, cujos convidados para o casamento rejeitaram o convite a fim de darem prosseguimento aos seus próprios interesses (Mt 22.2 em diante). Acerca do seu retorno em glória ele ensinou que: Ele é o noivo que espera que haja vigilância acerca do seu retorno (Mt 25.1); Ele é o Senhor que verificará a fidelidade de seus servos quando vier outra vez (Mt 25.14) e ele é o rei que irá julgar as nações (Mt 25.31).

Naturalmente, os doze apóstolos enfrentaram dificuldades na adaptação a nova mentalidade que estava sendo compartilhada com eles através da pessoa de Jesus. Poucas horas antes da última ceia – no cenáculo – eles ainda estavam disputando entre si quem seria o maior (Lc 22.24). Mas, ver o Senhor inclinar-se para lavar os pés de cada um, ouvindo-o falar mansamente sobre o seu amor por eles e sua oração para que fossem um nele, e depois vê-lo submeter-se tranquilamente à prisão por seus algozes, e se dispor a beber do cálice que o Pai lhe havia oferecido – lhes causou uma profunda revolução e um entendimento de que o evangelho era um convite a uma nova vida, marcada por prioridades e motivações diferentes do que até então eles ainda viviam em suas mentes.

Quando estava chegando a hora de enfrentar o calvário, eles se direcionaram pela última vez juntos com Jesus à Jerusalém. A cidade estava abarrotada de peregrinos que haviam ido para a Páscoa, como também de multidões de zelotes que se preparavam sempre para incitar uma rebelião contra o domínio romano. As autoridades do templo ficavam a todo instante apavoradas com tumultos ou rebeliões porque os romanos julgavam-nas responsáveis por manterem a paz na cidade. Jerusalém, literalmente, era o pavio de uma dinamite, e a entrada triunfal de Jesus sendo saudado pela multidão como “aquele que vem em nome do Senhor” acendeu o estopim – e ele sabia disso. Jesus não tinha a intenção de começar uma revolta, mas sabia que atrairia para si a atenção das autoridades, deixando-as assustadas e enfurecidas. Isso, na verdade, desencadeou o processo que levaria ao cumprimento de seu destino – prisão, crucificação e ressurreição.

No dia seguinte, ele assegurou isso ao virar as mesas dos cambistas no templo (para entender mais, veja *Caifás*). No entanto, Jesus era muito conhecido para que os guardas do templo tivessem coragem de prendê-lo em público. Durante o início daquela semana, ele pregou no templo, discutiu com os fariseus e saduceus (Mt 21.23 – 22.45), que tentaram, sem êxito, pegá-lo em suas próprias palavras. Pela noite, entretanto, ele e seus discípulos, saíram da cidade.

Na primeira noite, eles ficaram em Betânia – a três ou quatro quilômetros de Jerusalém – provavelmente na casa de Lázaro (Mt 21.17). Parece que, depois disso, eles ficaram no monte das Oliveiras, na parte externa da cidade (Mt 24.3). E isso não se tratava de uma tentativa de se esconder, mas sim, o fato de que nas festas judaicas a cidade ficava completamente lotada, e as acomodações eram muito raras e caras, e muitos preferiam dormir em grupos nos montes do lado de fora da cidade. As

autoridades do templo queriam prender Jesus de um modo discreto e longe das multidões, mas era difícil encontrá-lo. Esta é a razão porque as autoridades estavam à procura de alguém que pudesse levá-los a ele, e foi Judas que, no final, fez este favor.

No quinto dia da semana, Jesus sabia que tudo estava pronto para o cumprimento do seu destino e disse aos discípulos que se preparassem para a ceia da Páscoa. Após lavar os pés dos discípulos, ele surpreendeu a todos ao identificar o pão e o vinho com seu próprio corpo e sangue (Mt 26.26). Este último elemento, em especial, causou-lhes surpresa, uma vez que a lei proibía o indivíduo de comer sangue (Dt 12.23). Foi só depois da revelação do dia de pentecostes que eles entenderiam que Jesus estava se referindo ao corpo e sangue numa perspectiva espiritual, e não a sua carne e seu sangue físicos.

Após a ceia, Jesus e seus discípulos seguiram para o Jardim do Get-sêmani, que ficava na parte baixa da encosta do monte das Oliveiras, onde se acomodaram para passar a noite. Jesus sabia que seria entregue as autoridades naquela noite e se afastou com Pedro, Tiago e João para se preparar em oração. Não fazendo nenhuma ideia, do que aquela noite significava, eles adormeceram enquanto Jesus orava. Ele estava muito angustiado, e Lucas relata que o seu suor era como gotas de sangue que caíam no chão (Lc 22.44). Este é um fenômeno médico conhecido em casos de grande estresse, e Lucas, sendo médico, foi o único que se interessou por esse detalhe entre os quatro evangelistas, a ponto de registrá-lo em seu evangelho. Esse era um fenômeno em que tamanha adrenalina e preocupação faziam com que a pele ficasse extremamente sensível, a tal ponto que os poros se rompiam, e o sangue entrava em contato com o suor. Certamente, isso agravou a dor que Jesus sentiu após o tratamento brutal que os carrascos tiveram com ele – enquanto os açoitavam – ainda naquela noite.

O fato de Jesus precisar agonizar para fazer a vontade do Pai, é a nossa melhor indicação da severidade do seu conflito. Somente uma alma totalmente livre do pecado poderia sentir tamanho horror, como sentiu Jesus, ao tomar sobre si os pecados de todo o mundo.

Primeiro, Jesus foi levado ao sumo sacerdote, Caifás. Enquanto Jesus estava lá, Pedro, como Jesus havia alertado na ceia, negou três vezes que o conhecia. Os guardas maltrataram e humilharam Jesus, e ele foi examinado pelos oficiais do templo e declarado culpado de blasfêmia. Ao nascer do dia, levaram-no ao procurador romano Pôncio Pilatos, que era o único que tinha autoridade legal para punir Jesus. Pilatos não era tão bom quanto parecia. Embora agiu com “aparente bondade” com Jesus, ele acabou consentindo

na morte do Senhor e usando Jesus para benefício próprio em seu relacionamento com Herodes Antipas [para saber mais, veja *Herodes Antipas*].

Quando descobriu que Jesus era um galileu, Pilatos mandou Jesus para Herodes Antipas – que estava em Jerusalém naqueles dias – e cuja jurisdição incluía a Galileia. Herodes era extremamente supersticioso e ainda estava apavorado porque havia sido instigado a matar João Batista, a quem sabia que era um profeta. Por causa disso, Herodes enviou Jesus de volta a Pilatos. Enquanto isso, os guardas também humilhavam Jesus ao fazê-lo se vestir com um manto de púrpura (um manto real) e zombavam dele. Quando Jesus chegou a Pilatos, os sacerdotes ainda o agrediram.

Pilatos então deu uma opção ao povo para que um prisioneiro fosse solto, ou Jesus ou Barrabás. As pessoas gritaram para soltarem Barrabás e tiraram Pilatos do sério ao dizerem que ele não era amigo de César se libertasse Jesus que, segundo eles, se dizia rei dos judeus. No governo de Tibério, não ser chamado de amigo de César poderia ser fatal. Devido também a isso, embora Pilatos não se importasse com a inocência ou morte de Jesus, o condenou a ser crucificado pela multidão.

A crucificação é um dos meios mais cruéis de todos os tempos de execução. Era extremamente dolorosa e muitas vezes a vítima levava dias para morrer. Em Roma, a crucificação a princípio, era usada somente para escravos, mas na época de Jesus, em todo o império romano, havia se tornado uma forma comum de execução de qualquer pessoa que não fosse um cidadão romano. A última afronta de Pilatos diante dos sacerdotes judeus foi uma placa que ele escreveu e pendurou no alto da cruz, dizendo: “JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS” (Jo 19.19). Jesus foi crucificado junto com dois ladrões – embora a Bíblia não diga o nome deles, a tradição os chama de Dimas e Gestas. Um deles (Demas), estava arrependido e, da cruz, falou com o outro em defesa de Jesus, que lhe prometeu salvação (Lc 23.40-43).

Vale a pena, no entanto, observarmos um detalhe da interpretação dessa passagem. O texto escrito por Lucas que temos diz o seguinte: “*Então [o ladrão] disse: Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso*” (Lucas 23:42-43). Entretanto, três dias depois – no domingo da ressurreição - o próprio Jesus disse a Maria Madalena que ainda não havia ido ao céu depois de sua morte: “*Não me detenhas, porque **ainda não subi para meu pai***” (Jo 20.17). Jesus morreu em uma sexta-feira e ressuscitou em um domingo. Como explicar a ida dele para o céu com o ladrão na sexta, se no domingo ele disse para Maria Madalena que ainda não tinha ido?

Como entender esse texto? Jesus teria mesmo prometido ao ladrão da cruz que na sexta-feira eles estariam no paraíso? Se eles estiveram no paraíso, porque Deus Pai não estava lá? Haveria o paraíso sem o Pai?

O mais provável é que há nas traduções contemporâneas um equívoco de interpretação em relação ao texto de Lucas. A preposição “que” existente em nossas Bíblias (no texto de Lucas 23.43) não existia no grego *Koiné*, que era o tipo de grego utilizado na época de Jesus. Ou seja, a escrita original era provavelmente assim: “*Em verdade te digo hoje estarás comigo no paraíso*”. Sendo assim, é bem provável, que “hoje” se referisse ao tempo em que a promessa havia sido feita, e não ao dia em que o ladrão entraria no paraíso.

Após isso, as últimas palavras de Jesus na cruz foram: “*Está consumado*” (Jo 19.30), indicando com isso que sua missão estava cumprida. Essas palavras foram ditas como um grito de vitória, depois do qual ele “*curvou a cabeça e entregou o espírito*”. Uma tradução mais literal seria que “ele não moveu mais a cabeça e liberou seu espírito”, mostrando que esse era um ato de vontade pessoal, e não simplesmente uma morte passiva. Jesus permaneceu consciente e sob o controle da situação até o fim, quando voluntariamente entregou ao Pai à sua vida terrena.

Como essa crucificação ocorreu em um dia de sexta-feira – e ter alguém na cruz no dia de sábado era considerado uma abominação para os judeus – Pilatos permitiu a remoção dos corpos das cruzes antes do pôr-do-sol na véspera do sábado sagrado dos judeus. Quando isso precisava acontecer, a maioria das vítimas sempre ainda estavam vivas, e por isso suas pernas precisavam ser quebradas. Com isso acontecia o que era chamado de crucifixão, que é a morte por asfixia. Os pés das vítimas ficavam presos à cruz (normalmente eram pregados), e a posição desconfortável na qual a vítima ficava, colocava pressão em seu peito, interrompendo a entrada de ar nos pulmões. Então a vítima firmava as pernas na base onde os pés eram pregados e impulsionavam o corpo para cima, aliviando assim a pressão para conseguirem respirar novamente. Esse processo poderia se estender por dias, causando um sofrimento terrível até que, finalmente, os músculos das pernas ficavam muito fracos, levando a vítima, nesse momento, finalmente a morrer – quase sempre asfixiado.

Isso não aconteceu com Jesus, pois ele foi crucificado às nove horas da manhã, e às três da tarde entregou ao Pai o seu espírito (Mc 15.25-34). Quando perceberam que Jesus já estava morto, os soldados não quebraram as suas pernas, mas cravaram uma lança nele para terem certeza que ele

estava morto. Contudo, cumpriu-se a profecia de que seus ossos não seriam quebrados (Sl 34.20) e de que seu lado seria transpassado (Zc 12.10).

Uma vez que Jesus estava morto, os romanos deixaram José de Arimateia – um judeu rico e um discípulo secreto – levar o corpo de Jesus para o sepultamento em um túmulo que ele havia feito para si mesmo.

Como sabiam sobre o ensino de que Jesus ressuscitaria, os sacerdotes insistiram para que Pilatos colocasse guardas no túmulo com medo de que os discípulos de Jesus roubassem o seu corpo e afirmassem que ele havia ressuscitado (Mt 27.62 em diante). No entanto, no domingo pela manhã, quando um anjo rolou a pedra do túmulo, os guardas ficaram apavorados e desmaiaram (Mt 28.2 em diante). De acordo com Mateus, os guardas se foram e contaram o ocorrido aos sacerdotes, que os subornaram para que dissessem que adormeceram e os discípulos, então, roubaram o corpo de Jesus.

Se os discípulos tivessem roubado o corpo, seria impossível uma história dessas ter sobrevivido por tanto tempo. Se fosse mentira, mais cedo ou mais tarde, alguém deixaria a verdade escapar. A maior prova da ressurreição, é a fé dos discípulos que morreram praticamente todos martirizados por causa da fé no evangelho e na ressurreição de Jesus. Ninguém morreria por uma mentira. A intensidade com que o cristianismo imediatamente começou a se espalhar e a força com que ele sobreviveu por dois milênios são provas inquestionáveis de que o que estava em questão ali era consideravelmente mais do que uma simples mentira. Como disse Frederick Buechner: “O que convenceu as pessoas de que Jesus havia ressuscitado não foi a ausência de seu corpo, mas sua presença viva entre eles. E assim tem sido desde então”. A ressurreição de Jesus, na verdade, transformou a crucificação de uma tragédia em um triunfo. Jesus não apenas morreu por nós, ele também ressuscitou por nós.

Jesus teve um ministério pós-morte e pré-ressurreição (depois da morte e antes da ressurreição). Esse ministério ocorreu no Hades como é afirmado em diversas passagens bíblicas do Novo Testamento, como por exemplo, em Efésios 4.8-10; 1 Pedro 3.18-20 e 4.6. O ministério de Jesus no Hades foi de redenção. Chamado também de “O ministério da descida”, esse ministério levou a uma outra dimensão, o poder da missão messiânica, exaltando a Cristo, que é “o salvador de todo o mundo, em todos os mundos”.

Depois da ressurreição de Jesus, um grupo de aproximadamente 500 pessoas o viram por um período de quase 40 dias. Essas aparições terminaram com a sua ascensão, que por sua vez, deu início a uma nova era

caracterizada pela presença do Senhor no céu em benefício do seu povo (Hb 9.24). Como cabeça da igreja, Jesus continua a nos dar a sua verdadeira presença e poder sobre a terra, e sem dúvida cumprirá a sua promessa de retornar e consumir todas as coisas.



Jezabel

Nome fenício, significa “Onde está o príncipe (Baal)?”

Jezabel foi esposa de Acabe, rei de Israel. Era filha de Etbaal, rei dos sidônios e de toda a Fenícia. Etbaal, no entanto, não foi apenas um rei, mas era também sacerdote de Baal-Melcarte, o deus das tempestades, e de Asera, a deusa da fertilidade. Jezabel também era devota de Baal e de Asera (1Re 18.19). Ela encorajou Acabe a construir santuários para o culto a esses deuses, e trouxe centenas de sacerdotes e profetas dessa religião para Israel. Ao todo eram 450 profetas de Baal e 400 profetas de Asera que eram mantidos no palácio com os recursos do tesouro real (1Rs 18.19). Além de fortalecer os profetas de Baal, Jezabel perseguia os profetas do Senhor, e mandava matar aqueles que falassem contra seus atos de idolatria (1Rs 18.4).

Israel estava corrompido pela idolatria desde a rebelião de Jeroboão contra Roboão. Assim que Jeroboão se tornou rei, ele estabeleceu em Siquém, um altar aos deuses egípcios Hator e Ápis, fazendo dois bezerros de ouro e dizendo: “Aqui estão os seus deuses, ó Israel” (1Rs 12.28). Daquele momento em diante os lugares de adoração idólatra se multiplicaram por todo o Reino do Norte.

Quando Jezabel se tornou rainha – por volta de 869 a.C. – Acabe imediatamente construiu um templo a Baal na cidade capital de Samaria (1Rs 16.31-33). Jezabel tinha grande domínio sobre Acabe, e este permitia que ela fizesse tudo o que desejava. *“Nunca existiu ninguém como Acabe que, pressionado por sua mulher Jezabel, vendeu-se para fazer o que o Senhor reprovava. Ele se comportou da maneira mais detestável possível, indo atrás dos ídolos, como faziam os amorreus, que o Senhor tinha expulsado de diante de Israel”* (1Rs 21.25-26).

Jezabel também criou os seus dois filhos – Acazias e Jorão – para observar as mesmas práticas, e sua filha Atalia (2Rs 8.18), também levou

suas ideias idólatras para Judá quando se casou com o filho do rei Josafá. No entanto, Jezabel não só instituiu sua religião em Israel, mas também, perseguiu e combateu a todos os que adoravam ao Senhor Jeová. Ela se tornou uma adversária do Senhor Deus.

O principal oponente de Jezabel em Israel era o profeta Elias (1Rs 18.21-46). Elias realizou uma disputa no monte Carmelo para provar quem era o verdadeiro Deus de Israel. E após isso, incitou a multidão a matar os 450 profetas de Baal que Jezabel cuidava em Israel. Assim que Jezabel descobriu isso, ela ameaçou matar o profeta Elias, e ele teve que fugir para a região do monte Horebe.

Jezabel, não só era desrespeitosa, como também não possuía consideração pela propriedade e direitos dos outros. Isso ficou bem evidente na história da vinha de Nabote que era ao lado do palácio de inverno de Acabe, em Jezreel. Acabe respeitou o desejo de Nabote de manter a terra de sua herança, mas Jezabel apossou-se dela de forma impiedosa, forjando uma acusação com testemunhas falsas contra Nabote e depois fazendo com que ele fosse apedrejado até a morte (1Rs 21.1-15). Elias profetizou que por causa desse assassinato de Nabote, Jezabel e Acabe morreriam de maneira desonrosa e que Jezabel seria devorada por cães no mesmo local onde o sangue de Nabote havia sido derramado (1Rs 21.19-23).

Após a morte de Acabe – disfarçado em uma batalha – Jezabel continuou a governar por meio de seus dois filhos, Acazias e Jorão. Uma espécie de “poder por trás do trono”. Ela também conseguiu desenvolver uma má influência sobre o Reino do Sul por meio da rainha Atalia, que era sua filha não só de sangue, mas também de espírito (2Rs 8.18). O reinado de Acazias em Israel, fora um reinado fraco e idólatra, seguindo os passos de Jezabel e sendo manipulado por ela. Ele morreu depois de cair de uma janela no palácio – provavelmente por causa de um surto de bebedeira. Sem ter nenhum filho, Acazias teve como sucessor seu irmão, Jorão.

Jorão, embora tenha deixado de promover o culto a Baal, ainda era em sua essência um idólatra, e pouco fez para apaziguar a ira de Deus contra sua dinastia. Depois de doze anos de governo, ele foi morto pelo general revolucionário Jeú, que se tornou o próximo rei de Israel.

Quando Jeú assumiu o trono de Israel, ele limpou tudo o que ainda havia de resquício do governo e da família de Jezabel no Reino do Norte. Jezabel foi lançada por dois guardas israelitas – a mando de Jeú – da torre do palácio de Jezreel e atropelada por sua carruagem sendo pisoteada por seus cavalos. De forma muito insensível, Jeú depois entrou no seu palácio para almoçar com seus soldados e, mais tarde, quando ele enviou seus servos para

enterrá-la, os cães já haviam se lançado sobre o seu corpo, restando apenas seu crânio, seus pés e as palmas de suas mãos (2Rs 9.34-37). Cumprindo-se assim, a profecia que Elias fizera.

Em Apocalipse 2.20, o nome Jezabel é dado a uma falsa profetiza da igreja de Tiatira que encorajava a idolatria e a imoralidade sexual. Evidentemente, esse nome já havia se tornado um símbolo de apostasia desde aquela época.



Jó

Nome semita, significa: “Onde está meu pai?”.

A narrativa de Jó e suas experiências representam uma história verídica, e não uma ficção. Essa conclusão é fundamentada nas referências feitas a Jó em outras passagens bíblicas (Ez 14.14,20; Tg 5.11). Ele foi célebre tanto pela sua riqueza, como posteriormente pela forma que soube lidar com sua pobreza, e também por sua paciência e temor a Deus. O Todo-Poderoso o descreveu como um “homem íntegro e reto, que temia a Deus e se desviava do mal” (Jó 1.8).

Quem ele era, quando viveu ou mesmo a época em que foi escrito o livro que leva seu nome tem sido alvo de muito debate e até o momento não se chegou a um consenso. O que existem são algumas pistas no próprio livro de Jó que nos sugerem algumas ideias sobre ele. Por exemplo, no registro de suas posses o uso da palavra *qesitha* para “dinheiro” (Jó 42.11), que era uma moeda da época dos patriarcas. Outro detalhe é a ausência de qualquer referência a fé e a cultura judaica (dando a entender que Jó viveu antes da lei ser dada a Moisés) e também a quantidade de anos em que Jó viveu (provavelmente mais de 200 anos). Tudo isso sugere que Jó tenha vivido ainda no período patriarcal (época de Abraão, Isaque e Jacó).

Jó, provavelmente, não viveu apenas no tempo patriarcal, mas principalmente viveu “a vida patriarcal”. Isso se entende pela quantidade de filhos que tinha – sete filhos e três filhas – pelo fato de que seus filhos aparentemente não se ausentaram de seu convívio próximo (talvez formando até um clã) e pela quantidade de animais que ele tinha – sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas

mulas. Além disso, ele tinha um nome usado por um grande número de semitas da região ocidental no início do segundo milênio a.C., mas que não é encontrado mais no primeiro milênio naquela região.

Jó vivia na terra de Uz (Jó 1.1), o que segundo alguns estudiosos, ficava situada em algum ponto entre Damasco, ao norte, e Edom, ao sul, ou seja, na região de divisa da Síria com a Palestina. Jó é chamado de “o maior de todos os do Oriente” (Jó 1.3), mas essa é uma descrição muito vaga, e para descrições concretas parece não ter muita utilidade.

No entanto, de uma forma misteriosa, quando tinha por volta de 70 anos – segundo a tradição antiga pelos intérpretes hebreus – Jó acabou se tornando o centro de um debate entre Deus e Satanás – claramente este debate foi vencido pelo Senhor – mas até que isso acontecesse à vida de Jó se tornou um reboiço. Satanás acusou Jó de servir ao Senhor por interesse naquilo que o Senhor lhe dava. Deus então o autorizou a tirar tudo o que Jó possuía de valor na vida humana para que a motivação verdadeira de Jó fosse revelada. Após perder bens, rebanhos, filhos e a sua própria casa, Jó adorou ao Senhor em vez de blasfemá-lo. Deus havia vencido o debate. Satanás tentou mais uma vez dizendo que “*pele por pele, o homem dará tudo por sua vida*”. Deus então o autorizou a tocar em sua saúde, sem tocar em sua alma. Veio sobre Jó uma enfermidade em sua pele – mais semelhante a uma lepra – e “em tudo isso não pecou Jó com os seus lábios” (Jó 2.10), mas manteve sua fé e devoção ao Senhor, e mais uma vez Satanás saíra derrotado do debate.

Vale a pena destacarmos, no entanto, que na primeira autorização que Deus deu a Satanás para que tocasse nos bens terrenos de Jó, havia uma variedade imensa de coisas que poderiam ser tiradas primeiro, como por exemplo: os filhos, a casa, os servos, os rebanhos, etc. No entanto, a primeira coisa que o Diabo tirou de Jó foram os bois (Jó 1.13-15). Isso é interessante, pois eram justamente os bois que eram oferecidos em adoração e holocaustos de sacrifício ao Senhor, principalmente quando Jó sacrificava pelos seus filhos (Jó 1.5). Era uma tentativa clara do Diabo de começar destruindo Jó, calando a sua adoração. No entanto, “*Jó se levantou, rasgou o seu manto, raspou a sua cabeça e, lançando-se em terra, adorou*” (Jó 1.20). Jó havia entendido que adoração não está ligado somente ao que eu tenho ou ofereço, mas principalmente, ao que eu sou e faço. A adoração de Jó não foi calada!

Jó não tinha ideia sobre o desafio entre Deus e Satanás, que estava acontecendo na eternidade por causa dele. Na verdade, sabemos mais sobre a causa do sofrimento de Jó do que ele próprio sabia. Pois ao leitor

é permitido passar alguns momentos junto a Deus e ouvir conversas relacionadas à situação de Jó. Conversas essas que Jó não teve acesso.

Em pouco tempo o homem que era riquíssimo, veio a um estado de miséria de forma inexplicável, perdendo todos os rebanhos e servos, e o mais doloroso de tudo: os seus amados dez filhos. Entretanto, a esposa de Jó, aparentemente, não morreu durante essa crise, mas foi a mesma mulher com quem Jó teve os últimos dez filhos após a restauração de seus bens.

Satanás não havia conseguido vencer o Senhor, mas Deus havia permitido ele ferir Jó. Sentado no meio das cinzas e coçando-se com um caco de cerâmica, Jó ouviu sua mulher gritar-lhe amargamente: “Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a teu Deus e morra” (Jó 2.9).

A partir da agonia e do enigma de seus sofrimentos, Jó levantou uma queixa (Jó 3), e uma discussão longa e formal entre ele e seus três amigos – Elifaz, Bildade e Zofar – se iniciou (Jó 4-31). Na verdade, esses homens foram seus detratores e algozes mentais, apesar de seus discursos serem bastante eloquentes, em certo momento. As palavras desses homens que devia ser de consolo, logo se tornaram em acusações. No entanto, esse debate serviu para mostrar a insensatez da sabedoria tradicional do mundo, que levou os amigos de Jó ao juízo totalmente falso de que seus sofrimentos eram uma indigna consequência de um radical abandono do temor de Deus na vida de Jó.

Na mentalidade religiosa daquela época – representada pelos três amigos de Jó – defendia-se claramente a ideia de que prosperidade e miséria eram o salário da justiça e do pecado, respectivamente. Eles só conseguiam enxergar as perdas como símbolo do mal, e não como um processo para revelar um bem ainda não existente. Eles enxergavam o mal apenas como fruto do pecado, e não da permissão de Deus.

No ápice da sua dor, Jó expressou sua mais profunda depressão ao amaldiçoar seu próprio nascimento – entretanto, ele não amaldiçoou a Deus. Por fim, Eliú, o mais jovem e o último a chegar, protestou, irritado com todos eles. Ele dizia que os três amigos de Jó não havia lhe dado respostas apropriadas, e se irou equivocadamente com Jó dizendo que Jó havia pecado, porém negava em reconhecer esse “*seu pecado*” (Jó 32.2 em diante). Porém, o livro de Jó não atribuiu os sofrimentos daquele homem ao fato dele ser um pecador, aquilo era uma permissão dos desígnios de Deus.

Por seis capítulos, Eliú repreendeu a Jó e a seus amigos. Mas Deus falou com Jó “*do seio da tempestade*” (Jó 38.1), e calou todos os amigos

de Jó, inclusive Eliú. Deus fez uma proposta a Jó de castigar os seus três amigos, por causa do entendimento errado que eles tinham da obra do Senhor. Jó, no entanto, intercedeu por seus amigos e “o Senhor aceitou a oração dele” (Jó 42.9).

Por fim, Elifaz, Bildade e Zofar foram repreendidos. Jó recuperou sua posição e sua riqueza perdida lhe foi retribuída em dobro. Em sua nova casa, Jó recebeu todos os seus parentes (irmãos) e amigos que vieram para lhe trazer presentes e consolo (Jó 42.11). E ele gerou novamente sete filhos e três filhas – Jemima, Quésia e Queren-Hapuque – e estas eram as moças mais formosas de sua época.

Jó ainda viveu para ver a quarta geração de seus filhos (seus tataranetos), e morreu com aproximadamente dois séculos de vida (provavelmente 210 anos). Isso porque após a restauração de seus bens e de sua saúde Jó ainda viveu mais 140 anos (Jó 42.16).



João Batista

Nome hebraico,
significa “Deus tem sido gracioso”.

João Batista foi o precursor do ministério de Cristo. Foi aquele que “preparou o caminho” para a vinda do Messias. Sua mensagem incluía instrução ética, denúncia profética e ensinosa escatológicos. O último profeta do período da lei não foi Malaquias, como muitos pensam, mas sim João Batista. Pois, o que marcou o fim da lei (velha aliança) e o início da graça (nova aliança) não foi o nascimento de Cristo, mas, sim a sua morte como o “cordeiro da nova aliança”, cumprindo assim a lei e, inaugurando um novo e vivo caminho de volta a Deus.

Jesus disse que “nascido de mulher, ninguém foi maior do que João Batista” (Lc 7.28). Ele era também considerado por Jesus como o “Elias que haveria de vir” ou o segundo Elias, enviado por Deus de acordo com uma antiga profecia (Ml 4.5; Mt 11.13-15). Tudo em João lembrava o profeta Elias – vivia no deserto, sua vestimenta (vestia-se de pele de camelos), a severidade de sua mensagem e pessoas reunidas para ouvi-lo.

João Batista era filho de Zacarias, um sacerdote “da classe de Abias”, um dos 24 grupos que serviam no templo. Sua mãe, Isabel, era descendente de Arão (Lc 1.5). Isabel era estéril, e assim como Zacarias eram idosos.

Foi quando o anjo Gabriel apareceu a Zacarias lhe trazendo uma mensagem de Deus, dizendo que Isabel teria um filho. Quando o anjo explicou que o menino converteria o coração dos pais aos filhos e prepararia para o Senhor um povo bem disposto, indicou que, por meio do ministério de João Batista, a última profecia no antigo testamento estava prestes a se cumprir (Mt 4). Zacarias não creu nessa possibilidade devido a sua idade avançada, e por isso ficou mudo até o dia do nascimento de João Batista.

O nascimento de João Batista aconteceu três meses antes do de Jesus, Isabel e Maria, mãe de Jesus eram primas, sendo assim, eles eram primos de segundo grau. João Batista nasceu aproximadamente no ano 5 a.C. Os pais de João moravam em uma cidade situada na região montanhosa de Judá, talvez em Juta, que era a cidade sacerdotal de Hebrom. Um fato interessante sobre a gestação de Maria e Isabel está no relato do dia que Maria, gestante de Jesus foi visitar Isabel, gestante de João Batista. “Ao entrar Maria na casa de Zacarias, saudou a Isabel, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criança saltou no seu ventre, e Isabel foi cheia do Espírito Santo. Exclamou Isabel em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre” (Lc 1.39-42).

No entanto, a história do nascimento de João Batista é exclusiva de Lucas. Nenhum dos outros evangelistas demonstra qualquer conhecimento de vínculo tão próximo entre João e Jesus anteriormente ao batismo. Lucas concluiu o relato do nascimento de João com a observação enigmática de que “já crescido, o menino habitava nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel” (Lc. 1.80). [Para saber como Lucas teve acesso a essas histórias, ver Lucas].

Em Lucas 3.2, nós temos um importante detalhe sobre os dias em que João Batista viveu. Lucas escreve que “*sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto à palavra do Senhor a João, filho de Zacarias*”. Nesse texto há uma aparente incoerência. Não havia “sumos sacerdotes”, havia um sumo sacerdote. O que Lucas está fazendo é uma denúncia. Anás era sogro de Caifás, ele havia transformado a posição religiosa em um patrimônio familiar.

Anás passou o sumo sacerdócio para o seu genro, Caifás. Este era o escolhido de Anás, mas o escolhido de Deus para aquele momento no sacerdócio era João Batista (que era de linhagem sacerdotal e também a comunicação de Deus com Israel naqueles dias). Anás decidiu fazer suas escolhas, mantendo sua família no poder. Com isso Deus “saiu do templo” (inclusive a Arca da Aliança não estava mais lá) e foi para o deserto e levou com ele o seu sumo sacerdote, João Batista. E as multidões saíam da

cidade para o deserto para ouvir João Batista, o sacerdote de Deus [para mais informações, ver Caifás].

Por isso, que João é chamado de “*a voz do que clama do deserto*” (Lc 3.4). Quem estava clamando no deserto? O próprio Deus, pois havia saído do templo. No livro do Apocalipse, Jesus saiu da igreja em Laodiceia. A permissividade ao pecado, a corrupção no ministério e ausência da glorificação exclusiva de Deus, faz com que ele abandone alguns lugares.

Embora João Batista fosse da linhagem sacerdotal, grande parte das suas pregações era contra a corrupção dos sacerdotes do templo. Ele era um fervoroso denunciador do engano, a antítese perfeita dos fariseus e saduceus, que pelo poder e influência das riquezas, controlavam a vida social e religiosa da Judeia. Enquanto eles viviam luxuosamente nas cidades grandes, João Batista vivia em uma caverna do deserto, sobrevivendo à base de gafanhotos e mel silvestre (Mt 3.4).

Seu ministério começou muito antes do de Jesus. João era muito conhecido em toda a Judeia e Galileia na época em que Jesus foi por ele batizado. Ao contrário de Jesus, ele não ia de um lugar para o outro para pregar, mas permanecia em um único lugar. Formou um grupo de discípulos e, ao que parece, estabeleceu seu “centro de operações” em uma caverna do lado oriental do rio Jordão, a alguns quilômetros ao norte do mar Morto. O batismo era a principal marca do seu ministério, todavia, ele não foi seu originador. Sua distinção estava no sentido que João colocou no ato. Basicamente ele tinha duas facetas: uma orientação messiânica ou escatológica, e uma renovação pessoal na vida da pessoa batizada.

O evangelho escrito João diz que João Batista batizava em Betânia, do outro lado do Jordão (Jo 1.28). Isto para distingui-la da Betânia que ficava próxima de Jerusalém, onde morava Lázaro. Próximo da caverna de João batizava, do outro lado do rio, ficava o Wadi Qumran, onde vivia uma comunidade de essênios. Os essênios eram judeus que haviam rejeitado a corrupção de Jerusalém e do templo, e preferiam viver uma vida simples e isolada no deserto. Há os que pensam, que devido João ter sido filho de pais idosos, pode ter ficado órfão cedo e ter sido adotado pela comunidade essênica. No entanto, não podemos afirmar que João era também um essênio, embora muitos acreditam que era, mas, o que sabemos é que certamente ele se simpatizava com os padrões morais e religiosos dos essênios. Os essênios, porém, ainda esperavam pela chegada do Messias; João sabia que ele já estava ali. Assim como os essênios João se afastou da sociedade, porém, ao contrário deles, ele procurou reformá-la mediante

sua pregação. Sua comida, roupa e estilo indicavam sua rejeição do “Israel” oficial da época e sua convicção de uma chamada profética.

Quando tinha 30 anos, João Batista apareceu pregando no deserto do Jordão. Acredita-se que exerceu o seu ministério em um ano sabático, em que o povo descansava dos trabalhos rurais, e, portanto, estavam em condições de atenderem e seguirem as suas pregações. Provavelmente esse ano foi o ano 26 d.C.

Seu ministério pregava o juízo final e conclamava o povo a se arrepender. “Raça de víboras”, exclamava. “Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, então, frutos dignos de arrependimento... O machado já está posto à raiz das árvores, e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo” (Lc 3.7-9). Quando, porém, João definiu as regras do arrependimento, não falou de rituais religiosos, como seus ouvintes provavelmente esperavam. Em vez disso, enfatizou a justiça social: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo” (Lc 3.11).

Tendo definido sua mensagem na ênfase da necessidade de arrependimento, como um símbolo dele, ele usava o tradicional *miqvah*, (batismo) um ritual para purificação de pecados. Antes de entrar no santuário principal do templo, em Jerusalém, um homem tinha que ir para um tanque ritual chamado *iqah* onde se emergia por inteiro em águas limpas como um símbolo de sua purificação ritual. Na época de João, isto havia se tornado um negócio muito lucrativo. Todo peregrino com destino ao templo tinha de entrar nos *miqvoh* (o plural de *miqvah*), e havia uma taxa a ser paga para isso. As melhores *miqvoh* (para as pessoas mais ricas) ficavam nas casas dos sacerdotes, e os ricos pagavam caro para usar esses belos tanques, em vez de terem de “se misturar” com as pessoas comuns. As pessoas mais pobres não podiam nem sequer pagar os mais baratos, e conseqüentemente, não podiam fazer parte da “corte dos fiéis” daqueles que se purificavam.

Próximo ao que se acredita ser a caverna de João Batista, no Jordão, havia um *miqvah* natural alimentada pelas águas do Jordão, onde João batizava qualquer pessoa que o procurasse, sem cobrar taxas. O único preço a ser pago era o preço do arrependimento de seus pecados, abandonando sua vida passada e decidindo seguir um caminho melhor e reto dali em diante. O batismo de João era de uma vez por todas, um ato final e decisivo de arrependimento, para não ser mais repetido.

A palavra “batizar” vem do grego *baptizein*, “mergulhar-se” ou “lavar-se”. Ao fazer isto, João deu um significado completamente novo ao

miqvah. Antes, ele era um simples símbolo de pureza ritual de acordo com os padrões da lei mosaica. João transformou-o de modo que fosse um símbolo do perdão de pecados e de um novo estilo de vida em relação a Deus. Essa era uma ameaça ao sistema tradicional da época, que afirmava que o perdão de pecados só poderia ser concedido pelos sacerdotes do templo (mediante tal taxa). João declarava que Deus dava o perdão de pecados gratuitamente a qualquer pessoa que se arrependesse e o pedisse. Seu modelo de batismo se tornou uma ordenança cristã central (At 2.38).

Um dos momentos mais marcantes do seu ministério foi o batismo de Jesus (Mt 3). Ele nunca concentrou o foco do seu ministério em si mesmo. Seu ministério sempre apontava para Cristo. No fim de sua vida quando questionado sobre o porquê as multidões agora seguiam mais a Jesus do que a ele, respondeu: “é necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo 3.30). Ele sabia que o batismo nas águas feito por ele, era um sinal de um batismo ainda maior pelo Espírito que o Messias administraria.

João não abandonou o seu ministério após o batismo de Jesus, mas continuou até sua prisão e morte, provavelmente menos de um ano depois. Alguns dos seus discípulos, no entanto, deixaram-no e seguiram Jesus, entre eles, André, irmão de Pedro (Jo 1.35). É provável que grande parte de seus seguidores tenha se dirigido a Jesus após a morte de João.

O rei Herodes Antipas era odiado por seus súditos. Ele não só adulara os romanos, mas também era um idumeu, não um judeu. E, embora tecnicamente tivesse adotado a fé judaica, ele certamente não a levava a sério. Casou-se com Herodias, mulher de seu irmão, e a lei judaica proibia esse tipo de união no casamento.

João Batista condenava Herodes por tal imoralidade, e essa foi “a gota d’água” que faltava para Herodes, que já estava furioso com João por pregar contra o sistema tradicional da época. Não obstante a isso, Herodes tinha medo de João. Ele era um homem supersticioso e tinha medo de fazer mal a um profeta. No entanto, também era um homem cobiçoso, e Herodias, que detestava João, aproveitou-se desse fato. A sobrinha-neta de Herodes, filha de Herodias com seu primeiro marido, Herodes Felipe, dançou cheia de lascívia para Herodes depois de arrancar dele uma promessa de que, se ela dançasse assim, ele lhe daria qualquer coisa que ela pedisse (Mt 14.6). Flávio Josefo diz que seu nome era Salomé. Quando terminou de dançar para surpresa de todos o que ela pediu foi à cabeça de João Batista em um prato. Herodes não teve coragem de se rebaixar para quebrar uma promessa feita em público, por

isso concordou com seu pedido. João Batista foi preso na Fortaleza de Maquero e foi decapitado a mando de Herodes, morrendo assim com 31 anos de idade. Essa fortaleza está nas montanhas da parte oriental do mar Morto, 10 km ao norte de Arnom e sobre um espaço de forma cônica de 1.300 metros acima do nível do mar Morto. Ainda se podem ver as ruínas das muralhas que circundavam a antiga fortaleza de Maquero, dentro da qual existe uma profunda cisterna e duas prisões. Uma delas teria sido a que foi preso e morto João Batista.

O historiador Flávio Josefo apresenta em seus escritos um relato interessante sobre as consequências que vieram sobre Herodes por ter matado João Batista: *“Mas alguns dos judeus criam que o exército de Herodes fora destruído por Deus. Deus o puniu, muito justamente por causa de João, o Batista, a quem Herodes matou. Pois João era um homem piedoso, e ordenava aos judeus que praticassem a virtude, exercitassem a justiça uns para com os outros e para com Deus e se unissem para o batismo. E quando todos se viraram para João, foram profundamente agitados por tudo o que ele falou. Herodes temeu que a extensa influência de João sobre o povo levasse a uma revolta (pois provavelmente o povo parecia fazer tudo o que ele recomendava). Ele pensou que seria melhor, sob as circunstâncias, tirar João do caminho, antes que qualquer insurreiçã o pudesse se desenvolver. Assim, por causa da suspeita de Herodes, João foi enviado como prisioneiro a Maquero, a fortaleza já mencionada e ali levado à morte. Mas os judeus acreditavam que a destruição que alcançou o exército veio como castigo por causa de Herodes, Deus queria fazer-lhe mal”*.

Essa destruição sobre o exército de Herodes se referia a uma guerra que Herodes perdeu em 36 d.C. para o rei Aretas IV, rei dos nabateus e ex-sogro de Herodes. Aretas IV era o pai da primeira esposa de Herodes, que foi abandonada quando ele tomou por mulher Herodias, que era esposa de seu irmão. O testemunho de Josefo nos lembra que a memória de João durou bastante tempo mesmo após a sua morte.

Em João 10.41 “muitos procuravam Jesus, e diziam: embora João Batista não tenha feito nenhum sinal miraculoso, tudo o que ele falou sobre este homem era verdade”. Isso nos ensina que a maior virtude de um homem de Deus não está em realizar grandes feitos ou operar sinais miraculosos, mas sim, em ter credibilidade em suas palavras. A constância no caráter de um homem vale mais que a operação de um sinal.

Bem depois da morte de Jesus, Áquila e Priscila encontraram um judeu chamado Apolo, que tinha sido discípulo de João Batista e tinha

vindo de Alexandria (At 18.24 em diante), e logo depois Paulo encontrou um grupo de doze discípulos de João em Éfeso (At 19.1-7). Isto indica que os seguidores de João eram razoavelmente numerosos e foram espalhados após a sua morte. Até hoje existe uma seita chamada de os mandeanos, que alega perpetuar o movimento iniciado por João Batista.

A igreja atual possui uma semelhança com João Batista. Pois João Batista preparou o caminho para a primeira vinda de Jesus, e a igreja atual tem a missão de preparar o caminho para a segunda vinda de Cristo. Mas, para isso, a mensagem de arrependimento que João Batista pregava, precisa voltar a ser pregada. Que Deus desperte a todos que compartilham o evangelho para que preguem sobre a necessidade de arrependimento na atualidade, preparando as pessoas para a segunda vinda de Cristo.



João

Nome hebraico, significa "Deus tem sido gracioso".

O Apóstolo

O apóstolo João foi um dos principais líderes que deram forma ao curso do cristianismo na época primitiva, tanto pelo seu trabalho pastoral, como também pelos seus escritos (o quarto Evangelho, suas três epístolas e o Apocalipse).

João era filho de Zebedeu (Mc 1.2), sua mãe era Salomé (Mc 15.40; Mt 27.56), e tinha um irmão chamado Tiago, que também foi discípulo de Jesus (Mt 4.21). Fazendo uma comparação com João 19.25, é provável que Salomé tenha sido irmã de Maria, a mãe de Jesus – sendo assim, provavelmente João e Jesus eram primos. Isso pode explicar, em parte, a intimidade existente entre eles, claramente demonstrada pelos evangelhos.

Essa família se dedicava à atividade da pesca, e haviam servos que ajudavam a Zebedeu e seus filhos (Mc 1.20). Uma sociedade havia sido formada com outra dupla de irmãos, Simão Pedro e André (Lc 5.10), e como Simão Pedro e André viviam em Betsaida, na Galileia (Jo 1.44), é provável que este também fosse o lugar da moradia de João. É bem possível também que a família de João possuísse alguns recursos. Provavelmente, sua mãe era membro daquele grupo de mulheres que forneciam a Jesus os recursos para

sua subsistência (Lc 8.2-3; Jo 19.25). Em João 19.26-27, temos a impressão de que essa família mantinha também uma casa na região de Jerusalém.

Embora o nome de João seja frequente nos evangelhos sinóticos, isso não acontece no quarto evangelho. Nele, João se apresenta como “*um dos filhos de Zebedeu*” (Jo 21.2), “*o discípulo a quem Jesus amava*” (Jo 13.23; 19.26; 20.2; 21.7,20), “*o outro discípulo*” (Jo 18.15) e “*o discípulo amado*” (Jo 21.24). A razão disto, é que provavelmente por modéstia João tenha preferido manter o seu nome fora dos seus escritos.

Vale a pena lembrarmos, que a expressão “o discípulo a quem Jesus amava” não significa que ele não amava a todos. No caso de João, elas significavam que ele reconhecia esse amor do Senhor por ele. A constatação de que ele era íntimo do Senhor está indicada no fato de que ele repousou sua cabeça sobre o peito dele na última ceia (Jo 13.23). Seu relacionamento com o mestre também fica evidente no fato de que João foi o único discípulo que esteve presente no momento da crucificação, e que foi a ele que Jesus deu a incumbência de cuidar de sua mãe após sua partida (Jo 19.26-27). Esse episódio certamente mostra que havia um relacionamento próximo entre Jesus e João.

É bastante provável também que João fosse aquele discípulo anônimo que, em companhia de André, passou várias horas ao lado de Jesus, depois que João Batista o indicou (Jo 1.35-40). Se assim for, isso significa que ele e alguns dos outros discípulos de Jesus tinha sido seguidores de João Batista antes de dedicar seu tempo a seguir ao Senhor. Entretanto, o apelo mais definitivo ao discipulado veio um pouco mais tarde, na Galileia, quando João e seu irmão Tiago, foram convocados a deixar as suas redes e se tornarem pescadores de homens (Mc 1.19). Ainda mais tarde, quando 12 homens foram escolhidos para serem os futuros apóstolos da igreja, João foi incluído entre eles.

João aparece como pertencente do grupo mais íntimo de Jesus entre os discípulos, juntamente com Pedro e Tiago. Estes três discípulos estiveram sozinhos com Jesus em momentos especiais: ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37), na ocasião da transfiguração (Mc 9.2), e na noite de vigília do Getsêmani (Mc 14.33). Ao lado de Pedro, João também recebeu a responsabilidade de preparar a festa da Páscoa para Jesus e os demais apóstolos (Lc 22.8).

Em certa ocasião, a caminho de Jerusalém, Tiago e João, ofereceram-se para fazer cair fogo do céu sobre uma cidade de Samaria que havia recusado hospitalidade a Jesus. Provavelmente, eles ainda não haviam entendido que o poder miraculoso que eles possuíam não era para ser usado para expres-

sar um comportamento de vingança para aqueles que eram alvos da sua missão (Lc 9.51-55). Justamente por isso, eles foram chamados de “filhos do trovão”, indicando assim, que eles possuíam um temperamento impulsivo e um caráter intempestivo. Vemos isso, por exemplo, quando João encontrou um homem que expulsava demônios em nome de Jesus, porém não era um dos discípulos. João o instruiu a não fazê-lo, “*porque não era um dos nossos*” (Mc 9.38; Lc 9.49). Jesus, no entanto, mostrou a João que ele não deveria proibi-lo, pois “quem não é contra vós é por vós” (Lc 9.50). Interessantemente, as ricas experiências ao lado de Jesus, causaram tanto impacto em João que ele foi transformado de “filho do trovão” para o “apóstolo do amor”.

Em outra ocasião, João se aliou ao seu irmão Tiago na exposição de indesejáveis interesses pessoais. Usando a mãe – Salomé – como uma intermediária para expressar a ambição que eles possuíam, João e Tiago solicitaram lugares exclusivos de honra ao lado de Jesus quando o seu reino de glória chegasse (Mc 10.35; Mt 20.20). Provavelmente, eles ainda não haviam aprendido a crucificar a sua egoísta ambição. Jesus então passou a perguntar-lhes se eles poderiam beber o cálice que ele beberia. Claramente, essas eram metáforas para o sofrimento pelo qual, em tempo oportuno, Jesus passaria. Tiago e João, sem ter noção do que aquilo representava, afirmaram que poderiam, e Jesus curiosamente lhes assegurou que de fato eles fariam isso, ou seja, beberiam do cálice de sofrimento de Cristo.

No entanto, Jesus não lhes prometeu nada acerca dos “lugares no reino”, mas fica claro, que eles sofreram por Cristo. Tiago foi o primeiro apóstolo a ser martirizado, em torno de 44 d.C. (At 12.1). João, embora tenha sido o último dos doze apóstolos a morrer, não escapou, no entanto, dos sofrimentos por amor a Cristo, sendo assim, participante também de um “pouco deste cálice” que eles disseram que aceitariam beber. Porém, o Senhor garantiu a João um futuro totalmente diferente do de Simão Pedro no decorrer de sua vida (Jo 21.22).

No entanto, é justo registrarmos, que essa “sede por poder e por posição” não era exclusiva de Tiago e João. Pouco antes desse pedido que eles fizeram a Jesus, encontramos uma delicada situação de conflito entre os doze sobre quem entre eles era o maior (Mc 9.33-34). Mateus e Lucas também registra que havia entre os doze uma certa contenda “*sobre qual deles parecia ser o maior*” (Mt 18.1; Lc 22.24). Diante disso, o pedido ganancioso de Tiago e João gerou indignação nos outros discípulos, não porque isso lhes tinha parecido algo abominável a eles, mas sim, porque

isso representou um ousado adiantamento deles na busca pelas posições e privilégios tão sonhados por todos eles no reino messiânico (Mc 10.41).

Depois da ressurreição, na manhã da Páscoa, João correu com Pedro até o sepulcro, quando Maria Madalena lhes contou que ele estava vazio. João ganhou a corrida, mas ficou do lado de fora até que Pedro chegasse. Pedro, o líder dos discípulos, entrou direto, e João o seguiu. Lemos que ele “*viu e creu*” (Jo 20.8). Poucos dias depois, os discípulos se reuniram para pescarem na Galileia, e é importante notar que foi João quem reconheceu que era Jesus quem estava na praia e lhes disse onde lançar a rede (Jo 21.7).

Após o dia de pentecostes, João é mencionado de uma maneira um pouco mais discreta. Nos capítulos 3 e 4 de Atos, João é mencionado ao lado de Pedro, como coparticipante da cura miraculosa de um coxo, que mendigava diariamente à porta do templo. Na ocasião, eles estavam indo à oração a nona (oração das três da tarde). Antes de tudo, esse relato demonstra que João – assim como Pedro – embora ministros do evangelho, ainda se encontravam, de alguma maneira, ligados aos rituais judaicos, sob os quais haviam crescido.

Embora João não seja mencionado especificamente, sem dúvidas, ele também estava incluído entre os apóstolos que foram presos por causa da inveja de alguns judeus importantes (At 5.17-18). Essa prisão, no entanto, não durou muito tempo, de modo que retomaram sua pregação de manhã bem cedo (At 5.21).

João e Pedro também foram a Samaria para conferirem de perto a obra que Deus estava realizando ali através do evangelista Filipe. É interessante notar que o mesmo João que anteriormente queria carbonizar os samaritanos pela falta de hospitalidade deles com Jesus (Lc 9.54), é justamente um dos enviados à Samaria, para acompanharem a igreja ali, orando com imposição de mãos sobre aqueles novos irmãos em Cristo. Curiosamente, João acabou realizando seu antigo desejo, porém de outro modo e com outra motivação. Fez cair sobre os samaritanos “*fogo do céu*”, porém, um fogo purificador, que ardia o interior com o calor da presença divina: “*Então [Pedro e João] lhes impuseram as mãos, e eles [os samaritanos] receberam o Espírito Santo*” (At 8.17).

Após isso, João não é mais citado no livro de Atos, mas certamente estava entre os que estavam no primeiro concílio da igreja em Jerusalém, em 49 d.C., quando se reuniram os líderes da igreja para discutirem como seria a integração dos gentios na comunidade cristã (At 15). Nossa última visão de João na região de Jerusalém é fornecida por Paulo, quando este se encontrou com Tiago, irmão de Jesus, Pedro e João, e

nessa ocasião, João foi considerado como uma das colunas da igreja de Jerusalém (Gl 2.9). Vale lembrar que o termo usado aqui para “coluna” no grego é *stulos*. Esse termo era frequentemente aplicado aos mestres da lei e àqueles sobre quem pesavam grandes responsabilidades espirituais, o que sugere a forma com que Paulo – e provavelmente a igreja da época – enxergavam João.

Acredita-se que João tenha permanecido em Jerusalém por alguns anos, mas certamente, não esteve naquela cidade até os dias tumultuosos em que a cidade foi tomada por Tito em 70 d.C. Na verdade, ele já não tinha sido mencionado em conexão com a última visita de Paulo a Jerusalém, por volta de 58 d.C. (At 21). Isso sugere que no máximo no fim da década de 50 do primeiro século da era cristã, João mudou-se de Jerusalém para Éfeso, na Ásia Menor. Nesse lugar estratégico, segundo a tradição, João se tornou o pastor da igreja de Éfeso mantendo um estreito relacionamento com as igrejas da região, como vemos a partir de suas cartas para as sete igrejas da Ásia.

Quando João estava morando em Éfeso, acredita-se que Maria, mãe de Jesus, tenha vivido com ele por alguns anos, e ali ela teria morrido. Como já dissemos, Jesus havia entregue a João a responsabilidade de cuidar de sua mãe após a crucificação. E aparentemente, Maria viveu o restante de sua vida ao lado do discípulo amado.

Um problema existente em relação à morte de Maria, é que existem dois lugares atualmente atribuídos como o local do sepultamento de Maria: um túmulo em Éfeso e outro em Jerusalém, embora o de Éfeso seja o mais provável.

De acordo com Apocalipse 1.9, João foi exilado na ilha de Patmos por causa do seu testemunho ao evangelho. Irineu – um dos pais da igreja – afirma que isso aconteceu perto do final do reinado de Domiciano, que terminou em 96 d.C. Na verdade, João foi exilado em Patmos em 95 d.C., e um ano depois (alguns até sugere que um ano e meio) foi libertado pelo imperador Nerva, sucessor de Domiciano. Era costume de um imperador que assumia o governo, libertar alguns prisioneiros que acreditavam ter sido injustamente presos pelo governo anterior. Devido a isso, João teve autorização para retornar a Éfeso em 96 d.C.

O imperador que havia exilado João – Domiciano – era filho do grande imperador Vespasiano e irmão do general Tito Flávio Vespasiano, que havia destruído Jerusalém. Domiciano foi o último dos césares da dinastia Flaviana. Ou seja, quando Nerva assumiu o império em 96 d.C., ele tentou implantar uma nova dinastia, desconsiderando assim,

quase tudo que o governo anterior havia feito, inclusive a detenção de alguns presos como João.

Eusébio ainda informa que João viveu durante o reinado de Trajano, que começou no ano de 98 d.C., e morreu tranquilamente em Éfeso, em idade avançada, por volta do ano 100 d.C., com cem ou mais anos de idade.

João teve ainda pelo menos quatro anos de vida em Éfeso após seu retorno do exílio na ilha de Patmos. Com esse tempo, João compartilhou as revelações do Apocalipse e entregou as sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor. João foi o único dos doze apóstolos que morreu de morte natural. Todos os outros, exceto Judas Iscariotes, morreram martirizados. Eusébio confirmou o túmulo de João em Éfeso, dizendo: “João, que se recostou sobre o peito do Senhor, descansa agora em Éfeso”.

Acredita-se que João tenha escrito o quarto evangelho por volta de 85 d.C., em Éfeso. Nessa mesma cidade, ele provavelmente escreveu as três epístolas por volta de 90 d.C., e por volta de 95-96 d.C., João escreveu o Apocalipse. Não se sabe ao certo se João escreveu o Apocalipse em Patmos ou no seu retorno a Éfeso. Embora, a última opção seja a mais provável.

Uma antiga tradição – sem muita aprovação histórica – dizia que João havia sido lançado em um caldeirão de óleo fervente, mas saiu miraculosamente ileso. A igreja romana até hoje ostenta a igreja de San Giovanni in Olio, em Roma, construída para eternizar esse suposto livramento da vida do apóstolo.

Irineu afirmou que Policarpo (Bispo de Esmirna) e Papias foram discípulos pessoais de João. Clemente de Alexandria escreveu que “durante seus últimos dias João nomeou bispos na comunidade cristã”. Clemente ainda contou uma variedade de histórias relacionadas a João. Inclusive, uma emocionante história de sua preocupação pastoral no fim de sua vida, quando morava em Éfeso. Segundo essa história, um jovem que conhecia João caiu em um comportamento ímpio depois de seu batismo. João se deixou capturar por ladrões, dos quais esse jovem era o novo chefe, e quando foi entregue a ele, o aconselhou, orou com ele e o levou de volta ao Senhor e à igreja.



Praticamente nada se sabe sobre a vida de Joel, e as tradições também não ajudam muito. Sabemos que ele atuou como profeta no Reino do Sul – Judá – e que seu livro está localizado na Bíblia hebraica e também no Antigo Testamento como o segundo dos profetas menores.

Joel era filho de Petuel (Jl 1.1). Esse era um nome comum na época, há outras 14 pessoas com o mesmo nome no Antigo Testamento. Ele vivia em Judá, provavelmente em Jerusalém. Diferente da maior parte dos profetas, ele não vincula seu ministério ao governo de nenhum rei. A data de seu ministério é disputada. Alguns o situam tão cedo quanto 800 a.C., colocando Joel como contemporâneo do rei Uzias e de profetas como Amós e Isaías. Outros pensam que ele viveu no tempo de Esdras e Neemias (450 a.C.), ou até mesmo no tempo de Malaquias, em cerca de 400 a.C. Toda essa discussão se dá em torno de detalhes do livro que aparentam ser tanto do tempo pré-exílico, como do tempo pós-exílico. Confira abaixo os principais argumentos:

Argumentos em favor da data pré-exílica (mais antiga): (1) O estilo e as características gerais do livro são diferentes do tempo de Ageu, Zacarias e Malaquias (profetas pós-exílicos). Sua linguagem pertence mais ao período da literatura clássica dos hebreus. (2) Joel aparece paralelo ao livro de Amós (750 a.C.), e este parece ter feito uso de certas ideias de Joel, como Joel 3.16 (em Amós 1.2) e Joel 3.18 (em Amós 9.13). (3) A posição de Joel, como o segundo livro dos profetas menores (embora seja o quarto da Septuaginta), indica uma data mais antiga do livro.

Argumentos em favor da data pós-exílica (mais nova): (1) Não há alusões à adoração idólatra nos lugares altos. E esses locais de altares pagãos fizeram parte importante da história de Judá antes do cativeiro. (2) Nenhuma menção é feita ao Reino do Norte, provavelmente porque ele não existia mais. Judá agora era Israel. As circunstâncias que prevaleciam após o exílio babilônico, assim como o retorno de Judá, transparecem no fato de que "Judá" e "Israel" são nomes usados como sinônimos (Jl 2.27; 3.2,16-20). Esperaríamos uma maneira diferente de falar sobre Israel antes da queda do Reino do Norte sob os assírios em 722 a.C. (3) A expressão de Joel, "opróbrio, para que as nações façam escárnio dele" (Jl 2.17,19), é típica do tempo pós-exílico. (4) Os "muros" referidos em Joel 2.9, talvez sejam as muralhas restauradas por Neemias, em Jerusalém, em 444 a.C.

(5) Os gregos são mencionados (Jl 3.6). Não era comum os gregos serem mencionados no período pré-exílico. As nações mencionadas antes do exílio eram principalmente os assírios e os babilônicos, e não os gregos. No entanto, no texto de Joel os gregos não são mencionados como poder mundial dominante, e o predomínio grego só ocorreu após a ascensão de Alexandre, o Grande (336 – 323 a.C.). (6) Sidom ainda haveria de ser julgada (Jl 3.4), e isso só aconteceu quando Artaxerxes III executou esse julgamento, vendendo os sidônios à escravidão, em cerca de 345 a.C.

Infelizmente, não há como solucionar o problema da data do livro e conseqüentemente do ministério de Joel, embora o tempo pós-exílio seja bem mais provável. No entanto, a ausência dessa informação, não prejudica, em sentido algum, a tremenda mensagem divina que o livro nos oferece.

As profecias de Joel são também belas poesias literárias. Seu livro está dividido em duas partes distintas. A primeira é uma lamentação e um chamado ao arrependimento, baseado em uma terrível seca e na praga de gafanhotos que trouxe fome e desgraça sobre todo o povo. Joel comparou os gafanhotos a um exército invasor, dizendo que “eles atacam como guerreiros e escalam muralhas como soldados” (Jl 2.7). Parecia uma profecia apocalíptica, descrevendo o terror e a destruição total. Se tivesse sido escrito antes do exílio, o livro descreveria a queda e a destruição de Jerusalém nas mãos dos enxames babilônios. Se tivesse sido escrito após o exílio – o que é mais provável – descreveria um chamado ao arrependimento em reconhecimento do castigo com o qual Deus havia corrigido o seu povo no exílio por causa dos seus pecados.

A segunda parte da profecia, curiosamente, está em contraste com a primeira. É uma promessa de perdão, redenção e esperança. Joel confronta seus ouvintes, dizendo: “Rasguem o coração, e não as vossas vestes” (Jl 2.13). Com isso Deus estava chamando o povo a uma mudança interna, e não externa. Os judeus sempre rasgavam as vestes em sinal de luto e arrependimento, mas Deus percebeu que embora as vestes fossem rasgadas, o coração – que era o mais principal – permanecia do mesmo jeito. Deus, na verdade, estava dizendo ao povo: Estou cansado de performance religiosa externa. Vocês precisam mudar por dentro, vocês precisam rasgar o coração!

Uma das expressões que Joel mais menciona em seus decretos à Judá é a manifestação do “*dia do Senhor*” (Jl 1.15; 2.1,11,31; 3.14). Quando o Senhor se manifestar “naquele dia”, virá como guerreiro e juiz, para derrubar os governos da terra e estabelecer seu próprio reino. Isto sugere que o “dia do Senhor” tem também um aspecto triunfante, pois a der-

rota do mal tornará possível o triunfo da justiça. Portanto, será também um dia de renovação e alegria, pois o Espírito de Deus se manifestará abundantemente sobre todos os seus remidos (Jl 2.28-32). Ironicamente, o “dia do Senhor” que é caracterizado pela guerra e pelo derramamento de sangue (Jl 2.3-11; 3.1-3,12,13), levará a humanidade a um período de paz sem precedentes da história humana (Jl 3.9-11,17-21).

Pedro entendeu que parte desta profecia foi cumprida no dia de pentecostes, em Jerusalém, quando os discípulos de Jesus foram cheios do Espírito Santo (At 2.17-21). Isso porque Joel profetizou que “depois derramarei o meu Espírito sobre toda carne” (Jl 2.28). Curiosamente o texto de Joel diz “derramarei o meu Espírito”, e a declaração de Pedro foi “derramarei do meu Espírito”. Qual a diferença de “o meu Espírito” para “do meu Espírito”? “O” é totalidade, “do” é ‘parte de...’, ou seja, Joel profetizou que todo o Espírito seria derramado, Pedro entendeu que no dia de pentecoste, Deus não derramou todo o Espírito, mas apenas começou esse derramamento. Ou seja, essa profecia também é para os nossos dias! Ao contrário do que ensina a doutrina do “cessacionismo”, os dons e as manifestações de Deus não foram apenas para a época apostólica, esses sinais são também para os nossos dias. O Espírito Santo continua se derramando!

Embora Joel demonstre um profundo zelo pelos sacrifícios no templo (Jl 1.9; 2.13-16), sua familiaridade com a vida agrícola e o fato de não ser contado entre os sacerdotes (Jl 1.13-14; 2.17) sugerem que ele não era da tribo de Levi. Há uma tradição extrabíblica que indica que ele seria da tribo de Rúben, e que havia nascido em Betaram, a nordeste do mar Morto, na fronteira entre Rúben e Gade. No entanto, o contexto da profecia bíblica parece não favorecer isso. O mais provável é que ele era da tribo de Judá, principalmente, por ser bem provável que ele vivia nos arredores de Jerusalém.



Jonas

Nome hebraico, significa “Pombo”.

Jonas foi um profeta da tribo de Zebulom. Era filho de Amitai e natural da pequena vila de Gate-Hefer (2Rs 14.25). Essa vila ficava próxima a Nazaré, a primeira residência de Jesus, de quem Jonas era um “sinal”.

Com o significado de “pombo”, no hebraico, o nome de Jonas parece ser singularmente irônico, no que se refere à teimosia de Jonas e a dureza de sua mensagem para Nínive. O significado de seu nome pode refletir o desejo dos pais para que fosse uma criança dócil e pacífica.

Ao contrário do que muitos pensam, Jonas não atuou apenas no livro que leva o seu nome, mas profetizou também em 2 Reis 14.25 para Jeroboão II, e foi por meio de suas palavras de incentivo que Jeroboão II recuperou o território anteriormente perdido para os sírios (2Rs 10.32-33), e trouxe de volta um pouco da glória dos dias dos reis Davi e Salomão (1Rs 8.65).

No entanto, Jonas é mais conhecido pelo relato da mensagem que Deus o escolheu para levar aos ninivitas. Os ninivitas eram um povo terrível, cuja malícia havia subido até Deus (Jn 1.2). Nínive foi fundada por Ninrode (Gn 10.8-11). Ninrode foi um homem iníquo, e isso havia trazido um legado de maldição sobre Nínive, fazendo daquele povo um povo também iníquo. Nínive foi chamada de “*cidade sanguinária, toda cheia de mentira e repleta de despojos*” pelo profeta Naum (Na 3.1). Nínive também era uma cidade idólatra e havia ali um templo da deusa Istar, que era a deusa dos ninivitas. Essa era uma cidade tão grande que demandava três dias para ser atravessada, e foi a capital do poderoso império assírio. No entanto, nos dias de Jonas Nínive ainda não havia se tornado a capital da Assíria, mas a capital era Calá, que foi a capital do império assírio entre 880 a 701 a.C.

Jonas diferencia-se dos outros doze profetas menores, pois seu livro não contém várias profecias. Seu único anúncio profético: “*Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída*” (Jn 3.4), não tem mais que sete palavras. Em vez de profecias, o livro é mais histórico, preparando então o leitor para entender os bastidores que envolveram a profecia contra Nínive. Historiadores sugerem aproximadamente 860 a.C., como a data em que Jonas evangelizou Nínive.

Os assírios eram grandes guerreiros. O profeta Naum chama Nínive de a “*cidade do sangue*” (Na 3.1). Ela era chamada assim, não só por causa das guerras que havia tido com as nações vizinhas durante alguns séculos, mas também pelas crueldades praticadas com os povos vencidos. Os ninivitas eram acostumados, depois das vitórias a cortar as mãos e os pés dos soldados das nações inimigas e montarem pirâmides com as cabeças humanas dos povos capturados, quando não, abriam covas gigantescas e enterravam seus inimigos vivos. Eles eram um povo muito cruel, por isso que Deus disse que a malícia deles já havia subido até Ele.

Társis está localizada no sul da atual Espanha, e muitos a identificam como a moderna cidade de Gibraltar. Nínive é a atual Mossul, no estado de Ninawa, no Iraque. A distância entre Jope e Társis é a aproximadamente 3.500 quilômetros, enquanto que de Jope a Nínive são aproximadamente 1.100 quilômetros. Társis era provavelmente um posto comercial fenício e um importante centro de fundição de ferro na Espanha. Era um dos destinos mais longos do mundo antigo a partir de Jope. O desejo de Jonas era literalmente se distanciar do lugar da vontade de Deus.

Há uma antiga tradição, que diz que, Amitai, o pai de Jonas, foi morto pelos ninivitas. Israel sempre viveu guerras contras os assírios. Senaqueribe, por exemplo, era assírio. Inúmeros inimigos do povo de Deus eram nativos de lá. A existência dessa tradição pode nos propor uma nova explicação lógica sobre o porquê Jonas recusou ir profetizar contra Nínive. Durante muito tempo foi defendida a ideia de que Jonas recusou ir a Nínive apenas por temer a maldade dos ninivitas. Mas, existe outra opção de interpretação envolvendo os sentimentos de Jonas, que também nos explica a recusa do profeta. Levando em conta essa tradição que afirma que o pai de Jonas foi morto pelos ninivitas, podemos entender que havia uma resistência contra Nínive no coração de Jonas. Nínive estava prestes a ser destruída, e Jonas sabia disso. Apenas um profundo arrependimento por parte dos ninivitas poderia evitar a destruição dessa cidade. Caso Jonas não fosse a eles, eles não ouviriam a mensagem. Se a mensagem não fosse ouvida, não haveria arrependimento. Se não houvesse arrependimento, eles seriam destruídos. Então a “sentença de vingança” pela morte de Amitai estava pronta: Era só Jonas não ir a Nínive, que eles seriam destruídos pela ausência de arrependimento, e automaticamente, Jonas se vingaria pela morte de Amitai.

O desabafo de Jonas para Deus parece confirmar essa ideia: “*Ó Senhor! Não foi isso o que eu disse estando ainda na minha terra? Por isso é que me apressei em fugir para Társis. Eu sabia que és Deus clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em amor, e que irias se arrepender do mal*” (Jn 4.2). Ou seja, Jonas não queria ir a Nínive, justamente porque queria que Nínive fosse destruída.

Provavelmente, Jonas também sabia que os assírios seriam usados por Deus como um meio para punir Israel. Ironicamente, o mesmo Jonas que havia sido enviado a Jeroboão II para assegurá-lo de que seu reino prosperaria, foi o mesmo que Deus escolheu para enviar a Nínive, a fim de evitar a destruição dessa cidade. Somente se Nínive fosse preservada, o exército assírio poderia ser usado por Deus para corrigir

o Reino do Norte em 722 a.C. Nenhum outro profeta foi tão fortemente direcionado a uma nação não judaica.

Jonas então, saiu de Gate-Hefer, desceu a Jope (que era a cidade portuária mais próxima) e pegou um navio para Társis. No entanto, Deus não deixa seus planos serem frustrados por interesses humanos e mandou uma tempestade sobre o mar Mediterrâneo por onde Jonas estava navegando. Essa tempestade quase partiu o navio ao meio, e gerou grande prejuízo aos seus tripulantes. O surgimento inesperado dessa tempestade nos ensina uma lição: existem tempestades que enfrentamos em nossas vidas apenas por causa da nossa desobediência a voz de Deus. Não estava nos planos iniciais de Deus essa tempestade para Jonas. Essa tempestade Jonas trouxe para si pelas suas próprias atitudes. Algumas tragédias em nossas vidas acontecem simplesmente porque escolhemos fugir de Deus.

A Bíblia descreve que o mar estava agitado a tal ponto que os marinheiros para aliviarem o peso da embarcação, começaram a lançar a carga com alguns bens e objetos ao mar, nisso acharam Jonas, no porão do navio dormindo. O causador da tempestade dormia, enquanto pessoas inocentes estavam sendo prejudicadas. Após lançarem sorte para saberem quem era o culpado daquela tempestade, pegaram Jonas e o lançaram ao mar, cessando assim no mesmo instante aquela tempestade (Jn 1.15). Coisas erradas param de acontecer nas nossas vidas quando pessoas erradas se distanciam de nós.

Vale a pena considerarmos a sequência de “descidas” que fez parte da vida de Jonas no caminho de sua desobediência: Em vez de ir para Nínive, ele *desceu* para Jope (Jn 1.3). Quando entrou no navio ele *desceu* para o porão (Jn 1.5), e ele concluiu sua sequência, *descendo* ao fundo do mar quando os marinheiros o jogaram para fora do barco (Jn 1.15). O caminho do homem que se afasta de Deus sempre será um caminho de declínio!

Estranhamente, a primeira vez que Jonas vai orar em todo o livro é quando ele estava dentro das entranhas do peixe (Jn 2.1). Jonas não orou ao ir para Jope; não orou ao comprar a passagem para Társis; nem orou ao ir dormir no porão do navio. Jonas somente se lembrou de orar quando as entranhas do grande peixe eram tudo que lhe havia restado. Infelizmente as vezes precisamos chegar às profundezas da vida para lembrarmo-nos de orar.

Jonas 1.17, nos conta que Deus preparou um “grande peixe” para tragar a Jonas. Porém, Jesus disse em Mateus 12.40, que foi uma baleia. Algum dos dois estão errados? Não. Tanto a afirmativa de um grande peixe

como a de uma baleia estão corretos. Existe uma espécie de baleia (cachalote) que tem a possibilidade de engolir um ser humano inteiro.

A comprovação histórica de que é possível essa espécie de baleia engolir um ser humano inteiro está em um relato de fevereiro de 1891. Um marinheiro britânico chamado James Bartley, foi engolido por uma baleia e escapou com vida para contar a história. Bartley estava fazendo sua primeira viagem (que acabou também sendo a última) como marinheiro de um navio baleeiro, cujo nome era Estrela do Oriente. Estava há algumas centenas de quilômetros a leste das ilhas Falkland, no Atlântico Sul. Em certo momento foi arpada uma grande baleia, que então mergulhou as profundezas abissais. Quando ela subiu para respirar, ocorreu que seu grande corpo esmigalhou o bote, e muitos homens caíram no mar. Alguns pescadores não foram encontrados, entre eles James Bartley.

Pouco antes do pôr-do-sol, naquele mesmo dia, a baleia moribunda flutuou à superfície. A tripulação rapidamente prendeu uma corda na baleia e a arrastou até o navio-mãe. Sendo tempo de verão, foi necessário despedaçar imediatamente o gigantesco animal antes que entrasse em decomposição. A baleia foi sendo cortada em pedaços. Pouco depois das onze horas da noite, dezoito horas depois do desaparecimento de James Bartley, os exaustos tripulantes removeram o estômago e o enorme fígado do animal. Esses pedaços foram levados para a coberta e notou-se que havia algum movimento no interior do estômago da baleia. Abriram o estômago do animal, e apareceu um pé humano. Era James Bartley, dobrado em dois, inconsciente, mas ainda vivo. Bartley soltava grunhidos incoerentes ao recuperar um pouco mais a consciência, e durante cerca de duas semanas pendeu entre a vida e a morte. Passou-se um mês inteiro até que pudesse contar por completo à história que lhe acontecera.

Lembrava-se de que, quando a baleia atingiu o bote, ele foi atirado ao ar. Ao cair foi engolfado pela gigantesca boca da baleia. Passou por fileiras de minúsculos e afiados dentes e sentiu uma dor incomparável. Percebeu que estava escorregando por um tubo liso, e então desapareceu na escuridão. De nada mais se lembrava, senão depois de ter recuperado a consciência. Porém, saiu sem boa parte de sua pele, pois a enzima digestiva do estômago do animal havia digerido parte de sua pele. Muitos médicos de vários países vieram examiná-lo. Bartley viveu ainda dezoito anos após essa experiência.

O milagre na vida de Jonas não foi ter sido engolido pelo grande peixe, mas sim, ter sido vomitado por ele vivo e sem nenhum dano digestivo. A Bíblia diz que Deus falou ao peixe e ele vomitou Jonas em terra (Jn

2.10). No ventre do peixe Jonas orou ao Senhor, o que prova que ele não ficou inconsciente. No entanto, não se sabe ao certo onde o peixe vomitou Jonas. Certamente não foi em Nínive, porque Nínive não era uma cidade marítima. Bem provável que Jonas tenha sido devolvido pelo peixe em Jope, lugar de onde ele não deveria ter saído.

Não se sabe ao certo se nesse tempo entre o capítulo 2 e 3 Jonas voltou a Gate-Hefer. Mas, em Jonas 3.1 a palavra do Senhor veio pela segunda vez a Jonas, dizendo a ele que fosse a Nínive (Jn 3.1). Dessa vez, ele não fugiu de Deus, mas obedeceu a sua ordem. Chegando a Nínive ele pregou a mensagem de juízo que Deus havia o dado, dizendo que em 40 dias Nínive seria destruída. No entanto, o que Jonas mais temia, aconteceu: os ninivitas ouviram a mensagem, e se arrependeram.

Após entregar a mensagem Jonas subiu ao topo de uma montanha para ver a destruição de Nínive. Enquanto ele em cima do monte esperava a destruição da cidade, lá em baixo o rei de Nínive reuniu toda a população e decretou um jejum, como forma de arrependimento para que Deus aplacasse sua ira e não os destruíssem. Deus aceitou o sacrifício dos ninivitas, e decidiu não destruí-los.

Deus então fez crescer uma aboboreira onde Jonas estava para lhe proteger do calor do sol. Em um dia a aboboreira nasceu e cresceu, e no outro dia pela manhã, Deus mandou um verme que feriu a planta e a aboboreira morreu. Deus então mandou sobre Jonas um vento oriental. Esse tipo de vento é conhecido pela sua temperatura escaldante e cauterizante. Jonas chegou a um ponto tão crítico que pediu a Deus a morte, por Deus não ter matado os ninivitas.

Nesse momento Deus lembrou a Jonas que ele não havia feito nada para a aboboreira que lhe produzia sombra existir. Em um dia ela nasceu, e no outro dia morreu. E, Jonas estava inconformado pela morte da aboboreira, a quem ele não havia criado. Se os sentimentos de Jonas lamentavam pela morte de uma aboboreira que ele não havia criado, maiores ainda eram os sentimentos de Deus que criara os ninivitas e não iria mais destruí-los por se arrependerem.

Jonas estava mais comovido pelo seu prejuízo de uma aboboreira, do que pelo “prejuízo de Deus” de mais cento e vinte mil almas que haviam se perdido. O livro de Jonas termina com uma pergunta de Deus: “Tiveste compaixão da aboboreira que não te custou trabalho, e nem a fizeste crescer. Numa manhã ela nasceu, e numa noite pereceu. Mas em Nínive há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e entre a mão esquerda, e também muitos animais. Não

hei eu de ter compaixão desta grande cidade?”. O livro de Jonas termina sem uma resposta de Jonas para Deus.

Há também aqueles que aplicam uma visão tipológica a história de Jonas. Identificando Jonas como os judeus, pois a grande missão deles era declarar a verdade de Deus ao mundo, mas eles não o fizeram. O “grande peixe” é a Babilônia, que engoliu os judeus (levando-os para o exílio). O fato de Jonas ter sido vomitado de volta a terra representa o retorno dos judeus do exílio, e a insatisfação de Jonas com o arrependimento dos pagãos é um paralelo do espírito do Judaísmo em relação à igreja e os gentios.



Jônatas

Nome hebraico, significa “O Senhor tem dado”.

Foi o primeiro filho de Saul com Aquinoã. Jônatas é um dos seres humanos mais generosos e amáveis da Bíblia. Era um homem de coragem, sabedoria, lealdade e honra. Tinha potencial para ser um dos maiores reis de Israel, mas infelizmente, ele ficou preso entre o ódio e a paranoia de seu pai – o rei Saul, que estava enlouquecendo – e o carisma e popularidade de seu melhor amigo, o jovem herói Davi.

Nada sabemos sobre sua infância. Quando ele aparece pela primeira vez na Bíblia já é um adulto com capacidade para comandar tropas militares (1Sm 13). Jônatas foi um destemido e vitorioso jovem oficial do exército de Saul, hábil no manejo do arco, como todos os homens da tribo de Benjamim. “*O arco de Jônatas jamais hesitou*” (2Sm 1.22). Começou a destacar-se ainda no início do reinado de Saul, no ataque ao acampamento dos filisteus em Gibeá, terra natal de Saul, ao norte de Jerusalém. Dois mil israelitas sob o comando de Saul bloquearam a retaguarda do acampamento filisteu, enquanto Jônatas conduzia mil homens em um ataque frontal. Os filisteus reagiram com rapidez e voltaram para as montanhas com um numeroso exército compostos de carros e cavalaria, e ocuparam a cidade de Micmás, que ficava próxima.

Para piorar as coisas, os filisteus controlavam toda produção de ferro da Palestina, de modo que os israelitas tinham armas e armaduras totalmente inadequadas, enquanto que os filisteus possuíam o melhor do armamento de guerra da época.

Os soldados israelitas fugiram e Saul se viu em uma situação desesperada, restando-lhe apenas um grupo de seiscentos homens. Diante disso, Jônatas e seu escudeiro – sem que Saul soubesse – saíram às escondidas do acampamento e iniciaram um ataque repentino pela subida de um penhasco contra o acampamento dos filisteus, um dos atos de maior coragem no relato do antigo testamento. Jônatas acompanhado de seu escudeiro matou um pelotão de vinte homens filisteus e Deus acompanhou o feito de Jônatas com um terremoto e os filisteus fugiram tomados de pânico. Notícias exageradas desse ataque relâmpago se espalharam entre o exército filisteu, que entrou em desespero. Quando Saul soube que os filisteus haviam fugido, reuniu seus soldados e saiu em perseguição e pôs o exército filisteu para correr de um modo completamente caótico. A vitória foi de Jônatas, mas foi Saul quem levou todo o crédito por ela.

Durante o combate Saul ansioso pela vitória impôs de forma inconsequente e supersticiosa um juramento sobre o povo de que ninguém comeria nada até a noite, até que ele se vingasse dos seus inimigos (1Sm 14.27). Jônatas, sem saber da existência do juramento, comeu um pouco de mel que ele encontrou pelo caminho. Suas tropas contaram-lhe sobre o juramento, e ele respondeu que o juramento era insensato, pois os soldados precisavam de toda energia possível para liquidar os filisteus. Sua afirmação mostrou-se verdadeira no final do dia, pois ao fim do dia, quando o jejum pôde ser concluído seus soldados estavam tão famintos que chegaram a comer a carne dos animais ainda com sangue (o ritual para se matar e “purificar” adequadamente a carne era um processo que consumia muito tempo). Sem dúvidas, essa sim foi uma séria transgressão das leis dietéticas judaicas. Naquela noite, quando Saul consultou o oráculo do Senhor, ele não teve resposta. Culpou Jônatas por isso, porque ele havia quebrado o jejum, e teria matado Jônatas se não fosse a intervenção de seus soldados (1Sm 14.16-52). Bem provável que ao longo dos anos seguintes, Jônatas tenha participado de todas as outras vitórias de Saul contra os inimigos de Israel, incluindo os moabitas, amonitas e filisteus. Seu caráter, no entanto, é manifesto em uma outra guerra – a guerra pelo prestígio e popularidade entre seu pai e Davi.

Quando o jovem Davi foi levado à presença de Saul após ter derrotado Golias, Jônatas se encontrou com ele e “a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi. E Jônatas começou a amá-lo” (1Sm 18.1). Só entende esse sentimento quem ainda possui pureza no coração e consciência sobre o que é de fato uma amizade verdadeira desprovida de qualquer interesse humano. Jônatas não tinha nada a ganhar por sua devoção ininterrupta

a Davi, era o inverso, tinha tudo a perder. No entanto, num gesto impulsivo, Jônatas tirou sua armadura e a deu a Davi, junto com sua espada e seu arco. Nascia ali uma das amizades mais fortes e leais da Bíblia.

Enquanto a carreira militar de Davi prosperava, a paranoia de Saul chegava ao limite. Saul não só tinha medo de ser ofuscado pelo jovem herói, mas começou a imaginar de uma maneira doentia que Davi fazia planos para tomar o seu trono. Embora fosse verdade que o profeta Samuel havia ungido Davi como rei – Saul não sabia nada disso – Davi entendia perfeitamente que o seu destino era suceder Saul, e não tomar o seu lugar.

Saul incentivou Jônatas a matar Davi lançando sobre ele a sua lança. No entanto, Jônatas intercedeu com tanta eloquência e determinação em favor de Davi que Saul cedeu e permitiu que ele voltasse à corte. Na época Davi já havia se casado com Mical e provavelmente morava também ali. Logo depois disso, as suspeitas de Saul novamente dominaram sua razão, ele sofreu um ataque de melancolia e lançou sua lança contra Davi, que conseguiu se desviar a tempo. Diante disso, Davi foi forçado a fugir para Naiote, em Ramá, para salvar à sua própria vida (1Sm 19.9-18).

Reconhecendo que dessa vez o conflito poderia acabar em uma hostilidade militar declarada, Jônatas e Davi fizeram um pacto de amizade. Jônatas reconheceu que Davi seria o próximo rei de Israel, e pediu que Davi jurasse que teria misericórdia de sua casa. Através disso, eles renovaram o pacto de sempre proteger a posteridade de ambos (1Sm 20.12-17,42; 1Sm 23.16-18; 2Sm 9.1).

Quando Saul tomou conhecimento dessa aliança que havia entre Jônatas e Davi, quase matou o seu próprio filho, Jônatas, ao lançar contra ele uma lança (1Sm 20.32-33). Jônatas tentava reverter os maus intentos de seu pai contra Davi, mas mesmo assim, Davi tinha de permanecer exilado, pois Saul queria matá-lo. E a partir daquele momento Davi e Jônatas só se encontravam quando as circunstâncias o permitiam.

Jônatas era o oposto de Saul. Jônatas sempre foi um homem generoso, justo e completamente destituído de inveja. Em contraste com o espírito traiçoeiro de Saul, Jônatas era leal. A última vez que Jônatas e Davi se encontraram foi em Horesa, no deserto de Zife. Saul e seus homens estavam à procura de Davi para matá-lo, e Jônatas saiu às escondidas do acampamento e encontrou-se com Davi no deserto. Ele o incentivou dizendo: *“Meu pai não porá as mãos em você. Você será rei de Israel, e eu lhe serei o segundo no comando. Até meu pai sabe disso”* (1Sm 23.17).

No entanto, isso não acabou acontecendo. Jônatas morreu em uma grande batalha contra os filisteus no monte Gilboa, na qual Saul e outros

dois dos seus filhos – Abinadabe e Malquisua – também foram mortos. No dia seguinte, seus corpos foram roubados e expostos pelos filisteus em um muro em frente à praça pública de Bete-Seã (2Sm 21.12). Os homens de Jabes-Gileade, cheios de gratidão porque o rei Saul, no início do seu reinado, havia salvado a sua cidade, atravessaram o Jordão, invadiram Bete-Seã e recuperaram os corpos e os sepultaram em Jabes (1Sm 31; 1Cr 10.1-12; 2Sm 2.5-7). Quando Davi ficou sabendo das mortes lamentou profundamente. Mais tarde, depois que Davi se tornou rei da monarquia unida, em um ato honroso transferiu os restos de Saul e de seus filhos para a sepultura de Quis, pai de Saul, em Zela, no território de Benjamim (2Sm 21.12-14).

Apesar de estar em uma posição muito difícil, Jônatas permaneceu leal a Davi até aquele dia fatal, quando também provou sua devoção e lealdade para com seu pai morrendo com ele no monte Gilboa. Davi resumiu essa lealdade de Jônatas para com Saul quando escreveu: *“tanto na vida como na morte não se separaram”* (2Sm 1.23).

Jônatas teve um filho, cujo nome era Meribe-Baal (Mefibosete). Mefibosete tinha apenas cinco anos de idade quando aconteceu o massacre de Gilboa levando Jônatas à morte (2Sm 4.4). Davi foi fiel à sua palavra ao cumprir sua promessa para Jônatas em proteger sua descendência. Era costume naquela época matar qualquer membro da antiga família real que pudesse reivindicar o trono. Contudo, Davi chamou Mefibosete, o filho aleijado de Jônatas, na idade de doze anos, à corte real. Talvez mediante a isso o menino esperasse ser morto. Em vez disso, Davi restituiu-lhe todas as terras de seu pai e de seu avô e assumiu o compromisso de cuidar dele durante toda sua vida e deixou que ele continuasse a ser um membro honrado de sua corte.



Josafá

Nome hebraico, significa “O Senhor é juiz”.

Josafá foi o quarto rei de Judá de 873 a 849 a.C. – e sexto rei da linhagem real de Davi. Era filho do rei Asa, e foi corregente com seu pai por três anos, assumindo em 870 a.C., definitivamente o reino de Judá com a idade de 35 anos. Sua mãe era Azuba, filha de Sili. Josafá *“fez o que era reto aos olhos do Senhor”* (1Rs 22.43; 2Cr 20.32), e *“não buscou aos baalins. Antes*

buscou ao Senhor Deus de seu pai, e andou nos seus mandamentos, e não segundo as obras de Israel” (2Cr 17.3-4). O resultado foi a bênção pessoal e nacional, na forma de riqueza, honra e poder (2Cr 5.11-13).

O reinado de Josafá durou 25 anos e foi o auge da história de Judá. Josafá está entre os principais reis do Reino do Sul, ao lado de Josias e Ezequias. Foi o primeiro a estabelecer a paz entre os reinos de Judá e Israel, que viviam em conflito desde a ruptura nos dias de Roboão e Jeroboão. Isto se deu, em parte, graças ao casamento de seu filho Jeorão com Atalia, filha do rei Acabe de Israel. No entanto, embora tenha unido os dois reinos em uma aliança, mais tarde esse casamento viria a se revelar um verdadeiro desastre para Judá, inclusive abrindo as portas para a adoração a Baal no Reino do Sul, e trazendo outras inúmeras consequências para a vida espiritual, social e política de Judá (2Rs 8.27; 9.27; 10.14; 11.1-20; 2Cr 22.2-3).

No terceiro ano de seu reinado, Josafá conduziu algumas reformas religiosas para melhorar o bem-estar espiritual da nação, instruindo pessoalmente o seu povo a enviar os levitas e sacerdotes com os livros da lei para ensinar a lei de Deus nas cidades de Judá (2Cr 17.7-9). Nessa época, os filisteus e os árabes lhe pagavam tributos – os filisteus levam-lhe prata, e os árabes, milhares de carneiros e bodes (2Cr 17.10-11). Mais tarde, Josafá fortificou as cidades do seu reino (2Cr 17.12-19). Josafá também removeu os lugares altos e os postos sagrados de idolatria em Judá (2Cr 17.6), e fechou todos os templos religiosos onde se praticavam a prostituição (1Rs 22.46).

Em uma visita a Acabe, por volta de 853 a.C., Josafá foi convencido a fazer uma tentativa de recuperar Ramote-Gileade. Josafá, porém, resistiu à ideia de começar a campanha militar sem a aprovação de Deus (2Cr 18.4). Unânimes, os quatrocentos profetas de Acabe profetizaram vitória para Israel. Mesmo assim, Josafá não se convenceu, pois achava que os profetas de Acabe não passavam de bajuladores. Relutante, mandou chamar Micaías, filho de Inlá, que era conhecido por causa da veracidade e da precisão de suas profecias. Acabe odiava Micaías porque ele nunca profetizava algo bom ao seu respeito. A princípio, Micaías parecia concordar com os profetas da corte, mas, depois, profetizou a vitória dos assírios e a morte de Acabe (1Rs 22.13). A profecia se cumpriu! Acabe tentou se disfarçar, mas foi ferido na guerra (1Rs 22.30). Josafá, no entanto, saiu ileso e voltou para Jerusalém. No entanto, um profeta chamado Jeú, repreendeu severamente a Josafá pelo seu envolvimento com Acabe (2Cr 19.1-2).

Após esse tempo, a jornada real e militar de Josafá obteve excelentes resultados. Ele foi vitorioso em várias batalhas, incluindo o controle de

uma rebelião de moabitas. Josafá já havia sido bem-sucedido em uma tentativa de anexar Edom ao reino de Judá, e isto lhe deu o comando da rota das caravanas que viajavam para a Arábia – entre os portos do mar Mediterrâneo e do mar Vermelho – e lhe trouxe uma riqueza adicional (2Cr 17.5; 18.1). No entanto, ele sofreu um sério contratempo ao investir uma enorme fortuna numa parceria com Acazias, rei de Israel e filho de Acabe, na construção de um estaleiro em Eziom-Geber (próximo a Eilat), no golfo de Ácaba. O objetivo era construir uma frota de navios para buscar ouro em Ofir, cuja localização é desconhecida hoje em dia. Tragicamente, toda frota naufragou antes que pudessem navegar, supostamente por causa de uma terrível tempestade. Porém, Eliezer, filho de Dodã de Meresa, profetizou a Josafá, dizendo: *“Devido à aliança que fizeste com Acazias, destruiu o Senhor as tuas obras e despedaçaram-se as suas naus e não puderam ir a Társis”* (2Cr 20.37). Curiosamente, Eliezer sugere que esses navios iam para Társis. Se era próximo à Társis que Josafá e Acazias iriam buscar o ouro de Ofir não sabemos, mas uma coisa é certa: Deus quebra os navios de quem não lhe consulta. Em outros momentos Josafá havia consultado a Deus antes de suas decisões, nessa ocasião, infelizmente não havia buscado a aprovação divina. As naus de Josafá foram quebradas porque ele não buscou resposta em Deus para tal empreendimento e porque ele se aliou com uma pessoa errada, Acazias (I Re 22.49; II Cr 20.6). Após essa experiência, Josafá recusou quaisquer novas parcerias, provavelmente, por ter sido mais uma vez repreendido pelo Senhor, desta vez, por ter se unido a Acazias.

Próximo ao final de seu reinado, os amonitas, os edomitas e os moabitas uniram forças para invadirem Judá cruzando a região do mar Morto em direção a En-Gedi. Josafá proclamou um jejum, buscou ao Senhor e acatou as palavras do profeta Jaaziel, não se precipitando, mas acalmando-se e contemplando a salvação do Senhor ao seu favor (2Cr 20.15). Josafá saiu de encontro ao inimigo, levando à sua frente os cantores que louvavam ao Senhor Deus de Israel em alta voz. A vitória foi alcançada sem combate. Na confusão causada pelos cânticos de louvor de Judá, os inimigos começaram a se atacar uns contra os outros, até se destruírem mutuamente (2Cr 20.1-30).

Nos últimos cinco anos do seu reinado, Josafá teve seu filho Jeorão reinando junto com ele (2Rs 8.16; 1.17). Josafá morreu aos sessenta anos, honrado e amado por seu povo. Flávio Josefo comparou seu reinado ao de Davi. Infelizmente, o seu filho Jeorão, não foi um bom rei. Josafá foi sepultado na cidade de Davi (1Rs 22.50). Seu nome aparece na genealogia de Jesus (Mt 1.8).



José

Nome hebraico, significa “Que Deus acrescente”.

José foi o décimo primeiro filho de Jacó, e primeiro filho com sua esposa favorita, Raquel. O nascimento de José foi um sinal do fim da esterilidade de Raquel. Raquel deu a José este nome porque dizia: “que ele [Deus] possa acrescentar [outro filho]” (Gn 30.24), expressando o seu desejo de ser mãe mais uma vez. Infelizmente, quando este “outro filho” veio, Raquel acabou morrendo no parto. Este menino chamou-se Benoni, “filho da minha dor”, e Jacó trocou o seu nome para Benjamim, “filho da minha mão direita” (Gn 35.18).

José nasceu em Padã-Arã, na Mesopotâmia, na época em que Jacó ainda trabalhava para Labão, seu sogro. Provavelmente, José viveu de 1680 a 1570 a.C. Ele acabou se tornando o filho favorito de Jacó, e parece que o velho patriarca não fazia esforços para esconder isso, pois lhe deu uma túnica colorida de mangas longas. Esse presente indicava que Jacó pretendia fazer de José o seu principal herdeiro e, com isso, acirrou a ira de seus irmãos contra José (Gn 37.4). As constantes referências a essa túnica, mostram que ela havia se tornado um símbolo do ódio dos irmãos para com José. Isso porque ela sempre os fazia lembrar-se da posição que eles ocupavam em relação a José.

A vida de José é contada nos capítulos 37 a 50 do livro de Gênesis—que corresponde a aproximadamente um terço desse livro. Sua história começa a ser contada quando ele tem dezessete anos de idade. Nessa época eles moravam em Hebrom. Na fogueira de ódio dos seus irmãos, foi colocado mais um pouco de lenha quando José relatou os dois sonhos que tivera com eles. Em um dos sonhos, todos eles tinham feixes de trigo, e os feixes dos dez irmãos mais velhos se juntaram ao redor do feixe de José e se curvaram diante dele (Gn 37.5). Essa informação do sonho é interessante, pois revela que a família de Jacó não era apenas formada de pastores de ovelhas itinerantes, mas também de plantadores e agricultores, o que exigia que eles se estabelecessem em algum lugar fixo. Em outro sonho, o sol, a lua e onze estrelas se curvaram diante de José (Gn 37.9). Aparentemente, Jacó não gostou desse último sonho (Gn 37.10). Isso porque, até ele também estava no sonho, sendo representado pelo “sol”. Este sonho sugeria que Jacó também seria subserviente de José em algum momento. No fim, aquela profecia em forma de sonho acabou se cumprindo.

No entanto, o ciúme dos irmãos os levaram a tomar uma atitude radical contra José. Quando José foi enviado para supervisionar o trabalho de seus irmãos, em Siquém, não os encontrou ali, mas um homem o informou que seus irmãos haviam ido para Dotã, e lá José os encontrou apascentando os rebanhos. Há uma providência extraordinária de Deus aqui. A distância entre Hebrom e Siquém, são aproximadamente mais de 80 quilômetros. E de Siquém a Dotã são 17 quilômetros ao norte. Entretanto, Deus os levou a Dotã, pois devido ao seu grande abastecimento de água, Dotã era rota das caravanas que se dirigiam ao Egito. Ou seja, se os irmãos de José tivessem tentado matá-lo em Siquém, provavelmente ali não haveria um meio de ele seguir em direção ao lugar onde Deus o estava esperando. Deus estava no controle de toda aquela situação.

Quando seus irmãos o viram, disseram em uníssono: “Eis que chega o tal sonhador. Vinde, matemo-lo, e veremos o que acontecerá com seus sonhos” (Gn 37.19-20). Entretanto, foram dissuadidos por Rúben, o filho mais velho, que chegou após a decisão tomada (Gn 37.21-22). Rúben convenceu seus irmãos a jogarem José numa cisterna vazia, pois pensava resgatá-lo na sequência.

Eles arrancaram de José o símbolo do seu favoritismo – a túnica colorida – e sem o consentimento de Rúben, venderam José para uma caravana de comerciantes ismaelitas que passava em direção ao Egito (Gn 37.25-28). Numa reviravolta irônica, a vestimenta que representava o favoritismo de Jacó por José foi encharcada com o sangue de um cabrito e apresentada ao velho patriarca como um sinal de que seu filho amado havia sido morto por animais selvagens. A ironia maior é que foram os próprios irmãos de José que agiram como esses “animais selvagens” projetando a morte do jovem sonhador. No entanto, esse é um exemplo de como Deus utiliza momentos críticos para gerar coisas extraordinárias. Aquele ato de brutalidade dos irmãos de José mudou para sempre a história do Oriente Médio.

A partir desse momento, a vida do jovem sonhador se tornou uma sequência bem-aventurada de fatos, e duas palavras vão ser constantemente usadas para demonstrar os acontecimentos da vida de José: “mão” (*yod*) e “prosperar” (*tsalach*).

No Egito, Potifar – que era capitão da guarda de Faraó – comprou-o das mãos dos vendedores de escravos (Gn 39.1). O Senhor estava com José (Gn 39.2), de maneira que Potifar percebeu a prosperidade que alcançou sua casa por meio da gestão do jovem rapaz. Como resultado,

Potifar colocou tudo o que possuía “nas mãos de José” (Gn 39.4). E, mediante esta decisão, Potifar prosperou ainda mais.

A Bíblia diz que José era de “belo porte e tinha um rosto bonito” (Gn 39.6). A esposa de Potifar sentiu-se atraída por José e procurava continuamente seduzi-lo (Gn 39.10). José, no entanto, embora estivesse longe de seu lar e de sua família, sabia que não estava longe do seu Deus, e permaneceu fiel ao seu Senhor e a Potifar, não aceitando as propostas daquela mulher, por ser perversidade contra Deus. As tentativas de sedução continuaram até que, em certo dia, quando não havia ninguém em casa além de José e a esposa de Potifar – provavelmente ela mesma providenciou a saída de todos os seus empregados a fim de alcançar seus propósitos – ela o agarrou pela roupa. No entanto, José resistiu firmemente à sua tentativa e fugiu, deixando a roupa nas mãos de sua senhora que, mortificada e furiosa, vingou-se chamando os criados. Para eles – e para o marido mais tarde – ela afirmou que José tinha tentado agarrá-la, fugindo quando ela gritara por socorro. Estranhamente, José não foi de pronto executado pela alegada investida. Na cultura egípcia antiga, uma acusação deste nível levaria o escravo diretamente a uma condenação à morte. Curiosamente, José foi apenas preso. Ou porque Potifar estimava muito a José, ou porque, de fato, Potifar conhecia a mulher com quem tinha casado.

Mais uma vez, uma peça de roupa de José fora usada em um falso testemunho que provocaria uma reviravolta na vida do preferido de Jacó. Novamente, ele era prisioneiro (Gn 39.20). No entanto, também desta vez “o Senhor era com ele” (Gn 39.21), de maneira que José encontrou favor diante de seu novo superior (Gn 39.21,4). José conquistou a confiança do carcereiro de tal maneira que todas as tarefas da prisão ficaram “nas mãos” dele (Gn 39.22). E novamente o texto nos diz que o Senhor fez com que ele “prosperasse” (Gn 39.23). Não importava em que “mãos” a vida de José estava colocada, no final, era sempre a mão de Deus que o livrava e o fazia prosperar!

Quando estava na prisão, José entrou em contato com funcionários da corte real e interpretou os sonhos que o copeiro do rei e o padeiro da palácio tiveram em uma mesma noite. Da forma que José interpretou os sonhos deles, assim sucedeu. O copeiro foi perdoado e reintegrado ao cargo e o padeiro foi executado. José tinha vinte e oito anos nessa época, e ainda permaneceu preso por mais dois anos.

Quando José tinha trinta anos de idade, Faraó teve um sonho que ninguém conseguiu interpretar. O copeiro se lembrou da interpretação

do seu sonho feita por José, e então, ele foi convidado à corte do rei. Antes de comparecer à presença do Faraó, no entanto, José se barbeou, banhou-se e colocou vestes novas (Gn 41.14).

Os sonhos do Faraó incluíam sempre o rio Nilo, o gado que pastava ao longo das suas margens e os grãos que fizeram daquele país o celeiro do mundo Mediterrâneo. A interpretação de José indicava que sete anos de fartura seriam seguidos por sete anos de escassez. José então sugeriu que deveriam ser feitas provisões para os anos ruins recolhendo-se um quinto de toda a produção obtida nos anos de abundância. O rei, impressionado com a sabedoria com a qual Deus havia abençoado José, o nomeou como superintendente sobre todo o reino (Gn 41.39). O segundo em autoridade sobre todo o Egito (Gn 41.39-44). Esta função é bastante conhecida graças a alguns documentos encontrados no Egito e, no antigo Oriente, o seu ocupante recebia o título de vizir. O vizir era o principal funcionário administrativo da corte, e ele era encarregado do tesouro, da justiça e da execução de todos os decretos reais (função hoje comparada a de um primeiro-ministro). Numa reviravolta completa de sua sorte, o jovem hebreu descobriu que todo o reino do Egito estava em suas mãos – o que ficou evidente pelo anel que ele passou a usar, dado pelo próprio Faraó (Gn 41.42).

Vale a pena sabermos que não era um costume egípcio conceder um cargo semelhante a este a um semita. Somente egípcios assumiam cargos na corte egípcia. A grande questão é que a época em que José governou sobre o Egito, o país era governado por faraós hicsos, e não por faraós egípcios. Os hicsos eram uma tribo semita violenta. Vindos da Ásia, invadiram e conquistaram o Egito no século 17 a.C. – em aproximadamente 1750 a.C. – e governaram até aproximadamente 1550 a.C., quando então, uma dinastia de faraós egípcios novamente tomou o poder. Isso explica por que eles, sendo semitas, estariam dispostos a colocarem um estrangeiro – José – em uma posição tão elevada quanto esta de grande autoridade do governo – o que seria inviável em uma dinastia de faraós egípcios no Egito. Isso explica o porquê de ter surgido um “novo Faraó que não conheceu a José” (Êx 1.8). Ele era justamente o primeiro de uma nova dinastia de egípcios que, após a expulsão dos hicsos, subjugou a todos os aliados desta dinastia, inclusive os hebreus. Uma outra evidência clara dessa ideia é que os israelitas também residiram na planície de Tanis, que era chamada de “campo de Zoã” (Sl 78.12), e essa era a capital hicsa no Egito.

Comparando a data aproximada da morte de José (1770 a.C.), com a data do fim da dinastia hicsa (1750 a.C.), podemos concluir, que após a morte de José os hebreus ainda tiveram 20 anos de paz e conforto, antes da nova dinastia assumir o trono e surgir “um novo Faraó que não conheceu a José”.

José, quando assumiu o cargo de governador do Egito, também recebeu um novo nome: Zafenate-Paneia, que aparentemente significa: “Deus fala e está vivo”. Junto com o novo nome, José recebeu também uma esposa, Asenate, filha de Potífera (e não de Potifar), sacerdote de Om (Gn 41.45). Durante os sete anos de fartura, nasceram-lhes dois filhos: Manassés e Efraim. Então José pôde dizer com gratidão: “Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos e... me tornou próspero na terra da minha aflição” (Gn 41.51-52).

No fim dos sete anos, José havia armazenado alimento suficiente para a nação atravessar uma grande fome e, no ano seguinte, sua interpretação se cumpriu: as colheitas por todo o Egito foram fracas e continuaram assim pelos próximos sete anos. No entanto, por causa da prudência de José, não faltou nada no Egito. Como, porém, a escassez continuava, José começou inteligentemente a trocar grãos por animais e terras, de forma que o trono egípcio se tornou o dono de todas as propriedades do Egito, com exceção das terras que pertenciam aos sacerdotes egípcios (Gn 47.20-22). José, então, começou a executar um programa de reforma agrária: terras e sementes foram distribuídas gratuitamente aos camponeses, e estes entregavam ao Faraó, como imposto, um quinto de suas colheitas, ficando com o restante para as suas próprias necessidades.

Vale a pena lembrarmos que aquela seca e a fome afetaram não somente o Egito, mas todo o Oriente Médio, inclusive a região onde morava Jacó e sua família. A tribo de José não era formada apenas de sua família, mas, possivelmente, possuía também dezenas de empregados e servos. Jacó não era um asceta itinerante. Era o equivalente a um xeique beduíno rico. No entanto, uma vez que as colheitas estavam ruins, o pasto também ficou ruim, por isso não havia trigo para o povo comer e certamente os rebanhos também começaram a padecer, assim como as “vacas do sonho” haviam padecido.

Então, eles ficaram sabendo que havia muita comida no Egito (Gn 42). A tribo era grande, mas não era pobre, por isso Jacó decidiu enviar seus filhos com dinheiro ao Egito para comprarem trigo. Por precaução, Benjamim ficou para trás. Afinal, ele era o único filho de Raquel que Jacó pensava que estava vivo, e Jacó o amava na mesma medida como havia amado José.

Quando chegaram ao Egito, tiveram que procurar o governador – que lhes foi apresentado como Zafenate-Paneia e não como José – para comprar trigo. Fazia vinte anos que eles o haviam visto pela última vez. A última recordação que eles tinham de José era a de um menino de dezessete anos, machucado e todo ensanguentado por causa dos maus-tratos que havia recebido dos seus irmãos. Quando viram o oficial egípcio de alta posição, que usava o anel sinete de Faraó, a maquiagem tradicional que os oficiais egípcios usavam e o colar de ouro de autoridade, os irmãos não reconheceram nele o menino franzino que quase haviam matado no passado.

No mesmo instante, José reconheceu seus irmãos, mas não se revelou a eles. Pelo contrário, começou um jogo complicado que tinha por objetivo forçá-los a confrontar a culpa pelo modo como o haviam tratado. Ele os acusou de serem espiões, jogou-os na prisão por três dias e submeteu-os a um duro interrogatório durante o qual eles admitiram que havia outro irmão, Benjamim. Nesse meio tempo que eles ficaram como reféns, eles discutiram entre si em sua própria língua, sem saber que o governador que lhes havia falado através de um interprete, era capaz de entender o que eles diziam. Quando os irmãos se perguntaram se aquela situação que estavam vivendo no Egito não seria devido à maldade que haviam feito a seu jovem irmão há tantos anos, José teve de se afastar para ocultar seus sentimentos (Gn 42.21-24).

José finalmente concordou em vender-lhes trigo com a condição de que deixassem um dos irmãos como refém, fossem para casa, e voltassem com Benjamim. Simeão foi escolhido para ser deixado para trás. José então ordenou aos guardas que devolvessem o dinheiro, escondendo-o secretamente nas bagagens deles com trigo. A caminho de casa – quando descobriram o dinheiro – eles ficaram apavorados. Perceberam que estavam envolvidos em algo que não conseguiam entender e acharam ser um castigo de Deus (Gn 42.28).

Quando eles chegaram em casa, Jacó ficou perturbado com a exigência do governante egípcio (ele ainda não sabia que era José) e se recusou a arriscar a vida de Benjamim, acreditando por certo que Simeão já estava morto. No entanto, à medida que a fome aumentou, ele teve de ceder. Por fim, enviou seus filhos, incluindo Benjamim, de volta para o Egito. Jacó lhes disse sabiamente para levarem de volta o dinheiro encontrado nas bolsas e mandou um presente para o senhor egípcio: “um pouco de bálsamo, um pouco de mel, alcatira e ládano, pistácias e amêndoas” (Gn 43.11).

Quando chegaram, eles ficaram surpresos por não serem recebidos como inimigos, mas como convidados de honra. Foram tratados como reis, bebendo vinho e jantando no palácio de José. Quando entregaram a José o presente enviado por Jacó e lhe apresentaram Benjamim, José teve de deixar a sala novamente para que eles não vissem suas lágrimas. José mandou servir aos irmãos porções escolhidas de sua própria mesa, sendo a maior para Benjamim, e depois eles foram enviados de volta para casa não só com o trigo solicitado, mas também com grande honra. Entretanto, José novamente ordenou ao administrador que devolvesse secretamente o dinheiro e escondesse sua taça de prata na bagagem de Benjamim.

Assim que passaram pelo portão da cidade, os irmãos foram detidos pelos guardas do palácio e acusados de roubar o seu anfitrião de maneira ingrata. Certos de que eram inocentes, eles se ofereceram como escravos se qualquer prova fosse achada. O guarda disse que somente o ladrão se tornaria escravo. A busca tensa começou pela bagagem de Rúben, encerrando-se com a bagagem de Benjamim. Quando a taça de José foi encontrada na bagagem de Benjamim, aterrorizados, os irmãos voltaram e se prostraram diante de José, cumprindo, assim, seu sonho. Imploraram pela misericórdia de José, dizendo que o pai era idoso e morreria se algo acontecesse com Benjamim, seu querido filho caçula.

Por fim, José ficou tão emocionado que dispensou todos os seus servos e se revelou aos seus irmãos, dizendo-lhes que Deus o havia enviado à frente deles para preparar-lhes uma futura sobrevivência (Gn 45). José, em uma explosão de emoção represada, chorou tão alto que todos os egípcios o ouviram (Gn 45.2). José lhes disse que haveria ainda mais cinco anos de fome, e os enviou para casa a fim de que trouxessem Jacó e toda a sua família para viverem no Egito. Além disso, José viu a mão de Deus em sua trajetória, e entendeu que o Senhor o havia escolhido com a finalidade de preservar o início da nação de Israel (Jacó e sua família) através de sua pessoa (Gn 45.7-8; 50.20). Ou seja, José entendia que o que Deus havia feito por ele, não fez por causa dele apenas, mas sim, para que através dele Israel fosse preservado. Deus usou José como agente primário no cumprimento desta promessa.

Enquanto isso, Faraó ficou tão comovido com esta história que enviou, com generosidade, presentes para Jacó e prometeu: “Eu lhes darei o melhor da terra do Egito e vocês poderão desfrutar a fartura desta terra” (Gn 45.18). Arranjos foram feitos para a vinda de Jacó e carruagens foram fornecidas, juntamente com provisões para a viagem (Gn 45.21).

O objetivo era garantir a segurança no trajeto para o Egito do velho patriarca que na época tinha 130 anos de idade (Gn 47.8-9).

Quando Jacó soube que seu filho José estava vivo, exclamou: “Basta! José, meu filho, ainda está vivo! Que eu vá vê-lo antes de morrer” (Gn 45.28). Jacó e sua família foram para o Egito e se estabeleceram na terra de Gósen, uma região fértil no delta do Nilo, que era, na verdade, a melhor parte do país (Gn 45.16-20). Eles foram com a benção de Deus, e sob uma promessa que Deus havia feito: “Não tenham medo de descer ao Egito, porque lá farei de vocês uma grande nação. Eu mesmo descerei ao Egito com vocês e certamente vos trarei de volta” (Gn 46.3-4).

José veio encontrar-se com todos em Gósen, onde se deu um emocionado reencontro entre o idoso patriarca e seu filho sonhador. Em sua velhice, Jacó deu a sua benção patriarcal aos dois filhos de José, mas, a principal ele a deu ao mais moço, Efraim (Gn 48.13). Ambos se tornaram tribos de Israel, garantindo que o número das tribos ainda fosse doze quando os descendentes de Levi se tornaram o sacerdócio hereditário e não puderam mais ocupar o território de uma tribo.

Depois da morte de Jacó, os irmãos de José ficaram temerosos de que ele poderia tentar se vingar deles, mas, novamente foram assegurados de que Deus em sua providência havia planejado tudo isso somente para o bem. Com isso, podemos observar claramente o sensível e misericordioso caráter de José pela segurança que deu aos irmãos, mostrando que os havia perdoado e estava preocupado com o bem-estar deles.

José viveu ainda para conhecer os seus bisnetos e morreu no Egito com a idade de 110 anos. Ele foi mumificado (embalsamado) e colocado em um sarcófago de madeira para múmias (Gn 50.26). José, no entanto, havia pedido que quando os israelitas deixassem o Egito, levassem consigo os seus ossos (Gn 50.25). Isso foi fielmente atendido por Moisés na época do Êxodo (Êx 13.19). E os ossos de José foram sepultados em Siquém, em um pedaço de terra que anteriormente Jacó havia adquirido (Js 24.32; Gn 33.18-20).

Como José, provavelmente, fez parte da época do governo dos hicsos, o seu nome não é encontrado nos registros egípcios. Entretanto, é interessante observar que o nome “José-El” aparece como o nome de um lugar palestino na relação das cidades conquistadas pelo Faraó Tutmósis III.



Josias

Nome hebraico, significa “Que Jeová conceda”.

Josias foi rei em Judá por 31 anos, entre 640 a 609 a.C. Seu avô, o perverso rei Manassés, reinou por 55 anos, perseguiu as pessoas piedosas e reprimiu a verdadeira religião e a adoração a Deus. Seu pai, Amon, governou apenas dois anos, dando continuidade às práticas malignas de Manassés. Seu reinado foi interrompido por intrigas na corte que culminaram com o seu assassinato (2Rs 21.24). O anterior desgoverno de seu pai e seu avô foi corrigido por Josias. Isso nos ensina que em nossa vida temos a oportunidade de corrigir os erros que os nossos antepassados cometeram. Erros que foram cometidos no histórico de nossas famílias podem ser abolidos em nós.

Em meio a essa difícil época de apostasia, Josias assumiu o trono com apenas oito anos de idade. Foi o décimo sétimo rei de Judá. Enquanto jovem, teve como seu conselheiro o sumo sacerdote Hilquias, a quem ele ouvia atentamente. Esses conselhos cooperaram para que Josias ao longo de sua infância e adolescência despertasse o desejo de conhecer ao Senhor, e isso fez com que *“Josias, no oitavo ano do seu reinado [com 16 anos de idade] começou a buscar o Senhor”* (2Cr 34.3). Nesse período, Deus começou estabelecer Josias como um reformador em Judá. Despertando o povo para voltar-se para Deus.

Quatro anos depois, quando Josias tinha a idade de 20 anos, começou a purificar a Judá e a Jerusalém, destruindo os altares idólatras, os bosques de sacrifícios pagãos e reduzindo as imagens de escultura e de fundição a pó. Até os ossos dos sacerdotes que haviam praticado sacrifícios pagãos também foram consumidos sobre os seus altares. Com isso, Josias estava declarando que aqueles que haviam instituído e praticado o pecado seriam consumidos e reduzidos a nada juntos com o pecado.

Essa iniciativa de Josias foi tão bem-sucedida que, sendo ele rei em Judá, até em Israel foram removidos todos os altares e lugares onde era praticada a idolatria (2Cr 34.7). Josias havia entendido que o desejo de Deus é que o seu povo viesse a se unir para combater o pecado, e promover a santidade ao Senhor, independente de serem de “Judá ou Israel”.

No entanto, foi no décimo oitavo ano de seu reinado, aos 26 anos de idade, que Josias realizou o principal feito de seu reinado. Depois de já haver purificado a terra e as casas, Josias *“enviou a Safã, filho de Azalias, a Maaseias, maior da cidade e a Joá, filho de Joacaz, para repararem a Casa do Senhor”* (2Cr 34.8). Junto com eles estava Hilquias, sumo sacerdote. En-

quanto limpava uma parte danificada do templo, Hilquias encontrou um livro antigo da lei, que segundo os historiadores e alguns mestres nas tradições, era o volume completo ou parte do livro de Deuteronômio. Os livros sagrados haviam sido, em geral, destruídos e postos longe do alcance de todos durante a apostasia e perseguição que celebrizaram o longo reinado do ímpio Manassés (2Rs 21.16; 2Cr 33.9). O livro encontrado teria sido algum exemplar da lei para uso do templo, e que havia sido escondido, ou talvez atirado para algum canto, quando se deu a profanação do santuário.

Quando Safã leu o livro para Josias, o rei rasgou as suas vestes e chorou, um gesto tradicional que significava lamento ou grande calamidade. O que mais constrangeu o rei foi que o povo não havia vivido de acordo com os mandamentos do Senhor que estavam escritos no livro, e o livro prenunciava a destruição de Judá por causa dos pecados do povo. Josias havia percebido que aquele texto, por mais antigo que fosse, não havia deixado de ser atual.

A leitura do livro da lei foi tão importante que deu início a uma segunda empreitada contra a idolatria e, desta vez, mais forte do que a primeira. Josias enviou uma comissão à profetisa Hulda, a qual profetizou que, por causa da reação devota e sincera de Josias para com a lei do Senhor, Deus não permitiria que ele visse a destruição de Jerusalém. Judá seria destruída, mas Deus a recolheria antes (2Cr 34.23 em diante). Aquilo, porém não fora suficiente para Josias. Ele reuniu todos os sacerdotes e líderes de Judá e leu todo o livro para eles, exigindo que jurassem lealdade às palavras do livro e seguissem seus mandamentos.

Como prova de que essa segunda empreitada de Josias contra a idolatria foi mais forte que a primeira, o jovem rei, em seguida, reinstalou a observância da festa da Páscoa e, com seus próprios rebanhos e gados, proveu para todo o povo os animais ritualmente aceitáveis para o sacrifício ao Senhor (2Cr 35.7). Feito isto, ordenou a celebração da Páscoa em honra ao Senhor, com tal solenidade, como não se tinha visto desde os tempos de Samuel.

Os próximos 13 anos da vida de Josias passaram despercebidos pelo caminho da história. Quando celebrou a Páscoa tinha 26 anos de idade. A Bíblia só volta a narrar sua história nos idos de seus 39 anos, por ocasião de sua morte na batalha de Megido, em 609 a.C.

Durante esse período, a Assíria estava ruindo por causa de suas guerras civis, e Nabopolassar estava transformando a Babilônia em um reino poderoso que estava tomando conta de parte da Mesopotâmia. Ao mesmo tempo, o Egito também se fortalecia, e isso predisse de forma definida, o fim do império assírio, que os babilônios não demoraram a

derrubar. Porém, o Egito, procurando evitar a extinção final da Assíria, por temer o inimigo comum, a Babilônia, aliou-se aos assírios e foi fazer guerra contra Carquemis. Conseqüentemente, à medida em que a Assíria declinava, aumentava a independência de Josias e de seu reino em Judá.

Nessa investida do Faraó Neco II contra Carquemis, Josias o interceptou. Neco II tentou convencê-lo de que não tinha planos de pelejar contra Judá e que Deus o havia ordenado a dizer para Josias que ficasse fora do caso. Josias não acreditou na palavra do Faraó Neco II, colocou um disfarce e foi com suas tropas de guerra contra eles. Tragicamente, Josias foi atingido por uma flecha, e foi levado de volta para Jerusalém, onde faleceu. Uma morte desnecessária, por assim dizer.

Podemos tirar algumas lições desse episódio. Primeira, Deus nunca abençoará alguém que tenta mostrar ser quem não é, usando um “disfarce”. Segunda, aprendemos também que, talvez Josias tenha julgado a si mesmo como sendo tão “próximo de Deus”, que Deus não falaria com ele através de outra pessoa (Faraó Neco II). Terceira, aprendemos com a morte de Josias sobre o cuidado que precisamos ter para não entrarmos em guerras que não são nossas. O Diabo sempre tenta nos envolver em guerras erradas. Josias, por um instante, ficou “cego” e não percebeu o perigo que estava correndo desnecessariamente em uma guerra que não era dele. Perdeu a vida em uma guerra desnecessária. Podia ter feito mais, gerado mais, conquistado mais. Porém, envolveu-se em uma guerra que não era sua e abortou o futuro de sua história.

Alguns eruditos, acreditam também que é possível que a morte de Josias tenha ocorrido em resultado de seu desejo de obter uma independência ainda maior do que qualquer nação estrangeira – vencendo o Faraó Neco II – na esperança de consolidar seu reinado, e alcançar o Egito – o que revela uma certa ambição.

Entretanto, as reformas instituídas por Josias foram mais profundas que as do rei Ezequias, apesar de terem ocorrido tarde demais para impedir o desastre nacional de Judá. Josias foi o último rei bom de Judá, antes da destruição de Jerusalém e do cativeiro da Babilônia. O melhor tributo lhe é rendido em 2 Reis 23.25: *“E antes dele não houve rei semelhante, que se convertesse ao Senhor com todo o seu coração, e com toda a sua alma, e com todas as suas forças, conforme toda a Lei de Moisés, e, depois dele, nunca se levantou outro tal”*.



Josué

Nome hebraico, significa "O Senhor é salvação".

Josué foi o sucessor de Moisés na liderança do povo de Israel na época da conquista de Canaã. Seu nome original era Oseias (Nm 13.8). O nome Oseias significa *salvação*, enquanto que Josué significa *O Senhor é salvação*. O nome dele foi trocado por Moisés como um sinal de reconhecimento de que todas as suas futuras vitórias dependeriam de que Deus lutasse por ele em suas batalhas, pois, "o Senhor seria a sua salvação".

Josué era filho de Num, da tribo de Efraim (Nm 13.8), e tinha mais de 40 anos quando deixou o Egito. O nome de Josué aparece pela primeira vez em um contexto militar. Foi numa batalha travada pelos hebreus depois que saíram do Egito em Refidim. Os amalequitas ameaçavam os israelitas. Quando a batalha começou, Moisés, Arão e Hur foram para o alto de uma colina para observá-la. Enquanto Moisés mantinha as mãos erguidas, Josué vencia, e quando ele as abaixava, os amalequitas prevaleciam. Arão e Hur, então mantiveram os braços de Moisés erguidos até o pôr-do-sol, quando os amalequitas foram destruídos pelo exército Israelita de Josué (Êx 17.8-16). A tarefa de Josué não era nada fácil. Ele tinha que selecionar um exército – composto de um grupo de ex-escravos que não entendiam nada de guerra – e batalhar com eles. No entanto, com a ajuda de Moisés, Arão e Hur, eles venceram o exército inimigo. A maioria dos eruditos concorda que é bem provável que Josué tivesse sido um soldado profissional, treinado no Egito pelo exército de Faraó, pois dificilmente um escravo hebreu entendia de estratégias militares de guerra. Um argumento a favor dessa ideia é o fato de Moisés ter considerado Josué suficientemente experiente em combates para apontá-lo como líder da defesa de guerra de Israel.

Josué também foi um dos doze espias enviados para sondar Canaã durante 40 dias (Nm 13.16). Foi escolhido para ser o representante da tribo de Efraim (Nm 13.8). Ser escolhido como um dos doze espias deu-lhe a oportunidade de aprender, em primeira mão, sobre a natureza dos moradores de Canaã e sobre a topografia daquela terra. Sem dúvidas, esta informação tornou-se importantíssima quando chegou a hora de planejar a campanha de conquista de Canaã. No entanto, dez dos doze espias voltaram com um resultado negativo, dizendo que seria impossível o povo conquistar a terra. Somente Josué e Calebe confiaram em Deus e disseram que o lugar era possível de ser conquistado. Por causa dessa postura de fé, Josué e Calebe foram os únicos homens da nação israelita daquela época que viveram

a promessa de entrar na terra prometida e receber uma herança ali (Nm 14.6,30,38; 26.65; 32.12; Dt 1.34-40). Quanto aos dez espias – que fizeram murmurar toda a congregação contra o Senhor – Deus enviou uma praga e matou todos eles (Nm 14.36-37). Quanto à nação, foram condenados a 40 anos de peregrinações que terminaram em morte no deserto – um ano para cada dia que os espias estiveram em Canaã.

Durante aquele ano, no monte Sinai, Moisés passou a considerar Josué como o seu “moço”. Josué passou a servir como auxiliar direto de Moisés, e foi a única pessoa autorizada a subir com ele o Sinai quando a lei foi revelada (Êx 24.13; 32.17) e a acompanhá-lo quando ele ia à tenda da congregação onde encontrava e ouvia o Senhor (Êx 33.11).

Esse foi um fator decisivo para consolidar o papel de Josué como sucessor de Moisés na liderança do povo israelita. Essa sucessão foi registrada oficialmente em Números 27.18-23. A passagem narra que Moisés impôs publicamente as mãos sobre Josué e compartilhou o espírito de sabedoria com ele (Nm 27.18-23; Dt 34.9). As responsabilidades de Josué determinavam a sua permanência diante do sumo sacerdote Eleazar, o qual discerniria a vontade de Deus por meio do uso do Urim. Incluía também a liderança do povo de Israel e o comando das forças militares israelitas. Juntos Josué e Eleazar receberam instruções concernentes à distribuição das terras do lado oriental do Jordão, entre as tribos (Nm 32).

Quando Moisés e Josué se dirigiram à porta da tenda, Deus comissionou Josué de uma forma direta (Dt 31.14-15,23), e todo o Israel percebeu que Josué era o escolhido de Deus para suceder Moisés. Ou seja, Moisés não escolheu o moço sozinho. Josué era uma escolha principalmente de Deus. Seu comando, no entanto, foi como o de um líder ou chefe militar, enquanto o de Moisés havia sido o de um chefe tribal.

Deus deu ordens a Moisés para “*fortalecer*” Josué (Dt 1.38) e “*encorajá-lo*” (Dt 3.28). Depois, pela boca do próprio Deus, Josué ouviu a confirmação das palavras de Moisés, quando Deus falou com ele usando as mesmas palavras que Moisés dissera: “*Esforça-te, e tem bom ânimo*” (Js 1.6-9).

Depois da morte de Moisés, Josué e o povo de Israel acamparam a leste do Jordão. Dois imensos problemas estavam diante de Josué: atravessar o rio Jordão que estava transbordando e vencer os temidos adversários cananeus. Ele enviou dois espias para fazer o reconhecimento da fortaleza de Jericó e ordenou-lhes que mantivessem a missão em segredo caso seu relatório pudesse desencorajar o povo, como os dez espias da época de Moisés haviam feito (Js 2). Deus, no entanto, deu-lhe

vitória sobre os dois obstáculos, enchendo de terror os habitantes de Jericó (Js 2.9-11) e interrompendo o curso das águas do Jordão.

Curiosamente, repetiram-se na vida de Josué algumas experiências que Deus havia proporcionado a Moisés. Muitas das atividades que Josué desempenhou eram como um espelho das ações anteriores do grande legislador: Assim como Moisés, Josué também enviou “espias” para investigar a terra prometida (Nm 13; Js 2); Assim como Moisés, liderou o povo através de uma imponente corrente de água, que se abriu miraculosamente diante deles (Êx 13.17 a 15.21; Js 3 e 4); Assim como Moisés, testemunhou a circuncisão de todos os israelitas (Êx 4.26-28; Js 5.2-9); Assim como Moisés, também celebrou a Páscoa em Israel (Êx 12; Nm 9.1-4; Js 5.10-12); Assim como Moisés, uma voz aproximou-se dele, quando estava sozinho, e lhe deu ordem para que tirasse às sandálias dos pés, em reverência a terra santa em que se encontravam (Êx 3.1-5; Js 5.13-15) e, assim como Moisés, Josué também concluiu a sua jornada com um discurso de despedida para o povo no fim de sua vida (Dt 1; Js 23).

Sua primeira conquista foi uma série de cidades fortificadas, começando por Jericó (Js 6). Depois de Jericó Josué conquistou as seguintes cidades: Ai, Jerusalém, Hebrom, Jarmute, Laquis, Eglom, Gezer, Debir, Geder, Horma, Arade, Libna, Adulã, Maquedá, Betel, Tapua, Héfer, Afeça, Lasarom, Madom, Hazor, Sinrom-Merom, Acsafe, Taanaque, Megido, Quedes, Joneão (perto do monte Carmelo), Dor (cidade litorânea), Goim (que ficava na região que mais tarde viria a ser a Galileia) e Tirza. Ao todo Josué conquistou 31 cidades (Js 12.24). Sua política militar era uma combinação de surpresa e velocidade, de pegar seus inimigos em campo aberto e destruir suas tropas, até porque, seu próprio exército de ex-escravos egípcios não era treinado em operações de cerco.

Há um fato curioso em uma batalha que Josué lutou no vale de Aijalom. A história relata que ele estava guerreando contra os cinco poderosos exércitos dos amorreus, e estava vencendo a guerra. No entanto, precisava da claridade do dia para confirmar a vitória destruindo todos os inimigos. Então, ele orou pedindo que o Sol parasse em Gibeom e a lua aguardasse no vale de Aijalom. Com isso, a noite seria impedida de chegar ao local da batalha até que os amorreus fossem vencidos por completo. Deus atendeu a oração de Josué, contrariando as leis da natureza que ele mesmo havia estabelecido. *“Não houve dia semelhante a esse, nem antes e nem depois dele, atendendo o Senhor assim à voz de um homem. Certamente o Senhor pelejava pôr Israel”* (Js 10.14). Hoje, devido à ciência, sabemos que não é o Sol e a Lua que se movimentam, mas a terra. No entanto,

Josué não sabia disso. Ele simplesmente orou, de acordo com o entendimento que ele tinha na época e, extraordinariamente, Deus entendeu o que Josué estava pedindo, segurando o sistema solar por mais algumas horas para que o seu povo fosse vencedor naquela batalha.

Algumas destas incursões foram no norte, mas, em grande parte, a área ocupada foi à região em torno do oeste do mar Morto e a margem ocidental do rio Jordão, e algumas regiões a leste. Em alguns feitos heroicos, Josué venceu cinco reis de uma única vez (Js 10.16-27) e depois venceu mais sete reis, também em uma única vez (Js 10.28-43). Acredita-se que Josué precisou de um período de aproximadamente 7 anos para conquistar todas estas 31 cidades. Após cada conquista, Josué dividia os despojos entre as tribos.

No entanto, embora Josué tivesse conquistado “*muita terra*”, acabou não conquistando “*toda a terra da promessa*”. Em Josué 13.1, o próprio Deus informa a Josué que ele não havia conseguido concluir toda a sua missão. Ainda havia ficado muita terra para ser conquistada, inclusive o território dos filisteus e dos cananeus (Js 13.1-5). Curiosamente, esses dois povos que Josué não conseguiu alcançar – os filisteus e os cananeus – se tornaram os maiores inimigos dos israelitas nas próximas gerações. Somente nos dias de Davi – quando Israel alcançou o seu território máximo – os israelitas conseguiram dominar toda a área que Deus havia disponibilizado para eles desde os dias de Josué.

Após o período da conquista de Canaã (Js 1.1 a 13.5), iniciou-se a tarefa de repartir às terras entre as tribos (Js 13.6 a 21.43). Josué mostrou então que era um hábil administrador, dando ao sistema tribal de Israel um território fixo (Js 24.1-28) e, contribuindo assim, com a organização necessária que serviria de base para as demais fases do povo escolhido por Deus.

Depois de liderar os israelitas por muitos anos, Josué, em sua velhice, reuniu todas as tribos em Siquém para renovar sua aliança com Deus. Josué subiu o monte Ebal, e ali leu toda a lei, acrescentando algumas leis novas ao corpo da Torá. Depois reafirmou a aliança segundo a lei, e o povo concordou. Josué disse a Israel: “*Escolheis hoje a quem sirvais... Eu e minha casa serviremos ao Senhor*” (Js 24.15). Isso expressou a atitude que Josué teve durante toda a sua vida.

Três séculos depois, o monte Ebal seria considerado um lugar sagrado e, logo depois, os samaritanos olhariam para ele como o monte santo de Deus, em lugar do Sinai, em cujo cume a Lei foi dada a Moisés. Até hoje, os samaritanos em Israel reverenciam o monte Ebal como lugar sagrado, em lugar do Sinai, e reverenciam Siquém (atual *Nablus*), em lugar de Jerusalém, como a cidade santa de Deus.

Josué morreu com 110 anos de idade e foi sepultado no lugar que havia escolhido para ser sua morada, em Timnate-Sera, na região montanhosa de Efraim (Js 24.29-30). Isso ocorreu aproximadamente em 1365 a.C.

Alguns criticam Josué por falhar em escolher e treinar um sucessor. Por outro lado, após a divisão da terra, Deus também queria que cada tribo consolidasse seu próprio território, como Calebe fez em Hebrom, por exemplo. Mas, certamente, se Josué houvesse preparado um sucessor, as coisas teriam sido mais fáceis para o futuro administrativo de Israel.

No entanto, Josué havia sido um homem de honra em sua palavra. Ele cumpriu o acordo feito com os dois espias sobre o lar de Raabe e poupou a vida desta mulher quando a cidade de Jericó foi derrotada (Js 6.22-25). Josué também não invalidou o tratado feito pelos príncipes israelitas com os gibeonitas, mesmo sabendo que havia sido enganado por eles (Js 9.18-26).



Judá

Nome hebraico, significa "Louvor".

Judá foi o quarto filho de Jacó e Lia (Gn 29.35). Nasceu em Padã-Arã, na Mesopotâmia. Seus irmãos por parte de pai e mãe foram Rúben, Simeão e Levi (mais velhos do que ele) e Issacar e Zebulom (mais novos). Judá tornou-se o progenitor da maior das doze tribos de Israel e viveu em torno de 1950 a.C.

Em certa ocasião, Judá saiu para passar uns dias com seu amigo Hira, em Adulão, onde conheceu e casou-se com uma mulher cananeia, filha de um homem chamado Sua. Judá teve três filhos com ela: Er, Onã e Selá. Um deles (Er) se casou com uma mulher chamada Tamar, mas era um homem maldoso e ímpio e foi morto pelo Senhor (Gn 38.7). Uma vez que ele não tinha filhos, segundo a lei da época, seu irmão Onã deveria tentar perpetuar a linhagem de seu irmão ao gerar um filho com a viúva dele. Esse filho seria legalmente considerado descendente de Er. Onã negou-se a fazer isso porque não queria ser pai de um filho para perpetuar a linhagem do seu irmão, e sempre que tinha relações sexuais com Tamar, jogava o sêmen na terra para não dar descendência ao seu irmão. Por causa disso, o Senhor também o matou (Gn 38.8-9). Esta responsabilidade, então, caiu sobre Selá, que ainda era um menino. Por isso, Judá mandou Tamar de volta para casa de seu pai até que Selá atin-

gisse a maioria. No entanto, quando chegou à hora de Selá deitar-se com Tamar, Judá não exigiu isso de seu filho, e por isso, Tamar continuou sem filhos. Presume-se com isso, que o costume do casamento levirato já existia, antes mesmo de sua formalização em Deuteronômio 25.6.

Algum tempo depois, a esposa de Judá morreu e ele foi com seu amigo Hira às terras filisteias de Timna, e “*avisaram isso a Tamar, dizendo: o teu sogro sobe a Timna para tosquiarem as suas ovelhas*” (Gn 38.13). Tamar então, vestiu-se de prostituta – com um véu na cabeça – e ficou na entrada de Timna esperando Judá. A estratégia deu certo: Judá dormiu com Tamar e engravidou a própria nora.

Três meses depois, Judá soube que Tamar estava grávida e quis queimá-la. Mas, Tamar provou que estava grávida dele e, então, ele reconheceu que ela havia sido mais justa do que ele (Gn 38.26). Ela deu à luz gêmeos, Perez e Zerá, e foi de Perez que descendeu a tribo de Judá, incluindo Davi (Rt 4.18-22) e Jesus (Mt 1.3,16). Com isso, Judá teve, ao todo, cinco filhos durante a sua vida.

Propositalmente, o escritor de Gênesis, conta esta história no capítulo 38, para fazer um contraste entre a infidelidade de Judá, quando viu uma mulher que se fazia passar por prostituta (Gn 38), e a fidelidade de José perante a mulher de Potifar (Gn 39). Todo o relato de Judá é narrado pelo escritor bem no meio da trajetória de provação e fidelidade de José, aparentemente, para fazer um paralelo entre o caráter dos dois irmãos.

Judá aparece novamente em cena quando os irmãos viajaram pela segunda vez ao Egito, a fim de comprar alimento, durante a fome que assolava todo o Oriente. Parece que ele se tornou o líder dos irmãos nos contatos que tiveram com José (Gn 44.14-34). Quando, finalmente, José revelou sua identidade, Judá também veio com sua família para a terra de Gósen, no Egito, junto com o patriarca Jacó (Gn 46.28).

Quando estava próximo da morte de Jacó, o velho patriarca abençoou seus filhos e profetizou que Judá seria a maior de todas as tribos. “*Judá seus irmãos o louvarão... Os filhos de seu pai se curvarão diante de você... O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes*” (Gn 49.8). Jacó também chamou Judá carinhosamente de “leãozinho”. Além disso, Jacó concedeu a Judá o privilégio do direito à primogenitura (Gn 49.8-12). Essa bênção lhe garantiu a maior parte da terra de Canaã, medindo desde o mar Morto até o mar Mediterrâneo, um território de 130 quilômetros de comprimento por 50 quilômetros de largura. Além de que, Judá também foi a primeira tribo autorizada a tomar posse do território

que lhe foi conferido após a conquista inicial de Canaã (Js 14.6 – 15.63). Calebe, um dos líderes dessa conquista, também era da tribo de Judá.

A bênção de Jacó sobre Judá provou ser verdadeira e duradoura. Judá se tornou a tribo abençoada por Deus e, depois da invasão de Israel pelos assírios em 722 a.C., Judá tornou-se o reino abençoado por Deus para representar geograficamente a descendência de Jacó (Israel). Como Davi e Jesus descenderam de Judá, o cetro permaneceu para sempre estabelecido entre os descendentes de Judá (Lc 3.33).

O termo “judeu”, também se deriva do nome desse patriarca. A tradição antiga diz que Judá morreu no Egito aos 119 anos de idade.



Judas

Forma grega de Judá, que significa “Louvor”.

Dentre as centenas de pessoas citadas na Bíblia, talvez nenhuma tenha deixado para a posteridade uma memória tão trágica e desagradável quanto Judas. Seu nome virou sinônimo de infidelidade, desprezo e falsidade. O nome Judas era um nome comum entre os judeus. Esse era um nome honroso. Um dos grandes patriotas da nação judaica era um homem chamado Judas Macabeu, mas daquele dia em diante se tornaria um dos nomes mais rejeitados da história. Há um terror misterioso a respeito deste personagem que o torna peculiar dentre todos os traidores covardes de todos os tempos, a tal ponto que Jesus disse que *“Melhor lhe seria não haver nascido”* (Mt 26.24).

Judas Iscariotes foi um dos doze discípulos de Jesus. Judas provavelmente se tornou discípulo de Cristo quando Jesus estava em um de seus *tours* de pregação ao redor da Judeia. É possível que Judas tenha conhecido Jesus durante esse tempo, embora seu chamado para se tornar discípulo possa ter acontecido somente na região da Galileia.

Judas era filho de Simão Iscariotes (Jo 6.71), e até na citação do chamamento dos discípulos sua história está manchada como *“aquele que o traiu”* (Mt 10.4). O nome Judas Iscariotes aparece sempre como último nas listas dos discípulos (Mt 10.4; Mc 3.19; Lc 6.16), talvez indicando sua afronta na mente dos crentes mais recentes, e não sua importância original entre os doze.

O significado do nome Iscariotes é incerto, porém há algumas suposições a respeito de seu significado. Há quem pense que Iscariotes vem de *sicarius*. Israel era dominada pelos romanos nos dias de Jesus, e os sicários eram um dos grupos rebeldes mais violentos dos judeus que lutavam para tomar o poder da mão dos romanos e devolvê-lo aos judeus. E, com isso, Judas pensava que Jesus poderia iniciar essa revolta, fazendo dele um participante fundamental para “a revolta de Israel contra Roma”.

Há também os que pensam que a palavra Iscariotes vem de um possível lugar chamado Iscaria. Contudo, o fato de não haver nenhum registro histórico, em Israel ou em qualquer lugar do mundo antigo, de uma província, região ou cidade com esse nome enfraquece essa hipótese.

Há ainda uma outra interpretação, essa mais coerente para o significado do nome *Iscariotes*, sugerindo que signifique, no hebraico, “homem de Queriote”, em uma alusão ao indivíduo oriundo de Queriote-Hezron, um vilarejo da Judeia, localizado ao sul de Hebrom e identificado como a antiga cidade de Hazor, de Josué 15.25. Sendo assim, dos doze discípulos, Judas era o único que não era da Galileia. Porém, independente de fazer ou não parte dos sicários, Judas, como judeu, esperava um líder militar que restaurasse o domínio do governo a Israel e, certamente, por algum momento pensou que Jesus poderia ser esse líder.

Da época de seu chamamento como discípulo até a semana da crucificação, quase nenhuma menção é feita a Judas Iscariotes. Este silêncio só é interrompido por João em seu relato da unção de Jesus por Maria, irmã de Lázaro, na aldeia de Betânia. É a partir desse relato que se deduz não apenas a ocupação que Judas exercia entre os doze, mas também os indícios da torpeza que ele já dissimulava em seu coração. Pois João escreveu que *“Judas Iscariotes, um dos discípulos, aquele que haveria de traí-lo disse: Por que não se vendeu este unguento por trezentos denários e não se deu aos pobres? Ora, ele disse isto, não porque tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão e roubava o que na bolsa se lançava...”* (Jo 12. 4-6).

O bálsamo (unguento) de nardo era um dos perfumes mais caros e apreciados de toda a antiguidade. Fabricado a partir da essência de flores cultivadas na Índia e de lá importada a um preço que beirava o do ouro, o volume da especiaria derramada por Maria de Betânia sobre Jesus equivalia a nada menos que um ano inteiro de salário de um trabalhador comum.

Quando João vai escrever este evangelho, ele denuncia o que no dia do episódio ainda não se sabia. Ninguém, na época, imaginava a farsa que Judas representava entre os discípulos. Todos enxergavam em Judas uma pessoa confiável, e ficaram perplexos quando sua traição foi revelada. Tanto que, quando Jesus, na última ceia, afirmou que alguém o trairia, os discípulos começaram a perguntar: “Sou eu?” e não: “É Judas?”. Ninguém, no momento em que o bálsamo foi derramado, deduziu que Judas não queria o dinheiro para “os pobres”, mas sim para ele. Trezentos denários teriam sido uma quantia considerável para se acrescentar ao tesouro, oferecendo uma oportunidade perfeita para Judas embolsar parte do dinheiro. Porém, o que ele não sabia era que a maior de todas as pobreza – a pobreza espiritual – estava sobre ele, ainda que não percebesse.

Judas era o tesoureiro do ministério de Jesus. Isso desfaz o conceito de Judas como um personagem mal humorado, de semblante caído e desprovido de carisma. Judas era inteligente, possuía características administrativas cativantes, persuasivo no falar, porém deficiente no caráter. Ao que parece, a imagem do tesoureiro do grupo sempre foi a de alguém desinteressado de si próprio e apegado ao bem comum, como faziam crer as palavras por ele pronunciadas a respeito do unguento de nardo derramado por Maria. Interessante que Judas roubou de Jesus por três anos, e nem por isso enriqueceu. Jesus foi roubado por Judas pelo mesmo tempo, mas nem por isso empobreceu. Deus nunca dará a sua benção, a quem pratica o engano!

Porém, por que Jesus e seus discípulos precisavam de um tesoureiro? E como o futuro traidor pôde ocupar esse posto? O relato dos evangelhos deixa claro que ao ponto que os discípulos eram chamados, abandonavam seus ofícios e dedicavam-se integralmente a vida discipular aos pés de Cristo (Mt 19.27; Mc 1.16-18; Lc.5.11). Assim, ao se estabelecerem naturalmente como uma pequena comunidade, os doze (e talvez, durante algum tempo, parte dos setenta), passaram a sobreviver das ofertas generosas que recebiam daqueles que de perto seguiam Jesus. Dentre os piedosos que colaboravam com as doações, encontravam-se algumas pessoas de posse, como Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes (Lc.8.1-3).

Pessoas bem-sucedidas financeiramente mantinham um bom relacionamento com Jesus. A própria família de Lázaro provavelmente é um exemplo disso. O perfume que Maria quebrou para ungir Jesus pode ilustrar isso. Um perfume que representa a quantia de dinheiro do salário de um ano de trabalho não é algo comum. Você pode já ter comprado

perfumes caros, mas penso que jamais você gastaria o salário de um ano inteiro em um vidro de perfume. Tratava-se de um gesto de adoração manifestando um luxo extraordinário por parte daquela família que, provavelmente, tinha posses. Isso nos faz entender que o volume de ofertas recebidas no ministério de Jesus não era desprezível e podia muito bem manter o grupo dos discípulos. Com o crescimento dessas doações foi então necessário alguém para trabalhar na contabilidade financeira do grupo.

O contraste disso é assustador: nosso Senhor foi honrado por uma mulher que ofereceu a ele uma adoração que se fosse para ser medida humanamente representava 300 denários. E por Judas, um de seus discípulos, pessoa próxima ao Senhor, Jesus foi desonrado e traído pelo valor de 30 moedas de prata, a quantia que custava um escravo. Por Maria, Jesus foi ungido por um amor inexprimível e, por Judas, Jesus foi traído por um ódio inexplicável.

A Bíblia nada comenta a respeito de como Judas foi escolhido para ser o administrador da bolsa comum, mas isso parece revelar que ele era alguém bem preparado para isso. O fato de haver no grupo uma pessoa hábil e experiente em contabilidade como Mateus indica que, para ter sido Judas o escolhido para tal função, também mostrava ele um bom conhecimento na área contábil.

Acima de tudo isso, porém, Jesus sempre conheceu Judas em uma esfera que os discípulos não conheciam: a esfera do coração. Aproximadamente um ano antes da traição, Jesus, após um duro discurso aos discípulos, havia dito *“Não vos escolhi a vós os doze? Contudo um de vós é diabo...”* (Jo 6.70).

Os dias que antecederam a traição certamente foram dias de grande turbulência dentro de Judas. No convívio com Jesus, Judas descobriu que Jesus não era um líder político que restauraria o governo a Israel, mas sim o Rei de um Reino que não era da Terra, era dos Céus. O Senhor lhes garantiu que eles seriam recompensados, mas que o galardão final e completo lhes seria dado na era vindoura (Lc 18.29-30). Aos poucos, o restante dos discípulos havia começado a compreender que o verdadeiro Messias não era aquilo que esperavam inicialmente. Através disso aceitaram o entendimento superior das promessas bíblicas que Jesus lhes mostrara. Com isso, seu amor por Cristo superou suas ambições terrenas, e ficaram satisfeitos em se tornarem participantes do seu reino.

A nenhum dos discípulos o desmoronamento do sonho de um reino terrestre de pompas e glórias trouxe maior desapontamento do que para Judas. É lamentável pensar que, tendo ele o privilégio de aprender aos pés de Jesus, havia desmerecido isso por meros interesses pessoais.

No cenáculo, eles haviam se reunido para a ceia. Estavam ali os discípulos, inclusive Judas. Judas foi com o propósito de descobrir onde Jesus passaria aquela noite, para assim guiar os guardas para prender o mestre. Havia um sentimento de suspense entre eles. Jesus, nos dias passados, alertara com frequência que estava perto o dia da sua morte. Uma insegurança acerca do futuro tentava tomar o coração dos discípulos, até que Jesus declara que um deles haveria de traí-lo. Parece que, por meio desses comentários citados, Jesus estava dando a Judas oportunidades de arrependimento, como se ele estivesse dizendo que sabia, o tempo todo, que Judas o trairia. Mas, mesmo assim, caso ele mudasse em seu coração, a porta da misericórdia e do perdão estaria aberta para a reconciliação.

Na cultura judaica daquela época, as mesas de ceiar tinham o formato da letra “U”. Judas e João estavam ao lado de Jesus na Última Ceia. A prova disso é que João reclinou sua cabeça no mestre e o mestre falou também ao ouvido de Judas, indicando a proximidade física de ambos com Jesus. Cada reta da mesa tinha um prato contendo uma espécie de molho, onde se mergulhava o bocado, que era um pedaço de pão. O prato onde Jesus mergulhava o seu bocado era o mesmo no qual Judas e João mergulhavam os seus. Os outros discípulos tinham seus pratos em grupo de três na mesa. Por isso, quando Jesus disse que o que metia com ele a mão no prato haveria de traí-lo os outros dez discípulos se acalmaram, e Judas perguntou: *“Porventura sou eu o traidor?”*, Jesus lhe respondeu: *“Tu o disseste”*. Foi naquele momento que a Bíblia diz que o diabo entrou em Judas, e ele foi entregá-lo aos sacerdotes do templo e fariseus. Isso havia sido profetizado nos salmos: *“o que come o pão comigo, levantou contra mim o seu calcanhar”* (Sl 41.9).

Somente João vai adiante e diz que *“tendo Jesus dito isso, perturbou-se em espírito, e afirmou: Em verdade, vos digo que um de vós me trairá”* (Jo 13.21). Jesus identificou o traidor como aquele para quem desse um pedaço de pão: *“Então, molhando o pedaço de pão deu-o a Judas Iscariotes. Assim que Judas tomou o pão, entrou nele Satanás”* (Jo 13.26-27). Uma coisa podemos afirmar: Judas fez isso de livre e espontânea vontade, sem qualquer coerção. Satanás não podia obrigá-lo a trair Jesus. No entanto, por certos meios, Satanás sugeriu a trama, tentou Judas quanto

a isso e plantou a semente da deslealdade em seu coração. Infelizmente o coração de Judas era tão hostil para com a verdade e tão cheio de perversidade que ele personificou a intenção do próprio diabo.

João também relata que Jesus disse a Judas: “*O que estás prestes a fazer, faze-o depressa*”. A narrativa diz, em sequência, que Judas saiu do cenáculo e o parágrafo termina com as palavras sugestivas: “*E era noite*” (v.30). O dia da salvação havia se encerrado para Judas.

É muito provável que Judas não estivesse presente no momento da instituição da Santa Ceia. Judas esteve na ceia e participou dela com os demais (Mt 26.20). Porém, saiu logo depois de receber o bocado (Jo 13.30), e a conscientização daquele momento se deu apenas após a ceia (Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.19-20). Assim, no exato momento em que Jesus estava instituindo a ceia no cenáculo, Judas estava combinando como seria sua captura.

Por que Judas teria feito isso? O Evangelho escrito por Mateus sugere que sua principal motivação foi a ganância. Recebeu 30 moedas de prata, quantia equivalente a dois ou três meses de remuneração de um trabalhador – soma insignificante para justificar uma ação tão abominável. Na tradição bíblica, porém, essa é a quantia usual a ser paga ao proprietário de um escravo pelo homicídio acidental do mesmo. Em Mateus 27.9-10, o valor se encontra associado a duas profecias do Antigo Testamento. Uma combinação da referência a 30 moedas de prata, em Zacarias 11.12-13 e a compra de uma terra, em Jeremias 32.6-15. No entanto, há uma outra questão envolvendo essa quantia. Já sabemos que essa era uma quantia relativamente pequena. Sendo Judas um ladrão da bolsa de Jesus, ele poderia certamente usurpar uma quantia superior a essa com o tempo, continuando como tesoureiro do grupo. A lei judaica exigia que, se um criminoso fosse entregue às autoridades, deveria se pagar o preço de um escravo àquele que o havia entregado. Desse modo, Judas aceitou o dinheiro para selar o acordo com os sacerdotes, indicando, provavelmente, não ser a quantia financeira a principal motivação para entregar Jesus.

As forças do mal também são responsabilizadas pela traição de Judas: “*Satanás entrou em Judas*” (Lc 22.3); “*e o diabo pusera no coração de Judas Iscariotes... o projeto de entregá-lo [Jesus]*” (Jo 13.2). Estudiosos sugerem ainda outra motivação: desapontamento. Jesus não se tornara o líder de uma revolta contra Roma, como muitos – entre eles, Judas – esperavam. Assim, ele se voltou contra Jesus, entregando-o àqueles que o

consideravam perigoso. Provavelmente, não imaginava que sua traição acarretaria a morte do mestre.

Difícilmente alguém conseguirá provar que qualquer uma dessas hipóteses esteja certa ou errada, embora seja possível que alguns desses fatores tenham influenciado o pensamento de Judas. Nenhum deles, entretanto, proporciona uma base completa e suficientemente forte para justificar uma atitude tão hedionda como trair o próprio filho de Deus.

Quaisquer que tenham sido as razões, Judas foi aos chefes dos sacerdotes para entregá-lo (Mc 14.10). Ao que tudo indica, ele simplesmente lhes disse onde encontrar Jesus sozinho, de modo que pudesse ser preso longe das multidões da Páscoa, evitando com isso uma cena desagradável. Após a Última Ceia, Jesus foi orar no jardim do Getsêmani, levando os onze com ele. Tratava-se de um local bastante conhecido de Judas, pois frequentemente Jesus estava naquele jardim. À frente de guardas armados enviados pelas autoridades judaicas para prender Jesus, Judas adentrou no jardim. Havia combinado identificar Jesus por meio de um beijo, o que fez sem demora, saudando-o: “*Rabi*” (Mc 14.45). Os guardas prenderam Jesus e depois de um pequeno confronto, no qual Pedro cortou a orelha de Malco – servo do sumo sacerdote – levaram Jesus para ser julgado.

No dia seguinte, quando Judas voltou a si, soube da condenação de Jesus e que ele seria crucificado. Despertou nele o sentimento de sua enorme culpa e foi ter com os príncipes dos sacerdotes para dizer-lhes “*Pequei, entregando o sangue inocente*”, e lançou diante deles as 30 moedas de prata. Os sacerdotes, porém, viraram-lhe as costas, dizendo: “*Que nos importa? Isso é contigo*” (Mt 27.3-5).

Até a morte de Judas é cheia de mistérios. Marcos e João não a mencionam. Mateus diz que Judas reconheceu o seu erro, tentou devolver o dinheiro aos sacerdotes e depois se enforcou (Mt 27.5). Lucas, no livro de Atos, diz que Judas usou o dinheiro para comprar um campo e depois caiu nele, e suas vísceras se derramaram (At 1.16 em diante). O que parece ter acontecido mediante todas essas informações é que Judas em meio a uma certa confusão mental, saiu de dentro de Jerusalém e se enforcou em um campo no lado de fora das muralhas da cidade e esse campo foi comprado com as 30 moedas de prata que Judas havia lançado sobre os sacerdotes pela negociação da traição com Jesus – esse campo mais tarde foi chamado de campo de sangue e campo do oleiro, e desta forma se cumpriu a profecia de Zacarias (Zc 11.12-14), atribuída por Mateus a Jeremias (Mt 27.2-10). De alguma forma, a corda que ele

usou para se enforcar arrebitou-se e ele então caiu da altura em que estava de modo que suas vísceras se derramaram. Essa parece ser uma versão mais correta unindo-se todas as informações existentes sobre esse acontecimento.

Talvez o fato mais significativo que pode ser dito sobre Judas é que, quando ele se entristeceu por causa da sua traição, ele não buscou, daquele a quem tinha ofendido, o perdão pelo seu pecado, mas foi até seus cúmplices – os sacerdotes – e lá tentou se justificar. Judas é um homem que revela a complexidade de uma pessoa que conhece a Deus, mas que não se permitiu ser transformado por ele. Como os outros discípulos, Judas deixou para trás sua ocupação – qualquer que tenha sido ela – e possivelmente passou a seguir Jesus em tempo integral. Judas permaneceu com Jesus até mesmo quando discípulos menos dedicados começaram a abandonar o grupo (Jo 6.66-71). Havia aberto mão de sua vida para seguir o mestre. No entanto, não havia entregue ao Senhor o seu coração.

Além disso, há duas verdades latentes na vida de Judas. Primeira, a vida de Judas nos faz lembrar que é possível estar perto de Jesus, relacionar-se de modo muito próximo a ele, porém em uma dimensão superficial; segunda, Judas nos lembra que não importa quão pecadora é uma pessoa, o tanto que ele pode tentar ser contra Deus, a realização do propósito de Deus não pode ser impedida. Até a pior das traições trabalha para que o plano divino se cumpra.



Lázaro

Nome hebraico, significa “Aquele que Deus ajuda”.

Lázaro era irmão de Marta e Maria. Eles viviam em Betânia, uma aldeia localizada a três quilômetros de Jerusalém. Aparentemente Jesus se hospedava frequentemente na casa deles quando ia a Jerusalém (Mt 21.17; Lc 10.38-42; Jo 11; 12). Jesus também tinha uma profunda afeição pelos três irmãos e os amava (Jo 11.5). Jesus chamou Lázaro de “nosso amigo” (Jo 11.11), indicando sua amizade não apenas com ele, mas também com os discípulos.

Curiosamente, Lázaro só é mencionado pelo nome no quarto evangelho (Jo 11 e 12). Lucas menciona Maria e Marta, porém jamais menciona Lázaro (Lc 10.38-42). Entretanto, embora muito pouco seja revelado sobre Lázaro, a Bíblia evidencia que eles eram amigos próximos de Jesus.

Certa ocasião, Lázaro ficou gravemente enfermo, e suas irmãs enviaram uma mensagem a Jesus, a fim de que ele viesse curá-lo. Ao receber a notícia, Jesus falou que aquela enfermidade não terminaria na morte de Lázaro, mas sim na revelação da glória de Deus (Jo 11.4). Assim, apesar de sua preocupação, Jesus, em obediência à vontade do Senhor, retardou a volta para Betânia por alguns dias. Então, poucos dias depois, ciente de que Lázaro estava morto, Jesus anunciou sua intenção de retornar a Betânia, para despertar o seu amigo (Jo 11.11).

Depois de uma longa jornada (Jo 11.17), Jesus foi recebido por Marta quatro dias após o sepultamento de Lázaro. Sua confiança no Mestre, apesar de acreditar que se ele estivesse presente, seu irmão não teria morrido, ocasionou a autorrevelação de Jesus: “*Eu sou a ressurreição e a vida*” (Jo 11.25). Logo em seguida, Maria foi chamada e encontrou-se com Cristo, este, ao vê-la chorar, ficou profundamente comovido, e chorou também (Jo 11.35).

Jesus dirigiu-se ao túmulo e ordenou que a pedra que selava a entrada fosse removida. Pela fé, apesar do mau cheiro, eles obedeceram, e Cristo, com uma palavra de ordem dirigida para dentro do túmulo, fez Lázaro retornar a vida e sair caminhando do interior do túmulo.

A narrativa da ressurreição de Lázaro é o mais longo registro de um milagre realizado por Jesus descrito nos evangelhos. Este também foi o mais espetacular de todos os milagres realizados pelo Mestre. As outras ressurreições – da filha de Jairo (Mc 5.35-42) e do filho da viúva de Naim (Lc 7.11-15) – ocorreram imediatamente após as respectivas

mortes, enquanto que a ressurreição de Lázaro ocorreu quatro dias após o seu sepultamento.

Havia um propósito messiânico nesse milagre envolvendo a pessoa de Jesus. Os judeus devotos acreditavam que a alma de uma pessoa que morria pairava próximo ao corpo por três dias e só partia definitivamente para a eternidade após o quarto dia. Devido a essa crença, desenvolveu-se um pensamento de que somente alguém que tivesse a autoridade messiânica, teria a capacidade de devolver a vida a alguém após o quarto dia do seu falecimento. Marta podia estar pensando nessa ideia – de que após o quarto dia a alma seguia definitivamente para a eternidade – quando fez objeção para que Jesus abrisse à sepultura do seu irmão. Mas ele insistiu, e chamou a Lázaro de volta à vida, revelando assim, mais uma vez, a sua missão messiânica como o Cristo.

A notícia deste milagre inspirou a fé de muitas pessoas (Jo 11.45), mas também promoveu um complô no Sinédrio para matar Jesus (Jo 11.53), e Lázaro (Jo 12.9-11). Este foi na verdade, o auge dos sinais descritos do ministério de Jesus, pois ele produziu dois resultados notáveis: (1) muitos judeus nas cercanias de Jerusalém creram em Jesus (Jo 11.45) e, algumas semanas depois o acompanharam até a cidade (Jo 12.17-18); (2) os líderes judeus, firmes em sua rejeição a Jesus, decidiram que ele deveria morrer (Jo 11.53). Ou seja, esse milagre não apenas confirmou o poder e a autoridade de Jesus sobre a morte, como também estabeleceu o caminho que culminaria em sua própria morte e ressurreição poucos dias depois.

No sábado antes da sua crucificação, Jesus esteve mais uma vez em Betânia como convidado para um jantar na casa de Lázaro. Naquele dia, muitos foram a Betânia, *“não só por causa de Jesus, mas também para ver a Lázaro, a quem ele ressuscitara de dentre os mortos”* (Jo 12.9). No dia seguinte, ele entrou em Jerusalém na entrada triunfal, e muitos saíram para ver aquele que ressuscitara Lázaro (Jo 12.12-13).

A conspiração para matar a Lázaro, certamente não foi levada a sério. De acordo com uma antiga tradição, registrada por Epifânio – bispo de Salamina no século quarto – Lázaro tinha trinta anos de idade quando Jesus o ressuscitou, e viveu mais trinta anos após sua ressurreição, morrendo assim, como sessenta anos.

Existem tradições, que fazem de Lázaro um ministro do evangelho em anos posteriores, em Marselha, no sul da França, onde ele teria fundado uma igreja e finalmente teria morrido como mártir. Mas essas lendas são totalmente destituídas de base histórica, sem qualquer valor, exceto como ficção religiosa. Há ainda diversas tentativas de identifi-

cá-lo com o jovem rico de Mateus 19.16, mas não há também qualquer evidência confiável em favor dessa suposição.

Há aqueles que criticam Marta e engrandecem Maria, devido à repreensão e elogio que elas receberam de Jesus em Lucas 10.40-42. Entretanto, é mais correto interpretarmos aquele texto como uma proposta de Jesus para um novo estilo de vida construído com o “melhor de Maria” e o “melhor de Marta”. Pois de um modo geral, a igreja precisa tanto do serviço de Marta, da adoração de Maria e do testemunho de Lázaro. As diferenças entre eles não são para escolhermos quem seremos, mas sim, para nos esforçarmos para que possamos construir em nós o melhor das qualidades que eles desenvolveram neles.



Ló

Nome Hebraico, significa “Cobertura”.

Ló era filho de Harã e sobrinho de Abraão. Harã foi o irmão mais novo de Abraão (Gn 11.27-32; 12.5). Ele nasceu em Ur dos Caldeus e viveu por volta de 1.900 a.C. O pai de Ló morreu relativamente jovem. Abraão não tinha filhos nessa época, e Ló ficara órfão. Talvez os dois se consolavam mutuamente.

Quando Terá, seu filho Abraão e a mulher dele, Sarai, deixaram o seu lar em Ur dos Caldeus, lançando-se rumo a uma viagem à Canaã, Ló decidiu ir com eles. Primeiramente, eles se estabeleceram em um lugar chamado Harã (escrita em hebraico de forma diferente do nome do pai de Ló), onde Terá veio a falecer.

Assim, Abraão e Ló viajaram em direção a Canaã. Ao longo da viagem, eles estabeleceram altares a Deus em Siquém e Betel (Gn 11.27-32, 12.4-10). Ao chegarem à Canaã encontraram uma região com grande escassez de alimentos, razão pela qual continuaram em direção ao Egito. Naqueles dias o território do Egito era maior do que é hoje, estendendo-se até a porção sul do que constitui o atual território de Israel. O *Gênesis Apócrifo*, um livro histórico da tradição essênica descoberto entre os Manuscritos do Mar Morto, preserva uma antiga tradição judaica que diz que Ló encontrou uma esposa no Egito, acumulou riquezas e serviu como porta-voz de Abraão diante de Faraó.

Anos mais tarde, todos eles cruzaram o deserto do Neguebe novamente e retornaram para Canaã. Durante aqueles vários anos de peregrinação, os respectivos clãs de Abraão e Ló, bem como seus rebanhos, aumentaram em grande medida. Na época, eles retornaram para a terra que futuramente seria o território da tribo de Benjamim. Quando os rebanhos de Ló e Abraão aumentaram, surgiu uma disputa entre seus pastores por este espaço que representava a sobrevivência de seus animais. Abraão generosamente deixou Ló decidir qual parte da terra escolheria ocupar. Ló preferiu o fértil vale do Jordão, na direção em que ficava a cidade de Sodoma, um solo fértil onde havia pastagem suficiente para as suas ovelhas. Na verdade, era a única porção de terra fértil em toda aquela região. Deixou para o tio Abraão o território pedregoso e seco de Canaã. As terras que Ló escolheu eram férteis, possuíam bom suprimento de água e pareciam com o *“jardim do Senhor”* (Gn 13.10-13). Interessante o fato de Sodoma *“parecer com o jardim do Senhor”*. Na verdade, Sodoma era a terra de um povo extremamente pecador (Gn 13.5-13). Ló não estava levando em conta o caráter e a moral de seus habitantes e o efeito negativo que esses maus exemplos dos Sodomitas causariam sobre sua família. Ele estava escolhendo pelas aparências. *“Parecia o jardim de Deus”*, mas Ló sabia que apenas parecia, e que a essência de Sodoma era maligna. O Novo Testamento declara que Ló sentia-se perturbado pela maldade explícita à sua volta em Sodoma (2Pe 2.7), embora isso não o tenha feito afastar-se daquela região.

Os intérpretes supõem que foi nessa época que começaram a surgir falhas e pontos fracos no caráter de Ló. Em primeiro lugar, ele preferiu egoisticamente as melhores terras para si, às custas do seu tio Abraão. Em segundo lugar, ele achou que havia vantagem em residir entre um povo ímpio e profano. Aquelas terras eram férteis e havia um bom suprimento de água (Gn 13.13). Naquele lugar os animais de Ló estavam bem alimentados, mas a alma dele começou a definhando, porquanto seus novos vizinhos eram degenerados. Em essência, a escolha de Ló foi a escolha da prosperidade (v.10), em detrimento dos valores morais e do favor divino (v.13). Depois disso, a história de Ló segue um gráfico descendente. Da separação de Abraão até o estabelecimento em Sodoma foram três estágios: *“até Sodoma”* (Gn 13.12); *“habitava em Sodoma”* (Gn 14.12); *“sentado à porta de Sodoma”* (Gn 19.1). Ló aceitou se adaptar ao ambiente do pecado. Como o apóstolo Pedro disse, Ló se encontrava em constante conflito de consciência (2Pe 2.7,8), porque: a) vivia sempre situações comprometedoras, que o envolviam rapidamente (Gn 19.8);

b) sabia o que era certo diante de Deus (2Pe 2.7,8), mas mesmo sob a ameaça de juízo, apegava-se a Sodoma (Gn 19.16); c) tinha se identificado demais com a cidade escolhida, a fim de dar um testemunho efetivo ali (Gn 19.9,14); d) tinha deixado sua fé sem uso por tanto tempo que não podia exercitá-la quando precisou (Gn 19.18-20). E, como consequência disso, sua família não o apoiava mais nas coisas concernentes a Deus (Gn 19.26,30-36).

Mediante tudo isso, é de se admirar a confiança de Abraão em Deus. O velho patriarca nessa época já contava com mais de oitenta anos e, mesmo assim, ele não temeu o fato de Ló ter ficado com a parte fértil, enquanto que ele ficara com a parte pedregosa e seca. Talvez por entender que a benção de Deus não está sobre o lugar, mas sim sobre a pessoa e, como se diz, não é o lugar que faz a pessoa, mas a pessoa quem faz o lugar.

No entanto, a região onde Ló escolheu morar, perto do atual mar Morto, tornou-se o alvo de uma série de ataques armados, por parte de quatro reis do Oriente. Naquela época, o termo *rei* era um vocábulo geralmente mais aplicado ao governante de uma cidade-estado, do que ao chefe de toda uma nação. Quedorlaomer, rei de Elão, e seus aliados, derrotaram o rei de Sodoma e os seus quatro aliados (Gn 14.1-16). Sodoma e Gomorra sofreram o ataque e os seus habitantes foram levados cativos, incluindo Ló e sua família. Abraão, porém, ouviu as notícias, reuniu 318 dos seus homens e saiu atrás dos invasores. Próximo ao norte de Damasco, Abraão conseguiu apanhar os inimigos de surpresa, recuperando Ló, sua família, os cativos e muitos despojos.

Ló, apesar de sua consciência pesada quanto aos males de sua cidade, decidiu permanecer em Sodoma. Mas, a iniquidade dos habitantes desta planície tornou-se insuportável à santidade de Deus, e foi decretado o julgamento da cidade. Ló se tornou o tipo do crente carnal e mundano, que não tem força suficiente para desligar-se das coisas que, em seu coração, sabe que estão erradas.

Foi assim, por causa da grande perversidade das cidades de Sodoma e Gomorra, que Deus decidiu destruí-las. A caminho de Sodoma e Gomorra, três anjos pararam para visitar Abraão e contar-lhes as intenções do Senhor. Abraão orou para que a cidade fosse poupada, se ao menos dez homens justos pudessem ser encontrados ali. Mas não havia nem mesmo esse pequeno número. Dois dos anjos foram adiante, avisar Ló sobre o que estava prestes a acontecer e orientá-los a deixarem logo a cidade. Eles ficaram com Ló aquela noite, mas os perversos homens de Sodoma vieram para tentar abusar deles (Gn 19.5). Ló, tentando evitar

que isso acontecesse, ofereceu aos homens de Sodoma as suas duas filhas, mas eles rejeitando as filhas de Ló continuaram a querer os anjos. Está claro que eram muitos os pecados de Sodoma, mas, dentre eles, talvez esse fosse o principal. Dessa cidade vem a expressão *Sodomia*. Essa palavra veio à existência com base na natureza moral pervertida dos homens de Sodoma. Em pauta estão comportamentos como, por exemplo, a homossexualidade. A investida maligna dos homens de Sodoma contra os anjos que estavam visitando Ló, ilustra o tipo de depravação que atraiu o juízo divino. Naquele mesmo momento os anjos cegaram os homens que desejam molestá-los e, em seguida, permitiram que Ló, sua mulher e suas filhas saíssem em segurança da cidade. Os noivos das filhas se recusaram a ir com eles por não acreditarem na destruição iminente (Gn 19.14).

Os anjos advertiram que a cidade seria completamente destruída e que ninguém da família de Ló poderia olhar para trás, pois, assim fazendo, seriam punidos com a morte pela desobediência. *Olhar para trás* aqui pode sugerir um desejo de voltar para aquilo que Deus não tem para nossas vidas. Também denota que quando Deus estabelece um novo rumo para a nossa história, podemos perder tudo se permitirmos que o nosso coração fique preso ao passado, sentindo falta do que deixamos para trás. Esse foi, por exemplo, um dos pecados dos israelitas, após Moisés tê-los libertado da escravidão do Egito. Eles haviam saído do Egito, mas o Egito ainda permanecia dentro deles.

O trecho de Gênesis 19.24 revela que Deus fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas. Curiosamente, o Mar Morto – lugar atual onde ficavam as cidades de Sodoma e Gomorra – é uma área rica em minerais combustíveis, inclusive petróleo, piche e enxofre. E a Bíblia cita que aquela região foi destruída depois que “*enxofre e fogo vindos do Senhor*” inflamaram gases liberados sobre a cidade (Gn 19.24). Quando a cidade já ardia em chamas, a esposa de Ló, cujo nome não é revelado, olhou para trás e imediatamente foi transformada em uma estátua de sal. O fato da mulher de Ló ser uma egípcia que, possivelmente nunca foi convertida ao culto ao Senhor, pode ter sido a razão de sua falta de confiança na proteção divina e, por consequência, a sua desobediência por não confiar em Deus.

As águas do Mar Morto – local onde a história ocorreu – possuem a maior concentração salina do mundo. Em consequência disso, os que tentam mergulhar em suas águas não conseguem afundar e automaticamente flutuam. Em seu lado ocidental, elevam-se, sobre as margens, blocos salinos e paredões de calcário. Uma lenda local identifica uma das estranhas projeções salinas como sendo a estátua da mulher de Ló – afirmação ex-

tremamente contestável e indigna de crédito, visto que não há nenhuma evidência arqueológica que a sustente.

Há, porém, uma verdade incontestável neste ponto da história. Tudo o que Ló trouxe do Egito – esposa, rebanhos e possivelmente pastores do rebanho – se perdeu. O seu rebanho, fruto da sua estadia e relacionamento com o Egito, foi o grande motivo do seu afastamento de Abraão, homem que, de fato, tinha a benção de Deus. Os pastores desse rebanho trouxeram contenda e problemas para a sua vida por causa do desentendimento com os pastores de Abraão. E a sua esposa foi transformada em uma estátua de sal por não obedecer à ordem de Deus. O que o Egito nos oferece não vale a pena. O que vem do Egito não tem a benção de Deus e não permanece por muito tempo!

Após escapar da destruição de Sodoma, Ló e suas filhas se refugiaram em uma caverna nas montanhas. Estas, em uma atitude insana e desesperada, pensaram que Ló era o único homem que havia sobrevivido (Gn 19.31) e que o único jeito de manterem a raça humana era tendo filhos com o seu próprio pai. Ló e suas filhas haviam deixado Sodoma, mas aparentemente as inclinações para uma moral pervertida ainda habitava neles. Qualquer que tenha sido a verdadeira intenção, o fato é que as duas filhas de Ló o embebedaram com vinho e ambas mantiveram relações incestuosas com o pai (Gn 19.33-36). Considerando os padrões da época, os antigos hebreus não consideravam a embriaguez como um pecado, muito embora o incesto fosse abominado, como acontece em quase todas as culturas. Somente muito tempo depois é que os hebreus tomaram consciência de que a irresponsabilidade e a perda da inibição que advém do consumo excessivo de bebidas alcoólicas são capazes de conduzir ao pecado, concluindo, portanto, que a embriaguez é pecaminosa.

O resultado desse duplo incesto foram dois filhos: Moabe e Ben-Ami. Os seus descendentes vieram deram origem às tribos moabitas e amonitas, as quais se tornaram duas ferrenhas inimigas dos hebreus. Suas terras eram, no entanto, consideradas sagradas, pois Deus prometeu que jamais daria aquelas terras aos israelitas (Dt 2.9,19). Jesus mencionou Ló ao ensinar sobre a importância de estar preparado para o fim dos tempos (Lc 17.28-29). Pedro também fez menção a ele, desta vez como um exemplo de homem justo em meio à maldade e que foi salvo pela graça de Deus (2Pe 2.7-9).



Lucas

Nome grego, significa "Iluminado".

Lucas era médico (Cl 4.14) e durante alguns anos acompanhou as viagens missionárias de Paulo. Foi o que podemos chamar de um *médico missionário*, o que deve ter lhe possibilitado aprender muito sobre a importância da medicina em junção com o poder curador de Cristo. Lucas foi o único autor sacro da Bíblia que não era de origem hebraica. Sempre que cita o Antigo Testamento, Lucas usa a versão grega e não traduz diretamente do hebraico. Ele se refere quatro vezes à língua hebraica de uma maneira que deixa a impressão de que ele não era fluente no idioma (At 1.19; 21.40; 22.2; 26.14).

Além disso, em Colossenses 4.11,14, Lucas é distinguido dos homens da circuncisão. Certamente Lucas era gentio, e segundo Jerônimo e Eusébio era de Antioquia da Síria. Provavelmente devido a isso Lucas manifesta tanto interesse e alegria pelo nascimento e crescimento da igreja de Antioquia (At 11.19-30).

Os historiadores afirmam que Lucas estudou medicina na Escola de Alexandria, no Egito. Recém-formado como médico, Lucas viajou para Trôade e ali se juntou a Paulo na segunda viagem missionária do apóstolo (At 16.10). Isso aconteceu em algum momento entre os versículos 9 e 10. Pois até o versículo 8 deste capítulo de Atos o pronome usado é *eles* e a partir do versículo 10 o pronome torna-se *nós*. Nesse ponto da história Lucas muda a narrativa da terceira pessoa do plural para a primeira pessoa do plural. O versículo 8 diz: “E, quando (eles) chegaram a Mísia, intentavam ir para a Bitínia, mas o Espírito do Senhor não lho permitiu. E, tendo passado por Mísia, desceram a Trôade”, e então no versículo 10 ocorre uma mudança no pronome: “E, logo depois dessa visão (nós) procuramos partir para a Macedônia...”. O que sugere que, nesse exato momento do livro, Lucas junta-se a Paulo.

De Trôade, Paulo, Silas, Timóteo e Lucas partiram para a Macedônia e a primeira cidade na Macedônia em que eles pregaram foi Filipos. Há historiadores cristãos que concordam que Lucas, alguns anos após, pastoreou aquela igreja por um determinado tempo.

Paulo faz menção de Lucas três vezes (Cl. 4.14; Fm 1.24; 2Tm 4.11). Na carta aos Colossenses, Paulo o chama de “*médico amado*”, em Filemon, Paulo o chama de “*meu cooperador*”. O que sugere que a princípio Lucas começou a viajar com Paulo como um médico para auxiliar nas fragilidades da saúde de Paulo. Somente depois ele deve ter se torna-

do um cooperador na obra missionária ao lado de Paulo, para agora curar as feridas daqueles que precisavam da cura que somente o evangelho produz. Começou curando feridas através da medicina e terminou curando feridas através do evangelho. Feridas essas que não são físicas, são interiores e espirituais, as quais só o amor de Deus pode curar! Lucas foi um médico de homens e de almas.

Lucas é o autor do evangelho que leva o seu nome e do livro dos Atos dos Apóstolos. Segundo a tradição, Lucas foi criado na casa de Teófilo, um rico oficial do governo romano, em Antioquia da Síria, e que foi a esse homem que Lucas dedicou suas duas produções literárias (Lucas e Atos). Originalmente, esses dois livros juntos formavam um único volume, pois o livro de Atos é a continuação da narrativa do evangelho segundo Lucas (ver At 1.1). Juntos, os escritos de Lucas compõe mais de $\frac{1}{4}$ do conteúdo do Novo Testamento – cerca de 27%. Sua linguagem e seu estilo mostram que ele foi um homem de elevada educação, além de ser um excelente historiador. Ele dispunha de um rico vocabulário. O evangelho escrito por ele e Atos tem cerca de 800 palavras que não ocorrem em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Das 35 parábolas do Novo Testamento, 19 estão no evangelho de Lucas. Seu grego é polido e possui um estilo semelhante ao grego da carta aos Hebreus, o mais elegante do Novo Testamento.

Lucas não conheceu Jesus pessoalmente, ele mesmo deixa claro que não estava entre aqueles que *“desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra”* (Lc 1.2). Por isso nunca foi reconhecido como um apóstolo. Ele escreveu um dos evangelhos porque, após conhecer o apóstolo Paulo, ficou encantado pela maneira como Paulo apresentava Cristo. Acredita-se que no período de dois anos em que Paulo esteve preso em Cesareia, Lucas foi aos lugares onde ainda haviam pessoas conheceram o Mestre. Visitou Marta e Maria, o apóstolo Pedro, o Centurião de Cafarnaum, a viúva de Naim, Maria, mãe de Jesus, entre tantas outras pessoas que seguiam Jesus diariamente. Dessa profunda investigação e pesquisa nasceu o evangelho escrito por Lucas. Na abertura desse evangelho, Lucas afirma que a história já havia sido escrita por outros, e que ele estaria trabalhando somente a partir de fontes confiáveis com pesquisas acuradas (Lc 1.1-4). Seu conhecimento dos muitos detalhes sobre o nascimento e a infância de Jesus sustenta a antiga tradição de que Lucas teria sido um amigo íntimo de Maria, que compartilhou com ele essas histórias. Somente Lucas acrescenta a história de Jesus aos 12 anos de idade, revelando seu conhecimento aos mestres da lei no templo (Lc 2.41-52).

Lucas descreve também uma peculiaridade da vida de Maria, antes não conhecida. Maria era uma mulher pobre: ela pôde trazer apenas um par de rolinhas ou dois pombinhos para sua purificação, porque suas posses não lhe permitiam oferecer um cordeiro (Lc 2.22-24; Lv 12.6-8). Em razão de sua pobreza, o próprio Salvador é então deitado numa manjedoura e visitado por pastores. Interessante que Jesus, sendo possuidor de tudo, escolheu, para vir ao mundo, o ventre de uma mulher pobre, mostrando com isso que faz parte da mensagem do evangelho cuidar e se importar com os mais necessitados. Seu relato sobre a crucificação também indica que, embora não tenha sido testemunha ocular, ele estava particularmente interessado nos aspectos fisiológicos da crucificação de Jesus. Por certo, tal interesse seria de se esperar de um médico.

Um detalhe interessante é que o médico historiador conta como nenhum outro evangelista inúmeras parábolas e informa detalhes de acontecimentos que nenhum dos outros evangelistas informou. Todos os evangelhos falam da negação de Pedro, mas somente Lucas diz que Jesus, naquele momento, voltou-se para Pedro e o olhou fixamente (Lc 22.61), detalhe que ele colheu pessoalmente, do próprio Pedro. Assim como também as parábolas da ovelha perdida, dracma perdida e filho pródigo que somente Lucas registrou (Lc 15). Ele mesmo introduz o livro explicitando que foi dessa forma que tudo aconteceu (Lc 1.1-4). Apenas Lucas relaciona o nascimento de Jesus com um censo ordenado pelo imperador Augustus na época em que Quirino era governador da Síria (Lc 2.1-2). Lucas também acrescenta o nascimento de João Batista (Lc 1.57-66).

Lucas é o evangelista que mais enfatizou o amor de Jesus pela prática da oração. Existem nada menos que onze pontos em que Lucas acrescenta uma referência de Jesus orando em situações nas quais Mateus e Marcos apenas registraram a história:

1. Jesus orava enquanto era batizado. Neste momento o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele – Lc 3.21
2. Jesus se retirou ao deserto para orar – Lc 5.16
3. Jesus, tendo orado toda uma noite, no outro dia pela manhã chamou seus doze discípulos – Lc 6.12
4. Jesus orou a sós antes de fazer a primeira predição de sua morte e ressurreição próximas – Lc 9.18
5. Jesus sobe o monte da transfiguração a fim de orar, e está realmente orando quando se transfigura – Lc 9.28-29

6. É a visão de Jesus orando que leva os discípulos a pedir-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar”, e isso resultou na oração do Pai-Nosso – Lc 11.1
7. Ao predizer que Pedro o trairia, Jesus, apesar disso, assegura a Pedro: “Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” – Lc 22.32
8. No jardim do Getsêmani Jesus convida seus discípulos a orar para que não entrem em tentação – Lc 22.40
9. Lucas acrescenta o detalhe de que Jesus, “estando em agonia, orava mais intensamente”, e em seguida, “levantando-se da oração”, foi ter com seus discípulos – Lc 22.44-45.
10. Apenas Lucas faz constar a oração de Jesus na cruz: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” – Lc 23.34
11. E também está somente em Lucas a última oração de Jesus antes de sua morte: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” – Lc 23.46

Outra característica interessante dos escritos de Lucas é que ele, sendo gentio, dirigiu-se diretamente a leitores não-judeus e omitiu em seus escritos qualquer referência à restrição da missão de Jesus e de seus discípulos à casa de Israel. Lucas também eliminou os comentários de Jesus sobre não judeus serem “cães” ou “porcos”. Ele contextualizou seu texto culturalmente àqueles que leriam o relato da vida de Jesus sem o embasamento e visão da cultura judaica.

O fato de Lucas ser um médico o fazia possuir compaixão das dificuldades e limitações das pessoas. Isto influenciou muito sua forma de registrar os acontecimentos da vida de Jesus. Percebe-se sua preocupação em destacar o carinho de Jesus pelos excluídos da época: doentes, pobres, mulheres e pecadores. Ele é o único que escreve sobre o perdão de Jesus para Maria Madalena e sobre a parábola do bom samaritano, revelando assim sua preocupação em valorizar os excluídos da sociedade, independente de quem eles eram antes.

Para escrever o livro de Atos ele fez usou a mesma visão, agora já com os apóstolos e, principalmente com Paulo, para reconstruir a cronologia até o capítulo 16. No entanto, a partir desse capítulo ele mesmo presenciou os acontecimentos que iam se sucedendo. Acredita-se que o evangelho de Lucas tenha sido escrito por volta do ano 60 d.C. A maior dificuldade, no entanto, é definir uma data para a composição de Atos. Para isso, alguns fatores precisam ser analisados. Atos não menciona: a) a queda de Jerusalém, que ocorreu em 70 d.C.; b) o martírio de Paulo, por volta de 67 d.C.; c) a perseguição por parte de Nero, que começou por volta do ano 64 d.C. O último acontecimento narrado em Atos ocorre em 62 d.C. (At 28.30). Nesse mesmo ano foi martirizado Tiago, o justo – e

seu martírio não é narrado em Atos. Diante disso acredita-se que 62 d.C. seja uma data provável para Lucas ter composto sua última obra. Diante disso, Lucas é considerado o primeiro historiador cristão.

Depois da prisão de dois anos de Paulo em Cesareia – período em que Lucas escreveu o evangelho que leva o seu nome – o médico seguiu com Paulo (que ainda estava preso) para Roma (At 27.1-2). A experiência de Lucas como viajante é confirmada por seu notável cuidado ao usar os termos técnicos da navegação em seu dramático naufrágio registrado em Atos 27. Sua precisão a esse respeito foi notada em 1848, por James Smith, um escocês membro da Real Sociedade (Academia Nacional de Ciências e letras de Edimburgo, na Escócia). Smith, escrevendo como velejador e historiador, confirmou as referências detalhadas de Lucas quanto aos ventos, geografia e construção naval.

Uma virtude inegável de Lucas é a sua lealdade como amigo de Paulo, tanto nos momentos bons, como nos momentos difíceis da vida do apóstolo. Lucas esteve presente nas quatro vezes em que Paulo esteve preso: Em Jerusalém (At 21.17), em Cesareia (At 23.23) e duas vezes em Roma (At 28.26; 2Tm 4.10-11).

Na última prisão, a amizade de Lucas mais uma vez foi provada. “*Só Lucas está comigo*”, disse Paulo para Timóteo (2Tm 4.11). Nesse período, Paulo estava esperando sua execução, a qual aconteceu aproximadamente em 67 d.C. Todos os demais “companheiros” de Paulo o haviam deixado. Até nisso Paulo se parecia com Cristo. Com Jesus, até a cruz, havia permanecido apenas João; com Paulo, em sua última prisão, ficou apenas Lucas.

Interessante percebermos como Lucas se dedicou ajudando Paulo em todas essas prisões. Mesmo sendo ele um homem preparado para uma vida de sucesso profissional na medicina, renunciou a vários anos de sua vida para acompanhar o apóstolo enquanto ele estava preso. Certamente não foi fácil para Lucas após a morte de Paulo, pois o apóstolo havia sido como um “pai na fé” para ele, e na convivência dos dois desenvolveu-se uma comunhão duradoura. Pouco se sabe sobre a vida de Lucas após a morte de Paulo. Alguns estudiosos antigos, em particular Orígenes e Jerônimo, acreditavam que Lucas e Tito eram irmãos. Há indícios históricos de que Lucas jamais se casou e ainda pregou na Grécia, onde morreu com aproximadamente 84 anos, como mártir, enforcado em uma oliveira em Bítinia.



Malaquias

Nome hebraico, significa "Meu mensageiro".

Malaquias foi o último profeta do Antigo Testamento. No passado, alguns estudiosos argumentaram que o nome Malaquias era apenas um cognome e que o autor do livro teria sido Esdras ou Neemias. Hoje em dia, essa hipótese é descartada.

O estilo literário de Malaquias é direto e conciso. Uma de suas características marcantes é o frequente uso de perguntas retóricas (Ml 1.6-7; 3.7-10).

As referências do livro de Malaquias quanto aos problemas do templo claramente indicam que ele profetizou depois do retorno de Judá do exílio. Malaquias também faz menção a um devastador ataque sobre a terra de Edom (Ml 1.4). Isso aconteceu pelos nabateanos, próximo ao fim do século 6 a.C., porém, o ano exato em que isso aconteceu até hoje é incerto. Malaquias também menciona alguns problemas em relação à corrupção no sacerdócio (Ml 1.6-14), o divórcio leviano de esposas israelitas (Ml 2.10-16) e o casamento misto com mulheres pagãs. Esses problemas também foram mencionados por Esdras e Neemias (Ed 9.1-4; 10.1-4; Ne 10.28-31; 13.10-14, 23-37). Isso quer dizer que Esdras e Neemias vieram depois de Malaquias, caso contrário, as reformas de Esdras e Neemias teriam sido um fracasso. Esdras chegou a Jerusalém em 458 a.C., e Neemias em 444 a.C. Isso indica que Malaquias deve ter escrito seu livro no máximo por volta de 460 a.C. Assim, podemos concluir, com alguma segurança, que Malaquias profetizou entre o fim do século 6 a.C. e início do século 5 a.C.

A situação em Jerusalém no tempo de Malaquias era muito infeliz e perigosa para a sobrevivência da religião e do povo. A nação estava sob o domínio do império persa, e embora os persas não se mostrassem dominadores opressores, Jerusalém e suas cercanias se constituíam em uma pequena e improdutivo província. Somando-se às dificuldades da própria submissão, a região ainda sofria de uma seca que já durava alguns anos, doenças nas plantações e pragas de gafanhotos. As esperanças anteriores de que com a restauração do templo nos dias de Zorobabel – aproximadamente 516-515 a.C. – surgiria uma nação judaica independente e próspera não se realizaram. A Judeia continuava a ser um obscuro e turbulento rincão do império persa. Apenas cinquenta mil exilados haviam deixado a Babilônia e regressado para Judá. Os judeus

estavam desanimados e desinteressados com a religião, e isso só havia fortalecido a frouxidão religiosa, a erosão moral e o cinismo imperante.

O templo havia sido reconstruído há aproximadamente meio século antes da data provável do ministério de Malaquias, mas seus sacerdotes já haviam corrompido os serviços, com o intuito de obter vantagem da função sagrada. Eles haviam se tornado ricos e corruptos, levando o povo a banalizarem a fé em Deus. Havia um abismo crescente entre a minoria de judeus piedosos e a grande maioria que tinha se tornado negligente na fé, avançada no secularismo e libertina na moral. Uma chocante demonstração dessa situação era o fato de os sacerdotes aceitarem animais defeituosos para os rituais do sacrifício, enquanto os doadores mantinham os melhores animais em seus rebanhos. A lei exigia animais puros e sem máculas, os melhores do rebanho. No entanto, os sacerdotes estavam dispostos a sacrificar qualquer animal que lhes trouxessem ao templo, inclusive os animais cegos e aleijados que traziam para o sacrifício (Ml 1.8) e até animais roubados (Ml 1.13), contanto que lhes pagassem uma taxa adequada na hora de sacrificar. Os ímpios e pagãos demonstravam maior reverência por seus deuses do que os sacerdotes exibiam pelo Senhor.

Malaquias também censurou aquela geração por não pagarem o dízimo: *“Pode um homem roubar a Deus?... Todavia vocês me roubam nos dízimos e nas ofertas”* (Ml 3.8-10). O Senhor reclamou que eles tratavam a Ele com desonra e com um desrespeito que eles sequer sonhariam em mostrar pelo governador persa local: *“Quando trazeis um animal cego para sacrificar, isso não é mal?... Oferece-os ao teu governador, acaso ficará contente com isso, ou receberá amigavelmente?”* (Ml 1.8).

Malaquias, então, pediu ao povo que se arrependesse (Ml 3.7; 4.2-4). Ele conclui seu livro com uma recomendação à obediência à lei de Deus e com uma profecia sobre o *“retorno de Elias”*, a fim de preparar o caminho para o Messias (Ml 4.4-6). Esse *Elias* era o profeta João Batista, que Jesus chamou de o *“Elias que haveria de vir”* ou o segundo Elias, enviado por Deus de acordo com a profecia de Malaquias (Mt 11.13-15).

Malaquias, apesar de morto, ainda fala ao mundo moderno sobre a necessidade de manter o desempenho alinhado à convicção. Sua mensagem, portanto, continua atual.



Manassés

Nome hebraico, significa "Aquele que faz esquecer".

Existem dois importantes personagens com este nome na Bíblia: um é o filho mais velho de José e neto de Jacó; o outro é filho do rei Ezequias e também reinou sobre Judá.

O nome Manassés é um indicativo de que o seu nascimento representou uma alegria tão grande que gerou “esquecimento” das tristezas do passado. O uso deste nome por José para o seu primogênito reflete o efeito que o nascimento da criança teve em sua atitude em relação às provações do seu passado no Egito (Gn 41.51). O uso deste nome, também para o filho do rei Ezequias, certamente foi uma lembrança de seus ancestrais – talvez em homenagem ao filho de José.

Manassés, filho de José.

Foi o filho primogênito de José com Asenate. Nasceu no Egito e, portanto, foi o primeiro hebreu nascido nessas terras. É o progenitor da tribo de Manassés.

Jacó adotou Manassés e Efraim como se fossem seus filhos na repartição da bênção patriarcal, dando-lhe, portanto, tratamento igualitário em relação aos demais. Quando ele deu a sua bênção no leito de morte, colocando a mão direita sobre Efraim e a mão esquerda sobre Manassés, José o corrigiu, lembrando-lhe que Manassés era o seu filho primogênito. No entanto, Jacó recusou-se a destrocar as mãos dizendo que, embora Manassés viesse a ser grande, Efraim seria ainda maior (Gn 48.17-19). A prática comum de dar a bênção preferencial ao filho mais velho foi quebrada por repetidas vezes na linhagem dos patriarcas – Ismael e Isaque, Esaú e Jacó, Manassés e Efraim – fazendo da fé em Deus, da obediência a Ele e dos planos extraordinários de Deus os fatores determinantes no momento da bênção.

Efraim, portanto, foi abençoado e tornou-se progenitor de uma tribo dominante em Israel. Manassés, entretanto, de maneira alguma foi ignorado. De fato, a tribo que fundou dividiu-se posteriormente em duas partes: uma delas ocupou um vasto território na Transjordânia (Nm 32.33-43; Js 12.1-6) e a outra uma importante região ao norte de Efraim, que se estendia do mar Mediterrâneo até o rio Jordão (Js 17.1-13).

A tribo de Manassés deu origem a grandes heróis, incluindo **Gideão** e **Jefté** [para saber mais sobre a história de cada um, consulte o su-

mário]. No conflito envolvendo Davi e Saul, um grande número de pessoas da tribo de Manassés desertou das tropas de Saul para se unir às forças de Davi. Um século mais tarde, porém, os descendentes de Manassés se tornaram participantes das forças rebeldes aliadas a Jeroboão, o que resultou na divisão das doze tribos de Israel em reino do Sul e reino do Norte. Ocorre que, quando os assírios destruíram Israel em 722 a.C., levando cativas as dez tribos do Reino do Norte, a tribo de Manassés desapareceu da história. Embora existam ainda alguns registros indicando que remanescentes dessa tribo podem ter se estabelecido em Jerusalém após o término do exílio babilônico, dois séculos mais tarde.

Manassés, rei de Judá.

Filho de Hefzibá e Ezequias, rei de Judá, Manassés precisou suceder o pai quando tinha apenas 12 anos de idade, por volta de 687-86 a.C. Embora 2 Reis 21.1 registre que ele reinou por 55 anos, registros históricos e outras referências bíblicas deixam claro que seu reinado durou, na verdade, cerca de 45 anos. Ainda assim, alcançou a marca histórica de ser a mais longa regência do Reino do Sul. Os que defendem a exatidão do cálculo de 55 anos sugerem uma corregência de 10 anos com seu pai, o que parece impossível, já que o jovem assumiu definitivamente o reinado com 12 anos.

Infelizmente, Manassés dedicou grande parte de seu tempo promovendo a idolatria, edificando santuários pagãos e construindo altares a Baal em toda Judá. Seu pai, Ezequias, havia sido um rei bem-sucedido porquanto honrou a Deus e combateu a idolatria, expurgando os comportamentos idólatras e restaurando a prática do culto ao Senhor no templo em Jerusalém [para saber mais, veja a história de Ezequias na página 140]. Manassés, diferente de seu pai, sucumbiu diante das influências pró-assírias que insistiam em desfazer as reformas de Ezequias, voltando assim ao culto pagão, chegando até o ponto de colocar um ídolo no próprio templo de Jerusalém (2Rs 21.7). As abominações de Manassés foram citadas pelos profetas como “a gota d’água” que motivou Deus a selar o julgamento de Judá com o cativeiro (2Rs 21.10-15).

Essas abominações incluíam necromancia (consulta aos espíritos dos mortos) e sacrifícios humanos, tendo o monarca incluído neles os seus próprios filhos: *“Fez ele também passar os seus filhos pelo fogo no vale de Hinom, e usou de adivinhações, e de agouros, e de feitiçarias, e consultou adivinhos e encantadores, e fez muitíssimo mal aos olhos do*

SENHOR, para provocá-lo à ira” (2Cr 33.6). Não é de surpreender que ele seja considerado o pior rei a assumir o trono de Davi.

Em resumo, Manassés corrompeu totalmente o judaísmo, misturando-o com todo tipo imaginável de práticas abomináveis. Somando-se a isso, o rei promoveu um massacre entre os profetas e sacerdotes fiéis, derramando *“tanto sangue inocente que encheu Jerusalém de um extremo ao outro”* (2Rs 21.16). Ele era constantemente advertido pelos profetas de que estava semeando desastres sobre si e sobre Judá, porém, parece que, ao invés de dar ouvidos à mensagem profética, ele preferia assassinar os mensageiros. Segundo a tradição, o profeta Isaías foi serrado ao meio nessa época por ordem de Manassés. É possível que Hebreus 11.37 – *“foram apedrejados, foram tentados, foram serrados pelo meio”* – seja uma alusão a este fato.

Embora seu pai Ezequias tenha resistido com êxito ao avanço dos assírios, Manassés aliou-se a eles, sujeitando Judá à posição de um estado vassalo dos assírios e os ajudando em suas guerras. Quando Assurbanipal – rei da Assíria – conquistou o Egito, ele listou 22 reis vassalos que o auxiliaram, e entre eles estava Manassés.

Por volta de 670 a.C., finalmente, Manassés foi derrotado e humilhado por sua apostasia. Apesar de sua submissão aos assírios, eles atacaram Jerusalém e levaram Manassés como refém, *“colocando-lhe um gancho no nariz e algemas de bronze”*, levando-o cativo para a Babilônia (na época sob o domínio assírio. Veja 2Cr 33.11). A partir desse ponto, o cronista registra que *“Então conheceu Manassés que o Senhor era Deus”* (2Cr 33.12-13). Enquanto estava na prisão, Manassés se arrependeu e orou fervorosamente ao Senhor, suplicando por perdão. Então, o Senhor, teve compaixão dele e colocou um fim à sua punição, levando-o de volta a Jerusalém (2Cr 33.12-13). Esse relato indica a profundidade da graça de Deus, ao perdoar um homem tão ímpio como Manassés, quando este se arrependeu sinceramente dos seus pecados.

Após seu retorno a Jerusalém, *“Manassés reconstruiu os seus muros... e tirou da casa do Senhor os deuses estranhos e o ídolo, como também todos os altares que tinha edificado no monte da casa do Senhor, e em Jerusalém, e os lançou fora da cidade. E reparou o altar do Senhor e ofereceu sobre ele sacrifícios de ofertas pacíficas e de louvor; e ordenou a Judá que servisse ao Senhor Deus de Israel”* (2Cr 33.14-16).

Contudo, as reformas e ele creditadas não foram duradouras (2Cr 33.17). Manassés não conseguiu deter a onda de corrupção religiosa liberada através de sua influência passada (2Rs 21.-19-21; 2Cr 33.21-23).

Manassés continuou a governar o Reino do Sul após o seu retorno da Babilônia. Morreu em 642 a.C., sendo sucedido por seu filho Amom, cujo breve reinado foi marcado por uma continuação da política idólatra anterior de seu pai e a colaboração com os mesopotâmios. Quando Josias – neto de Manassés – subiu ao trono, apenas alguns anos mais tarde, havia pouquíssima adoração ao Senhor em Israel, sendo necessária uma nova reforma, concluindo assim a tentativa iniciada por Manassés após se arrepender perante o Senhor.



Marcos

Nome latino, significa “Grande martelo”.

Marcos era sobrinho de Barnabé (Cl 4.10) e filho de Maria, que morava em Jerusalém, em cuja casa os primeiros cristãos da cidade se congregavam (At 12.12). Por isso, Pedro dirigiu-se até lá assim que foi solto da prisão pelo Senhor, pois ali estava a igreja orando. Devia ser uma casa espaçosa e a família de Marcos era suficientemente abastada financeiramente para permitir-se ter pelo menos uma criada em casa: a jovem Rode, que deixou Pedro do lado de fora da porta (At 12.13-14).

Marcos é mencionado pela primeira vez na Bíblia no livro de Atos dos Apóstolos, no qual é mencionado como filho de Maria (At 12.12). Ele não é mencionado pelo nome em nenhum dos evangelhos. Porém, de acordo com a antiga tradição, Marcos era o jovem que, durante a prisão de Jesus no jardim do Getsêmani, teria se escondido dos soldados, deixando as roupas e fugindo nu (Mc 14.51-52). Muito provavelmente, na época, o evangelista era apenas um adolescente ou, no máximo, um jovem na casa dos vinte anos. Seu nome hebreu era João – muito comum entre os judeus –, mas ele ficou mais conhecido por seu sobrenome latino: Marcos.

Paulo e Barnabé o levaram na primeira viagem missionária que empreenderam no início da igreja primitiva. A mesma palavra, *auxiliar*, usada para descrever o papel de Marcos nessa viagem, é usada por Lucas em outros textos para referir-se aos que eram “*ministros da palavra*” (Lc 1.2), cujo trabalho era voltado para o ensino. Isso parece sugerir que, embora João Marcos fosse um assistente de trabalhos gerais, provavel-

mente um dos aspectos de sua contribuição na equipe missionária era a participação em alguma forma de ensino.

No entanto, depois de ministrarem em Chipre, João Marcos abandonou Paulo e Barnabé, quando estavam na Panfília (At 13.5,13), presumivelmente para retornar à sua casa em Jerusalém. Nenhuma razão é fornecida, porém existem algumas ideias sugeridas para a desistência de João Marcos no meio da missão:

- É possível que ele não estivesse gostado de Paulo ter assumido a liderança no meio da missão, quando Barnabé claramente tinha sido o líder em sua organização inicial.
- Outros sugeriram que Marcos não tenha aceitado totalmente a doutrina da salvação pela graça por meio da fé apenas (os judeus criam na salvação racial pelas obras). Até mesmo Barnabé, em momento posterior, foi acusado por Paulo de ter apresentado alguns desvios quanto à doutrina da salvação pela fé (Gl 2.13). Obviamente, Barnabé deve ter influenciado Marcos quanto a esta doutrina, pelo menos no início.
- Há os que pensam que já pode ter iniciado ali um conflito doutrinário sobre a necessidade ou não da circuncisão para os gentios.
- Há ainda os que pensam que Marcos abandonou Paulo e Barnabé devido a dois fatores importantes: perigo de saúde e perseguição. A Panfília era uma área quase ao nível do mar e era infestada por várias pestes e febres. Além disso, Marcos tinha acabado de testemunhar um confronto emocionalmente extenuante com Elimas, o mágico, em Pafos (At 13.6-12). Talvez ele tenha sentido algum pressentimento ruim do que iriam encontrar pela frente. De fato, se tivesse continuado a viagem com Paulo e Barnabé, ele enfrentaria uma perseguição física em Listra, onde Paulo foi apedrejado ao ponto de quase morrer (At 14.19). Parece que o esgotamento e o perigo foram demais para que Marcos pudesse suportar, e então ele fugiu para Jerusalém.

Enfim, todas essas hipóteses estão fundadas no terreno especulação, e a verdade é que não há como se precisar o motivo exato do abandono de Marcos na primeira viagem missionária. Porém, há um detalhe interessante a ser destacado aqui: se Marcos, de fato, foi o jovem que fugiu nu quando Jesus foi preso, como está registrado em Marcos 14.51-52, não seria difícil imaginar o nível de dificuldade que Marcos possuía em suportar o desafio do discipulado pela segunda vez ao fugir na viagem

na Panfília. De modo que, admitindo-se tais hipóteses como verdadeiras, seria a segunda vez que Marcos revelaria uma tendência em sua personalidade: a de *fugir* em momentos delicados e decisivos.

O abandono de Marcos irritou Paulo, que se recusou a levá-lo na segunda viagem missionária – aproximadamente dois anos após o episódio – causando assim, uma dissensão entre Paulo e Barnabé (At 15.36-41). Como resultado, eles seguiram caminhos diferentes. Paulo se uniu a Silas e Barnabé seguiu com Marcos para Chipre (At 15.39). Ou seja, a região onde Marcos havia conseguido servir e ministrar na vez anterior era a mesma região onde o jovem evangelista teria a oportunidade de recomeçar a sua história. Após aquele incidente, Marcos e Barnabé não são mais mencionados por Lucas no livro de Atos.

Vale a pena destacarmos que a palavra *afastara* que Paulo usa em Atos 15.38 – quando Marcos deseja ir à segunda viagem – lembra a que foi usada na parábola do sementeiro referindo-se à semente que caiu sobre a pedra: “*A que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; estes não tem raiz, creem apenas por algum tempo e, na hora da provação se desviam*” (Lc 8.13). O sentido de *afastar* na fala de Paulo é o mesmo de *desviar* da fala de Jesus. Era o que Paulo pensava acerca de Marcos. Quando enfrentou o teste, ele se desviou da missão e mostrou ser um discípulo ainda sem raízes.

Cerca de doze anos depois, durante a prisão domiciliar de Paulo em Roma, Marcos aparece novamente como um cooperador do apóstolo Paulo (Fm 24) e estava pronto para viajar para a província romana da Ásia (Cl 4.10). Na carta aos Colossenses, Marcos é mencionado com outros cooperadores de Paulo como alguém que havia sido “uma consolação” para ele (Cl 4.10-11). Quando Pedro escreveu sua primeira epístola, Marcos estava com ele na “Babilônia” (acredita-se que era uma referência a Roma). Na época da segunda prisão de Paulo em Roma (66-67 d.C.), Marcos, que na época estava em Éfeso, provou seu valor e sua utilidade de tal maneira que Paulo solicitou que ele fosse a Roma (1Tm 4.11). Evidentemente, a ferida entre Paulo e Marcos havia sido completamente curada!

Marcos desfrutou de um relacionamento próximo com Pedro, que o chamava de “*meu filho*” (1Pe 5.13). Como fruto dessa convivência nasceu o segundo evangelho – o evangelho escrito por Marcos – por volta de 65 a 70 d.C., durante ou imediatamente após o reinado de Nero. Isso fez do evangelho de Marcos o primeiro dos quatro evangelhos a serem escritos. Sua contribuição ao cristianismo foi muito importante, uma vez

que jamais qualquer coisa semelhante tinha sido escrita antes. Desse modo, Marcos tornou-se um autor desbravador que preparou o caminho para que os outros três evangelistas seguissem seu modelo.

Os Pais da Igreja Pós-Nicenos, chegam a registrar a seguinte tradição: *“Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, escreveu um pequeno Evangelho a pedido dos irmãos em Roma, formalizando por escrito o que tinha ouvido de Pedro”*. Ou seja, o evangelho de Marcos é quase um “evangelho de Pedro escrito por Marcos”.

Papias, um escritor cristão do início do segundo século – morto em 163 d.C. – afirmou que o evangelho de Marcos é um registro preciso pelo fato de seu autor ter sido íntimo de Pedro, ouvindo dele assim, muitas informações que foram registradas nesse evangelho. No entanto, Papias também parece supor que Marcos jamais conheceu Jesus, tendo acompanhado e ouvido somente a Pedro. Isso desafia as tradições anteriormente mencionadas quanto ao fato de Marcos ter testemunhado os momentos de Jesus no Getsêmani. Não se sabe, entretanto, se Papias seria realmente conhecedor dessa informação.

Nada mais se sabe sobre João Marcos, porém muitas tradições antigas creditam a ele a fundação da igreja em Alexandria, no Egito. Há até uma crônica antiga que afirma que Marcos teria morrido como mártir lá, e seus ossos foram posteriormente transportados para a Basílica de São Marcos, em Veneza, na Itália.



Maria Madalena

Forma grega do nome hebraico “Miriã”, que significa “Rebelião”.

Maria, de Magdala, popularmente conhecida como Maria Madalena, foi a mais importante discípula (seguidora) de Jesus e foi mencionada mais vezes do que qualquer outra mulher no Novo Testamento. Magdala era uma cidade localizada à beira do mar da Galileia, ao norte de Tiberíades.

Maria Madalena não aparece no texto de Mateus, Marcos e João até a crucificação. Lucas é quem dá uma atenção especial ao relato de sua vida. Ela fazia companhia a Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes Antipas, e Susana. Essas mulheres, aparentemente, eram

mulheres de posses, pois “*serviam com os seus bens*” a Jesus e aos seus discípulos (Lc 8.3). Ou seja, elas mantinham Jesus e os discípulos financeiramente na missão. Lucas afirma que Madalena foi liberta por Jesus de sete demônios, indicando assim, que ela possuía algum problema espiritual (Lc 8.2; Mc 16.9).

Uma conclusão mais plausível é que Maria Madalena, como pessoa de posses e como amiga da esposa do procurador de Antipas, fosse uma mulher de posição social alta, e não uma prostituta como já foi interpretado antes.

A devoção de Maria Madalena pelo Senhor fica evidente pelo serviço e respeito constantemente dedicado a Ele. Madalena estava junto da cruz quando Jesus estava sendo crucificado (Jo 19.25). Ela cuidou de Jesus até depois da morte. Enquanto os discípulos fugiam e se escondiam, ela ficou para trás para observar onde José de Arimateia o sepultaria. Depois do descanso do sábado, planejaram voltar ao túmulo no domingo pela manhã, para ungirem o corpo de Cristo com especiarias e perfumes, que era um costume da época (Lc 23.56). No entanto, quando chegaram ao local onde Jesus foi sepultado, elas ficaram surpresas ao ver que a grande pedra que bloqueava a entrada do túmulo, estava removida (Jo 20.1). No mesmo instante, elas correram de volta à cidade, a fim de contar aos discípulos (Jo 20.2).

Maria Madalena, no entanto, voltou sozinha ao túmulo e chorou pelo Senhor. Dois anjos apareceram e lhe perguntaram qual a razão das lágrimas (Jo 20.11-13). Subitamente, no momento de seu maior desespero, Cristo apareceu, mas ela não foi capaz de reconhecê-lo. Ao pensar que se tratava do jardineiro, perguntou-lhe sobre o corpo de Jesus (Jo 20.14-15). Cristo, então, gentilmente chamou-a pelo nome e Madalena o reconheceu (Jo 20.16). Ela tentou abraçá-lo, mas Jesus disse: “*Não me detenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: subo a meu pai e vosso pai, a meu Deus e vosso Deus*”. E assim, Maria Madalena tornou-se a primeira testemunha da ressurreição de Jesus (Jo 20.17-18).

Existem duas interpretações erradas sobre Maria Madalena que precisam ser explicadas. A primeira, considera que ela era uma prostituta; a segunda, que ela era a “*Maria de Betânia*”, irmã de Lázaro.

O primeiro equívoco, no qual se supõe que Maria Madalena era uma prostituta, é uma interpretação errada do fato de Lucas a mencionar pela primeira vez logo após a história de uma meretriz (Lc 7.36 em diante), levando os leitores a associarem as duas mulheres como se fos-

sem uma só. No século 6, o papa Gregório I (papa de 590 a 604 d.C.), fez essa mesma associação em um sermão e Maria passou a ser identificada como uma prostituta desde então.

O segundo equívoco, pelo qual se supõe que Maria Madalena era a irmã de Lázaro, provavelmente surgiu das duas histórias sobre o deramamento de perfume sobre Jesus. O relato sobre a meretriz que lavou os pés de Jesus (que não foi Maria Madalena) e os enxugou com os próprios cabelos, derramando, a seguir, perfume sobre eles (Lc 7.36-50), precede a apresentação de Maria, que ocorre no capítulo seguinte (Lc 8.2). Essa proximidade de relatos levou à errônea conclusão de que elas eram a mesma mulher e, portanto, que Maria Madalena era uma prostituta. Ou seja, o primeiro equívoco gerou o segundo. Essa ideia parece ter sido erroneamente sustentada por Tertuliano, por volta de 150 d.C.

Maria Madalena é também o pivô de muitas controvérsias envolvendo Jesus. Nos anos recentes, em função do romance *O código Da Vinci*, algumas tradições heréticas antigas voltaram à tona. Entre elas está a de que Maria Madalena seria esposa de Jesus. Tais histórias – embora tenham suscitado o interesse popular – não são histórias embasadas em fontes confiáveis. São partes de textos apócrifos que tinham como propósito denegrir o evangelho em sua fase primitiva, utilizando-se de informações totalmente falsas.



Maria

Forma grega do nome hebraico "Miriã", que significa "Rebelião".

Mãe de Jesus

Maria, mãe de Jesus, ocupa uma posição única na história humana, como a mulher escolhida por Deus para conceber Jesus, o Salvador do mundo. A Bíblia se refere a ela por dezessete vezes em todo o Novo Testamento. A maioria das informações que encontramos sobre Maria foi registrada não com o propósito de falar a respeito dela, mas para confirmar a divindade, a missão messiânica e o cumprimento profético da vinda de Jesus.

Maria vivia numa vila chamada Nazaré, localizada ao sul da Galileia. Era noiva de José, um homem – ou jovem – temente a Deus. Ele também vivia em Nazaré (Mt 1.18). Sua origem humilde e pobre é pratica-

mente inquestionável (ninguém de origem abastada viveria em Nazaré). Provavelmente de aparência simples, trajava roupas não refinadas, tecido em casa e tingido de cor marrom clara, de modo a esconder as manchas que, naturalmente, resultariam do fato de viver em um pequeno vilarejo sem recursos e com ruas sem calçamento. Somente as pessoas de posses podiam usar roupas de seda ou dar-se ao luxo de usar roupas brancas.

A Bíblia nada revela sobre o nascimento de Maria ou sua infância. Ela é mencionada pela primeira vez na ocasião da concepção de Jesus. A Bíblia não fala sobre sua genealogia, no entanto, um livro apócrifo do século 3 d.C., diz que seus pais se chamavam Joaquim de Nazaré e Ana de Belém. Maria tinha também uma irmã chamada Salomé, casada com o pescador Zebedeu (Mt 27.56; Mc 15.40; Jo 19.25). Sendo assim, os discípulos Tiago e João, filhos de Zebedeu, eram primos de Jesus.

A vida para uma jovem mulher no Oriente Médio daquela época era difícil e perigosa. As mulheres eram consideradas como cidadãs de segunda classe e propriedade de seus pais e maridos. Desde o momento em que davam os primeiros passos, eram ensinadas sobre as habilidades básicas de uma dona de casa, tais como cozinhar, tecer, costurar e limpar. Aos garotos era permitido algum tempo para o lazer, mas as meninas eram obrigadas a trabalhar em casa tão logo fossem capazes de fazer isso.

Aos doze anos, em geral, a menina era submetida a exames regulares (usualmente feitos por parteiras) e, tão logo apresentassem os primeiros sinais de puberdade, era declarada apta para o casamento. Embora seja assustador para a nossa cultura, aparentemente, essa era a idade que Maria tinha quando foi desposada por José – 12 anos.

O matrimônio não era uma relação romântica, mas um contrato feito pelos pais. Quando uma menina era concedida em noivado a um homem, já era legalmente considerada esposa dele. O noivado e o casamento tinham quase o mesmo peso de compromisso. Mesmo que eles não tivessem se casado no sentido comum, a menina era declarada já compromissada para o matrimônio. O noivado poderia ser interrompido apenas por um processo formal de divórcio, o que era muito raro de acontecer. O casamento livraria o pai da responsabilidade de criar uma filha, e o marido receberia alguém para cuidar de suas necessidades e dar-lhe filhos.

Nenhuma relação conjugal acontecia até que a noiva fosse viver com o marido. Ter relações conjugais antes desse tempo era considerado

um ato de adultério, severamente punido. O homem seria alvo de disciplina de ordem religiosa, mas a mulher poderia ser apedrejada até a morte.

Foi dentro desse contexto histórico e cultural que o anjo Gabriel apareceu a Maria e anunciou que ela conceberia e daria à luz um filho. Essa criança seria chamada de *“Filho de Deus”* e receberia o trono de Davi (Lc 1.26-33). Maria, por ser virgem, questionou Gabriel sobre como isso poderia acontecer. O anjo lhe disse: *“O Espírito Santo descera sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo que há de nascer de ti será chamado Filho de Deus”* (Lc 1.35). Gabriel informou também a Maria que Isabel – uma prima dela já bem idosa – estava grávida. Maria então, em uma demonstração real de fé submeteu-se à vontade do Senhor (Lc 1.36-38).

Maria foi imediatamente visitar Isabel, futura mãe de João Batista. Assim que Isabel ouviu sua voz, o bebê em seu ventre pulou de alegria e ela foi cheia do Espírito Santo. Isabel louvou divinamente ao Deus de Israel porque lhe fora também revelado que Maria daria à luz o Salvador do mundo. Ela era bem-aventurada, escolhida para ser a mãe do Filho unigênito de Deus (Lc 1.39-45). Maria ficou ainda três meses com Isabel e depois voltou para Nazaré (Lc 1.56). Provavelmente, José, seu noivo, descobriu sua gravidez nesse período, e por certo se sentiu chocado e profundamente magoado.

Hoje, lembramos a anunciação do nascimento de Jesus como um momento de grande honra e alegria. Entretanto, se considerarmos a sociedade judaica da época, o que houve na época foi exatamente o oposto. Ser descoberta grávida antes de seu casamento resultaria em imediata acusação de adultério. Por ser noiva de José, a sua vida estava nas mãos dele. Como noivo de Maria, José tinha legalmente diante de si três opções: casar-se imediatamente, dar-lhe permissão para ela ir embora e viver em outro lugar (o que seria quase uma sentença de morte para uma mulher solteira e grávida devido à desonra) ou entregá-la a população para que ela fosse apedrejada.

José planejou terminar o relacionamento em secreto, para não humilhá-la, e deixar que ela vivesse a desonra de estar grávida e solteira. O Senhor, porém, revelou-lhe por meio de um sonho que aquela criança fora gerada pelo Espírito Santo e o exortou a tomar Maria como sua esposa. José, sendo um homem íntegro, obedeceu a Deus e então se casou com ela (Mt 1.18-25). Por certo, isso o rotulou aos olhos das pessoas como o pai adúltero do filho dela, pelo resto de sua vida.

Quando César Augusto ordenou que se fizesse um recenseamento em todo o mundo romano, José e Maria tiveram que ir à Belém de Judá (pois eles eram da tribo de Judá). Ambos pertenciam à linhagem de Davi e também precisavam comparecer na cidade onde nasceram (Lc 2.1-5). Enquanto estavam lá, chegou o momento de Maria dar à luz. Não havia lugar para eles nas hospedarias, por isso, provavelmente, eles tiveram que alugar um espaço em um cômodo das casas que era usado também para guardar animais: uma estrebaria. Nessa estrebaria, Maria o colocou dentro de uma manjedoura, que era um tabuleiro onde os animais se alimentavam (Lc 2.6-7).

Se tivéssemos somente o relato de Mateus, pensaríamos que José e Maria moravam em Belém. Lucas, porém, deixa claro que o nascimento de Jesus ocorreu em Belém só por causa do recenseamento, que levou seus pais à cidade natal dos seus ancestrais.

Apesar de seu nascimento humilde, a presença do filho de Deus nascendo entre os homens não poderia ficar em segredo. Um grupo de pastores, os quais receberam uma visitação celestial que lhes falou sobre o nascimento de Cristo, procurou-o para adorá-lo. Maria, no entanto, guardava todas estas coisas, meditando no coração (Lc 2.8-20). No oitavo dia após o nascimento de Jesus, Maria e José o circuncidaram.

Eles ficaram nos arredores de Jerusalém até que dois requisitos da lei judaica fossem cumpridos. O primeiro era que, para cada filho primogênito, um preço de resgate de cinco ciclos de prata – ou o salário de dez dias de trabalho – tinha de ser pago no templo após o nascimento (Nm 18.15-16). O segundo ritual exigido era que no 41º dia após o nascimento do menino, subissem ao templo, para a cerimônia de purificação da mulher e a apresentação do menino (Lc 2.21-24; Lv 12.1-8; Nm 18.15). A oferta pela purificação da mãe era um cordeiro ou dois pombinhos (para os mais pobres). José e Maria fizeram a oferta alternativa permitida a pessoas pobres demais para oferecer um cordeiro: duas pombinhas (Lc 2.24).

Enquanto estavam lá, um homem justo e dedicado ao Senhor, chamado Simeão, falou profeticamente sobre o futuro de Jesus como o Messias (Lc 2.25-32). Depois, Simeão abençoou os pais e profetizou a Maria que o menino seria a causa da queda de muitos, e da elevação de muitos outros em Israel. Falariam contra ele e ele revelaria os segredos dos corações dos homens. Quanto à própria Maria, uma espada atravessaria sua alma, quando visse como seu filho seria tratado. Após o cumprimento das exigências cerimo-

niais no templo, José e Maria voltaram para Belém, que ficava a nove quilômetros de distância de Jerusalém.

Nesse tempo, os magos do oriente, viram um sinal nos céus e saíram para encontrar o menino Jesus e adorá-lo. Primeiro, foram a Jerusalém e perguntaram onde o “Rei dos Judeus” havia nascido (Mt 2.1-2). Quando o rei Herodes, o Grande, soube da chegada deles e das perguntas que faziam, ficou profundamente perturbado. Pediu que os magos procurassem o menino e o avisassem quando o localizassem. Os magos, então, seguiram “a estrela” (um sinal no céu), a qual finalmente os levou até o destino procurado (Mt 2.3-10).

Quando chegaram à casa onde estavam Maria e José, adoraram ao menino Jesus e entregaram-lhes presentes. Advertidos num sonho sobre as intenções malignas de Herodes, o Grande, os magos não o procuraram mais. Pelo contrário, voltaram imediatamente para o Oriente, seguindo por outro caminho (Mt 2.11-12).

Após isso, José também teve um sonho, no qual foi alertado que Herodes planejava matar Jesus. José, então, tomou Maria e o bebê e fugiu às pressas durante a noite para o Egito, onde permaneceu até a morte desse perverso rei (Mt 2.13-15). Após a morte de Herodes, o Grande, em março de 4 a.C., José foi informado novamente através de um sonho que já poderia voltar para Israel. Estabeleceram-se então, em Nazaré, na Galileia, onde o menino Jesus cresceu (Mt 2.19-23; Lc 2.39). O lar em Nazaré era cheio de meninos e meninas, pois José e Maria tiveram pelo menos seis outros filhos (Mc 6.3). No entanto, Jesus como o mais velho, seguiu a profissão do “pai”, como carpinteiro.

Anualmente, José e Maria subiam a Jerusalém. Quando Jesus tinha 12 anos de idade, eles subiram novamente para participarem da festa da Páscoa. Nessa ocasião, quando voltavam para casa, descobriram que Jesus não estava no grupo com os parentes, mas havia ficado em Jerusalém. Voltando às pressas, o encontraram no templo. Quando seus pais o repreenderam por ficar para trás e deixá-los tão preocupados, a resposta de Jesus foi: “Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu estava na casa de meu Pai?” (Lc 2.49).

Essa é a última vez que José é mencionado no texto bíblico. Depois desse episódio, a única menção a ele é quando Jesus é identificado como “filho de José” (Jo 1.45). Não há qualquer menção à sua pessoa na crucificação, nem no ministério de Jesus, e isso pode ser presumido como um sinal de que ele tenha morrido em algum momento entre o incidente do templo e o início do ministério de Jesus, cerca de 18 anos depois.

A próxima vez que encontramos Maria, é já durante o ministério de Jesus, que começou quando ele tinha cerca de 30 anos de idade (Lc 3.23). Naqueles dias, houve um casamento em Caná da Galileia para o qual Maria e Jesus foram convidados a participar. Acabou o vinho e, Maria, tentando poupar a família que promovia a festa de uma vergonha, falou com Jesus sobre o assunto (Jo 1.10). Ele operou ali o seu primeiro milagre público, ao transformar água em vinho. Leitores dessa história ficam confusos pela aparente aspereza de Jesus com sua mãe, ao se referir a ela como “mulher” (Jo 2.4). Tal referência, no entanto, era o padrão da época, sendo considerado respeitoso e não rude.

Em uma outra ocasião, quando Jesus ministrava para uma grande multidão, Maria e os outros filhos foram questioná-lo, pois não estavam entendendo o propósito messiânico da vida de Jesus e diziam “*que ele estava fora de si*” (Mc 3.20-21; 31-35). Esse incidente, além de mostrar a falta de entendimento deles acerca do ministério de Cristo, mostrava também o cuidado e as preocupações que tinham para com Ele. Parece que Maria e seus filhos, temiam que a sobrecarga de trabalho pudesse afetar a capacidade mental de Jesus.

Maria também sofreu a dor de ver seu filho sendo crucificado (Jo 19.25). Estava bem perto da cruz e observou a dor e a tortura do seu filho. Jesus notou a presença dela ali e a colocou sob os cuidados de João, seu discípulo amado (Jo 19.26-27). Isso indica mais uma vez que José já havia morrido e que Jesus havia assumido o cuidado de sua mãe. No entanto, ao se aproximar da morte, Jesus transmitiu essa responsabilidade para João.

A última referência a Maria na Bíblia, encontra-se depois da ressurreição de Cristo. Ela, provavelmente seus outros filhos, os apóstolos e quase 120 pessoas estavam reunidos no cenáculo, em Jerusalém (At 1.14).

A tradição sugere que Maria tenha vivido em Éfeso com o apóstolo João, no final de sua vida e ali tenha morrido. Como foi dito, Jesus havia entregue a João a responsabilidade de cuidar de sua mãe após a crucificação. E, aparentemente, Maria viveu o restante de sua vida ao lado do discípulo amado. Um problema existente em relação à morte de Maria, é que existem dois lugares atualmente atribuídos como o local do seu sepultamento: um túmulo em Éfeso e outro em Jerusalém. O de Éfeso, porém, é o mais plausível.

Embora ela seja objeto de adoração no catolicismo, não há veneração a Maria em lugar nenhum da Bíblia. Na verdade, Jesus rejeitou isso (Lc 11.27-28). A Igreja Católica estabeleceu dogmas, como por exemplo,

a *virgindade perpétua de Maria*, afirmando que Jesus, quando nasceu, deixou a virgindade de Maria intacta e, os outros “filhos e filhas” (Mc 6.3) seriam filhos de um “primeiro casamento” de José, e não de Maria. Outra heresia é a ideia de que Maria também teve uma ascensão aos céus, não passando por uma morte natural (o que mostra uma contradição entre esta ideia e a dos que creem que seu túmulo está ou em Jerusalém ou em Éfeso). E há ainda os que dizem que Maria não possuía o pecado original, ou seja, era da mesma qualidade espiritual e moral de Jesus.

Embora Duns Scotus tivesse argumentado, no século XIII, a favor dessa doutrina, Tomás de Aquino e os dominicanos, por diferentes razões, se opuseram a ela. Cristo, diziam eles, não podia ser o Salvador do mundo, inclusive de Maria, se ela não tivesse pecado e se não tivesse a necessidade de salvação.

Essas doutrinas não têm apoio nenhum no Novo Testamento. Os textos bíblicos concordam que depois do nascimento perfeitamente normal de Jesus (Lc 2.5), José e Maria viveram como marido e esposa, e experimentaram a bênção de ter uma grande família (Mc 6.3).

Diante disso, podemos dizer que Maria, mãe de Jesus, é digna do nosso respeito, no entanto, não da nossa adoração.



Mateus

Nome hebraico, significa “Dom de Deus”.

Mateus foi um dos doze discípulos de Jesus. Ele aparece nas quatro listas dos discípulos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 5.27; At 1.13). Além da presença de seu nome nas listas dos apóstolos, ele é citado apenas duas vezes nos evangelhos. Primeiro, em sua chamada na coletoria de impostos, nas proximidades de Cafarnaum (a única chamada individual a um discípulo, relatada nos evangelhos sinóticos). Segundo, no banquete oferecido por ele a Jesus, para o qual muitos “publicanos e pecadores” foram convidados (Lc 5.29-30).

Marcos e Lucas informam que Mateus também era chamado Levi (Mc 2.14; Lc 5.27-29). É provável que “Levi” tenha sido o seu nome antigo, antes de receber seu chamado, e que “Mateus” tenha sido o nome dado a ele por Jesus como discípulo (como, por exemplo, o nome de Si-

mão foi trocado para Pedro). Assim, o novo nome passou a ser um símbolo e uma lembrança da mais importante mudança ocorrida em seu coração e em sua vida.

R.V.G. Tasker – perito na biografia de Mateus – sugere que a “troca”, pelos evangelistas Marcos e Lucas, do nome Mateus por Levi no episódio da coletoria é uma tentativa de ambos os autores desassociarem o nome do apóstolo de sua antiga e mal vista profissão.

Marcos e Lucas mencionam que Mateus – também chamado Levi – era filho de Alfeu (Mc 2.14-17; Lc 5.27-32). Tiago, o Menor, também era filho de um “Alfeu” (Mt 10.3). Seria esse Alfeu pai dos dois discípulos? Provavelmente não! Vale a pena lembrar que “Alfeu” é um dos muitos e típicos nomes helênicos adotados por judeus durante o século I d.C. Não há nenhuma evidência bíblica, histórica ou de tradição que indique esse parentesco entre os dois discípulos. E, caso Alfeu fosse o pai de Tiago e Mateus, certamente os escritores iam mencionar que eles eram irmãos assim como mencionou o parentesco de Tiago e João e Pedro e André.

Mateus era um publicano judeu, um cobrador de impostos que trabalhava para os romanos e, portanto, era considerado pelos demais membros do seu povo como um traidor, colaborador dos inimigos e ladrão. Entretanto, com tal ocupação, é provável que ele tenha tido uma boa educação e estivesse familiarizado com o aramaico, o grego e o latim.

Mas, por que um cobrador de imposto era visto assim naquele tempo?

O Império Romano tinha elaborado sistemas de cobrança de impostos que variavam de um lugar para o outro. Naqueles dias, vários sistemas operavam na Palestina. Dois destes sistemas de impostos se destacavam: o imposto por pessoa, arrecadado de todos os adultos, e o imposto sobre a terra. Entretanto, o direito para coletar alguns impostos menores – como as taxas aduaneiras cobradas nos portos e nas principais estradas – eram arrematados pelos maiores licitantes.

Zaqueu, por exemplo, havia adquirido este direito de coletar impostos em Jericó (Lc 19.1-10). Por isso, ele era chamado “o maioral dos publicanos” e “rico” (Lc 19.2). A Judeia – ao sul – era governada diretamente por Roma. A Galileia – ao norte – era governada por Herodes Antipas, sob autoridade direta de Roma. E era para esse Herodes que Mateus trabalhava.

Mateus, como coletor de impostos, estava incumbido de tributar tanto os comerciantes e pescadores que cruzavam o mar da Galileia (provavelmente Mateus recolhia os impostos de Pedro, Tiago, João e André antes de serem discípulos) quanto os demais viajantes da importan-

te estrada que ligava Damasco ao mar Mediterrâneo, que passava por Cafarnaum. Essa estrada era chamada de *Via Maris* naquela época.

A grande questão negativa dos publicanos era a injustiça e crueldade que praticavam contra o povo ao coletar os impostos. Sentavam-se no portão da cidade – como um inspetor da alfândega na chegada internacional dos aeroportos – e todo aquele que quisesse entrar na cidade era obrigado a se submeter a exames, às vezes humilhantes, sobre tudo o que possuía consigo. O publicano determinava o que era passível de taxas e o valor do imposto sobre aquele item, coletando o dinheiro na hora.

Muitos deles usavam sua posição para cobrar valores exorbitantes, com o objetivo de levantar dinheiro extra para si mesmos. Eles acrescentavam as suas próprias taxas para aumentar o seu lucro. Era preciso uma grande dose de ambição e cobiça para um judeu se dispor a ser um coletor de impostos, servindo assim aos “odiosos” romanos e sendo associado à casa de Herodes Antipas. A maneira como o termo “publicano” era usado na Bíblia mostra que ser um coletor de impostos era conquistar uma posição em que o suborno e a corrupção não somente eram possíveis, mas eram muito prováveis.

Os judeus somente assumiriam tal emprego se amassem mais o dinheiro do que sua herança nacional como judeus. Os rabinos ensinavam que era perfeitamente permitido enganar um cobrador de impostos. Eles colocavam a cobrança de impostos ao lado da prostituição como ocupações que nenhum judeu cumpridor da lei poderia aceitar – uma vez que isso significava tratar com gentios e trabalhar aos sábados –, estando totalmente ligada à ganância e à injustiça.

Assim, pois, os publicanos formavam uma classe à parte, hostilizada pela sociedade judaica. Sua presença nas sinagogas era inaceitável. Por estas razões, em sua maioria, os publicanos tinham pouco interesse na lei e na adoração ao Deus de Israel. Eles haviam colocados seus corações nas riquezas terrenas, e não nas espirituais.

Jesus viu Mateus “*assentado na coletoria*” (Mt 9.9). A Bíblia não nos revela onde isso ocorreu, mas podemos pensar que aconteceu em Cafarnaum, levando em conta que a história do relato imediatamente anterior ocorreu nessa cidade. O texto de Mateus 9.1 nos diz que Jesus foi à sua cidade – que era Cafarnaum – e o versículo 9.9 diz que ele estava “*saindo*”, ou seja, provavelmente esse encontro se deu no portão de saída da cidade.

Jesus simplesmente disse a Mateus: “*Siga-me*”. Ele, ato contínuo, levantou e o seguiu. O versículo seguinte informa sobre Jesus em um

jantar na casa de Mateus. Ao entrar ali para jantar, Jesus provocou um escândalo. Os convidados eram “publicanos e pecadores”, o que poderia incluir até prostitutas, porque eram as únicas pessoas que se relacionavam socialmente com os da classe moral de Mateus. Pouco se sabe sobre esse evento, exceto que os fariseus desafiaram Jesus e ele respondeu: “*Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes... pois eu não vim para chamar justos, mas pecadores*” (Mt 9.12-13).

O encontro de Mateus com Jesus verdadeiramente transformou a sua vida. Como resultado disso, ele deixou definitivamente sua função de cobrador de impostos. Concluímos isso com base em dois pontos evidentes. Primeiro, no grupo dos doze apóstolos estava “Simão, o Zelote” (Mt 10.4). Este Simão era um ex-membro de um movimento revolucionário inconformado com a submissão a Roma, inclusive com a prática de pagar tributos a Roma que era liderada em Cafarnaum por Mateus. Os dois seriam profundos inimigos entre os doze, caso não tivessem sido transformados por Jesus. Mateus, intencionalmente, menciona tanto sua profissão como a de Simão em sua lista de apóstolos, em Mateus 10.2-4, com o propósito de sublinhar a reconciliação de ambos. Eles não poderiam estar juntos no apostolado se não tivessem abandonado suas vidas anteriores para seguirem a Jesus.

Segundo, somente Mateus se refere ao ensino de Jesus sobre o pagamento do imposto (Mt 17.24-27). Apenas ele registra esse incidente em que Jesus paga o imposto em Cafarnaum, mandando Pedro pescar e procurar uma moeda na boca de um peixe. Podemos suspeitar que Mateus incluiu essa história porque ela significava muito para ele. Ele havia sido liberto de todo aquele sistema, na realidade, libertado de servir a *Mamom*, o deus do dinheiro (Mt 6.24).

Outra evidência da conversão de Mateus e de como sua experiência pessoal interferiu no seu relacionamento com Deus está registrado na “*Oração do Pai-Nosso*” nos registros de Mateus e Lucas. Mateus usa o termo “*perdoa-nos as nossas dívidas*”, e Lucas usa o termo “*perdoa-nos os nossos pecados*” para o mesmo trecho da oração (Mt 6.12; Lc 11.4). Como cobrador de impostos, ele nunca perdoava dívidas – mas depois que conheceu Jesus, ele reconheceu a enorme dívida não paga que tinha para com Deus – a dívida do perdão e da salvação. Por isso, é plausível a ideia de Levi ser o seu nome antigo, e Mateus o novo nome, como uma referência de sua nova vida: “dom de Deus”.

A data do chamado de Mateus não pode ser determinada com precisão, mas existe uma boa razão para colocá-la antes do sermão da montanha, sobre o qual o evangelho segundo Mateus contém o relato mais com-

pleto. O fato por si só sustenta uma forte evidência a favor dessa colocação cronológica, porque tal narrativa tão completa do sermão não poderia se originar de alguém que não o tivesse ouvido.

A próxima – e última – vez que Mateus é mencionado diretamente no Novo Testamento, é em sua inclusão entre as quase 120 pessoas que estavam no cenáculo quando o Espírito Santo foi derramado no dia de pentecostes (At 1.13). Após essa ocasião, o Novo Testamento nada mais diz sobre as atividades de Mateus na igreja primitiva. Em contrapartida, existem muitas histórias sobre as missões de Mateus e algumas tradições que parecem reconstruir os últimos anos de sua vida.

Irineu disse que ele pregou o evangelho entre os judeus. Provavelmente isso significa que ele teria pregado tanto na Palestina quanto para os judeus da dispersão, no período da diáspora. Clemente de Alexandria disse que Mateus permaneceu 15 anos nesse trabalho atendendo os judeus na Judeia. Conta ainda que Mateus desenvolveu o seu ministério entre os etíopes, os gregos da Macedônia (norte da Grécia), os sírios e os persas.

Mateus é também o autor do primeiro dos quatro evangelhos. Durante séculos os cristãos acreditaram que, devido à ordem no Cânon sagrado, Mateus teria sido o primeiro evangelho a ser escrito. Porém, este ponto de vista tem sido majoritariamente abandonado, pois evidências concretas apontam que Marcos foi o primeiro que escreveu os ensinamentos e os relatos da vida de Jesus. Um forte argumento que embasa essa tese é o fato de que, dos 662 versículos de Marcos, cerca de 600 aparecem também em Mateus. Faz pouco sentido imaginar que Marcos copiou cerca de 600 versos de Mateus, acrescentando apenas alguns outros poucos, publicando-o como um evangelho separado. É mais plausível admitir que Mateus usou Marcos como base de uma produção de maior vulto (principalmente porque o evangelho de Marcos foi contado por Pedro, que esteve junto com Tiago e João em lugares em que Mateus não pôde estar). Seguindo basicamente o modelo de Marcos, Mateus suplementou-o com material adicional que torna o seu evangelho quase duas vezes mais extenso que o de Marcos (1069 versículos no total).

Mateus entendeu o modo como Jesus cumpriu as profecias do Antigo Testamento. Por isso, aparecem mais referências a elas neste evangelho do que nos outros três. Isso é mais uma evidência de que o evangelho escrito por Mateus foi claramente escrito para os judeus e não para os gentios. E somente Mateus registra a história sobre o homem que encontrou um tesouro escondido num campo e vendeu tudo o que tinha para adquiri-lo.

Mateus sabia, a partir da sua experiência pessoal, o que isso significava. Ele também deixara sua carreira vantajosa e lucrativa para seguir a Jesus.

Talvez, devido a isso, Mateus enfatizou muito mais do que Marcos, Lucas e João o autosacrifício que Jesus exigiu de seus discípulos no cumprimento da missão. Isto deve ter sido extremamente difícil para Mateus e deve ter evidenciado para ele a enorme mudança que existiu em sua vida. Da riqueza ilícita para a pobreza moderada; da autodeterminação para o discipulado; da segurança para a perigosa vida da fé e; acima de tudo, do eu para Cristo. Portanto, deixar tudo para acompanhar Jesus numa vida de discípulo itinerante provavelmente exigiu mais sacrifício para Mateus do que para alguns dos outros discípulos – isto evidenciou a verdadeira conversão de Mateus.

Este evangelho escrito por Mateus também é muito rico em detalhes exclusivos sobre a vida de Jesus. De um total de 35 milagres de Jesus relatados nos evangelhos, Mateus descreve 20 deles. Três deles – os dois cegos que recuperaram a visão (Mt 9.27-31), a cura do homem mudo e endemoninhado (Mt 9.32-33) e o dinheiro na boca do peixe (Mt 17.24-27) – só aparecem em Mateus.

Essa riqueza existe também nas parábolas. De um total de 51 parábolas descritas nos evangelhos, 21 são relatadas em Mateus. Onze delas são exclusivas de Mateus – a das sementes (Mt 13.24-30; 37-43), a do tesouro escondido (Mt 13.44), a da pérola de grande valor (Mt 13.45-56), a da rede de pesca (Mt 13.47-50), a do servo ingrato e mau (Mt 18.23-35), a dos trabalhadores da vinha (Mt 20.1-6), a dos dois filhos (Mt 21.28-32), a do casamento do filho do rei (Mt 22.1-14), a das dez virgens (Mt 25.13), a dos talentos (Mt 25.14-30) e a das ovelhas e bodes (Mt 25.31-46). Outra curiosidade deste evangelho é que ele é o único em que aparece a palavra igreja (Mt 16.18; 18.17).

Mateus foi um escritor talentoso, um discípulo fervoroso e, talvez, tenha sido o mais culto dos doze discípulos. Não há, no entanto, uma definição sobre como Mateus morreu. Clemente de Alexandria indicou que ele teria morrido de morte natural. Adicionalmente, afirmou que Mateus era vegetariano e se alimentava de sementes, nozes e vegetais, não ingerindo qualquer tipo de carne. O Talmude, no entanto, diz que Mateus foi condenado à morte pelo Sinédrio dos judeus de Alexandria e uma antiga tradição diz que Mateus foi morto perfurado por uma lança, na Etiópia. Embora não se possa precisar como Mateus morreu, seus restos mortais encontram-se na Catedral de Salerno, na Itália.



Matias

Nome hebraico, significa “Dom de Deus”.

Matias foi o discípulo escolhido para substituir Judas Iscariotes como o décimo segundo apóstolo. O nome Matias é o diminutivo de Matias, e no grego é Mateus.

Após a Ascensão de Jesus, Pedro liderou o grupo de cerca de 120 cristãos seguidores de Jesus que tomou a medida de incluir Matias no intervalo entre a ascensão do Senhor e o dia de pentecostes (At 1.15-26). Ele disse que, assim como as escrituras tinham profetizado a traição de Judas Iscariotes, também prediziam que outro receberia “o seu encargo” (At 1.20). Foram propostos dois homens que preenchiem certas condições – José, chamado Barsabás (também conhecido como “Justo”) e Matias. Essas condições eram que eles deveriam ter acompanhado os discípulos durante todo o ministério de Jesus, desde o seu batismo realizado por João Batista até a sua ascensão aos céus no Monte das Oliveiras. Portanto, eles teriam de ser capazes de testemunhar a ressurreição de Jesus.

Depois de uma oração, lançaram sortes, e a escolha caiu sobre Matias, assim ele foi “*contado entre os doze apóstolos*” (At 1.26). Esse ato de tirar a sorte (purim, em hebraico) era uma prática antiga. No peito do sumo sacerdote haviam pedras sagradas, o Urim e Tumim (“luzes” e “verdades”). Essas pedras eram utilizadas para tirar a sorte, na crença de que Deus guiaria qual pedra iria cair. Alguns estudiosos sugerem que o método utilizado para escolher Matias envolveu duas pedras semelhantes a essas, cada qual representando um dos candidatos a ocupar aquela função. Elas foram colocadas em um jarro de boca pequena que foi agitado até que uma pedra caísse. A pedra que caiu determinou o escolhido a ser Matias.

Eusébio – antigo historiador cristão e um dos pais da igreja – ensinava que Matias tinha sido um dos 70 discípulos que Jesus escolhera para enviar de “dois a dois à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio deveria ir” (Lc 10.1).

Matias, no entanto, não é mencionado em nenhum outro lugar no Novo Testamento. Alguns escritores consideram que Pedro teria sido presunçoso e impaciente ao tomar a iniciativa de substituir Judas e que ele e os demais apóstolos deveriam ter esperado e aceitado a escolha do Senhor, isto é, o apóstolo Paulo.

Várias tradições estão ligadas a vida de Matias. Acredita-se que ele morreu como mártir pregando na Judeia ao ser apedrejado por judeus em Jerusalém. Dornan Newman, escrevendo em 1685 reconheceu uma tradição que apontava o ano 51 d.C. como o ano do martírio de Matias. Há ainda uma tradição que sugere que os restos mortais de Matias foram mantidos em Jerusalém e mais tarde foram levados a Roma pela rainha Helena (mãe do imperador Constantino), e depois transportados para Tréveris (hoje Trier), na Alemanha.



Mefibosete

*Nome hebraico, provavelmente significa
"Aquele que luta contra a vergonha".*

Mefibosete era filho de Jônatas e neto de Saul. A forma original do seu nome era Meribe-Baal (1 Cr 8.34; 9.40), mas, quando a palavra baal tornou-se costumeiramente associada à divindade pagã dos cananeus, ela foi substituída pela palavra hebraica bosete, que significa “vergonha”.

Como neto do rei Saul, Mefibosete nasceu em uma situação privilegiada que mudou drasticamente quando os filisteus venceram Israel. Saul, Jônatas e dois de seus irmãos foram mortos em batalha no monte Gilboa (1 Sm 31.1-6). Quando essas notícias chegaram ao palácio israelita em Jezreel, Mefibosete, então com 5 anos, foi levado fugitivo por sua ama. Naquele tempo, era costume um novo rei matar todos os postulantes ao seu trono, mesmo que fossem membros da própria família. Por isso que a ama de Mefibosete fugiu com ele, temendo por sua própria vida.

No entanto, ao fugir, a mulher tropeçou, e derrubou também Mefibosete, que fraturou os dois pés ficando aleijado para sempre (2 Sm 4.4). O menino encontrou refúgio em Lo-Debar, em Gileade, na casa de Maquir, que tempos depois, auxiliou o próprio Davi (2 Sm 9.4; 17.27). O tio de Mefibosete, Is-Bosete (o único filho sobrevivente de Saul), se tornou um rei sem nenhuma expressão e logo foi assassinado (2 Sm 4). Mefibosete ficou então sem ninguém que o ajudasse além de Maquir.

Quando Davi foi estabelecido como rei de Israel, ficou sabendo da existência de Mefibosete por Ziba, outrora influente servo no palácio de Saul (2 Sm 9.1-13). Davi então o convidou para comparecer em sua presença. Intimidado a seguir para Jerusalém, Mefibosete ficou naturalmen-

te apreensivo, temendo que Davi fosse eliminar qualquer descendente de Saul que fosse rival no trono. Porém, a natureza generosa de Davi logo foi demonstrada ao restaurar a Mefibosete todas as terras que pertencera a Saul, bem como garantir a ele um lugar permanente à mesa real.

Entretanto, anos depois quando a rebelião de Absalão aconteceu, Ziba encontrou-se com o fugitivo Davi, suprindo-o com muitas provisões (que eram tão necessárias naquele momento de fuga) e aproveitando a oportunidade de maneira maliciosa disse a Davi que Mefibosete nutria esperanças de reivindicar o reino para si mesmo. Davi, no estresse do momento, foi iludido por essa improvável história e prometeu a Ziba toda a propriedade que tinha dado a Mefibosete (2 Sm 16.1-4).

Quando acabou a rebelião e Davi voltou a Jerusalém, o próprio Mefibosete veio a Davi e forneceu evidências da sua inocência, revelando assim a duplicidade de Ziba. Ao ser perguntado por que não havia acompanhado Davi, Mefibosete relatou a mentira de Ziba – Mefibosete havia pedido que um jumento fosse selado para ele poder viajar junto com Davi, mas Ziba propositalmente o deixou para trás.

O sincero pesar de Mefibosete foi demonstrado por sua aparência desleixada perante o rei. Desde a fuga de Davi, ele não havia tomado banho, nem lavado as roupas e nem aparado a barba, como sinal de luto pela rebelião de Absalão (2 Sm 19.24-30). Contudo, Davi, mesmo tendo acreditado em Mefibosete, não desejou perder o vínculo com Ziba e provavelmente agradecido pelo auxílio que este lhe dera durante a sua fuga, acabou dividindo a terra entre os dois (2 Sm 19.24 em diante). No entanto, a alegria genuína de Mefibosete pela sua restauração à presença do rei foi tamanha que a perda de parte de sua propriedade nada significou (2 Sm 19.24-30).

Mais tarde, quando sete descendentes de Saul foram assassinados para satisfazer os gibeonitas, a vívida lembrança de Jônatas em Davi fez com que a vida de Mefibosete fosse poupada (2 Sm 21.7). Mefibosete teve um filho, ele chamou-se Mica (2 Sm 9.12), e tornou-se o chefe de uma família consideravelmente numerosa em Israel (1 Cr 8.35; 9.41).



Melquisedeque

Nome hebraico,
significa "Rei de justiça".

Melquisedeque é o nome de um misterioso personagem do Antigo Testamento. Ele era rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14.18). Salém é a atual Jerusalém, e na época era cidade pagã dos cananeus.

Quando Abraão derrotou a coalizão dos cinco reis que haviam capturado Ló (Gn 14.8-16), Melquisedeque veio ao seu encontro carregando presentes, como pão e vinho, e abençoando a Abraão em nome de Deus. Abraão submeteu-se a Melquisedeque, pagando o dízimo de tudo quanto possuía.

O senso comum ensina que a pessoa que recebe o dízimo e abençoe o que dá é o maior dos dois. Assim, Melquisedeque é superior a Abraão – pois recebeu o dízimo até mesmo de Levi – representado figuradamente pelo patriarca (Hb 7.4-10). Isso deixa claro que o sacerdócio da ordem de Melquisedeque é superior ao sacerdócio levítico. E Abraão reconheceu, portanto, a posição espiritual mais elevada de Melquisedeque como sacerdote patriarcal.

Muitas especulações têm existido sobre como Melquisedeque conhecia Deus. O mais provável é que Melquisedeque conhecia o Senhor por meio de uma tradição que se espalhou após o dilúvio ou até mesmo devido a uma revelação pessoal e sobrenatural de Deus a ele. Ele percebeu que Abraão servia ao mesmo Deus (Gn 14.22). O patriarca, por sua vez, reconheceu Melquisedeque como sacerdote de Deus, digno de receber seu dízimo (Gn 14.20). No entanto, embora a referência a Melquisedeque como rei de Salém seja breve, aparece num contexto que o retrata como uma figura histórica.

O termo “*Deus Altíssimo*”, referente ao sacerdócio de Melquisedeque é *El Elion* no hebraico. *El Elion* não é a divindade pagã adorada pelos cananeus, mas o título do único Deus verdadeiro, que criou os céus e a terra, e isso era uma identidade diferente da religião dos cananeus (Gn 14.22; Sl 7.17; 47.2; 57.2; 78.56). Com isso, Melquisedeque não era representante de uma divindade pagã dos cananeus, mas sim representante do Deus vivo.

Abraão não só demonstrou seu apoio a esse rei-sacerdote, como também publicamente reconheceu como uma pessoa de categoria espiritual maior do que ele e recebeu seus presentes. Em contraste, Abraão recusou um presente do rei de Sodoma no mesmo instante (Gn 14.21-

23), a fim de mostrar publicamente que não havia qualquer ligação teológica ou espiritual entre eles.

Os textos de Ras Shamra mostraram que as cidades cananeias tinham sumos sacerdotes na primeira metade do segundo milênio a.C., e que Idrimi, rei de Alalakh, ao norte da Síria, em aproximadamente 1500 a.C., era o representante pessoal de seu deus e aquele que oficializava o santuário. Dessa forma, o relato de Gênesis não precisa ser considerado antiquado e isolado.

Um documento encontrado em Qunrã – nos manuscritos do mar Morto – considerava Melquisedeque um ser angelical. Nos primeiros séculos da igreja cristã, era comum ele ser descrito como um anjo encarnado. Targuns, Jerônimo e Lutero, acreditavam que Melquisedeque era Sem – um dos filhos de Noé – pois se imaginava que ele tivesse vivido até o tempo de Abraão. No entanto, todas essas teorias são especulativas.

Há ainda alguns estudiosos, que têm considerado que Melquisedeque tenha sido uma aparição de Cristo pré-encarnado no Antigo Testamento (tecnicamente chamado de teofania). Essa argumentação baseia-se na referência de Hebreus 7.3, que afirma que não há registros de seu pai ou sua mãe ou qualquer um de seus ancestrais. Revela ainda que sua vida não teve princípio nem fim. Contudo, tal afirmação deve ser compreendida apenas de que seu sacerdócio não tinha ligação com nenhuma linhagem sacerdotal. O mesmo escritor aos Hebreus afirma que Melquisedeque foi feito “*semelhante ao Filho de Deus*” (Hb 7.3). Ou seja, isso claramente indica que ele mesmo não era o Filho de Deus.

Embora Melquisedeque apareça apenas em três versículos no Gênesis (Gn 14.18-20), a reputação envolvendo o seu nome deve ter causado um grande impacto nas pessoas por meio da tradição oral ao longo dos séculos.

Melquisedeque, o rei-sacerdote, é lembrado em um salmo de Davi que exalta o seu reinado e os aspectos santos de seu domínio pelo direito divino: “*O Senhor estenderá o cetro de seu poder sobre os teus inimigos... O Senhor jurou e não se arrependará: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque’*” (Sl 110.2-4).

O escritor da carta aos Hebreus é o único autor sagrado do Novo Testamento que estabelece a doutrina do sacerdócio de Cristo. Ele expõe a superioridade do sacerdócio da ordem de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico especialmente no capítulo 7.

O sacerdócio de Melquisedeque não estava limitado a uma raça ou uma tribo, sendo, portanto, universal. Sua realeza não foi herdada de

seus pais. E essa realeza também não foi transmitida a um descendente, e assim ela era eterna. Portanto, Melquisedeque é uma tipologia de Cristo e de seu sacerdócio eterno e universal.

Enquanto os descendentes de Levi precisavam mostrar sua linhagem para servir no tabernáculo e, posteriormente, no templo, por um período relativamente curto de suas vidas, Melquisedeque, mesmo sem linhagem, tem um sacerdócio que permanece para sempre (Hb 7.3). O escritor aos Hebreus declara que não é o Filho de Deus que se assemelha a Melquisedeque, mas sim Melquisedeque que é semelhante ao Filho de Deus, o qual é eterno (Hb 7.3).



Mical

Nome hebraico, que significa "Quem é como Deus?"

Mical foi a filha mais nova de Saul, provavelmente com Ainoã (1 Sm 14.50). Mical veio a ser a primeira esposa de Davi.

Saul prometera que aquele que vencesse a Golias receberia sua filha por esposa. Após a vitória de Davi sobre Golias, Merabe (a filha mais velha de Saul), deveria ter sido dada a Davi, mas ela acabou sendo dada a Adriel, o meolatita. Mical, no entanto, apaixonou-se por Davi (1 Sm 18.20-21).

Saul – querendo já livrar-se de Davi – não pediu o dote por Mical, mas disse que ela seria dada a Davi como esposa, se ele conseguisse trazer os prepúcios de cem filisteus. Logicamente, para conseguir esses prepúcios ele precisaria matar esses homens.

Sem dúvidas, Saul não acreditava que Davi conseguiria tal façanha, mas para sua surpresa, Davi não matou somente cem, mas sim, duzentos filisteus e trouxe os seus prepúcios. Como recompensa disso, Mical tornou-se esposa de Davi.

No início, tudo seguia bem entre Davi e Mical, até que Saul tramou mais uma vez se livrar de Davi. Mical ficou do lado do seu esposo e decidiu livrar Davi do maldoso plano de seu pai. No entanto, para não ser morto por Saul, Davi precisou fugir.

Por algum tempo Davi precisou continuar fugindo de Saul, e nesse tempo Mical ficou sem esposo. Provavelmente, por um sentimento de

vingança Saul deu Mical como esposa para Paltiel, da região de Galim (1 Sm 25.44; 2 Sm 3.15).

Depois que Davi se tornou rei de Israel, uma de suas primeiras exigências foi que Mical lhe fosse devolvida como esposa (2 Sm 3.12-16). Certamente, isso deixou Palti muito abatido e ele a seguiu à distância “chorando até Baurim” (2 Sm 3.16). Porém, já haviam se passado dez anos desde que Mical havia se separado de Davi, e ela já não lhe amava mais – provavelmente agora ela preferia o seu atual relacionamento.

Quando Davi trouxe a arca da aliança de volta para Jerusalém, ele estava tão feliz que decidiu dançar diante de todos. Mical, entretanto, não gostou do que viu e o recebeu com palavras deselegantes, o criticando por ter dançado diante de homens e mulheres. Davi sentindo-se ofendido pela postura de Mical, fez questão de lembrá-la que o Senhor havia o escolhido no lugar de Saul, seu pai. Foi uma clássica briga de fim de casamento, e a consequência disso é que Davi passou a tratar Mical de maneira fria e repudiante – provavelmente não tendo mais relações sexuais com ela – nesse caso, Mical, rejeitada por Davi, e tirada da companhia de Paltiel, terminou abandonada e por causa disso “Mical morreu sem filhos” (2 Sm 6.23).

Algumas versões fazem o nome de Mical ser mencionado em 2 Samuel 21.8, como mãe de cinco filhos, mas trata-se de um erro de tradução, a versão correta grafa ali o nome Merabe, irmã de Mical.



Miqueias

Nome hebraico, significa “Quem é como Jeová?”

Miqueias foi o sexto dos profetas menores e autor do livro que leva o seu nome (Mq 1.1; Jr 26.18). Viveu em Moresete-Gate (Mq 1.1,14), uma cidade em Judá, perto da cidade filisteia de Gate, e que possivelmente esteve algumas vezes sob o governo de Gate. Esta cidade estava a 30 ou 40 quilômetros a sudeste de Jerusalém. Jerônimo e Eusébio informam-nos que ela ficava a leste de Eleuterópolis. Dessa forma, o profeta viveu onde era capaz de observar a longa estrada por onde,

durante séculos, haviam passado os exércitos invasores, assim como os ancestrais dos judeus e as caravanas comerciais.

Miqueias foi contemporâneo de Isaías – embora fosse mais jovem do que ele – uma leitura cuidadosa dos respectivos livros deixa claro que se conheciam e havia uma dependência literária entre eles (Mq 4.1-3; Is 2.2-4, 12; 4.7; 5.6; 7.18; 37.32).

Miqueias profetizou durante os reinados de Jotão (aproximadamente de 742-735 a.C.), Acáz (aproximadamente de 735-715 a.C.) e Ezequias (aproximadamente de 715-687 a.C.) – reis de Judá – e serviu tanto ao Reino do Norte como ao Reino do Sul, e dirigiu-se tanto a Samaria como a Jerusalém.

Ele começou seu ministério bem antes da queda de Israel diante da Assíria em 722 a.C., possivelmente no fim do período de ministério de Amós, por volta de 735-710 a.C. Tecoa, a cidade de Amós, ficava próxima a Moresete, e as profecias desse profeta tinham claramente uma forte influência no pensamento de Miqueias. Assim como Amós, Miqueias também foi oriundo do interior, e utiliza imagens do campo em suas profecias, como por exemplo, os feixes trazidos para a eira e os chacais uivando à noite.

Após a queda de Samaria – Reino do Norte – Miqueias voltou sua atenção para Judá. Embora de maneira não tão grave como Israel, Judá também havia permitido a propagação da iniquidade e da idolatria entre a população. Por essa razão, estava sob a mesma ameaça de juízo por parte do Senhor Deus. Miqueias os advertiu que Samaria era um exemplo do que poderia acontecer a eles, porém não lhe deram ouvidos. Em uma atitude similar àquela adotada por Isaías, ele andou nu e descalço como um escravo, lamentando e pranteando sobre os pecados de Judá. *“Por causa disso chorarei, e lamentarei, andando descalço e nu. Pois a ferida de Samaria é incurável e chegou a Judá. O flagelo alcançou até mesmo a porta do meu povo, até a própria Jerusalém”* (Mq 1.8-9).

A partir daí, Miqueias passou a concentrar sua atenção nos líderes de Judá, nos profetas e na aristocracia (os nobres). Ele denunciou os profetas por predizerem o que o povo lhes pagava para dizer e condenou a aristocracia pela corrupção, idolatria e opressão aos pobres.

Um dos silêncios de Miqueias é que ele não dá o nome de seu pai. Por isso, os eruditos têm concluído que ele pertencia a uma família de condições humilde. Com isso concorda a natureza de sua mensagem, onde, naturalmente, entre várias outras coisas, ele defende o direito dos camponeses humilhados, que estavam sendo oprimidos pelos ricos arrogantes.

Faltam evidências, no entanto, para comprovar que Miqueias era um homem do campo, simplesmente porque residia em uma cidade do interior da Judeia. Seu estilo não mostra que era uma pessoa rústica. Suas rápidas transições de um tema para outro mostram apenas que tinha um espírito disposto e contemporâneo e que possuía coragem ao falar. Por outro lado, tem sido conjecturado, a partir de Miqueias 2.2, que ele era um fazendeiro e que aquela propriedade que foi tomada com violência poderia ter sido sua. No entanto, não existem evidências que comprovem isso, e é pouco provável que isso fosse verdade.

Não se pode duvidar que Miqueias, assim como Isaías, exerceram grande influência sobre o rei Ezequias em sua reforma na vida espiritual do reino (Jr 26.18). Ele era movido por essa compaixão, a ponto de ser um homem capaz de ter grande simpatia pelos oprimidos e sensibilidade pelos sofrimentos de seus conterrâneos.

Alguns comentadores têm chamado Miqueias de o “Tiago do Antigo Testamento”. E isso têm sentido: Tiago, assim como Miqueias, não somente tomava a defesa dos pobres explorados pelos ricos (Tg 5.1-6), mas também fez incessantes apelos para que o povo tivesse uma autêntica piedade, que não estivesse preso às externalidades do cerimonialismo religioso, e sim, partisse de um coração voltado para a prática do bem (Tg 1.19-27). Esse ataque ao cerimonialismo religioso, que prevalecia em seus dias, pode ser visto, especialmente na seção de seu livro que aparece em Miqueias 6.6-8. Miqueias era contra a injustiça social e o ritualismo, prezando assim, pela verdadeira prática da religião.

No entanto, o desânimo de Miqueias quanto à liderança de Israel e Judá não é sem esperança, pois ele antecipa o dia quando o tão esperado descendente de Davi virá de Belém – um insignificante vilarejo naqueles dias (Mq 5.2; Mt 2.6) – e ele seria o meio da efetuação da paz entre o Senhor e o seu povo (Mq 5.5). Desta maneira, Miqueias faz uma ponte de ligação entre o pessimismo compreensível de sua época e o glorioso futuro da redenção e reconciliação por meio do Messias.

De acordo com Miqueias 1.9, ele ainda estava profetizando, em 701 a.C., quando os exércitos assírios, sob o comando de Senaqueribe (Is 36-37), sitiaram Jerusalém. Cerca de cem anos mais tarde, Miqueias foi lembrado por Jeremias como um exemplo de um profeta anterior que predisse a destruição da cidade de Jerusalém (Jr 26.16-19).



Moisés

Nome hebraico, significa “Aquele que foi tirado das águas”.

Moisés sem dúvidas nenhuma foi uma das maiores, senão a maior, autoridade constituída por Deus no Antigo Testamento. Ele é conhecido por ser o grande libertador dos hebreus.

Pertencente à tribo de Levi, da família de Coate. Era filho de Anrão com sua esposa Joquebede (Ex 6.18-20). Nasceu em cerca de 1520 a.C. Ele nasceu em Heliópolis, no Egito.

Quando Moisés nasceu, os seus dois irmãos (Miriã e Arão) já haviam nascido. Não se sabe o nome de Moisés antes dele ser achado pela filha de Faraó. Pois, seu nome significa “aquele que foi tirado das águas”. E, antes de ser tirado das águas, qual era o seu nome?

No primeiro capítulo do Êxodo, a Bíblia relata o crescimento expressivo que os hebreus tiveram no Egito. Eles estavam como escravos, porém, a cada dia que passava eles aumentavam e se fortaleciam. Isso fez com que o Faraó daquela época temesse uma possível revolta dos hebreus. Talvez, por isso Faraó mandou as parteiras Sifrá e Puá, matarem a todos os meninos que nascessem dos hebreus.

As parteiras temeram a Deus, e desobedeceram a ordem de Faraó. Alegando que quando elas chegavam para fazer o parto, os meninos já haviam nascido. Faraó então mandou que os meninos recém-nascidos fossem jogados no rio Nilo. Porém, Deus poupou a Moisés, pois tinha um plano na vida dele. Interessante que na própria ordem de Faraó, Deus tomou um caminho inverso para livrar Moisés. A ordem dele era que as crianças fossem jogadas no Nilo, e foi no Nilo que Moisés foi posto para não ser morto pelos egípcios.

A vida de Moisés é dividida em três partes de 40 anos. Os primeiros 40 anos são do nascimento até o momento que ele foge do Egito por ter matado um egípcio. Os segundos 40 anos acontecem desde a fuga do Egito até o momento em que Deus se revela a ele no monte Sinai em uma sarça ardente. E, os últimos 40 anos se dão desde o encontro com a voz de Deus na sarça até o dia em que Moisés subiu o monte Nebo, de frente para terra prometida, após ter cumprido a sua missão de levar o povo até Canaã.

Os primeiros quarenta anos: A mãe de Moisés foi capaz de esconder o menino até que ele estivesse com três meses de idade, mas

então para Moisés ser salvo foi posto em um cesto de juncos com betume, por sua irmã Miriã, a mando de sua mãe, no meio da vegetação ribeirinha do rio Nilo. O cesto desceu o Nilo até chegar a um lugar onde a filha de Faraó estava se banhando. Ao se interessar pelo cesto mandou que fossem apanhá-lo, que para sua surpresa estava com o menino Moisés dentro.

De acordo com o que afirma a maioria dos historiadores, inclusive Flávio Josefo, o Faraó daquela época era Ramsés II, e sua filha que adotou a Moisés como seu filho chamava-se Termutis. Já o Faraó da época do êxodo chamava-se Menépta – isto porque o êxodo aconteceu quando Moisés tinha 80 anos, e aqui, Moisés era apenas um recém-nascido.

A princesa Termutis se interessou em cuidar de Moisés, mas, como ele era um recém-nascido necessitava de leite materno para o seu crescimento. A Bíblia nos diz que Miriã havia seguido todo o percurso do cesto, e se apresentou a Termutis, dizendo a ela que conhecia alguém que poderia amamentar a criança. Assim foi chamada Joquebede, a própria mãe de Moisés, para amamentá-lo até que ele fosse desmamado.

Após ser desmamado, Moisés foi introduzido na corte real e na cultura egípcia. O historiador Flávio Josefo registrou em sua *História dos Hebreus* que quando Moisés era ainda pequeno, Termutis apresentou-o a Faraó dizendo: “Foi um presente que o Nilo me fez (*porque o Nilo era tido como um “deus” para os egípcios, falaremos mais sobre isso adiante*), recebi-o de maneira admirável, resolvi adotá-lo e ofereço-o como sucessor, já que não tendes filho”. E, com essas palavras Termutis colocou a Moisés nos braços de Ramsés II, que com prazer abraçou a criança colocando-lhe o diadema na cabeça. Moisés como uma criança, que se diverte, tirou-o e o jogou no chão, pisando-lhe em cima. Sugerindo, ainda que inocentemente, a missão que Deus o havia escolhido para cumprir, tirar os hebreus do Egito, que era a “coroa” trabalhista da escravidão para os egípcios.

Ainda na sua infância e juventude, Moisés recebeu a melhor educação possível para os egípcios. Vivia próximo a Faraó. Era tratado como membro da família real. Isso, por certo cooperou muito para Moisés ter aprendido de todas as principais ciências dos egípcios. No entanto, não se sabe dizer como ele aprendeu o hebraico, mas por certo, ele mesmo deva ter se interessado pela questão.

Nesse período Moisés foi designado para exercer funções militares no Egito. Diz Josefo, que ele comandou o exército no sul. Isso lhe fez conquistar autoridade e reputação consideráveis. Contudo, é lamentá-

vel o fato de que os hebreus ainda não estavam preparados para estarem debaixo de sua liderança.

Os segundo quarenta anos: Quando Moisés tinha quarenta anos, viu um supervisor egípcio açoitando um escravo hebreu. Em uma explosão de ira, Moisés matou o egípcio. Ele não sabia, mas, aquilo era um sinal do seu chamado. O seu chamado era livrar os hebreus das mãos dos egípcios. Sem ele perceber, os seus instintos e impulsos já estavam mostrando através daquele comportamento o que ele havia sido gerado para fazer: livrar os hebreus das mãos dos egípcios. Nosso chamado sempre nos dará sinais. Faz parte da nossa vida e influenciará nossas emoções. Um simples sentimento de compaixão por alguém que precisa ser salvo, pode ser um sinal do que Deus te gerou para fazer. Aquilo que te indigna é um sinal do que você está designado para resolver!

Moisés, no entanto, pensou que ninguém o tinha visto. No dia seguinte, Moisés interveio em uma briga entre dois hebreus e ficou alarmado quando um deles disse incisivamente: “Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz? Acaso queres matar-me como mataste ontem o egípcio?” (Ex 2.14). A notícia se espalhou rapidamente e chegou ao conhecimento de Faraó. Diante disso, Moisés teve que fugir, pois agora até Faraó queria matá-lo. Devemos ter cuidado com o nosso comportamento na sociedade. Há sempre alguém nos vendo, mesmo sem percebermos. Essa experiência de Moisés ensina um princípio: ***Se você não quer que ninguém saiba, não faça!*** Porque se você fizer, sempre vai existir um “hebreu” que se tornará uma testemunha.

Moisés teve que fugir para Midiã, na Península do Sinai. Chegando lá, próximo a um poço, ele ajudou certas donzelas a tirarem água para suas ovelhas, e por causa disso, elas conseguiram voltar mais cedo. Como era característico dele, Moisés mais uma vez defendeu os menos favorecidos, pondo em fuga alguns pastores que estavam maltratando as sete filhas de Jetro. Chegando em casa elas contaram a seu pai (Jetro) o que havia acontecido no poço. Jetro que era um sacerdote midianita, convidou Moisés para trabalhar consigo, para ser pastor de suas ovelhas, e não muito depois disso, Jetro deu Zípora, sua filha para ser esposa de Moisés. Assim Moisés, presumivelmente criado no luxo, tornou-se um simples pastor.

Com Zípora, Moisés teve dois filhos. O primeiro foi Gérson, que significa “estrangeiro”, dando a entender a situação migratória de Moisés. O segundo chamou-se Eliezer, que significa “Deus foi minha ajuda”,

dando a entender que mesmo estando em uma terra distante, Deus havia cuidado dele.

Os midianitas eram descendentes de Abraão e de sua segunda esposa, Quetura. Sendo assim, os midianitas eram parentes distantes dos israelitas. E o Senhor escolheu o lugar sagrado midianita, “*a montanha de Deus*” (Êx 3.1), conhecida como Sinai ou Horebe, para revelar a si e o seu plano para a libertação dos hebreus.

Moisés continuou a trabalhar como pastor para seu sogro por quarenta anos. Esses quarenta anos no deserto do Sinai cuidando das ovelhas de Jetro fez com que Moisés se familiarizasse com a região na qual ele conduziria Israel por outros quarenta anos. Um dia quando ele conduzia o rebanho no monte Sinai, viu uma sarça que pegava fogo. Esse arbusto possivelmente era uma acácia espinhenta. Moisés ficou admirado ao ver que as chamas não consumia a sarça, quando se aproximou para vê-la, a voz de Deus bradou de dentro da sarça. Deus mandou Moisés tirar as sandálias dos pés, pois, aquele lugar era santo, seguindo um costume antigo praticado sempre que alguém entrasse em um lugar sagrado. Por meio daquele sinal, Deus disse a Moisés que o clamor do povo por libertação havia chegado até Ele, e seria Moisés quem Deus iria usar para cumprir essa missão.

A sarça simbolizava Israel, o fogo simbolizava a opressão dos egípcios, porém a chama não consumia a sarça. Por mais que os egípcios a cada dia oprimiam mais os hebreus, eles não podiam consumi-los. Isto também podia tipificar futuramente a igreja, que quanto mais perseguida pelas chamas da oposição, mais permaneceria viva, acesa, e tendo Deus falando através dela.

Para Moisés não ter dúvidas sobre seu chamado, Deus deu a ele dois sinais: a vara que se tornou serpente, e a mão que ficou leprosa, ambos após aquela manifestação repentina voltavam ao estado original. Mesmo assim, Moisés não estava convencido, e queixava-se com Deus dizendo não ser ele um bom orador. Deus então nomeou Arão, seu irmão, o qual falava bem, para ser seu companheiro diante de Faraó.

Moisés despediu-se do seu sogro e partiu com sua esposa, seu primogênito Gérson e o recém-nascido Eliezer. No caminho, acontece uma complexa história. Deus quis matar Moisés, mas por interferência de Zípora, sua esposa, Moisés foi poupado. Zípora pegou uma pedra aguda e circuncidou, ali mesmo em pleno deserto, o seu filho (provavelmente o recém-nascido), dando a entender que caso o menino não fosse circuncidado, Moisés não seria poupado (Ex 4.24-26).

Os últimos quarenta anos: Esse último período da vida de Moisés começou quando ele retornou ao Egito após Deus ter falado com ele por meio da sarça. Agora Moisés já tinha oitenta anos de idade, mas foi então, que começou o período mais importante da sua vida. A sua tarefa era libertar os hebreus da servidão no Egito. Essa não foi uma tarefa fácil, pois a servidão fez dos hebreus um povo teimoso, em Deuteronômio 9.24, somos informados de que Moisés queixou-se de que os israelitas se mostravam rebeldes contra Deus desde o primeiro dia.

Moisés e Arão compareceram perante Faraó e apresentaram a exigência de Deus em liberar o povo (Arão foi o porta-voz) – (Ex. 3.18; 4.29-31; 5.1,2,22). O Senhor Deus é quem estava exigindo a liberação do povo, mas o Faraó não se sentia impressionado diante da menção do nome do Senhor. Ele não reconhecia o Senhor e nem aceitava o pedido feito por Moisés. O Faraó reagiu contra a iniciativa de Moisés, aumentando os labores e trabalhos dos hebreus, que já eram escravos oprimidos. Ele acusou os hebreus de serem preguiçosos e deu instruções para que não mais lhes fornecessem a palha para a fabricação de tijolos; eles mesmos teriam agora que conseguir a palha, sem diminuir, no entanto, a produção diária de tijolos. Com isso, as coisas estavam ficando cada vez piores. Moisés e Arão foram acusados pelos israelitas de terem piorado a situação, em vez de melhorá-la e Moisés, por sua vez, lançou a responsabilidade disso sobre Deus (Ex 5.22).

Pela segunda vez Moisés e Arão compareceram diante de Faraó para que os hebreus fossem libertados, mas Faraó estava com o coração endurecido por Deus para que o povo não fosse liberado. Parece paradoxal a ideia de que Deus queria que o povo fosse liberado, mas endurecia o coração de Faraó para que ele não liberasse o povo. Mas, isso fazia parte do juízo de Deus para com Faraó e o Egito. Deus endureceu o coração de Faraó para que ele fosse punido pela sua maldade de coração. Era como se Deus colocasse o Faraó contra o próprio Faraó.

Outro detalhe interessante, é que a maioria dos sinais dados por Deus a Moisés eram copiados e realizados pelos magos egípcios. No entanto, sempre os sinais de Deus prevaleciam contra os sinais dos magos egípcios, mostrando em quem habitava a verdadeira força. Seus nomes eram Janes e Jambres (2Tm 3.8).

Depois de duas tentativas de Moisés convencer a Faraó em liberar o povo, Deus resolveu pessoalmente ir. Porém, Deus não foi com a mansidão de Moisés, mas foi com o juízo da sua justiça, trazendo consigo dez pragas sobre o Egito.

Há algumas curiosidades nas dez pragas. A primeira delas, é o fato que as dez áreas afetadas pelas pragas representavam dez deuses do Egito. Os egípcios eram politeístas, serviam a muitos deuses. Dentre as centenas de deuses que eles criam estavam os dez deuses envergonhados nas dez pragas:

Hápi (deus do Nilo), o rio Nilo era tido como um deus. A primeira praga foi às águas do Nilo transformadas em sangue.

Hekt (deusa rã), a segunda praga foi o aparecimento incontável de rãs. As rãs eram tidas como uma deusa para os egípcios, Deus fez essas rãs aparecerem e depois morrerem, mostrando quem era o verdadeiro Deus. Provavelmente foi uma praga da infestação das minúsculas rãs do Nilo, que os egípcios chamam de *dolfa*. As pequenas rãs disseminaram-se por toda parte durante sete dias. As rãs haviam se espalhado e enchido as casas, os quartos de dormir, a cama, as casas dos servos e os fornos e as amassadeiras onde se produzia pão (Ex 8.3). Talvez por uma doença geral, todas as rãs morreram em massa, seus corpos decompostos era uma ameaça a saúde e produzia um mal cheiro muito forte por todo o Egito.

Tot (deus da magia), a terceira praga foi o surgimento aterroizante de piolhos. Os magos não eram capazes de realizar qualquer tipo de magia em virtude da presença destes pequenos seres pelo corpo. O deus Tot foi envergonhado. Segundo a Bíblia essa praga foi iniciada quando Arão bateu no pó da terra, que então se transformou em uma incrível massa de piolhos. Como calcular a quantidade de pó que há na terra? É incalculável a quantidade de piolhos nessa praga.

Ptah (deus controlador do universo), a quarta praga foi das moscas, o deus egípcio do universo não fora capaz de deter o verdadeiro e único Deus do universo em realizar o seu juízo. Além de tirar o sossego dos egípcios, essas moscas podem ter sido atraídas pelo mau cheiro dos restos das rãs e dos piolhos. Provavelmente essas moscas tiveram uma grande importância na proliferação das bactérias que causaram infecção no gado na quinta praga.

Nessa praga Faraó disse que até liberava o povo, mas apenas para sacrificar ao Senhor, mas teria que voltar para o Egito para continuarem como escravos. Essas pragas estavam desestabilizando Faraó ao tal ponto que ele pediu que Moisés orasse por ele (Ex 8.28). Deus estava endurecendo o seu coração para que o juízo divino fosse completado.

Hator e Ápis (deus-touro e deusa-vaca), a quinta praga foi à peste no gado, os deuses egípcios do gado não foram capazes de impedir essa praga. Por certo está em pauta aqui uma grave infecção

que veio sobre todo o gado dos egípcios. É possível que algum inseto (acredita-se que as moscas da praga anterior) tenha espalhado a doença entre os animais.

Ísis (deusa da medicina), a sexta praga foi o surgimento de doenças e úlceras sobre todos os egípcios, mas a deusa da medicina não pode fazer nada para livrá-los. Essas úlceras muito provavelmente eram causadas por picadas de insetos, que permitiam que bactérias como *estrep-tococos* e *estafilococcus* penetrassem sob a proteção da pele. A mosca cujo nome científico é *Stomoxys Calcitrans* multiplica-se na matéria em decomposição (gados da quinta praga em decomposição) e poderia ser a principal transmissora das bactérias causadoras dessa doença. Essas úlceras afetavam principalmente as mãos e os pés, dificultando assim tanto a movimentação como a reação dos egípcios. Os mágicos do Egito também foram afetados por essa praga, pelo que não tentaram duplicá-las com suas mágicas.

Resphu (deus da natureza que controlava as chuvas, os ventos e os trovões), a sétima praga foi trovões e saraiva. Trovões são tempestades através de raios com eletricidade e saraivas são pedras gigantes caindo sobre a terra. O texto bíblico diz “grave chuva de pedras” destruindo casas, plantações e cidades. O deus da natureza nada pode fazer para impedir esses estragos. Todas as cidades dos egípcios foram afetadas por essa praga, mas em Gósen, onde moravam os hebreus nenhuma dessas pragas chegaram.

Mín (deus protetor das colheitas), a oitava praga foi a dos gafanhotos. Os gafanhotos destruíram toda a colheita dos egípcios, era Deus mostrando que o deus protetor da colheita dos egípcios não tinha poder para impedi-lo e detê-lo. A praga dos gafanhotos era uma das piores pragas que existiam. O texto menciona um vento que soprou durante um dia e uma noite, e que trouxera os gafanhotos. Durante uma invasão de gafanhotos, os gafanhotos chegam a escurecer a luz solar com o seu número intenso quando voam. Enquanto os adultos voam escurecendo a luz do sol, os filhotes ficam devorando tudo o que está ao seu alcance no solo. A sensação que essa praga provocava era como estar em casa à noite com a luz acesa, porém, ao apagar a luz e acender de novo contemplar todos os móveis, alimentos e roupas destruídos. Não é nada agradável. A fêmea do gafanhoto enquanto isso, deposita os seus ovos em buracos na terra formando assim uma massa oval escondida. Esses ovos são muito resistentes, capazes de tolerar condições naturais adversas,. O nascimento dos filhotes depende muito da umidade, mas os ovos podem

ser postos em terrenos muito secos, que mesmo assim sobrevivem por mais de três anos. E assim que chega a umidade, no espaço de dez dias, os ovos são chocados, e há uma produção de gafanhotos em números alarmantes. Quando todos pensavam que a praga já havia passado, surgiu um novo exército de gafanhotos destruindo tudo o que fora reconstruído nesse curto período.

Rá (deus sol) e Hórus (deus solar). A nona praga foi o surgimento de trevas. O que para os egípcios eram os deuses do sol e do sistema solar, para Deus foi o mesmo que nada na hora de manifestar trevas sobre o Egito. As trevas cobriram o Egito inteiro, foram totais e absolutas. Um homem não podia ver a um seu semelhante que estivesse a sua frente. Alguns intérpretes entendem que houve nisso um acontecimento sobrenatural, talvez único até hoje, em toda a história da humanidade.

Diante disso, o Faraó resolveu que seria aceitável uma saída parcial do Egito, por parte dos israelitas. As pessoas poderiam ir, mas não o seu gado (Faraó tinha interesse no gado dos hebreus, pois os gados egípcios que haviam sobrevivido a quinta praga estavam muito debilitados). Moisés rejeitou esse plano econômico do monarca, e o Faraó ficou tão irado que disse a Moisés para partir e não voltar, sob ameaça de morte. O Faraó disse a Moisés que nunca mais queria ver o seu rosto (Ex 10.29). Ele não sabia, mas a praga final seria um golpe definitivo, depois do qual não haveria mais a necessidade da mediação de Moisés.

Amon-Rá (deus protetor da vida). Os egípcios tinham esse deus como o deus que protegia suas vidas e suas famílias. Mas, ele não pode fazer nada para impedir que o verdadeiro Deus matasse todos os primogênitos do Egito. A décima praga foi à morte dos primogênitos. As calamidades sofridas até então tinham sido tão severas que o Egito estava totalmente arruinado. Ao término da oitava praga, a dos gafanhotos, os servos de Faraó lhes haviam dito: “Acaso não sabes que o Egito está totalmente arruinado?” (Ex 10.7). Porém, nenhuma das pragas anteriores foi capaz de se comparar à da morte dos primogênitos dos homens e dos animais. O anjo da morte passou por todo o Egito. Mas o povo de Israel foi protegido mediante a instituição da páscoa com o sangue espargido do cordeiro. Esse sangue espargido do cordeiro nos aponta para o sacrifício de Cristo no Calvário por nós, pois pelo sangue de Cristo, somos guardados da morte eterna.

A morte sobreveio à meia-noite. E entre todos os primogênitos, morreu também o primogênito de Faraó, que era o sucessor no trono. Um grande clamor de desespero ouviu-se por todo o Egito. E, Moisés e os

hebreus não apenas tiveram permissão para sair, como também foram obrigados a fazê-lo rapidamente. Naquela noite o Faraó mandou chamar Moisés e Arão e lhes implorou para partirem imediatamente com o povo, levando todos rebanhos, manadas e bens. O desespero dos egípcios foi tão grande que eles “pagaram” os hebreus para saírem. Eles deram aos hebreus: ouro, prata e roupas, de modo que ficaram pobres e despojados para que os hebreus saíssem rapidamente, pois eles temiam também morrerem, assim como aconteceu aos primogênitos (Ex 12. 33-36).

Uma outra curiosidade interessante sobre as dez pragas, está ligada a tradição que diz que as pragas duraram do mês de julho até março. Sendo assim, durante 8 meses o Egito foi assolado pelo juízo de Deus. Outra curiosidade, é que a primeira praga das águas do Nilo transformadas em sangue, aconteceu na época das cheias do Nilo. As pragas começaram no período em que o rio transbordava, isso sugere que em vez de uma inundação de água no Egito, aconteceu uma inundação de sangue. Isso nos ensina que Deus sabe o momento certo de revelar o seu juízo!

Ao fim das dez pragas Faraó não resistiu, liberou o povo. Os hebreus celebraram a páscoa, e desde então, todos os anos os judeus comemoram a Páscoa nos sete dias festivos do *Pessach*, conforme prescrito (Ex 13.6-10), quando comem “*matzot*” (bolachas de pães asmos), recordam a pressa com que seus ancestrais partiram, pois a partida foi tão repentina que os hebreus não tiveram tempo de fermentar o pão do dia. No *Seder*, ou refeição cerimonial, ervas amargas simbolizavam a escravidão no Egito e uma coxa assada de perna de carneiro representa o cordeiro pascal comido naquela noite decisiva.

Os hebreus, liderados por Moisés seguiram rumo à terra de Canaã. Porém, para irem em direção a Canaã eles teriam que atravessar o mar Vermelho, obstáculo que seria até fácil de ser vencido, se todos soubessem nadar, e não existissem mulheres e crianças. Mas, não era essa a realidade. A Bíblia menciona que havia cerca de seiscentos mil homens, fora mulheres e crianças (Ex 12.37). A expressão “homem” no Antigo Testamento fala sobre: pessoa do sexo masculino maior que vinte anos de idade. Havia seiscentos mil homens. Ao todo entre homens, mulheres e crianças acredita-se que havia mais de 2 milhões e meio de pessoas.

Quando Faraó viu toda essa multidão de hebreus saindo do Egito, ele viu o prejuízo que teria por não ter mais aquela “mão de obra” barata. Mais uma vez Deus endureceu o seu coração, dessa vez para concluir o juízo sobre os egípcios, e ele junto com seu exército e suas

carruagens saiu em perseguição aos hebreus. Porém, Deus não permitiu que os egípcios alcançassem os hebreus (Ex 14. 19-20). Moisés estendeu a mão sobre o mar e Deus soprou um forte vento oriental durante toda a noite de modo que o mar Vermelho foi aberto para que todos os hebreus passassem. Quando os hebreus acabaram de passar os egípcios ainda estavam no meio do mar, liderados por Faraó que estava à frente em sua carruagem, foi quando Moisés orou ao Senhor, e Deus fechou o mar matando assim, tanto a Faraó como a todo o exército egípcio (Ex. 14.28).

A partir desse momento iniciou-se a peregrinação de Israel no deserto. Três dias após a travessia do mar Vermelho, acabou-se a água, e não havia água no deserto. Finalmente encontraram água em Mara, mas essa água era amarga demais para ser bebida. Moisés orientado por Deus lançou um tipo de madeira de árvore nas águas e as águas milagrosamente tornaram-se potáveis. Em seguida, os israelitas marcharam na direção de Elim, onde havia água abundante, porquanto ali havia um oásis com 12 fontes de água e 70 palmeiras (Ex 15.27). É paradoxal a realidade de Mara e de Elim, em Mara faltava, em Elim sobrava água. Isso é um sinal que se perseverarmos em nossos objetivos e formos fiéis a Deus podemos até viver hoje momentos de escassez, mas Deus nos fará alcançar Elim, aonde há abundância de bênçãos de Deus para nossas vidas!

Trinta e um dias após os israelitas terem saído do Egito, os alimentos terminaram. As murmurações intensificaram-se, porque não havia nada para comer. Moisés clamou ao Senhor e naquela mesma noite um número prodigioso de codornizes ajuntou-se ao redor das tendas dos israelitas. As codornizes eram aves que a partir do mês de março migravam para a Palestina, vindas do sul. Era época da primavera. As codornizes voam rapidamente e são bem resistentes aos ventos. Somente um vento em direção contrária conseguiria cansá-las facilmente, de modo que elas desfalecessem e descessem sobre a terra. Provavelmente, foi isso que aconteceu com os israelitas, pois as codornizes se cansaram e começaram a descerem e caírem sobre a terra, de modo que formaram uma camada de mais de trinta quilômetros com altura de noventa centímetros (Nm 11.31).

Na manhã seguinte começou o milagre do maná. O maná era o alimento que Deus mandou para os israelitas durante os quarenta anos no deserto. Era de cor branca, semelhante à semente de coentro e tinha o sabor de bolos de mel. O maná descia do céu assim como desce a chuva. Pela manhã, logo que desaparecia o orvalho, estava o chão coberto de maná, quando os israelitas viram isso pela primeira vez, disseram: “o que é isso?”, e Moisés

disse-lhes: “este é o pão que o Senhor lhes deu para comerdes”. O maná era uma providência diária, quem guardasse para o outro dia não aproveitaria, pois amanhecia estragado, com bichos e cheirando mal, a não ser na sexta-feira que Deus mandava uma porção dobrada para a sexta e para o sábado, pois o sábado era guardado pelos judeus segundo a lei. À medida que cada um podia pegar por pessoa era de dois litros de maná (um gômer). É de se estranhar a expressão “litros” para alimentos, mas é a expressão que a Bíblia usa, porém, dá para imaginarmos a porção que dava mediante a quantidade que cabe em dois litros. Está era a provisão de Deus para Israel durante os quarenta anos no deserto mediante a liderança de Moisés.

Os israelitas defrontaram-se então com uma ameaça humana, ao serem atacados por um grupo de amalequitas, que eram violentos assaltantes do deserto. Mas, os hebreus ainda não estavam organizados e treinados para lutar. Moisés então mandou chamar Josué e lhe disse para escolher e chefiar um grupo de defensores hebreus. Moisés subiu ao topo de uma colina junto com Arão e Hur (segundo a tradição, cunhado de Moisés), e de lá observaram a batalha. Enquanto Moisés mantinha as mãos levantadas os hebreus prevaleciam, mas quando as mãos de Moisés cansavam e abaixavam os amalequitas prevaleciam. Então, Arão e Hur sentaram Moisés numa pedra, e colocando-se cada um de um lado de Moisés, sustentaram-lhes as mãos até o cair da noite, quando então os amalequitas foram vencidos e a batalha foi terminada. Ali Moisés construiu um altar ao Senhor (Ex 17.8-16).

No entanto, grande era a responsabilidade de Moisés em cuidar de todo aquele povo. Moisés julgava disputas, reclamações e problemas trazidos a ele. Seria muito difícil para Moisés tratar pessoalmente de todos os assuntos triviais, sempre com um grande número de pessoas aguardando para serem atendidas. Jetro, sogro de Moisés, estava naqueles dias visitando Moisés e Zípora junto ao povo. À noite Jetro deu a Moisés um sábio conselho, para que ele delegasse poder a homens capazes para que esses o ajudasse a cuidar de um número fixo de pessoas. Moisés concordou e designou “chefes de mil, chefes de 100, chefes de 50 e chefes de 10. Eles julgavam o povo em todo o tempo. Toda causa importante, eles a levavam a Moisés” (Ex 18.25-26). Moisés os instruiu para fazerem “justiça entre um homem e seu irmão, ou o estrangeiro que mora com ele. Não sereis parciais no julgamento; ouvireis de igual modo o pequeno e o grande. A ninguém temais, porque a sentença é de Deus” (Dt 1.16-17). Tendo recomendado esse sistema de administração, Jetro despediu-se e voltou para sua terra.

Nesse tempo Deus revelou a Moisés a lei e os dez mandamentos. Moisés foi convidado por Deus a subir o monte Sinai, onde a lei lhe seria revelada (Ex. 19). Foi-lhes ordenado que se lavassem e purificassem durante dois dias, e no terceiro dia, reuniram-se diante da montanha encoberta por uma nuvem espessa. De lá vinham trovões, relâmpagos e sons de trombeta. “Toda montanha do Sinai fumegava, porque Deus descera sobre ela no fogo; a sua fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e toda a montanha tremia violentamente” (Ex 19.18).

Quando Moisés desceu, passou a lei do Senhor para o povo, mas Deus o convidou a retornar ao Sinai pela segunda vez (Ex 24.12), onde Deus falou-lhe sobre o tabernáculo. Moisés deixou então o acampamento aos cuidados de Arão e Hur e subiu até desaparecer na nuvem que ainda cobria a montanha. Lá, permaneceu por 40 dias e 40 noites, em comunhão com o Senhor. Ao final daquele período, Deus lhe entregou “duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (Ex 31.18). Do alto da montanha, o Senhor contou a Moisés que o “*povo de dura cerviz*” (Ex 32.9), havia construído e estavam adorando a um bezerro de ouro. Oferecendo-lhe holocaustos, cantando, festejando e dançando nus ao seu redor.

Quando Moisés desceu desse segundo período de quarenta dias, e viu esse bezerro de ouro, ele ficou muito irado, e quebrou as tábuas da lei, simbolizando a aliança rompida. Pulverizou a imagem de ouro e misturou o pó em água, e fez o povo beber a mistura. Era necessária uma limpeza drástica, Moisés reuniu em torno de si os homens da tribo sacerdotal de Levi e lhes ordenou que matassem a espada um grande número de idólatras, ao todo uns três mil entre eles.

É paradoxal o que estava acontecendo ao mesmo tempo no Sinai. No cume do monte Deus estava dando a lei para o povo dizendo “não terás outros deuses” e “não farás para si imagem esculpida”; lá embaixo na planície do Sinai, o povo já estava quebrando esses mandamentos através de uma imagem do bezerro de ouro feita por eles para a adoração. Os princípios que Deus estava estabelecendo, eles já estavam quebrando. Isso revelava quão distante o coração e os desejos do povo estavam dos planos e desejos de Deus.

Os idólatras argumentaram que construíram o bezerro de ouro para adorarem, porque pensavam que Moisés havia morrido no monte, e então queriam adorar a um “deus”. Esse comportamento do povo, no entanto, revela que as raízes da idolatria estavam dentro deles há muito tempo. Pois se a “intenção” deles era adorar a Deus, porque eles espera-

ram ter a sensação da ausência de Moisés para fazerem essa imagem? Isso levanta uma questão: Na verdade quem eles tinham como Deus era Moisés. Eles não serviam ao Senhor Jeová. Eles conheciam as manifestações de Deus por meio de um homem, mas eles ainda não haviam se identificado com o próprio Deus. A prova disso é que os milagres eles viam acontecer pelas mãos de Moisés. Pelas mãos de Moisés as águas do Nilo tornaram-se em sangue, o cajado virou serpente, as águas do mar Vermelho se abriram, as águas de Mara ficaram potáveis, a rocha havia gerado água, etc. Eles se “acostumaram” com um Moisés “milagreiro”, e quando acharam que Moisés havia morrido construíram o bezerro de ouro. Eles deveriam entender que caso Moisés estivesse morto, Deus continuava vivo, e se Deus estava vivo para que ser construído um bezerro de ouro? O deus do coração deles havia se tornado Moisés. Deus matou essa geração inteira, e só poupou os que criam e confiavam de fato no Senhor e em sua palavra: Josué e Calebe. Tenhamos o cuidado de não termos nenhum homem como Deus. Por mais milagres que alguém possa fazer, ele sempre será homem, e Deus sempre será Deus. Se considerarmos um homem como Deus, levantaremos de novo um bezerro de ouro nos nossos dias.

O mais grave é que atribuíram a essa estátua o mérito do povo ter saído do Egito. Mas, na verdade, Israel estava voltando espiritualmente para o Egito, visto que o culto ao boi era tão importante naqueles dias entre os egípcios. Aliás, esse foi o causador de inúmeros problemas entre os hebreus: Os hebreus haviam saído do Egito, mas o Egito ainda não havia saído de dentro deles!

Após a segunda permanência no monte, Moisés desceu com seu rosto resplandecente, como se dele saíssem raios (Ex 34. 29-35). Os intérpretes têm duas ideias sobre a questão. A primeira é que o véu protegia as pessoas, a fim de que não contemplassem essa visão tão gloriosa, por não serem capazes de suportá-la. A outra ideia é que o véu impedia as pessoas de verem a glória celeste que elas não mereciam contemplar, nem mesmo estando preparadas para tal experiência. Gradualmente, porém, esse brilho foi-se dissipando. Paulo, em 2 Coríntios 3.13, faz alusão a essa experiência. Essa glória no rosto de Moisés segundo Paulo desde o início já estava destinada a desaparecer, e o próprio Moisés sabia disso. Diante disso, Paulo sugere que Moisés usou o véu não para proteger o povo, mas para não deixarem as pessoas perceberem que essa glória era desvanecente e estava desaparecendo.

Nem bem o povo tinha deixado o Sinai, murmuraram, dizendo estarem enfadados do maná. Eles tinham o pão do céu, mas queriam

carne. Deus ficou muito irado com a ingratidão do povo. Grande número de codornizes foi enviado para atender o pedido do povo, mas, então, sobreveio uma praga para castigá-los. Muitos morreram e foram sepultados no local. O lugar passou a ser chamado Quibrote-Taavá: “*Sepulcro dos Desejos*” (Nm 11.34).

Em outra ocasião, aborrecidos com um desvio particularmente cansativo em torno da terra de Edom, os hebreus murmuraram tão rudemente que Deus castigou-os com uma praga de cobras fatalmente venenosas. Quando Moisés interveio, o Senhor diminuiu a sua ira e indicou uma cura: “Faze uma serpente abrasadora e coloca-a em uma haste. Todo aquele que for mordido e a contemplar viverá” (Nm 21.8). No entanto, em 2 Reis 18.4, a imagem ainda estava no templo em Jerusalém até o oitavo século a.C., quando o rei Ezequias mandou destruí-la porque o povo estava cometendo pecados oferecendo sacrifícios a ela. É um grande erro quando tentamos manter em outras gerações coisas que Deus estabeleceu apenas para um tempo. O símbolo da cura no deserto havia se tornado símbolo de idolatria para o templo.

Em Cades, mais uma vez os israelitas murmuraram com Moisés, devido à falta de água. A Moisés e Arão foi dada a ordem para que fizessem a uma rocha, da qual brotaria água pela sua palavra. Mas, irado com o povo, Moisés bateu na rocha com a vara por duas vezes, descontando na rocha a ira que a desobediência do povo havia lhe causado. É verdade que a água jorrou na rocha, mas, Moisés acabava de cometer um erro gravíssimo. Em uma ocasião anterior, Moisés havia ferido uma rocha e obtido água (Ex 17.2), e agora, no episódio das águas de Meribá, ele imitou aquele mesmo ato, ferindo a rocha, quando Deus havia apenas mandado ele falar a rocha (Nm 20.7-11). Como castigo, Moisés não teve permissão para entrar na terra prometida.

Por causa das diversas murmurações do povo, Deus decidiu não dá a aquela geração a terra prometida, deixando-os por quarenta anos peregrinando no deserto, para que toda aquela geração morresse, e aos filhos deles foi dado então, a alegria de conquistarem a terra.

A morte de Moisés é narrada no último capítulo de Deuteronômio. Ao chegar perto da morte, aos 120 anos de idade, Moisés implorou que Deus cedesse e o deixasse entrar em Canaã. Mas o líder que tantas vezes intercedera para salvar o seu povo não teve êxito em defender a sua própria causa. O Senhor foi firme em seu decreto: “Não me fales mais a este respeito! Sobe ao topo do Pisga, levanta teus olhos para o ocidente,

para o norte, para o sul e para o oriente, e contempla com os teus olhos, pois não vais atravessar o Jordão” (Dt 3.26-27).

Há aqui um ponto para a nossa reflexão: Moisés fez tudo por esse povo, e esse povo não fez nada por ele. Moisés quando feriu a rocha em Meribá, não feriu porque estava irado com Deus; feriu porque estava irado com o povo. Quando Deus decidiu matar o povo, Moisés entrou na frente e defendeu o povo, intercedendo por eles. Mas, quando Deus decidiu matar Moisés o povo nada fez para defender e interceder por aquele que havia cuidado deles durante tantos anos. Até aonde vale a pena se sacrificar pelo povo? Qual o limite da autodoação ao povo? O que vale a pena sacrificar pelo povo? Infelizmente muitos sacrificam bens irreparáveis, inclusive a família, a saúde e o tempo em medidas inculcáveis de doação que acabam lhe custando à vida. Enquanto que se essa doação fosse mais equilibrada, poder-se-ia ser mais bem aproveitada a oportunidade de viver e conquistar coisas a tanto tempo esperadas.

Antes que Moisés contemplasse sua visão tentadora de Canaã, fez três longas exortações aos israelitas, lembrando as quatro décadas de dificuldades e triunfos no deserto desde que deixaram o Egito e repetiu os teores básicos da lei transmitida a eles no monte Sinai.

Finalmente Moisés subiu desde as planícies de Moabe até o monte Nebo, ao cume do Pisga, que ficava defronte de Jericó. Ali ele foi capaz de contemplar, em um lance de olhos, a terra prometida, onde não teve permissão de entrar. O fim de Moisés é anunciado com simplicidade. Ele era um servo de Deus, morreu, e Deus o sepultou em um vale, na terra de Moabe, defronte de Baal-Peor, embora ninguém saiba dizer onde. Em Judas no versículo nove, a Bíblia fala sobre o arcanjo Miguel, contendo com o Diabo, a respeito do corpo de Moisés, pois ninguém, nem mesmo o Diabo, sabe aonde Deus enterrou o corpo de Moisés.

Mesmo com cento e vinte anos de idade quando morreu, sua visão era como a visão de um jovem, e ele não havia perdido suas forças (Dt 34.7). O fato de Moisés morrer com visão de jovem e cheio de forças pode nos sugerir que Deus havia preparado ele para viver mais. Ele estava com saúde para conquistar Canaã, mas a sua desobediência o fez morrer sem vivenciar o cumprimento da conquista daquela terra. Que Deus nos ajude a vivermos uma vida de obediência e fidelidade, para não perdermos nada daquilo que Deus preparou para nós!



Naamã

Nome hebraico, significa "Agradável".

Naamã

Naamã foi um comandante do exército do rei da Síria, em Damasco, nos tempos de Jorão, Rei de Israel (2 Reis 5.1). Segundo Flávio Josefo, o rei da Síria daquela época era Ben-Hadade II. A Bíblia nos conta que ele era um homem muito respeitado, pois Deus o havia feito ser um personagem importantíssimo em uma vitória do exército sírio.

A Bíblia diz que: "Naamã era chefe do exército do rei da Síria, grande homem diante do seu senhor e de muito conceito, porque por ele o Senhor dera vitória à Síria; era ele herói da guerra, porém leproso". A lepra era uma doença incurável, a medicina naquela época ainda não havia desenvolvido nenhum meio de cura. A lepra era como um imposto pesado sobre o valor de Naamã.

A natureza precisa da lepra de Naamã é desconhecida, pois o termo hebraico "sara'at" é usado para vários tipos de doença de pele (Lv 13-14). Na Síria o leproso não era afastado do convívio social, como em Israel. Os judeus só afastavam os leprosos do convívio social porque era uma ordenança divina para eles, dada através de Moisés (Lv 13.46). Os sírios não tinham Jeová como Deus, o deus dos sírios era Rimom. E isso agravava mais ainda a situação, pois o leproso vivia junto da família, dando assim a possibilidade para que a doença se espalhasse por toda a sua casa.

No entanto, uma menina de Israel foi levada como escrava para a Síria, e começou a servir na casa de Naamã. A menina sugeriu que Naamã visitasse o profeta Eliseu em Samaria. Naamã pediu uma carta de autorização ao rei da Síria e foi a Samaria a procura de Eliseu, pois a menina havia dito: "Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria, ele o restauraria da sua lepra".

A carta dizia: "Junto com esta carta estou lhe enviando meu oficial Naamã, para que o cures da lepra" (2Rs 5.6). Quando Naamã chegou com a carta do seu rei para o rei Jorão, este ficou preocupado e acreditou que se tratava de uma provocação de guerra, pois a lepra era uma doença incurável e comentou: "Acaso sou Deus, com poder de tirar a vida ou dá-la, para que este envie a mim um homem para eu curá-lo de sua lepra?" (2Rs 5.7). No entanto, quando Eliseu ficou sabendo do acontecido, disse ao rei que Naamã fosse enviado até ele, "e ele saberá que há profeta em Israel" (2Rs 5.8). Naamã foi procurar Eliseu esperando um ritual de cura bastante elaborado. Mas Eliseu nem mesmo foi recebê-lo, nem muito

menos o convidou para entrar. Ele enviou um mensageiro para dizer a Naamã que fosse e se lavasse sete vezes no rio Jordão. Naamã irritou-se com esse tratamento seco e falou com desdém que os rios de Damasco eram muito mais limpos para se lavar. Mas é que aqui é dada uma outra lição ao mundo: quando Deus intervém, é ele quem dita as regras. O primeiro passo da transformação consiste na obediência.

O comportamento de Naamã chega a ser sarcástico. Ele nega-se a mergulhar nas águas do Jordão porque eram águas barrentas. Mas a lepra dele era mais impura que as barrentas águas do Jordão. Isso parece nos sugerir que o maior problema de Naamã não era a sua lepra, mas sim o seu orgulho pessoal. O orgulho de revelar para sua comitiva quem ele era de verdade: um leproso. Para mergulhar no Jordão era preciso tirar todas as vestes do exército sírio, mostrando assim a pele leprosa. Por detrás das patentes de herói, existia a lepra de um homem que estava perdendo a oportunidade da cura por causa do seu orgulho. O orgulho é uma doença na alma que destrói a sensibilidade da pessoa aos poucos. O orgulho só tem um propósito: isolar a pessoa dos demais, fazendo-a sentir-se superior aos outros. Mas, na verdade o propósito do orgulho não é apenas isolar a pessoa, mas sim, afastá-la de perto das pessoas que possam ajudá-la a entender a sua realidade para que seja livre das consequências que o orgulho proporciona na mente humana. Era melhor se humilhar e descer ao Jordão, do que morrer leproso por causa do orgulho. Não deixe que o seu orgulho te impeça de receber o seu milagre!

Nesse momento, um dos que estavam na comitiva de Naamã perguntou a ele “se caso Eliseu lhe tivesse pedido uma coisa difícil, o senhor não faria?” (2Rs 5.13). Muito mais fácil então seria mergulhar sete vezes nas águas do Jordão e ser curado de todo aquele mal que tanto lhe assolava. Interessante que a Bíblia não revela a função, nem mesmo o nome desse moço que aconselhou a Naamã, mas foi por causa dele que Naamã não voltou leproso para sua casa. Que tragédia seria para Naamã não ouvi-lo. Muitas vezes Deus coloca pessoas ao nosso lado para nos ajudar, e essas pessoas talvez não tenham nenhuma “expressão”, mas é através de pessoas simples e discretas que Deus pode nos livrar de grandes tragédias.

Naamã mergulhou nas barrentas águas do Jordão por nada menos que sete vezes. Ao sair da água pela sexta vez, continuava leproso. Porém ao sair da água pela sétima vez “sua carne se tornou como a carne de uma criança e ele ficou limpo” (2Rs 5.14). O milagre não atingiu apenas a pele, mas restaurou principalmente a carne. Ensinando-nos com isso que Deus vai além da superficialidade. A atitude de Naamã após a cura é lou-

vável, o que demonstra que ele havia conseguido vencer o seu orgulho, se humilhando e reconhecendo que independente da posição, era um ser humano como qualquer outro.

Naamã retornou a Eliseu e reconheceu que os deuses sírios eram falsos, e que não há outro Deus senão Jeová. O rei da Síria tinha dado a Naamã 350 quilos de prata, 72 quilos de ouro e dez mudas de roupa como pagamento pela cura. Naamã tentou dar os presentes para Eliseu, mas ele recusou terminantemente a aceitá-los. Eliseu rejeitou qualquer benefício em troca da cura, pois tinha a consciência de que quem havia feito o milagre era Deus. Naamã então, de forma louvável declarou: “Nunca mais oferecerei holocausto nem sacrifícios a outros deuses, senão ao *SENHOR*”. Todo milagre tem um propósito. Deus nunca fará um milagre por acaso. Através da sua cura, Naamã passou a servir ao Senhor. Todo esse relato mostra-nos como a providência de Deus pode operar das maneiras mais surpreendentes. A menina israelita escravizada foi o primeiro elo dentro dessa sequência de acontecimentos providenciais. Na verdade, essa história nos ensina como Deus ama usar pessoas simples e desconhecidas (a menina escrava israelita (verso 2) e o próprio servo de Naamã(verso 13).

Naamã também pediu perdão por antecipação, pois quando retornasse a Síria, teria que ir com o seu rei ao templo do deus Rimom, porque seu rei o obrigaria a isso, embora ele tivesse aceitado Jeová como seu único Deus. Vivendo em uma sociedade pagã dificilmente Naamã conseguiria fugir de atos externos do paganismo, como por exemplo, levar o seu rei diante desse deus e se curvar diante dele, mas seu coração não estaria dedicado a tal culto. Eliseu lhe respondeu para ir em paz e consentiu que ele continuasse a exercer os seus deveres seculares, mesmo que assim fazendo, se prestasse a participar de um ato de culto pagão.

Naamã foi embora com a benção de Eliseu, levando duas mulas carregadas com a terra de Israel (2Rs 5.17-19). Nos primórdios da história humana, as pessoas acreditavam que o poder dos deuses estava ligado a seus próprios países. Naamã quis levar solo israelita para a Síria a fim de adorar e oferecer sacrifícios a Jeová lá em solo israelita.

Quando Naamã já estava bem distante, Geazi, o servo de Eliseu, o alcançou e disse que Eliseu tinha mudado de ideia. Ele disse a Naamã que dois jovens profetas tinham acabado de chegar em missão, e que Eliseu queria que ele lhe desse um talento de prata e duas mudas de roupas. Naamã insistiu para Geazi ficasse com dois talentos e as roupas. Geazi aceitou a oferta e foi embora. Quando voltou, Eliseu perguntou onde tinha ido, e ele mentiu dizendo que não tinha ido a lugar nenhum.

Eliseu disse a Geazi que havia o acompanhado em espírito através do seu coração e que o viu enganando Naamã. Como punição a lepra de Naamã passaria para Geazi e toda a sua descendência e Geazi ficou imediatamente leproso (2Rs 5.20-27).

Infelizmente a Bíblia não nos dá nenhuma outra informação mais sobre Naamã, mas por certo ele compartilhou a sua nova fé entre seus conhecidos e liderados na região da Síria. No Novo Testamento quando a família e os vizinhos de Jesus o rejeitaram em Nazaré, ele citou a história de Naamã, dizendo que Deus fora rejeitado pelos judeus, mas que foi aceito por Naamã, um não israelita, a qual foi o único do seu tempo a ser curado de lepra (Lc 4.27).



Naum

Nome hebraico, significa "Consolação".

Naum foi um profeta no Reino do Sul e o sétimo dos profetas menores do Antigo Testamento, embora o sexto em ordem cronológica. Ele era de Elcós. Não se sabe ao certo a localização desse lugarejo. A grande maioria dos eruditos acredita que Elcós fica próximo a Jerusalém. Jerônimo, no entanto, reconta uma antiga tradição judaica identificando-a como uma vila na Galiléia chamada Elcesai. Há ainda os que identificam Elcós com Cafarnaum, que significa "A Vila de Naum", embora não haja nenhuma ligação do profeta com esta cidade.

Ele profetizou depois da deportação das dez tribos do Norte, já no fim do reinado de Ezequias (na 1.11-13; 2.1, 14). A análise da linguagem de Naum, junto com a interpretação de diversas referências, indica que seu livro foi escrito depois da queda de Tebas, em 663 a.C. (Na 3.8 em diante) e antes da queda do império assírio diante dos neobabilônios, em 612 a.C.

Naum não discorre sobre o bem-estar religioso e moral de seu próprio povo, como fizera os outros profetas. Ele se limitou apenas a profetizar contra Nínive, a capital do odiado império assírio que dominava o Oriente Próximo em seu tempo. Naum a chamou de "cidade sangüinária, toda cheia de mentira, repleta de despojos" (Na 3.1), e prediz sua eminente destruição em uma das mais vívidas e poderosas passagens do

Antigo Testamento. Com isso, Naum estava garantindo ao povo do Reino do Sul que eles logo se veriam livres do império assírio. No entanto, o livro também deixa um alerta para o povo de Judá de que se eles não fossem fiéis a Deus, a destruição também poderia alcançá-los. E de fato os alcançou em 586 a.C. com Nabucodonosor.

A Bíblia não relata se a mensagem de Naum chegou até aos ninivitas, embora provavelmente isso não tenha acontecido. Ao que parece, sua mensagem era apenas para conscientizar o povo de Judá de que Deus estava ciente de tudo o que havia acontecido e em breve julgaria e destruiria os assírios.

Há uma semelhança entre o ministério de Naum e o ministério do profeta Jonas: ambos receberam uma mensagem acerca de Nínive. A diferença entre eles, no entanto, é que o povo dessa cidade se arrependeu na época do primeiro profeta (Jn 3.5-10), mas não houve chance para arrependimento nos dias de Naum, pois o livro termina com uma nota sombria de que a condição de Nínive desta vez era irremediável e sem esperança (Na 3.18-19). De fato, em 612 a.C., Nínive foi destruída e o império assírio nunca mais se levantou. O Senhor escarneceu dos assírios, dizendo que eles terminariam tal como Tebas, a capital egípcia, derrotada e escravizada. Ironicamente, foram justamente os assírios que haviam derrubado Tebas.

Entre os fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto encontrados nas cavernas de Qumran, encontraram partes de um comentário sobre Naum.



Neemias

Nome hebraico, significa "O Senhor consola".

Neemias foi o governador de Judá – governando em Jerusalém – após o exílio na Babilônia. Ele era filho de Hecalias (Ne 1.1) e irmão de Hanani (Ne 1.2; 7.2).

Na Babilônia, ele alcançou a alta posição de copeiro pessoal do rei persa, Artaxerxes I (465-424 a.C.), bem depois de os persas vencerem a Babilônia e libertarem os judeus. Essa era uma profissão de extrema confiança. Somente Neemias levava o vinho que era destinado ao rei, e tinha que prová-lo

antes do rei beber, para garantir o seu não-envenenamento. Essa posição próxima ao monarca, lhe garantia estar com o rei diariamente e falar com ele livremente quando precisasse (Ne 2.1-10).

Como resultado de seu relacionamento com Artaxerxes, Neemias tornou-se o instrumento em prol da reconstrução dos muros de Jerusalém e da reforma civil e religiosa, no período pós-exílio em Judá.

A convicção da necessidade de reconstruir os muros de Jerusalém começou logo após seu irmão Hanani visitá-lo na fortaleza de Susã – palácio onde Neemias morava. Neemias ali lhe perguntou sobre como estavam os judeus que haviam retornado para Jerusalém. Soube então que as pessoas estavam em extrema miséria e os muros da cidade se encontravam em ruínas. Depois de orar, se humilhar e jejuar perante o Senhor, aproximou-se do rei e pediu permissão para reconstruir a muralha de Jerusalém. A permissão foi concedida e o rei lhe deu o título persa de *tirshatha*, “governador”, que era sua autorização para agir.

Neemias foi enviado com uma escolta de cavalarias e munido de cartas, da parte do rei, endereçadas a diversos governantes das províncias pelas quais ele deveria de passar. A viagem era de mais de 1.600 quilômetros através de montanhas, rios e desertos. Neemias prometeu ao rei que voltaria, assim que toda a sua tarefa fosse terminada (Ne 1.1 – 2.10).

Neemias chegou a Jerusalém por volta de 445 a.C. Ao chegar ali, Neemias não se apresentou de imediato às autoridades judaicas, mas, descansou por três dias e saiu à noite com alguns poucos homens para uma inspeção secreta, percorrendo as portas danificadas da cidade e as ruínas das muralhas que haviam sido derrubados por Nabucodonosor (Ne 2.11-16). Só após essa inspeção ele revelou o propósito de sua missão aos líderes judeus e propôs o início do andamento imediato das obras. Nessa época, o sacerdote Esdras já estava em Jerusalém, onde havia chegado cerca de 13 anos antes.

Ele enfrentou muita oposição no trabalho de reconstrução dos muros de Jerusalém. A resistência surgiu das nações vizinhas que viviam ao redor. Sambalate de Samaria, Tobias de Amon e Gesém da Arábia foram os principais opositores do trabalho de Neemias. Eles zombaram de Neemias e do seu projeto. Também levantaram uma calúnia política de que Neemias havia se rebelado contra Artaxerxes (Ne 2.10,19-20), com o intuito de fazê-lo cair em descrédito. Eles escarneciam dos “pobres judeus” que trabalhavam na reconstrução das muralhas a tal ponto de afirmar que a construção era tão ruim que *“se uma raposa subir aí, derrubará sua muralha de pedras”*

(Ne 4.2-3). Neemias, no entanto, resistiu às tentativas deles para desanimá-los por meio da oração e do trabalho cada vez mais árduo (Ne 4.4-6).

Depois que os ataques verbais falharam, Sambalate e Tobias experimentaram usar a força (Ne 4.8). Diante disso, Neemias orou e preparou seus trabalhadores para se defenderem em uma possível guerra. Os operários preveniram-se contra qualquer ataque inesperado, e trabalhavam, tendo em uma das mãos uma espada e a ferramenta de trabalho na outra mão (Ne 4.17).

Logo após, mais uma vez Sambalate se opôs a Neemias. Juntamente com Gesém e outros inimigos, eles tentaram tirá-lo de Jerusalém (Ne 6.2), mas este se recusou a sair. Gesém então, o acusou de traição (Ne 6.6), mas Neemias mais uma vez resistiu a tal acusação (Ne 6.8).

O livro menciona também que Noadia e outros profetas tentaram intimidar Neemias, o qual, entretanto, superou todas as suas tentativas (Ne 6.14). Existiam ainda alguns habitantes de Judá – que fingiam apoiar Neemias – mas pelas costas relatavam todas as suas palavras a Tobias. No entanto, como resultado de sua persistência, Neemias concluiu a obra depois de 52 dias de trabalho (Ne 6.15 – 7.3), no mesmo ano de 445 a.C., e 75 anos depois que o segundo templo havia sido reconstruído. Jerusalém estava novamente segura contra os povos inimigos!

No entanto, o legado de Neemias não se consistiu apenas em reconstruir as muralhas de Jerusalém, mas devotou-se também às reformas religiosas de Judá. Com a assistência do escriba Esdras, Neemias renovou o compromisso da comunidade pós-exílica para com o Senhor.

Enquanto os muros estavam sendo reconstruídos, Neemias determinou leis que deram estabilidade à terrível situação econômica da província e, com o conselho de Esdras, decretou uma legislação que aumentou em muito o padrão moral da comunidade judaica daquele tempo. A fim de aumentar a pequena população da cidade, ele ordenou que cada um a cada dez judeus em Judá fosse viver em Jerusalém. Com isso, ele estava cooperando para que a reconstrução não fosse apenas dos muros, mas fosse também das pessoas. Neemias não queria um lugar reconstruído com pessoas destruídas!

As reformas aconteceram em várias áreas da sociedade: repreendeu os casamentos mistos que estavam manchando a pureza racial; revitalizou os serviços do templo; melhorou o apoio aos sacerdotes e restabeleceu a observância do sábado; providenciou para que todos fossem ensinados na lei de Moisés e supervisionou a leitura da lei durante a festa dos tabernáculos (Ne 8 a 10).

Em cerca de 433 a.C., Neemias voltou a Pérsia, onde permaneceu por cerca de um ano (Ne 13.6). Neemias pediu nova licença para voltar a Jerusalém (Ne 13.6-7), onde permaneceu até o fim de sua vida como governador. Durante sua ausência, os padrões da observância religiosa dos judeus declinaram e os abusos morais e religiosos foram se introduzindo. Quando retornou à Jerusalém, em 432 a.C., descobriu que Tobias, seu antigo adversário amonita, havia alcançado o favor do sumo sacerdote Eliasibe e morava no templo, na qual nenhum gentio tinha permissão nem para entrar. Tobias estava morando numa sala do templo anteriormente usada para guardar os alimentos dos sacrifícios, o incenso e alguns utensílios. Neemias então o expulsou da província e ordenou que a mobília de Tobias fosse posta para fora e que o aposento fosse restituído à sua devida função.

Após isso, Neemias foi informado que muitos judeus tinham se casado novamente com mulheres estrangeiras, preparando assim o cenário para uma futura apostasia (Ne 13.23-27). Em resposta a isso, Neemias repreendeu severamente os infratores. Para dar o exemplo, expulsou da cidade Joiada, o filho do sumo sacerdote, por ter desposado a filha de Sambalate, o governador de Samaria e opositor de Neemias.

Originalmente, ele foi nomeado para um período definido que começou no 21º ano de Artaxerxes I (445 a.C.). Entretanto, esse limite foi sem dúvidas ampliado devido às constantes necessidades de Jerusalém. A menção de Dário, o persa no livro de Neemias (Ne 12.22) sugere que ele continuou ainda durante algum tempo como um líder ativo em Jerusalém. Embora alguns estudiosos tenham ampliado o governo de Neemias até 405 a.C., uma carta de aramaico, chamado de “O Papiro de Elephantine” – um confiável documento arqueológico do Egito – se refere à Bagoas como governador de Jerusalém em 407 a.C. Portanto, o período de legislação de Neemias como governador de Jerusalém deve ter durado no máximo 35 anos.

Através de todas as reformas realizadas, Neemias mostrou ser muito mais do que um líder político, ele era uma referência da santidade em meio ao povo. Neemias havia entendido que a reconstrução dos muros de Jerusalém precisava ser acompanhada de uma reforma no estilo de vida das pessoas. Desta maneira, ele nos lembra que a verdadeira devoção ao Senhor alcança não apenas o âmbito exterior, mas principalmente o coração e a mente das pessoas.

Embora Neemias e Esdras fossem amigos e companheiros de trabalho, Esdras era o homem das ideias e pensamentos, e Neemias, o homem da ação.

A combinação de seus esforços deixou uma marca indestrutível na história dos judeus, cuja intensidade é sentida ainda hoje. Acredita-se que os livros de Neemias e Esdras eram originalmente um único livro, contando a história de toda essa conquista do povo judeu.



Nicodemos

Nome grego, significa “Conquistador do povo”.

Nicodemos só é mencionado na Bíblia no Evangelho escrito por João. Nada se sabe sobre sua família ou antecedentes. Ele era um judeu fariseu e membro do Sinédrio, o conselho de setenta anciãos que dirigia o Judaísmo. Seu nome era grego, mas naquela época isso era bastante comum entre os judeus, mesmo entre os fariseus fiéis.

Ele foi descrito também como “o” (este artigo está presente na versão grega) mestre de Israel. Isto não quer dizer que Nicodemos fosse um mestre superior a todos os outros mestres, mas simplesmente que era um mestre bem conhecido e muito respeitado, e que tinha lugar reservado no Sinédrio. Nicodemos, como assim se supõe devia realmente conhecer muito bem o Antigo Testamento. Como mestre de Israel tinha a responsabilidade da instrução do povo de Deus. Obviamente, ele também era um homem muito influente. Como Nicodemos não foi chamado apenas de “dirigente dos judeus”, mas também “mestre”, isso indicava sua alta posição em instrução (Jo 3.10).

Aparentemente, Nicodemos foi um homem muito rico, pois as cem libras de mirra e aloés – aproximadamente 34 quilos – que ele usou no sepultamento de Jesus teriam custado uma quantia enorme de dinheiro (Jo 19.39).

Ao contrário da maioria dos membros do Sinédrio, Nicodemos era mais flexível e estava disposto a ouvir os ensinamentos de Jesus e analisá-los com uma mente mais aberta e sem preconceitos. Era perigoso para um homem em sua posição reconhecer a atração que sentia pelos ensinamentos de Jesus. O sumo sacerdote Caifás via em Jesus uma oposição perigosa e também uma ameaça à estabilidade de seu poder sacerdotal. Uma vez que Caifás presidia o Sinédrio, era muito arriscado fazer-lhe oposição.

Nicodemos procurou Jesus durante a noite – uma opção bem mais segura do que ser visto conversando com ele em público durante o dia – ele reconheceu que Jesus era um “mestre” que ensinava da parte de Deus (Jo 3.2). Jesus lhe ensinou a doutrina do novo nascimento (Jo 3.1-10). Essas palavras confrontavam a crença judaica de que o nascimento físico era o mais importante – o fato de ser da descendência de Abraão. No entanto, à medida que a conversa é relatada, Nicodemos exemplifica com perfeição a cegueira farisaica diante dos ensinamentos de Jesus. Jesus lhe disse que somente quando o homem nascesse de novo poderia ver o reino de Deus. Nicodemos, sendo um fariseu típico levou ao pé da letra e perguntou como um homem poderia entrar no ventre de sua mãe e nascer novamente. Jesus deixou transparecer sua frustração pelo fato de que um mestre e guia de tal envergadura não conseguia entender o ensino que lhe estava sendo dado. Nicodemos, que veio procurar Jesus na calada da noite, havia vindo também em trevas no entendimento. Na resposta de Jesus está aquele que provavelmente é um dos versículos mais clássicos da Bíblia: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único filho, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Em outra ocasião quando Jesus tentou visitar Jerusalém, durante as festas do tabernáculo, Nicodemos defendeu Jesus contra os chefes dos sacerdotes e fariseus que queriam prendê-lo (Jo 7.50 em diante). Já por ocasião do enterro de Jesus, Nicodemos apresentou-se abertamente, diante de todos, levando especiarias para ungir o corpo de Jesus e ajudar no sepultamento (Jo 19. 39-42).

Aparentemente, Nicodemos ficou muito atraído por aquilo que Jesus tinha a dizer, embora em nenhuma passagem dos evangelhos se afirme que ele se tornou um discípulo. No entanto, ele pode ter sido um discípulo em secreto. Alguns eruditos sugerem que Nicodemos tenha sido um dos líderes judeus que creram em Jesus, mas não o confessou publicamente, temendo ser expulso da sinagoga (Jo 12.42). Por outro lado, há uma tradição cristã que diz que Nicodemos foi batizado por Pedro e João, sofreu muitas provações nas mãos de judeus hostis, foi privado de suas funções no Sinédrio e expulso de Jerusalém por causa de sua fé em Cristo. Em fim, não há como precisarmos com segurança quais foram os acontecimentos que se sucederam em sua vida.

Os registros históricos falam de um influente rabino, chamado Nicodemos Ben Gurion, que viveu em Jerusalém na época da destruição do templo, em 70 d.C. muitos comentaristas o identificam como o Nico-

demos que se encontrou com Jesus. Embora seja possível, essa identificação é pouco provável. Para Nicodemos Ben Gurion ter tido idade para ser considerado “dirigente dos judeus” na época de Jesus, seria necessário que ele tivesse noventa anos ou mais quando o templo foi destruído.



Noé

Nome hebraico, significa “Consolo ou Descanso”.

Noé foi um dos mais brilhantes homens do Antigo Testamento, nasceu quando seu pai Lameque tinha 182 anos de idade, é neto de Matusalém e é o décimo descendente linear de Adão. É interessante observar que, de acordo com as genealogias, Noé foi a primeira pessoa a nascer depois da morte de Adão, mesmo fazendo parte da décima geração após Adão, que viveu 930 anos. A razão desse nome afirma-se nas palavras de Lameque que disse “Ele nos confortará (*no hebraico: nahan, a mesma raiz de Noé, no hebraico: noah*) do nosso trabalho e do sofrimento de nossas mãos, causados pela terra que o Senhor amaldiçoou” (Gn 5.29). Isso revela por qual razão Lameque deu esse nome ao seu filho. Deus havia amaldiçoado o solo, mas agora havia nascido alguém que faria os homens descansarem de sua labuta. Alguns também sugerem que Lameque simplesmente queria alguém para ajudá-lo no plantio. Outros pensam que Noé estava destinado a inventar instrumentos agrícolas, que aliviaria o labor envolvido na agricultura.

Noé desempenhou dois papéis importantes na história da humanidade. Primeiro, ele é diretamente o segundo pai da humanidade, porque todos os outros descendentes de Adão foram mortos no grande dilúvio que cobriu a terra mais de 1.600 anos depois da criação. Nesse papel, ele serve como elo entre as narrativas incompletas das primeiras gerações da humanidade e as biografias mais detalhadas dos patriarcas de Israel que são apresentadas nos livros do Gênesis. Segundo, ele é o descobridor da vinicultura, ou da plantação de uvas, e a primeira pessoa conhecida a produzir vinho.

Nos dias de Noé a maldade no coração dos homens estava em nível avançado a ponto de Deus se arrepender de ter feito o homem (Gn 6. 6-7). Foi um tempo de apostasia universal, de completa indife-

rença religiosa, em que até os filhos de Deus haviam tomado para si, mulheres dos filhos dos homens, por causa da sua formosura (6. 2). Era um tempo também em que a terra estava totalmente corrompida diante de Deus e cheia de iniquidade. Um tempo em que a imaginação e a aplicação dos pensamentos humanos eram todas voltadas para a prática do mal. Mediante isso, Deus decidiu destruir por completo a vida na terra, tanto de homens como animais. Porém, em meio a toda essa corrupção moral, a Bíblia diz que Noé achou graça aos olhos do Senhor (v.8). J. Alec. Motyer, diz que a tradução “*Noé achou graça*” é exata, mas o verdadeiro significado é expresso na ordem inversa: “*a graça achou Noé*”, em uma situação de juízo total, o Senhor agiu com uma livre manifestação de graça imerecida sobre ele.

Noé tinha três características principais (v.9). No caráter, era justo. Entre as pessoas do seu tempo, era íntegro. E na sua vida espiritual, tinha comunhão e andava com Deus. Entretanto, uma característica é destacada de maneira particular: a obediência detalhada e imediata à palavra do Senhor – ao receber a ordem para construir a arca (v. 14-16): “assim fez segundo tudo o que Deus lhe mandou” (v. 22). Noé não entrou na arca enquanto o Senhor não lhe mandou (7. 1), nem saiu dela enquanto o Senhor lhe determinou (8. 15-16), embora soubesse que o dilúvio já havia acabado.

Há os que acreditam que o dilúvio foi a primeira vez que choveu na terra, antes o que havia era apenas orvalho. E, devido a isso o arco-íris nunca havia aparecido, e Deus usou isso como um memorial da sua aliança com o homem. Acredita-se que o dilúvio ocorreu por volta de 2400 a.C. É nos revelado que Noé tinha 500 anos de idade quando o seu primeiro filho nasceu (Gn 5.32 – 6. 10), e então, o dilúvio ocorreu cerca de 100 anos após isso. No entanto, Noé já sabia sobre este julgamento, 120 anos antes da sua ocorrência (1Pe 3.20).

Deus ordenou que Noé construísse uma arca, dando-lhes instruções específicas de como proceder. Foi feita de madeira resinosa (cipreste), com 135 metros de comprimento, 22,5 metros de largura e 13,5 metros de altura, projetada para ter mais estabilidade de flutuação do que capacidade de navegação. Seus filhos Sem, Cam e Jafé lhe ajudaram na preparação da arca. Noé pregou a todo aquele povo que se eles cressem em Deus e se arrependesse dos seus maus caminhos, Deus teria misericórdia deles, e os livraria da destruição através da arca. Mas nenhum deles creram, senão os da família de Noé. Isso apontava para Cristo, pois somente em Cristo o homem estará salvo do castigo

de Deus que virá sobre o mundo. Outro detalhe interessante sobre a vida e a pregação de Noé, está no fato que ele não conseguiu salvar a todos, mas pelo menos a sua família ele salvou. Talvez você não consiga ganhar os de fora, mas lute, para que pelo menos os da sua casa você consiga salvar!

Sob as ordens de Deus, Noé encheu a arca com pares de cada tipo de animal – sete pares de cada tipo de ave e animal ritualmente puro e um par de cada animal impuro. A influência pós-mosaica fica evidente nesses termos, porque as leis sobre animais puros e impuros foram entregues apenas depois da saída do Egito. De acordo com alguns estudiosos, os seres humanos eram vegetarianos no período do dilúvio (Gn 9.3). Talvez esse fosse um dos fatores que cooperavam para os seres humanos viverem tanto. Noé tinha seiscentos anos, quando o dilúvio veio sobre a terra. Depois de entrarem na arca, ainda se passaram sete dias até que o dilúvio começou (Gn 7. 10).

A Bíblia diz que “se romperam todas as fontes do grande abismo (lençóis freáticos, e toda água que há no subterrâneo) e as janelas do céu se abriram”. (7. 11). Crateras imensas abriram na terra, com a pressão da água que se rompeu do subterrâneo, do céu veio chuva como nunca antes existira nem depois veio a existir; isso durante quarenta dias e quarenta noites, até que “todos os altos montes que haviam sobre a terra foram cobertos, e quinze côvados (6 metros e 75 centímetros) esteve as águas acima dos mais altos montes” (7. 19-20). A arca então flutuou com toda sua carga, enquanto toda a vida sobre a terra era destruída.

As águas do dilúvio ainda ficaram sobre a terra por cento e cinquenta dias. E para onde foi toda essa água? Para o lugar de onde ela veio! Uma parte evaporou, e outra parte voltou de novo para o abismo e foram soterrados todos os restos mortais dos animais e seres que morreram no dilúvio. Essas coisas com certeza cooperaram para a formação de petróleo, que vem da decomposição de restos de animais e seres vivos no interior da terra, soterrados nas camadas subterrâneas, que estão mortos a milhares de anos.

Depois de cento e cinquenta dias as águas começaram a baixar. Primeiro Noé soltou um corvo, este não voltou, pois se distraiu com os restos mortais. Depois soltou uma pomba, esta foi e voltou trazendo um ramo de oliveira, como sinal de que a terra já estava voltando a aparecer. Da terceira vez, a pomba não voltou mais, significando que a

terra já estava seca e a vida animal já poderia recomeçar. Então a arca se atracou em cima do monte Ararate, onde atualmente fica a Turquia.

As chuvas começaram no décimo sétimo dia, do segundo mês do ano seiscentos de Noé. No décimo sétimo dia do sétimo mês daquele ano a arca pousou sobre o monte Ararate. Os picos dos montes tornaram-se visíveis no primeiro dia do décimo mês. O solo secou no primeiro dia do primeiro mês do ano seiscentos e um de Noé, e Noé deixou a arca no segundo mês, no vigésimo sétimo dia.

Quando Noé saiu da arca, levantou com sua família um altar ao Senhor, revelando o propósito de Deus em ter as famílias juntas ao altar. Deus fez um pacto com o homem, que nunca mais destruiria a terra com água, e como prova disso Deus estabeleceu o arco-íris, que ele chama de “*o meu arco*” (Gn 9.13). Todas as vezes que chovesse não mais haveria um dilúvio, pois Deus através do seu arco se lembraria da sua aliança com o homem. O sentido da palavra arco aqui, é o de arma (o arco como ferramenta de guerra), é como se Deus dissesse: “Vejam, acabou a guerra, vou pendurar meu arco”. Dali em diante sempre que houvesse uma ameaça, Noé veria o sinal de que nenhuma ameaça atingiria novamente a humanidade, pois Deus assim prometera.

Noé viveu ao todo 950 anos e pouco se sabe acerca dos trezentos e cinquenta anos que Noé viveu após o dilúvio. Mas, entendemos que a vida continuou em sua normalidade, até que Noé decidiu plantar uma vinha e dessa vinha se embebedou, pois por certo ainda não conhecia a força do suco fermentado da uva. Estando bêbado se despiu, e estando nu, foi visto por seu filho Cam que em vez de cobri-lo, contou para as pessoas que seu pai estava bêbado e nu. Quando Sem e Jafé souberam que o pai estava nu, entraram na tenda de costas, trazendo uma capa, com a qual cobriram Noé, com os rostos voltados para não vê-lo. Esse acontecimento foi decisivo não apenas para os filhos de Noé, mas também para toda a raça humana. Noé amaldiçoou a Cam e aos seus descendentes e abençoou a Sem, Jafé e todos os seus descendentes.

Dos filhos de Noé vieram os povos e as nações da terra:

Cam: Os descendentes de Cam se estabeleceram na Arábia Meridional, em um território denominado Canaã (nome de um filho de Cam) e na África. Na tradição islâmica, Cam é considerado o ancestral dos coptas do Egito, dos berberes do norte da África.

Sem: Os descendentes de Sem povoaram as regiões asiáticas, desde as praias do Mediterrâneo até o oceano Índico, ocupando a maior parte do território entre Jafé e Cam. Foi dentre eles que Deus

escolheu o seu povo, cuja história constitui o tema central das sagradas escrituras.

Jafé: Os descendentes de Jafé, que migraram para o norte, se estabeleceram nas terras costeiras dos mares Negro e Cáspio, foram os progenitores dos medos, dos gregos e das raças brancas da Europa e da Ásia.

A maldição de Noé sobre Cam dizia que “Maldito seja Canaã (descendência de Cam), servo dos servos seja entre seus irmãos”. A maldição de Noé dizia que a descendência de Cam iria ser servo, escravos, subjugados pela descendência de Sem e Jafé. Essa profecia se cumpre durante muitos séculos. Até o dia de hoje, a descendência de Cam (Os árabes da parte meridional e os africanos) são subjugados por outros povos. Isso nos lembra o cuidado que os pais devem ter sobre as palavras liberadas sobre a vida de seus filhos.



Obadias

Nome hebraico, significa "Servo do Senhor".

Obadias foi o quarto dos profetas menores. Também é o mais breve deles, com apenas 21 versículos. Ele nada fala sobre sua família, sua residência ou onde escreveu este livro.

Obadias tem um detalhe em comum com outros dois profetas – Jonas e Naum – o fato de proferir sua mensagem para um povo que não era nem Israel e nem Judá, mas exclusivamente para uma nação estrangeira: os edomitas. Neste caso, Obadias fala sobre um julgamento vindouro sobre Edom (Ob 1.6,8-10,18-19,21).

Os judeus daquela época consideravam os vizinhos edomitas como parentes hostis. Esse difícil relacionamento remonta ao antagonismo entre Jacó e Esaú, os ancestrais bíblicos das duas nações. Ao longo dos séculos, os edomitas que habitavam a região árida ao sul do mar Morto sempre tiveram intrigas com Israel. Os edomitas se opuseram obstinadamente aos israelitas quando se aproximaram da terra prometida junto com Moisés. Mais tarde, Davi conquistou Edom, e seu implacável comandante Joabe foi enviado para matar todos os homens de Edom, massacrando 18 mil homens e estabelecendo uma guarnição em todo o território deles. Este massacre enfraqueceu de tal forma os edomitas que um século e meio se passou antes que conseguissem reunir forças suficientes para se livrar do jugo israelita, por volta do ano 845 a.C.

Entretanto, nenhuma data específica é definida com precisão para o ministério de Obadias. A época em que Obadias viveu, parece estar ligada a uma terrível desgraça que aconteceu na cidade de Jerusalém, e os edomitas alegremente se orgulharam do fato de que eles, por causa de sua localização geográfica, ficaram imunes a esta tragédia (Ob 1.11-14).

As invasões significativas que Jerusalém sofreu no Antigo Testamento foram: Por Sisaque, rei do Egito, durante o reinado de Roboão por volta de 925 a.C. (1Rs 14.25-26); Pelos filisteus e árabes quando Jeorão era rei por volta de 848-841 a.C. (2Cr 21.16-17; 2Rs 8.20); Pelo rei Joás de Israel enquanto Amazias governava em Jerusalém por volta de 790 a.C. (2Rs 14.13-14); Pelos edomitas que atacaram Judá durante o reinado de Acaz por volta de 720 a.C. (2Cr 28.17); E principalmente por Nabucodonosor, que não só invadiu Judá, mas também reduziu Jerusalém e o seu templo a ruínas durante os anos de 605 a 586 a.C. (2Rs 24).

A maioria dos estudiosos apontam para a época de Nabucodonor, como a época que Obadias desenvolveu o seu ministério. E é bem provável que esta seja mesmo a data em que ele viveu. Alguns outros profetas da época do exílio babilônico também fizeram denúncias contra Edom (Jr 49.7-22; Ez 25.12-14; Ez 35). Sendo assim, Obadias aparentava estar em concordância com esses profetas.

Uma forte evidência que fortalece essa ideia é o fato de os edomitas terem se unido a Nabucodonosor para destruírem a cidade de Jerusalém em 587 a.C. O salmista declara: *“Lembra-te, ó Senhor, do que fizeram os filhos de Edom no dia da queda de Jerusalém. Diziam: Arrasai-a, arrasai-a até os seus alicerces”* (Sl 137.7). Jeremias – por causa dessa aliança entre os edomitas e Nabucodonosor – profetizou a ruína de Edom quando disse: *“Regozija-te e alegra-te ó filha de Edom, que habitas na terra de Uz. Mas saiba que o cálice (do juízo) também chegará para ti... Ele punirá a sua maldade, e exporá os teus pecados”* (Lm 4.21-22). Toda essa sentença veio sobre os edomitas no século 5º a.C., quando eles caíram sob o poder dos árabes, e no século seguinte, os nabateus, conquistaram a região e fizeram de Petra (Sela) a sua capital. A profecia de Obadias e Jeremias estava cumprida!



Oseias

Nome hebraico, significa “Salvação”.

Oseias é o primeiro e um dos mais importantes dos doze “profetas menores”. Ele foi o único profeta que morou em Israel, o Reino do Norte, e que também escreveu seu próprio livro – Elias, Eliseu e Miqueias aparecem nos registros bíblicos, mas eles não deixaram nenhum livro próprio.

Oseias era filho de Beerí (Am 1.1). Foi contemporâneo mais jovem de Amós, iniciou seu ministério profético antes de 753 a.C., quando Jeroboão II morreu. Há os que presumem que Oseias profetizou durante os 12 ou 13 últimos anos do reinado de Jeroboão II e que chegou a ver a queda de Samaria, no ano 722 a.C., sendo assim o seu ministério pode ter se estendido por mais de 40 anos. Ninguém sabe qual era a real ocupação de Oseias, mas visto que há uma referência ao “padeiro” e ao ato de sovar “a massa” em Oseias 7.4, alguns pensam que essa era a sua ati-

vidade. Não se sabe muita coisa sobre sua vida, os três primeiros capítulos do seu livro nos dão a única informação biográfica que temos sobre ele. Os onze capítulos restantes contêm uma série de discursos escritos talvez depois da morte de Jeroboão.

Oseias profetizou durante um tempo em que a maior parte dos profetas de Israel era tão bajuladora e desregrada que Amós – que era seu contemporâneo – tinha vergonha até mesmo de ser chamado profeta quando deixou Judá e foi profetizar para o Reino do Norte. O profeta Oseias apareceu em cena para advertir sobre a ameaça externa da Assíria. Predisse também que a nação mergulharia na anarquia e declarou que todos esses problemas iminentes eram resultado da traição que Israel fez da sua aliança com o Senhor. Ele comparou a relação entre Deus e Israel a um casamento em que Israel havia tomado a riqueza do marido e utilizado para se prostituir diante de Baal. Ele disse também que Israel era como um filho ingrato que havia gasto os presentes de seu pai com farras e prostitutas. Essa figura de linguagem lembra a história do filho pródigo contada por Lucas (Lc 15.11-32). Assim como Lucas escreveu a história do filho pródigo, Oseias escreve a história da esposa pródiga. Sua vida pessoal com uma mulher adúltera e crianças bastardas estavam diante de Israel como uma ilustração do pecado do povo.

Os três primeiros capítulos do seu livro contam sua vida pessoal e familiar, o que era no mínimo, pouco comum. Para simbolizar e encenar o adultério espiritual do povo, Deus ordenou que Oseias tomasse uma mulher da casa de prostituição para ser sua esposa, e com ela teria filhos de uma prostituta (Os 1.2). Ele se casou com Gômer, filha de Diblaim, que era uma prostituta conhecida da cidade, ou provavelmente uma prostituta sagrada do culto idólatra da deusa da fertilidade, Astarote. Ela lhe deu dois filhos e uma filha, e o texto nos dá a entender que apenas o primeiro filho era dele. Os versículos 4, 5 e 8 mostram que os três filhos de Gômer nasceram no decurso de cinco ou seis anos, pois o terceiro filho só foi gerado depois que o segundo desmamou, período que levava de dois a três anos.

Era costume da época nomear uma criança de acordo com as circunstâncias de seu nascimento, e Oseias seguiu esse costume ao dar nome aos filhos. Ao primeiro, um menino, ele chamou Jezreel, que significa “Deus semeia”, para lembrar a Israel os pecados do rei Jeú, que massacróu o povo de Jezreel. O agente ativo dessa “semeadura” é o próprio Senhor, mas fica implícita a semeadura iníqua de Israel. Jezreel, nome de uma localidade de Israel, foi onde se deu o massacre sanguinário de Jeú da casa de Acabe, em cerca de 841 a.C. Isso por sua vez, nos faz

lembrar do julgamento de Deus contra os ímpios, mostrando-nos qual é a colheita temível feita daquele que está pagando por seus pecados. Mas todo o Israel, simbolizado como a casa de Jeú, deveria sofrer seu merecido julgamento. A matança da casa de Acabe foi ordenada pelo Senhor (2Rs 9.6-10). Portanto, pode parecer uma contradição a casa de Jeú ser punida por esse motivo. Mas, também é verdade que a matança ultrapassou o que havia sido ordenado por Deus, o que tornou Jeú culpado de crimes de sangue. Ele também matou Jorão (2Rs 9.24), Acazias, rei de Judá (2Rs 9.27-28), e 42 parentes de Acazias (2Rs 10.12-14), além de tantos outros. Portanto, Jeú foi um homem sanguinário e não podia mesmo escapar, independente do bem que tinha feito. Desse modo, o Senhor colocaria fim a Israel – Reino do Norte – a quem Jeú representava, devido às muitas infrações que o povo de Israel tinha praticado contra a lei dada a Moisés.

A segunda era uma filha, ele chamou Lo-Ruama, que significa “não amada”, porque Deus não mais demonstraria seu amor por Israel. E o terceiro, ele chamou Lo-Ammi, que significa “não-meu-povo”, porque Deus não mais considerava o povo de Israel como seu escolhido. No entanto, Oseias profetizou que a punição de Deus poderia ser revogada caso Israel se voltasse para ele: “Tratarei com amor aquela que chame não-amada. Direi àquele chamado não-meu-povo: Você é meu povo, e ele dirá: Tu és meu Deus” (Os 2.23).

Aparentemente Oseias divorciou-se de Gômer (Os 2.2; 19-20). Algum tempo depois Deus mandou Oseias casar-se novamente, aparentemente com a mesma mulher. Ela já estava sobre outro domínio (Os 3.1) e ele teve que comprá-la para ser sua novamente por quinze ciclos de prata e uma medida de cevada (Os 3.2). Sem dúvida, essa foi uma espécie de redenção. Um sentido do versículo é claro: Custou muito ao Senhor libertar Israel. Seu amor, entretanto, cobriu o preço da redenção. A mensagem de fundo de Oseias é o amor redentor. Embora Deus possa vir abandonar os que o abandonam, ele estará disposto a perdoar os pecadores, mesmo que seu pecado tenha sido o de deixá-lo.

Durante séculos estes capítulos tem sido o tema de muita discussão. As várias opiniões podem basicamente, ser divididas em duas partes: alegórica e literal.

A opinião alegórica tem sido defendida por alguns intérpretes judeus e cristãos. Ela sustenta que todas as passagens relacionadas ao casamento e a vida familiar de Oseias, tais como a ordem para tomar uma mulher de prostituições, devem ser entendidas simbolicamente.

A opinião literal parece ser a mais considerável. De acordo com essa opinião os capítulos 1 e 3 devem ser tomados juntos e se referirem à mesma esposa. Assim, Oseias casou-se com uma mulher chamada Gômer e ela teve três filhos. Gômer provou a sua infidelidade e deixou seu marido; mais tarde, Oseias a comprou de seu amante e a trouxe de volta novamente. Esta opinião, apesar de muitas dificuldades óbvias, é a de muitos exegetas. Certos detalhes do ocorrido, como por exemplo, a quantia gasta por Oseias para recuperar sua esposa (Os 3.2), não se encaixa em uma interpretação alegórica. Seja qual for a opinião correta, os desapontamentos pessoais de Oseias certamente contribuíram para a sua delicada mensagem profética. Em Oseias, a experiência humana se tornou o canal da revelação divina.

O ministério de Oseias seguiu-se imediatamente após o de Amós, um profeta que veio avisar ao externamente próspero, mas internamente corrupto reino do norte do desastre iminente. Em Amós está retratada a justiça inigualável de Deus, enquanto que em Oseias está demonstrado o amor infalível de Deus. Quando Oseias proferira seus últimos oráculos, o desastre estava próximo e provavelmente ele viu ou soube do cumprimento de suas profecias. Em tempo relativamente curto, Zacarias e três de seus quatro sucessores como reis de Israel foram assassinados. Quando Oseias completou os seus avisos de catástrofe, Israel ainda mantinha uma independência precária. Mas aproximadamente em 722 a.C., os assírios capturaram a capital do reino do norte – Samaria – após um cerco de três anos. E o reino do norte nunca mais existiria.



Paulo

Nome Romano, significa: "Pequeno".

Paulo, o “apóstolo dos gentios”, foi sem dúvidas um dos maiores missionários e plantadores de igrejas de todos os tempos. Além de ter sido o primeiro grande teólogo cristão e o responsável pela configuração que temos do cristianismo desde os tempos apostólicos. 13 das epístolas do Novo Testamento são de sua autoria. O cristianismo que conhecemos hoje é, antes de tudo, um produto do desenvolvimento que Paulo fez com base nos ensinamentos de Cristo. Se dependesse de Pedro e de alguns outros apóstolos o cristianismo teria permanecido apenas entre os judeus. Paulo, no entanto, inspirado e direcionado por Deus decidiu romper essas barreiras religiosas e raciais, a fim de que os gentios também fossem alcançados.

O próprio testemunho de Paulo, certamente aponta para o que ele foi: Um judeu circuncidado da tribo de Benjamim, que falava a língua aramaica em sua casa, herdeiro da tradição do farisaísmo, estrito observador das exigências da Torá, e mais avançado no judaísmo do que seus contemporâneos era o primeiro e o mais proeminentes entre os judeus (Fp 3.5-6; Gl 1.14). Estas qualidades estavam tão enraizadas em sua alma, que até mesmo quase no final de sua vida, ele falaria com um honesto apreço daquela herança. Mais de 20 anos depois de sua conversão cristã, ele dizia: “Eu sou fariseu, e filho de fariseu!” (At 23.6). Mesmo depois desta afirmação, ele declarou: “Sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quando está escrito na lei e nos profetas” (At 24.14).

Contudo, Paulo foi um judeu nascido aproximadamente no ano 10 d.C. na cidade grega de Tarso, na Cilícia, onde hoje é a Turquia. Na verdade, o nome de Paulo era Saulo (At 13.9), mas ele só usou o nome Paulo depois de se converter ao cristianismo. Saulo, era o nome hebraico; Paulos, era o nome grego; Paulus, o nome latino e Paulo, o nome romano. Seus pais lhe deram o nome hebreu Saulo, em homenagem ao rei Saul, que assim como eles era da tribo de Benjamim.

Quando criança viveu no meio da cultura grega, um lugar de educação e comércio. William Mitchell Ramsay definiu Tarso como “a cidade cujas instituições reuniam o que havia de melhor e mais completo do caráter oriental e ocidental”. Em suma, Tarso era considerado um lugar completo. A tradição e as diversas informações implícitas em suas cartas indicam que ele era de uma família rica e respeitada.

A maioria dos judeus que vivia em cidades fora da Palestina era helenizada, falava grego e se sentia totalmente à vontade com a cultura grega. No entanto, embora muitos tivessem permitido que a cultura e as religiões gregas corrompessem as tradições judaicas, a maioria havia permanecido fiel à lei e a fé judaica.

Paulo era fluente em grego, hebraico e aramaico e, provavelmente, também em latim.

Além destes aspectos da sua vida, Paulo também era um cidadão romano (At 16.37-39; 22.25-28). E esta era uma posse premiada, porque não era algo fácil de ser conseguido. Raramente uma pessoa não nascida em Roma recebia a cidadania. A maioria dos que moravam na própria Roma não era composta por cidadãos. Cerca de um a dois terços da população do império romano era da classe de escravos e, portanto, sem cidadania. Geralmente esse era um privilégio da aristocracia e das classes mais altas.

Paulo aparentemente herdou a sua cidadania do seu pai. O pai de Paulo deve ter recebido sua cidadania por ter prestado algum serviço relevante ao governo romano. Paulo reconhecia o valor de ambas as cidadanias, a de Tarso (At 21.39) e a romana (At 22.25-28). É interessante notar a diferença dessas cidadanias na reação do capitão romano Cláudio Lísias. A cidadania de Tarso apenas havia estabelecido o fato dele não ser um egípcio (At 21.38); a segunda lhe deu uma imunidade aos açoites.

Alguns dos privilégios contidos nesta cidadania eram: (1) a garantia do julgamento perante César, se exigido, nos casos de execução (At 25.11); (2) imunidade legal dos açoites antes da condenação (ao contrário do caso do Senhor Jesus – Mt 27.24-26); e (3) imunidade em relação à crucificação, que era a pior forma de pena de morte executada pelos romanos no caso de condenação. Um exemplo disso está nas execuções de Paulo e Pedro. Ambos morreram diante da mesma perseguição (a perseguição de Nero), mas a cidadania romana de Paulo deu a ele uma morte menos dolorosa – a decapitação. Enquanto que a morte de Pedro foi mais cruel por não ter a cidadania romana – Pedro morreu crucificado de cabeça para baixo.

Aparentemente, durante a juventude de Paulo, sua família se mudou para Jerusalém. Enquanto o lugar do nascimento de Paulo era Tarso, sua criação, tanto em casa como na escola, parece ter sido em Jerusalém (At 22.3). Essa possibilidade se sustenta com muitas evidências vindas da literatura antiga, Van Unnik se arrisca a dizer que essa mudança ocorreu bem cedo na vida de Paulo. Acredita-se que Paulo tenha

formalmente começado seus estudos rabínicos entre 13 e 15 anos de idade. Provavelmente, em Jerusalém também moravam os únicos parentes de Paulo que a Bíblia menciona: uma irmã de Paulo e seu filho, que era sobrinho do apóstolo. Isso só se sabe porque seu sobrinho ficou sabendo de uma conspiração contra Paulo e foi contar ao tio (At 23.16). Não existe nenhuma outra referência a irmão e ao sobrinho.

As raízes farisaicas o levaram a estudar com um dos mais respeitados doutores da lei da época, Gamaliel, que era o ancião conhecido na tradição como o neto do grande Hilel, o proeminente mestre judeu do primeiro século antes de Cristo e fundador de uma escola farisaica cujo ensino abrangia os textos talmúdicos até sua época. Sobre sua formação, Paulo disse: “Progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas” (Gl 1.14). Ao mesmo tempo, Paulo aprendeu o ofício de fazer tendas para sustentar-se em seus estudos.

Enquanto Paulo estudava a lei judaica em Jerusalém, Jesus trabalha como carpinteiro em Nazaré. Provavelmente Paulo estava em Jerusalém no período final da vida de Jesus. Embora não haja qualquer indicação de que Paulo chegou a conhecer Jesus durante o ministério terreno do filho de Deus.

Paulo (ainda conhecido como Saulo) aparece pela primeira vez no Novo Testamento como uma testemunha favorável à execução de Estevão, o primeiro mártir cristão. Estevão foi levado perante o Sinédrio por ser acusado de falar contra os judeus e a lei, e argumentar que Jesus “destruiria o templo e modificaria os costumes que Moisés havia transmitido” (At 6.13-14). Saulo pensava que tudo aquilo que era tão querido para ele – a lei, o templo e as tradições de seu povo – pareceriam se fosse permitido a uma “seita” como a de Estevão sobreviver. Além disso, os cristãos proclamava como Messias o homem que tinha sido pregado em uma cruz, enquanto que as escrituras ensinavam que “o que for suspenso em um madeiro é maldito de Deus” (Dt 21.23). Interessante que o próprio Paulo lá na frente vai explicar que Cristo se fez maldito por nós na cruz para que pudéssemos ser livres (Gl 3.13).

Então Saulo começou a perseguir os cristãos. Saulo “assolava a igreja, entrando na casa dos cristãos, e arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão” (At 8.3). Naquela hora ele acreditava que ao seguir esse caminho, estava servindo a Deus e mantendo a pureza da lei.

Por volta de 35 d.C., aproximadamente cinco anos depois da crucificação de Jesus, Paulo estava a caminho de Damasco levando as cartas do

sumo sacerdote para perseguir os cristãos daquela cidade. No entanto, Deus escolheu aquele momento para promover uma guinada radical em sua vida. Anos mais tarde, Paulo descreveria o acontecimento calmamente, dizendo apenas que Deus quis “por bem revelar em mim o seu filho para que eu evangelizasse entre os gentios” (Gl 1.16). No caminho de Damasco o próprio Jesus através de uma visão veio se encontrar com Paulo. Ele viu uma grande luz que o deixou cego por três dias e uma inconfundível voz que dizia: “*Saulo, Saulo, porque me persegues?*” (At 9.4). Chegando a Damasco Saulo saberia que havia sido escolhido para levar o nome do Senhor entre os gentios (At 9.15). Esse acontecimento foi tão importante e revolucionário que três relatos detalhados são fornecidos no livro de Atos (At 9.1-19; 22.1-21; 26.1-23).

Há dois elementos nessa história que ficam muito claros: Primeiro, Paulo estava convencido de que tinha visto o Senhor ressurreto. Segundo, sua vida foi radicalmente mudada daquele dia em diante. A base da afirmação do seu apostolado reside naquela experiência. Ele insistiu nisso algumas vezes (1Co 9.1; 15. 8-15; Gl 1.15-17; At 9.3-8; 22.6-11; 26.12-18). Visto que ele não era um dos doze discípulos, esse chamado visível do Senhor no caminho de Damasco lhe era insubstituível.

A partir daquele momento, Paulo não desperdiçou tempo na sua nova vida como cristão. Imediatamente, ele começou a proclamar a sua nova fé em Jesus com o mesmo vigor que antes usara para defender a lei. A mudança foi evidenciada pela mensagem que Paulo começou a pregar nas sinagogas de Damasco (precisamente no lugar onde ele pretendia prender os seguidores de Jesus daquela cidade). Sua mensagem era: “Ele (Jesus) é o filho de Deus” (At 9.20). Agora sua tarefa era provar “*que aquela era o Cristo*” (At 9.22).

Após a experiência de conversão, a vida de Paulo pode ser dividida em quatro períodos gerais: Primeiro, os anos relativamente silenciosos; Segundo, o trabalho em Antioquia; Terceiro, as viagens missionárias; E quarto, as prisões.

Os anos silenciosos.

Nós só conseguiremos perceber a dimensão desses anos por causa da carta de Paulo aos Gálatas (Gl 1.15 – 2.5). Nesse texto Paulo diz que se passaram 14 anos (Gl 2.1) desde a sua conversão (ano 35 d.C.) até um retorno dele a Jerusalém que ocorreu junto com Tito, provavelmente para o concílio de Jerusalém, no ano 49 d.C. Antes desse concílio Paulo já havia realizado a primeira viagem missionária (acredita-se que durou de 2 a 3 anos, possivelmente de 46 a 48 d.C.), e antes da primeira

viagem missionária Paulo havia ajudado Barnabé no cuidado da igreja em Antioquia por um ano. Então, aparentemente esses anos silenciosos da vida de Paulo foram aproximadamente 10 anos – 14 anos entre a conversão e o concílio de Jerusalém, menos 2 ou 3 anos da primeira viagem missionária e menos 1 ano em Antioquia.

Nesse período também aconteceu o que Paulo registrou em 2ª aos Coríntios 11.32-33: “Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas dos damascenos, para me prenderem; Mas por uma janela na muralha desceram-me num grande cesto, e assim escapei de suas mãos”. Esse ocorrido aconteceu durante o segundo período que Paulo esteve em Damasco (Gl 1.17).

O esboço desse período pode ser dado assim: Pregação em Damasco (rapidamente) (At 9.20-22); Viagem pela Arábia (Gl 1.17); Retorno a Damasco (Gl 1.17); Fuga para Jerusalém (Gl 1.18; 2Co 11.32-33; At 9.23-26); Encontro com Pedro e Tiago em Jerusalém (Gl 1.18-19); Retorno à Síria e Cilícia (Tarso) (Gl 1.21-24; At 9.30); e esse período termina com o convite de Barnabé para ajudar na igreja em Antioquia (At 11.20-26).

O entanto, a insuficiência de informações deixou muitas perguntas sem respostas para a reconstrução da vida de Paulo nesse período. Onde era a Arábia? E o que ele fazia lá? Porque ele se retirou por tanto tempo antes de começar seu ministério público? E, além disso porque ele estava continuamente fugindo?

Uma coisa sabemos, os anos silenciosos não foram anos de repouso ou inativos. As indicações sugerem que nesse período Paulo esteve pregando e ensinando, ainda que sem nenhuma evidência pública.

O trabalho em Antioquia

Enquanto Paulo estava em Tarso, o evangelho havia se difundido de Jerusalém a Antioquia da Síria (At 11.19-21). Barnabé foi enviado para ver o que estava acontecendo ali, e foi usado por Deus como um instrumento para aumentar o número de convertidos. Mas quando o trabalho ficou grande demais, ele “*partiu para Tarso para buscar Saulo*” (At 11.25). Os dois juntos trabalharam em Antioquia por um ano inteiro. E em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados “*crístãos*” (At 11.26). Até então, os cristãos eram chamados de “*membros do caminho*”.

Este foi um ponto crucial na vida de Paulo, porque pode ter sido ali que sua visão de levar o evangelho aos gentios se consolidou. Foi enquanto ele estava ativo em Antioquia que o Espírito Santo disse: “Apar-

tai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2). A partir desse momento que tiveram início as viagens missionárias de Paulo.

As viagens missionárias

Abrangendo um período de aproximadamente 10 anos, o trabalho missionário de Paulo aconteceu principalmente em 4 províncias do império romano: Galácia, Macedônia, Acáia e Ásia (que na época era considerada abrangendo uma província). Em cada uma delas ele concentrou nas cidades-chaves, que eram os maiores centros populacionais. Uma vez alcançadas essas cidades principais, através delas eram alcançadas as áreas rurais, normalmente usando convertidos de cada um destes lugares (Cl 1.7-8; 4.2).

Os métodos de Paulo de estabelecer e plantar igrejas podem se ver em resumo em Atos 14.21-23: (1) pregando o evangelho (*evangelização*); (2) fortalecendo e encorajando os crentes (*consolidação e edificação*); e (3) escolhendo presbíteros em cada igreja (*organização*). Assumiu-se a mesma abordagem nas cidades de Filipos (At 16.40; Fp 1.1), Corinto (At 18.4,11; 1Co 16.15-16) e Éfeso (At 19.8-10).

Nesse período, talvez por volta do início de 45 d.C., Barnabé e Paulo levaram ajuda aos crentes de Jerusalém (naquele período houve uma grande fome na Judeia), e voltaram com o primo de Barnabé, João Marcos, para Antioquia.

Primeira viagem missionária (At 13.2 – 14.28). Essa viagem durou de 2 a 3 anos, possivelmente de 46 a 48 d.C. Esta foi uma missão para os gentios (At 14.27). Foram nessa viagem Saulo, Barnabé e seu sobrinho João Marcos. Como cada um dos períodos das viagens de Paulo, o ponto de partida foi Antioquia, um lugar que assumiu o papel de centro do cristianismo para os gentios. Partindo do porto de Selêucia, Paulo e seus companheiros desembarcaram em Chipre, em seu extremo leste. De Salamina cruzaram toda a extensão da ilha, pregando primeiro nas sinagogas dos judeus. De fato, este era seu ponto de contato com os gentios, alguns dos quais eram adeptos do judaísmo. O primeiro encontro com funcionários romanos também ocorreu em Pafos, a cidade capital daquela região e residência do procônsul Sérgio Paulo. Ali também eles encontraram uma primeira grande perseguição: um judeu chamado Bar-Jesus, que alegava ser profeta e mago, e que se tornou conselheiro espiritual do procônsul Sérgio Paulo. Bar-Jesus tentou impedir o procônsul de escutar a mensagem cristã, Paulo fez com

que o mago ficasse cego, e Sérgio Paulo acreditou em Cristo “*maravilhado com a doutrina do Senhor*” (At 13.12).

Saindo para o mar, o grupo foi então para Perge, na Panfília. Nessa cidade João Marcos os abandonou voltando para Jerusalém (At 13.13). O momento parecia inesperado para essa atitude. O que pode ter acontecido? Ele havia se ofendido? Ou apenas estava com saudades de Casa? Não sabemos. O certo, é que este episódio marcou o momento em que Paulo se tornou o líder da expedição missionária. Até então se falava sobre “Barnabé e Paulo”, a partir desse momento se fala “*Paulo e seus companheiros*” (At 13.7-13). Coincidentemente, a partir desse momento também, Saulo começou a ser chamado por seu nome romano Paulo. Ele provavelmente achou que usar seu nome romano seria mais adequado para se movimentar entre os gentios no mundo romano. Era como se um americano que se chama *John*, preferisse ao morar no Brasil ser chamado de *João*, para facilitar sua integração na nova sociedade.

Em seguida, a dupla viajou em direção ao norte, e entrou na província da Galácia, e suas visitas estenderam-se a quatro cidades: Antioquia da Psídia, Icônio, Listra e Derbe.

Em Antioquia, Paulo pregou na sinagoga discursando sobre a história do povo de Israel e o cumprimento das promessas de Deus através da vinda do Salvador, Jesus Cristo. Sua ênfase era sobre o perdão dos pecados e justificação pela fé (At 13.38-39). No entanto, os judeus se opuseram a eles, e Paulo declarou: “*Voltemos para os gentios*” (At 13.46). Este acabou se tornando um comportamento comum do ministério de Paulo em outras cidades (At 18.6; 28.28).

Levados para fora de Antioquia, eles foram para Icônio. Chegando ali “falavam ousadamente acerca do Senhor, o qual dava testemunho à palavra de sua graça, permitindo que por suas mãos se fizessem sinais e prodígios” (At 14.3; Gl 3.5; Hb 2.4).

O terceiro centro a ser alcançado na Galácia foi Listra, uma cidade que não tinha sinagoga, um sinal de que provavelmente poucos judeus moravam ali. Em Listra, Paulo e Barnabé curaram um aleijado, e o povo ficou tão impressionado que os confundiram com Hermes e Zeus (Júpiter e Mercúrio), que eram dois deuses da mitologia grega. Quando Paulo e Barnabé negaram isso e disseram que não passavam de meros humanos, um grupo de oponentes vindos de Icônio incitou a multidão e colocou o povo contra eles. As pessoas arrastaram Paulo para fora da cidade e o apedrejaram até acharem que ele tinha morrido. Barnabé escapou e resgatou Paulo, que não estava morto e se levantou milagrosamente e

voltou para dentro da cidade para pregar de novo (At 14.8 em diante). Interessantemente, esse incidente foi um claro contraste com o sermão de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia, que foi tão bem recebido a ponto das pessoas pedirem para que ele voltasse no sábado seguinte para continuar (At 13.42).

No dia seguinte em que foi apedrejado Paulo iniciou com Barnabé uma viagem de 96 quilômetros até Derbe para ali pregar o evangelho. Era impressionante a disposição e a doação de Paulo. Em Derbe, a viagem chegou ao seu ponto final e então retornaram pelas cidades fazendo discípulos (At 14.21-23), chegando finalmente a Antioquia da Síria.

Em algum ponto dessa viagem, uniu-se a Paulo e Barnabé um jovem grego convertido chamado Tito, que depois se tornou um dos colaboradores mais importantes da vida e do ministério de Paulo. Juntos, eles viajaram de volta para Antioquia e relataram à igreja de lá tudo que Deus tinha feito *“abrindo aos gentios a porta da fé”* (At 14.27).

Nesse período ocorreu o concílio de Jerusalém, onde e Paulo e Pedro discursaram sobre se havia ou não necessidade para os gentios que se convertiam passarem pela circuncisão. E Tito foi junto com eles a Jerusalém a fim de argumentar sobre a ausência da circuncisão para aqueles que não eram judeus e desejavam fazer parte da igreja de Cristo (At 15).

Segunda viagem missionária (At 15.36 – 18.22). Essa viagem durou possivelmente 4 anos. Do ano 50 d.C. até o fim de 53 ou início de 54 d.C. aproximadamente. O propósito dessa viagem conforme Paulo disse a Barnabé, era: *“Visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor”* (At 15.36). Mas ao se desentenderem sobre a possibilidade de levarem João Marcos, que havia os abandonado na primeira viagem, decidiram separar-se. Barnabé seguiu com João Marcos para a região de Chipre, e Paulo chamou a Silas (também chamado Silvano) para seguir consigo. Paulo e Silas viajaram por terra na estrada em sentido norte, pela Síria e Cilícia, e assim começaram sua segunda visita à Galácia. Passando por Listra, se uniu a eles um jovem cristão chamado Timóteo – assim como Tito, Timóteo era um jovem que se dedicou com lealdade ao ministério de Paulo e lhe foi um dos principais auxiliares e cooperadores do seu ministério. Os três viajaram para o norte, no interior das cidades da Galácia, depois para a Frígia, e chegaram então a Trôade. Em algum momento nessa cidade, Lucas também se uniu ao grupo. De lá então, foram direcionados em uma visão a seguirem para a Macedônia. Era a primeira vez que uma equipe missionária chegava a Europa (Atos 16).

Na Macedônia, o trabalho centralizou-se em três centros-chave: Filipos (At 16.12-40), Tessalônica (At 17.1-9) e Bereia (At 17.10-14). Enquanto que na região da Acaia duas cidades foram visitadas: Atenas (At 17.15-34) e Corinto (At 18.1-18).

Em Filipos, Paulo encontrou Lídia, uma adoradora do Senhor (At 16.14). Sua casa transformou-se no primeiro centro da igreja em Filipos. Mas quando Paulo e Silas expulsaram os demônios de uma jovem escrava cujos donos diziam praticar adivinhação, eles foram arrastados até a praça da cidade, apresentados aos magistrados, tiveram suas vestes arrancadas, foram açoitados com vara e lançados na prisão, com os pés presos num tronco. Destemidos, à meia-noite eles cantavam hinos de louvor a Deus, quando, de repente, sobreveio um terremoto de tal intensidade que os alicerces do cárcere se abalaram milagrosamente, e milagrosamente abriram-se todas as portas e foram soltos os grilhões de todos. Após converterem o carcereiro e sua família, eles foram libertados.

Deixando Filipos, o grupo de Paulo chegou a Tessalônica, que era a capital romana da Macedônia. Seguindo seu costume, Paulo pregou primeiro na sinagoga (At 17.3). Alguns dentre eles se converteram e uniram a Paulo. Não é difícil entender o desapontamento de muitos líderes de sinagogas sentiam ao ver suas comunidades viradas de avesso por aquele terremoto religioso. Em Tessalônica eles não conseguiram prender Paulo, mas vociferaram: “Esses que tem alvoroçado o mundo chegaram também até nós” (At 17.6). Ali Paulo “*disputou com eles sobre as escrituras*” (At 17.2). Foi a primeira vez que o termo “disputar” apareceu em Atos. É importante notar que esta palavra descreve a abordagem de Paulo, ao falar da chegada da palavra de Deus ao coração das cidades gregas, porque está era a forma de pensar dos gregos, através de debates e disputas de ideias (veja também At 17.7 em Atenas ; At 18.4 em Corinto e At 18.19; 19.8 em Éfeso).

Ainda em Tessalônica, os missionários foram acusados de sedição contra César, por dizerem que existia outro rei, o Senhor Jesus (At 17.7). A acusação foi suficiente para forçar sua expulsão da cidade, e eles viajaram em direção ao Sul, a Bereia, um lugar onde tiveram uma curta estadia, antes de Paulo ir sozinho para Atenas (At 17.10-15).

Agora, Paulo havia entrado na província da Acaia (Grécia) e se via na cidade mais famosa do mundo grego, Atenas. Era uma cidade repleta de ídolos (At 17.16), “um lugar onde era mais fácil encontrar um deus do que um homem”. Ao encontrar as pessoas, tanto na sinagoga como no

mercado (ágora – que eram os mercados do mundo romano), ele logo encontrou os filósofos epicureus e estoicos.

Os epicureus e os estoicos eram duas escolas filosóficas de teorias totalmente diferentes. Os epicureus eram filósofos e seguidores de Epicuro (341-270 a.C.), famoso pensador grego, criador da tese sobre a “ética do prazer”. Os estoicos, por sua vez, eram discípulos de Zeno (340-265 a.C.), outro importante pensador grego, criador da filosofia da “vida natural”, que dizia que a vida deve conformar-se à lógica da natureza. Eram, portanto, panteístas (doutrina que ensina que Deus é a soma de tudo o que existe na natureza). Eles chamaram Paulo de “tagarela” (falador), ao sugerirem que Paulo estava tentando apresentar outros novos “deuses”, pois entenderam que “Jesus” e “Ressurreição” (em grego: *anaistasis*, palavra do gênero feminino) seriam um casal de “deuses” diferentes dos que eles tinham (At 17.18).

Então Paulo foi levado até o conselho de Atenas (Ou Areópago, um nome também dado ao lugar onde reunia o tribunal para julgar os casos que afetavam o bem estar da cidade). Ali Paulo expôs a doutrina do Deus vivo e poderoso que criou o mundo, que o sustenta, e que um dia o julgará. Devido a isso, Deus mandava que os homens se arrependessem (At 17.22-31), e alguns responderam positivamente, dentre eles um membro do Areópago chamado “Dionísio, e uma mulher chamada Dâmaris, e com eles outros” (At 17.34). Mas Paulo, aparentemente não obteve sucesso em estabelecer uma igreja ali, pelo menos não uma igreja que tenha sobrevivido por muito tempo (At 17.22 em diante).

Depois desse tempo em Atenas, Paulo foi para Corinto e permaneceu ali cerca de um ano e meio. Sua visita aconteceu na época de Gálio, procônsul da Acaia entre 51 e 52 d.C. Gálio era irmão do importante filósofo estoico Sêneca, que era conselheiro do imperador Nero. Em Corinto, Paulo morou com um casal, Áquila e Priscila, que se tornaram seus amigos e companheiros de profissão (Rm 6.3-5), fazendo tendas para seu sustento, e desempenhando um longo e importante ministério de ensino.

No entanto, Paulo estava tendo cada vez mais consciência da vulnerabilidade das pequenas comunidades de fiéis que ele tinha fundado. A igreja de Tessalônica enfrentava forte oposição e Paulo receava que depois de sua partida a comunidade pudesse ter sido subjugada. “*Não podendo mais suportar*” (1Ts 3.1), Paulo enviou Timóteo de volta para Tessalônica a fim de colher informações. Reanimado, aliviado e agradecido devido às boas notícias trazidas por Timóteo em seu retorno, Paulo tomou uma nova

iniciativa, que viria a mudar completamente a história do cristianismo. Ele começou a escrever cartas.

A primeira epístola de Paulo aos Tessalonicenses, datada por volta de 51 d.C., constitui os primeiros escritos paulinos do Novo Testamento. A carta veicula uma verdadeira efusão de afeição pelos cristãos de Tessalônica. Ela está repleta de memórias de suas lutas, combinadas com instruções da nova fé e exortações para crescer espiritualmente, amar o próximo, viver em paz e a orientação de “Ficai sempre alegres, orai sem cessar, por tudo daí graças” (1Ts 5.27). Nos anos subsequentes, as cartas de Paulo se tornariam uma ferramenta eficaz para lidar com as necessidades de suas vastas congregações. Os documentos escritos substituiriam sua presença em uma era em que as viagens seriam lentas e perigosas. Poucos meses depois, no início do ano 52 d.C., Paulo escreveu a segunda epístola aos Tessalonicenses quando ainda estava em Corinto.

Enquanto isso, em Corinto, Paulo pregava na sinagoga e converteu Crispo, o soberano da sinagoga, assim como Tito Justo, um devoto gentio que emprestava sua casa ao lado da sinagoga para que ensinasse. Como fruto disso, muitos outros gentios também foram convertidos ao cristianismo. Nesse tempo, o apóstolo foi acusado pelos judeus de “persuadir os homens a servir a Deus contra a lei”, e o levaram a julgamento perante Gálio. No entanto, o sábio juiz romano recusou-se a intervir na disputa religiosa dos judeus (At 18.15-17), e Paulo foi absolvido.

Corinto foi uma das igrejas mais desafiadoras do ministério de Paulo. A tendência dos cristãos de Corinto era sempre levar sua experiência individual ao extremo. Eles se sentiam como reis, saciados com a riqueza dos seus dons espirituais, enquanto que, aparentemente ao mesmo tempo viviam uma certa ausência dessa “riqueza espiritual” na manifestação dos frutos do Espírito. Foi uma das igrejas que mais recebeu exortações do apóstolo.

Depois de Corinto, eles fizeram uma rápida visita a Éfeso e deixaram uma promessa: “Querendo Deus, outra vez voltarei a vós”, e Paulo então retornou à sua base em Antioquia (At 18.19-21).

Terceira viagem missionária (At. 18.23 – 21.14). Essa viagem durou aproximadamente entre 4 e 5 anos. Do ano 54 até 58 d.C. Atravessando mais uma vez a região da Galácia e Frígia, Paulo passou algum tempo fortalecendo a fé dos discípulos nas cidades da Galácia. Então ele prosseguiu sua viagem em sentido oeste, indo até a Ásia e à sua principal cidade, Éfeso. Ali ele passou entre dois e três anos. Esta foi sua maior estadia em um único lugar (At 19.8-10; 20.31).

Antes da visita de Paulo, Apolo havia passado pregando e ensinando por Éfeso (At 18.24-29). Juntamente com o trabalho de Priscila e Áquila, deixados ali anteriormente por Paulo (At 18.18,19,26), seu trabalho pode ser considerado como o alicerce para a extensão do ministério de Paulo naquela cidade.

Naquele momento, Éfeso era o principal centro da província romana da Ásia. Naquele período, Lucas registra que “todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos” (At 19.10); “Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia” (At 19.20). O próprio Paulo ensinava diariamente em uma sala alugada, a escola de tiranos (At 19.9), e a igreja floresceu.

Assim começou a crescer a maior igreja fundada por Paulo. Essa é a única igreja do Novo Testamento cuja história foi contada em várias etapas desde a época de sua fundação até o final da era apostólica: Atos 18 ao 20; a epístola aos Efésios; 1 e 2 Timóteo (1Tm 1.3) e Apocalipse 2.1-7. Durante esses anos que foram acompanhados desde a fundação até a carta no livro do Apocalipse, três grandes líderes foram responsáveis pelo seu progresso: Paulo, Timóteo e João. Uma igreja muito bem fundamentada em sua liderança!

Depois de sua saída de Éfeso, Paulo viajou em direção norte até Trôade (2Co 2.12-13), e depois para a Macedônia e a Grécia, onde passou três meses (At 20.3). Passando por Corinto, o apóstolo escreveu sua epístola aos Romanos. Nessa carta ele expôs o desejo do seu coração de viajar em direção a Espanha, uma região ainda intocada pela mensagem do Evangelho. Era o inverno de 55-56 d.C., e Paulo escrevendo essa carta aos Romanos pediu a hospitalidade e ajuda de seus membros quando atravessasse Roma, que era caminho para a Espanha. Paulo ainda não conhecia a igreja em Roma, e usou essa carta – sua carta mais longa e importante – como uma oportunidade para expor os fundamentos do evangelho que ele pregava.

No entanto, antes de partir para a Espanha, Paulo decidiu fazer uma última visita a Jerusalém. Retornando por Filipos e Trôade, ele parou em Mileto e encontrou-se com os anciãos da igreja de Éfeso (At 20.17-35). Este é um encontro emocionante, onde Paulo abre o seu coração e revela princípios que todo pastor e líder deve possuir em sua vida. Ali ele revisou seu ministério entre os anciãos da igreja de Éfeso, encarregando-os de suas responsabilidades, enquanto os advertia sobre os perigos que surgiriam depois da sua partida (At 20.28-31) – (Confira também 1Tm 1.3,4,18-20; 6.3-5,20-21; 2Tm 2.16-18). Ele se despediu da-

queles irmãos, dizendo: “Estou certo de que não mais vereis a minha face” (At 20.25).

Com muitos esforços e dificuldades, e enfrentando duras perseguições, Paulo sentiu que tinha finalmente conseguido levar as igrejas da região do Mar Egeu e do interior da Ásia Menor a um nível de estabilidade e maturidade que lhes permitiria se manterem sozinhas.

O desejo de Paulo era estar em Jerusalém para a festa de pentecostes (At 20.16). Com ele estava o dinheiro que havia sido coletado para suprir as necessidades dos irmãos em Jerusalém (1Co 16.1-4; 2Co 8-9; Rm 15.25-27). Aparentemente, Paulo ainda mantinha a cultura de participar das festas judaicas em Jerusalém, a exemplo do Senhor Jesus e dos primeiros discípulos. Paulo então viajou por Tiro e Cesareia (At 21.3-6,8-16), onde foi avisado dos perigos que o esperavam. Mas “estando pronto a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21.13), ele prosseguiu em seu trajeto. Embora tenha sido calorosamente recebido em Jerusalém por Tiago e pelos anciãos, alguns judeus da Ásia, presentes em Jerusalém para a festa de pentecostes, o acusaram de profanar a área do templo, levando um gentio ao pátio interno do templo dos judeus (At 21.27-36). Seguiu-se então um tumulto, e o incidente resultou em sua prisão pelo capital romano da cidade.

O período da prisão (At 21.15 – 28.31)

À primeira vista parece estranho Lucas ter dado um espaço tão grande no livro de Atos para a prisão de Paulo, quando até este ponto ele ocupara-se da expansão missionária da igreja primitiva. Para falar do período da prisão de Paulo ele gastara 8 capítulos (At 21-28), enquanto que para falar das três viagens missionárias ele gastara aproximadamente a mesma quantidade de capítulos (At 13-20). Mas por causa de uma grande parte de sua apologia ao cristianismo primitivo, é que se pôde mostrar que este “prisioneiro” havia sido preso injustamente, e que a igreja não tinha violado a lei romana (At 23.26-30; 25.23-27; 26.30-32; 28.30-31). Paulo ficou conhecido como “o embaixador do evangelho em cadeias (Ef 6.20).

No dia seguinte à prisão no templo, os romanos o levaram ao Sinédrio para ser interrogado, na esperança de que eles conseguissem entender o porquê de tanta confusão. Suas afirmações fizeram até mesmo este respeitável grupo quase irromper em violência, e novamente os soldados o resgataram e o devolveram à prisão (At 23.9-10). Naquela noite, Paulo teve uma visão que lhe dizia para defender seu caso em Roma diante do imperador, um direito que tinha como cidadão romano. Nesse

meio tempo, 40 judeus arquitetaram um plano assassino contra Paulo. Eles fizeram o voto de não comer ou beber até que o apóstolo fosse morto (At 23.12-15). Eles quase obtiveram sucesso em seu intento, mas no dia seguinte, o sobrinho de Paulo ficou sabendo dessa conspiração para matar o apóstolo e contou tudo para Paulo (At 23.16).

Paulo então foi transferido preso de Jerusalém para Cesareia, que era a capital romana da Judeia, sob a guarda de 470 soldados e lá ficou preso dois anos sob a autoridade do procurador romano Félix. Félix sabia algumas coisas sobre o ensino do “Caminho”, e sendo muito supersticioso (como eram muitos romanos), ficou aterrorizado, e tornou a prisão de Paulo o equivalente a uma prisão domiciliar (At 24.23).

Depois de dois anos, Félix foi substituído por Festo, que queria agradar os judeus e ver o assunto encerrado. Ele ofereceu a Paulo voltar para Jerusalém e enfrentar seus acusadores, mas Paulo, sabendo que nunca seria julgado com justiça lá, invocou seu direito de cidadão romano de ser enviado para Roma para ser julgado diante do imperador. Naquela altura dos acontecimentos, mesmo com todos os seus defeitos, Nero ainda não havia degenerado para o estado de quase loucura que alcançou mais tarde em seu reinado. Por isso, Paulo não percebeu que ele estava “saindo da frigideira para entrar no fogo”.

A viagem de Paulo até Roma foi longa e cheia de perigos, incluindo tempestades, naufrágios e enfrentamento com inimigos. Ele foi embarcado em um navio com diversos companheiros entregues a um bondoso centurião chamado Júlio, que transportava diversos prisioneiros para Roma. A viagem começou no final do ano (na época do inverno – provavelmente ano 60 d.C.), já na época em que o Mediterrâneo ficava perigoso demais para a navegação. A princípio, a viagem transcorreu tranquila, mas quando zarparam em Creta o navio foi pego em uma terrível tempestade. Durante 14 dias, ficou a mercê dos ventos, até que se despedaçou em um banco de areia próximo a Malta. Milagrosamente, assim como Paulo havia dito, todos se salvaram (At 27.22-44).

Três meses depois, embarcaram em um navio de Alexandria que tinha passado o inverno na ilha, seguiram para Siracusa, onde ficaram três dias. De lá, correndo à costa, foram a Régio, e dois dias depois chegaram a Puteóli, a sudoeste da Itália. Ali, Paulo encontrou irmãos em cuja companhia ficou sete dias (At 28.11-14). No entanto, a notícia chegou a Roma. Os irmãos vieram encontrá-lo na Praça de Ápio e Três Vendas, nomes de dois lugares distantes de Roma, Praça de Ápio a 70 km e Três ven-

das a 53 km. O centurião entregou os prisioneiros ao capitão da guarda, que era o prefeito da guarda pretoriana, em 61 d.C.

Quando finalmente chegaram a Roma (aparentemente na primavera), ele viveu lá durante dois anos às próprias custas, no que hoje seria considerado “liberdade provisória sem o pagamento de fiança”. Já que ele tinha sido acusado de nenhum crime contra Roma, os romanos não tinham muito interesse no que consideravam ser disputas internas entre judeus. Esses dois anos que Paulo esteve em Roma, resultou em um período de pregações e ensinamentos públicos, com toda liberdade, em uma casa que Paulo havia alugado, e ali Paulo vivia acorrentado a um guarda romano (At 28.16,30-31). Ali Paulo podia atender a todos os que o procuravam. Em Onésimo, um escravo fugitivo que se converteu, vemos um exemplo vivo do fruto do trabalho de Paulo em Roma (Fm 10). Evidentemente, foi nesse período que ele escreveu as cartas às igrejas em Colossos e Éfeso, assim como uma carta pessoal a Filemon. Ele enviou essas três cartas para a Ásia Menor por Tíquico e Onésimo. Provavelmente nessa época também ele escreveu a epístola aos Filipenses (Fp 1.12-13), e enviou saudações dos da casa de César, o que indica que Paulo já havia ganhado alguns membros da guarda pretoriana para Cristo (Fp 4.22). Aqui chega ao fim a história escrita por Lucas em Atos estando Paulo preso em Roma.

O que aconteceu com Paulo após isso? Compareceu perante Nero? Caso tenha comparecido, foi condenado ou absolvido? Se foi solto o que ele fez no momento seguinte? A única informação que se tem sobre isso no Novo Testamento, parte de suas epístolas pastorais, mostrando que Paulo foi solto depois de uma primeira prisão em Roma (2Tm 4.16-17), viajou a lugares como Creta (onde deixou Tito – Tt 1.15), Nicópolis (Tt 3.12), Trôade (onde deixou sua capa e livros com Carpo – 2Tm 4.13), Mileto (onde deixou Trófimo – 2Tm 4.20), aparentemente foi a Macedônia (de onde provavelmente escreveu a primeira epístola a Timóteo) e Corinto (2Tm 4.20). Ele havia decidido passar o inverno em Nicópolis (Tt 3.12), mas provavelmente foi preso pela segunda vez em Corinto, e levado mais uma vez para Roma. Não se sabe ao certo se Paulo realizou o desejo de ir à Espanha nesse período entre a primeira e a prisão em Roma. Clemente de Roma afirma que Paulo realizou esse desejo e pregou na Espanha. Esse fato é confirmado pelo Fragmento Muratório, em 170 d.C. A tradição afirma que Paulo chegou até Bretanha (atual território francês), porém não há evidências que confirmem isso. Eusébio de Cesareia em 324 d.C. registrou que Paulo saiu da primeira prisão em Roma e se entregou novamente ao ministério da pregação. A absolvição de Paulo na primeira

prisão ocorreu provavelmente em 63 d.C. e sua atividade missionária subsequente acredita-se que durou de três a quatro anos, sendo ele preso novamente em 66-67 d.C. Não se sabe por que Paulo foi preso pela segunda vez, mas devemos recordar que a perseguição de Nero contra os cristãos explodiu no ano 64 d.C. e sem dúvidas qualquer procurador de uma província romana desejava gratificar a vaidade do tirano Nero, enviando-lhe tão precioso preso.

Em sua segunda prisão em Roma, Paulo escreveu a sua última epístola, a segunda carta a Timóteo. Nesse momento ele estava preso na prisão Mamertina, no centro de Roma, ao lado do antigo fórum romano e próximo ao coliseu. Essa prisão pode ser visitada até os dias de hoje. Naquela época muitos o abandonaram (2Tm 4.16), incluindo todos os seus colaboradores da Ásia (2Tm 1.15), e Demas, que amou mais ao mundo (2Tm 4.10). Apenas Lucas, que também era médico, estava com o apóstolo quando sua última carta foi escrita (2Tm 4.11). Contudo, apesar de representar um risco, alguns fiéis cristãos, escondidos em Roma por causa da perseguição, ainda mantinham contato com o apóstolo (2Tm 1.16; 4.19,21). Paulo pediu a Timóteo que o visitasse em Roma, trazendo também João Marcos (2Tm 4.11). Ao que tudo indica, Timóteo atendeu ao pedido de Paulo. Não se sabe se Timóteo chegou a tempo de encontrar o seu velho amigo, mas provavelmente quando chegou a Roma também foi preso (Hb 13.23). A solicitação de Paulo por seus livros e pergaminhos (2Tm 4.13) revela que o apóstolo leu e estudou as escrituras até o fim da sua vida. Foi impressionante esse pedido de Paulo, ele estava morrendo mas não havia deixado morrer o seu amor pela leitura.

Enquanto estava preso ali, Paulo aguardava o julgamento, mas não esperava um resultado favorável. Nero estava em uma intensa perseguição contra os cristãos; O coliseu romano já existia e nele muitos cristãos já estavam sendo devorados por leões. O próprio Paulo registra que havia sido *“livre da boca do leão”* (2Tm 4.17). Mas Paulo era destemido, e escreveu a Timóteo: “Quanto a mim, já estou sendo oferecido em libação, e o tempo da minha partida já está próximo! Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé” (2Tm 4.6-7).

Paulo teve duas audiências diante de César. Em sua primeira defesa, apenas o Senhor esteve com ele (2Tm 4.16). Nada se conhece da segunda audiência de Paulo diante do imperador romano, exceto que resultou em sua sentença de morte. A tradição registra que Paulo foi decapitado pela espada de um carrasco imperial na Via Óstia, nos arre-

dores de Roma por volta do ano 67 d.C., no final do reinado de Nero, que faleceu no ano seguinte no verão de 68 d.C.

Às vezes, Paulo é acusado de ser machista, mas essa não é uma acusação justa. Ele era filho de uma era na qual as mulheres eram tratadas como cidadãs de segunda classe, e ele não era nem mais e nem menos culpado disso do que qualquer outra pessoa de sua época. Jesus era bem mais receptivo aos talentos das mulheres do que a maioria dos homens do seu tempo, mas Paulo, infelizmente não refletia esta maneira de pensar.

A formulação teológica que Paulo empreendeu seguindo os ensinamentos de Jesus moldou a igreja cristã e preparou o caminho para que ela crescesse e se desenvolvesse, saindo de um grupo de discípulos galileus, para uma fé de alcance mundial que transformou o curso da história humana.



Pedro

Nome grego, significa "Pedra".

Pedro é chamado por quatro nomes no Novo Testamento. No hebraico era chamado Simeão, no grego Simão. Jesus o chamou de Cefas, que significa *rocha*, e o conhecemos mais como Pedro, que significa *pedra*.

Jesus o chamou de Simão Barjonas (Mt 16.17), fazendo referência ao fato dele ser filho de certo homem chamado Jonas. Seu pai era provavelmente um pescador (Jo 1.42), uma ocupação também seguida por Pedro e seu irmão André.

Pouco se sabe sobre Pedro antes do seu encontro com Jesus. Provavelmente ele nasceu em Betsaida, também chamada de Betsaida-Júlia na costa norte do mar da Galileia. Betsaida-Júlia era a aldeia, cujo nome significa "casa dos pescadores", ficava na margem leste do rio Jordão e, portanto, na fronteira com a província da Galileia, e estava sobre o domínio de Herodes Filipe, um dos filhos e sucessores do notório Herodes, o Grande. Filipe havia transformado Betsaida em uma aldeia de judeus, em uma cidade rica com uma população mista, composta por gregos e judeus. Acrescentou Júlia ao seu nome em homenagem à filha do imperador Augusto. Pedro e seu irmão André, que também tinha nome grego, cresceram em uma família de pescadores que certamente negociava tanto com judeus como com gregos. Pedro provavelmente falava aramaico

com um sotaque galileu, assim como também devia saber rudimentos do grego. Embora provavelmente tenha recebido uma educação básica na sinagoga, é pouco provável que Pedro tenha se aprofundado mais no estudo da Torá.

Na época em que encontrou Jesus, provavelmente Pedro tinha se casado e mudado para a cidade de Cafarnaum, que ficava a alguns quilômetros ao oeste. Sabemos que ele era casado, pois Jesus curou sua sogra (Lc 4.38), e Paulo faz referências a Pedro levando sua esposa em diversas viagens (1Co 9.5).

Em Cafarnaum ele era sócio de Zebedeu e de seus filhos Tiago e João – futuros discípulos de Jesus junto com Pedro (Lc 5.10). Eles participavam de um negócio de pesca muito bem-sucedido, e a prova disso era que Pedro tinha seu próprio barco (Lc. 5.3). Barcos de pesca eram itens extremamente caros, e poucos pescadores galileus podiam dar-se ao luxo de ter um.

O primeiro registro bíblico sobre Pedro é dado no Evangelho escrito por João. Pedro antes de ser discípulo de Jesus, fora discípulo de João Batista, e por ele já havia sido batizado. De acordo com João, depois que João Batista apontou Jesus como o Messias, dois dos discípulos de João Batista o deixaram para seguir a Jesus (Jo 1.35-42). Um deles era André, e este que apresentou seu irmão Pedro para Jesus dizendo: “*Achamos o Messias*” (Jo 1.41). Quando Pedro foi apresentado a Jesus por seu irmão André, o Senhor o chamou de Cefas (em aramaico) ou Pedro (em grego), que quer dizer “pedra”, significando que ao invés de ter o temperamento violento e inconstante de um Simeão/Simão (Gn 49.5-7), ele tornar-se-ia firme como uma rocha (Jo 1.422).

Pedro e outros discípulos acompanharam Jesus desde a região onde João Batista batizava até Cafarnaum (Jo 2.1,12). Provavelmente eles voltaram à pescaria por um curto período de tempo, embora os Evangelhos não o afirmem tão diretamente. Os Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) indicam que embora eles já tivessem tido esse primeiro contato com Jesus, só foram chamados para o ministério quando estavam em seus barcos de pesca, para acompanharem ao Senhor Jesus em sua viagem pela Galileia, a fim de treiná-los como seus discípulos (Mc 1.16-20). Entretanto, é na narrativa de Lucas que encontramos o relato mais dramático do chamado de Pedro. Jesus estava ensinando às margens do lago, junto aos barcos onde os pescadores lavavam suas redes, após uma noite de pesca fracassada. Subindo num dos barcos, o de Pedro, Jesus pediu-lhe que se afastasse um pouco da praia em direção

ao lago. Depois se assentando, ensinava do barco às multidões. Quando acabou de ensinar, Jesus falou a Pedro e seus ajudantes para voltarem ao lago e lançarem as redes. A princípio Pedro contestou, dizendo “Mestre pescamos toda a noite, e nada apanhamos”, mas depois ele se dispôs e disse “mas pela tua palavra, lançaremos as redes” (Lc 5.5). Como consequência disso apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se rompiam.

Se no primeiro contato com Jesus, às margens do Jordão, a declaração de Jesus sensibilizou a Pedro; seu súbito reencontro com Ele, ao fim de um dia de trabalho exaustivamente improdutivo, o fez reconhecer que em Jesus havia algo mais sublime que um mero discurso espiritual. Pedro imediatamente percebeu que não era apenas boa sorte na pescaria. Ele estava era diante da manifestação de um poder que ainda não podia compreender na pessoa de Jesus.

A imediata resposta de Pedro foi de se sentir indigno e ter medo, caiu de joelho dizendo “afaste de mim, Senhor, porque sou um pecador” (Lc 5.10). Mas Jesus não se afastou. Pois era precisamente esta pessoa, um homem que podia reconhecer suas próprias fraquezas e limitações, que Jesus queria. “Não tenhas medo! Daqui em diante serás pescador de homem”. Pedro então deixou tudo e seguiu a Jesus.

A impressão que se tem desde o começo é que Pedro era o mais destacado dos apóstolos. Nas quatro listas dos apóstolos o nome de Pedro sempre é o que aparece primeiro (Mt 10.2-4; Mc 3.16-19; Lc 6.14-16; At 1.13-14). Ele costumava falar em nome do grupo. Quando ele repreendeu Jesus por falar do seu sofrimento e morte, Jesus olhou para os discípulos e depois repreendeu a Pedro (Mc 8.32), reconhecendo que as opiniões de Pedro refletiam a opinião do grupo. Ele era o primeiro do círculo íntimo. Somente Pedro, Tiago e João foram convidados a testemunhar a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37), e somente eles estavam com Jesus na transfiguração (Lc 9.28) e no jardim do Getsêmani (Mc 14.33).

Embora fosse impetuoso e de gênio difícil (Jo 18.10), Pedro possuía habilidades naturais de liderança e uma dedicação a Jesus e a seus ensinamentos que não se encontrava semelhante entre os demais discípulos. Ele normalmente compreendia os ensinamentos de Jesus com mais rapidez que os outros, e tinha percepções que mostravam com clareza que compreendia a natureza de seu mestre (Mt 16.16).

Os motivos que levaram Pedro a seguir Jesus eram inicialmente tanto pessoais quanto espirituais. Sabendo que Jesus era recomendado por uma figura tão influente como João Batista, e vendo nele o Messias para

a nação, Pedro sentiu o desejo de aperfeiçoar-se em sua espiritualidade. Mas, em contrapartida, Pedro também comentou com o Senhor Jesus que ele e os outros discípulos haviam deixado suas casas e negócios para segui-lo (Mc 10.28; Lc 18.28), e que esperavam ser devidamente recompensados pelo seu sacrifício. Até na última ceia ainda discutiam sobre os lugares de honra no rei vindouro (Lc 22.24).

Os Evangelhos frequentemente apresentam Pedro como um paradigma tanto de enorme fé como de incerteza e dúvida humanas. Há, por exemplo, a história de Jesus andando na escuridão sobre as águas agitadas pelo vento no mar da Galileia, em direção aos seus discípulos que remavam o seu barco contra o vento. Quando o viram, os discípulos gritaram atemorizados. Mas Jesus logo lhes disse: “Sou eu, não temais”. Pedro imediatamente o interrompeu, dizendo: “Se és tu, manda que eu vá a ti andando sobre as águas”. Jesus lhe disse para vir. Confiante em sua fé, descendo do barco, Pedro caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus – fazendo o impossível com facilidade. Mas, o poder do vento e das ondas desviou a sua atenção, até que ele teve medo e começou afundar. Jesus então, estendendo a mão, prontamente o segurou, repreendendo-o: “homem de pequena fé, porque duvidaste?” (Mt 14. 27-31). Na verdade, a fé vacilante de Pedro demonstrava a luta dos discípulos para entender o grande mistério da vinda de Jesus a um mundo tão turbulento.

Em outra ocasião, Pedro combinou novamente inspiração e incompreensão enquanto lutava para compreender a missão de Jesus. Quando seguia para a nascente do rio Jordão, Jesus perguntou aos seus discípulos quem as pessoas diziam que ele era. A especulação popular era impressionante: João Batista, Elias ou talvez algum outro profeta. “E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu por todos eles, dizendo: “*Tu és o Cristo*” (Mc 8.29). Jesus o respondeu “não foi carne ou sangue quem te revelaram isso, e sim o meu pai que estás no céu. Também eu te digo que tu és Pedro (em grego, *petrus* – que significa pequeno fragmento de pedra), e sobre esta pedra (em grego, *petra* – que significa grande rocha) edificarei minha igreja”.

Há nesse texto um grande e polêmico desafio de interpretação. Quando Jesus diz “sobre esta pedra edificarei a minha igreja” a quem ele estava se referindo como a pedra? A Pedro ou a ele mesmo? É altamente possível que um interessante jogo de palavras tenha se perdido na tradução do aramaico para o grego e do grego para o português. Possivelmente no aramaico, a mesma palavra teria sido usada para “Pedro” e “pedra”, e a identificação teria sido muito mais direta do que no grego,

onde ambas as palavras vêm da mesma raiz, ou em português, onde elas são duas palavras diferentes.

No entanto, existem algumas interpretações para esse texto. A primeira é que a “pedra” aqui é Pedro. A segunda é que a “pedra” aqui é Cristo. A terceira é que a “pedra” aqui é a confissão de Pedro, e ainda há a quarta interpretação que diz que a “pedra” é a revelação que foi dada a Pedro sobre Jesus ser o Cristo.

A terceira e quarta interpretação parecem ser menos prováveis. Os argumentos em favor da primeira interpretação são pelo menos dois. O primeiro foi muito usado pela Igreja Católica Romana, tentando usar esse texto para fundamentar a ideia de Pedro como o primeiro papa da igreja. O segundo parece ser mais coerente, indicando que Jesus estava se referindo a condição presente de Pedro (pequeno fragmento de pedra) e a condição futura de Pedro, como uma rocha maciça e firme no início da igreja primitiva. Dessa forma então, esse texto traduzido seria assim: Tu és uma pedra, um pequeno e insignificante fragmento, mas eu mostrarei que grande coisa posso fazer de ti. Tu serás uma rocha maciça, rocha fundamental na minha igreja, que brevemente começarei a edificar.

Entretanto, a interpretação mais correta parece ser a primeira, que aponta a pedra sendo Cristo. Sendo assim, Jesus falou de si mesmo quando disse “esta pedra”. Diante disso, Jesus teria feito a diferença por um movimento de mão. Quando falou sobre Pedro, ao usar a palavra “petrus”, devia ter feito uma ação na direção do apóstolo, e quando falou sobre a “petra”, a rocha maciça e firme que é ele mesmo, sobre quem a igreja deveria ser edificada, deve ter feito um gesto que apontava para si mesmo. Aqueles que assim interpretam se referem também a passagem de 1 Coríntios 3.11, que diz: “Porque ninguém pode lançar outro fundamento além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”.

Entretanto, ironicamente, Marcos e Mateus revelam que Pedro não compreendeu o significado das palavras de Jesus. Quando Jesus começou a contar que eles deveriam sofrer e morrer – ideias que não combinavam sobre o conceito dos discípulos acerca do Messias –, Pedro prontamente repreendeu Jesus. Percebendo que Pedro estava expressando a incompreensão de todos os discípulos, Jesus repreendeu-lhe diretamente: “Afasta-te de mim Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço” (Mt 16.23). Essa inconstância frequente de Pedro talvez seja um dos pontos mais anormais de sua personalidade. Mas ao mostrar tanto a fraqueza como a força de Pedro, os Evangelhos não reduzem sua

importância. Pelo contrário, ele representa o modelo da luta pela fé e compreensão que todo discípulo enfrenta em sua caminhada por Cristo.

Jesus estava começando a ensinar a Pedro um novo modo de vida. Em resposta à pergunta de Pedro com relação ao pagamento da taxa do templo, Jesus assegurou-o que os verdadeiros israelitas deveriam ser livres da taxação, mas enquanto isso não acontecia, deveriam pagar, e então deu o dinheiro suficiente para pagar por si e também por Pedro. Quando Pedro perguntou Jesus se deveria perdoar um inimigo mais de 7 vezes, Jesus respondeu que deveria perdoar 70 vezes 7 (Mt 18.21-22). Pela surpresa de Pedro com a figueira seca, percebe-se alguma incredulidade acerca do poder de Jesus, que imediatamente o lembrou que precisava de mais fé (Mc 11.20-22). Era um convite a um novo estilo de vida!

Pedro destacou-se especialmente nas últimas horas da vida de Jesus. Ele e João estavam incumbidos de organizar a última ceia em Jerusalém (Lc 22.8). Provavelmente Jesus os considerava os mais fiéis e estáveis entre os discípulos. Na última ceia, Pedro recusou-se a deixar que Jesus lavasse seus pés, pois essa era uma função do servo. Mas, quando o Senhor lhe disse que essa seria uma condição necessária para a sua comunhão, Pedro revelou sua verdadeira condição pedindo até um banho. Ele não queria separar-se de Cristo (Jo 13.6-9). Quando Jesus anunciou a traição iminente, Pedro perguntou a João a identidade do traidor, e talvez se ele soubesse naquela hora, Judas não teria sobrevivido para completar a sua barganha maligna com os sacerdotes.

Naquela noite, Jesus alertou os discípulos sobre a terrível prova que vinha pela frente: “Esta noite, vós vos escandalizareis por minha causa”. Mais uma vez Pedro se precipitou em suas palavras e disse: “Eu jamais me escandalizarei”. Jesus olhou para ele e declarou calmamente: “Esta noite, antes que o galo cante por três vezes me negarás”, ao que Pedro respondeu: “Mesmo que tiver de morrer contigo, não te negarei” (Mt 26.31-35).

Após a última ceia, os discípulos seguiram com Jesus para o Getsêmani. Ali, Pedro foi um dos três escolhidos para vigiar em oração com Jesus, mas todos dormiram de cansaço (Mt 26.37-46). De acordo com Mateus e Marcos, Pedro foi chamado à parte para uma repreensão. Quando os guardas chegaram, Pedro tentou defender Jesus com armas, e foi repreendido severamente (Jo 18.10-11). Desconcertado pela resposta incomum de Jesus, e talvez magoado pela repreensão enquanto deveria esperar um agradecimento por arriscar sua vida, Pedro fugiu do jardim com os outros discípulos enquanto Jesus foi preso e levado pelos soldados.

Ninguém jamais conhecerá o conflito interno de Pedro ao longo daquela noite. Depois do seu sono letárgico no jardim do Getsêmani, e de despertar atordoado com uma multidão vindo prender Jesus, feriu com uma espada Malco, o servo do sumo sacerdote. Somente depois de recuperarem alguma tranquilidade, Pedro e João seguiram para a sala do sumo sacerdote após terem seguido os guardas à distância (Jo 18.15). Após serem aceitos no pátio, Pedro aquecia-se na fogueira quando um dos servos perguntou se ele era um dos discípulos de Jesus. Alarmado pela hostilidade latente à sua volta, ele negou por três vezes qualquer ligação com Jesus (Mt 26.58,69-75; Mc 14.66-72; Lc 22.54-62; Jo 18. 15-18, 25-27). Ao ser instantaneamente convencido de seu erro pelo olhar de Jesus, ele deixou a casa do sumo sacerdote em prantos e arrependeu-se chorando amargamente.

A Bíblia só volta a falar sobre Pedro na manhã da ressurreição. Aparentemente ele não esteve presente no Calvário. Quando Maria Madalena contou na manhã da ressurreição, que o túmulo estava vazio, Pedro e João correram para investigar e notaram que as vestes de Jesus estavam no túmulo, mas ele não estava ali (Jo 20.1-10).

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus apareceu primeiro para Pedro e depois aos outros (Lc 24.33-34; 1Co 15.5). Oito dias depois da ressurreição mais uma vez Jesus apareceu aos discípulos (Jo 20.26). Nesses dois encontros que Pedro havia tido com Jesus, nem ele nem o Senhor haviam mencionado as três vezes que Pedro o havia negado. A consciência de Pedro continuava latente quanto ao seu erro, e o fato de Jesus não ter iniciado um diálogo de reconciliação acerca do ocorrido, com certeza gerou em Pedro a sensação de que de alguma maneira sua atitude de negar a Cristo por três vezes havia comprometido a permanência dele entre os discípulos. A maior evidência disso é que na sequência da história Pedro volta a pescar (Jo 21.3). Faziam mais de três anos que Pedro não pescava para sua sobrevivência, a única vez que ele havia o feito nesse período, foi quando o Mestre o orientou a fazê-lo para que ele tirasse uma moeda da boca do peixe para pagar o imposto (Mt 17.27). No chamado de Pedro, Jesus havia o dito que dali em diante ele seria não mais pescador de peixes, mas sim pescador de homens. Então porque Pedro voltar a pescar peixes? Sem dúvidas ele havia pensado que Jesus havia desistido dele.

Na sequência da história acontece a restauração ministerial de Pedro. A impressão que temos é que a atitude de Pedro em voltar a pescar revela nele um sentimento de “abandono” das esperanças futuras no ministério. Um sentimento de culpa havia o envolvido. Jesus até então

não havia iniciado um diálogo de reconciliação. No entanto, outra vez aconteceu o que havia acontecido há quase três anos atrás, os discípulos pescaram a noite inteira e não apanharam nada. Pela manhã eles estavam voltando novamente para a praia, quando Jesus chegou até eles, mas eles não o reconheceram (aparentemente a aparência de Jesus era diferente depois da ressurreição, como que em um corpo glorificado), novamente eles voltaram ao mar com Jesus, e quando eles lançaram a rede mais uma vez, a surpresa se repetiu, a rede estava cheia, eles reconheceram que o companheiro do barco era Jesus, e em uma cena inesperada, Pedro se lança ao mar, envergonhado da presença de Jesus. A cura na alma do discípulo ainda não havia acontecido (Jo 21.1-8).

Na praia Jesus chamou Pedro para conversar, e da mesma forma que Pedro havia negado três vezes ao Senhor, por três vezes ele foi interrogado se ainda amava o mestre (a repetição das “três vezes” não ia passar despercebida para Pedro). Pedro respondeu por três vezes que amava ao Senhor, e por três vezes Jesus lhe confirmou a responsabilidade de cuidar de suas ovelhas.

Não podemos deixar passar despercebida a riqueza que há nesse texto. Por três vezes Jesus pergunta se Pedro o ama. Na língua portuguesa não conseguimos perceber a variedade do verbo “amar” que há no texto. No texto original são usadas duas palavras para “tu me *amas*”. A primeira palavra é *agapas* (ágape) e a segunda é *phileo*. O amor ágape é o amor profundo e sacrificial, o amor *phileo* é o amor que pode ser traduzido por “gostar” ou “ter afeição”. Trata-se de um grau inferior de amor que *agapas*. Nas duas primeiras vezes que Jesus perguntou se Pedro o amava Jesus perguntou usando o termo ágape, e Pedro respondeu usando o termo *phileo*. Era como se Jesus tivesse perguntado: Pedro tu me amas? E Pedro respondesse: Tu sabes que eu gosto do Senhor. Pedro ainda não estava se sentindo à vontade para declarar seu amor por Jesus. Sua negação a Cristo não havia demonstrado isso.

Na terceira vez que Jesus perguntou a Pedro se ele o amava, ele não usou o termo ágape, mas desceu o nível do amor no diálogo em relação ao amor de Pedro, e usou o termo *phileo*. Era como se Jesus perguntasse: Pedro, então você só gosta de mim? Quando Pedro percebeu isso ele se entristeceu diante de Jesus e disse: “Senhor tu sabes de tudo, tu sabes que eu te amo” (Jo 21.17). No entanto, mais uma vez, Pedro não usou o termo ágape, mas repetiu o termo *phileo*. Como que respondendo: Senhor tu sabes de tudo, tu sabes que eu gosto do Senhor. Porém, dessa vez de alguma maneira Pedro sentiu-se perdoado no Senhor, e

abandonou para sempre a pescaria e assumiu de uma vez por todas a responsabilidade de liderança no cuidado das ovelhas de Jesus.

Outro detalhe interessante do grego nesse texto são os dois termos que Jesus usou para o rebanho e para o cuidado do rebanho. Jesus usou as expressões *cordeiros* e *ovelhas*, para o rebanho e usou as expressões *pastorear* e *apascentar* em relação ao cuidado do rebanho. *Cordeiros* são ovelhas ainda novas antes de um ano de idade, enquanto que *ovelhas* se refere à mesma espécie de ovelhas que os cordeiros, mas em uma idade já adulta (Como se fosse, por exemplo, bezerro e boi – é a mesma espécie, no entanto, são fases diferentes). Aparentemente Jesus está enfatizando aqui o cuidado mais atencioso com aqueles que ainda são novos na fé. Já sobre o cuidado do rebanho, a palavra para “apascentar” que é usada nos versículos 15 e 17 no grego é *bosko*. Enquanto que, a palavra para pastorear que é usada no versículo 16 no grego é *poimano*. No sentido original do texto, a palavra “apascentar” significa o trabalho coletivo de alimentar todas as ovelhas, enquanto que, “pastorear” fala sobre o trabalho individual realizado no cuidado pessoal com cada ovelha. Era como se Jesus estivesse ensinando que o cuidado do pastor com o rebanho precisa ser tanto na coletividade como na individualidade. Por último, vale à pena destacar que a única condicional que Jesus impôs a Pedro para que ele cuidasse das ovelhas era o seu amor por Jesus, e não pelas ovelhas. Isso não significa que o pastor não irá amar as ovelhas, mas ensina que a motivação do ministério pastoral deve ser o amor por Jesus. Pois assim, ainda que o “cansaço” do relacionamento do pastor com a ovelha tente desanimá-lo em sua missão, se a sua motivação principal for o seu amor a Jesus, ele irá continuar em sua missão por entender que Cristo confiou a ele o fruto do seu penoso trabalho, as suas ovelhas.

Sete semanas após a crucificação de Jesus, no dia de Pentecostes, no início da grande festa, Pedro e os outros discípulos receberam o novo poder que Jesus prometera – a vinda do Espírito Santo. Reunidos em Jerusalém, os discípulos ouviram um ruído como o agitar de um vento impetuoso e viram o que pareciam ser línguas de fogo que se repartiam e pousavam sobre eles. Eles correram em direção da multidão que estava na festa e começaram a anunciar “*as maravilhas de Deus*” (At 2.11). Impressionadas, as multidões de judeus de todo o Império Romano, do Império dos Partos e de todas as nações ali presentes escutaram em suas próprias línguas essa mensagem maravilhosa (ao todo eram povos de 16 localidades).

Pedro, de pé, foi o porta-voz que lhes explicou o que estava acontecendo. Explicando o que havia profetizado o profeta Joel, Pedro lembra-

va a todos que “sucederá nos últimos dias”, diz Deus, “que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão” (At 2.17). Essa tão esperada vinda do Espírito Santo, Pedro disse, foi enviada pelo mesmo Jesus por meio de quem eles testemunharam os prodígios do poder de Deus, mas que foi crucificado por homens “ímpios”. Entretanto, Deus reverteu essa condenação humana, ao ressuscitar Jesus dos mortos e por tê-lo exaltado à direita de Deus (At 2.23-33). Cerca de três mil pessoas se converteram a Cristo, convencidas pelo poder dessa mensagem e foram batizadas naquele mesmo dia, unindo-se a Pedro e aos discípulos para formar a nova comunidade da fé de Jerusalém.

Os meses subsequentes foram um período de perseguições e crescimento. Certa vez, Pedro, acompanhado de João, curou um aleijado no templo e, com esse acontecimento, proclamou Jesus e a sua ressurreição para uma vasta multidão de pessoas impressionadas. Este acontecimento, no entanto, contrariou os aristocráticos sacerdotes do templo. Pedro e os demais discípulos foram presos inúmeras vezes e foram seriamente ameaçados, mas recusaram a interromper seu trabalho de anúncio das boas novas de Cristo. Pedro então afirmou: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens” (At 5.29) – vale à pena lembrar que esse texto nunca deu base para “obedecer a Deus” e desobedecer a lideranças espirituais estabelecidas por Deus. Esse gesto de tamanha ousadia em homens “iletrados e sem posição social” causou admiração até mesmo em seus oponentes, que os reconheceram como “*aqueles que haviam estado com Jesus*” (At 4.13). Esse comportamento também mereceu a cuidadosa tolerância do fariseu Gamaliel, que orientou as demais autoridades religiosas judaicas a não se preocuparem com os discípulos de Jesus, dizendo que, se esse movimento não viesse de Deus, cairia sozinho. Mas, se viesse de Deus, nada os impediria (At 5.39).

Pedro e João viajaram até Samaria para ajudar e confirmar o trabalho de Filipe e impor as mãos sobre os novos crentes, para que “*recebessem o Espírito Santo*” (At 8.15). Em Samaria, Pedro encontrou um famoso mágico chamado Simão, que iludira muitos samaritanos. Quando viu o poder do Espírito Santo manifestado através de Pedro e João, Simão ofereceu dinheiro a Pedro para que ele também fosse capaz de transmitir o Espírito Santo impondo as mãos sobre as pessoas, mas Pedro replicou: “Pereça o teu dinheiro, e tu com ele, porque julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus (At 8.20).

Na época da igreja primitiva uma das primeiras controvérsias da igreja foi decidir se os gentios que aceitaram “o Caminho” precisavam antes serem circuncidados para depois receberem o batismo. Naqueles dias, o movimento ainda era considerado uma seita do judaísmo. Paulo entendia que alguns judeus ainda tinham a expectativa de permanecerem fiéis à lei, mas disse que os gentios não estavam obrigadas a segui-la. Esperava-se que eles seguissem os princípios morais da lei, mas não as prescrições rituais, tais como circuncisão e restrições alimentares. Pedro, no entanto, considerava que para os gentios tornarem-se cristãos precisavam primeiro tornar-se judeus pela lei. Essa foi a chamada “controvérsia judaizante”, que ameaçou a criar uma divisão significativa entre os primeiros crentes.

Pedro estava em Jope na época em que essa questão chegou ao seu ponto culminante, hospedado na casa de Simão, o curtidor. Ele estava no terraço da casa de Simão, e ali teve uma visão. Deus baixou um lençol onde havia uma diversidade de animais considerados impuros pela lei e mandou que Pedro matasse os animais e comesse. Crendo que era um teste de obediência à lei, ele se recusou, dizendo que nunca na vida tinha comido algo que fosse ritualmente impuro. Deus lhe disse: “Não chame de impuro aquilo que eu purifiquei” (At 10.15). Deus estava dizendo com isso a Pedro, que os gentios não eram mais impuros, eles haviam em Cristo sido purificados pelo Senhor, por isso eles deveriam ser reconhecidos também como Igreja, independente da observância da lei. Enquanto Pedro tentava compreender o significado da visão, alguns homens vieram de Cesareia para pedir que ele explicasse a nova fé a Cornélio, um gentio, centurião romano que queria saber mais sobre Jesus. Ficou claro para Pedro que a visão servira para lhe dizer que Cornélio, e por extensão todos os outros gentios, poderiam se tornar cristãos sem antes precisar se tornar judeus pela obediência da lei.

Depois disso, Pedro relatou sua mudança de posição aos líderes da igreja em Jerusalém. Para que os anciãos definissem a posição da igreja em relação a essa questão foi organizado um concílio dos anciãos da igreja em Jerusalém, em 49 d.C. Essa decisão pode ser considerada o primeiro grande rompimento entre o cristianismo e o judaísmo. A partir daquele momento, os gentios, que eram considerados ritualmente impuros pelos judeus, foram plenamente aceitos no “Caminho”. Depois desse concílio, embora Pedro tenha concordado com Paulo, continuou sendo missionário, principalmente entre os judeus. Enquanto isso, Paulo dedicou-se mais a pregar o evangelho aos gentios, e esse trabalho de Paulo com os não judeus rendeu a ele o título de “Apóstolo dos Gentios”.

Quando os apóstolos, no concílio de Jerusalém, foram decidir as condições nas quais os gentios podiam ser admitidos na igreja, o presidente do concílio que editou o decreto não foi Pedro, mas Tiago, o irmão do Senhor, líder da comunidade de Jerusalém. Naquela época, Tiago era provavelmente a pessoa mais influente no cristianismo na Palestina. É importante notar em relação a isso, que quando Paulo mencionou os “pilares” da igreja, Pedro aparentemente já não era o líder principal: Tiago foi o primeiro, Cefas (Pedro), o segundo e João, filho de Zebedeu, o terceiro (Gl 2.9).

Independente de seu interesse principal ser a conversão dos judeus, Pedro também foi a regiões gentílicas. Paulo indica que Pedro (ou Cefas, como Paulo geralmente o chamava), tornou-se uma figura importante nas igrejas de Corinto e Antioquia. Em Corinto, Paulo afirma que existia um grupo que declarava “*ser de Cefas*” (1Co 1.12). Em Antioquia Pedro e Paulo tiveram um grande desentendimento sobre questões judaicas, acerca de até aonde os gentios cristãos tinham que ceder às práticas das leis dietéticas. Quando Pedro foi inspecionar a Barnabé e Paulo, ele desejava sentar à mesa comunal de judeus e gentios para partilhar do momento das refeições. Mas, quando membros da devota e estritamente observante “*facção da circuncisão*” chegaram a Antioquia, vindos de Jerusalém, Pedro, não querendo ser visto comendo com gentios, que eram considerados pela lei como pagãos, retirou-se da mesa e convenceu os judeus cristãos, incluindo Barnabé, a fazerem o mesmo. Paulo o repreendeu publicamente por sua duplicidade (Gl 2.11-14). Sua discordância com Paulo foi resolvida, e mais tarde Pedro referiu-se a ele como “*amado irmão*” (2Pe 3.15). Pedro também empreendeu numerosas viagens e ensinou nas igrejas de Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1Pe 1.1).

Enquanto isso, a perseguição estava aumentando, e Herodes Agripa I executou Tiago, o irmão de João. Pedro foi lançado na prisão com sentença de morte definida. No entanto, ele foi libertado por um anjo, e “*então saiu e foi para outro lugar*” (At 12.17). Há grandes evidências que o Evangelho escrito por Marcos tenha tido Pedro como a fonte principal de informações.

Existe uma grande polêmica se Pedro foi ou não a Roma. A tradição católica romana, diz que ele fundou a igreja ali e viveu em solo romano por vinte e cinco anos até seu martírio. Mas, não há nenhuma evidência concreta dessa declaração da igreja romana. Se ele tivesse vivido em Roma entre os anos de 55 e 65 d.C., poderíamos considerar inconcebível que Paulo não tenha o mencionado em sua carta aos roma-

nos. A ausência de alguma citação à sua pessoa em Atos, se ele estivesse na cidade quando Paulo esteve preso ali, também seria inconcebível. Alguns chegam a afirmar que Pedro faz menção de Roma em sua primeira carta, quando ele manda saudações de “Babilônia” (1Pe 5.13), e que a menção de “Babilônia” aqui se referia a Roma.

A tradição de que Pedro foi o primeiro Bispo de Roma não é sustentada por nenhum texto bíblico, e até mesmo seu martírio em Roma baseia-se em um testemunho expresso muitos anos após sua morte. Irineu, em aproximadamente 180 d.C., disse que Paulo e Pedro pregaram em Roma e colocaram os alicerces da Igreja. Tertuliano, em aproximadamente 200 d.C., refere-se ao martírio de Pedro e Paulo em Roma, mas faz isso em uma linguagem que soa como se estivesse citando mais uma outra tradição do que se de fato estivesse registrando uma evidência documentária. Orígenes, afirmou que Pedro finalmente visitou Roma e foi crucificado de cabeça para baixo, e Eusébio de Cesareia confirma a informação de Orígenes. Clemente de Roma, que morreu em 95 d.C., diz que a morte de Pedro aconteceu no tempo de Nero, por volta do ano 64. Uma análise cuidadosa dessas tradições mostra que embora possa existir alguma razão para se acreditar que Pedro esteve em Roma, aparentemente ele não fundou a igreja e nem foi seu bispo durante um período considerável. A tradição por Clemente, Irineu e Tertuliano aponta que Pedro foi martirizado na colina do Vaticano, em Roma, e um memorial sobre esse acontecimento ali existia por volta do ano 160 d.C. Não se pode afirmar, sem gerar controvérsias, onde ele foi sepultado. As discussões sobre a localização do túmulo de Pedro tem se concentrado em torno da Basilica de São Pedro e das catacumbas de São Sebastião na Via Ápia. A existência de um grafite com informações de Pedro nas catacumbas de São Sebastião sugeria a alguns que os restos de Pedro estiveram ali durante algum tempo – sendo transferidas para essas catacumbas por questão de segurança, durante a feroz perseguição de Valeriano em 258 d.C. No entanto, para muito isso não passa de uma teoria de especulação, não sendo provada por nenhuma pesquisa arqueológica. O que podemos afirmar é que Pedro – tendo visitado ou não a cidade de Roma – foi um grande líder do início da história da igreja, um importante apóstolo que andou pessoalmente com Jesus e deixou-nos um legado que tem abençoado muitas gerações até o dia de hoje.

Raabe

Nome hebraico, significa "Arrogância".

Logo depois da morte de Moisés, Deus disse a Josué que ele e o povo tinham de atravessar o Jordão e ocupar a terra prometida. Contudo, antes de atravessar o rio, Josué enviou dois espias para a terra a fim de fazer reconhecimento da oposição, em particular da cidade fortificada de Jericó. Depois de entrarem na cidade, os espias encontraram o caminho para a casa de Raabe. Os espias certamente entenderam que a casa de Raabe não chamaria tanta atenção, uma vez que era frequentemente frequentada por estranhos.

Raabe foi uma meretriz (prostituta) de Jericó, que morava na muralha da cidade. Sua história é contada em Josué 2.1-22; 6.17-25. A expressão usada para a casa de Raabe no hebraico é *bet ísha zona*, "casa de uma mulher prostituta" (Js 2.2). A tradução da palavra "zona" pode simplesmente significar uma mulher que tem relacionamento com homens. Por isso há os que supõem que esse termo também possa se referir à proprietária de uma hospedaria, e este significado é defendido por alguns intérpretes. Devido a isso, há os que pensam que a casa de Raabe era uma hospedaria, além de aparentemente ser também um bordel.

De acordo com o código de Hamurabi, a hospedaria era um lugar onde os visitantes podiam se hospedar ou se reunir, porém a presença de suspeitos ou criminosos tinha que ser reportada ao palácio. A proprietária era a vendedora de vinho, e assim encarregada do estabelecimento, o qual estrangeiros frequentavam, mas não necessariamente para uma condição imoral. De acordo com o Épico de Gilgamesh, uma proprietária de hospedaria desempenhava um papel similar. No entanto, as referências a Raabe em Hebreus e Tiago usam a palavra grega *porne*, que definitivamente significa "prostituta" e isso é decisivo para aqueles que sustentam a inspiração plena das escrituras. Embora aceitemos a designação "prostituta" com a força da referência do NT, isto não elimina a possibilidade da casa de Raabe ser também uma pousada ou hospedaria, o que na verdade pode explicar a escolha dos espias como um local para se hospedarem. Essa escolha pode não ter sido a melhor em questão de segurança, pois era aberto ao público, mas era um lugar conveniente uma vez que qualquer pessoa podia entrar.

A notícia da chegada dos espias não demorou a chegar aos ouvidos do rei de Jericó, que naturalmente exigiu que Raabe informasse o paradeiro

deles. Ela disse ao rei: “De fato, estes homens vieram a mim e eu não sabia de onde eram. E, havendo de fechar a porta da cidade, à noite, esses homens saíram e não sei para onde foram. Persiga-os rapidamente e os alcançará” (Js 2.4-5). Os homens do rei saíram em perseguição procurando pelos caminhos dos vaus do Jordão. Na verdade, os espias estavam escondidos nos talos de linho que estavam secando no telhado da casa dela. Enquanto o rei examinava a banda esquerda da cidade de Jericó à caça dos espias. Raabe disse a eles o motivo de sua cumplicidade para com os israelitas: ela temia o Deus de Israel. Raabe implorou por sua vida e pela vida de seus parentes. Ela ouvira as histórias sobre como Deus ajudara os israelitas contra os egípcios abrindo o mar Vermelho e destruindo os inimigos de Israel, e expressou sua fé em Deus, dizendo: “Sei que o Senhor vos deu esta terra” (Js 2.9).

Uma vez que a casa estava construída na muralha da cidade, ela os fez descer por uma corda pela janela. Por sugestão dela, os espias ficaram três dias escondidos antes de voltarem para o seu acampamento em Moabe e Raabe os alertou sobre qual estrada pegar a fim de não serem capturados.

Daí por diante, a história de Raabe tomou um rumo decisivo. Por causa dessa ajuda, os espias concordaram em salvar Raabe e sua família. Mas, ela teria de manter silêncio sobre a missão que havia os levado até lá. Ela teria que colocar um fio de escarlata pendurado na janela dela para o lado de fora da muralha da cidade para que quando os israelitas fossem destruir a cidade identificassem a sua casa e os resgatassem. Raabe e sua família, na verdade, foram os únicos sobreviventes da cidade de Jericó. Eles foram levados em segurança, sob o comando de Josué, pelos mesmos homens que Raabe salvara. A família de Raabe foi poupada e incorporada ao povo de Deus e os seus descendentes “*habitam em Israel até hoje*” (Js 6.25).

De acordo com a genealogia de Jesus, Raabe tornou-se progenitora do Messias. Mateus registra que ela se casou com Salmon e foi mãe de Boaz, que se casou com Rute e foi avó de Davi (Mt 1.5). Além disso, na genealogia de Jesus existem mais duas mulheres de reputação duvidosa: Tamar, que seduziu seu sogro Judá, e Bate-Seba, que cometeu adultério com Davi.

Raabe se tornou um exemplo clássico do que a fé pode fazer na vida de uma pessoa, independente de um passado humano menos promissor. Mostrando-nos ao mesmo tempo, que não há uma pessoa que esteja fora do alcance do favor da graça de Deus. O poder salvador de Deus não exclui nem mesmo os piores pecadores.

O autor da epístola aos Hebreus menciona seu nome como um exemplo de fé (Hb 11.31), e Tiago, menciona Raabe, por haver demonstrado sua

fé mediante suas obras (Tg 2.25). Além disso, Tiago reuniu Abraão e Raabe juntamente (Tg 2.21-25). E isso foi algo espantoso, o fato de que Raabe veio a ser mencionada em justaposição com o de Abraão, sendo usado dentro de um mesmo parágrafo, entretanto, isso ilustra duas coisas: o poder extraordinário da fé e o fato de mesmo Raabe, sendo uma meretriz, acabou não dificultando em nada a ação da graça, pois para Deus não há diferença, todos nós somos pecadores.



Raquel

Nome hebraico, significa "Ovelha".

Raquel era a filha mais nova de Labão. Em toda a Bíblia, há apenas uma cena em que um homem beija uma mulher. A cena aconteceu em Padã-Arã, onde *"Jacó deu um beijo em Raquel e depois caiu em profundo choro (solução em algumas tradições)"* (Gn 29.11). Ele então pediu a Labão – que era pai de Raquel e tio de Jacó – que lhe concedesse sua filha em casamento. Jacó, que estava fugitivo de Canaã, não tinha dinheiro para fazer o pagamento do dote por Raquel, então um mês depois fez uma proposta a Labão: *"Eu te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais nova"* (Gn 29.18).

Embora, Jacó amasse muito a Raquel, esse foi um preço altíssimo para o dote de um casamento, mas Labão tinha poucos escrúpulos na hora de negociar. Ele viu que Jacó estava desesperadamente apaixonado por Raquel e quis se aproveitar disso.

Ao fim daqueles sete anos, Labão fez uma trapaça. Os casamentos eram eventos festivos que começavam ao entardecer com uma procissão que saía da casa do noivo até a casa da noiva – nesse caso, de uma tenda a outra. A procissão ficava dando voltas por um caminho longo, enquanto a noiva totalmente coberta era carregada em uma liteira. A procissão era acompanhada de música, danças e muito vinho. Assim, já era bem escuro quando a noiva e o noivo eram finalmente declarados marido e mulher. A noiva ainda ficava toda coberta, todos já estavam cansados e, no mínimo, um pouco bêbados, e somente no quarto – ou na tenda – do casal que a noiva tirava o véu.

Jacó, quando levou sua esposa para a tenda, logo consumou o casamento, mas descobriu no dia seguinte, que ele tinha se casado com

Lia, a irmã mais velha de Raquel. Quando Labão barganhou pela primeira vez, certamente pensou que Lia se casaria dentro dos próximos sete anos, mas não foi o que aconteceu. Labão e Jacó então acertaram que após os sete dias de núpcias com Lia, ele se casaria com Raquel e trabalharia mais sete anos para Labão.

As duas irmãs tornaram-se duras concorrentes na luta pela afeição de seu marido, embora Jacó *“amou Raquel mais que Lia”* (Gn 29.30). As duas desejavam fazer o que era esperado de uma mulher naquela época: conceber e dar luz a filhos. Lia logo concebeu Rúben, Simeão, Levi e Judá. Entretanto, Raquel continuava estéril, e acabou a ter dois filhos indiretos – Dã e Naftali – através de sua escrava Bila.

Ainda assim, Raquel queria ter seus próprios filhos. Ela chegou a oferecer a Lia uma noite com Jacó em troca das *“mandrágoras de seu filho”* (Gn 30.14). Essa era uma planta afrodisíaca e que também acreditavam que combatia a esterilidade. Naquela noite, Lia engravidou-se de Issacar, e depois deu à luz ainda a Zebulom, e Diná, a única filha de Jacó. Somente após isso que Raquel conseguiu dar um filho a Jacó, que ela chamou José, dizendo: *“Deus retirou a minha vergonha”* (Gn 30.23).

Quando Jacó completou o segundo período de sete anos de serviço, ele finalmente estava livre para ir embora. Mais uma vez, Labão tentou enganar Jacó, mas ele foi mais esperto que o sogro, virando a mesa e indo embora com uma grande fortuna em rebanhos, que era a riqueza da época (Gn 30.31 em diante).

Ironicamente, esta mulher que tão desesperadamente queria ter filhos morreu em um parto na viagem de volta a Canaã. Raquel ao dar luz a esse menino o chamou de Benoni (*“filho da minha dor”*), mas Jacó mudou o nome dele para Benjamim (*“filho da minha mão direita”*), e o amou muito.

Raquel foi enterrada no caminho para Belém, e em seu túmulo foi erguido um monumento. Ela é a única representante das três primeiras famílias patriarcais que não foram sepultadas na caverna de Macpela, lugar que Abraão comprou para servir de descanso eterno para Sara. Atualmente está localizado nas proximidades de Belém, um monumento que é chamado de *“Cúpula de Raquel”*. Hoje, é uma pequena mesquita sob o controle de muçulmanos. Samuel, entretanto, mencionou o túmulo de Raquel como estando em Zelza (1 Sm 10.2)



Rebeca

Nome hebraico, significa “Deus acrescente o povo”.

Rebeca

Rebeca foi a esposa do patriarca Isaque. Era filha de Betuel, que, por sua vez, era filho de Milca e Naor, irmão de Abraão (Gn 22.20-23). Abraão era seu tio-avô e, no fim, é claro, tornou-se seu sogro. Labão, pai de Lia e Raquel era irmão de Rebeca.

Gênesis 24 é o relato da busca bem-sucedida do servo de Abraão – Eliezer – por uma esposa para Isaque. Abraão não queria que seu filho se casasse com uma mulher cananéia da região. Em resposta a oração de Eliezer, Rebeca não só deu de beber aos homens, mas também deu água aos seus camelos. Após certa dose de hospitalidade e o pagamento ter sido feito, Rebeca, de boa vontade, partiu para se encontrar com o seu marido.

Durante uma fome que houve naquela época, Isaque e Rebeca, mudaram-se temporariamente para território filisteu, na parte ocidental de Canaã, a aproximadamente 30 km do mar Mediterrâneo. Rebeca era tão bonita (Gn 26.7), que Isaque temeu que os homens poderiam querer matá-lo para se casar com ela. Então ele disse a todos que Rebeca era sua irmã. Certo dia, porém, o rei flagrou acariciando-a e repreendeu-o pela mentira, e depois deu ordens para que ninguém o tocasse. Curiosamente, Isaque repetiu o mesmo erro do pai: mentir para não correr riscos, dizendo que a esposa era irmã. No caso de Abraão, Sara era meia-irmã, entretanto, essa não era a realidade entre Isaque e Rebeca. Isso nos ensina a influência que nossos comportamentos geram nas próximas gerações! Aquilo que uma geração aceitar, a outra literalmente praticará!

Após 20 anos de esterilidade (Gn 25. 21-26), Rebeca gerou dois filhos gêmeos: Esaú e Jacó. Ela tinha preferência por Jacó, o mais novo, e participou do arranjo para enganar o marido e assegurar o direito da primogenitura para Jacó. Disfarçar Jacó para que esse se assemelhasse a Esaú tanto ao tato quanto ao cheiro – indivíduo que vivia ao ar-livre no campo – foi ideia dela. Foi ela também quem preparou o prato favorito de Isaque a fim de facilitar a trapaça (Gn 27.5-17). Quando Jacó teve que fugir da ira de Esaú, Rebeca rogou-lhe que fosse até o seu povo, em Padã-Arã, e provavelmente ela morreu antes de Jacó retornar para as terras de seu pai, vinte e um ano depois.

Sua determinação foi usada de maneira errada. E espiritualidade foi sufocada pela falta de paciência e confiança para esperar o cumprimento das promessas de Deus (Gn 25.23), e aquela que era a esposa digna acabou

se transformando em uma mulher dominadora. E que preço Rebeca pagou! Nunca mais viu seu querido filho Jacó.

Após sua morte, Rebeca foi sepultada na caverna de Macpela, junto com Sara (Gn 49.31) [Para mais informações sobre Rebeca, ver Isaquel].



Roboão

Nome hebraico, significa "Deus crescente o povo".

Roboão foi filho e sucessor do rei Salomão. Foi na sua gestão que a monarquia, antes unida (12 tribos), se dividiu. Quando Salomão morreu, Roboão, seu filho, assumiu o trono com 41 anos de idade. Até onde sabemos, Roboão era o único filho homem de Salomão, cuja mãe era Naamá, a amonita (1Rs 14.21). No entanto, apesar de ser filho de um pai sábio, Roboão possuía ideias muito limitadas.

Como filho e sucessor de Salomão, Roboão esperava governar sobre todo o Israel, assim como fizera seu pai. No entanto, ele havia herdado muitos problemas e, na época da morte de Salomão a situação do reino estava longe de ser estável. À medida que o poder e a riqueza de Salomão acumulavam-se, ele deixava de seguir ao Senhor de todo o seu coração (1Rs 11.4). Seus casamentos com mulheres estrangeiras, realizados contra a lei de Deus, foram os fatores que mais contribuíram para a sua apostasia moral e religiosa. Sem dúvidas tais esposas, como a filha do Faraó do Egito, por exemplo, foram tomadas por razões políticas e diplomáticas, a fim de assegurar a estabilidade do reino e a paz com as nações vizinhas.

Salomão havia falhado na confiança de que o Senhor protegeria as fronteiras de Israel. O juízo de Deus veio rapidamente, por meio de inimigos que se levantaram contra a nação de Israel e atacaram e causaram problemas constantes a Salomão (1Rs 11.14,23). Diante dessa apostasia, o Senhor prometeu que o reino seria dividido após a morte de Salomão. Ou seja, embora a culpa pela divisão do reino normalmente recaia sobre Roboão, claramente a estrada já havia pavimentada por seu pai, Salomão.

Além de toda essa sequência que já havia sido estabelecida por Deus, o governo de Salomão exigia também uma entrada financeira dispendiosa, que ocasionava o pagamento de altos impostos do povo para manter as enor-

mes despesas da corte e o luxo desnecessário do palácio e das “esposas” de Salomão (1Rs 4.9; 9.15-24). Durante seu reinado, um de seus principais oficiais (Jeroboão I) rebelou-se e fugiu para o Egito. Após a morte de Salomão, Jeroboão retornou para Israel e iniciou o seu projeto de conquistas das tribos para formar um novo reino.

Depois de sua posse, Roboão foi a Siquém, onde os líderes de Israel lhe perguntaram se ele continuaria com a mesma política de trabalhos forçados e impostos onerosos do seu pai. Os anciãos o aconselharam a ceder e governar servindo ao povo e diminuindo a carga tributária. Roboão, porém, preferiu ouvir seus amigos e respondeu a multidão: *“Se meu pai vos impôs um jugo pesado, eu aumentarei mais ainda o vosso jugo. Meu pai vos castigou com açoites, eu vos castigarei com escorpiões”* (1Rs 12.11).

Jeroboão, então, imediatamente se rebelou contra Roboão que fugiu para Jerusalém. No entanto, *“esta mudança vinha do Senhor, para confirmar a palavra que o Senhor havia dito”* (1Rs 12.15).

A partir daquele momento, as dez tribos do norte declararam Jeroboão como rei, mantiveram o nome de Israel e formaram o Reino do Norte, cuja capital a princípio foi Siquém, e depois, Samaria. Roboão governou apenas sobre as tribos da parte do sul – Judá e Benjamim – e formaram o Reino do Sul, cuja capital era Jerusalém. Este reino ficou conhecido como o reino de Judá, cuja tribo era muito maior que a tribo de Benjamim. De fato, a população e as terras de Judá e Benjamim eram quase equivalentes à soma das dez outras tribos.

Roboão tentou mostrar sua autoridade enviando um superintendente chamado Adonirão para por um fim àquela rebelião. No entanto, os homens de Israel o apedrejaram até a morte. Roboão percebeu o perigo que corria e vergonhosamente correu para sua carruagem e fugiu para Jerusalém (2Cr 10.16-19). Em seguida, Roboão mobilizou um exército de 180 mil homens contra Israel, mas a guerra foi impedida pelo Senhor, ao enviar o profeta Semaías, que disse ao povo que a divisão do reino fora ocasionada pelo Senhor. Portanto, eles não deveriam lutar contra as tribos do norte (1Rs 12.22-24).

Roboão reinou durante 17 anos em Judá – de 931 a 913 a.C. – mas não seguiu ao Senhor como fez Davi (1Rs 11.43; 14.21,31). No seu reinado, a idolatria foi praticada em Judá, e diversos altares foram construídos a deuses estranhos. Práticas proibidas pela lei – inclusive a prostituição-cultural – foram permitidas durante o seu governo (1Rs 14.21-24).

Como resultado dessa apostasia, no quinto ano do reinado de Roboão, o rei Sisaque, do Egito, invadiu e atacou Jerusalém, saqueando os

tesouros do templo (2Cr 12.1-6). A Bíblia dá pouca atenção a esse ataque, mas os registros egípcios indicam que foi vigoroso e bem-sucedido. Aparentemente, Sisaque, tinha o sonho de restabelecer o grandioso império egípcio de mil anos antes, mas a força da monarquia unida da época de Salomão havia sido um impedimento. Depois dessa monarquia se desagregar, Sisaque viu uma oportunidade de realizar esse desejo. De acordo com as inscrições arqueológicas do templo de Karnak, no Egito, ele assumiu o controle de mais de 150 cidades na região, e a arqueologia confirma que esse número é aceitável. Jerusalém e Siquém, no entanto, não foram tomadas, mas foram obrigadas a pagar tributos pesados ao Egito. Roboão teve que entregar os tesouros do templo de Jerusalém a Sisaque, e até mesmo os escudos de ouro que Salomão havia feito tiveram que ser entregues (2Cr 12.1-12).

Provavelmente a única coisa que impediu o Egito de obter o controle total do Oriente Médio foi a morte de Sisaque em 915 a.C. Os sucessores de Sisaque no Egito não tiveram a mesma ambição e dedicação que ele, e se passaram dois séculos até que o Egito voltasse a ser uma ameaça significativa à Palestina.

Roboão seguiu os mesmos passos do seu pai, Salomão. Teve 18 esposas e 60 concubinas, permitindo que suas esposas estrangeiras mantivessem seus costumes idólatras e praticassem suas religiões pagãs em Judá. Além disso, Roboão incentivou o mesmo procedimento entre os seus filhos (2Cr 11.18-23). Roboão teve ao todo 28 filhos e 60 filhas (2Cr 11.21). A esposa que Roboão mais amava era Maaca, filha de Absalão (que não era o filho de Davi), o filho dela, Abias, foi o sucessor de Roboão no trono do Reino do Sul.



Rúben

Nome Hebraico, significa "O Senhor atendeu à minha Aflição".

Rúben foi o filho primogênito de Jacó. Nasceu em Padã-Arã e era filho de Lia (Gn 29.31-32; 35.23; 46.8). Rúben teve quatro filhos: Enoque, Palu, Hezron e Carmi (Gn 46.8-9; Êx 6.14; 1Cr 5.3). É bem provável que seu nome derive de dois vocábulos hebraicos que provavelmente signifiquem "veja, um filho". Entretanto, o jogo de palavras em Gênesis 29.32 relaciona

seu nome à frase traduzida como “o Senhor atendeu à minha aflição”. Isso indica o sentimento que Lia teve ao nascer Rúben. Ela viu o fim de sua esterilidade como resultado da graça de Deus.

Sobre o início da vida de Rúben só sabemos a respeito do incidente registrado em Gênesis 30.14, quando ele encontrou mandrágoras no campo e levou-as para sua mãe. As mandrágoras eram plantas consideradas afrodisíacas. Mas quando a estéril Raquel lhe pediu algumas, Lia as deu em troca de uma noite com Jacó, que resultou no nascimento de Issacar. Esse episódio deu início a intriga em família (Gn 30.14-16).

Um dos fatos mais conhecidos sobre Rúben é o desonroso envolvimento dele em se deitar com Bila, a concubina de seu pai (Gn 35.22). Devido a isso, Jacó não lhe concedeu o direito a porção dobrada da herança que era direito dele, o primogênito (Gn 49.3-4). Este incidente é mencionado posteriormente como a razão pela qual os rubenitas não foram mencionados como descendentes do primogênito na restauração depois do exílio, como era de se esperar (1Cr 2.1; 5.1)

Seus atos posteriores foram mais nobres. Foi ele que livrou José da morte quando seus irmãos tramaram matar o jovem sonhador. Rúben os convenceu a invés de matá-lo, colocá-lo em uma cisterna, com a esperança de que no final do dia ele pudesse libertá-lo. Mas assim que Rúben se ausentou, os seus irmãos venderam José para uma caravana de ismaelitas, e isso lhe angustiou muito (Gn 37.21-29). Não sabemos se a autoridade dele sobre os irmãos era fraca ou se a determinação deles contra José era muito forte. Embora provavelmente estivesse aflito também por ter de dar uma satisfação ao pai sobre o paradeiro de José. Deve ser mencionado, no entanto, que Rúben era o melhor entre os dez irmãos, pois, embora, suas ações não fossem recomendáveis, demonstrava ter mais consciência do que os outros.

Aproximadamente 20 anos depois, quando os irmãos estavam no Egito comprando cereais, sem saberem que José era o governador do Egito, Rúben imediatamente associou o perigo que eles estavam passando como juízo de Deus pelo que eles haviam feito com José (Gn 42.22). Rúben demonstrou um bom coração quando esteve disposto a penhoras os seus próprios filhos com seu pai para garantir o retorno seguro de Benjamim (Gn 49.1-4).

Em seu leito de morte, Jacó elogiou Rúben por sua força, classificando-o como “o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder”, mas em seu último fôlego Jacó lhe disse que ele era “impetuoso (inconstante) como a água” e confirmou que ele não seria o líder sobre seus irmãos por causa de seu ato incestuoso com Bila.

Rúben morreu no Egito, e segundo a tradição judaica tinha 125 anos.

A tribo de Rúben é mencionada pela primeira vez nas listas de Êxodo 1.1-4 e Números 1.5,20-21, aparecendo em primeiro lugar. Mas em outras listas, já não era mencionada em primeiro lugar, pois a liderança havia passado para a tribo de Judá (Nm 2.10; 3). A tribo de Rúben dividia-se em quatro grandes famílias tribais, procedentes dos quatro filhos do patriarca (Nm 26.5-11). Em troca da ajuda dos rubenitas na conquista de Canaã, Moisés deu aos descendentes de Rúben terras em Gileade para que pudessem criar gado e ovelhas, à leste do Jordão, entre os rios Arnon e Jaboque. A benção atribuída a Moisés diz: “Que Rúben viva e não morra, e não sejam poucos os seus homens” (Dt 33.6). No entanto, três homens da tribo de Rúben – Datã, Abirão e Om – se aliaram na revolta de Corá contra Moisés e Arão, e Deus os matou (Nm 16.1-50; 26.9; Dt 11.6).

O Novo Testamento menciona Rúben apenas uma vez, entre os 144 mil na enumeração das tribos que serão seladas (Ap 7.5).



Rute

Nome Moabita, significa “Amizade”.

Rute é uma das mais extraordinárias mulheres da Bíblia. É lembrada como uma verdadeira heroína. Sua história é registrada no livro bíblico que leva o seu nome – Ester e Rute são os dois únicos livros da Bíblia cujos nomes são de mulheres. Esse livro, de apenas quatro capítulos, é um dos mais ricamente elaborados da literatura hebraica, transitando entre um suspense e outro até chegar a uma surpreendente conclusão. É bastante interessante o fato de que Rute não era hebreia. Em uma nação que se orgulhava de ser a escolhida por Deus e de ser espiritualmente distinta das outras, ela era uma estrangeira natural de Moabe, país vizinho da Judeia, na região leste do mar Morto. Os moabitas eram um povo desprezado pelos judeus por serem descendentes da relação incestuosa entre Ló e suas filhas. Apesar disso, foi o único refúgio que Elimeleque conseguiu encontrar para impedir que sua família sofresse com a fome.

No entanto, para entendermos a história de Rute precisamos primeiro conhecer a história de outra mulher, Noemi. Noemi era esposa de Elimeleque, e juntos tinham dois filhos, Malon e Quiliom. Essa família

viveu em Belém de Judá, próximo a Jerusalém. Veio uma grande fome naquela época sobre a Judeia e fez com que Elimeleque, Noemi e seus dois filhos migrassem para Moabe em busca de alimentos. Depois que a família se estabeleceu em Moabe, os filhos decidiram-se casar com mulheres locais. Malon casou-se com Rute e Quiliom casou-se com Orfa.

Infelizmente, em menos de dez anos os três homens haviam morrido, deixando as três viúvas sem filhos. Numa sociedade dominada por homens, mulheres sem um pai, sem um marido ou sem filhos para cuidar delas passavam necessidades e podiam morrer até de fome.

Ao ouvir dizer que a fome na Judeia havia terminado, Noemi decidiu voltar para sua terra natal. Talvez tivesse pensado que seus parentes ficariam penalizados pela sua situação e lhe dariam um lugar para viver. Mas certamente não acolheriam as três mulheres. Além disso, Noemi ressaltou que era muito velha para ter outros filhos, mesmo que suas noras quisessem esperar para que crescessem e depois desposá-los. Portanto Noemi insistiu para que suas duas noras voltassem para casa de suas mães e começassem a procurar outros maridos (Rt 1.8-9). A princípio, as duas rejeitaram a ideia, mas depois que Noemi voltou a expor os seus argumentos, Orfa concordou e se despediu chorando. Rute, no entanto, recusou-se terminantemente a deixar Noemi sozinha e assumiu cinco compromissos com sua sogra: “Para onde fores, irei também, onde for tua morada, será também a minha. O teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus” (Rt 1.16). E por último Rute declarou: “Onde fores sepultada, ali também serei sepultada (Rt 1.17). Por causa do seu amor por Noemi, Rute desejava permanecer com sua sogra, tornar-se uma judia, trocar o seu deus (provavelmente Quemos – Nm 21.29; 1Rs 11.7,33) pelo Deus de Noemi (O Senhor Jeová – Rt 2.12-13) e ser sepultada no mesmo local de Noemi, indicando com isso que sua família era Noemi. Indiscutivelmente, Rute foi notável em sua disposição de renunciar ao seu próprio lugar em troca de outro que lhe era estranho, isso se parece um pouco com Abraão ao se aventurar em uma terra que nunca tinha visto (Gn 12.1; Rt 2.11).

Quando as duas mulheres chegaram a Belém era época de colheita de cevada e trigo e toda a cidade mostrou-se solidária a Noemi, e sem dúvida, admirada com a inabalável lealdade de Rute com a sua sogra. Mas ninguém se ofereceu para acolhê-las. No dia seguinte à triste chegada das duas em Belém (Rt 1.19-22), Rute saiu para catar espigas nos campos para conseguir alimento (Rt 2.2-3).

Pela lei judaica, os segadores só podiam passar uma vez no campo fazendo a colheita. Qualquer grão que não colhessem na primeira pas-

sada deveria ser deixado para os pobres catarem. Além disso, a lei exigia que um canto de cada campo não fosse colhido pelo mesmo motivo de servir de provisão para os que não tinham o que comer. A lei não definia a área desse canto nem a precisão da colheita. O tanto que era deixado normalmente era uma indicação da generosidade ou avareza do proprietário. Com muita dificuldade Rute e Noemi conseguiram sobreviver com aquilo que Rute catava.

Felizmente, Rute escolheu o campo de Boaz. Boaz era um rico proprietário de terra e parente de Elimeleque, o falecido marido de Noemi. Ele observou Rute catando os restos da colheita e ficou atraído por sua beleza. Boaz lhe disse que ouvira falar de sua devoção a sua sogra, a quem ela havia acompanhado até uma terra estranha. Ele discretamente instruiu seus funcionários segadores a deixarem uma porção extra de grãos para trás para que ele tivesse uma boa quantidade para ela e sua sogra.

Quando Rute voltou para Noemi com uma grande medida de cevada e contou o que acontecera, a sogra ficou radiante. Boaz não era apenas um vizinho simpático. Noemi lhe disse: “*esse homem é nosso parente próximo*” (Rt 2.2).

Tendo notado o interesse de Boaz pela jovem viúva, Noemi aconselhou Rute a agir com rapidez. Rute deveria se lavar, perfumar-se e vestir a sua melhor roupa. Então devia descer à eira onde Boaz e os trabalhadores estavam peneirando a cevada. “Não te deixes reconhecer por ele, até que tenha acabado de comer e beber”, instruiu Noemi. “Quando ele for dormir, observe o lugar em que está deitado; então entra, descobre seus pés e deita-te; e ele te dirá o que fazer” (Rt 3.3-4).

Ela então sem fazer ruído levantou a ponta do manto de Boaz e se deitou aos seus pés. Ele acordou no meio da noite e se surpreendeu ao vê-la. Ela lhe disse quem era e acrescentou: “Estende teu manto sobre tua serva, pois tens o direito de resgate” (Rt 3.9). Boaz respondeu com compaixão. Ele lhe disse que a resgataria e que passasse a noite aos seus pés e se levantasse antes do amanhecer para que ninguém soubesse que ela havia estado na eira.

Alguns estudiosos interpretam esta atitude de Rute – principalmente a maneira como descobriu os pés de Boaz ao se deitar (Rt 3.7) e permaneceu lá durante toda a noite (Rt 3.13-14), como clara indicação de que ela tentou uma investida sexual, à qual Boaz foi receptivo. Tal ideia, entretanto, é totalmente contrária ao que pode ser visto do caráter dos dois por todo livro. Especificamente, na conversação entre eles no meio da noite, Boaz expressou admiração pela decência de Rute (Rt 3.10), e

considerou-a uma “mulher virtuosa” (Rt 3.11). Além disso, os detalhes da cena interpretados como de natureza sexual podem ser entendidos de outras formas. Não há uma evidência concreta de que houver qualquer envolvimento sexual entre eles nesse encontro.

Porém, Boaz acrescentou que ele não era o parente mais próximo e que ele apenas a poderia resgatar se o outro parente decidisse não fazê-lo. Era necessário que esse homem renunciasse ao seu direito e à sua responsabilidade, para que Boaz fechasse seu acordo com Rute (Rt 3.13).

Naquela manhã, Boaz esperou a passagem do outro parente na porta da cidade. A área da porta da cidade representava o fórum, onde os assuntos públicos da cidade eram discutidos. Boaz indicou que gostaria de discutir um assunto de negócios com o “parente mais próximo”. Dez dos anciãos da cidade atuaram como testemunhas. O primeiro assunto tratado foi a questão da propriedade. Boaz perguntou ao parente mais próximo se ele estava disposto a adquirir a propriedade de Noemi. Isso está determinado na estipulação original: “No dia que você adquirir as terras de Noemi e da moabita Rute, estará adquirindo também a viúva” (Rt 4.5). O parente mais próximo não estava disposto a isso, porque isso, inevitavelmente, acarretar-lhe-ia alguma perda financeira, visto que teria de dividir a sua propriedade com algum filho que tivesse com Rute. Assim, ele abdicou de seu direito e, de acordo com o costume da época, tirou os sapatos (o sapato simbolizava os direitos à terra obtida por herança). Assim, Boaz assumiu a parte de ser o parente remidor.

Boaz se casou com Rute e juntos tiveram um filho: Obede, que foi pai de Jessé e avô de Davi. Sendo assim, Rute se tornou bisavó do maior rei de Israel e foi uma das ancestrais na genealogia de Jesus, o maior rei do Mundo (Mt 1.5). Em uma das últimas cenas do livro, Noemi segura seu neto no colo e lhe serve de ama. E as mulheres do povoado exaltam Rute porque amava Noemi e valia mais do que sete filhos – um número simbólico de perfeição. Essas mesmas mulheres deram a criança o nome de “consolador de Noemi” (Rt 4.15). Boaz acolheu Noemi para ela cuidar do menino, e as pessoas disseram “Noemi tem um filho” (Rt 4.17), reconhecendo assim, Obede como descendente direto de Elimeleque que manteria sua linhagem. Pela lei judaica, as linhagens familiares poderiam ser perpetuadas pela linhagem da mãe. Rute era esposa do filho de Elimeleque (Malon), e Boaz, embora também a amasse, tinha se casado com ela de acordo com a chamada lei do levirato, que servia para preservar a linhagem familiar de um parente. Sendo assim, Obede também era legalmente um descendente de Elimeleque e também de Boaz, seu verdadeiro pai. A lei do levirato era

um costume que havia entre os hebreus de que quando um israelita casado morria, sem deixar descendentes do sexo masculino, seu parente mais próximo era obrigado a casar-se com a viúva, caso esse parente fosse solteiro, a fim de dar continuidade ao nome de família do falecido. O filho primogênito do casal era reconhecido como filho do falecido. Naturalmente, o propósito era preservar a herança em famílias e clãs específicos, o que era muito importante nas civilizações antigas. Além de que havia um benefício de natureza social: a viúva teria alguém que cuidasse dela, e isso foi um fator importante no caso de Rute (Rt 1.11; 3.1).

Na época do casamento de Boaz e Rute, não é possível determinar especificamente qual era a diferença de idade entre os dois. Desde que ele várias vezes refere-se a Rute com as palavras “*minha filha*” (Rt 2.8; 3.10-11), assim como Noemi a chamava (Rt 2.2,22; 3.1,16,18). Provavelmente Boaz estava mais perto da idade de Noemi do que da de Rute. Depois de aproximadamente dez anos de casamento e viuvez (Rt 1.4-5), Rute provavelmente estivesse com 30 anos quando se casou com Boaz e ele deveria ter em torno de 50 anos ou um pouco mais.

Estudiosos bíblicos não sabem ao certo quem é o autor do livro de Rute. Tampouco sabem quando e porque ele foi escrito. Uma hipótese popular é que o livro tenha sido compilado entre 1000 a 900 a.C., logo após a vida de Davi, e que tenha sido escrito com o objetivo de rastrear sua linhagem. Entretanto, provavelmente a história foi preservada por diversas razões. Uma delas pode ter sido permitir que as futuras gerações aprendessem com o exemplo inspirador do amor de Rute para Noemi. Os judeus atualmente ainda honram Rute ao reler sua história na Festa das Semanas, que todos os anos marca o fim da colheita dos grãos.



Salomão

Nome hebraico, significa “Pacificador”.

Salomão foi aparentemente o décimo filho de Davi, e o segundo de Bate-Seba com o rei, pois o primeiro morreu, como castigo pelo pecado de adultério e homicídio de Urias, marido de Bate-Seba (2Sm 11). Dos irmãos de Salomão, seis nasceram de mães diferentes (2Sm 3.2-5). Salomão nasceu em Jerusalém e, em seu nascimento o profeta Natã lhe deu o nome de Jedidias, “o amado de Deus”. O fato de a Bíblia chamá-lo de Jedidias só uma vez (2Sm 12.25), indica que o nome “Salomão” era o seu nome oficial. O nome Salomão aparece aproximadamente 300 vezes no Antigo Testamento e 12 vezes no Novo.

Sua história está registrada em 1 Reis 1 a 11 e 1 Crônicas 28 a 2 Crônicas 9. No entanto, ao contrário da história de Davi, não há uma continuidade na sequência cronológica da vida de Salomão. Tudo o que temos é uma coleção de histórias desconexas, sendo que a mais completa dessas histórias é o relato da construção do templo em Jerusalém. Richard Hess sugere que para entendermos melhor a vida e a obra de Salomão, é necessário dividirmos sua história em quatro partes: a garantia do trono para Salomão (1Rs 1 e 2), a sabedoria de Salomão e suas realizações (1Rs 3 a 8), a fama internacional de Salomão e a conseqüente apostasia (1Rs 9 a 11.8) e os oponentes finais de Salomão (1Rs 11.9-43).

Infelizmente Salomão cresceu em uma casa polígama. O rei Davi casava-se frequentemente (as Escrituras registram 18 casamentos). Isso sem dúvidas, o influenciou de uma maneira negativa. Havia constante tensão entre as esposas e os filhos de Davi. O harém do rei tornou-se o cenário de todos os tipos de intrigas daqueles que faziam as suas manobras para conseguir favores e posições de prestígio. Assim, Salomão cresceu em um tipo de ambiente que acabou por educá-lo e acostumá-lo à arte das práticas políticas agressivas e da poligamia desenfreada.

Salomão tinha cerca de vinte anos quando assumiu o trono de Israel em aproximadamente 970 a.C. O reino de Davi veio completo para as mãos dele. Era uma área estimada em 128 mil quilômetros quadrados. Davi havia recebido uma revelação de que “Salomão era o homem certo” para o cargo (1Cr 22). Depois que ele nasceu, Davi prometeu a Bate-Seba que ungeria Salomão como seu sucessor. Entretanto, pouco antes da morte de Davi, Adonias, meio-irmão de Salomão – e também filho mais velho – se autoproclamou rei. Ele e Joabe viajaram por todo

o Israel fazendo com que o povo bradasse “Viva o rei Adonias!”. O sumo sacerdote Abiatar, também o apoiou e deu às suas ambições um tipo de aval espiritual (1Rs 1.7).

Natã e Bate-Seba ouviram isso e contaram a Davi, que estava em seu leito de morte. Davi imediatamente fez com que Salomão fosse ungido rei publicamente por Zadoque, ordenando que a cerimônia estabelecida para a sucessão de um rei fosse realizada. Isso foi o suficiente para dissolver qualquer oposição. Davi morreu poucos dias depois e Salomão foi indiscutivelmente o rei de Israel.

A ascensão de Salomão ao trono foi completamente diferente da de Saul e de Davi. Não havia anciãos das dez tribos presentes, e todo o ato de unção teve áreas de medida de emergência para deter Adonias, que queria usurpar o poder. Na verdade, em muitas outras coisas Salomão era diferente de Saul e Davi, inclusive na origem social. Saul e Davi tiveram uma origem simples, em contraste com Salomão, que já nasceu em um palácio.

Em Gibeão, Salomão ofereceu mil holocaustos ao Senhor e o Senhor se apareceu a ele pela primeira vez (1Rs 3.4). Essa visita divina foi através de um sonho e Deus permitiu que Salomão escolhesse o que queria receber. Salomão solicitou “*um coração entendido*” (1Rs 3.9), e especificou o pedido com uma referência de discernir “*entre o bem e o mal*”. No original hebraico a oração de Salomão pediu um coração compreensivo. A palavra usada para “compreensivo” nesse texto é “ouvir”, ou seja, Salomão pediu a Deus *um coração que ouvia* o que de fato estava acontecendo em uma determinada situação. Isso significava mais do que o conhecimento do certo ou do errado – isso envolvia a habilidade de captar a essência de um problema e entender exatamente o que se passava na mente das pessoas ao redor. Essa benção de “*um coração entendido que discernia entre o bem e o mal*” é muito bem revelada, logo na sequência, na história das duas mães que reclamavam o mesmo bebê (1Rs 3.16-26). A famosa decisão do rei, em ameaçar dividir a criança ao meio para assim descobrir qual era a verdadeira mãe, demonstrou a todos que “*havia nele a sabedoria de Deus para fazer justiça*” (1Rs 3.38). Um juiz moderno – por não haver testemunhas – teria arquivado o caso por falta de provas. Mas Salomão havia recebido de Deus o que curiosamente havia pedido através de um sonho. A sabedoria de Deus já estava ativa nele!

No livro das Crônicas também está registrado que Salomão quando se tornou rei pediu a Deus: “*Dá-me sabedoria e conhecimento, para que eu possa liderar esta nação*” (2Cr 1.10). E Deus lhe disse que,

uma vez que ele havia pedido sabedoria, e não riquezas, receberia as duas. Fazendo dessa a informação bíblica que explica a razão de sua tamanha sabedoria.

Logo em seguida, Salomão estabeleceu o seu estilo de liderança de modo resoluto e seguro. Matou todos os inimigos do seu pai e, em seguida, executou todos aqueles que poderiam tomar seu trono, inclusive Adonias, a quem acusou de traição (1Rs 2.13-25). Ele também mandou executar Joabe, o general de Davi, que havia dado apoio a Adonias. Joabe, temendo pela própria vida, fugiu para o tabernáculo para esconder-se.

Mas Salomão ordenou que Benaia, o matasse. Por sua vez, Benaia sucedeu a Joabe como comandante do exército de Israel (1Rs 2.28-35). Abiatar não foi executado, mas a linhagem de Zadoque tomou o ofício de sumo sacerdote, em recompensa de ter apoiado Davi e Salomão, e Abiatar foi expulso para sua cidade natal, Anatote (1Rs 2.27-36), e se cumpriu a profecia – dos dias de Eli – que sua casa seria extinta do altar de Israel (1Sm 2.27-36). Embora esse capítulo 2 de 1 Reis revele um comportamento altamente violento e vingativo de Salomão, ele nunca realizou uma campanha militar sequer, mesmo tendo um exército que possuía 12.000 cavaleiros e 1.400 carros de batalha extremamente preparados para uma possível guerra.

O foco principal de Salomão era fortalecer a unidade das dez tribos e concentrar todo o poder administrativo em Jerusalém. Ele estabeleceu doze distritos administrativos – “em vez de doze tribos” – e cuidadosamente os dispôs de modo que eles se estendiam pelas fronteiras tribais e nenhuma tribo tinha poder sobre nenhum deles.

Cada distrito era responsável por prover todas as necessidades do templo e do palácio durante um mês por ano. Isso incluía absolutamente tudo: alimento, estuário, gado, material de construção, trabalhadores e dinheiro para impostos. “*As provisões diárias de Salomão eram trinta tonéis da melhor farinha e sessenta tonéis da farinha comum, dez cabeças de gado engordado em cocheiras, vinte cabeças de gado engordado no pasto e cem ovelhas e bodes, bem como cervos, gazelas, corças e aves escolhidas*” (1Rs 4.22-23). Um tonel era o equivalente a um coro – o coro era uma medida de litros e peso que equivalia a 450 litros ou quilos.

Tudo isso significava um pesado fardo para um distrito, pois representava quase tudo o que ele produzia em um mês. Os distritos, então, estocavam durante todo o ano para a época em que tivesse que pagar o seu tributo. Ao longo dos anos, isso gerou um descontentamento considerável entre o povo. Além disso, as doze tribos nunca esqueceram

o tempo quando elas eram independentes – com governo e administração próprias – e certamente ansiavam pelo dia em que retornariam a essa condição. Na verdade, esta foi a grande causa humana da divisão do reino nos dias de Roboão: Roboão queria manter e aumentar os impostos, enquanto que, Jeroboão prometia a liberdade tributária.

Por outro lado, Salomão – assim como Ramsés II do Egito – era um construtor ambicioso e esbanjador. Seus dois primeiros projetos arquitetônicos – o templo e o palácio – eram luxuosos e muito dispendiosos. Vale a pena lembrar que, Salomão tinha uma alta fortuna deixada por Davi em caixa. Somada a essa quantia, estava o fruto da opressão do povo, que eram as arrecadações das altas taxas e impostos guardadas nos primeiros anos de seu governo.

No início do governo de Davi, ele havia feito uma aliança com Hirão, rei de Tiro e dos fenícios. Durante esse tempo, Hirão e Davi se tornaram amigos muito próximos. Hirão visitava o palácio com frequência à medida que Salomão crescia, e Hirão também o considerava como um amigo. Os fenícios eram considerados os melhores marinheiros, arquitetos e construtores daquele tempo. Além de terem também o controle das florestas do Líbano, onde cresciam madeiras de ótima qualidade. Sendo assim, era previsível que Salomão iria buscar a ajuda de Hirão quando fosse construir o templo.

Salomão possuía trabalhadores, dinheiro e pedras, mas em seu reino não haviam artesãos com habilidade para uma obra de tal magnitude. Ele conseguiu com Hirão os arquitetos e artesãos, assim como todo o ouro, cedro puro e pinho para que a obra fosse realizada com beleza e elegância (1Rs 5). Em contrapartida, ele faria a Hirão um enorme pagamento em trigo e óleo e também cederia a Hirão vinte cidades da fronteira ocidental da Galileia. Hirão inspecionou as cidades e não se agradou do que viu, por isso, as devolveu de volta a Salomão, presume-se que em troca de outro pagamento (2Cr 8.2). Embora esse tipo de pagamento – de dar cidades – fosse comum naquela época, o desejo de Salomão de se desfazer de cidades judaicas dando-as a um reino pagão, não foi bem visto pelos fies judeus do norte de Israel (região da Galileia).

Essa situação se tornou ainda pior quando Salomão decidiu tornar as políticas de trabalho forçado maiores do que da época de Davi. O pai de Salomão havia pressionado os estrangeiros e prisioneiros de guerra a realizarem trabalho forçado, dando a eles um *status* quase semelhante ao de escravos. Eles eram um tipo de “escravo feudal” que podia ser

chamado para trabalhar sempre que necessário, recebendo somente o mínimo para sua subsistência. Salomão foi um pouco além, recrutando o seu próprio povo para esse serviço, e nomeou Jeroboão – que mais tarde se rebelaria contra ele – como o supervisor dessa força de trabalho.

Ao todo, Salomão tinha cerca de 150 mil estrangeiros e 30 mil israelitas nessa equipe de trabalho forçado (2Cr 2.17).

Por fim, Salomão escolheu a eira que era de Araúna – e segundo a tradição era também o antigo monte Moriá – para construir o templo. Salomão começou a construção no quarto ano do seu reinado (1Rs 6.1). Ao todo, demorou sete anos para o templo ser construído. O térreo foi baseado no Tabernáculo de Moisés (átrio, lugar santo e lugar santíssimo), e o protótipo arquitetônico da parte externa do santuário era correspondente ao estilos dos templos sírios e cananeus (por exemplo, como os templos encontrados em Ugarit, Qatna e Hazor). Não se ouviu o som de nenhum martelo, machado ou ferramenta de ferro durante sua construção (1Rs 6.7), mostrando assim, que a matéria prima do templo não era para ser pregada, mas encaixada.

Há os que entendem essa questão como um protótipo do ideal futuro de Deus para a igreja: um lugar onde as coisas não acontecem pela força (martelo, machado e ferramentas de ferro), mas sim, um lugar onde as coisas existem para se encaixar (ajuste, comunhão e cumplicidade).

Os detalhes da arquitetura do templo foram adornados com madeira folheada a ouro e pedras que foram talhadas. Os recipientes sagrados eram de bronze fundidos feitos por Hurão-Abi, um artesão cuja mãe era judia e o pai, um famoso ferreiro fenício.

Entre seus trabalhos mais impressionantes estavam dois pilares de bronze na entrada do templo, com mais de 10 metros de altura, um altar de bronze com 9 metros de comprimento, 9 de largura e 9 de altura e um tanque de purificação feito em metal fundido com 4,5 metros de diâmetro, decorado com 300 frutos de metal e apoiado em doze touros de bronze em tamanho real. Esse tanque foi chamado de “o Grande Mar”. Alguns acreditam que esses doze touros de bronze era uma violação ao segundo mandamento, que proíbe que o povo fizesse imagens esculpidas. No entanto, nenhum comentário negativo foi feito na Bíblia sobre isso. Para se ter uma descrição completa de toda a mobília do templo leia 2 Crônicas 3.

Ao concluir o templo no décimo primeiro ano do seu reinado (1Rs 6.38), Salomão planejou uma grandiosa celebração (1Rs 8). Perante uma

grande congregação dos líderes das tribos e dos principais descendentes dos patriarcas dos israelitas, a arca da aliança foi trazida da casa de Davi para o lugar santíssimo do templo, debaixo das asas dos querubins. A nuvem da glória de Deus encheu o santuário, de modo que *“os sacerdotes tiveram que se agachar para ministrarem por causa da nuvem, pois a glória do Senhor havia enchido a casa do Senhor”* (1Rs 8.10-11).

Depois, Salomão se pôs em pé diante do altar do Senhor e estendeu as mãos para o céu e ofereceu uma oração de dedicação jamais superada em toda a literatura religiosa (1Rs 8.23-53). Por fim, Salomão ofereceu um grande número de sacrifícios aos Senhor, como ofertas pacíficas, ofertas queimadas e ofertas de manjares (1Rs 8.62-66).

Algum tempo depois, o Senhor lhe apareceu pela segunda vez – assim como tinha lhe aparecido em Gibeão – prometendo-lhe firmar seu trono para sempre e dando-lhe algumas admoestações (1Rs 9.1-10; 2Cr 7.12-22).

Após isso, Salomão dedicou sua atenção para a construção do seu palácio, próximo ao templo. Esse palácio, possivelmente, foi um dos mais opulentos no mundo da época, e embora o projeto mais lembrado de Salomão seja o templo, o palácio o ultrapassava em tamanho, esplendor e custo, e levou o dobro de tempo para ser concluído.

Para cobrir todo este custo, Salomão não somente aumentou os tributos como também estabeleceu amplas negociações internacionais. Salomão obteve através de sua parceria com Hirão, o controle das rotas comerciais para o Egito, o que lhe deu também o controle do comércio das caravanas e do comércio de cavalos por todo o lado ocidental do Oriente Médio. O controle de Salomão sobre essas rotas de comércio do sul lhe deu também o controle do comércio árabe de especiarias raras e tecidos exóticos – o que era extremamente lucrativo.

Através desse empreendimento, Salomão conheceu também a rainha de Sabá. Ela era rainha de um reino árabe do sul, e estava em uma missão comercial na Palestina quando chegou a Jerusalém com *“enorme caravana com camelos carregados de especiarias, grande quantidade de ouro e pedras preciosas”* (1Rs 10.2). Ela ficou maravilhada com a magnitude do palácio que *“não houve mais espírito nela”* (1Rs 10.5) e, aparentemente ele se apaixonou por ela, e foi correspondido. Ela ficou fascinada com sua sabedoria e exclamou: *“Bem-aventurados os teus homens, bem-aventurados estes teus servos que estão sempre diante de ti, que ouvem a tua sabedoria!”* (1Rs 10.8). Ao que parece, ela permaneceu no palácio com ele por algum tempo. Quando retornou a

Sabá, ela recebeu de Salomão uma grande fortuna em ouro e objetos preciosos (1Rs 10.13).

Embora essa fosse uma cena aparentemente feliz, com a rainha maravilhada com a grandeza do reino de Salomão e agradecida ao Deus que ele adorava, também era um quadro que reunia dois governantes de dois países pagãos: a rainha de Sabá e Hirão, o rei de Tiro. Tal comunhão seria condenada mais tarde pelos profetas como responsável pelos pecados dos reis de Jerusalém (Is 7). Além disso, embora o costume de um rei ter várias esposas fosse algo comum naquela época, estava em conflito com a lei de Deus (1Rs 11.2). Tão séria foi esta quebra de mandamento, que Deus apareceu a ele pela terceira vez e o repreendeu, dizendo que nos dias de seu filho o reino seria dividido (1Rs 11.9-13).

Na verdade, Salomão teve uma vida libertina e devassa, a ponto de dizer que *“não houve prazer que os meus olhos desejaram e eu os neguei, nem privei o meu coração de alegria alguma [que ele desejou ter – grifo do autor]”* (Ec 2.10). Isso levou Salomão a ter ao todo setecentas esposas e trezentas concubinas (mil mulheres no total). Sua primeira esposa, aparentemente, foi a filha do Faraó egípcio (1Rs 11.1), e outra esposa citada é Naamá, a amonita (mãe de Roboão, sucessor de Salomão). Isso nos ajuda a ter noção de quão longe os pés e o coração de Salomão andaram de Deus.

Vale à pena lembrar, entretanto, que essa “coleção de mulheres”, obviamente era mais um símbolo de virilidade e poder político do que bravura amorosa. Certamente, Salomão não se relacionava sexualmente com as mil mulheres, pois muitas delas não passavam de casamentos que representavam acordos políticos.

Infelizmente, essa quantidade extravagante de esposas de Salomão trouxe para ele muitos males. Inclusive, a multiplicidade de prática religiosa – oriundas das religiões dessas esposas – em seu reino. Salomão foi mais tolerante com as religiões pagãs do que qualquer outro líder anterior da história de Israel. Ele permitiu que várias cidades cananeias que haviam sido anexadas a Israel mantivessem seus costumes pagãos na adoração no templo em Jerusalém, adaptando-os para parecerem-se com a lei judaica. Na velhice, o próprio Salomão praticou o paganismo. *“A medida que Salomão foi envelhecendo, suas mulheres o induziram a voltar-se para os outros deuses, e o seu coração já não era totalmente dedicado ao Senhor, o seu Deus, como fora o coração do seu pai Davi”* (1Rs 11.4).

É possível que sua tolerância com relação ao paganismo tenha sido também uma força em termos políticos e diplomáticos, mas certamente isto

ajudou a abrir o caminho para os desastres espirituais que em poucos anos dividiriam o reino, provocando no futuro, o desaparecimento das dez tribos do norte depois de 722 a.C. No entanto, Deus lhe disse que iria certamente tirar o seu reino, mas não enquanto ele vivesse.

Quando Deus fez sua aliança com Salomão, o advertiu da seguinte maneira: *“Mas se você ou seus filhos se afastarem de mim e (...) prestarem culto a outros deuses e adorá-los, desarraigarei Israel da terra que lhes dei, e lançarei para longe da minha presença este templo que consagrei ao meu nome. Israel então se tornará objeto de zombaria entre todos os povos”* (1Rs 9.7-8).

Embora Salomão seja lembrado como o mais sábio governante da história, ele cometeu uma quantidade incontável de erros que, por fim, levaram à desintegração de seu reinado. O fato de humanamente, ele ter sido o monarca mais bem-sucedido do mundo, não compensou o fracasso de sua vida também não ter sido um sucesso em termos de verdades eternas. O homem que inicialmente teve *“um coração que ouvia”* (1Rs 3.9), logo passou a ter uma mente totalmente poluída e um coração engessado para Deus. Ele também parece ter errado perante o Senhor em oferecer sacrifícios no templo – função que era permitida apenas aos sacerdotes (1Rs 9.25; Êx 23.14). Isso era um pecado perante Deus. O reino de Israel havia sido tirado de Saul anteriormente por causa disso (1Sm 13.8-14).

O escritor de 1 Reis, afirma que Salomão foi o autor de 3 mil provérbios e 1.005 cânticos (1Rs 4.32). Os eruditos, também atribuem a Salomão os salmos 72 e 127. Salomão também *“entendia acerca das plantas, desde o cedro que está no Líbano até o hissopo que brota na parede. Também entendia de animais e de aves, e de répteis e de peixes. E de todos os povos vinha gente ouvir a sabedoria de Salomão”* (1Rs 4.33-34).

Ele reinou durante 40 anos – 970 a 931 a.C. – e foi sepultado na cidade de Davi em Jerusalém (1Rs 11.42; 2Cr 9.30-31). Seu filho Roboão o sucedeu, mas as 10 tribos do Norte se rebelaram e elegeram Jeroboão como rei pouco tempo depois. A monarquia unificada – que havia sido iniciada por Saul, expandida por Davi e consolidada por Salomão – então chegava ao fim e se dividira irrecuperavelmente.



Samuel

Nome hebraico, significa "Nome de Deus" ou "Ouvido por Deus".

Samuel pode ser considerado o último dos juizes e o primeiro dos profetas, porque teve a oportunidade de observar a transição entre os dois grandes períodos da história judaica: a teocracia e a monarquia. Ele serviu a Israel como juiz, sacerdote e profeta. Tanto como o último juiz (At 13.20), como sendo o primeiro profeta (At 3.24), Samuel teve um ministério bem-sucedido *"e todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor"* (1Sm 3.20).

Samuel era filho de Ana e Elcana. Seu pai era descendente de Levi, embora não da linhagem sacerdotal de Arão (1Cr 6.33-34). Eles moravam na região montanhosa de Efraim em Ramá. Sua mãe era estéril, e ela orou ao Senhor e recebeu a promessa, por meio do sacerdote Eli, de que teria um filho. Quando o menino nasceu, ela o dedicou ao Senhor. Assim que Samuel foi desmamado (entre 2 ou 3 anos), Ana o levou a Siló e o deixou aos cuidados do sacerdote Eli.

Desde sua mais tenra infância, Samuel serviu no tabernáculo usando uma veste sacerdotal judaica, um éfode de linho (1Sm 2.18; 3.1), e se tornou o "discípulo" do velho sacerdote Eli. Este era um período de declínio espiritual na nação. Naqueles dias poucas mensagens vinham do Senhor, e as visões também eram raras (ou *"não havia visões manifestas"* – 1Sm 3.1). No entanto, era nesse tempo que *"o Senhor se manifestava por palavras a Samuel, em Siló"* (1Sm 3.21).

O Sacerdote Eli criou o menino na casa do Senhor e o treinou para auxiliá-lo na ministração perante o Senhor. Samuel morava no tabernáculo do Senhor, e dormia a poucos metros da arca da aliança (1Sm 3.3). Quando Samuel tinha provavelmente 12 anos (segundo o registro de Flávio Josefo), Deus o chamou durante a noite. Era a primeira vez que Samuel ouvia a voz de Deus. Samuel pensou que era Eli que o chamava e foi até ele. Isso aconteceu mais duas vezes naquela noite. Na terceira vez, Eli percebeu que era Deus querendo falar com Samuel *"que ainda não conhecia o Senhor"* e ensinou o menino como deveria responder ao Senhor: *"Fala Senhor, que o teu servo ouve"* (1Sm 3.7-9).

Deus então chamou Samuel mais uma vez e lhe entregou uma dolorosa mensagem dizendo que a casa de Eli era indigna no sacerdócio e deveria ser destruída, e que outra família sacerdotal assumiria o

sacerdócio de Israel (1Sm 3.10-18). Esse oráculo foi o início do seu ministério profético.

Na manhã seguinte, Eli insistiu que o atemorizado menino lhe contasse a mensagem. Aceitando calmamente a palavra de Deus, Eli contou a todo Israel a visão de Samuel no santuário e que o menino estava confirmado como profeta do Senhor. Pouco tempo depois, os filhos de Eli foram mortos em uma batalha contra os filisteus e a arca da aliança foi tomada. Quando Eli soube da notícia, caiu para trás na cadeira, quebrou o pescoço e morreu.

Depois da morte de Eli, embora não fosse descendente de Arão, Samuel serviu como sacerdote. Entretanto, a captura da arca da aliança significava que Deus havia abandonado Siló. Embora a narrativa bíblica não mencione nos livros históricos a destruição de Siló, há referências que dão a entender que isso aconteceu (Sl 78.60; Jr 7.12-14; 26.6-9). Siló deixou de ser mencionada como centro religioso de Israel após o capítulo 4 de 1 Samuel. E com isso, Samuel ficou sem um local para ministrar. Por isso, ele retornou a Ramá – seu lugar de origem – onde construiu um altar e dali julgava a todo o Israel, fazendo um circuito regular onde dirigia tribunais anualmente em Betel, Gilgal e Mispa (1Sm 7.15-16).

Algum tempo depois, ele reuniu todos os líderes de Israel em Mispá e os alertou a deixarem as práticas idólatras e oferecerem sacrifícios somente ao Senhor. Quando eles ofereceram sacrifício, Deus se manifestou com grande estrondo, fazendo com que os filisteus, que haviam se posicionado para atacar Israel, fugissem assustados (1Sm 7.10). Isso convenceu o povo acerca da autoridade espiritual que estava sobre Samuel. A vitória foi celebrada com a colocação de uma pedra memorial em Mispa (1Sm 7.12), que se chamou “*Ebenézer*”, que significa “*Até aqui nos ajudou o Senhor*”.

Quando ia findando o seu ministério público, Samuel fez uma revisão histórica do passado do povo de Israel, exortou os israelitas a aprenderem com a história e demonstrou sua autoridade orando para que viessem trovões e uma forte chuva (1Sm 12.18). Ao ouvir suas declarações proféticas e ver a devastação causada pela tempestade, o povo pediu a Samuel que orasse por eles. Ele concordou, mas advertiu-os sobre o juízo iminente de Deus: “*Tão somente temei ao Senhor, e servi-o fielmente de todo o vosso coração; considerai quão grandes coisas voz fez. Se, porém, perseverardes em fazer o mal, perecereis, assim vós como o vosso rei*” (1Sm 12.24-25).

Na sua velhice, Samuel já estava preparado para transferir a autoridade para os seus filhos: Joel e Abias, que foram constituídos juízes por Samuel em Berseba (1Sm 8.1-2). Entretanto, Samuel cometeu a mesma falha de Eli. Seus filhos “*não andaram pelos caminhos dele, mas se inclinaram à avareza, aceitaram subornos e perverteram o juízo*” (1Sm 8.3). Parece que Samuel havia herdado de Eli o mesmo estilo de paternidade, pois assim como Eli, Samuel possuía uma vida correta, mas gerou filhos desviados.

Os anciãos de Israel, percebendo que o velho sistema dos juízes sacerdotes tinha se tornado pesado demais, vieram a Samuel e exigiram que ele escolhesse um rei. Samuel resistiu, dizendo que Deus era suficiente como rei para Israel, mas eles insistiram em um rei. Samuel ainda os advertiu sobre a opressão que viria através de um monarca, mas eles continuaram a insistir. Por fim, Deus ordenou a Samuel que escolhesse um rei para eles, dizendo que Ele próprio o guiaria nessa tarefa (1Sm 8.10-22). Saul foi esse rei.

Apesar de um início promissor, o rei Saul começou a destruir o seu relacionamento com o profeta Samuel ao oferecer em desespero um holocausto antes de um combate sem esperar a chegada do profeta. Somente os sacerdotes podiam oferecer holocaustos, e Saul não era um sacerdote. Samuel então anunciou a Saul que “*o Senhor lhe tiraria o reino, e daria a um homem segundo o seu coração*” (1Sm 13.14).

Em outra ocasião, Saul desafiou as instruções de Samuel de exterminar completamente os amalequitas, pois guardou parte dos rebanhos e poupou a vida de Agague, o rei amalequita. Esse incidente causou uma ruptura decisiva entre os dois e resultou na rejeição definitiva de Saul como rei em Israel.

Quando Samuel disse a Saul que Deus o havia rejeitado, Saul agarrou-se à barra do manto do profeta e o rasgou. Samuel disse a ele: “*O Senhor rasgou de você hoje o reino de Israel, e o entregou a alguém que é melhor que você*” (1Sm 15.28). Samuel ainda exigiu que Agague fosse trazido à sua presença: “*E disse Samuel: ‘Assim como a tua espada arrancou das mulheres os seus filhos, entre as mulheres, a sua mãe também perderá o seu filho’. E Samuel fez Agague em pedaços diante do Senhor, em Gilgal*” (1Sm 15.33). Após essa sangrenta manifestação, Samuel retirou-se para sua casa em Ramá e Saul nunca mais o viu.

Sendo rejeitado por Deus, Saul se tornou paranoico e rancoroso, chegando ao limite da loucura. Entretanto, de alguma maneira parece que Samuel ainda pretendia insistir em recuperar Saul, mas Deus disse

a ele: *“Até quando terás dó de Saul, sendo que eu já o rejeitei?”* (1Sm 16.1). Deus então enviou Samuel a Belém, para que ele unguisse um dos filhos de Jessé como o futuro rei de Israel. Esse filho era Davi. Embora ainda se passasse aproximadamente quinze anos até ele receber o trono.

Quando Samuel viajava de Ramá para Belém, ele tinha que passar pelas terras de Gibeá, que era a cidade de Saul. Ele certamente temia por sua vida, e por isso não revelou a ninguém a verdadeira razão que o levava a Belém. Simplesmente disse que havia ido visitar Jessé para oferecerem um sacrifício juntos.

Infelizmente, Samuel não teve o privilégio de viver o bastante para ver Davi assumir o trono. Enquanto Saul perseguia Davi para matá-lo em En-Gedi – nas regiões desérticas da Judeia – Samuel morreu, e foi sepultado em Ramá, e sua morte foi lamentada em toda a nação (1Sm 25.1).

Encontramos Samuel pela última vez em uma estranha e polêmica história que aconteceu depois de sua morte. Saul foi procurar uma feiticeira em En-Dor, para que ela trouxesse de volta “o espírito de Samuel” para ele consultá-lo sobre a luta contra os filisteus. Como o Urim e o Tumim – um dado de pedra que dava respostas – não funcionava nas mãos de Saul e não havia nenhum outro profeta para ele consultar, Saul então decidiu se disfarçar e ir consultar essa feiticeira. *“Um velho envolto num pano apareceu”* e anunciou a morte de Saul e seus filhos: *“Amanhã tu e os teus filhos estareis comigo, e o acampamento de Israel também. O Senhor o entregará nas mãos dos filisteus”* (1Sm 28.19). A crença cristã propõe que o espírito que surgiu na história não era o de Samuel, mas sim um espírito qualquer que se passou pelo espírito do profeta. Duas evidências parecem demonstrar isso: primeiro, o fato de não ser confirmado que era Samuel, mas sim *“um velho envolto num pano”*. Segundo, *“esse velho”* disse que no outro dia Saul e seus filhos estariam com ele. Onde? Como? Dificilmente Saul – que morreu como suicida se lançando sobre uma espada – foi para o mesmo lugar que Samuel.

Samuel, por fim, deixou um legado como um fiel servo do Senhor. Hemã, um dos cantores de Davi, era neto do profeta Samuel (1Cr 6.33). Samuel teve também seu nome mencionado no Novo Testamento entre os heróis da fé (Hb 11.32).



Sansão

Nome hebraico, significa “Pequeno sol”.

O relato bíblico não dá explicação, etimologia ou significado para o nome Sansão. Contudo, é derivado do termo *shemesh*, que significa “sol”. Isto não é inesperado, visto que Sansão tenha nascido a poucos quilômetros de Bete-Semes, a cidade cujo nome significa “casa do sol”. Provavelmente, essa cidade foi outrora o lugar de um santuário ao deus sol, isso devido ao fato desses nomes serem sobreviventes da antiga Canaã, que reflete a adoração cananita do sol antes da ocupação dos israelitas. Embora a derivação do nome Sansão da palavra *shemesh* seja clara, a função do termo *on* do nome não é tão clara. Possivelmente, representa uma terminação diminutiva fazendo então o nome significar “pequeno sol”.

Sansão foi um herói israelita e o último dos juízes de Israel antes da transição de Eli para Samuel que culminou na monarquia (Jz. 13.24 – 16.31). Os filisteus já oprimiam os israelitas por 20 anos. As armas de Sansão – uma queixada de jumentos, suas mãos vazias e sua força física – claramente indicavam que Israel estava sem armas de guerra e explicam o sucesso dos filisteus. Os filisteus tinham uma cultura de guerra material superior, que incluía a fundição de ferro. Eles guardavam especificamente esse conhecimento e impediam que os israelitas aprendessem a usá-lo para fazer armas de ferro (1Sm 13.19-23). Assim, Israel não era ameaça para os filisteus, a menos que tivessem um homem de extraordinária força, como Sansão, lutando por eles.

O livro dos Juízes tenta enquadrar Sansão no padrão dos chefes tribais chamados “juízes” e diz que ele foi um juiz em Israel na época dos filisteus, durante 20 anos (Jz 15.20). No entanto, nada da narrativa sugere que ele tenha exercido seu papel de juiz e comandado seu povo em batalhas. Ele não chamou ninguém mais para ajudá-lo, não liderou tropas para guerras e em nenhum sentido foi um líder nacional. Na verdade, tudo o que ele fez foi para se vingar de seus próprios erros pessoais contra os filisteus. Sua motivação sempre foi pensando apenas nele, e nunca no povo. A sua história nos dá a impressão que ele nada tenha feito para julgar, pois estava “ocupado” demais entrando e saindo de encrencas.

Os quatro capítulos de Juízes dedicados a Sansão (13-16) foram construídos sobre o tema de um voto quebrado. Sansão recebe tanta atenção no livro dos Juízes, talvez porque sua vida resume muito bem o tema do livro: “Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia

o que lhe parecia bem” (Jz 21.25). Ele é bem lembrado por suas nobres façanhas, contaminadas pela falta de domínio próprio. Sansão, assim como Israel, testou a paciência do Senhor ao extremo. Seu sucesso, entretanto, foi esporádico e de curta duração.

Sansão pertencia à tribo de Dã, que na época estava dividida em duas partes. Sansão viveu na parte sul, na região que hoje chamamos de “Faixa de Gaza”, no sudeste da Palestina. Quando Josué distribuiu as terras de Canaã para as doze tribos, ele entregou a Dã esta região de Gaza. Entretanto, muitos dos danitas não ficaram satisfeitos com essa divisão, lançando-se a descobrir terras ao norte por conta própria. Eles tomaram a cidade de Laís, renomeando-a como Dã e estabeleceram-se ali.

Infelizmente os danitas rapidamente se renderam ao culto idólatra. O restante dos que ficaram para trás em Gaza, permaneceram leais a Jeová, e entre eles estavam os antepassados de Manoá. No entanto, nessa época, os filisteus haviam tomado o controle de Canaã, e oprimiam os israelitas.

Sansão nasceu em aproximadamente 1090 a.C. no início da opressão dos filisteus em Zorá (Jz 13.1). Zorá está localizada no lado oposto do vale de Soreque, de Bete-Semes, muito perto da fronteira Filisteia-Israelita daqueles dias. Bete-Semes estava na época no domínio dos israelitas (1Sm 6.12-16), porém as ruínas arqueológicas da camada III (1200-1000 a.C.) revelam que a cidade estava sobre uma forte influência dos filisteus.

Sansão era filho de Manoá e sua esposa, a quem a Bíblia não revela o nome. Certo dia apareceu um anjo a ela, dizendo que ela teria um filho, e a existência desse filho estaria ligada a um propósito de Deus para libertar os israelitas do domínio dos filisteus. Uma das formas desse menino não se esquecer disso seria o compromisso do nazireado que ele teria que honrar por todos os dias da sua vida. O nazireu era alguém separado para Deus (Nm 6). Havia algumas restrições no nazireado, entre elas, a proibição de tocar em coisas mortas, de beber ou comer qualquer coisa que fosse fruto da videira e a proibição de cortar os cabelos. Desse modo a pessoa nunca se esqueceria que o seu estilo de vida era um memorial da sua aliança diferenciada com Deus.

Um detalhe interessante nessa história é que as proibições do nazireado estavam válidas não apenas para Sansão, mas também para a sua mãe. Desde aquele momento até o nascimento do menino, ela também não poderia tocar em coisa morta e nem comer do fruto da vide. Se considerarmos o nazireado como um modelo de santificação e consagração pessoal podemos interpretar essa exigência de Deus para a

esposa de Manoá como uma ordenança de que a santificação de Sansão começaria através da santificação dela. Isso nos leva a entender que a santificação de nossos filhos deve começar em nós, tornando-nos assim referências no caminho que toda a nossa descendência deverá seguir.

Os pais de Sansão dedicaram-no a ser um nazireu de Deus por toda a vida. Quando ele já era crescido, o Espírito do Senhor veio sobre ele repetidas vezes com o propósito de capacitá-lo para realizar inúmeras demonstrações de forças físicas que tinham como propósito libertar o povo do domínio filisteu (Jz 13.25; 14.6,19; 15.14).

Sansão, no entanto, não teve o cuidado de honrar a Deus como um nazireu. Quando jovem ele secretamente desobedeceu à proibição de aproximar-se de um corpo morto (Jz 14.8,9) e ofereceu e participou publicamente da ingestão de vinho em uma festa (Jz 14.10) – (O texto no original hebraico sugere que ele participou do banquete que ofereceu em seu casamento que continha vinho, bebida que era cultural nas cerimônias da época). Sansão violou o princípio nazireu de viver separado para Deus, por suas relações imorais com a prostituta de Gaza e Dalila (Jz 16.1-20). E como se não fosse o bastante, sua indiferença espiritual alcançou o clímax ao cortar seus longos cabelos, o sinal característico da consagração de um nazireu.

A narrativa de Sansão está centralizada em suas experiências com três mulheres filisteias. A primeira grande história de Sansão, fala sobre seu amor por uma mulher com quem ele propôs se casar em Timna, cidade filisteia a seis quilômetros de onde ele morava. Sansão pediu a seus pais para acertarem o casamento.

A princípio, eles protestaram, exortando-o a tomar por esposa alguém do seu próprio povo, pois ignoravam que o desejo de Sansão provinha de Deus que buscava um motivo de desentendimento com os filisteus (Jz 14.4). Sansão, porém convenceu a eles a irem até a casa da jovem para conversar com a família.

Durante essa visita, Sansão encontrou um leão nas vinhas de Timna e o matou usando apenas as suas mãos. Ao passar pelo lugar em uma outra ocasião, afastou-se do caminho para ver o que havia acontecido com a carcaça do leão, e notou que um enxame de abelhas havia feito ali a sua colmeia. Sansão sem pensar nas consequências daquela atitude recolheu o mel, comeu uma parte e a outra parte deu aos seus pais, não dizendo a ele que retirara o mel do corpo do leão.

Ali Sansão estava quebrando sua primeira aliança ao tocar o corpo do leão. Duas coisas precisamos aprender aqui: a ilusão da doçura do

mel e a omissão da origem do mel para os pais de Sansão. A ilusão da doçura do mel se refere ao fato de que o “bem-estar” da doçura do mel não compensava o prejuízo que era necessário para tê-lo, pois o acesso a ele custaria à quebra de uma aliança com Deus no nazireado. E a omissão de Sansão em não revelar a origem daquela porção de mel demonstra a consciência dele em saber que estava quebrando o voto, a final de contas, seus pais sabiam que ele não poderia tocar em algo morto. Sansão representa o tipo de pessoa que se beneficia do erro, mas não quer que isso custe a sua reputação. Essa atitude de Sansão nos ensina um princípio: Se você não puder contar como fez algo, então não faça.

Alguns dias depois como era o costume, Sansão ofereceu a festa de casamento na aldeia da noiva. A palavra hebraica usada no texto para festa é *misteh*, que significa uma rodada de bebidas cuja pessoa que oferece também participa. Embora o texto não diga especificamente que Sansão bebeu, a sugestão do texto hebraico é que ele o fez, e deste modo quebrou o segundo compromisso do seu voto de nazireu. Esta festa se prolongou por sete dias, e foram convidados 30 jovens filisteus. Sansão lhes propôs um enigma, se eles descobrissem a resposta o prêmio seria 30 vestes de festas. O enigma era: “Do que come saiu comida, e do forte saiu doçura” (Jz 14.14). Os enigmas era um passatempo comum nas festas daqueles dias. Não conseguindo decifrar o enigma eles persuadiram a noiva de Sansão para que ela conseguisse dele a resposta. Ela atormentou Sansão até que conseguiu a solução do enigma.

Na última noite da festa, os filisteus triunfantemente apresentaram a resposta “O que é mais doce do que o mel? E o que é mais forte do que o leão?”. Sansão encheu-se de fúria e replicou: “Se não tivesses lavrado com a minha novilha, não terias adivinhado o meu enigma”.

Sansão se afastou altivamente e foi a Asquelon, onde matou 30 filisteus, dos quais tirou os trajes festivos para pagar o prêmio e os entregou aos jovens que declararam o enigma. Porém ele se irou e subiu à casa de seu pai sem consumir fisicamente seu casamento.

Quando sua ira se aplacou, foi novamente a casa de sua mulher levando um cabrito de presente. Seu sogro, porém, o impediu de entrar no quarto da jovem, dizendo que pelo fato dele ter se ausentado da festa de casamento, ela havia sido dada a outro homem, um filisteu, que fora acompanhante de honra de Sansão no casamento (esse acompanhante de honra era uma espécie de padrinho). De acordo com a lei cananita, influenciada pela lei sumeriana e babilônica, o pai poderia dar sua filha a outro homem quando o primeiro noivo a deixasse antes da consumação

do casamento. Mas era expressamente proibido dá-la ao padrinho, o qual devia proteger os interesses do noivo. Mediante a isso, o pai da jovem ofereceu a Sansão uma irmã mais nova, como substituta. Sansão rejeitou a proposta e declarou-se no direito de se vingar do povo de sua mulher.

Sansão capturou 300 raposas, amarrou-as duas a duas pela cauda, prendeu tochas acessas entre as caudas e soltou os animais nos campos de trigo dos filisteus. Era tempo de colheita e o fogo consumiu os feixes e também os grãos ainda não colhidos, e estes queimaram de tal forma que o mesmo fogo queimou também as vinhas e os olivais.

Os aterrorizados filisteus indagaram quem havia causado aquela destruição e lhes disseram que Sansão estava se vingando pelo que a família de sua mulher havia lhe feito. Em represália, os filisteus sabendo que a lei estava do lado de Sansão, se vingaram ateando fogo sobre a mulher que era a noiva de Sansão e sobre o seu pai, queimando-os, que era o castigo comum de uma adúltera (Jz 15.6). Sansão ao saber disso se irou contra os filisteus e reagiu com violência matando muitos deles e fazendo deles uma grande carnificina (Jz 15.8), e em seguida se refugiou em uma fenda nas rochas de Etã.

Naquele momento, o que havia começado como um desentendimento em uma família já ameaçava se tornar uma guerra. Os filisteus enviaram uma tropa armada ao território da tribo de Judá, exigindo que Sansão lhes fosse entregue. Os homens de Judá foram ter com Sansão em seu esconderijo e lhes disseram: “Não sabes que os filisteus dominam sobre nós? Que nos fizeste? (Jz 15.11) e ele retrucou “Assim como me fizeram eu fiz também”. Sansão então aceitou que os homens de Judá o amarrassem para entregá-lo aos filisteus, com a promessa de que eles mesmos não tentariam matá-lo. Ataram-no com duas cordas e o levaram até aonde os filisteus aguardavam.

Porém, quando os inimigos gritaram em triunfo, o Espírito do Senhor veio sobre Sansão e ele arreventou as cordas que o amarravam, e vendo uma queixada de jumento, apanhou-a e com ela atacou e matou mil dos filisteus que ali estavam (Jz 15.14). Quando ele acabou de lutar lançou aquela queixada fora e chamou aquele lugar Ramate-Lei, “A colina da queixada”. Após esse grande esforço, Sansão sentiu uma grande sede. Reconhecendo que o poder de Deus o auxiliava, pediu socorro ao Senhor, que providencial e milagrosamente matou a sua sede. O Senhor abriu uma fenda no solo de onde brotou água, e ele bebeu até saciar-se e recobrou-se o ânimo.

Algum tempo depois Sansão foi passar a noite em Gaza, e ali se enveredou mais uma vez em seus caminhos imorais. Naquela noite ele

dormiu com uma prostituta. A notícia de sua presença correu pela cidade e um grupo de homens armou-lhe uma emboscada perto do portão da cidade, fechando assim o portão para que ele não fugisse. Porém, ele se levantou à meia-noite e arrancou os portões da cidade de Gaza, junto com os batentes e as trancas, carregando tudo sobre os ombros até o alto de um monte perto de Hebrom, a alguns quilômetros dali. Fazendo isso ele humilhou sobremaneira os moradores de Gaza, pois os portões simbolizavam a força e resistência de uma cidade (Jz 16.1-3).

Passado algum tempo Sansão novamente se deixou levar pela sua atração pelas mulheres filisteias. Apaixonou-se por Dalila, que morava no vale de Soqueque. Foi esta a causadora de sua ruína. Um grupo de príncipes filisteus veio a ela, oferecendo cada um deles, 1.100 ciclos de prata, o equivalente a 13 quilos de prata, caso ela conseguisse arrancar dele o segredo de sua força descomunal, a fim de capturá-lo e subjuguá-lo.

Nenhum homem poderia ser tão forte quanto ele sem nenhum tipo de segredo. Fingindo satisfazer a curiosidade de Dalila, Sansão lhe disse que ficaria indefeso se o amarrassem com sete tiras de couro úmidas. Escondendo homens filisteus em seu quarto, Dalila amarrou Sansão enquanto ele dormia e então gritou: “*Os filisteus vêm sobre ti Sansão*” (Jz 16.9). Ele se levantou e arreventou as cordas com facilidade. A mesma história se repetiu com cordas ainda não usadas, e mais uma vez a história se repetiu, quando Dalila teceu as sete tranças do cabelo de Sansão com a urdidura de uma teia e as prendeu com um pino. Em todas as ocasiões, ele conseguia se livrar e o plano de capturar Sansão não se concretizava.

Tendo falhado por três vezes, ela o importunou até que “*ele se angustiou até a morte*” (Jz 16.16). Por fim, ela o venceu e ele revelou que, como havia sido dedicado ao serviço do Senhor desde o nascimento, sua força o abandonaria com o corte dos seus cabelos. Sansão revelou que se seus cabelos fossem cortados ele seria reduzido à normalidade. Convencida, dessa vez, de ter obtido a verdade, mandou chamar os filisteus, que chegaram com a sua recompensa nas mãos. Quando Sansão adormeceu com a cabeça sobre seus joelhos, Dalila chamou um dos homens para cortar-lhes os cabelos e a sua força se retirou dele.

Quando Sansão tentou se livrar dos filisteus não conseguiu, pois o Espírito do Senhor havia se retirado dele (Jz 16.20). Ironicamente o valente que nenhum homem pode conquistar foi derrubado por uma mulher. Daquela vez os filisteus conseguiram prendê-lo e subjuguá-lo. Furaram-lhe os olhos e o levaram a Gaza, onde o puseram para trabalhar girando um moinho no cárcere, serviço que normalmente era feito por animais.

Alguns comportamentos em Sansão nos revelam nela uma personalidade muito complexa. Ele era um homem de um temperamento indomável, possuía uma insaciável sede por vingança e uma inclinação por mulheres imorais. Seu compromisso do nazireado foi se desfazendo aos poucos, de uma maneira muito sutil. As consequências de sua desobediência foram sobre ele manifestas apenas quando o último elo desse compromisso foi rompido, o corte dos seus cabelos.

Após ele ter tocado no leão morto e ter ingerido vinho, nenhuma reação negativa aconteceu a ele, mas após seus cabelos terem sido cortados, na mesma hora ele perdeu sua tão admirável força. Se encontrássemos Sansão 30 minutos depois dele ter comido o mel retirado do corpo do leão, não suspeitaríamos que ele houvesse quebrado aquela aliança. Se encontrássemos Sansão 30 minutos depois dele ter bebido vinho, não suspeitaríamos que ele houvesse quebrado aquela aliança.

Mas, se encontrássemos Sansão 30 minutos depois dos seus cabelos terem sido cortados perceberíamos que algo errado havia acontecido. As duas primeiras alianças quebradas produziram uma mudança interna, somente a terceira aliança depois de quebrada produziu uma mudança externa. Isso nos ensina que quando alguém chega a mudar por fora, é porque primeiro, algumas mudanças já ocorreram por dentro por algum tempo. O exterior é apenas um reflexo do nosso interior. Precisamos pedir que Deus sonde nossos corações e remova de nós todo caminho mal que se não for tratado por causar mudanças irreparáveis.

Alguns dias depois todos os príncipes filisteus se reuniram no templo do deus Dagon, para a celebração da captura de seu inimigo (Dagon era o deus do trigo e da produtividade dos cananeus, cujo culto foi absorvido pelos filisteus). E como os filisteus desejam se alegrar pela ruína de Sansão mandou trazê-lo para se divertirem dele (Jz 16.25). O templo estava cheio e aproximadamente 3 mil pessoas se amontoavam no telhado, para zombarem de Sansão.

Sansão conhecia a estrutura do templo por ter estado antes em Gaza e pediu ao moço que o guiava para que o levasse até as duas colunas que sustentavam o templo. Quando se encontrava entre elas e as tocou com suas mãos, suplicou ao Senhor, para que ele lhe desse pela última vez a força que um dia ele teve, para que ele se vingasse dos filisteus e morresse junto com eles (Jz 16.30).

As colunas estalaram e cederam e o edifício inteiro desabou, matando todos os presentes junto com Sansão. No ano de 1972, em Tell Qasile, nas ruínas do primeiro templo filisteu encontrado na Palestina,

foram descobertas duas bases de pedra, tombadas uma para cada lado e separadas a uma distância de 90 centímetros uma da outra. Provavelmente esse tenha sido o templo onde ocorreu essa tragédia com Sansão. Sua família veio buscar seu corpo e o enterrou no túmulo dos seus pais, entre Zorá e Estaol, na região de sua infância.

Apesar dos defeitos do seu caráter, o seu nome aparece no Novo Testamento como um dos heróis da fé (Hb 11.32). Mas, devido à sua falta de autocontrole, seu ministério foi altamente ineficiente. Assim, ele não conquistou uma libertação permanente para Israel. Somente cerca de 50 anos depois, o rei Davi terminou o trabalho começado por Sansão, quando este definitivamente derrotou os filisteus e encerrou seu domínio na região.



Sara

Nome hebraico, significa "Princesa".

Sara era esposa de Abraão e foi a mãe de Isaque. Ela casou-se com Abraão quando ainda moravam em Ur dos Caldeus, na antiga Mesopotâmia. Sara era cerca de dez anos mais nova que Abraão (Gn 17.17). Curiosamente, também era meia-irmã de Abraão (Gn 20.12).

Sara era considerada uma mulher muito bonita, a ponto de com sessenta e cinco anos despertar grande interesse no faraó do Egito. No entanto, quando ele descobriu que Sara era esposa – e não irmã, como Abraão havia dito – a devolveu e repreendeu a Abraão dizendo-os que seguissem viagem (Gn 12.12-20). Vinte anos depois, Abraão sofreu novamente um lapso e disse mais uma vez que Sara era apenas sua irmã. Desta vez, Abimeleque, o rei de Gerar, foi avisado por Deus, em sonhos, de que Sara era casada com Abraão (Gn 20). Um dos Manuscritos do Mar Morto achados em 1948, possui um comentário apócrifo sobre a vida de Abraão falando longamente sobre a beleza de Sara.

No entanto, a tragédia da vida de Sara era ser estéril. O fato de não ter filhos era amplamente irônico, pois o Senhor sempre dizia a Abraão que tornaria sua posteridade numerosos *“como a poeira da terra”* (Gn 13.16), e que toda a terra de Canaã pertenceria a seus descendentes.

Quando Sara tinha setenta anos, ela parece ter aceitado a ideia de que nunca teria um filho. De acordo com a lei daquele tempo, se a

esposa de um homem fosse estéril, ele poderia conceber um filho de outra mulher e o menino seria considerado legal desse homem e dessa mulher. Por causa disso, Sara orientou que Abraão tomasse a escrava Hagar, e tivesse um filho com ela.

Assim que Hagar engravidou, ela começou a tratar Sara com desprezo até que se tornou insustentável a convivência das duas. Sara exigiu que Abraão expulsasse Hagar de sua casa. Ele se recusou a fazer isso e disse a Sara que cuidasse pessoalmente do problema. Sara então destratou Hagar, que fugiu para o deserto (Gn 16.4 em diante). Lá, um anjo disse a ela para que voltasse e prometeu que Ismael seria pai de uma grande nação.

Quando completou noventa anos, seu nome foi mudado para Sara (até então ela chamava-se Sarai). Mudanças de nome eram comuns em momentos de grande mudança na vida de alguém. Nesta ocasião, ele recebeu a promessa divina de que dentro de um ano teria um filho e se tornaria “*mãe das nações*” (Gn 17.15-17; 18.9-15). Em outra ocasião, Abraão recebeu uma teofania e pediu a Sara para assar uns bolos para três varões – que eram anjos – que visitaram Abraão. Ao ouvir pelo lado interno da tenda, ela sorriu com incredulidade pensando que esta profecia sobre seu filho seria algo impossível de acontecer.

O nascimento de Isaque foi um choque para Hagar, que naquela época devia estar imaginando que Ismael seria o único herdeiro de Abraão. Sua convivência com Sara mais uma vez se tornou insuportável. Sara novamente pediu a Abraão que os expulsasse de seu clã. Novamente ele recusou, mas Deus lhe disse para fazer o que Sara queria. Abraão então, deu a ambos comida e água e os mandou para o deserto. No entanto, Deus cumpriu sua promessa e Ismael se tornou o ancestral do povo árabe.

Sara viveu até os cento e vinte e sete anos (a única mulher cuja idade por ocasião da morte está registrada na Bíblia). Ela foi sepultada perto de Hebrom, na caverna de Macpela, que Abraão havia comprado para ser a sepultura da família depois da morte de Sara (Gn 23). [Para saber mais sobre Sara, ler *Abraão*].



Saul

Nome hebraico, significa "Pedido".

Saul era filho de Quis, um homem de posses da tribo de Benjamim. Saul nasceu no século XI a.C., provavelmente por volta de 1060 a.C. Na primeira vez que aparece na Bíblia, Saul já era casado com Aquinoã, tinha um filho chamado Jônatas, e moravam em Gibeá, a cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. O todo Saul teve seis filhos – quatro filhos e duas filhas (1Sm 14.49-50; 2Sm 2.8-10)). Três dos filhos de Saul morreram com ele na batalha (1Sm 31.2), e o outro tornou-se rei no lugar de seu pai (2Sm 2.8-10); de suas duas filhas, a mais conhecida é Mical, a filha mais nova, que se casou com Davi. A outra filha chama-se Merabe.

Foi o primeiro rei de Israel e é desconhecida a idade com que ele começou a reinar. Poucas histórias da Bíblia são tão trágicas quanto à de Saul. Um herói trágico não é apenas um herói derrotado, mas alguém cuja destruição é o resultado de um defeito de caráter que poderia ter sido superado se tivesse sido percebido e confrontado. A essência dos erros de Saul estava em sua arrogância e sua obsessão pela glória e o poder.

Sua história está registrada em 1 Samuel 9 a 31. Desde os dias de Moisés Deus governara Israel através de juízes e sacerdotes especialmente dotados com poder e habilidade espirituais. Deus era o único e verdadeiro rei dos Israelitas, ele era o único que reinava (Êx 15.18) Consequentemente, embora tenha havido indivíduos que foram governantes poderosos no passado da história de Israel, ninguém havia assumido o título de rei, porque respeitavam esse princípio estabelecido por Deus. Entretanto, havia sido feita uma provisão para a ascensão do reinado na lei (Dt 19.14-20).

Quando Samuel, o último dos juízes, envelheceu, o povo pediu um rei para que eles fossem como as outras nações que estavam ao redor. Na verdade, eles não estavam retornando a Samuel como juiz, mas sim ao próprio Deus como rei sobre eles. Eles desejaram imitar as nações não apenas no governo, mas também no espírito, dependendo de suas próprias possibilidades e poder ao invés de depender do Senhor (1Sm 8). Ao aceitar este pedido, Deus ofereceu aos israelitas um rei exatamente do tipo que eles desejavam. Saul era o reflexo literal do sentimento de independência do povo.

Ele era forte, guerreiro e habilidoso, mas não agiu no poder e na sabedoria do Senhor, mas sim na dependência do seu próprio

juízo e força e isso o levou ao desastre. Deus deu aos israelitas a materialização de quem eles eram.

Saul é mencionado pela primeira vez em 1 Samuel 9.1. Aparentemente era de presença forte, alto e belo. A descrição “desde os ombros para cima sobressaía de todo o povo” torna isso muito provável. Também é bom notar que, apesar de positiva, essa primeira descrição de Saul focaliza exclusivamente as qualidades externas, em contraste, por exemplo, com a apresentação de Davi (1Sm 16.18). Logo fica claro que Saul, embora tivesse uma aparência física excelente, era carente das qualidades espirituais necessárias para ser um rei bem-sucedido em Israel.

Quis havia mandado Saul, junto com um servo, procurar por algumas jumentas que haviam se perdido nas montanhas ao norte de Gibeá. Os dois chegaram a uma localidade onde Samuel estava e resolveram consultá-lo, pois ele era um famoso profeta. Samuel já havia sido avisado pelo Senhor que Saul estava destinado a ser rei. Portanto, dedicou-lhe atenção especial, convidando a comer e passar a noite com ele. Ao nascer do dia, Samuel despediu-se dele, após tê-lo ungido com azeite e revelar-lhe que o Senhor o havia designado para ser o “*chefe de sua herança*” (1Sm 10.1). No caminho, Saul se deparou com vários sinais previstos por Samuel: dois homens lhe disseram que as jumentas perdidas haviam sido encontradas e três profetas que passavam lhe ofereceram pão. Ao encontrar um grupo de profetas descendo do lugar alto ao som de música, o Espírito de Deus desceu sobre ele, e ele profetizou entre os profetas, para espanto de todos os que o conheciam.

O primeiro indicador de sua falta de qualificação foi seu repetido fracasso em obedecer à palavra do Senhor transmitida por Samuel. As ocasiões mais conhecidas da desobediência de Saul estão em 1 Samuel 13 e 15. No entanto, Philip Long, interessadamente sugere que a primeira manifestação desse comportamento de desobediência encontra-se em 1 Samuel 10, quando Saul foi ungido por Samuel, e esses três sinais foram dados como confirmação. De acordo com o texto, quando o último se cumprisse, Saul deveria “fazer o que a sua mão achasse para fazer” (de acordo com as palavras de Samuel em 1Sm 10.7). Depois deveria ir a Gilgal e aguardar novas ordens sobre a batalha contra os filisteus, que sua ação certamente provocaria (de acordo com 1Sm 10.8).

Se Saul tivesse obedecido, teria mostrado sua submissão para se submeter ao governo de Deus. E confirmaria assim sua qualificação para ser um rei. Se assim acontecesse ele vivenciaria esses três sinais: *designação* (por meio da unção derramada), *manifestação* (por meio de um ato de heroísmo contra os filisteus) e finalmente a *confirmação*

pelo povo e o profeta. Infelizmente, ao que parece Saul se desviou da responsabilidade de 1Sm 10.7, e assim, precipitou o processo de sua ascensão. Embora sua vitória sobre os amonitas (1Sm 11) fosse suficiente para satisfazer o povo e ocasionar “renovação” de seu reinado (1Sm 11.14), pelo tom do discurso de Samuel (1Sm 12), é evidente que, pelo menos em sua mente, Saul ainda precisava passar por mais um teste.

Em 1 Samuel 13, Jônatas, e não Saul, fez o que o rei deveria ter feito, ao atacar a guarnição dos filisteus. Aparentemente, ao reconhecer que a tarefa de 1Sm 10.7 fora realizada, ainda que por Jônatas, Saul desceu imediatamente a Gilgal (em cumprimento a 1Sm 10.8) para esperar a chegada de Samuel. Esse foi o primeiro episódio de guerra em grande escala entre os israelitas e filisteus. Antes disso os embates se limitavam a poucas brigas e rebeliões não articuladas que os filisteus geralmente eram capazes de reprimir com facilidade.

No entanto, há um detalhe interessante nessa história. O relato desse incidente diz: “Então, Saul edificou um altar para o Senhor; foi a primeira vez que Saul fez isso” (1Sm 14.35). Era costume naquele tempo que qualquer judeu quando estivesse envolvido em um importante empreendimento juntar algumas pedras para fazer um altar e oferecer, pelo menos, um pequeno sacrifício. Se aquela era a primeira vez que Saul fazia isso, então ele obviamente havia sido negligente em seu dever religioso durante toda a sua vida.

Nessa ocasião Saul cometeu o seu primeiro erro gravíssimo desobedecendo à direção de Deus por meio de Samuel. Saul usurpou o ofício sacerdotal. Samuel havia dito que Saul o esperasse para sacrificar ao Senhor. Saul em sua impaciência tomou a iniciativa de oferecer os sacrifícios em preparação para a batalha, ao julgar precipitadamente que a situação militar não permitiria mais espera. Mal terminou de oficializar o holocausto, Samuel chegou. Depois de ouvir as justificativas de Saul, o profeta anunciou que o rei agiu insensatamente, por isso seu reinado não seria permanente.

O rompimento final ocorreu em uma batalha contra os amalequitas, povo que Deus havia determinado que fosse totalmente destruído, incluindo todo o seu gado. Nessa ocasião Saul cometeu um segundo erro gravíssimo, desobedecendo a essa ordenança que Deus havia o dado (1Sm 15). Tendo recebido de Deus a ordem de destruir todos os amalequitas, Saul alcançou uma vitória esmagadora, porém, fracassou por não ter obedecido todas as instruções de Deus ao poupar

Agague, o rei dos amalequitas, e também a melhor parte dos animais. Samuel novamente veio como porta-voz do julgamento de Deus.

O profeta ignorou as desculpas de Saul, de ter se aproveitado do despojo por causa da pressão do povo, e que pretendia oferecer tudo como oferta de sacrifício ao Senhor. O profeta recusou essa ideia do rei e se voltou para sair. Saul agarrou-se à orla de seu manto, que se rasgou, e Samuel logo interpretou o fato como um sinal de que o Senhor havia arrancado de Saul o reino de Israel. Samuel exigiu que o rei prisioneiro fosse trazido até ele, e Samuel “fez Agague em pedaços diante do Senhor em Gilgal” (1Sm 15.33). Diante disso, Samuel disse a Saul: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar (pelo fato de que Saul disse que iria sacrificar ao Senhor os animais capturados em desobediência)... Porquanto tu rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (1Sm 15.22-23). Após essa lição sangrenta, o profeta se retirou para sua casa em Ramá e não mais viu Saul até o fim de sua vida. O próximo ato de Samuel foi ungir o sucessor de Saul, Davi (1Sm 16).

Às vezes os comentaristas justificam ou atenuam as ações de Saul e criticam a reação de Samuel como severa demais. No entanto, de acordo com o significado da tarefa dada a Saul em 1Sm 10.7-8, como um teste para a sua qualificação, tais interpretações são equivocadas. Na ocasião da primeira rejeição de Saul (1Sm 13) e também na segunda (1Sm 15), suas ações específicas de desobediência eram apenas sintomas da incapacidade fundamental para se submeter aos requisitos necessários para um reinado teocrático. Resumindo, eram sintomas da falta da verdadeira fé em Deus (1Cr 10.13).

Depois de sua rejeição definitiva em 1 Samuel 15, Saul já não era mais aceitável diante dos olhos de Deus (embora ainda fosse permanecer no trono por alguns anos), e devido a isso, o Senhor voltou sua atenção para outro homem, ou seja, Davi. O texto de 1 Samuel 16 a 31 narra a desintegração emocional e psicológica de Saul, agravado pelo seu medo do talentoso Davi (1Sm 18.29), pois pressentia que aquele era o escolhido de Deus para substituí-lo como rei (1Sm 18.8; 20.31).

O restante do reinado de Saul foi trágico. Ele foi se afastando cada vez mais do Senhor, tornando-se ainda mais desesperado e medroso. É possível que Saul tenha se tornado um doente mental, com grandes crises de esquizofrenia. Ele ficou progressivamente pior, refém de períodos cada vez piores de depressão (1Sm 16.14; 19.9). Mesmo assim Saul se recusou a se humilhar diante de Deus. Cada vez mais ele percebia que Deus já havia

provido um sucessor, e sentia ciúmes de qualquer homem que ele pensava que podia ser um rival.

Davi, que se tornou um herói de Israel depois da derrota de Golias, foi o principal objeto de sua inimizade e medo. No dia seguinte à morte de Golias, Davi estava no palácio cantando para Saul quando o rei, em um repentino ataque de cólera, tentou por duas vezes encravá-lo na parede com uma lança (1Sm 18.10-11). Saul procurou matar Davi, perseguiu-o como se faz a um criminoso, e finalmente conseguiu expulsá-lo do reino, apesar de Davi ser agora seu genro (1Sm 18-20).

Devido ao fato do sumo sacerdote Aimeleque ter ajudado Davi, Saul assassinou uma linhagem inteira de sacerdotes em Nobe (1Sm 21-22). Embora Davi tenha poupado a vida de Saul por duas vezes, o rei não se arrependeu e prosseguiu no caminho que o levaria a destruição final. Ironicamente, depois de falhar em diversas tentativas de ceifar a vida de Davi, Saul finalmente acabou tirando a sua própria (1Sm 31.4).

O reinado de Saul terminou da mesma maneira que começou, em batalha. Mas que diferença havia! O jovem rei que prosseguia em direção a vitória, havia se tornado no velho rei que desacreditado e rejeitado caminhava para a derrota e morte. No entanto, Saul ainda não havia maculado a sua história por inteiro, faltava ainda um agravante. Em desespero, antes da sua última batalha, Saul procurou ajuda de uma feiticeira, embora em dias melhores ele havia excluído tais práticas do seu reino (1Sm 28). Na véspera da batalha ele apelou para a pitonisa de En-Dor, à procura de algum direcionamento.

O aparecimento do ancião coberto com uma capa, durante a entrevista de Saul com a feiticeira (1Sm 28.3-19), tem sido explicado de três modos diferentes: Primeiro: A personagem que subiu da terra tornou-se cúmplice com a mulher. Quando apareceu, a mulher soltou grande grito e disse a Saul: “Porque me enganaste? Tu és Saul!”. O grito que a mulher soltou fazia parte do seu truque. Ela percebeu que o consulente era o rei, por causa da sua elevada estatura, modo de trajar, linguagem e por causa do cortejo que o acompanhava. Segundo: O grito que essa mulher soltou pode ter sido em razão do aparecimento de um espírito que ela não esperava ver, e que lhe causou grande espanto.

Essa aparição, de acordo com a opinião de Lutero e Calvino era ou o Diabo ou um espírito maligno com o propósito de enganar a Saul. É bom destacar que essa mulher somente viu uma aparição que relatou em termos vagos dizendo: “Vi um homem ancião e ele estava coberto com uma capa”. Tal descrição pode ser aplicada a qualquer pessoa idosa. Saul foi

quem concluiu que era Samuel quem havia aparecido. Terceiro: Há ainda os que dizem que de fato o ancião que apareceu era Samuel. Se realmente Samuel apareceu, este é o único registro que a escritura menciona, que o espírito de um morto tenha voltado à terra para conversar com os homens, uma vez que o aparecimento de Moisés e Elias em conversa com Jesus não é comparável a essa manifestação. Seria muito estranho que tendo Deus se recusado a se revelar a Saul por meio de sonhos, ou por meio de seus profetas, consentisse que o seu servo Samuel se manifestasse para uma entrevista formalmente proibida por Deus, e por meio de uma mulher cuja prática era condenada pelas leis civis e religiosas (Êx 22.18; Lv 20.27; Dt 18.10-14; 1Sm 28.3,9; 1Cr 10.13). No entanto, o que esse ser que apareceu falou acabou acontecendo, Israel perdeu a batalha e Saul morreu na guerra. Embora Satanás não conheça o futuro, ele pode presumi-lo e foi exatamente nesse episódio que a sentença de Saul foi lançada.

Os filisteus reuniram-se em grande exército nas proximidades de Afeque (1Sm 29.1), mas, em vez de, atacar o território montanhoso de Saul diretamente, o exército se moveu na direção norte e entrou no território israelita em um ponto frágil nas proximidades de Jezreel (1Sm 29.11). Saul tentou reunir força militar adequada para enfrentar a ameaça filisteia, mas foi incapaz de fazer isso. Com preparação inadequada e forças insuficientes, ele se preparou para a batalha no monte Gilboa, (1Sm 31.1). Saul nunca deveria ter entrado nessa batalha, porque nunca poderia ter ganhado. Seus filhos foram mortos no campo de batalha, e Saul, para não cair nas mãos dos filisteus, cometeu suicídio (1Sm 31.2-6).

No dia seguinte, os filisteus encontraram o corpo de Saul no campo de batalha. Cortaram-lhe a cabeça, penduraram seu corpo e de seus filhos no muro de Bete-Seã e expuseram suas armas como troféu em seu principal templo. Quando a notícias chegaram aos habitantes de Jabes-Gileade (a cidade que Saul havia salvado no início do seu reinado), eles saíram e andaram a noite toda, recuperaram e levaram de volta os corpos de Saul e seus filhos, os cremaram e enterraram os ossos debaixo de uma árvore em Jabes, e jejuaram sete dias em sinal de luto (1Sm 31.8-13).

Do ponto de vista militar, Saul havia se tornado rei em um tempo de crise. No início, ele havia evitado um desastre, e com isso ganhou algum descanso para seu país. Mas a batalha na qual morreu foi um desastre para Israel. O país que ele deixou depois da sua morte ficou em situação pior do que era antes da sua posição de poder.

O texto de 1 Samuel não menciona a duração do reinado de Saul, mas segundo o apóstolo Paulo e o historiador Flávio Josefo, foi de 40

anos (At 13.21 – Antiquidades 6.14,9). Saul na verdade, não governou um reino unificado, mas sim uma confederação instável formada pelas doze tribos de Israel com uma fortaleza bem armada como capital. Aqueles que escreveram sobre ele enfocaram mais seus fracassos que suas virtudes.

Há até os que pensam que se Saul tivesse contado com um profeta mais compreensivo, que lhe desse apoio como Natã fez com Davi, Saul talvez tivesse sido lembrado como um dos maiores reis da história. Parece impossível desassociar o destino do reinado de Saul em ligação a figura do profeta Samuel, e desde o início o relacionamento dos dois havia se desgastado, gerando assim uma indisposição de Samuel para com Saul. Desde o início do reinado de Saul, suas relações com Samuel foram tensas.

No momento em que o rei se desviou do que havia sido instruído a fazer, o profeta voltou-se violentamente contra ele e o rejeitou. A rixa era unilateral. Por mais forte e corajoso que Saul se mostrasse em combate contra os inimigos de seu povo, se intimidava com a ira de Samuel e sentia um temor respeitoso por sua afirmação de falar por Deus. Ele não discutia nem agia quando confrontado pelo profeta.

Saul foi o primeiro rei de Israel, mas não se configura entre os principais reis. Em seus primeiros anos como rei, Saul é tratado como um homem cujos instintos básicos eram generosos; ele era bondoso e leal aos seus amigos e não guardava rancor ou ódio com relação aos que se opunham a ele (1Sm 11.12-13). Mas a verdadeira força de Saul, em seus primeiros anos, estava em sua relação com Deus. Ele se tornou rei como resultado de uma indicação divina (1Sm 10.1) e porque o “Espírito do Senhor” veio sobre ele (1Sm 10.6). A partir do momento que o Espírito do Senhor se afastou de Saul ele se transformou por completo, ao ponto de se tornar uma das pessoas mais mal lembradas da Bíblia, revelando com isso a maldade que habita no homem que não tem a presença de Deus.

Infelizmente, no final morreu derrotado, mas suas conquistas poderiam ter sido mais bem lembradas se ele tivesse sido sucedido por qualquer outro líder que não fosse Davi. Os dons e a competência de Davi eram tão magníficos e incomuns que as modestas conquistas de Saul tornaram-se discretas e somente seus erros foram lembrados.



Sofonias foi profeta em Judá e o nono dos doze profetas menores, sendo que foi o último dos profetas menores que profetizou antes do exílio da Babilônia. A origem do nome “Sofonias” deriva-se da ideia de ser escondido por Deus do mal (Sl 27.5; 31.20). Sofonias demonstrou muita familiaridade com as características físicas da cidade de Jerusalém (Sf 1.10-13), talvez tenha morado ali.

Nenhum outro profeta é apresentado com uma genealogia tão longa (Sf 1.1). Sofonias, de acordo com esta lista, pertencia à quarta geração de um homem chamado Ezequias. Devido a ligação de Sofonias com o movimento reformista alguns estudiosos sugerem que sua árvore genealógica é mencionada para mostrar seu vínculo com Ezequias, o famoso rei de Judá, que morreu em 687 a.C. Entretanto, outros estudiosos alegam que essa árvore genealógica não identifica o progenitor de Sofonias como o rei. Isso é sugerido devido ao fato de não existir nenhum registro de que o rei Ezequias teve um filho chamado Amarias, identificado como o bisavô do profeta Sofonias.

O único filho de Ezequias mencionado pelo nome é Manassés, que reinou em Judá em aproximadamente 686 a 642 a.C. e foi seguido por Amon (642 a 640 a.C.) e depois por Josias (640 a 609 a.C.). Entretanto, é provável que – assim como outros reis de Israel e Judá – Ezequias tivesse algum filho que nunca apareceu nos registros oficiais. Sendo assim, existe a possibilidade de Sofonias ter sido o único profeta com sangue real na história de Israel e Judá.

Sofonias data sua mensagem nos dias de Josias (640 a 609 a.C.). Consequentemente, é bem provável que Sofonias tenha profetizado por volta de 635 a 625 a.C. Se a data do início do seu ministério for 625 a.C., então ele começou o seu ministério na mesma época em que Jeremias também iniciou a sua trajetória ministerial.

Sofonias profetizou que Deus acabaria com toda a criação na ordem inversa em que criou (Sf 1.3-4). Para as pessoas familiarizadas com a história de como Deus criou a terra, as palavras de Sofonias revelaram uma ordem inversa de destruição. Porque Deus havia criado os peixes, as aves, os animais e o homem, nesta ordem. Mas Sofonias disse que Deus suprimiria “homens e gado... pássaros do céu e os peixes do mar” (Sf 1.3).

Sofonias também denunciou os enganadores de sua época, que tentavam influenciar com conselhos ludibriosos o rei, ostentando roupas estrangeiras. *“Seus profetas são aventureiros, homens da traição, seus sacerdotes profanaram o que é santo e violaram a lei”* (Sf 3.4).

Embora muitos tenham acreditado na palavra do profeta Sofonias, a reforma acabou findando com a morte do rei Josias, ferido na batalha contra o Faraó Neco do Egito, no ano 609 a.C. Joacaz, seu filho e sucessor, levou a nação em um caminho de retorno a idolatria. O povo retomou os costumes pecaminosos e 35 anos depois, os babilônios destruíram Jerusalém e arrasaram Judá, assim como Sofonias profetizara (Sf 1.4).

Isto serviu para fortalecer ainda mais as palavras de Sofonias, visto que no último capítulo do seu livro ele falou sobre Jerusalém: *“Ela não ouviu o chamado, não aceitou a lição, não confiou no Senhor, não se aproximou de seu Deus”* (Sf 3.2). Mas assim como o profeta Isaías, Sofonias concluiu sua profecia com uma mensagem de esperança: *“Naquele tempo vos trarei, naquele tempo vos recolherei. Certamente vos darei honra e louvor entre todos os povos da terra, quando eu restaurar a vossa sorte, diante dos seus próprios olhos, diz o Senhor”* (Sf 3.20).



Tiago

Forma grega de Jacó, significa “Aquele que agarra (o calcanhar)”.

Filho de Alfeu

Tiago

Tiago, filho de Alfeu, foi um dos doze discípulos próximos de Jesus. Ele é mencionado nas quatro listas dos discípulos no Novo Testamento (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13). No entanto, quase nada se sabe sobre ele. McBirnie sugere que ele era de Cafarnaum. Ele sempre aparece na lista dos quatro últimos discípulos, indicando que ocupava uma posição mais discreta na hierarquia do grupo.

A única coisa que as escrituras dizem sobre ele é o seu nome e de quem ele era filho. Se, porventura, ele perguntou algo a Jesus ou fez alguma coisa que o destacasse no grupo, não há registro disso nos evangelhos. Em momento algum ele chegou a ter qualquer evidência ou notoriedade. Ele não era o tipo de pessoa que chama a atenção. Era absolutamente obscuro. Até mesmo o seu nome – na época – era comum.

Contudo, ele era um dos doze. Por algum motivo, o Senhor o escolheu, treinou, deu poder como fez aos outros e enviou para testemunhar o evangelho. Ele nos lembra as pessoas de Hebreus 11.33-38, cujos nomes não são mencionados apesar de seus grandes feitos. Certamente, a eternidade vai nos revelar o nome e os testemunhos dessas pessoas, bem como de Tiago, filho de Alfeu, do qual o mundo não se lembra e sobre o qual nada se sabe.

Marcos 15.40 refere-se a ele como “Tiago, o Menor”. A palavra grega que foi traduzida como “menor” é *mikros*, que significa literalmente “pequeno”. Ou seja, parecia indicar que Tiago, filho de Alfeu era de pequena estatura. Embora, fosse possível também que essa descrição “o menor”, identificava ele sendo mais jovem do que o outro Tiago, que era filho de Zebedeu. Ambas as possibilidades parecem estar corretas.

Outra questão interessante sobre a linhagem de Tiago surge quando comparamos Marcos 15.40 com João 19.25. Ambos os versículos mencionam outras duas Marias – além da mãe de Jesus – que estavam perto da cruz de Cristo. Marcos 15.40 menciona “*Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor e de José*”. João 19.25 cita “*a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena*”. É bem provável, que a irmã da mãe de Jesus (“*Maria, mulher de Clopas*”) e “*Maria, a mãe de Tiago, o Menor*” sejam a mesma pessoa. (“*Clopas*”, podia ser um outro nome de Alfeu, ou talvez a mãe de Tiago tivesse se casado novamente depois que o pai dele faleceu). Se isso for correto, então Tiago, filho de

Alfeu – assim como Tiago e João, filhos de Zebedeu – era primo de Jesus. Essa hipótese fortalece ainda mais o cognome “o menor” para diferenciá-lo do outro Tiago.

Outra informação que também é cogitada sobre Tiago, filho de Alfeu é que ele também seria irmão de Mateus (também chamado de Levi, filho de Alfeu). No entanto, não existem referências concretas aos dois como irmãos, enquanto que outros pares de irmãos entre os discípulos sempre foram citados juntos: Pedro e André e Tiago e João, filhos de Zebedeu. A tradição sugere que Tiago, filho de Alfeu – assim como Tiago, irmão de Jesus – morreu como mártir após ter sido apedrejado em Jerusalém.



Tiago

Forma grega de Jacó, significa “Aquele que agarra (o calcanhar)”.

Filho de Zebedeu

Tiago era filho de Zebedeu e Salomé, e irmão de João, que também havia sido um dos discípulos do Senhor (Mt 4.21; 20.20; Mc 1.19; 15.40; 16.1; Lc 5.10). Eles eram pescadores no mar da Galileia. Todas as vezes que os dois irmãos são mencionados por nome, Tiago sempre aparece primeiro, dando a entender que ele era o mais velho.

O fato de serem frequentemente chamados de “filhos de Zebedeu”, parece indicar que Zebedeu era alguém conhecido naquela sociedade. Uma vez que tinha seus próprios barcos (um grande investimento) e tinha empregados (Mc 1.20), certamente, segundo os padrões da época, Zebedeu era muito próspero. Aparentemente, eles tinham também uma certa posição social privilegiada, pois João era conhecido do sumo sacerdote em Jerusalém, e pôde entrar na casa deste na noite da traição de Jesus (Jo 18.16).

Mateus relata que “*Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu*” estavam presentes na crucificação (Mt 27.56). Marcos relata que “*Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago*” compraram especiarias para embalsamar Jesus (Mc 16.1), e João diz que “*sua mãe, a irmã dela, Maria, mulher de Clopas e Maria Madalena*” estavam aos pés da cruz de Cristo (Jo 19.25). Se essa terceira mulher – que foi identificada como “*a mãe dos filhos de Zebedeu*”, “*Salomé*” e “*a irmã dela (de*

Maria, mãe de Jesus)” – for a mesma pessoa, então Zebedeu era casado com Salomé, irmã de Maria, e portanto, tio de Jesus. Sendo assim, Tiago e João seriam primos de Jesus.

Se esse for o caso, uma vez que moravam a aproximadamente 25 quilômetros de distância um do outro, eles provavelmente se conheciam desde a infância. Essa pode ter sido também uma das razões pelas quais Jesus escolheu Cafarnaum como seu lar depois da rejeição em Nazaré no início do seu ministério.

Jesus estava andando às margens do mar da Galileia quando chamou Simão Pedro e André para o seguirem. Tiago e João, estavam no outro barco com Zebedeu, e Jesus também os chamou. Eles imediatamente deixaram seu pai no barco e foram com Jesus (Mt 4.18). Posteriormente, depois de passar a noite em oração, Jesus o chamou para fazer parte do grupo dos doze discípulos (Lc 6.12-14).

Em uma leitura superficial, tem-se a impressão de que Tiago e João foram insensíveis pelo simples fato de abandonarem seu pai e seguirem Jesus. No entanto, Zebedeu certamente se alegrou pelo convite feito por Jesus e devido a quantidade de empregados que tinha, certamente, ele não ficou desamparado no serviço de pescaria depois da ausência dos seus dois filhos.

Eles – junto com Pedro – faziam parte do íntimo grupo de três discípulos de Jesus. Apenas eles estavam em algumas ocasiões ao lado do Mestre: Na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37; Lc 8.51), na transfiguração (Mt 17.1; Mc 9.2; Lc 9.28), no monte das Oliveiras (Mc 13.3), no jardim do Getsêmani (Mt 26.37; Mc 14.33), etc.

Tiago e João obviamente eram homens de personalidade forte e também eram impulsivos na forma de se expressar. Jesus os chamou de *Boanerges*, que em aramaico significa “*Filhos do Trovão*” (Mc 3.17). Esse comportamento foi revelado em uma ocasião em que os samaritanos não deram hospedaria a Jesus, e Tiago e João perguntaram: “*Senhor, queres que façamos descer fogo do céu para destruí-los ?*” (Lc 9.54).

Jesus, naturalmente, os repreendeu. O exemplo de Jesus ensinou a Tiago que a bondade e a misericórdia são virtudes a serem praticadas tanto quanto a justiça e o zelo religioso. Observe o que aconteceu: Em vez de pedir fogo do céu, eles “*seguiram para outra aldeia*” (Lc 9.56). Ou seja, eles simplesmente tentaram hospedagem em outro lugar. Alguns anos depois disso, à medida que a igreja primitiva foi crescendo e a mensagem do evangelho se espalhou para além da Judeia, Filipe, o diácono, “*descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo*” (At 8.5). Algo maravilhoso

aconteceu: *“As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. Pois os espíritos imundos de muitos possesores saíam gritando em alta voz, e muitos paralíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquele lugar”* (At 8.6-8).

Sem dúvidas, muitos dos que foram salvos pela pregação de Filipe eram algumas das mesmas pessoas a quem Jesus poupou quando Tiago e João quiseram incendiá-las. Certamente, até o próprio Tiago – que estava vivo na época – se regozijou grandemente com a salvação de tantos que outrora haviam desonrado a Cristo de modo tão evidente.

Aparentemente, Tiago e João ofenderam os outros discípulos quando pediram uma posição privilegiada no reino do Messias, querendo se assentar um à direita e o outro à esquerda do *“trono de Jesus”* (Mc 10.35-41). Provavelmente, eles ainda não haviam aprendido a crucificar a sua egoísta ambição. Jesus então passou a perguntar-lhes se eles poderiam beber o cálice que ele beberia. Claramente, essas eram metáforas para o sofrimento pelo qual, em tempo oportuno, Jesus teria que passar.

Tiago e João, sem ter noção do que aquilo representava, afirmaram que poderiam, e Jesus curiosamente lhes assegurou que de fato eles fariam isso, ou seja, beberiam do cálice de sofrimento de Cristo.

No entanto, Jesus não lhes prometeu nada acerca dos *“lugares no reino”*, mas fica claro, que eles sofreram por Cristo. Tiago foi o primeiro apóstolo a ser martirizado, em torno de 44 d.C. (At 12.1), e João, embora tenha sido o último dos doze apóstolos a morrer, não escapou, no entanto, dos sofrimentos por amor a Cristo, sendo assim, participante também de um *“pouco deste cálice”* que eles disseram que aceitariam beber.

Vale à pena ressaltar mais uma vez que, curiosamente, Tiago foi o primeiro dos apóstolos a morrer, e João, o último.

Entretanto, é justo também registrarmos, que essa *“sede por poder e por posição”* não era exclusiva de Tiago e João. Pouco antes desse pedido que eles fizeram a Jesus, encontramos uma delicada situação de conflito entre os doze sobre quem entre eles era o maior (Mc 9.33-34). Mateus e Lucas também registra que havia entre os doze uma certa contenda *“sobre qual deles parecia ser o maior”* (Mt 18.1; Lc 22.24). Diante disso, o pedido ganancioso de Tiago e João gerou indignação nos outros discípulos, não porque isso lhes tinha parecido algo abominável a eles, mas sim, porque isso representou um ousado adiantamento deles na busca pelas posições e privilégios tão sonhados por todos eles no reino messiânico (Mc 10.41).

Tiago estava presente no cenáculo em Jerusalém (At 1.13), mas não é encontrado mais no texto de Atos, exceto na ocasião da sua execução (At 12.2). Diante disso, a pergunta que incomoda muitos pesquisadores cristãos é: se Pedro, Tiago e João formavam um trio inseparável nos evangelhos, e Pedro e João continuavam ministrando juntos nos primeiros capítulos de Atos, por que razão não temos Tiago, irmão de João, presente entre eles como de costume? Do dia de pentecostes – onde ocorreu a descida do Espírito Santo – até o martírio de Tiago são aproximadamente 15 anos.

Porque houve esse silêncio sobre Tiago? Onde ele estava?

Muitos eruditos têm visto nesse silêncio um respaldo bíblico para a suspeita de que Tiago havia se ausentado de Jerusalém por ocasião dos primeiros acontecimentos descritos em Atos, rumo às missões internacionais. Seria pouco provável que Lucas, o autor de Atos, omitisse o nome de Tiago se ele estivesse cooperando com seus mais próximos companheiros apostólicos em Jerusalém. Existe, portanto, a possibilidade dele ter deixado Jerusalém no início de seu ministério.

Existem algumas tradições que tentam reconstruir esses “anos perdidos” da vida de Tiago. Um apócrifo chamado *São Tiago na Índia*, fala de uma viagem de Pedro e Tiago a Índia. Outras narrativas como *O Martírio de São Tiago*, falam de uma missão voltada às doze tribos da dispersão, para os quais o apóstolo teria ensinado, com suas pregações, que destinassem seus dízimos à igreja de Jerusalém, e não a Herodes ou qualquer outro templo judaico, inclusive o de Jerusalém.

Entretanto, a mais conhecida sugestão é que Tiago tenha ido pregar na Espanha. Alguns historiadores sugerem que o cristianismo chegou à Espanha na metade do primeiro século da era cristã. Paulo, por exemplo, quando escreveu a carta aos Romanos, desejava ir a Espanha para pregar o evangelho ali (Rm 15.24,28). Segundo a tradição, Tiago teria levado a fé cristã a Zaragoza (na época *Cesaraugusta*) e à região da Galácia, no noroeste da Espanha, onde se encontra a tradicional cidade de Santiago de Compostela, local de infindáveis peregrinações na idade média. No entanto, tudo são apenas tradições, embora se encaixem dentro da cronologia desses prováveis 15 anos de anonimato de Tiago em Jerusalém. O certo é que por volta de 44 d.C., Tiago estava em Jerusalém, e ali foi morto à espada a mando de Herodes Agripa.

A história registra que o testemunho de Tiago deu frutos até no momento de sua execução. Eusébio – o principal historiador da igreja

primitiva – transmite um relato da morte de Tiago, apresentado por Clemente de Alexandria:

“Clemente diz que aquele que entregou Tiago ao tribunal de Herodes, ao ouvir-se testemunho, ele teria de tal modo se arrependido, que se apresentou aos mesmos magistrados e confessou-se cristão (ou confessou a Cristo e se tornou um cristão). Ambos então, foram levados à morte juntos, e no caminho, ele implorou a Tiago que o perdoasse. Depois de refletir por um instante, Tiago disse: ‘Paz seja convosco’ e o beijou. Os dois foram então decapitados juntos. Então, também, conforme dizem as escrituras, Herodes vendo que a morte de Tiago dava grande prazer aos judeus, desejou também matar Pedro, conduzindo-o a prisão [...] mas um anjo lhe apareceu a noite libertando-o assim para proclamar o evangelho”.

A tradição diz que depois de seu martírio, seu corpo foi levado para a Espanha, onde está enterrado em Santiago de Compostela – que recebeu esse nome em homenagem a Tiago, pois *Santiago* é o termo em espanhol para “São Tiago”.



Tiago

Forma grega de Jacó, significa “Aquele que agarra (o calcanhar)”.

Irmão de Jesus

Tiago, o irmão de Jesus, tornou-se o mais proeminente líder da igreja em Jerusalém, na época do Concílio de Jerusalém (At 15 – 49 d.C.). Também é o autor da *epístola de Tiago*.

A primeira menção a ele está em Mateus 13.55, junto com os nomes de outros três filhos de Maria e José, além do próprio Jesus, junto com uma vaga referência às “irmãs” de Jesus no versículo 56. O fato de o nome Tiago ser o primeiro entre os irmãos parece indicar que ele fosse o mais velho depois de Jesus.

Uma passagem anterior a esta aparentemente também se refere a Tiago (Mt 12.46). Nesse texto, “a mãe e os irmãos” de Jesus esperavam para falar com ele. Quando ouviu o pedido deles (Mt 12.47), Jesus redefiniu sua família como “*todo aquele que fizer a vontade do meu Pai que está nos céus*” (Mt 12.50). Embora, provavelmente ele não entendesse a realidade espiritual da afirmação de Jesus naquele momento, uma

semente foi plantada na mente de Tiago, a qual contribuiu muito para que ele entendesse a natureza do que é ser “igreja” em seu ministério como líder.

Provavelmente, foi uma experiência confusa crescer na família de José e Maria, sendo o irmão mais novo do Cristo. Seus pais certamente criam que Jesus era o Messias tão esperado, mas até eles nem sempre o compreendiam (Lc 2.49-50). O fato de Jesus nunca ter pecado e ter alcançado um crescimento perfeitamente equilibrado (Lc 2.52), provavelmente criava ciúmes e ressentimento entre os outros irmãos menores.

Embora José e Maria sem dúvida tivessem dito a Tiago e aos outros irmãos que Jesus tinha um papel muito especial nos planos de Deus, ainda assim, era difícil para eles entenderem porque Jesus abandonara os negócios da família aos 30 anos de idade (Lc 3.23). Se José já tivesse morrido – o que é bem provável que houvesse acontecido – Jesus, como o filho primogênito, automaticamente teria que ser o cabeça da casa e o responsável pela manutenção financeira da família com sua carpintaria (Mt 13.55; Mc 6.3).

Devido também a isso, Tiago parecia não entender a missão de Jesus durante o período do seu ministério. Provavelmente, a conversão dele só aconteceu depois da ressurreição de Jesus. É bem certo também, que ele estava no cenáculo – no dia de pentecostes – junto com os apóstolos, Maria e os demais “irmãos” de Jesus, agora também convertidos (At 1.14). A menção dos “irmãos” (plural) em Atos 1.14, parece indicar a conversão de pelo menos dois dos meios-irmãos de Jesus. Provavelmente eram Tiago e Judas (Mt 13.55; Jd 1). Que também foram contribuintes na autoria dos livros do Novo Testamento (epístolas de Tiago e Judas).

Paulo revela em uma de suas cartas que depois de sua ressurreição, Jesus apareceu em seu corpo glorificado a Tiago (1Co 15.7). Antes disso, “*seus irmãos não criam nele*” (Jo 7.5), embora ficassem impressionados com os milagres que ele operava (Jo 7.30). É bem provável que a conversão dele seja resultado desse encontro transformador com Jesus, assim como aconteceu também com Paulo mais tarde (1Co 15.8; At 9.3-19).

Tiago vai ser mencionado outras duas vezes em Atos. Primeiro, no Concílio de Jerusalém. Dele foi a palavra final, a fim de fundamentar o testemunho de Pedro (At 15.7-11), de Paulo e de Barnabé (At 15.12). Sua abordagem foi plenamente aceita pelos demais líderes e pela igreja ali reunida. Segundo, foi na conclusão da terceira viagem missionária de Paulo, o qual, tendo chegado a Jerusalém, procurou “*Tiago e todos os anciãos (também) compareceram*” (At 21.18). Nas duas ocasiões, fica

evidente que Tiago era um importante líder na igreja, e ocupava uma função hierárquica maior que a dos anciãos.

Outra importante referência a Tiago – fora do livros de Atos do Apóstolos – está na epístola aos Gálatas, escrita por Paulo, pouco depois da realização do Concílio, onde Tiago, Pedro e João são chamados de “*as colunas da igreja*” (Gl 2.9). Obviamente, Tiago era o líder, porque os representantes que vinham da igreja de Jerusalém para a igreja de Antioquia diziam ter sido enviados por Tiago (Gl 2.12). Paulo chamava e reconhecia Tiago como “*apóstolo*” (Gl 1.19), embora ele não houvesse sido um dos doze (Mt 10.2-4), e nem fosse “crente” no início (Jo 7.5).

Em 1 Coríntios 9, Paulo mencionou que “*os irmãos do Senhor*” eram casados (v.5) e suas famílias eram sustentadas financeiramente pela igreja (v.4-6). Certamente, Tiago estava incluído nessa frase.

A epístola de Tiago – que teve o privilégio de crescer junto com Jesus – foi o primeiro documento a ser escrito do Cânon do Novo Testamento. A grande maioria dos eruditos sugerem 50 d.C., como a data provável de sua composição. Essa epístola foi escrita “*às doze tribos que se encontram na dispersão*” (Tg 1.1). Isto parece significar que ela foi escrita para todos os judeus cristãos de todas as partes do império romano.

A tradição diz que Tiago foi morto por causa de sua fé, em aproximadamente 62 d.C., pelos judeus em Jerusalém. Eusébio de Cesareia – principal historiador dos primeiros 4 séculos do cristianismo – diz o seguinte:

“Tiago foi morto no intervalo entre a morte do procurador romano Festo e a chegada de Albino, seu sucessor. Nesse período, Anano, que havia sido colocado como sumo sacerdote pelo rei Agripa, estava testando sua força política durante a ausência do novo procurador, e levou a um tribunal judaico “Tiago, irmão de Jesus chamado ‘O Cristo’”, acusando-o e a outros de transgredirem a lei judaica, e os condenou a morte por apedrejamento. Primeiramente, ele foi lançado do pináculo do templo, mas milagrosamente sobreviveu tanto à queda quanto ao apedrejamento posterior. Mas foi então executado – enquanto orava no chão pedindo a Deus que perdoasse os seus opositores – por um homem pisoeiro que esmagou a sua cabeça com um bastão que usava para bater as roupas. Assim Tiago sofreu martírio e o sepultaram em Jerusalém.”

Uma curiosidade arqueológica que talvez possa endossar essa narrativa é o fato de ter sido descoberto, em escavações junto ao muro

sudoeste da cidade velha de Jerusalém, vestígios de lavadouros usados pelos pisoeiros daquela época.

Ao contrário do que se imagina, as “lavanderias” da época não eram frequentadas por mulheres, mas por lavadeiros profissionais que, usualmente, lavavam as roupas batendo fortemente com bastões apropriados. Considerando-se que o local do achado arqueológico não é distante de onde teria ocorrido a queda de Tiago, é possível que Eusébio, em sua descrição, tenha se aproximado daquilo que se sucedeu, ao citar o golpe final de um desses pisoeiros sobre o líder da igreja em Jerusalém.

Eusébio menciona também – através de Hegésipo, um cristão historiador do primeiro século – que Tiago foi escolhido como alvo de perseguição dos judeus devido Paulo ter apelado para César e ter sido enviado para Roma, enquanto estava preso em Cesareia. Ou seja, segundo essa descrição, o alvo dos judeus opositores dos cristãos era Paulo, mas como ele tinha cidadania romana e apelou para ser julgado em Roma, eles se vingaram voltando-se contra Tiago, o irmão do Senhor, a quem os apóstolos haviam confiado o assento episcopal da igreja em Jerusalém (História Eclesiástica – página 72).

Eusébio ainda informa que pouco tempo depois disso, Vespasiano, que era o imperador da época, invadiu e tomou a Judeia, futuramente tomando também Jerusalém. Ou seja, eles entenderam a destruição de Jerusalém como “uma resposta de Deus” aos judeus por terem matado Tiago.

Hegésipo retrata Tiago em seus registros como um homem piedoso que beirava a santidade em sua vida. Segundo ele, *“Este Tiago, também chamado ‘o Justo’, entrava diariamente no santuário e sempre era encontrado de joelhos pedindo a Deus que perdoasse as pessoas, de tal forma que seus joelhos ficaram duros como os de um camelo por estarem sempre dobrados diante de Deus”*.

O Novo Testamento não traz explicação para a ascensão meteórica de Tiago na liderança da igreja em Jerusalém, mas há dois motivos que são prováveis: sua santidade e piedade pessoal (confirmada pela tradição através de historiadores como Flávio Josefo, Eusébio de Cesareia e Hegésipo) e a importância de sua ligação familiar com Jesus.

Essa questão do parentesco com Jesus parece ter exercido alguma influência naquele contexto. Embora, nem Paulo nem o Novo Testamento incluam nenhum indício quanto a isso, a tradição por Hegésipo parece trazer tais vestígios. Hegésipo descreve a escolha do sucessor de Tiago no bispado de Jerusalém em termos quase dinásticos:

“Quando Tiago, o irmão do Senhor, sofreu seu martírio, Simeão, o filho do seu tio Clopas, foi nomeado bispo. Sendo ele um primo do Senhor, era o sucessor para a igreja de Jerusalém”. (História Eclesiástica – página 93).

Assim, ao que parece, durante sessenta ou até setenta anos após a morte de Jesus, a ligação familiar com o Mestre havia se tornado um patrimônio significativo no que dizia a sucessão da liderança na igreja de Jerusalém (uma espécie de Nepotismo). Contudo, no início do século II, com a quantidade principal das igrejas cristãs tendo se afastado da terra santa, tais ligações familiares deixaram de desempenhar um papel significativo na igreja primitiva.

A última referência a Tiago no Novo Testamento está no primeiro versículo da curta epístola de Judas. Assim como Tiago, Judas refere-se a si mesmo como *“Servo de Jesus Cristo”*, mas para estruturar sua autoridade como escritor das escrituras se apresentou também como *“irmão de Tiago”* (Jd 1). Isso nos leva a entender, que naquele momento da era apostólica em que a epístola de Judas foi escrita (entre 68 e 70 d.C.), a memória de Tiago ainda era uma importante referência na igreja primitiva.

Em 2002, um osuário de pedras de propriedade particular foi encontrado em Jerusalém. Nele estava escrito em aramaico a seguinte descrição: *YA `AQÔB BAR YÔSEPH `AHÔY DEYESHÛA`* (Tiago (=Jacó), filho de José, irmão de Jesus). A inscrição foi confirmada do século I d.C. Provavelmente, se tratava dos restos mortais de Tiago, o irmão de Jesus, que fora um dos principais líderes da igreja primitiva.



Timóteo

Nome grego, significa “Aquele que honra a Deus”.

Foi o cooperador e discípulo mais próximo do apóstolo Paulo. Era considerado por ele como *“um filho”* (Fp 2.22), *“verdadeiro filho na fé”* (1Tm 1.2) e *“amado filho”* (2Tm 1.2). Timóteo nasceu em Listra, na Ásia Menor, seu pai era grego, mas sua mãe Eunice e sua avó Loide eram judias cristãs (At 16.1; 2Tm 1.5). Casamentos mistos dessa natureza eram muito comuns nas regiões gentílicas fora de Jerusalém, embora eram raros em Jerusalém e cercanias por causa do sistema religioso judaico. Distante de Jerusalém,

apesar de haver alguma população judaica, as sinagogas não exerciam toda a influência que tinham naquele principal centro do judaísmo, devido a isso casamentos mistos aconteciam com mais frequência.

Eles provavelmente se converteram durante a primeira e tumultuada visita de Paulo e Barnabé a Derbe e Listra (At 14.6-22). Por volta do ano 47 d.C. Paulo e Barnabé haviam enfrentado em Icônio, na Frígia, uma terrível oposição a sua mensagem, e viajaram para o sul, até chegarem a Listra, na Licaônia. Eles pregaram ali com um considerável sucesso por um bom período de tempo, mas a situação mudou quando curaram um homem aleijado de nascimento. Notícias dessa cura atingiram a região como um raio, convencendo a maioria que eles eram deuses gregos e estavam sendo agraciados com uma visita divina. Com grandes dificuldades, os missionários conseguiram impedir que sacrifícios pagãos fossem feitos em sua honra.

O incidente deixou Paulo e Barnabé em uma condição confusa e vulnerável. Eles eram homens bons com poder de cura ou eram charlatões que ludibriavam as pessoas ao personificarem divindades? Alguns de seus opositores de Icônio vieram para Listra e intentaram fazer com que todos mudassem de opinião em relação a Paulo. Finalmente, uma grande multidão expulsou Paulo da cidade, apedrejando-o até acreditar que o tivessem matado. Mas ele se recuperou e logo voltou para Listra. Foi provavelmente nessa época que Eunice, Loide e Timóteo se converteram a Cristo através da pregação de Paulo.

Naquele período, depois do apedrejamento, Paulo e Barnabé permaneceram em Derbe, uma cidade vizinha. E durante aqueles dias iam a Listra para encorajar a igreja iniciante e nomear anciãos para liderar seus membros, e depois continuaram a primeira viagem missionária. Os cristãos de Listra, Icônio e Derbe, não voltaram a ver o apóstolo por quase dois anos, mas foram capazes de se encorajar mutuamente e de prosperarem, apesar das *“muitas tribulações”* (At 14.22). Durante aquele período, Timóteo foi ordenado para o trabalho da pregação.

Por volta de 49 d.C. Paulo retornou a Listra, acompanhado de Silas e outros colaboradores em sua segunda viagem missionária. Durante o período que Paulo esteve ausente, Timóteo sem dúvida, fora crescendo na fé e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo, e quando Paulo ali voltou, Timóteo já havia adquirido maturidade suficiente para ter sido imediatamente reconhecido por Paulo como um ministro potencialmente valoroso. Timóteo tinha aproximadamente entre 18 a

20 anos de idade nessa época, e os irmãos de Listra e Icônio davam bom testemunho sobre ele (At 16.2).

Timóteo ainda não era circuncidado, mas independente disso, fora fortemente influenciado pela profunda fé em Deus tanto de sua mãe, Eunice, como de sua avó, Loide. No entanto, antes de continuarem a segunda viagem missionária, Timóteo foi circuncidado pelo apóstolo, pois iria trabalhar em regiões onde moravam muitos judeus.

Normalmente, Paulo possuía uma forte convicção de que a circuncisão era desnecessária para o cristão, e se opunha fortemente às exigências dos adeptos da religião judaica de que os gentios deveriam ser circuncidados antes da admissão como membros da igreja. No concílio de Jerusalém, por exemplo, que aconteceu um pouco antes da segunda viagem missionária (At 15.27-29), Paulo havia sido contra a necessidade da circuncisão, mas neste caso, entretanto, Paulo fez com que Timóteo se submetesse a esse rito para não causar qualquer preconceito desnecessário entre os inúmeros judeus a quem ele iria proclamar o evangelho. Paulo estava sempre disposto a fazer grandes concessões se preciso fosse para compartilhar o evangelho com os outros: “Fiz-me judeu para os judeus, para ganhar os judeus” (1Co 9.20). Essa flexibilidade de Paulo é muito bem ilustrada na circuncisão de Timóteo. Foi dessa maneira que Timóteo se tornou companheiro do apóstolo no ministério, talvez começando na mesma posição que fora ocupada por João Marcos na primeira viagem missionária, como assistente dos missionários.

Paulo, Silas e Timóteo viajaram em direção ao norte-noroeste através do elevado planalto da Ásia Menor, e desceram a Trôade, onde Paulo teve uma significativa visão de “um varão da Macedônia” que lhe rogava, dizendo: “Passa a Macedônia e ajuda-nos” (At 16.9). Era um chamado para evangelizar a Europa. Lucas se juntou a eles, e assim se apressaram a atravessar o mar Egeu até Neápolis.

A primeira incumbência de Timóteo foi a responsabilidade de encorajar os crentes perseguidos em Tessalônica. Paulo enviando Timóteo para levar a primeira epístola a essa igreja, escreveu: “enviamos Timóteo, nosso irmão e ministro de Deus na pregação do evangelho de Cristo, com o fim de vos fortificar e edificar na fé, para que ninguém desfaleça nessas tribulações”. A missão de Timóteo teve êxito e quando ele voltou para perto de Paulo teve “boas notícias da fé e caridade” deles (1Ts 3.1-3,6).

Em seguida, ele é encontrado em Bereia, onde Paulo o deixou para continuar seu trabalho (At 17.10-14). Mais tarde, Timóteo seguiu Paulo até Atenas e de lá foi enviado de volta a Tessalônica. Tendo completado sua missão, Timóteo juntou-se a Paulo em Corinto. Como

o nome de Timóteo aparece nas duas saudações das epístolas de Paulo a Tessalônica, escritas em Corinto, e como ele pregou durante muito tempo nessa cidade (2Co 1.19), fica bem claro que Timóteo trabalhou presencialmente com Paulo durante algum tempo.

Nesse período, como não existe nenhum registro sobre seu ministério em nenhuma outra passagem, é provável que Timóteo tenha acompanhado Paulo de Corinto até Éfeso, e mais tarde, por navio na viagem até Cesareia, na viagem para Jerusalém, como está registrado em Atos 18.18-23. Após isso, a próxima menção a Timóteo no livro de Atos está relacionada com seu ministério junto a Paulo, durante a longa permanência do apóstolo em Éfeso em sua terceira viagem missionária (At 19.22). Depois de estar em Éfeso, junto com Paulo, Timóteo foi enviado em uma missão especial através do mar Egeu, levando a primeira epístola de Paulo à igreja de Corinto (1Co 4.17; 16.10,11). Evidentemente, ele realmente retornou a Éfeso conforme planejado (1Co 16.11), e em seguida foi enviado à Macedônia, junto com Erasto, para preparar o caminho para um novo estágio da terceira viagem de Paulo (At 19.22; 1Co 16.5).

Timóteo estava com Paulo na Macedônia quando foi escrita a segunda epístola aos Coríntios (2Co 1.1), e estava novamente com o apóstolo em Corinto quando foi escrita a epístola aos Romanos (Rm 16.21). Depois, juntamente com outros, Timóteo precedeu Paulo quando o apóstolo voltou através da Macedônia para Jerusalém, aguardando-o em Trôade (At 20.4-5). Nada está escrito sobre Timóteo entre a Prisão de Paulo em Jerusalém e a chegada dele para sua primeira prisão em Roma, e nem se Timóteo acompanhou o apóstolo em seu naufrágio na viagem até essa cidade, mas é certo que ele estava com Paulo em Roma quando as epístolas aos Colossenses, Filipenses e Filemon foram escritas (Cl 1.1; Fp 1.1; Fm 1).

Durante o período em que esteve livre, depois de sua primeira prisão, Paulo deixou Timóteo em Éfeso para atender às necessidades daquela igreja (1Tm 1.3).

Durante sua última prisão em Roma, Paulo sentia uma carinhosa necessidade de ver Timóteo e insistiu para que ele fosse lá “antes do inverno”. Não sabemos onde Timóteo estava nesta ocasião, nem se ele chegou antes do apóstolo ser martirizado (2Tm 4.6-9). Sabe-se, no entanto, que Timóteo esteve preso em Roma e que havia sido posto em liberdade (Hb 13.23).

Fica difícil precisarmos uma data para isso, haja visto que não se pode precisar o ano em que foi escrita a epístola aos Hebreus. Clemente de Roma diz que a epístola foi escrita por volta de 95 d.C. Por outro lado,

a aparente afinidade entre a teologia dessa carta e a das cartas da prisão de Paulo (Efésio, Colossenses e Filemon), aponta para uma data próxima ao martírio de Paulo, ocorrido no ano 67 d.C. Embora se acredite que não tenha sido Paulo que escreveu essa epístola, é bem certo que tenha sido um discípulo ou seguidor de Paulo devido a linguagem ali utilizada. Uma vez que o autor se refere à liturgia do templo de Jerusalém como uma realidade ainda atual, tudo parece convergir para que essa carta tenha sido escrita nos últimos anos antes da destruição de Jerusalém e do templo, ocorrida no ano 70 d.C., apontando assim para aproximadamente 67-68 d.C. para a data mais provável da sua composição.

Sendo assim, Timóteo chegou a Roma conforme solicitado por Paulo em sua carta (2Tm 4.9), não sabemos, no entanto, se encontrou Paulo antes do seu martírio, mas provavelmente, também esteve preso em Roma nesse período.

A primeira epístola de Paulo a Timóteo foi escrita por volta do ano 64 d.C. Nessa época Timóteo estava em Éfeso (1Tm 1.3). Enquanto que, a segunda epístola foi escrita por volta do ano 67 d.C., no entanto, embora não se saiba onde Timóteo estava nessa época, pode ser que também estivesse em Éfeso, já que o caminho para Roma passava por Trôade (2Tm 4.13). A maneira como Paulo abre seu coração para Timóteo na sua segunda epístola é emocionante, estas palavras devem ter gerado uma convicção inegociável de segurança e fé a este jovem ministro e deve ter sido uma inspiração duradoura a ele durante toda sua vida.

As numerosas exortações e determinações que Timóteo recebeu levaram muitos a crer que ele era tímido e que precisava de muito apoio de Paulo. Os tempos perigosos do reinado de Nero exigiam uma exortação à constância, especialmente porque Timóteo, apesar de jovem, não tinha uma saúde forte (1Tm 4.12; 5.23). Por outro lado, nenhum dos colaboradores de Paulo era mais ativo do que ele, e a nenhum deles o apóstolo agraciou com mais confiança e amor (Fp 2.19-22). Timóteo é mencionado em todas as epístolas de Paulo, exceto Gálatas.

A Tradição diz que Timóteo foi o primeiro bispo de Éfeso, e que nessa cidade sofreu martírio em 97 d.C. Há algumas dúvidas quanto a essa tradição, haja visto que o apóstolo João passou a residir permanentemente nesta cidade, e Timóteo dificilmente teria sido o ancião ou o bispo responsável por esta igreja com a presença do apóstolo João ali.



Tito

Nome grego, significa "Louvável".

Tito

Tito foi um dos principais companheiros do apóstolo Paulo na obra missionária. Era grego (Gl 2.3) e talvez tenha sido o primeiro gentio a trabalhar com Paulo, como companheiro e colaborador. Assim como Timóteo, Tito foi porta-voz e representante de Paulo nas congregações que ele não conseguia visitar, e parece ter substituído Timóteo como porta-voz à igreja de Corinto.

Não se conhece nada sobre a origem e o passado de Tito. Provavelmente ele se converteu a Cristo em Antioquia, através do ministério do apóstolo Paulo, quando este auxiliava Barnabé no início da igreja nessa cidade ou talvez até tenha se convertido na primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Infelizmente não há uma conclusão exata sobre isso.

Tito é visto pela primeira vez em 49 d.C., quando Paulo e Barnabé o levaram para Jerusalém para o primeiro concílio da igreja que aconteceu lá. Houve uma séria discussão sobre se a lei da circuncisão deveria ser guardada ou não por todos os cristãos, inclusive os gentios. A igreja em Antioquia vinha aceitando gentios sem exigir que fossem circuncidados. Muitos judeus cristãos, entretanto, insistiam que a não ser que os gentios fossem circuncidados, eles não poderiam ser aceitos.

Evidentemente, Tito era o único gentio na reunião em Jerusalém onde a questão seria decidida, e representava um grande número de gentios convertidos cuja fé estava em risco. Paulo dizia que aqueles que obrigavam a circuncisão dos gentios eram "falsos irmãos que se infiltraram para espiar a liberdade que temos em Cristo, a fim de nos reduzir à escravidão". Paulo ainda declara que "o foco dos esforços deles era forçar Tito a se circuncidar, mas Paulo e Tito não cederam sequer um instante" (Gl 2.4-5). Como resultado, a conferência de Jerusalém terminou com a definição de que os cristãos gentios não precisavam se circuncidar.

As mensagens aos coríntios indicam que Paulo teve uma série de experiências frustrantes com a igreja em Corinto. Estas aparentemente ocorreram durante a estadia de Paulo de um ano e meio em Corinto, antes dos dois anos que ele passou em Éfeso, durante a terceira viagem missionária (At 18), embora não haja a menor alusão a estes problemas no relato de Atos. A igreja em Corinto era uma igreja que possuía muitas discórdias entre os irmãos e também uma grosseira imoralidade.

Após várias tentativas de lidar com estes problemas e uma visita pessoal, Paulo provavelmente enviou instruções por meio de Timóteo, mas eles não as seguiram (1Co 4.16-21). Diante disso, Paulo então enviou Tito para ensinar o que eles precisavam aprender. Pouco se sabe sobre o que Tito fez, mas ele foi bem-sucedido no combate a falsos ensinamentos e em restabelecer o relacionamento entre Paulo e os coríntios.

Quando voltou para perto de Paulo com as boas notícias, ele claramente conseguiu acalmar o coração do apóstolo. Paulo posteriormente escreveu aos coríntios: “nossa carne não teve repouso algum, mas sofremos todo tipo de tribulação: por fora, lutas; por dentro, temores. Mas aquele que consola os humildes, Deus, consolou-nos pela chegada de Tito” (2Co 7.5-6). Sendo assim o contato de Tito com os coríntios aconteceu entre a primeira e segunda carta de Paulo a eles. Juntamente com outro irmão cristão, Tito foi o portador da segunda epístola aos Coríntios (2Co 8.18).

Tito parece ter estabelecido uma boa harmonia com os coríntios, e Paulo expressa sua gratidão pela feliz mudança dos acontecimentos, ele é mencionado 8 vezes em 2 Coríntios. A oferta para as igrejas pobres da Judeia ainda estava pendente em Corinto e na Macedônia, e Paulo então enviou Tito até Corinto para completar esta expressão de fraternidade para com as outras igrejas (2Co 8.6,16). Aparentemente, Tito foi bem-sucedido nessa missão também (Rm 15.26) e na primavera seguinte Paulo foi até Jerusalém com essa oferta (Rm 15.25).

Paulo o descreveu como “*meu companheiro e colaborador*” (2Co 8.23) e “*meu verdadeiro filho na fé comum*” (Tt 1.4). Uma das epístolas paulinas é endereçada a Tito. Esta epístola provavelmente foi escrita depois que Paulo saiu de sua primeira prisão em Roma, e reassumiu sua trajetória missionária, por volta de 65 ou 66 d.C. Nesta ocasião Tito estava trabalhando em Creta, tinha a missão ali de organizar igrejas e constituir presbíteros. Está claro que para eles os termos “presbítero” e “bispo” correspondiam à mesma função, porque ao descrever as qualificações exigidas de um presbítero, Paulo diz: “Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus” (Tt 1.5-9). Paulo havia anteriormente dito aos presbíteros de Éfeso: “Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus” (At 20.28).

Esta epístola contém algumas exortações a Tito, embora nenhuma destas reflita negativamente sobre seu caráter ou habilidades. Parece que Tito estava lidando com uma congregação difícil e um pouco rebelde

em Creta. Paulo lembra que foram as qualificações pastorais de Tito que o levaram a ser escolhido para essa incumbência (Tt 1.5).

Tito é instruído a vir a Nicópolis, na costa oeste da Grécia (Tt 3.12), para passar o inverno ali com Paulo, e este enviaria a Ártemas ou Tíquico para cuidar da igreja em Creta nesse período. A última notícia que temos de Tito no Novo Testamento encontra-se em 2 Timóteo 4.10, Tito tinha partido para a Dalmácia, aparentemente de Roma. A tradição nos diz que Tito se tornou Bispo de Creta ao envelhecer e provavelmente tenha morrido ali em 107 d.C. com 95 anos.



Uzias

Nome hebraico, significa "O Senhor é minha força".

Uzias foi rei em Judá. Infelizmente, ele viveu uma mistura trágica em sua vida de retidão e pecado. Seu pai era o rei Amazias, e sua mãe chamava-se Jecolia e era de Jerusalém.

Uzias tinha apenas 16 anos quando subiu ao trono de Judá, depois da morte de seu pai (2Cr 26.1). Seu reinado durou aproximadamente 52 anos (794-742 a.C. – 2Cr 26.3).

Assim como seu pai Amazias, Uzias teve grande sucesso *"enquanto buscava ao Senhor"* (2Cr 26.5). Durante esse tempo, Uzias foi ensinado sobre a fé em Deus por um profeta chamado Zacarias (que não é o profeta pós-exílio). A fama dele espalhou-se muito além das fronteiras de Judá e chegou até o Egito (2Cr 26.8).

Ele juntou um poderoso e enorme exército, muito bem equipado, e até mesmo desenvolveu novos tipos de armas para serem usadas na defesa dos muros da cidade de Jerusalém (2Cr 26.9-15). Isso foi necessário, pois ele herdou um reino praticamente falido de seu pai, fraco por várias derrotas e quase destruído por causa de uma guerra contra o Reino do Norte. Entretanto, ele conseguiu reconstruir Judá e recuperar a independência do povo e levá-los a lealdade a Deus.

Uma de suas grandes conquistas foi restabelecer uma aliança de paz com Israel (Reino do Norte), governado pelo rei Jeroboão II. Por causa disso, naquele período tanto Israel quanto Judá desfrutaram de grande prosperidade. Por causa de sua retidão naquela época, a Bíblia diz que Uzias *"fez o que o Senhor aprova"* (2Rs 15.3).

Uzias também foi capaz de manter o controle sobre Edom, além de consolidar sua posição ao longo das rotas comerciais através de operações contra os amonitas e contra as tribos árabes situadas a noroeste (2Cr 26.7-8). Além de abrir, novamente, os portos e as indústrias de Ezium-Geber (atual Eilat – 2Rs 14.22).

Entretanto, apesar do quadro de paz exterior, poder e prosperidade, as profecias de Amós, Isaias e Oseias deixavam bem claro que as coisas não estavam assim tão bem quanto pareciam, pois internamente estava acontecendo uma decadência moral, social e espiritual. A preocupação deles com a riqueza e o orgulho era evidente em todas as profecias feitas naquele período (Is 1.1; 7.1; Os 1.1; Am 1.1).

Como, porém, acontece com muitas pessoas que se tornaram poderosas e famosas, Uzias ficou orgulhoso e desobedeceu ao Senhor. Como Provérbios 26.15 diz, “*o orgulho precede a queda*”. Em aproximadamente 750 a.C., ele entrou no templo para oferecer sacrifícios – algo que somente os sacerdotes podiam fazer de acordo com a lei de Deus – mas o sumo sacerdote Azarias e cerca de 80 sacerdotes mandaram que parasse, mas ele os desafiou. Por causa disso, naquele mesmo instante Uzias ficou leproso “*visto que o Senhor o ferira*” (2Cr 26.16-20). Flavio Josefo acrescenta que isso aconteceu durante um grande festival e que a lepra veio através do brilho do sol por uma das frestas do templo. J. Morgenstern, aceita esses detalhes como “essenciais e importantes” para apoiar sua teoria de que se tratava de uma cerimônia de início de Ano Novo que o rei queria oficializar.

O que sabemos, no entanto, é que pela lei judaica, isso significava que ele nunca mais poderia entrar no templo – ou seja, um castigo apropriado para o crime que ele cometeu – nem em qualquer outro lugar público. Uzias então se retirou para um casa isolada – fora da cidade (2Rs 15.5) – e assumiu o nome de Azarias. Entregou o governo a seu filho Jotão, e continuou leproso até a sua morte, por volta de 742 a.C. (2Cr 26.21). O ano da morte do rei Uzias, ficou conhecido na Bíblia devido uma visão que Isaías teve naquele ano de Deus em seu trono (Is 6.1). Aparentemente, embora Uzias foi sepultado no cemitério dos reis, não foi sepultado perto de nenhum outro rei, porque era leproso (2Cr 26.23).

Como parte do juízo de Deus, o Senhor enviou também um terremoto sobre a nação. Esse tremor de terra oi tão forte que Amós o usou como referência para identificar uma data particular e o profeta Zacarias tempos depois o mencionou para ilustrar o que Deus faria no final para julgar a terra (Am 1.1; Zc 14.5).



Zacarias

Nome hebraico, significa "O Senhor se lembra".

Zacarias é o décimo primeiro dos doze profetas menores. Ele exerceu seu ministério após o exílio da Babilônia e é identificado como filho de Baraquias e neto de Ido (Zc 1.1). Evidências cronológicas e genealógicas sugerem que este Ido é o sacerdote que retornou do exílio sob a liderança de Zorobabel e Jesua, em 538 a.C. quando 42.360 judeus retornaram para Jerusalém (Ne 12.4,16). Isso indica que Zacarias, além de profeta, também era sacerdote, assim como Samuel, Ezequiel e Jeremias. Supõe-se que o pai de Zacarias, Baraquias, tenha morrido ainda jovem, devido Zacarias ser identificado em algumas passagens como "filho de Ido", que era seu avô (Ed 5.1; 6.12; Ne 12.4,6; Zc 1.11).

Provavelmente Zacarias nasceu na Babilônia. Alguns intérpretes o consideram ainda muito jovem no início do seu ministério (Zc 2.4). A tradição judaica ensina que ele foi um membro da *Grande Sinagoga*, que era um grupo que supostamente teria colhido e preservado os escritos sagrados e as tradições dos judeus após o exílio.

Os judeus começaram a trabalhar na reconstrução do templo, no segundo mês de 535 a.C., quando lançaram os alicerces do templo (Ed 3.8-13). Os samaritanos – que ofereceram ajuda para trabalharem mas não foram aceitos – passaram a ser opor ao trabalho de uma forma incansável. Eles conseguiram convencer o rei Artaxerxes, a proibir a continuação da obra (Ed 4.23-24). Durante aproximadamente 14 anos nada foi feito na construção. Até que o rei Dario, o Persa assumiu o trono em 521 a.C., e os judeus conseguiram a revogação do edito real e o trabalho da reconstrução foi reiniciado (Ed 6.12-13).

Nessa época Zacarias iniciou o seu ministério – dois meses depois de Ageu ter iniciado o dele (Ag 1.1; Zc 1.1). Isto aconteceu no início do segundo ano do reinado de Dário. Calcula-se que Zacarias tenha exercido seu ministério profético de outubro de 520 a.C. a dezembro de 518 a.C., ou seja, durou apenas dois anos. Entretanto, seu trabalho – bem como o de Ageu – foi bem sucedido e ele conseguiu encorajar a obra da restauração do templo e despertar a nação para um futuro de esperança.

Depois que Zacarias e Ageu, souberam que os decretos proibitórios do antigo monarca não era mais válidos, eles exortaram o povo a reiniciar o trabalho. O trabalho foi então reiniciado sob a liderança de

Zorobabel e Jesua, e em 515 a.C., o trabalho foi concluído, e os judeus tinham novamente um templo para praticarem sua fé.

Zacarias é o livro do Antigo Testamento que é mais citado no Novo Testamento, e especialmente em alusões messiânicas (Zc 9.9 – Mt 21.5; Jo 12.15 / Zc 9.11 – Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1Co 11.25; Hb 13.20 / Zc 11.12 – Mt 26.15; 27.9 / Zc 12.10 – Jo 19.37 / Zc 13.7 – Mt 26.31; Mc 14.27, etc). Entre as várias citações de Zacarias nos evangelhos está a celebre entrada de Jesus em Jerusalém antes da páscoa que é semelhante a profecia de Zacarias: *“Exultai muito, filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti, ele é justo e vitorioso, humildemente, vem montado sobre um jumento, sobre um jumentinho”* (Zc 9.9). No relato de Mateus é dito que Jesus fez sua entrada num jumentinho *“para se cumprir o que havia sido dito pelo profeta”* (Mt 21.4). Isso indica sua importância para a comunidade cristã do primeiro século. Seu lugar quase no término do Cânon dos profetas do Antigo Testamento dá a esse livro um senso de antecipação, como se ele já enxergasse a obra salvadora de Cristo.

O profeta Zacarias não deve ser confundido com o *“Zacarias”* mencionado por Jesus em Mateus 23.35, que foi morto entre *“o santuário e o altar”*. Jesus ali estava falando sobre Zacarias, filho de Joiada (2Cr 24.20-22).

A tradição judaica conta que o profeta Zacarias viveu até uma idade extremamente avançada, morreu na Judeia e foi sepultado perto de Ageu, próximo a Eleuterópolis, a sudoeste de Jerusalém.



Zaqueu

Nome hebraico, significa *“Justo”*.

Apenas Lucas registra a história de Zaqueu nos evangelhos (Lc 19.1-10). É surpreendente que essa história não esteja incluída no evangelho escrito por Mateus (um ex-publicano que escreveu para judeus). Porém, ela se encaixa muito bem no evangelho de Lucas que é escrito para gentios. Era uma forma de mostrar que o evangelho é para todos que estão afastados de Deus.

Zaqueu era um judeu rico que foi identificado como “chefe dos cobradores de impostos” (no grego, *architelones* – o que sugere que ele era o cabeça de todos os cobradores de impostos daquele distrito). Sem dúvidas ele era um tipo de comissário distrital de impostos, que tinha comprado a franquia dos impostos de Jericó dos romanos ou do governo provincial. Esta cidade era um grande centro comercial que ficava ao longo de uma importante rota de comércio, que ligava Jerusalém e seus arredores às cidades a leste do Jordão. Jericó era um famoso centro de produção de palmeiras e bosques de bálsamo. Ali também havia um palácio herodiano. Portanto, Jericó era uma abundante fonte de impostos.

Quando Jesus, seus discípulos, uma multidão de seguidores e outra de curiosos, passaram por Jericó à caminho da páscoa em Jerusalém, certamente provocou muita agitação. Talvez naquele dia, Zaqueu estivesse andando na rua, ou seu lugar de trabalho estivesse nas proximidades, e ele quis saber quem estava atraindo uma multidão daquela no meio dia. Certamente também ele imaginou que aquela multidão de pessoas lhe daria algum proveito na arrecadação de algum imposto. Não há nenhuma indicação de que ele tivesse encontrado Jesus pessoalmente antes, porque “procurava ver quem era Jesus” (Lc 19.3).

Zaqueu, que era de baixa estatura, subiu em um sicômoro (figueira brava) para ver Jesus passando por Jericó. Para sua surpresa, Jesus parou debaixo da árvore e o chamou pelo seu nome, dizendo: “Zaqueu, desce depressa. Hoje me convém pousar em sua casa” (Lc 19.5). Tal atitude enfureceu a multidão, que consideravam os publicanos como pecadores. O modo como os cobradores de impostos conquistavam sua riqueza fazia com que a população os visse como ladrões. Muitos publicanos enriqueciam por meios fraudulentos, pois cobravam as taxas de maneira abusiva com valores superiores aos que os romanos cobravam. Os judeus, com toda razão, desprezavam os publicanos. Seus únicos amigos eram pessoas tão corruptas e pecadoras quanto eles.

Para Zaqueu, entretanto, essa visita de Jesus mudou a sua vida. Interessantemente, em momento algum Jesus acusou Zaqueu do seu pecado. Foi a presença de Jesus que constrangeu Zaqueu a não continuar sendo a mesma pessoa. Não estão registradas as milhares de conversões durante o ministério de Jesus, mas a de Zaqueu sempre será lembrada. Aqui se encontravam grandes opostos: o chefe de pecadores e o “chefe do perdão”. Ao demonstrar arrependimento, ele disse: “Senhor, olha, eu dou aos pobres metade dos meus bens, e se em alguma coisa defraudei

alguém, o restituo quatro vezes mais” (Lc 19.8). Devolver dinheiro era uma pena prescrita no Antigo Testamento pelo crime de roubo (Lv 6.1-5), e havia um costume judeu que 1/5 (um quinto) da renda anual de um homem era usado em caridade aos pobres, mas Zaqueu foi muito, além disso, ele decidiu dar metade de sua riqueza.

A reação de Zaqueu contrasta dramaticamente com o que acontecera apenas alguns dias antes, quando Jesus se encontrara com o “jovem rico” (Lc 18. 18-25). Naquela ocasião, a riqueza do jovem lhe fora uma pedra de tropeço entre ele e sua decisão por Cristo. Jesus havia comentado sobre ele: “Quão dificilmente entrarão no reino dos céus aqueles que têm riquezas” (Lc 18.24).

Por causa desse encontro com Zaqueu, Jesus contou então a parábola dos talentos (Lc 19.11 em diante). Essa parábola, como muitas outras, mostra que Jesus dava mais valor aos pecadores que se arrependem do que as pessoas que se auto-intitulam piedosas e se orgulham de sua “santidade”. Essa é a mensagem central do evangelho: “O Filho do Homem veio buscar e salvar quem se havia perdido” (Lc 19.10).

De acordo com Clemente de Alexandria, Zaqueu tornou-se mais tarde o bispo de Cesareia.



Zorobabel

Nome babilônico, significa “Semente (filho) da Babilônia”.

Zorobabel era neto de Joaquim (o penúltimo rei de Judá que governou por apenas 3 meses em 597 a.C.). O seu nome sugere o lugar do seu nascimento. Ele era filho de Sealtiel (Ed.2,8; Ag 1.1; Mt 1.12) ou de Pedaías (1Cr 3.19). Curiosamente, existem duas referências diferentes sobre quem seria o pai de Zorobabel. Uma provável explicação é que Sealtiel tenha morrido antes de ter filhos, e seu irmão Pedaías, de acordo com a lei do levirato, tenha se casado com a viúva e se tornado o pai de Zorobabel.

Por causa disso, Sealtiel teria sido considerado o pai (mesmo não o tendo gerado). De acordo com as leis e os costumes judaicos, no casamento por levirato, o primeiro filho era considerado descendente do irmão mais velho que havia morrido. Ou seja, Zorobabel poderia ser

considerado filho de Sealtiel, ainda que seu verdadeiro pai fosse Pedaiás. Para entender melhor a lei do levirato lei Deuteronômio 25.5-10.

Zorobabel foi o primeiro governador de Judá depois do exílio na Babilônia, nomeado pelo rei Dario, o Persa. Junto com o profeta Josua, Zorobabel liderou 42.360 judeus de volta a Jerusalém em 538 a.C. – através de um decreto do rei Ciro – e iniciou as obras de reconstrução do templo três anos depois do retorno a Palestina.

Aparentemente Zorobabel também era chamado de Sesbazar (Ed 1.8,11; Ed 5.14,16). Nessas passagens, a liderança dos exilados que estavam voltando para Jerusalém é entregue por Ciro a Sesbazar, o príncipe de Judá. Provavelmente, Zorobabel e Sesbazar são dois nomes para uma pessoa só. Zorobabel é um nome babilônico e Sesbazar é um nome aramaico. Essa explicação é possível, pois vários judeus possuíam um nome persa e outro nome judeu, como por exemplo: Daniel, que também se chamava Beltessazar.

Os judeus começaram a trabalhar na reconstrução do templo, no segundo mês de 535 a.C., quando lançaram os alicerces do templo (Ed 3.8-13). Os samaritanos – que ofereceram ajuda para trabalharem mas não foram aceitos – passaram a ser opor ao trabalho de uma forma incansável. Eles conseguiram proibir a continuação da obra (Ed 4.23-24). Durante aproximadamente 14 anos nada foi feito na construção. Até que o rei Dario, o Persa assumiu o trono em 521 a.C., e os judeus conseguiram a revogação do edito real para que o trabalho da reconstrução fosse reiniciado (Ed 6.12-13).

Os judeus, que não se preocupavam mais com a reconstrução do templo, haviam a edificar casas para si mesmos, e seu interesse pelas coisas do Senhor havia se esfriado (Ag 1.1-6). As exortações e o encorajamento dos profetas Ageu e Zacarias, no entanto, reavivaram o espírito do povo e o trabalho foi retomado.

O templo finalmente foi concluído em 515 a.C., cumprindo a promessa de Deus de que Zorobabel, que havia iniciado o trabalho, também o terminaria (Zc 4.9). Embora o templo que Zorobabel construiu não chegasse aos pés do esplendor do de Salomão, no entanto, durou muito mais que ele, tendo sido restaurado nos dias de Herodes, o Grande (aproximadamente 19 a.C.) e sido destruído apenas em 70 d.C. pelo general romano Tito. Ao todo, esse templo de Zorobabel permaneceu por 585 anos.

Curiosamente, Esdras não menciona Zorobabel na lista dos que estavam presentes da dedicação do templo (Ed 6.14). Alguns eruditos

pensam que ele pudesse ter retornado a Babilônia, não ter sido mais governador de Judá na época ou ter morrido precocemente por alguma fatalidade.

Embora não saibamos sobre como foi o fim de sua vida, sabemos que o seu legado foi de um grande herói do judaísmo por reconstruir o templo enquanto o sacerdote Esdras ajudava a reconstruir a fé dos judeus.



Bibliografia

- ALLEN, Clifton. *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.
- BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRUCE, A. B. *O Treinamento dos Doze*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BRUCE, F. F. *Paulo, o Apóstolo da Graça*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.
- BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo: Vida, 1981.
- CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- COLEMAN, William L. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*. Belo Horizonte: Betânia, 1991.
- COMAY, Joan. *Quem é Quem no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- DEBARROS, Aramias C. *Doze Homens, Uma Missão*. São Paulo: Hagnos, 2006.
- EDITORES. *Dicionário Bíblico de Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- EDITORES. *Dicionário Bíblico Tyndale*. Santo André: Geográfica, 2015.
- EDITORES. *O Mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2006.
- EDITORES. *Personagens do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- EDITORES. *Quem é Quem na Bíblia*. Rio de Janeiro: Seleções, Reader's Digest, 2005.
- GARDNER, Paul. *Quem é Quem na Bíblia*. São Paulo: Vida, 2005.
- GEORGE, Jim. *De Adão a Jesus*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2012.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- JÚNIOR, Angelo Gagliardi. *Panorama do Antigo Testamento*. Santo André: Geográfica, 2014.
- KEENER, Graig S. *Comentário Bíblico Atos*. Belo Horizonte: Atos, 2004.
- LOPES, Hernandes Dias. *Paulo, o Maior Líder do Cristianismo*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- LOSCH, Richard R. *Todos os Personagens da Bíblia de A a Z*. São Paulo: Didática Paulista, 2008.

- MACARTHUR, John. **Doze Homens Comuns**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- MACARTHUR, John. **Manual Bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.
- MACKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- MCBIRNIE, William Steuart. **A Fascinante Busca Pelos Doze Apóstolos**. Curitiba: Atos 2013.
- MODDY, D. L. **As Anotações da Bíblia de D. L. Moody**. Rio de Janeiro: E. B. do Ar, 1979.
- REESE, Edward. **A Bíblia em Ordem Cronológica**. São Paulo: Vida, 2003.
- SCHIAVO, José. **Dicionário de Personagens Bíblicos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1981.
- SCHNELLE, Udo. **Paulo, Vida e Pensamento**. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2014.
- STAGG, Frank. **Atos**. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- STOTT, John. **Homens com uma Mensagem**. Campinas: Cristã Unida, 1996.
- TENNEY, Merrill C. **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- VERMES, Geza. **Quem é Quem na época de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**. Santo André: Geográfica, 2012.